

Universidade Federal Fluminense (UFF)
Programa de Pós-Graduação em História (PPGH)
Núcleo de Estudos de Representações e de Imagens da Antiguidade
(NEREIDA)

As várias faces da morte:

uma análise das diferenças sociais construídas em cemitérios do norte bretão (séc. V-I a.C.)

Pedro Vieira da Silva Peixoto

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, como requisito para obtenção do Grau de Doutor.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Adriene Baron Tacla

Niterói, fevereiro de 2018.

Comissão Avaliadora:

Adriene Baron Tacla (UFF; Orientadora)

Alexandre Carneiro Cerqueira Lima (UFF)

Cláudia Regina Plens (UNIFESP)

Elaine Veloso Hirata (USP)

Melanie Giles (Univ. of. Manchester)

P377v Peixoto, Pedro Vieira da Silva
As várias faces da morte: uma análise das diferenças
sociais construídas em cemitérios do norte bretão (séc. V-
I a.C.) / Pedro Vieira da Silva Peixoto ; Adriene Barton
Tacla, orientador. Niterói, 2018.
411 f. : il.

Tese (doutorado)-Universidade Federal Fluminense, Niterói,
2018.

DOI: <http://dx.doi.org/10.22409/PPGH.2018.d.1240767676769>

1. História Antiga. 2. Idade do Ferro. 3. Ilhas
Britânicas. 4. Enterramentos. 5. Produção intelectual. I.
Título II. Tacla, Adriene Barton, orientador. III.
Universidade Federal Fluminense. Instituto de História.

CDD -

Bibliotecária responsável: Angela Albuquerque de Insfrán - CRB7/2318

Untold stories, unsung songs

These people would stare
Into your eyes if they could.
Straight into your staring eyes,
But their faces are blurred;
They seem to be moving.

Backwards through history
To where you can't find them.
They had names but they are
Burned in fire. They had dreams
But they are broken in pieces.

~ Ian McMillan

(poema inédito feito para a exibição
“*Grafters: industrial society in image and word*” no People’s History Museum em
2016 na cidade de Manchester)

Accession 9, Box 4

Not the death but the certificate.
Not the marriage but the ring.
Not the children but the photograph.
Not summer but the shell.
Not the body but the lock of hair.
Not the meal but the menu.
Not birdsong but the feather.
Not home but the lost key.

Not the journey but the boarding pass.

Not the tree but the dried leaf.
Not the good suit but the button.
Not years but diaries.

Not the lover but the love letter.

Not the sea but salt.
Not the poem but words and ink.

I have lived. Here is the proof.

~ Vona Groarke

(poema redigido pela autora em julho de 2013 e
exibido como parte da exposição “*Darkness & Light*”
em 2015 na John Rylands Library, Manchester)

Resumo:

A presente tese busca investigar um conjunto de enterramentos da Idade do Ferro, mais especificamente dos séculos V-I a.C., encontrados em uma região do norte das Ilhas Britânicas conhecida, atualmente, como Yorkshire. Esta é a primeira tese em língua portuguesa a se debruçar exclusivamente sobre o estudo da Idade do Ferro britânica a partir da cultura material e dos registros obtidos da arqueologia fúnebre para tal período. A investigação foi desenvolvida com base em materiais coletados após escavações realizadas em diferentes momentos, desde o séc. XIX até os dias atuais, em mais de 30 sítios, culminando na construção de um banco de dados com mais de mil enterramentos. Esse banco de dados, posteriormente convertido em um catálogo de enterramentos, expandiu significativamente os esforços analíticos realizados em ocasiões passadas, por outros pesquisadores para o estudo da região em questão, possibilitando que não apenas novos dados, como, por exemplo, aqueles obtidos a partir de análises técnico-científicas ou de escavações recentes, fossem incluídos na pesquisa, como ainda permitindo que muitas escavações antiquárias fossem revistas e rediscutidas à luz de novos olhares. A tese busca, assim, questionar como diferentes identidades sociais são construídas em múltiplos níveis a partir da manipulação da morte, dos mortos e da cultura material. Foram explorados todos os múltiplos tipos de tratamentos fúnebres dados aos mortos encontrados na região e no período delimitado, atentando para a existência de elementos de semelhança e divergência entre os casos discutidos, explicando como e por que tais diferenças ocorriam. A discussão buscou problematizar, sobretudo, visões simplistas comumente projetadas em relação à Idade do Ferro, chamando, ao contrário, a atenção para um conjunto de variáveis que poderiam influenciar significativamente o estatuto social de um indivíduo (em vida e em morte), como atributos sexuais, etários, causa de morte, constituição física, ofícios, afiliações e atribuições particulares, dentre outros. Foram contempladas, portanto, não apenas tumbas de indivíduos de sexos e faixas etárias distintas, como também enterramentos que contavam com mobiliário fúnebre diversificado (inclusive, aqueles desprovidos de quaisquer bens), buscando evidenciar como atributos sociais de gênero, reconhecimento social e importância foram construídos (e modificados) ao longo de quase cinco séculos.

Palavras-chave: Idade do Ferro nas Ilhas Britânicas, Enterramentos, Identidades, Cultura Material

Abstract (Extended)

Wetwang, East Yorkshire.

A group gathers. Among the crowd, the faces of locals mixed with people who came from neighbouring areas. A procession begins. Voices are mixed with footsteps, and a spectacle is created by the array of performances that catch the beholders' attention. The focus today is particularly directed towards the feminine. The amount of people attests to the importance of carefully maintained social networks of contacts. This is a crucial moment for the community. A moment that revisits the past and seeks to build up a future; a moment of positioning; a moment in which identities are (re)defined and actions carry a strong statement of symbolic importance.

The prologue of the thesis consists of a short literary exercise. The lines above describe two different events that took place in Wetwang Village in different moments in history: one, sometime between 215-180 BC, with the burial of a woman with a chariot; the other in August 2015, with an anti-fracking protest — the “Celtic Princesses Against Fracking March”. The contexts in which both events took place couldn't have been more different. Yet a creative writing effort is able to offer a concise description that fits both manifestations, highlighting some themes in common: community, performance, identity, engagement, memory, social networks, identity and gender. The prologue offers a starting point for reflection on the constitution of identities, which could be part of a process as important for Iron Age communities as it is in the present, even though the mechanisms used and the spheres in which these constructions took place were different from those of the present time.

The introduction of the thesis defines the area, the sites and time scope of the study. It highlights Yorkshire's particularities and potentials in terms of the burial data available for the study of the Iron Age and it presents some of the main research questions that inspired the thesis (e.g. Who were the people buried in these cemeteries? Which funeral elements were shared between them and which were restricted to certain individuals? What are the relationships between death and gender for these communities? Are there any clear gendered differences being expressed between the members of these communities or not? If there are, how were these differences constructed and to what extent? If not, what could this imply in social terms? How could factors such as age and sex affect post-mortem treatment and what influence did these attributes exert on how gender values were constructed? Are there any treatment differences between adults and children? And is it possible to identify patterns of funeral treatments conditioned by or related to gendered attributes? And if there are, how did those patterns vary over time? Moreover, are there cases of divergence or ‘deviation’ from the normative standards observed for the majority of the population?). The reader will also be introduced to some of the methodological guidelines that were used on the thesis and a definition for some of the key theoretical concepts (e.g. gender, identity, ritualisation, etc). Other specific concepts such as “childhood”, “memory” or “divergence” are addressed separately along the thesis on pertinent chapters. The introduction also offers a review of the major studies developed on the Yorkshire cemeteries, showing how the field has been investigated throughout the years, since the 19th century, while at the same time highlighting how the present thesis hope to offer a small contribution to the ongoing debate and the study of the Iron Age past.

The first chapter provides a brief summary of the context and the region studied. It consists of a detailed description of the Yorkshire Wolds and its neighbouring areas; the regional paleoenvironment (e.g. vegetation, geology, topography, natural resources, change of water levels over time, natural landmarks etc); the uses and occupations of the land throughout the first millennium BC; the main means of subsistence and production available during the Iron Age, and the evolutions of settlements over time. In addition to that, the chapter offers also a discussion of the osteological data available, highlighting some key aspects such as life expectation for men and women, nutrition and diet, physical constitution of the people buried at the local cemeteries, their possible origins, and the incidence of traumas and pathologies of multiple natures, for instance.

The second chapter seeks to complement the previous one, by presenting an overview of the main excavations carried out in East Yorkshire. The discussion focus on explaining the standard typologies of burials found in East Yorkshire and how each one of the sites studied in the thesis was discovered and excavated in its own context. The chapter further provides an overview of the cemeteries studied, presenting a population profile of the people buried in each one of them. The intention, here, is to draw the attention to the historicity of the finds and the diversity of the data being analysed in the thesis – a diversity not only related to the various types of burials founds and the different categories of grave goods deposited, but also related to the contexts in which the discoveries were made and why we have so much information on certain cemeteries, while others remain quite lacunar.

The third chapter discusses the construction of a landscape of the dead among the Middle and Late Iron Age communities in East Yorkshire. Drawing from previous landscape studies, it highlights a series

of important projections made in (and through) the landscape, incorporating previous monumental structures from the Neolithic, the Bronze Age and the Early Iron Age, showing how these features were (re)appropriated and used as symbolical references for later ritual activities. The debate covers the various temporal and spatial relationships built between different burials and how these relationships were designed to create a sense of memory, identity, and ancestry in many cases. In addition, some interpretive possibilities for the study of identity and gender are offered based on elements of continuity between certain funerary traditions and the spatial relationships constructed sometimes between individuals over the generations.

The fourth chapter is dedicated to the discussion of the subadult population buried. Although, Yorkshire has a significant number of children's burials when compared to other parts of Britain, these graves have been largely ignored by the historiography of the period. This chapter thus offers a possibility of analytical renewal, exploring how social differences and particular notions of identity were projected to the subadult population, highlighting internal distinctions within this group.

Additionally, the chapter number 5 offers a systematic review on how gender has often been discussed (or ignored) for the study of the Iron Age in Britain and the Continent. The chapter critically assesses a set of recurrent anachronisms present not only in different visual representations of the Iron Age but also in academic works (including Brazilian theses), highlighting how Iron Age men and women tend to be portrayed in rather simplistic ways. At the same time, the debate also aims to understand why that happens and what the main reasons for such stereotypes are. The discussion reinforces the importance of a critical approach to the study of the past, and offers some guidelines for future works in order to avoid similar mistakes in the future, and giving some alternatives on how overcome them.

The chapters that follow represent thus an example of how questions related to the construction of identity, social differences and gender can be explored through the material culture found in East Yorkshire, giving continuity to recent efforts on how to study the regional cemeteries in a more complex way. Chapter 6 focuses exclusively on the rites of commensality and the deposition of animal bones and ceramics in funerary contexts. Chapter 7, in turn, discusses the use of personal adornments such as brooches, beads, and bracelets, for example, and their occurrence with the dead. Swords, spears, shields, and a group of different martial performances are covered in detail in Chapter 8, while chariot burials are discussed separately in detail in Chapter 9. Chapter 10 provides a valuable chronological perspective to the debate, focusing directly on a set of burials found in the last stages of the use of cemeteries in the region around the first century BC/AD, emphasising a series of changes not only in terms of funerary rites and attitudes towards the dead, but also focusing on how identities were being constructed in different ways.

Among many other things, the previous chapters combined show that if we look at cemeteries from earlier to later chronologies, taking into consideration both antiquarian and modern excavations, it is possible to identify different ways in which gendered identities were being projected on funerary contexts in different stages over the course of the Iron Age in Yorkshire. In general lines, in EIA there's very little evidence for distinctions exclusively made on the basis of gender or any strong gendered artefactual depositions (though some proximity associations between individuals in Melton might have been made on the basis of factors such as age and sex); MIA, on the other hand, could sometimes reveal a set of gendered distinctions expressed through the material culture, within a dynamic system that allowed certain attributes and aesthetics to be negotiated and circulate between the genders; LIA, on its turn, seems to have been consistently marked by an intensification of gendered distinctions, which by the 1st century BC, start to be signalised more and more through a set of rigid binary divisions, and the grave goods deposited in both female and male burials often carry strong [exclusive] gendered associations. These changes are all observed on the basis of the funerary record and related only to the social arena of death, and although that remains an open question, it is valid to ask ourselves to what extent they reflected (or were intertwined) with changes of identities and gender attributes in the world of the living – perhaps as part of a series of reconfigurations and major changes, as pointed out by some, like Giles (2007, 2012) in relation to other aspects of identity and settlement patterns, for example.

Finally, Chapter 11 focus on cases of divergence and “deviation”: that is, inhumations that do not fit in with the patterns observed for the significant majority of the burials found in the area in terms of the signalisation of gender. Instead of ignoring or dismissing these cases as points outside the curve, the chapter raises a series of interpretative possibilities that can help us not only to understand them better, but also to have a more holistic and complex view of the various ways in which identities were being constructed in the Iron Age through a series of complex associations between personal biographies and grave goods.

Keywords: Iron Age Britain, Yorkshire, Burials, Identity, Gender

Agradecimentos

Ainda que escritas há mais de um século, as palavras de William Greenwell – um dos primeiros antiquários a estudar os enterramentos encontrados em Yorkshire – parecem particularmente propícias à ocasião e gostaria, aqui, de aproveitar-me delas:

“Não posso me despedir de um trabalho no qual foram registrados os resultados de esforços de vários anos, sem uma expressão de gratidão pelas horas felizes e pelas associações agradáveis geradas por esse trabalho. Amizades antigas amadureceram e novas cresceram sobre as sepulturas dos antigos mortos; nem posso olhar para trás para qualquer parte da minha vida com menos arrependimentos ou com maior satisfação do que essa que foi passada em um esforço de se reviver, por mais fraca forma que possa ser, o passado já quase esquecido.” (GREENWELL, 1877, viii)

A escrita de uma tese costuma ser um processo introspectivo e, quase sempre, extremamente solitário. Apesar disso, diversas pessoas contribuíram de maneira positiva, seja direta ou indiretamente, para o presente trabalho.

Sou particularmente grato a **Adriene Baron Tacla**. Seu companheirismo, apoio e estímulo constante ao longo do que, hoje, constitui quase uma década de orientações acadêmicas, permitiram-me sempre ter as bases necessárias para explorar meu potencial e alcançar todos os meus objetivos. Sua confiança depositada em mim ao longo de todo o percurso foi mais valiosa do que palavras poderiam fazer jus.

Esta tese também só foi possível graças à contribuição fornecida por **Melanie Giles** que, desde a época do mestrado, tem me apoiado, inspirado e compartilhado diversos resultados de suas pesquisas e trabalhos comigo. Sou particularmente grato à oportunidade de ter passado um ano sob sua supervisão na Universidade de Manchester e por todas as experiências compartilhadas em níveis pessoais, acadêmicos e de trabalhos de campo.

Alegra-me muito, ainda, ter tido a possibilidade de compartilhar meu trabalho, em um primeiro momento, com pessoas cujas trajetórias, pesquisas e mentes me servem como fonte de inspiração. Gostaria de agradecer, em especial, a **Alexandre Carneiro Cerqueira Lima** e **Elaine Farias Veloso Hirata**, que desde o mestrado vêm acompanhando meu desenvolvimento acadêmico de perto, fazendo parte de diversas bancas de avaliação, e a **Cláudia Regina Plens**, que recentemente tive o privilégio de conhecer em pessoa e que também compôs o comitê de avaliação da presente tese.

Sou grato também a toda a equipe de História Antiga da UFRJ que, anos atrás ajudou a moldar muitos dos interesses pelo estudo da Antiguidade e, em particular, a **Fábio de Souza Lessa**, meu orientador na época de graduação e o primeiro a apoiar minhas iniciativas de pesquisa e estudo, sem o qual muito do que foi conquistado não seria possível. Fico contente igualmente de ter contado com a camaradagem de **Alexandre Santos de Moraes** em diferentes momentos desde a graduação até sua presença, como espectador, na defesa da tese. Não tenho palavras para descrever o quão importante,

também, foi ter contado com a amizade de **Magno Klein Silva** ao longo de todos esses anos ou como sequer agradecer-lhe por ter ouvido tanto a respeito do tortuoso processo de escrita da tese. Além disso, sou grato também a **Cathy Wild** pelas doses de criatividade emprestadas e por, frequentemente, ter me lembrado o porquê de eu ter continuamente escolhido percorrer um caminho tão desafiador como o da escrita de uma tese.

Gostaria de agradecer também aos vários colegas do PPGH (UFF) e especialmente do **NEREIDA**, pelas trocas formais e informais de conhecimento, pela curiosidade e pelos ouvidos amigos, e pelo companheirismo ao longo desses últimos anos. Estou em débito também com **Greta Anthoons**, pelas várias conversas trocadas sobre a Idade do Ferro em Yorkshire, e diversos colegas do departamento de Arqueologia da Universidade de Manchester em particular a **Catherine Jones** e **Emma Tollefsen**, que tão gentilmente contribuíram para a minha pesquisa, compartilhando, em primeira mão, relatórios técnicos de osteoanálise ainda não publicados e a **Eleanor Casella** por ter me aceitado em uma de suas disciplinas de pós-graduação, que acabou tendo uma enorme influência direta em minha pesquisa.

Acredito ser importante também estender meus agradecimentos ao Conselho Nacional de Pesquisa (**CNPq**) pelo apoio no formato de duas competitas bolsas de pesquisas que foram conquistadas para escopo nacional e internacional (Doutorado-Sanduíche de um ano), possibilitando-me dedicar integralmente à função de pesquisador durante os últimos 4 anos.

Por último, gostaria de agradecer o suporte incondicional de minha família ao longo de todos esses anos, em especial dos meus pais, que sofreram e festejaram junto como ninguém, a cada um dos desafios e das conquistas alcançadas, sempre tendo acreditado em mim, e aos meus avós paternos e maternos pelos momentos de serena inspiração.

Índice da Tese

Prólogo (p.1)

Introdução (p.2-25)

Identidades passadas, identidades presentes (p.2-3)

As várias faces da morte: uma apresentação do tema e das problemáticas estudadas (p.3-7)

Definindo metodologias e conceitos teóricos (p.7-15)

A Idade do Ferro em Yorkshire e seus enterramentos: um balanço de seu histórico e suas potencialidades (p.15-23)

Estrutura da Tese (p.24-25)

Capítulo 1. O norte antigo: Seu ambiente, seus ocupantes, seus mortos (p.26-55)

1.1. Delimitação da região estudada (p.26-28)

1.2. O paleoambiente de Yorkshire durante a Idade do Ferro (p.28-33)

1.3. Um contexto de ocupação da região durante a Idade do Ferro (p.33-40)

1.4. Os mortos enterrados na Idade do Ferro em Yorkshire: uma discussão osteológica dos achados (p.40-55)

Capítulo 2. Um perfil dos cemitérios estudados e da população enterrada (p.56-95)

2.1. Das tipologias de enterramentos (p.56-61)

2.2. Cemitérios e tumbas escavadas no séc. XIX e as primeiras décadas do séc. XX (p.62-69)

2.3. Cemitérios escavados pós- 1950 (p.69-95)

Capítulo 3. Paisagem, Memória e Ancestralidade (p.95-126)

3.1. Introdução: Por uma História da Paisagem Mortuária (p.95-96)

3.2. A paisagem da Idade do Ferro de Yorkshire como objeto de pesquisa: um balanço atual (p.96-98)

3.3. Tumbas, cemitérios, montículos e estruturas de terraplanagem: construindo memória, identidade e ancestralidade em Yorkshire (p.98-123)

3.4. Possibilidades interpretativas (p.123-126)

Capítulo 4. Quando a morte vem cedo: Uma análise dos enterramentos infantis (p.127-161)

4.1. A população subadulta da Idade do Ferro: um histórico de silêncios (p.127-131)

4.2. Enterramentos infantis em Yorkshire (p.131-139)

4.3. Tipologias de enterramentos (p.139-140)

4.4. Cronologia (p.140-141)

4.5. Osteoanálise (p.142-145)

4.6. Arquitetura mortuária (p.145-146)

4.7. Covas (p.146-150)

4.8. Mobiliário Fúnebre (p.150-155)

4.9. Possibilidades interpretativas (p.155-161)

Capítulo 5. Identidades sociais e gênero na Idade do Ferro bretã: Uma reflexão do que tem sido feito e um plano para ação (p.162-179)

5.1 Introdução (p.162-163)

5.2. O anacronismo como história: visões sobre gênero na Idade do Ferro (p.163-174)

5.3. Movendo em frente: um balanço de discursos, e um plano para ação (p.174-179)

Capítulo 6. Um banquete para os mortos: Identidade e Gênero em Tumbas com Cerâmicas e Ossadas Animais (p.180-205)

6.1. Vasos de cerâmica (p.181-192)

6.2. Ossadas Animais (p.192-194)

6.3. Identidade e gênero a partir de itens de banquete na Idade do Ferro em Yorkshire (p.194-205)

Capítulo 7. Identidades adornadas: Enterramentos com itens pessoais de adorno (p.206-238)

7.1. Enterramentos com broches (p.206-218)

7.2. Enterramentos com contas e colares (p.218-229)

7.3. Enterramentos com braceletes (p.229-238)

Capítulo 8. Identidades armadas: Tumbas com deposições de armamentos (p.239-285)

8. 1. A panóplia como mobiliário fúnebre

8.1.1. Introdução (p.239-241)

8.1.2. Os enterramentos com armas de Yorkshire: apresentação, tipologias, cronologias (p.241-245)

8.1.3. A localização das tumbas com armas (p.245-250)

8.1.4. A panóplia enquanto mobiliário fúnebre: entre a realidade material e seus simbolismos (p.250-256)

8.1.5. Armas, identidade e gênero em Yorkshire durante a Idade do Ferro (256-273)

8.2. Espetando os mortos: armas e performances fúnebres (p.273-285)

8.2.1 Introdução (p.273-274)

8.2.2. As tumbas espetadas da Idade do Ferro (p.274-285)

Capítulo 9. As tumbas com carro de Yorkshire (p.286-311)

9.1. Enterramentos com carros da Idade do Ferro (p.286-288)

9.2. Sobre a deposição de carros em contextos fúnebres em Yorkshire e a sinalização de gênero e prestígio social (p.288-307)

9.3. Velhos carros, novas perspectivas: traçando algumas possibilidades interpretativas para o estudo de identidades sociais em tumbas com carros (p.307-311)

Capítulo 10. Fabricando identidades: A construção de atributos de gêneros em contextos tardios (p.312-335)

10.1 Forjando valores masculinos: tumbas com equipamentos e ferramentas metalúrgicas (p.312-322)

10.2. Tecendo um universo feminino: tecidos, tecelagem e equipamentos de tear em contextos fúnebres (p.322-331)

10.3. Identidade, diferenças sociais e gênero em enterramentos de tipo-B: algumas considerações finais (p.331-335)

Capítulo 11. Enterramentos Divergentes (p.336-361)

11.1 Sobre ‘anomalias’ encontradas em contextos fúnebres: suas importâncias e como abordá-las (p.336-340)

11.2 Enterramentos divergentes da Idade do Ferro em Yorkshire (p.340-348)

11.3. Gênero, identidade e divergências fúnebres: algumas possibilidades de renovação historiográfica (p.348-361)

Considerações Finais (p.362-381)

Referências Bibliográficas (p.382-411)

Índice de recursos imagéticos, com figuras (fig.), tabelas (tab.) e gráficos (gráf.) de acordo com suas respectivas ordens de aparição ao longo do texto

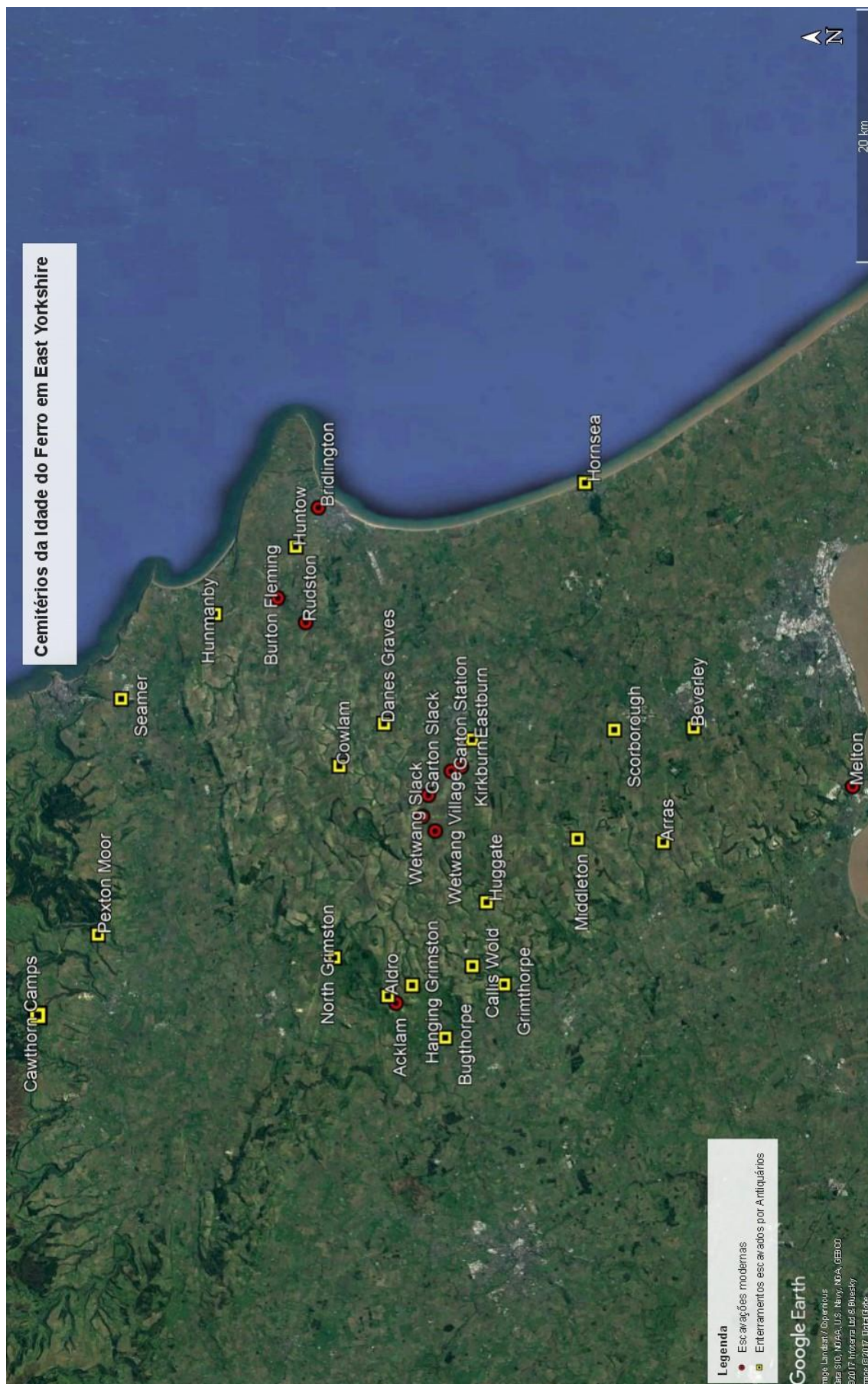
1. Fig. 1.1. A região de Yorkshire e suas principais microrregiões.
2. Fig.1.2 : Mapa de East Yorkshire mostrando uma reconstrução hipotética do paleoambiente regional durante a Idade do Ferro.
3. Fig. 1.3. Planta de casas escavadas em Wetwang-Garton, revelando padrão de orientação compartilhado e reestruturação sucessivas.
4. Gráf. 1.1: Índices de mortalidade na Idade do Ferro em Yorkshire com base em atributos etários e sexuais.
5. Fig. 2.1: Esquema puramente ilustrativo dos quatro tipos de tumbas encontradas na Idade do Ferro em Yorkshire.
6. Fig. 2.2: Planta do sítio de Arras feita em 1816 por William Watson.
7. Fig. 2.3 : Planta do sítio de Danes Graves.
8. Tab. 2.1. : Todas as tumbas e as respectivas escavações realizadas em Danes Graves com base em seus responsáveis e nos anos em que ocorreram.
9. Fig.2.4.: Planta do cemitério de Cowlam e as estruturas de terraplanagem encontradas no local.
10. Gráf.s 2.1-2.5: Mapeamento populacional do cemitério de Cowlam
11. Fig. 2.5. Diferentes fases do desenvolvimento do cemitério de Wetwang Slack durante a Idade do Ferro.
12. Gráf.s 2.6-2.9: Mapeamento populacional dos cemitérios de Garton-Wetwang
13. Fig. 2.6 : Paisagem pré-histórica e cemitérios de Rudston e Burton Fleming, e os anos das escavações dos enterramentos da Idade do Ferro na região.
14. Gráf.s 2.10-2.14: Mapeamento populacional dos cemitérios de Rudston e Burton Fleming
15. Fig. 2.7 : Enterramentos da Idade do Ferro e paisagem arqueológica de Garton Station e Kirkburn. Fonte: Stead, 1991; com adaptações/traduições do autor assinalando as localidades.
16. Gráf.s 2.15-2.19: Mapeamento populacional dos cemitérios de Kirkburn e Garton Station
17. Fig.2.8: Planta do sítio de Sewerby Cottage Farm, em Bridlington.
18. Fig 2.9 . Cemitério da Idade do Ferro em Nunburnhole Wold.
19. Figs. 3.1-4. A paisagem pré-histórica de East Yorkshire: do século XIX aos dias atuais.
20. Fig.3.5 Planta simplificada do cemitério da Idade do Ferro encontrado em Kilham.
21. Fig.3.6. Paisagem mortuária de Burton Fleming-Rudston à altura de Bell Slack (Neolítico-Idade do Ferro).
22. Fig. 3.7. Paisagem funerária de Melton (3º Milênio a.C. – séc. I a.C.).
23. Fig. 3.8. Dois enterramentos da primeira metade do milênio I a.C. encontrados em Melton.
24. Fig. 3.9. Paisagem fúnebre de Garton Slack.
25. Tab. 4.1 Quantidade e proporção de enterramentos infantis encontrados na Idade do Ferro em East Yorkshire.
26. Gráf. 4.1. A orientação dos enterramentos infantis
27. Gráf. 4.2. A postura dos esqueletos em enterramentos infantis
28. Fig.4.1 Dois enterramentos infantis da Idade do Ferro em Yorkshire.
29. Gráf. 4.3. Profundidade das covas infantis
30. Gráf. 4.4. Progressão relacional de covas rasas e profundas das inumações infantis
31. Fig. 4.2 Pedra de mó encontrada em WS177.
32. Gráf. 4.5. Média etária de tumbas infantis com mobiliário fúnebre
33. Fig. 5.1 A família bretã da Idade do Ferro, para o Festival da Grã-Bretanha, atualmente no Museu Jewry Wall.
34. Fig. 5.2. Uma família da Idade do Ferro inicial (Hallstatt), no Museu Ashmolean (Oxford).
35. Fig. 5.3. O interior de uma habitação bretã da Idade do Ferro. Arte de Paul Birkbeck.
36. Fig.5.4: Estrutura de uma comunidade da Idade do Ferro com base nas evidências documentais, feita por Simon James.

37. Tab. 6.1 : Comparação entre os valores médios das dimensões das cerâmicas encontradas em tumbas da Idade do Ferro em Yorkshire em escavações antiquárias e modernas.
38. Tab. 6.2. Enterramentos nos quais vasos com sinais de fuligem (interior/exterior) foram encontrados em East Yorkshire
39. Gráf. 6.1. Distribuição de potes com ossadas animais junto aos esqueletos que cujos sexos puderam ser determinados por análises osteológicas modernas.
40. Fig 6.1. Planta do cemitério de Rudston, no setor de Makeshift, mostrando a distribuição de vasos nas tumbas entre R1-R25.
41. Gráf. 6.2. Distribuição de cerâmicas a partir de critérios sexuais e etários.
42. Fig. 6.3. Um vaso de cerâmica encontrado no séc. XIX em Danes Graves.
43. Fig. 6.4. Tumba de R143.
44. Gráf. 6.3: A frequência de deposições de ossadas animais junto à esqueletos humanos com base em atributos biológicos de sexo e idade dos mortos.
45. Gráf. 6.4: As posições nas quais cerâmicas da Idade do Ferro foram encontradas junto a indivíduos do sexo masculino e do sexo feminino em East Yorkshire.
46. Gráf. 6.5 : Frequência das ossadas animais com base em qual lado dos animais foram escolhidos para serem enterrados.
47. Gráf. 6.6: Frequência da distribuição de cada uma das partes das ossadas animais nas tumbas de Yorkshire com base nos sexos dos mortos.
48. Fig. 7.1. Tipologias de broches da Idade do Ferro encontradas nas Ilhas Britânicas.
49. Gráf. 7.1.: Frequência de broches por grupos etários
50. Gráf. 7.2: Sexo das ossadas com broches
51. Gráf. 7.3. Posição de broches em relação aos corpos encontrados em contextos funerários na Idade do Ferro em Yorkshire.
52. Fig. 7.2 Colar de contas encontradas em Arras.
53. Gráf. 7.4. Sexo das ossadas com contas
54. Gráf. 7.5. Distribuição de contas por grupos etários
55. Gráf. 7.6 : Relação de algumas tumbas com contas encontradas no cemitério de Wetwang Slack.
56. Gráf. 7.7. Quantidade de braceletes com base em seus tipos e nos momentos em que foram escavados.
57. Fig. 7.3 Tipos de braceletes encontrados durante a Idade do Ferro em Yorkshire. Fonte: o autor.
58. Fig.7.4 Dois braceletes encontrados em Arras (A12).
59. Fig. 7.5 Enterramento duplo de BF61.
60. Gráf. 7.8: Distribuição de braceletes por grupos etários e sexo
61. Fig.8.1 Espada encontrada em Acklam.
62. Fig. 8.2: Mapa da distribuição de enterramentos com espadas e adáguas em East Yorkshire.
63. Fig.8.3. Planta do sítio de Grimthorpe e reconstrução da tumba com armas de Grimthorpe.
64. Fig. 8.4. Enterramento com arma de Kirkburn.
65. Fig.8.5. Bainhas de algumas espadas encontradas em Yorkshire durante a Idade do Ferro.
66. Gráf. 8.1. Sexo das ossadas enterradas com armas
67. Gráf. 8.2. Idade dos indivíduos enterrados com armas
68. Gráf. 8.3: Concentração de mobiliário fúnebre em enterramentos de tipo-B entre indivíduos com 17-25 anos.
69. Fig. 8.6 Distribuição de mini-estatuetas feitas de calcário.
70. Fig. 8.7 : Estatuetas de calcário/giz encontradas em Yorkshire.
71. Fig. 8.8: Enterramento de R144.
72. Fig.8.9: Espadas antropomórficas do séc. II-I a.C
73. Fig. 8.10. Estatueta de Withernsea (East Yorkshire).
74. Fig.8.11 O dito “guerreiro de Hirschlander”.
75. Fig.8.12 : Enterramento de GST10.
76. Gráf.s 8.4: A frequência de enterramentos espetados por lanças com base na natureza do mobiliário fúnebre encontrado em seu interior e a quantidade de tumbas com itens marciais que foram foco para tais ritos.

77. Fig. 8.13 Planta do sítio de Garton Station mostrando as tumbas cortadas pelo Gypsey Race.
78. Fig.8.14 : Enterramento de R174.
79. Tab. 9.1: Frequência de enterramentos com carros em diferentes partes da Europa durante a Idade do Ferro.
80. Fig.9.1: Distribuição de enterramentos com carros em Yorkshire. Fonte: o autor.
81. Tab. 9.2.: Orientação, posição e localização de enterramentos com carros da Idade do Ferro em Yorkshire.
82. Tab. 9.3: Sexo e idade dos esqueletos encontrados em tumbas com carros.
83. Fig. 9.2: A caixa encontrada em Wetwang Slack.
84. Fig. 9.3.: As três tumbas com carros encontradas em Wetwang Slack.
85. Fig. 9.4.: O enterramento com carro de Wetwang Village e as mini-contas azuladas encontradas na cova, próximas ao espelho.
86. Fig. 10.1 Enterramento de R154.
87. Fig. 10.2 Enterramento de BF63.
88. Tab. 10.1: Enterramentos da Idade do Ferro com ferramentas de metal encontradas em East Yorkshire.
89. Fig. 10.3 : Fibras têxteis preservadas da tumba de BF20.
90. Fig. 10.4. Objetos de tecelagem da Idade do Ferro encontrados em Garton e Wetwang Slack.
91. Fig. 10.5 Pentes de tecelagem da Idade do Ferro encontrados em Garton Slack.
92. Fig.10.6 Enterramento de R183.
93. Gráf. 10.1: Distribuição e concentração de mobiliário fúnebre em enterramentos de tipo-B com base no sexo e na idade dos mortos.
94. Fig. 11.1: Enterramento de R163.
95. Fig. 11.2: Crânio com sinais de corte causados por golpes com objeto cortante (compatível com espada) em Danes Graves.

Período em anos	Divisão cronológica para a Inglaterra	Divisão cronológica para o Continente (Europa central & França)		Arte LaTène nas Ilhas Britânicas			
(a.C.)	1200	Idade do Bronze Média	Hallstatt A	Bronze Final			
	1100						
	1000						
	900	Idade do Bronze Tardia	Hallstatt B	Hallstatt Ancien			
	800						
	700	Idade do Ferro Inicial	Hallstatt C	Hallstatt Moyen			
	600		Hallstatt D				
	500			Hallstatt Final			
	(d.C.)		400	Idade do Ferro Média		La Tène A	
		La Tène B					
		II & III					
La Tène C							
200					IV		
		La Tène D					
100		Idade do Ferro Tardia			V		
50							
		Período Romano					

Esquematisação cronológica com as principais terminologias e nomenclaturas utilizadas para o estudo da Idade do Ferro nas Ilhas Britânicas e no Continente. (O autor)



Mapa com alguns dos principais sítios discutidos na tese. Em amarelo, cemitérios escavados durante o séc. XIX e nas primeiras décadas do séc. XX. Em vermelho, sítios escavados após 1950.

Prólogo

Wetwang, East Yorkshire.

Um grupo se reúne. Entre os rostos presentes estão locais e pessoas que vieram de áreas vizinhas. Uma procissão se inicia. Vozes se misturam com passos e um espetáculo é posto em prática a partir de ações performáticas que monopolizam todas as atenções. Nesse dia, o foco está particularmente direcionado ao feminino. A quantidade de pessoas que comparecem atesta a importância de redes sociais de contatos cuidadosamente mantidas. Esse é um momento fundamental para a comunidade. Um momento que revisita o passado e busca construir um futuro; um momento de posicionamento; um momento em que identidades são definidas e em que as ações realizadas carregam um forte poder simbólico.

A descrição acima serve como um exercício literário crítico a respeito de dois eventos que não poderiam ter ocorrido em momentos mais distintos: um, durante o sepultamento de uma mulher com um carro, ossadas de porcos e um espelho em algum momento entre 215-180 a.C.; o outro, durante uma passeata de protesto realizada em 28 de agosto de 2015. Embora completamente diferentes em suas naturezas, os eventos descritos apresentam muitos pontos em comum: comunidade, engajamento, redes sociais de contatos, mobilização, memória, *performance*, identidade e gênero. Embora todos esses sejam temas bastante relevantes nos dias atuais, muitos desses elementos desempenhavam um papel fundamental também para comunidades diversas há mais de dois mil anos. Enterramentos, em particular, poderiam condensar um conjunto dessas projeções, muitas vezes de modo flexível e multifacetado. Eles atestam que a constituição de identidades e, conseqüentemente, de diferenças sociais, poderia ser um processo tão importante na Idade do Ferro como ainda o é nos dias atuais, embora os mecanismos utilizados sejam diferentes. As páginas que seguem são um convite para explorar a diversidade de tais construções e de como elas ocorreram entre boa parte dos séculos V-I a.C., em uma região do norte das Ilhas Britânicas.

Introdução

Identities passadas, identities presentes

Em 2015 uma curiosa passeata tomou conta de um pacato vilarejo com menos de mil habitantes no interior de Yorkshire, chamado de Wetwang. Os cartazes e *banners* transportados pelos seus participantes evidenciavam o motivo da mobilização. Tratava-se de uma campanha contra o *fracking*: um método de fraturamento hidráulico utilizado pela indústria de energia a fim de obter gases e combustíveis líquidos do solo, mas que, no entanto, pode gerar efeitos negativos para o meio ambiente e para seres humanos em diversas situações. A manifestação de Wetwang ocorreu como resposta às intenções anunciadas por uma companhia (*Cuadrilla Resources*) e pelo governo britânico de aplicação do método para a extração de gases naturais em diferentes partes da região de Yorkshire Wolds. O interessante é que os habitantes locais (muitos deles, mulheres) se encontraram com os de outros povoados, vilarejos e cidades vizinhas e se organizaram sob uma bandeira comum: uma marcha das “Princesas Celtas contra o *Fracking*”. Uma das porta-vozes da campanha chegou a ser citada pela mídia dizendo:

“Muitas pessoas conhecem o enterramento com carro de Wetwang e as implicações incomuns das princesas guerreiras da tribo dos Parisi na Idade do Ferro em torno de 300 a.C. (...) E a sensação parece com aquela de tribos celtas sofisticadas lutando contra os romanos, quando nós consideramos nosso enfrentamento contra o governo e os *frackers*” (YORKSHIRE EVENING POST, 2015)

A bandeira do evento trazia uma mulher com cabelos ruivos, seu rosto pintado com tinta azul, em um grito de guerra empunhando uma espada em gesto ameaçador. A imagem se mostrou popular o bastante (e seus defensores, ativos o suficiente) a ponto de ter sido reutilizada e de ter estado presente em diferentes manifestações contrárias ao *fracking*. Ela pode ser identificada até mesmo em 2018 em atos públicos e manifestações que estão tomando lugar em outras comunidades e condados como, por exemplo, Kirby Misperton (North Yorkshire). Em pleno séc. XXI, essas imagens circulam, não apenas no mundo físico, mas também no virtual, e diversos movimentos anti-*fracking* no Reino Unido e na Irlanda têm publicado em suas mídias sociais a

respeito do Brasil e da coalizão “Não *Fracking* Brazil” e suas ações de preservação da Amazônia contra esse método de extração de combustíveis.

Wetwang e demais localidades de Yorkshire produziram alguns dos mais extensos cemitérios da Idade do Ferro já conhecidos até hoje, inspirando a curiosidade e o imaginário de muitas pessoas. A passeata descrita evidencia que a memória de um passado ancestral ainda permanece relevante para diversas comunidades atuais. O que a torna tão particularmente interessante, aqui, é que há não apenas um nítido sentido de pertencimento sendo construído, mas também uma forte mensagem identitária de gênero. Os organizadores do evento buscaram um paralelo nas inumações femininas encontradas na Idade do Ferro e construíram uma narrativa de encontros entre “princesas celtas” (e suas descendentes) de um lado, e usurpadores da terra, como “romanos” (e as corporações de faturamento hidráulico) do outro. Trata-se de uma apropriação do passado – a partir de anacronismos e projeções contemporâneas – criando um sentido de identidade e coesão (HOBSBAWM; RANGER, 1992). Embora possa parecer um caso isolado, idealizações e projeções identitárias de gênero com base nos materiais da Idade do Ferro se manifestam em diferentes mídias e regiões, inclusive pela historiografia brasileira.

Mas e quanto às populações enterradas nesses cemitérios tão frequentemente usadas e (re)apropriadas pela contemporaneidade?

As várias faces da morte: uma apresentação do tema e das problemáticas estudadas

A presente tese oferece uma análise do conjunto de tumbas provenientes de sítios do norte britânico durante a Idade do Ferro, em particular em Yorkshire nos séculos V-I a.C.. O objetivo, aqui, é o de discutir como diferenças sociais e atributos identitários foram construídos e projetados a partir de contextos fúnebres. Isto é, como o tratamento dado após a morte aos indivíduos enterrados fazia com que eles (e seus familiares, aliados e demais enlutados) se assemelhassem e/ou diferenciassem uns dos outros, com

base em diferentes aspectos relacionados, por exemplo, a identidade, gênero, memória e reconhecimento social.

Yorkshire é a região do solo bretão com a maior concentração já registrada, até os dias atuais, de enterramentos anteriores ao período romano – um fenômeno arqueológico que ficou conhecido como a “cultura de Arras” (STEAD, 1979), graças ao nome de um dos primeiros cemitérios escavados nos Yorkshire Wolds. A natureza numérica dos achados é relevante já que, embora diferentes tratamentos fúnebres estivessem sendo praticados ao longo da Idade do Ferro bretã (c. 800 a.C.- 43 d.C.), poucos sítios com cemitérios formais são encontrados, indicando que em muitas outras localidades práticas como as da cremação, inumação em pequena escala, exumação, escarnação e deposição fúnebre aquática fossem privilegiadas (WHIMSTER, 1981; WAIT, 1996; BOOTH; MADGWICK, 2016). Logo, o recorte desta tese se deu de modo estratégico, buscando trabalhar com uma região com enorme potencial analítico, mas ainda, relativamente, discutida historiograficamente, em muitos casos, de modo periférico. Assim, ao trabalhar com sítios particularmente privilegiados (em termos arqueológicos), tomando as sepulturas encontradas como principal objeto de investigação, algumas perguntas começam a surgir.

Quem eram as pessoas enterradas nesses cemitérios? Quais elementos fúnebres eram compartilhados entre elas e quais estavam restritos a determinados indivíduos? Como se dava a construção da paisagem fúnebre? Quais as relações existentes entre morte e gênero para essas comunidades? Haveria um nítido contraste de gênero, em contextos mortuários entre os membros dessas comunidades ou não? Caso haja, como foram construídas essas diferenças? Caso não haja, o que isso poderia implicar em termos sociais? Até onde fatores como idade e sexo poderiam afetar o tratamento *post-mortem* e qual influência esses atributos exerciam no modo como valores de gênero eram construídos? Haveria uma diferença de tratamento fúnebre entre adultos e crianças? E será que é possível identificar padrões de tratamentos fúnebres condicionados por atributos de gênero? Caso sejam identificáveis, como esses padrões variavam no tempo? Mais ainda, haveria casos de divergências aos padrões normativos observados para a maior parte da população?

Deparar-se desde já com tais questionamentos representa um desafio. Os caminhos e possibilidades de estudo a serem traçados são muitos, mas, em todos os

casos, esta tese se apresenta como uma proposta de estudo da cultura material encontrada em enterramentos bretões dentro de uma perspectiva historicizante, isto é, buscando destacar a historicidade do material discutido. Sua concepção desenvolveu-se, originariamente, a partir da pesquisa realizada nos últimos anos, ainda durante o mestrado – na ocasião, discutindo uma única modalidade de sepultamento encontrado em Yorkshire chamada de “enterramentos com carros”. Agora, proponho um estudo muito mais amplo. A escolha por se elaborar um recorte maior, tanto em termos cronológicos, mas também levando em consideração diferentes modalidades de enterramento, é ambiciosa, mas nos ajuda a entender o passado de modo mais complexo, evitando reducionismos intelectuais. Buscar entender de que forma, não apenas um grupo específico, mas, diferentes pessoas enterradas em Yorkshire foram tratadas após a morte e quais mecanismos de diferenciações sociais (como prestígio e gênero) se fazem presentes (e até que ponto), em todos os tipos de sepulturas encontradas na região, representa, assim, uma evolução natural de pesquisa e, de certo modo, um amadurecimento intelectual.

A atual tese conta com mais de mil enterramentos em seu banco de dados, todos catalogados a partir dos mesmos princípios. Nenhuma modalidade de enterramento em particular foi privilegiada ou incluída em detrimento de outra. Além disso, foram incorporados casos descobertos em momentos distintos e em diferentes estados de conservação. A maior parte das construções fúnebres estudadas data da Idade do Ferro Média e Tardia (entre os séc. V-II a.C. e I a.C./d.C., respectivamente). Alguns casos como aqueles encontrados em Melton, no entanto, datam da Idade do Ferro Inicial (séc. VIII-V a.C.), oferecendo uma valiosa perspectiva em termos de continuidade, elementos de ancestralidade e inovações fúnebres. Embora a grande maioria de tumbas tenha sido descoberta em grandes cemitérios que contavam com 100+ inumações, cemitérios menores e outros grupos isolados foram também levados em consideração. Mais de 30 sítios e cemitérios foram, assim, investigados e devidamente catalogados, a saber: Acklam, Aldro, Arras, Beverley, Bridlington, Bugthorpe, Burton Fleming, Calais Wold, Cawthorn Camps, Cowlam, Danes Graves, Garton Slack, Garton Station, Grimthorpe, Grindale, Hanging Grimston, Hornsea, Huggate, Hunmanby, Huntow, Kirkburn, Knapton Wold, Melton, Middleton, North Grimston, Nunburnholme, Pexton Moor, Rudston, Scarborough, Seamer, Thorpe Hall, Wetwang Slack e Wetwang Village. O atual trabalho conta, portanto, com a maior quantidade de tumbas da Idade do Ferro

bretã já analisada em nível de doutorado até os dias atuais, expandido o banco de dados inicialmente elaborado por Giles (2000) em sua tese.

Propor a elaboração de uma pesquisa sobre enterramentos de tipos distintos implica promover um debate, não apenas sobre as diferentes formas como a morte poderia ser encarada e representada por uma mesma sociedade, mas, especialmente, também um esforço de se estudarem diferentes grupos sociais, tensões e estratégias de representação, construção de vínculos e relações identitárias existentes no interior de uma mesma comunidade. Mas quais potencialidades a “morte” teria a oferecer como campo de pesquisas para um historiador?

Múltiplas são as formas de se abordar o tema. Em termos historiográficos, as relações estabelecidas entre uma determinada comunidade e a morte podem ser entendidas desde a perspectiva de ritos de passagens e transformações (VAN GENNEP, 1978; ALEKSHIN, 1983) até um conjunto de ações teatralizadas e arquitetadas que visa a atingir tanto o mundo dos mortos como o dos espectadores vivos (FLEMING, 1973, p. 189–190). É fundamental, aqui, nos livrarmos da ideia equivocada que habita no senso comum de que a morte é um reflexo da ordem social, como se os ritos fúnebres fossem um espelho da realidade. Afinal de contas, como Lull (2000, p. 580) escreve, “um cadáver não pode realizar seu próprio funeral”. Isso não quer dizer que as práticas mortuárias ocorram de forma atemporal ou externa à sociedade, pelo contrário. O modo como os vivos lidam com os mortos diz muito a respeito do social, apresentando, em diversas ocasiões, interseções com aspectos de natureza religiosa, cultural, econômica e política. Ao invés de ser um simples reflexo do mundo, os enterramentos se tornam assim construções sociais. Eles possibilitam que as próprias relações entre vivos (e destes com os mortos) sejam (re)pensadas, naturalizadas ou contestadas através de ações elaboradas que envolvam a manipulação do próprio passado e das relações humanas. Apesar de não parecer, a morte é uma matéria-prima rica para a mente humana: uma plataforma para o social (PARKER PEARSON, 1982, p. 112, 1993, p. 227).

Os vestígios materiais produzidos a partir da morte oferecem assim um rico campo de investigação. Essa é uma realidade particularmente relevante em se tratando de sociedades passadas que não nos legaram quaisquer vestígios escritos e sobre as quais, ainda hoje, pouco sabemos, como é o caso das comunidades aqui discutidas. Se a historiografia contemporânea é capaz de considerar a diversidade documental como

algo salutar (HARTOG, 2003, p. 193), o estudo da cultura material pode oferecer assim uma oportunidade única de diversificação e enriquecimento analítico, abordando o passado sob um ângulo distinto (BARROS, 2004, 2009; FUNARI, 2005). Esse tipo de documentação nos permite ainda desenvolver um senso crítico mais embasado a respeito de estereótipos e visões monolíticas projetadas pela modernidade em relação às comunidades da Idade do Ferro. Como o exemplo da passeata de Wetwang atesta, muitas dessas imagens (mentais e físicas) continuam particularmente populares e se baseiam em larga escala em relatos greco-latinos.

Ao trabalhar com diferentes modalidades de sepultamento, nos deparamos também com diferentes artefatos e itens depositados com parte do mobiliário fúnebre, isto é, o conjunto de provisões presentes em contextos mortuários. Ainda que cada objeto encontrado nesses casos seja único, sua deposição envolve estratégias comunicativas deliberadas fazendo com que as tumbas encontradas se tornem uma espécie de categorização sócioespacial de pessoas a partir de complexas identidades particulares (CHAPMAN, 2014, p. 177). O estudo do mobiliário fúnebre e dos enterramentos encontrados como um todo, nos possibilita, portanto, observar como a cultura material foi ativamente manipulada por agentes sociais na construção de atributos identitários (como gênero), projetando discursos, valores e associações materiais específicas.

Definindo metodologias e conceitos teóricos

Em termos técnicos a documentação estudada comporta três dimensões distintas que incluem características morfológicas e estruturais (espacialidade das tumbas), o material ósseo (humano e animal) e os artefatos depositados nas covas. Para um historiador, trabalhar com esses tipos de fontes investigativas representa ao mesmo tempo um desafio e uma possibilidade de enriquecimento. É importante que apliquemos à cultura material os mesmos cuidados necessários que a qualquer outra fonte de pesquisa histórica, isto é, problematizá-la a partir de uma perspectiva crítica, não encarando-a como uma simples cristalização ou reflexo imediato do passado, mas, ao

contrário, como um constructo elaborado a partir de um *locus* social no qual o indivíduo que a produziu está inserido (CERTEAU, 2011, p. 66–82). Estudar enterramentos, no entanto, requer alguns cuidados do ponto de vista metodológico. Boa parte dos cuidados necessários nesse sentido, bem como a adoção de uma determinada postura de trabalho, deve estar associada diretamente aos objetivos de pesquisa e às questões formuladas pelo pesquisador. Alguns estudos, por exemplo, privilegiam apenas os depósitos votivos encontrados em contextos fúnebres, ao passo que outros optam por uma análise exclusivamente osteológica do material encontrado, apenas para citar algumas possibilidades.

Tendo em vista as questões e os objetivos formulados, faz-se necessário um procedimento de análise que contemple a observação de aspectos variados, levando-se em consideração tanto o mobiliário fúnebre (isto é, os achados depositados junto aos mortos), a elaboração do espaço fúnebre (ou seja, as dimensões, a estrutura, o posicionamento, a orientação e a monumentalização ou não das tumbas) e os próprios mortos (na forma de ossadas, no caso, sempre que elas tiverem sido preservadas).

Nessa tese estaremos lidando com um conjunto heterogêneo de enterramentos que pode incluir inumações adultas e infantis, de pessoas com sexos e idades distintos, inumações com itens de adereço e joias, ossadas de animais, armas, carros, utensílios e ferramentas variados, inumações que foram alvo de *performances* diferenciadas, envolvendo o arremesso de lanças em seu interior e até casos divergentes que parecem fugir aos padrões normativos observados para a maioria dos demais casos. Logo, é necessária uma metodologia que possibilite e facilite a identificação de padrões e de elementos de variabilidade nas tumbas analisadas. A tese foi elaborada de modo a combinar análises quantitativas e qualitativas. Isto é, em um nível ela se orientou a partir de categorias eleitas de modo estratégico com base nos problemas levantados, trabalhando-as de modo quantitativo devido ao grande número de casos estudados. A utilização de uma abordagem quantitativa, nesse sentido, permitiu a identificação de padrões, regras, tradições, atitudes compartilhadas e semelhanças entre as tumbas abordadas, criando um perfil populacional das pessoas enterradas na região e no período estudado (BYRNE, 2003; VANPOOL; LEONARD, 2011). Já a adoção de um enfoque qualitativo permitiu que casos especiais fossem contemplados em sua individualidade ou especificidades, ainda que não sejam numericamente majoritários. Esses olhar mais

direcionado permite, não apenas observar nuances muitas vezes perdidas em análises estatísticas, como também evita a criação de argumentos generalizantes. Além disso, essa preocupação se mostrou fundamental para contemplar e discutir enterramentos largamente ignorados como “anomalias” ou “exceções”, oferecendo a possibilidade de desenvolver uma discussão crítica a seu respeito, ao invés de tão somente ignorá-los.

Partindo da proposta de se organizarem os dados extraídos da documentação analisada a fim de se criarem fichas catalográficas correspondentes a cada um dos enterramentos aqui discutidos, orientamo-nos inicialmente por algumas das propostas metodológicas elaboradas por Sprager (1968, p. 483), combinando-as com as terminologias e classificações para sepultamentos humanos oferecidas por Silva (2006, p. 117). Além disso, foram levados em consideração, também, fatores tais como a existência de mutilações ou modificações anatômicas no corpo do morto (em vida ou após a morte), o formato do túmulo e elementos variados de natureza biológica sempre que possível: prováveis causas de morte, sexo, idade, evidências a respeito da dieta e nutrição do indivíduo enterrado (GOLDSTEIN, 1981, p. 59).

Tal proceder permitiu que a documentação fosse organizada a partir de categorias metodologicamente relevantes que incluem:

1. Ossadas humanas (Se presentes ou não, se correspondentes a um indivíduo ou mais de um indivíduo ou feto);
2. Tipo de enterramento (conforme a tipologia A, B, C e D elaborada por DENT 1984 e STEAD, 1991 para o estudo da Idade do Ferro em Yorkshire): (A) inumações contraídas orientadas no eixo N-S; (B) inumações em decúbito ou flexionadas, orientadas L-O; (C) inumações com veículos, orientadas no eixo N-S; (D) inumações secundárias ou enterramentos em trincheiras ao redor de uma tumba;
3. Orientação (eixo de orientação de cada esqueleto e a direção para que estão voltados);
4. Postura (a posição na qual o esqueleto foi encontrado dentro da cova);
5. Sexo (o sexo biológico do esqueleto, listado como ‘masculino’, ‘feminino’, ‘contra indicações’ ou ‘indisponível’);

6. Idade (a idade ou o grupo etário do indivíduo enterrado, quando disponível);
7. Arquitetura (descrição das configurações espaciais do enterramento: isto é, enterramento na superfície, ou enterramento com cova e a profundidade da mesma; presença de trincheira ou não, circundando a tumba e o seu formato);
8. Mobiliário Fúnebre (cada artefato listado individualmente e destacando sua posição em relação ao esqueleto e dentro da cova quando possível; todos os objetos foram categorizados a partir da matéria-prima com que foram feitos [por exemplo, madeira, ferro, liga de cobre, ouro, ossadas animais, vidro etc.]);
9. Datação (a cronologia específica de determinado enterramento, quando possível, tanto através de estudos tipológicos [como a cronologia estabelecida a partir de tipologias de pinos, anéis e broches (cf. STEAD, 1991)], como também análises recentes de C14 e outras técnicas de datações [Cf. JAY et al., 2012]);
10. Dados biográficos (observações ‘biográficas’ tanto a respeito dos objetos encontrados [por exemplo, sinais de uso, reparo, adornos etc.], como também das pessoas enterradas [sinais de trauma, condição física, causa mortis, etc.].

A elaboração de um catálogo organizado a partir de um banco de dados de informações que leve em consideração tais propostas de estudo, possibilitou assim organizar, condensar e trabalhar a própria documentação estudada, dissecando-a e ordenando-a, no formato de fichas, a partir dos critérios eleitos (Cf. **Catálogo**, Vol. II). Muito mais do que um mero apêndice, esse catálogo consiste, portanto, na própria aplicação das propostas metodológicas, permitindo, um cruzamento de informações e um acesso padronizado e organizado dos casos estudados, de modo a complementar e facilitar a leitura da tese.

Em termos do quadro teórico, alguns conceitos fazem-se importantes de serem definidos previamente. Isso se dá uma vez que historiograficamente todos os conceitos são, por excelência, polissêmicos e dotados de certa historicidade, variando de acordo com visões de mundo, temporalidades e contextos enunciativos socioculturais

(KOSELLECK, 1992, 2006, p. 109). Além disso, porque considero os conceitos debatidos a seguir como partes fundamentais para o entendimento e desenvolvimento das problemáticas de pesquisa levantadas. Tais conceitos são: “gênero”, “monumentalização” e “ritualização”.

Nesta pesquisa será privilegiada a noção de gênero como relação social, pois isso nos permite identificar as variedades e limitações de diferentes poderes dentro de sociedades específicas, destacando como as diferenças entre homens e mulheres são construídas e sua implicação social (FLAX, 1991, p. 246). Essa definição é fundamental, já que ao longo da tese serão trabalhadas e feitas referências a categorias de *sexo* (entendido, aqui, como o sexo biológico dos corpos humanos) e *gênero* (discutido sempre, como constructo sociocultural). Gênero pode ser visto como uma espécie de forma primária de dar significado às relações de sociabilidade e produção de diferenças (SCOTT, 1988, 1986, p. 1069). Mais, ainda, tal como July Cháneton (2007, p. 9), acredito que as diferenças de gênero sejam inseparáveis do conjunto de práticas sociais estando, assim, relacionadas a processos de produção de significações identitárias.

Assim, ao negar a existência de qualquer identidade, atributo ou categoria de gênero essencializada e naturalizada, negando ainda sua fixidez e destacando sua historicidade (SCOTT, 1988, p. 5; CHÁNETON, 2007, p. 40; BUTLER, 2011), podemos encarar os enterramentos de indivíduos de ambos os sexos (masculino e feminino), atentando para o modo como diferentes construções de gênero foram elaboradas a partir de contextos fúnebres específicos. Mais ainda, acredito que tal ponto de partida reflexivo nos ajude a entender como essas construções identitárias dialogam e estão interconectadas com outras esferas da vida social. Como Hays-Gilpin (2009, p. 335) destacou, a grande vantagem de se usar gênero como uma categoria analítica é a de que ele opera em todos os níveis da sociedade, podendo ser encarado assim como uma espécie de ponte, um *link* entre teoria e prática, que nos ajuda a dar complexidade e uma dimensão mais humana aos nossos objetos de estudo.

Nesta tese buscarei utilizar as propostas de Arnold (2006) e Sørensen (2000, 2006) como principais aportes teóricos para trabalhar gênero a partir da cultura material. Isso porque ambas as autoras propõem um estudo do conjunto das relações de gênero tendo como principal fonte de pesquisa a cultura material, buscando observar não

apenas como os achados materiais podem nos oferecer representações das relações de gênero em uma dada sociedade, mas, ainda, como a própria cultura material poderia ser utilizada como uma ferramenta e como recurso para a construção de determinados valores e identidades de gênero.

Tendo em vista os objetivos de pesquisa formulados e tomando a cultura material de contextos mortuários como principal suporte de estudo, optei por estabelecer um diálogo com as propostas formuladas por Catherine Bell (1992) a respeito de alguns aspectos envolvendo os processos de ritualização. As definições elaboradas pela autora oferecem um valioso aporte teórico, já que permitem, não só um tratamento mais crítico dos achados de contextos mortuários, entendendo-os a partir de uma perspectiva dinâmica em vez de uma mera representação estática, como também porque seus postulados permitem dialogar com as definições que propusemos em relação a nossos outros dois conceitos-chave aqui discutidos, como gênero.

Além de discutir questões binárias como a oposição entre profano e sagrado, idealização e prática, a análise de Bell busca deslocar o eixo do estudo do ritual *per se* como uma porta de acesso a uma determinada mentalidade ou concepção de mundo e cultura, problematizando o próprio modo como pensar o conjunto de atividades rituais e como estas constroem concepções e saberes particulares. Assim, o diálogo com os postulados da autora nos interessa, uma vez que, em sua análise, ela propõe um deslocamento de foco do ritual (a partir das implicações de universalidade e naturalidade atribuídas frequentemente ao termo [BELL, 1992, p. 222-223]) para os processos de ritualização, isto é, para os modos estratégicos de se agir. A autora deixa claro seu entendimento de que a ritualização representa tão somente um determinado modo de agir em situações sociais específicas (BELL, 1992, p. 67), consistindo em uma estratégia para a construção de um determinado tipo de relações de poder¹ que são, ao mesmo tempo, limitadas e limitadoras. Não se trata de um tipo de relacionamento no qual um grupo social possui controle absoluto sobre outro, mas, em sentido oposto, constitui um jogo relacional que envolve aspectos como consentimento, resistência, disputas, desentendimentos e (re)apropriações em diferentes níveis (BELL, 1992, p. 8).

¹ Bell (1992, p. 199-204) encara o poder não como algo externo, mas a partir de Foucault, dentro de uma perspectiva contingente, local, organizacional, relacional e dinâmica: “na ritualização, poder não é algo externo ao que opera; ele existe apenas na medida em que é constituído com e através do corpo vivido, que é tanto o corpo da sociedade como o corpo social” (BELL, 1992, p. 204).

Nesse sentido, é possível estar atento para o modo por que formas particulares de agir participam na negociação de autoridades e identidades e na própria construção do mundo. Nas palavras de Bell (1992, p.8), consiste, portanto, em um esforço de se “delinear algo das dinâmicas sociais através do qual toda atividade reproduz e manipula seu próprio contexto”.

Se o intuito da tese é, em parte, destacar o aspecto social, relacional e prático (dinâmico) dos diferentes tratamentos e atitudes ligadas à morte, sob uma perspectiva histórica, a partir de Bell (1992), acredito ser possível pensar mais profundamente a própria dimensão (social) da prática. Tal como a autora, quando falarmos, aqui, em “prática”, essa será pensada como (1) situacional; (2) estratégica²; (3) imbuída de falta de reconhecimento total do que se está fazendo e (4) capaz de reproduzir ou reconfigurar visões da ordem de poder no mundo (BELL, 1992, p. 81). A atividade ritual, nesse sentido, não representa, legítima, disfarça ou torna simbólica uma determinada forma de poder: ao contrário, ela é o próprio poder na medida em que é praticada. “As práticas rituais são elas próprias a produção e negociação de relações de poder”, conforme explicita a autora (BELL, 1992, p. 196).

É preciso então deixar claro que a ritualização não diz respeito a uma tradição estática, à transmissão simples e direta de crenças e conhecimentos ou à introdução gradual de uma ideologia dominante: ela consiste, em sentido oposto, na habilidade de apropriação e manipulação criativa de esquemas básicos – o que Bell (1992, p. 107-8; 221) define como “maestria do ritual”. Para os interessados em discutir as construções sociais de diferenças a partir de tratamentos mortuários, como é aqui o caso, isso permite entender que a ritualização é capaz de gerar distinções na medida em que pode ser manipulada, criando distâncias (físicas ou mentais) entre pessoas e comunidade (BELL, 1992, p. 125), ainda que a ritualização, por si só, não controle indivíduos ou sociedades (BELL, 1992, p. 170). Logo, é apenas através de uma série de atividades rituais que o mundo – ordens, hierarquias, diferenças – passa a ser (temporariamente) reorganizado, em uma orquestração que não é definitiva. Esse processo de orquestração do mundo, por sua vez, não necessariamente acaba por resolver contradições sociais, mas, tão apenas, por apropriar-se de experiências, conflitos, convenções e oposições presentes na vida social, criando justaposições e uma sistematização provisória e frágil

² A estratégia, nesses termos, implica um conjunto de improvisações, racionalidades e apropriações (BELL, 1992, p; 202).

da realidade (cf. BELL, 1992, p. 104-106). Daí, a necessidade de se constatar que as pessoas geram ambientes ritualizados, que atuam mudando a própria natureza de seus problemas, em processos constantes (BELL, 1992, p. 106).

Por isso, optei por trazer as contribuições teóricas formuladas por Bell (1992), adotando seu conceito de ritualização, uma vez que entendo que a noção proposta pela autora em relação à ritualização – isto é, de encarmos as atividades rituais como uma arena (BELL, 1992, p. 109-110; 170; 204) – possa ser igualmente aplicada ao conjunto de práticas mortuárias, que nada mais são do que a própria ritualização da morte. Eis por que a tese buscará encarar os enterramentos como uma plataforma ou arena para agentes históricos darem conta da própria dimensão social da vida [e da morte] através da manipulação de relacionamentos diversos entre indivíduos, grupos e comunidades (reais ou imaginadas). A adoção de tal postura será fundamental para mais à frente entendermos os processos fúnebres altamente performáticos (como o arremesso de lanças contra sepulturas), bem como que as relações de ancestralidade são projetadas e, como projeções identitárias, são construídas de diferentes formas ao longo dos séculos.

Como as tumbas estudadas apresentam um formato particular, muitas vezes com montículos erguidos sobre as covas e trincheiras cavadas ao seu redor, assinalando tais construções, faz-se necessária, igualmente, a adoção de uma postura crítica quando da própria materialização do espaço fúnebre. Assim, esta tese dialoga, sobretudo, com as contribuições teóricas advindas da Arqueologia da Paisagem, que buscam pensar a paisagem como um mero ambiente físico e também como uma arena para a ação humana no tempo: um local que é criado a partir de uma dinâmica relacional (dos homens entre si e destes com o ambiente físico que os cerca), capaz de produzir múltiplos significados em contextos históricos distintos (DAVID; THOMAS, 2016).

Logo, os montículos fúnebres serão pensados, aqui, como parte de um conjunto de referências topográficas e visuais que servia como um intermédio de relação entre os vivos e os mortos (FOWLER; CUMMINGS, 2003, p. 15). As colocações de Barret (1999) a respeito oferecem um frutífero aporte teórico. Isso porque o autor chama a atenção para o fato de que a monumentalização envolve estratégias de apropriação nas quais valores previamente existentes passam a ser elaborados ou enunciados por certas ações, de tal modo que essas mesmas ações, bem como seus atores, tornam-se um veículo essencial para a sua transmissão (BARRETT, 1999, p. 255). Os enterramentos

estudados, em especial aqueles dotados de certa monumentalização, atuam como uma espécie de foco ou “lente” através da qual um mundo amplo de referências (como prestígio social e gênero) pode ser visto, permitindo certos grupos de agirem. A paisagem fúnebre, portanto, mais do que um pano de fundo, funciona ao mesmo tempo como uma arena e o produto de ações humanas planejadas e materializadas ao longo dos anos, criando um nítido senso identitário.

Esses são, portanto, alguns dos principais postulados que irão nortear a discussão desenvolvida a seguir. Isso não quer dizer, porém, que sejam os únicos. Demais reflexões teórico-críticas serão também oferecidas ao longo da tese de modo a nos ajudar a pensar questões específicas como infância, ancestralidade, ou divergência social.

A Idade do Ferro em Yorkshire e seus enterramentos: um balanço de seu histórico e suas potencialidades

A despeito de sua potencialidade e diversidade material, o norte bretão costuma ser historiograficamente eclipsado por outras regiões do sul, como Dorset ou Wessex, que se tornaram verdadeiros “polos” de modelização social para a Idade do Ferro bretã, apesar de se tratarem de regiões particulares. Como Collis (1996) chama a atenção, a tendência é a de se pensar o sul bretão como possuidor de belas cerâmicas, um sistema de poços de armazenamento, boa preservação de ossadas animais, “muitos arqueólogos e, conseqüentemente, muita arqueologia”, ao passo que o norte é classificado pela falta de cerâmicas ou seu caráter tosco, pobreza metalúrgica e estratigráfica, solos ácidos nos quais ossos estão pobremente preservados e uma arqueologia pouco desenvolvida (COLLIS, 1996, p. 1). Um caso que ilustra perfeitamente essa realidade é a discussão feita por Piggott (1958) em relação aos meios de produção agrícola das comunidades de Stanwick (North Yorkshire), onde o autor considera não relevante e inexistente a produção de cereais para a economia local. A visão se mostrou particularmente aceita, apesar de diversas pedras de mó e estruturas de armazenamento – por vezes contendo até mesmo sementes carbonizadas – terem sido sucessivamente descobertas. Parte

dessas percepções equivocadas se baseia em estereótipos greco-latinos que representam terras longínquas ao norte como cada vez mais toscas e primitivas (longe da civilização). No entanto, como Collis (1996) chama a atenção, essas visões são também fortemente influenciadas pela divisão sócio-econômica contemporânea entre o sul e o norte britânico (conhecida como, *north-south divide*), em que o sul tem tradicionalmente concentrados os maiores acúmulos de riqueza e poder político, os principais veículos midiáticos, um conjunto de instituições de ensino para as elites, mansões aristocráticas, a corte real e melhores salários e índices de saúde que os das regiões do norte, como Yorkshire, ainda hoje fortemente marcadas por tradições agrárias e um passado proletário-industrial.

Ainda que ao longo do séc. XX Yorkshire tenha tido, assim, um caráter relativamente marginal, em termos dos locais comumente discutidos para o estudo da Idade do Ferro, sua cultura material foi amplamente discutida – de modo regional – desde o século XIX. O caráter monumental, aliás, de muitas construções, ainda então visíveis a olho nu na paisagem, já atraía a atenção de muitos locais desde o séc. XVII e de 1830 em diante muitas delas passaram a ser cada vez mais escavadas. Boa parte da trajetória de pesquisas foi iniciada por um grupo de eruditos antiquários mais notadamente composto por John R. Mortimer e William Greenwell.

Mortimer (1825-1911) era um comerciante de milho, e graças aos lucros dos seus negócios, passou a se envolver diretamente em sua paixão pelo estudo do passado, realizando expedições arqueológicas locais e desenvolvendo um acervo museológico com diferentes tipos de achados artefatuais e geológicos descobertos em Yorkshire. Sua produção intelectual se destacou significativamente da de seus pares, antecipando muitos cuidados metodológicos que só no futuro viriam a se tornar básicos à arqueologia, como o trabalho de traçar plantas dos sítios (e seus arredores), cobrir largas áreas de escavação sempre que possível, fazer anotações detalhadas e ordenadas, atentar para relações estratigráficas, coletar amostras de solo e preservar materiais esqueléticos para análises futuras realizadas por médicos e especialistas (HARRISON, 2011). Já Greenwell (1820-1918) era um reverendo que nutria uma paixão por achados históricos e o estudo arqueológico. Original de Durham, em suas horas vagas ele dedicou boa parte de seu tempo a estudar as antiguidades do norte britânico, tendo se tornado um proeminente membro de diversas sociedades de antiquários como a *Society of London* e

produzido uma obra inovadora em um misto de abordagem antiquária e arqueológica (O'CONNOR; GRAVES, 2003, p. 29). Ambos os eruditos tiveram um papel fundamental na formulação de algumas das primeiras ideias a respeito da cultura material encontrada na região e também na escavação e publicação de registros fúnebres descobertos, em particular, de sítios como Arras e Danes Graves.

Para Mortimer a cultura material descoberta era uma prova nítida de uma imigração que teria ocorrido pouco antes da ocupação por parte dos romanos. Segundo ele, os imigrantes teriam trazido consigo costumes distintos, além de técnicas artísticas mais refinadas, assinalando uma ruptura com o período anterior e um visível progresso material e civilizatório (MORTIMER, 1898, p. 125–6, 1905, p. lxxv). Embora formulada em contextos oitocentistas, essa ideia se provará particularmente influente ao longo de séculos até os dias atuais. Greenwell, por sua vez, apresentava uma visão relativamente distinta. Ainda que certa “afinidade de sangue” possa ter existido entre as antigas comunidades de Yorkshire e aquelas do norte da Gália, para ele, a cultura material dos cemitérios da região não necessariamente tinha a ver com uma invasão (GREENWELL, 1906, p. 307). Greenwell tratou assim de destacar elementos de continuidade com os achados da Idade do Bronze, ressaltando que os progressos materiais observados ao longo da Idade do Ferro eram o fruto de trocas com populações mais avançadas, culminando com um gradual aumento de civilização dos habitantes locais (GREENWELL, 1877, p. 212). Embora distintas, as hipóteses formulados pelos dois autores tinham em comum certa ideia de progresso associada a um estágio superior de civilização, característica da produção intelectual oitocentista e das primeiras décadas do séc. XX. O interesse de boa parte dessas primeiras análises, portanto, estava em desvendar “a qual divisão da família humana”, as “raças” ou “tribos” enterradas em cemitérios como os de Arras e Danes Graves pertenciam, como colocou Greenwell (1906: 307).

A ideia de uma invasão vinda do Continente ganhou relativa força explicativa com o passar dos anos no tocante ao estudo da Idade do Ferro em Yorkshire, concentrando em torno de si boa parte do debate. Ela está presente no trabalho de Fox (1947), que defendeu que a região havia sido invadida por grupos do norte da França (FOX, 1947, p. 19). Essa noção ganhou particular popularidade nas décadas de 50-60, graças aos trabalhos de Hawkes e sua noção de uma “celtização cumulativa” das Ilhas

Britânicas, para onde uma elite de chefes gauleses teria supostamente migrado em diferentes estágios, dominando a população nativa bretã (HAWKES, 1959). A cultura material de Yorkshire passou a ser pensada, assim, apenas como um nítido caso de tais ondas migratórias (HAWKES; HAWKES, 1948).

A primeira análise moderna detalhada exclusivamente dedicada aos achados de Yorkshire foi traçada por Ian Stead, que publicou uma versão adaptada de sua tese de doutorado sobre o período La Tène na região (STEAD, 1965). Stead contribuiu significativamente para o alargamento dos estudos da Idade do Ferro em Yorkshire, tendo dedicado uma parte considerável parte de sua vida à pesquisa e à realização de escavações em muitos dos sítios da região, principalmente aqueles do vale do Great Wolds. Durante um período de décadas, ele foi capaz de formular, contestar e reformular muitas de suas próprias ideias, na medida em que novos achados eram trazidos à luz. Um exemplo disso pode ser visto em sua reavaliação da divisão que ele havia formulado entre a chamada “cultura de North Grimston” e a “cultura de Arras” (STEAD, 1965, p. 84), que posteriormente passaram a ser vistas como pertencentes a um único mesmo grupo: a “cultura de Arras” (STEAD, 1979, 1991). Outro desenvolvimento importante foi a mudança feita por Stead em sua compreensão original sobre a cultura material de Yorkshire, já que inicialmente ele acreditava que o caráter distinto da arqueologia da região era o resultado de migrações de pessoas com origem na região da Burgúndia as quais haviam se dividido em dois grupos diferentes, um dos quais se estabeleceu ao longo do rio Sena, próximo à atual Paris (Parisii), e outro em Yorkshire (Parisi) (STEAD, 1965, p. 87). Tendo abandonado essa ideia, Stead, posteriormente, propôs um novo modelo ainda baseado em fatores migratórios, mas em menor escala. Ele passou a advogar, assim, em favor da movimentação de alguns seletos indivíduos, aventureiros, mercadores, agricultores e, em suas palavras, “evangelistas” (STEAD, 1979, p. 93), ou até mesmo uma única pessoa influente e bem conectada (STEAD, 1991, p. 184). Essa ideia foi bem recebida e tem sido frequentemente reproduzida em diversas descrições da Idade do Ferro em Yorkshire (por exemplo, DYER, 2002, p. 152; HARDING, 2004, p. 36).

Em pleno século XXI, no entanto, invasões e movimentações migratórias não são mais os únicos recursos intelectuais para se explicar um conjunto de transformações culturais e sociais testemunhados a partir de registros materiais. Hoje, já se reconhece

que nenhuma população humana é estática no tempo, que continuidades e inovações podem coexistir, que sociedades estão em constante transformação (seja por fatores internos ou externos) e que identidades são construídas a níveis individuais e coletivos através de complexos mecanismos de modo contínuo, como parte de uma série de projetos discursivos sobre si e sobre os outros. Apesar disso, Yorkshire continua sendo uma das únicas regiões durante a Idade do Ferro britânica ainda a inspirar a formulação de hipóteses de invasões. Exemplos nesse sentido podem ser encontrados nos trabalhos de Bradley (2007, p. 266), Harding (2004, p. 36) e Cunliffe (2005, p. 316–9), por exemplo. Este último chegou a advogar um ponto de vista semelhante ao de Stead (1979, 1991) contrário à ideia de uma grande imigração e favorecendo uma interpretação baseada em movimentos e incursões de pequenos grupos de pessoas que eventualmente teriam se casado com os habitantes locais de Yorkshire e introduzido tradições continentais à região (CUNLIFFE, 2013, p. 318–19).

Alguns argumentos contrários a tais ideias foram também elaborados. Koch (2006, p. 88), de maneira moderada, admitiu que embora fosse tentador associar a cultura material da Idade do Ferro da região com os supostos Parisi da Yorkshire romana e os Parisii do Continente, essas associações não são tão imediatas e unilaterais como costumam ser representadas. Haywood (2009, p. 79) igualmente argumentou, ainda que brevemente, contra a noção de que a chamada “cultura de Arras” fora introduzida em Yorkshire por imigrantes. Além disso, James (2005) chegou à conclusão de que a ideia de uma migração continental e a introdução de ritos fúnebres particulares como resultado de tal processo migratório é puramente uma especulação na ausência de evidências concretas, o que não exclui, obviamente, que contatos culturais entre a Gália e Yorkshire tenham existido em diferentes níveis (JAMES, 2005, p. 98, 102).

Nos anos recentes, alguns pesquisadores continuaram a revisitar questões sobre as origens dos habitantes e dos enterramentos encontrados em Yorkshire durante a Idade do Ferro. Um dos exemplos mais distintos disso é a tese redigida por Anthoos (2011), que buscou comparar o material encontrado na região com enterros escavados na Europa, particularmente com ênfase nas tumbas com carros. Anthoos buscou enfatizar o papel fundamental desempenhado daquilo que definiu como um amplo processo de internacionalização, em torno de 300 a.C., vinculado a contatos de longa distância e instâncias de movimentação individual entre elites (ANTHOONS, 2011, p. 221).

Halkon (2013), igualmente, buscou contribuir para a discussão ao trazer novamente à luz questões a respeito das conexões estabelecidas entre os habitantes pré-históricos de Yorkshire, seus vizinhos continentais, e a tribo dos “Parisi” relatada por autores romanos, de certo modo atualizando e expandindo um esforço analítico iniciado por Ramm (1978).

Paralelamente, as últimas décadas testemunharam um desenvolvimento considerável em termos de novas teorias, técnicas e tecnologias empregadas em diferentes contextos e domínios arqueológicos, desde o processo de escavação, passando por análises laboratoriais, até a criação e o compartilhamento de informações em um “mundo digital”. Recentemente, modalizações em 3D de duas tumbas femininas encontradas em Knapton Wold, chegaram a ser feitas, atestando uma perspectiva positiva para o futuro (POWESLAND, 2017). Além disso, as escavações, não só de cemitérios, mas também de assentamentos, como as realizadas em Garton-Wetwang Slack (BREWSTER, 1980; DENT, 1984), permitiram que mais informações diretamente relevantes fossem incorporadas ao estudo do período. O sistemático mapeamento da paisagem pré-histórica de Yorkshire (STOERTZ, 1997) e um conjunto de análises isotópicas têm trazido, ainda, novos dados a respeito de aspectos como alimentação e doenças e, também, datações mais refinadas (JAY; RICHARDS, 2006, 2007; JAY et al., 2008; JAY, 2009; JAY et al., 2012, 2013). Igualmente, a tese redigida por King (2010a) expandiu significativamente nosso conhecimento da população enterrada, tendo desempenhado uma reavaliação osteológica de mais de 400 esqueletos, além de mapeado a ocorrência de sinais de traumas nas ossadas.

Novos métodos e novas técnicas, no entanto, geram novos problemas; novos problemas demandam soluções diferentes, e no processo de se formularem explicações, frequentemente, os horizontes de pesquisa acabam sendo expandidos. Yorkshire não se faz uma exceção a isso. Apesar dos estudos mencionados terem propostas e pontos de partida distintos, todos eles servem como lembretes de que não apenas é possível, como necessário, levantar novas questões a respeito das tumbas enterradas que busquem ressaltar as dimensões técnicas e sociais dos vestígios materiais de que dispomos.

O trabalho desenvolvido por Giles (2000, 2007a, 2007b, 2007c, 2008a, 2008b), posteriormente convertido em um livro (GILES, 2012), pode ser considerado, um marco para o cenário de produções historiográficas sobre a região. Sua grande relevância não

está apenas nas ideias originais oferecidas pela autora, mas igualmente no modo como finalmente novas questões passaram a ser formuladas. Ao invés de dedicar a maior parte de seu estudo à velha controvérsia em torno de uma suposta origem continental ou local, Giles estabelece uma mudança de paradigmas. Sua pesquisa é a primeira a oferecer uma abordagem de fato inovadora a respeito do conceito de identidade em contextos arqueológicos em Yorkshire, rompendo com as prévias associações simplistas feitas em relação à cultura material da região. Em grande parte, isso foi alcançado graças a esforços teóricos e de estudos de casos específicos que evidenciem um fenômeno até então amplamente ignorado: que identidade não é algo imediato ou estático, ou que pode ser lido automaticamente a partir dos registros arqueológicos e diretamente transferido a pessoas a partir de rótulos específicos. Alguns de seus escritos são categóricos nesse sentido:

“Mesmo se uma análise genética acabasse por demonstrar conexões entre as comunidades de East Yorkshire e a região de Champagne, nós ainda teríamos que debater os significados e importância de tais afinidades e até que nível elas representam apenas um setor da comunidade ou a sua totalidade (...). Ao invés disso, quero sugerir que essa questão [sobre origens] é uma não-questão; que o seu tempo já passou” (GILES, 2007c, p. 104).

Identities não são apenas prescritas, mas, sim, praticadas. Elas requerem *performances*, processos de reiteração, ritos de passagem, intenções, negociações, aspirações e um engajamento criativo – isto é, são uma forma de projeto em andamento. Agrupar assentamentos e comunidades distintas a partir de alcunhas registradas por romanos em contextos tardios, pouco ou nada nos ajudam a entender como essas mesmas comunidades estavam lidando com os aspectos mais básicos de sua vida como, paradoxalmente, a morte. Ao demonstrar como diferentes identidades foram forjadas, reapropriadas e manipuladas através de discursos materiais (construídos através da paisagem) ao longo de um período de oito séculos, o trabalho de Giles oferece as bases necessárias para o desenvolvimento de abordagens analíticas futuras que busquem estudar os vestígios materiais encontrados na Idade do Ferro sob uma nova perspectiva: perspectiva essa, como a que proponho aqui, que seja capaz de ressaltar a complexidade da documentação, ao invés de reduzi-la apenas a modelos e esquemas simplistas.

Dessa forma, a presente tese parte de um intuito de se expandirem alguns dos temas inicialmente tratados por Giles, aprofundando-os a partir de recortes

investigativos particulares. Desejo, assim, chamar a atenção para um campo de estudo com grande potencial de pesquisa, mas que ainda não foi sistematicamente investigado para a Idade do Ferro bretã: o da relação entre identidade, gênero e morte. Questões de gênero, inclusive, estão longe de apresentar um consenso acadêmico em se tratando da Pré-história bretã. Essas diferenças vão para além de um desacordo quanto à funcionalidade de objeto “x” ou “y” em determinado contexto: elas revelam distinções intelectuais quanto à própria epistemologia do saber. Eis que, por exemplo, determinado *corpus* documental pode ser considerado como útil para a investigação por uns e inerentemente não confiável por outros (por exemplo, SHANKS; TILLEY, 1982 vs. EDWARDS; POPE, 2014, quanto ao estudo de determinadas tumbas neolíticas) ou, ainda, produzir dados brutos distintos quando diferentes critérios analíticos são aplicados (por exemplo, SMITH; BRICKLEY, 2009 vs. EDWARDS; POPE, 2014, a respeito da frequência de enterramentos masculinos e femininos no Neolítico bretão).

A maior parte das discussões feitas sobre a Idade do Ferro costuma combinar a cultura material com documentações textuais tardias (greco-latinas ou medievais), muitas vezes focando apenas em enterramentos de “grandes mulheres”. Há uma repetição historiográfica comum que, em linhas gerais, insiste sempre no mesmo ponto: que as mulheres tinham uma posição melhor nas sociedades ditas “célticas” do que no mundo greco-romano (MARKALE, 1975, 1986; ELLIS, 1995; CUNLIFFE, 1997, p. 109–110; CHADWICK, 1997, p. 115–116, 136; ALDHOUSE-GREEN, 2010, p. 94). A discussão elaborada por Green (2006) é um ótimo exemplo disso, pois os casos selecionados para discussão incluem, não surpreendentemente, as tumbas com carros das mulheres de Wetwang Slack e Wetwang Village (p.97-98), a “rainha” de Haraldskaer - um corpo mumificado em um pântano da Jutland (Dinamarca) do séc. V a.C. (p.95-7), a tumba de Vix e algumas outras tumbas principescas femininas da Europa Centro-Occidental (p.98-100); representações iconográficas de figuras femininas encontradas em contextos múltiplos desde Hallstatt ao período romano (p.100-106), possíveis mulheres gladiadoras durante o período romano (p.112-114) e, por fim, testemunhos romanos a respeito de mulheres “bárbaras” notáveis, como Veleda (p.106-111) e Cartimandua (p.123-130). Todos esses “estudos de casos” visam a criar um senso de coesão e coerência dentro de uma narrativa em comum: a de que havia um ambiente social na Idade do Ferro que permitia mulheres alcançarem um alto status de modo

independente, embora a autora falhe em especificar como isso se daria na prática entre a diversidade de casos e contextos discutidos.

Nossa compreensão da dinâmica da Idade do Ferro entre os gêneros ainda é muito limitada e tende a oscilar entre dois extremos: um que está repleto de guerreiras-rainhas enterradas em túmulos faustosos, e outra marcada por hipóteses de invasões, que levam a crer que as mulheres não desempenharam um papel significativo na sociedade. Além disso, a própria noção de que gênero está associado a mulheres é igualmente problemática e, raramente, reflexões críticas têm sido feitas a respeito da população masculina, ou sobre a construção de atributos específicos entre os gêneros a partir da cultura material. Por fim, a ausência de crianças nas discussões acadêmicas continua a contribuir em larga escala também para uma visão reducionista a respeito do período.

Assim, a presente tese é a concretização de um esforço de superação nesse sentido. Ela busca contribuir para um campo de investigação recentemente proposto e iniciado por Giles - para o estudo da Idade do Ferro em Yorkshire que busca discutir o período, não apenas à luz de debates em torno de supostas origens como fator explicativo principal para os vestígios materiais de que dispomos, mas direcionar, aqui, o enfoque a um conjunto de ações e projeções sociais em relação à morte, atentando para como diferenças são construídas entre indivíduos a partir dos usos da cultura material e sua interseção com múltiplos fatores como prestígio social, idade, sexo e características biológico-biográficas. É preciso destacar também que inexistia, no Brasil, até agora, uma tese de doutorado em História (ou em qualquer outra área afim, ex. Arqueologia, Antropologia etc.) que tratasse da Idade do Ferro nas Ilhas Britânicas nem tampouco de seus enterramentos. Do mesmo modo, esta é também a primeira tese brasileira a investigar questões de gênero na pré-história europeia partindo exclusivamente do estudo da cultura material e de registros fúnebres. Embora tenha sido desenvolvida a partir de um recorte cronológico e geográfico específicos, a contribuição almejada busca transcender tais limites, oferecendo um modo de se pensar de maneira crítica e articulada sobre as diferentes maneiras pelas quais atributos e valores sociais como os de gênero podem ser ativamente construídos a partir da manipulação da cultura material, forjando identidades particulares.

Estrutura da Tese

O **Capítulo 1** oferece uma breve síntese do contexto e da região estudada. Ele consiste, portanto, em uma apresentação do paleoambiente da região de Yorkshire durante a Idade do Ferro a partir de aspectos múltiplos como a vegetação, constituição geológica e topográfica e quais territórios e marcos naturais a delimitam. Além disso, são discutidas também questões envolvendo o uso e ocupação da terra, bem como a estrutura dos assentamentos, do contexto social de produção e subsistência na região durante o período estudado e os esqueletos humanos encontrados, atentando para fatores relevantes à vida, como ocorrência de traumas e patologias, aspectos da dieta e constituição física das pessoas, dentre outros. Já o **Capítulo 2** busca complementar o anterior, apresentando um panorama das escavações realizadas em Yorkshire, explicando o contexto de descoberta dos sítios estudados na tese. Esse capítulo tem por intuito oferecer, de modo descritivo, porém sintético, um perfil tipológico e populacional das tumbas estudadas, chamando a atenção para a historicidade dos achados na região e para como cada cemitério se diferencia dos outros (tanto em termos de seu uso passado, como das informações de que hoje dispomos a respeito deles). O **Capítulo 3**, por sua vez, busca discutir a construção da paisagem fúnebre na região. Seu recorte cronológico é mais extenso a fim de contemplar também monumentos fúnebres realizados em períodos anteriores (Neolítico, Idade do Bronze, bem como da Idade do Ferro Inicial), quando eles foram reapropriados pelas comunidades dos séc. V-I a.C. e utilizados como referências fúnebres. O debate cobre, assim, as várias relações temporais e espaciais construídas entre diferentes tumbas e como esses relacionamentos eram elaborados visando a criar um sentido de memória, identidade e ancestralidade, em muitos casos. Além disso, são oferecidas também algumas possibilidades interpretativas para o estudo de sinalização de gênero e das continuidades de determinadas tradições fúnebres em Yorkshire.

O **Capítulo 4** está voltado para a discussão da população subadulta enterrada em Yorkshire durante a Idade do Ferro. Embora contemos com um número significativo de tumbas infantis, elas foram largamente ignoradas pela historiografia do período. Esse capítulo oferece, assim, uma possibilidade de renovação analítica, explorando como aspectos identitários são projetados em enterramentos infantis. Já o **Capítulo 5** busca traçar um balanço historiográfico a respeito de como identidades de gênero têm sido trabalhadas (ou negligenciadas) para o estudo das comunidades da Idade do Ferro bretã.

O debate contempla, em especial, um conjunto de recorrentes anacronismos projetados em relação ao passado, explicando como e por que devemos superá-los. Os capítulos que seguem representam, assim, uma alternativa de como explorar temáticas associadas à construção de diferenças sociais e de gênero a partir da cultura material de um modo mais rico e complexo. O **Capítulo 6** foca exclusivamente nos ritos de comensalidade e na deposição de itens de banquete em contextos fúnebres. O **Capítulo 7**, por sua vez, discute a utilização de adornos pessoais e sua ocorrência nas tumbas de Yorkshire. Enterramentos com espadas, lanças, escudos e *performances* marciais em geral são abordados em detalhes no **Capítulo 8**, ao passo que as tumbas com carros serão discutidas exclusivamente no **Capítulo 9**. O **Capítulo 10** oferece uma valiosa perspectiva cronológica ao debate, focando diretamente em um conjunto de enterramentos encontrados nos últimos estágios de utilização dos cemitérios na região, por volta do século I a.C./d.C.. Por fim, o **Capítulo 11** traça um debate a respeito de enterramentos divergentes encontrados em alguns dos cemitérios estudados: isto é, tumbas que não se encaixam nos padrões de sinalização identitárias e de gênero ou divergem significativamente deles, quando comparadas às demais. Ao invés de ignorar ou desconsiderar esses casos como “exceções”, como costuma ser a posição historiográfica tradicional, o capítulo levanta uma série de possibilidades interpretativas que podem nos auxiliar a entender essas tumbas em suas especificidades.

Um conjunto de **Considerações Finais** é oferecido, delineando alguns dos principais pontos vistos e desenvolvidos ao longo da tese. Além disso, um **Volume II** foi elaborado de modo a conter o **Catálogo de Enterramentos da Idade do Ferro em Yorkshire**, apresentando de forma organizada todos os casos discutidos ao longo da pesquisa. Cada tumba foi devidamente registrada em fichas individuais, descrevendo os achados a partir das categorias eleitas como relevantes para a pesquisa.

1. O norte antigo:

Seu ambiente, seus ocupantes, seus mortos

Os mortos ocupam o mundo dos vivos. Ao menos fisicamente. Esse é um truísmo particularmente visível quando o funeral escolhido envolve o enterro de um cadáver, ao invés da cremação e dispersão de cinzas ou a escarnação e deposições aquáticas. Embora condensem simbolismos religiosos, míticos e cosmológicos a respeito da vida, da morte e dos deuses, enterramentos são, em sua excelência, construções que existem em ambientes físicos específicos. Em muitos casos, como ocorre em Yorkshire, essas tumbas são escavadas estrategicamente de modo situacional, às vezes em uma proporção numérica tão grande, a ponto de revelar um conjunto de aspirações projetadas no mundo e resultar na criação de uma paisagem ancestral que une o mundo dos vivos ao mundo dos mortos (Cf. **Capítulo 3**). No entanto, tais projeções se dão a partir de características regionais relevantes, adaptando o conjunto de ações humanas à geografia e o ambiente ocupado.

1.1.Delimitação da região estudada

A maior parte dos enterramentos da Idade do Ferro em Yorkshire está localizada em uma área conhecida como Yorkshire Wolds. Os Wolds são um conjunto de vales e platôs elevados a 50-200m de altitude, que formam um arco em “C” por cerca de 1350km² a partir do estuário de Humber até o Mar do Norte (NEAL, 2006, p. 86; STOERTZ, 1997, p. 3). A geografia local apresenta uma forte unidade topográfica marcada por baixas colinas e vales secos, isto é, frequentemente privados de cursos d’água (permanentemente ou sazonalmente). Esses vales são conhecidos regionalmente como *dales* ou *slacks* e dois importantes cemitérios da Idade do Ferro na região são nomeados fazendo uso de tais termos: Wetwang Slack e Garton Slack. Stoertz (1997, p. 3) chamou a atenção para o fato de que o terreno elevado dos Wolds se destaca marcadamente na geografia da região de modo semelhante a uma ilha, já que por todos

os lados ele é circundado por áreas de baixa altitude, como é o caso do Vale de Pickering ao norte, separando os Wolds de Yorkshire Moors, o Vale de York a oeste e a planície de Holderness, situada a sul e a leste ao longo da costa do Mar do Norte.

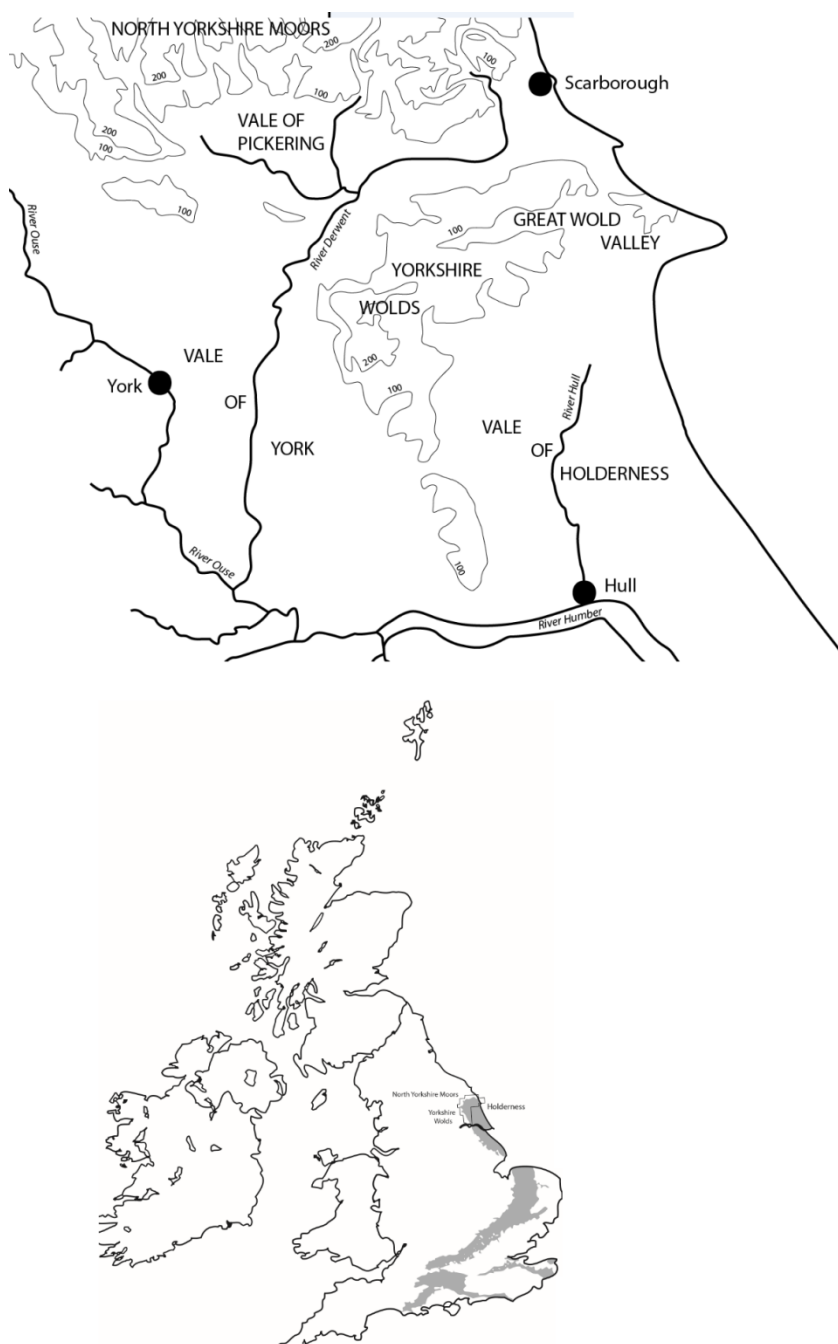


Fig. 1.1. A região de Yorkshire e suas principais microrregiões. Fonte: Giles, 2012

A concentração de cemitérios da Idade do Ferro nos Wolds é uma consequência do histórico de uso da região durante a pré-história. Indícios de ocupação e utilizações

rituais da paisagem podem ser identificados desde o quarto e terceiro milênio a.C. (STOERTZ, 1997). Sendo boa parte do solo encontrado na região composta por calcário vermelho (*red chalk*) cretáceo³, tal formação geológica, como aponta Wrathmell (2005, p. 1), deve ter desempenhado um fator contribuinte para ocupação oferecendo um terreno relativamente drenado e propício ao assentamento desde cronologias iniciais. Boa parte da costa leste-sul da Inglaterra é constituída por um solo semelhante, em especial o condado de Lincolnshire, imediatamente ao sul do Humber. É provável, ainda, que determinados atributos do solo calcário avermelhado tivessem conotações simbólicas para além de questões voltadas à fertilidade da terra, talvez associadas à morte e demais metáforas religiosas. Essa possibilidade é, por um lado, reforçada pelo caráter “mágico” da aparência desse tipo de solo que, quando escavado, passa a perder gradualmente sua coloração avermelhada adquirindo tons rosáceos e esbranquiçados com o tempo, portanto, se transformando. Além disso, pedras vermelhas de calcário foram utilizadas em diferentes ocasiões como adornos de objetos encontrados em contextos fúnebres (por exemplo, em broches), indicando uma utilização análoga à de substâncias importadas como o coral – novamente uma matéria avermelhada que tende a descolorar e adquirir uma tonalidade esbranquiçada com o tempo, em muitos contextos. É provável, portanto, que um conjunto de metáforas associadas a poderes transformadores estivessem sendo articuladas não apenas em relação à cultura material, como também ao ambiente físico e às matérias-primas disponíveis (Cf GILES, 2007a para um argumento semelhante aplicado à metalurgia).

1.2.O paleoambiente de Yorkshire durante a Idade do Ferro

Diferentemente de outras regiões como as Midlands, East Yorkshire conta não só com uma longa área costeira ao longo do Mar do Norte, mas possui também o maior estuário do norte britânico, o Humber, que permite simultaneamente a navegação para áreas marinhas e para o interior do território. Estudos de paleoambiente estimam ainda

³ Estima-se que o calcário encontrado na costa leste inglesa seja o resultado de aproximadamente 35 milhões de anos de concentração de cocolitoforídeos, isto é, algas planctônicas calcificadas. Durante o período Cretáceo tardio (cerca de 100 milhões de anos atrás), a área banhada pelo Mar do Norte se encontrava a 10 graus mais ao sul e os níveis das águas do mar estavam elevados por algumas centenas de metros (NEAL, 2010, p. 9–10).

que durante a Idade do Ferro, tanto o nível marinho quanto o nível das águas fluviais estivessem elevados e, além disso, diferentes momentos ao longo dos anos 780 a.C., 600 a.C. e 330 a.C. são marcados por episódios de inundações e alagamentos, convertendo áreas ao redor de rios em pequenas ilhotas e *wetlands*, isto é, zonas alagadas e pantanosas (MACKLIN; JOHNSTONE; LEWIN, 2005; HALKON, 2013, p. 46–50). Esses alagamentos, além de criarem um grande canal aquático em sentido norte-sul paralelo à região dos Wolds ao longo da pré-história, podem ter tido um grande impacto, ainda, na tecnologia do ferro na região, como Halkon (2011, 2013, p. 47) argumentou. Isso porque a ocorrência de inundações aumenta a erosão e deflúvio resultando em um maior processo de sedimentação de minérios de ferro e consequentemente facilitando sua extração a partir de depósitos sedimentares. Se as projeções visuais contemporâneas em relação ao paleoambiente da Idade do Ferro na região estiverem corretas, essa relação entre prática metalúrgica e ambiente físico parece de fato ser reforçada pela localização de muitos sítios localizados ao longo de tais áreas fluviais e pantanosas onde é possível encontrar evidências de trabalhos metalúrgicos sendo realizados no período La Tène.

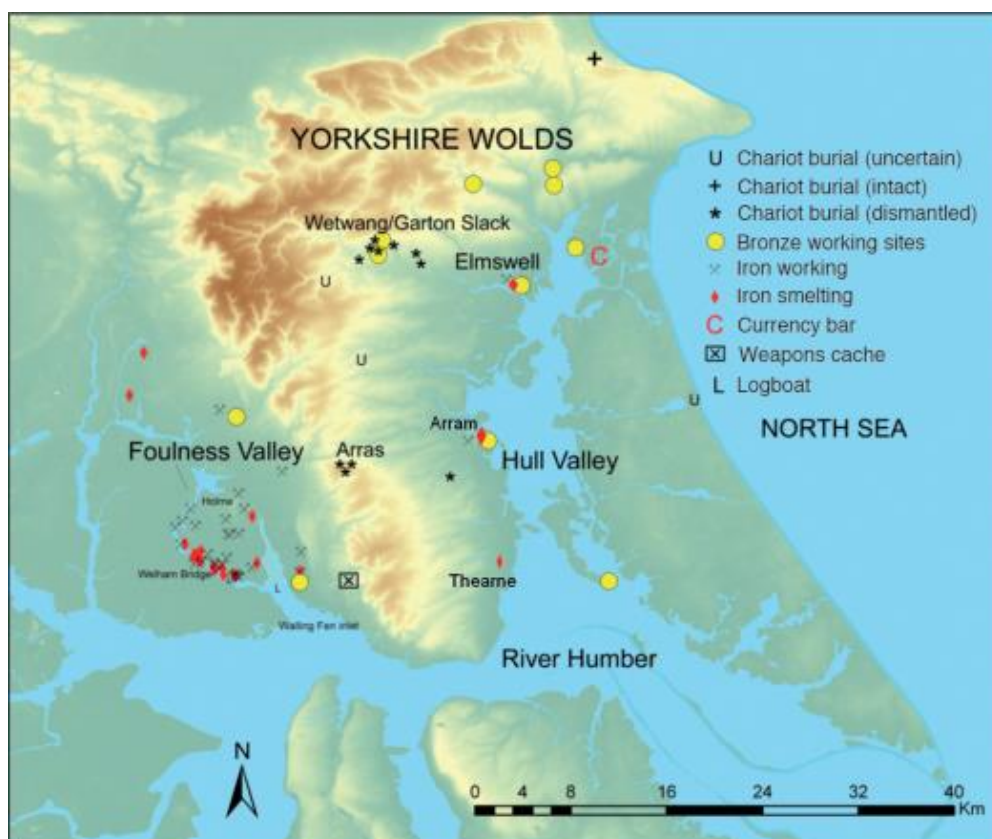


Fig.1.2 : Mapa de East Yorkshire mostrando uma reconstrução hipotética do paleoambiente regional durante a Idade do Ferro. A imagem assinala, ainda, a distribuição de alguns sítios com atividades metalúrgicas, depósitos de armas e enterramentos com carro na região. Fonte: Halkon, 2011, fig. 13.

Apesar do alagamento, boa parte dos Wolds, no entanto, contava apenas com limitados recursos hídricos disponíveis. Além de pequenas reservas, lagos e poços, muitas áreas eram abastecidas por cursos d'água nomeados como *gypseys*. Esses *gypseys* eram córregos e rios de tipo intermitente, ou seja, eles variavam sazonalmente passando por períodos de cheias e outros períodos de baixa, por vezes chegando a desaparecerem na paisagem. O fluxo desses córregos novamente, como o solo local, indica um poderoso elemento de transformação cíclica, marcado por períodos de transição. Em alguns casos, um conjunto de construções monumentais religiosas como *henges* e menires do Neolítico são localizados ao longo de seus cursos, como ocorre na região de Rudston ao longo do Gypsey Race (o maior desses córregos encontrados nos Wolds), fazendo com que o local tenha se transformado em um ponto de foco para a construção de cemitérios durante a Idade do Ferro. Em outros sítios, como Garton Station, enterramentos foram construídos diretamente na parte do terreno cortada por essas águas indicando uma associação direta entre a paisagem mortuária e esses *gypseys*. Esses cursos hídricos parecem ter desempenhado um papel importante ainda, não apenas para a localização de determinados cemitérios, mas também relacionados a escolhas de locais para assentamento, embora, por vezes, tenham também oferecido perigo, já que em diversas ocasiões enchentes poderiam ocorrer (MORTIMER, 1905, p. 233; RAMM, 1978, p. 3; BREWSTER, 1980, p. 84, 114; GILES, 2012, p. 218–219).

Na planície de Holderness, a maior área alagada de East Yorkshire durante a Idade do Ferro, diferentes relações de ocupação podem ser observadas ao longo do primeiro milênio a.C.. Didsbury (1990, p. 344) demonstrou que a área passou a ser colonizada cada vez mais sistematicamente ao longo da Idade do Ferro Média e Tardia e levantou a possibilidade de que boa parte dessa intensificação nos padrões de ocupação da área estivesse relacionada ao aumento de pressões sociais na área dos Wolds. Embora as evidências fúnebres encontradas nas planícies ocorram em números inferiores às das dos Wolds, Holderness nos revela a presença de pequenos agrupamentos de tumbas situadas intencionalmente próximas a cursos d'água, em alguns casos até mesmo longe de assentamentos, indicando um ideal religioso-

mortuário diretamente associado à água (DIDSBURY, 1990, p. 343). É possível que, aqui, o mesmo princípio encontrado nos cemitérios dos Wolds estivesse sendo colocado em prática, isto é, elementos naturais da paisagem física eram incorporados na construção da paisagem ancestral através de ritos mortuários. Dada a característica alagada das terras baixas, não é de espantar, portanto, que parte das projeções religiosas encontradas em Holderness estivessem diretamente conectada a tais aspectos da geografia local.

A proximidade com ambientes aquáticos alagados parece ter desempenhado um papel fundamental para os habitantes da Idade do Ferro na região, também em termos de locomoção e circulação. Essa é uma possibilidade reforçada pela descoberta de diferentes embarcações pré-históricas na região, como por exemplo o achado de Hasholme: um massivo barco de 30 toneladas e 14 metros de comprimento feito a partir de uma tora de carvalho e que data possivelmente de 322-277 a.C., encontrado em uma região que foi drenada em Holme-on-Spalding Moor, a apenas 3-4 horas de caminhada, aproximadamente, do cemitério de Arras (MILLETT et al., 1987; HALKON, 2011, p. 136)⁴. Curiosamente, a proximidade com ambientes marinhos não ocasionava um grande impacto na dieta local - um fato atestado em diversas análises isotópicas de esqueletos encontrados nos cemitérios da Idade do Ferro na região, como no sítio de Wetwang Slack, que revela uma total ausência de alimentos de origem marinha como peixes, crustáceos e frutos marinhos em geral (JAY; RICHARDS, 2006, 2007). É provável que certo tabu ou prescrição alimentícia nesse sentido existisse e Chadwick (2008, p. 214) já levantou a possibilidade de que as comunidades da Idade do Ferro na região talvez nutrissem uma relação ambivalente em relação ao mar e a rios, atribuindo-lhes um sentido de agenciamento e intenções próprias que, por vezes, poderiam ser malignas (e resultar em mortes).

Os resultados da proximidade com o mar, contudo, se faziam sentir de outras formas: não apenas através da possível movimentação em pequena escala de pessoas

⁴ O local onde o barco foi depositado era rico em minerais de ferro, por se tratar de uma região pantanosa produzindo o chamado *bog iron ore* (mineral de ferro dos pântanos), e o barco apresentou ao longo de sua estrutura diversos sinais de descoloração e de pigmentação alaranjada devido à grande concentração do minério e seu contato com a madeira (HALKON, 2011, p. 136-138). Vários ossos de gado bovino foram encontrados dentro da embarcação. Ainda não estão claras as exatas condições que levaram o barco a ter sido encontrado do modo como foi, embora alguns como Ransley (2002, p. 39-40) tenham levantado a possibilidade de que ele tenha sido intencionalmente afundado como parte de um ritual de desuso/destruição no formato de uma oferenda votiva.

entre o norte bretão e o continente (comerciantes, viajantes, cônjuges, aliados, aventureiros, pessoas aparentadas etc.), mas também através da circulação de bens e matérias-primas. Um ótimo exemplo da cultura material nesses termos está vinculado à obtenção de coral vermelho, uma substância valiosa e rara, importada (direta ou indiretamente) de regiões longínquas do Mediterrâneo. Além disso, estudos já demonstraram que o padrão de distribuição de cerâmicas, contas de vidro e elaborados trabalhos metalúrgicos frequentemente indicam que esses itens poderiam ser transportados ao longo de rios através de redes de troca e contatos (CHADWICK, 2008, p. 214; KNIGHT; HOWARD, 2004, p. 87). A presença de várias outras embarcações pré-históricas em East Yorkshire, no Humber e seus afluentes para outros condados vizinhos, como – além do caso de Hasholme – atestam os achados em Ferriby, Kilnsea, Brigg, Scotter, Appleby, Whiternsea, Hornsea e South Carr (VAN DE NOORT, 2004) são todas evidências que atestam a importância de deslocamento por vias aquáticas às populações assentadas nessa região.

Embora os habitantes da Idade do Ferro dos Wolds ocupassem uma área relativamente afastada e composta por vales secos, as comunidades de Yorkshire, podem ser, apesar de tudo, consideradas “comunidades hidráulicas” (EVANS, 1997) onde rios, estuários e o mar desempenhavam todos um importante papel conectando determinados indivíduos e assentamentos a regiões geograficamente afastadas. Cunliffe (2009, 2013, p. 315–316) chegou mesmo a defender a ideia de uma “zona cultural do sul do Mar do Norte” (*southern North Sea cultural zone*) como uma explicação para algumas das semelhanças e proximidades observadas na Idade do Ferro entre regiões da costa leste bretã e do norte europeu na França, Bélgica e Países Baixos, embora seus argumentos tenham recentemente sido alvo de críticas por serem seletivos e difusionistas, em vez de privilegiarem uma lógica de mão dupla (WEBLEY, 2015, p. 138). Seja como for, a utilização de rotas fluviais e marítimas que conectavam a região com outras partes das Ilhas Britânicas e do continente sem dúvida tiveram um papel importante para a obtenção e circulação, não apenas de bens, mas também de ideias artísticas, recursos tecnológicos e padrões estéticos, embora as intensidades e os modos como essas trocas se davam fossem altamente variáveis, atendendo a lógicas e necessidades específicas locais.

As condições geográficas e climáticas da região durante a Idade do Ferro desempenharam, ainda, um papel no favorecimento de determinados meios de produção de alimentos para as comunidades assentadas na região. O clima mais úmido e relativamente mais frio que o da Idade do Bronze parece ter proporcionado as condições ideais para o favorecimento de gramíneas e, conseqüentemente, para a produção de grãos e cereais (que nada mais são do que um subtipo de gramínea) (BUSH, 1993; REYNOLDS, 1987; REYNOLDS; BELL, 1976). Em Yorkshire essas condições climáticas foram estrategicamente incorporadas ao sistema de vales encontrados no ambiente, onde frequentemente as partes mais elevadas de platôs e colinas eram destinadas à agricultura, já que enchentes regionais costumavam ser comuns nas partes mais baixas dos vales (PECK, 2009, p. 14–25). O favorecimento de gramíneas traduz-se, em especial, em uma produção mista, na qual a produção de grãos estava combinada à prática pecuária. Essa é uma prática detectável desde pelo menos os séculos V-IV a.C. na região, como datações científicas de grãos carbonizados encontrados em assentamentos como os de Garton e Wetwang Slack atestam (CUNLIFFE, 2005, p. 308). Dada a natureza ácida do solo da região dos Wolds é provável que determinado uso cíclico, permitindo períodos de regeneração, fossem empregados e, historicamente, a agricultura na região tem se utilizado de recursos de adubação orgânica e calagem para a produção (GILES, 2012, p. 55).

1.3. Um contexto de ocupação da região durante a Idade do Ferro

Embora as populações da Idade do Ferro costumem ser idealizadas pela contemporaneidade como amantes da natureza e detentoras de uma religião harmônica e eco-amigável, as evidências arqueológicas sobre as interações entre “populações humanas” e “natureza”, durante o período, apontam para uma realidade oposta. Particularmente em Yorkshire, é possível observar um significativo aumento do processo de desmatamento de florestas, bosques e matas locais, motivado, em grande parte, pelo crescimento populacional e pela intensificação das práticas agrícolas e da pecuária na região (CUNLIFFE, 2005, p. 307; DIDSBURY, 1990, p. 343; HALKON;

INNES, 2005, p. 248; HEY, 2011, p. 24; PECK, 2009, p. 15). O aumento da produção agrícola, no entanto, trazia consigo, também, dificuldades.

Um dos principais desafios que as comunidades pré-históricas tinham de enfrentar diz respeito ao armazenamento de alimentos. Em um mundo sem pré-conservantes, condimentos químicos e onde o sal era escasso e não utilizado para a conservação, diferentes alternativas foram encontradas pelos antigos bretões para lidar com esse problema. Em alguns casos, os alimentos eram guardados em granéis e celeiros elevados, no topo de estruturas sustentadas por postes, evitando que os produtos da colheita fossem alvo de ataques por animais (como roedores) e pudessem receber ar fresco. No entanto, uma prática oposta a essa era também bastante popular durante a Idade do Ferro: a criação de poços subterrâneos de armazenamento. Esses poços mediam na maior parte 1,5m de diâmetro e 1-2 metros de profundidade e eram selados com argila quando totalmente preenchidos. Isso permitia que os grãos depositados fossem preservados na medida em que os poços criam um ambiente de armazenamento anaeróbico, auxiliando na conservação dos alimentos por um longo período de tempo (REYNOLDS, 1987, p. 56–57, 1996, p. 187). É provável que muitas dessas estruturas carregassem simbolismos religiosos particulares (talvez associados a atributos de fartura, poder de geração e abundância) e, em Yorkshire, em alguns casos, deposições votivas são encontradas em seu interior, com objetos distintos como itens de metalurgia e tecelagem (Cross Ref). Em regiões do sul bretão esses simbolismos parecem ter sido tão valorizados ao ponto de terem sido incorporados aos rituais fúnebres resultando em uma tradição arqueológica conhecida como *Pit Burials*, em que inumações foram sistematicamente depositadas, não em covas, mas em poços de armazenamento de comida (WAIT, 1996; WHIMSTER, 1981).

É importante destacar ainda que o armazenamento de alimentos era um elemento crucial, não apenas para a garantia da vida humana durante temporadas de adversidades, como é o caso do inverno na região dos Wolds, mas também tinha um papel fundamental para a garantia de um sistema pastoril bem sucedido. Cabras e ovelhas, em geral, necessitam cerca de 4kg de palha por dia e a quantidade para bovídeos pode chegar até 15kg (REYNOLDS, 1987, p. 56). É provável que durante as épocas quentes do ano, boa parte do gado fosse alimentada livremente em áreas de pastos, talvez até mesmo alternando essas áreas com as de cultivo. Dada a geografia de Yorkshire na pré-

história, em particular durante a Idade do Ferro, é possível que os rebanhos fossem levados também a áreas próximas mais pantanosas ou aguadas, inadequadas para a agricultura, mas que, no entanto, ofereciam bom pasto para os animais. Embora a princípio possa parecer inadequado locomover cabeças de gado a tais distâncias apenas para o pasto, a ação poderia ao mesmo tempo suprir demais necessidades permitindo que os animais se abastecessem de líquidos em córregos e riachos encontrados ao longo do caminho, como as *gypseys* que banham a região. Essas relações deveriam variar de assentamento a assentamento com base na geografia local e nos recursos hídricos disponíveis. Além disso, diferentes rebanhos de animais tinham diferentes necessidades. Reynolds (1987, p. 53) destaca, por exemplo, que a raça de ovelha pré-histórica encontrada nas Ilhas Britânicas não necessitava de tanta água e podia suprir a maior parte de suas necessidades diárias através da umidade do pasto⁵. Esse poderia ser inclusive um importante fator que explicaria, em parte, o sucesso e a recorrência de tais animais em uma região como a dos Wolds, marcada por um sistema de vales secos. Curiosamente, apesar de ossadas bovinas serem encontradas em grande número nos assentamentos da região, esses animais nunca são encontrados em contextos fúnebres, enterrados junto aos mortos.

É possível imaginar, ainda, que as associações tão vitais à vida entre “água”, “gado” e “pasto” estivessem diretamente relacionadas à importância dada a determinados ambientes aquáticos por muitas dessas comunidades. Seja como for, a construção de uma malha de recursos de terraplanagem, que se estendem por quilômetros e conectam assentamentos, cemitérios e recursos naturais (como madeira e água), atesta a importância da movimentação rural e a negociação de noções de direitos e acessos entre populações vizinhas. (GILES, 2007b, 2007c). Para as comunidades da Idade do Ferro a vida era dividida em diferentes ciclos e ditadas por diferentes biorritmos, uma realidade à qual não apenas os homens estavam submetidos, mas todos os demais seres. Isso pode ser percebido em especial a partir da troca das estações, dos ciclos agrários e da divisão de tarefas específicas para cada um desses estágios (CHADWICK, 2008; REYNOLDS, 1987, 1996).

⁵ Contudo, durante o inverno, se alimentadas com palha seca, as ovelhas necessitavam ter alguma forma de acesso direto à água (REYNOLDS, 1987, p. 53).

Desde a Idade do Ferro, é provável que boa parte dos Wolds já tivesse sido amplamente convertida em regiões de pastos. Se esse for de fato o caso, as áreas de madeira estavam muito provavelmente limitadas a apenas algumas determinadas localidades específicas (GILES, 2012, p. 55) e/ou áreas circunvizinhas, como o vale de Foulness e Hasholme (HALKON, 2008; HALKON; INNES, 2005). A arqueologia, no entanto, nos indica que uma diversidade de árvores como o carvalho, teixo e salgueiro eram cortadas e provavelmente estocadas de modo constante – reforçando, novamente, um processo de desmatamento de muitas áreas. A obtenção de madeira poderia servir a finalidades distintas que iam desde sua utilização em assentamentos (como parte das estruturas de habitações, ou lenha, por exemplo, para o aquecimento e a culinária), ou seu emprego em atividades metalúrgicas (como carvão vegetal), seu uso em trabalhos de marcenaria, incluindo a escultura de figuras (como as de Roos Carr), a confecção de partes de objetos metálicos (como as bainhas das espadas encontradas) e de valiosos meios de locomoção e transporte (como os carros e barcos escavados na região); seu uso poderia, até mesmo, ocorrer em uma função puramente ritual e funerária, no formato de caixões fúnebres.

Devido à grande quantidade de enterramentos encontrados em Yorkshire, há uma pluralidade de ocorrências em se tratando de suas localizações espaciais. O cemitério de Cowlam, cuja datação parece sugerir um período relativamente inicial (séc. V-IV a.C.), ocupava um terreno topograficamente mais elevado (STEAD, 1986). Outras tumbas, por sua vez, como aquelas encontradas em Wetwang Village, Grimthorpe, North Grimston, Hanging Grimston, Bugthorpe, Bridlington, Acklam e Knapton Wold aparecem em número inferior a 5 e/ou isoladas, ocupando regiões quase sempre fronteiriças entre os Wolds e demais áreas circunvizinhas. Os próprios cemitérios da região tinham números variantes. Por vezes, eles contavam apenas com algumas dezenas de tumbas; em outros casos, com centenas e mais centenas de enterramentos, como é o caso de Danes Graves e Wetwang Slack, por exemplo, ambos os sítios contendo quase mais de 400 enterramentos em um dado momento. A paisagem mortuária era construída se orientando não só por elementos da geografia local, mas também a partir de construções humanas, localizando-se próxima a monumentos fúnebres milenares, ou na interseção ou ao longo de extensas estruturas de terraplanagem que cortavam a região (Cf CROSS). Alguns padrões de distribuição, no entanto, podem ser observados.

Se vistos em conjunto, boa parte dos cemitérios da Idade do Ferro em Yorkshire revela uma concentração em áreas topograficamente semelhantes. Suas localizações, embora não seguissem regras específicas em todos os casos, não eram simplesmente fruto do acaso. A maior parte das tumbas encontradas até hoje se concentra nas partes mais baixas próximas às bases dos vales, como ocorre nos cemitérios de Wetwang-Garton, Rudston e Burton Fleming. É possível que tais localizações atendessem a funções simbólicas e práticas, já que essas são as partes dos terrenos mais comumente alagadas em períodos de cheia e chuva intensa. Tal divisão, portanto, feita com base na topografia local, permitia não apenas que áreas mais elevadas fossem estrategicamente destinadas à agricultura, como poderiam também refletir um conjunto de metáforas religiosas associadas a diferentes “elevações” e à “água”. De qualquer forma, a distribuição de enterramentos estava fortemente vinculada às características físicas de determinadas localidades e a um conjunto de aspirações e necessidades sociais (variantes no tempo) que condicionavam a configuração dos cemitérios.

Escavações arqueológicas realizadas em assentamentos, como aquelas empreendidas por Brewster (1980) e Dent (1982, 1984) nos vale de Garton-Wetwang Slack, atestam que as comunidades de Yorkshire estavam bem assentadas, se organizando em unidades relativamente dispersas na paisagem semelhantes a “fazendas”. Apesar de espaçadas, essas habitações estavam conectadas por malhas de terraplanagem que formavam rotas e caminhos, organizando os assentamentos ao longo de seu percurso de modo semelhante ao de pequenas aldeias ou vilarejos (DENT, 1982; CUNLIFFE, 2004). Dent (2010, p. 22–23) chegou inclusive a cunhar o termo *drove-way settlement*, para descrever tais formas de ocupação, orientadas ao longo de vias de acesso específicas. Todas as habitações encontradas na região possuíam plantas circulares características da Idade do Ferro bretã e da faixa Atlântica europeia (CUNLIFFE, 2005, 2013; HENDERSON, 2007; POPE, 2007; VILA, 2008). Elas apresentam diâmetros que poderiam variar entre 4 a 14 metros, mas, em geral, medindo entre 6,5 – 9,5 metros (CUNLIFFE, 2005, p. 308; DENT, 2010, p. 50; GILES, 2012, p. 86). Curiosamente, essas casas revelam certa homogeneidade entre famílias não apresentando atributos tradicionais de rígidas hierarquizações ou distinções sociais em termos de arquitetura doméstica, embora Giles (2012, p. 82) tenha chamado a atenção para a existência de trincheiras circundando algumas construções como um possível mecanismo de distinção social.

As habitações encontradas costumam ter suas entradas orientadas para o leste e/ou sudeste. Essa orientação tem sido interpretada pela historiografia a partir de diferentes perspectivas. Tradicionalmente, ela costuma ser interpretada em termos de preocupações cosmológicas e metáforas religiosas associadas à estruturação da vida (FITZPATRICK, 1994; OSWALD, 1997; PARKER PEARSON, 1996, 1999). No entanto, é possível que tais orientações tivessem apenas funções práticas relacionadas à otimização da luz do sol, privacidade e proteção contra ventos vindos do oeste (POPE, 2007). Para as sociedades antigas, explicações cosmológicas frequentemente se encontram em diálogo com o universo natural e, talvez, ambas as conotações, simbólicas e práticas, não estivessem divorciadas, mas, ao contrário, se complementassem (GILES, 2012).

Muitas das estruturas domésticas encontrados em Yorkshire, em especial a partir dos séculos III-II a.C., costumam se concentrar em núcleos de três ou quatro construções, formando pequenos complexos domiciliares, por vezes delimitados por cercas que englobam um campo em comum (GILES, 2007b, p. 240). Uma parte considerável delas, como atestam casos em Wetwang e Garton, foram sistematicamente reconstruídas em diferentes momentos a partir das mesmas fundações originais, às vezes, expandido suas dimensões. Além de possivelmente indicar um crescimento populacional, ou talvez, um aumento de ambições e pretensões por parte de determinadas famílias, essas sucessivas reconstruções atestam um esforço de preservação com laços ancestrais de pertencimento, linhagem e continuidade, conforme demonstrou Giles (2012, p. 77–8, 87–8), relevando-nos uma prática análoga àquela observada em alguns cemitérios. Isso porque muitos enterramentos costumam ser intencionalmente criados nos espaços disponíveis entre tumbas antigas ou como inserções secundárias a sepulturas iniciais, revelando um esforço semelhante de se criar uma conexão e proximidade entre indivíduos (no tempo e espaço).

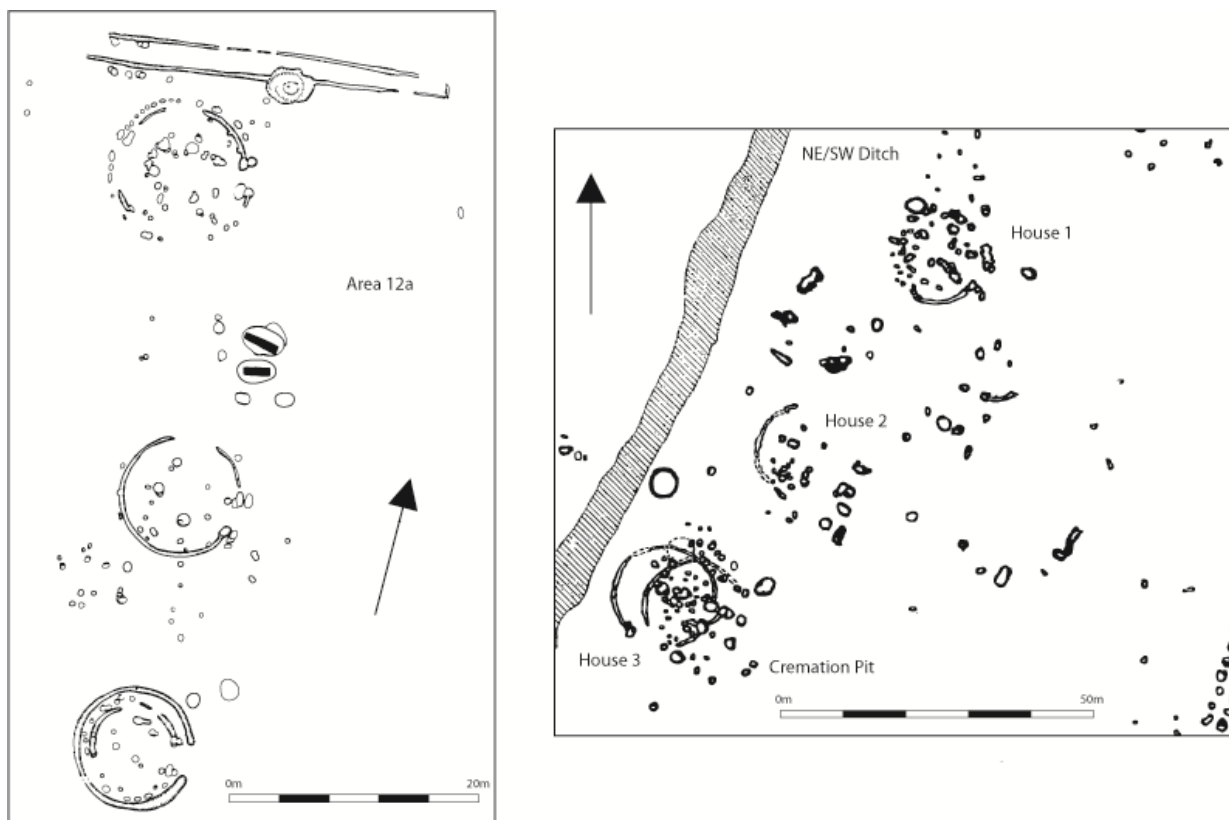


Fig. 1.3. Planta de casas escavadas em Wetwang-Garton, revelando padrão de orientação compartilhado e reestruturação sucessivas. Fonte: Giles, 2012.

Durante boa parte da Idade do Ferro Média muitos desses assentamentos revelam uma característica “aberta”, sendo desprovidos de grandes cercamentos ou fortificações como muros. Essa é uma diferença significativa para com períodos anteriores como a Idade do Bronze tardia e uma parte da Idade do Ferro inicial, em que determinadas fortificações em topos de colinas (*hillforts*) podem ser identificadas. As estruturas de assentamento, no entanto, começam a mudar gradualmente na Idade do Ferro tardia, passando a adotar um modelo fechado-linear característico da região, conhecido arqueologicamente como *ladder settlement*, devido aos seus traçados semelhantes a uma escada ou jogo da velha, se vistos do céu (ATHA, 2007; CHADWICK, 2008, 2009; DERYCH, 2012; GILES, 2007b, 2007c; STOERTZ, 1997). Esse modelo, em algumas ocasiões como visto em sítios do vale de Wetwang-Garton e do Great Wolds, representa uma intensificação de assentamentos ao longo de vias e percursos, mas, em outros casos, pode ocorrer também de modo independente, quando um conjunto de habitações passam a se agrupar em regiões delimitadas sem a evidência de longos percursos

guiando sua orientação (FERRABY et al., 2017; MILLETT; WALLACE, 2017, p. 13–14). Muitos assentamentos tardios trazem, assim, consigo, a criação de novos marcos e divisões sociais na paisagem, dividindo-a em setores específicos que atestam mudanças comportamentais a respeito de noções como pertencimento e direitos de acesso à terra e a recursos naturais (GILES, 2007b). Não coincidentemente, esse mesmo período, em especial a partir do século I a.C., revela também um gradativo desuso dos cemitérios, reforçando que se tratava de um momento marcado por amplas transformações sociais, não apenas em relação à vida social, mas também a respeito dos relacionamentos construídos com os mortos.

1.4. Os mortos enterrados na Idade do Ferro em Yorkshire: uma discussão osteológica dos achados

O corpo humano tem ocupado um papel importante como objeto de análises históricas. Hoje, admite-se que “a concepção do corpo, seu lugar na sociedade, sua presença no imaginário e na realidade, na vida cotidiana e nos momentos excepcionais sofreram modificações em todas as sociedades” (LE GOFF; TRUONG, 2006, p. 10). A historiografia tem explorado, assim, a historicidade de ideais de beleza, estética, a configuração simbólica dos corpos e suas metáforas para a vida social, a representatividade corporal e os gestos, dentre outros aspectos. Todos esses são temas válidos (e necessários) à pesquisa, no entanto, eles costumam ser abordados quase sempre de maneira dissociada da materialidade que os corpos humanos possuem, em seu sentido biológico.

Corpos não são apenas constructos sociais abstratos. O nariz entupido com sinusite, a dor na coluna, o dente que incomoda quando se mastiga, o peito que chia quando se respira, a cicatriz exposta ao mundo, o osso quebrado que impede o movimento, são todos lembretes de um ponto fundamental, muitas vezes, esquecido por historiadores: corpos são feitos, antes de tudo, de ossos, dentes, tecidos, órgãos, músculos. Isso não anula, é claro, a importância das projeções sociais construídas a partir do corpo humano, pelo contrário. Estar atento a detalhes de origem biofísica

auxilia a elaborar um conhecimento mais completo das populações estudadas, na medida em que permite observar um conjunto de fatores diferenciados como: aspectos nutricionais, a ocorrência de traumatismos acidentais, doenças e atos de violência, possibilitando construir um entendimento social mais completo a respeito do passado.

Devido à natureza dos achados aqui estudados, contamos apenas com um conjunto de esqueletos encontrados em covas como o único tipo de evidência sobre os corpos das pessoas enterradas. Apesar de se tratar de uma limitação documental, que apresenta lacunas e desafios, muitas informações valiosas podem ser extraídas desses materiais ósseos. Um diálogo com a arqueologia, em especial, a parte da bioarqueologia, voltada ao estudo osteológico, é fundamental nesse sentido. Se a vida, o envelhecer e os incidentes que ocorrem ao longo da existência, moldam e condicionam nossos corpos, por vezes, deixando marcas, inclusive a nível ósseo, é importante mantermos nossos olhos abertos a tais ocorrências, buscando entender suas possíveis ramificações sociais.

Ao longo das últimas décadas diferentes análises dos materiais esqueléticos encontrados nas tumbas de Yorkshire foram elaboradas a partir de diferentes sítios e com diferentes objetivos em mente. A discussão oferecida a seguir se baseia, assim, nos dados produzidos por muitos desses relatórios osteológicos. A avaliação dos esqueletos encontrados no vale de Wetwang-Garton Slack foi feita por Janes Dawes e incorporada às monografias de sítio redigidas por Brewster (1980) e Dent (1984). Além disso, esses dados foram complementados e atualizados pelo estudo forênsico-patológico elaborado por King (2010a) e análises isotópicas feitas por Jay e outros, em diferentes momentos (JAY; RICHARDS, 2006, 2007; JAY et al., 2008; JAY, 2009). Já os esqueletos encontrados nos cemitérios do vale do Great Wolds foram todos analisados por Sheelag Stead, tendo os resultados publicados pelo catálogo de descobertas elaborado por Ian Stead (1991). As tumbas de Birdlington e Melton tiveram seus dados osteológicos publicados por Fenton-Thomas (2009, 2011). Os três esqueletos encontrados em Nunburnholme foram apenas descritos preliminarmente por Halkon et al. (2014, 2015; 2016) e o sítio aguarda ainda uma publicação formal. As duas inumações encontradas em Knapton Wold encontram-se em uma situação semelhante, embora o relatório oficial técnico ainda não publicado tenha sido gentilmente compartilhado com este autor pelas responsáveis pela análise laboratorial do material (JONES; TOLLEFSEN, 2017). Além

disso, estudos secundários como os de Giles (2012) e Watts (2005) buscaram discutir alguns dados da literatura osteológica combinados com demais contextos materiais da Idade do Ferro bretã, enriquecendo possibilidades comparativas e interpretativas. Contamos, atualmente, com 800 enterramentos, aproximadamente, que puderam ser submetidos a avaliações osteológicas modernas, embora nem todas as tumbas, naturalmente, tenham produzido ossadas suficientemente preservadas. A discussão a seguir está baseada, portanto, nas informações técnicas oferecidas pelos relatórios científicos, buscando combinar e articular os dados extraídos a considerações sociais que sejam relevantes ao presente estudo.

Embora os achados de Yorkshire tenham inspirado, durante boa parte do século XX, a ideia de invasões vindas do Continente em larga escala, os dados científicos obtidos a partir das ossadas disponíveis apontam em sentido oposto. Tanto análises isotópicas em geral como as baseadas exclusivamente em padrões de estrôncio atestam que a maior parte dos indivíduos enterrados nos cemitérios do Wolds, não só tinham origem local, mas também haviam passado boa parte de suas vidas nessa região. A formação calcária do terreno e os recursos hídricos encontrados em Yorkshire apresentam uma homogeneidade sólida o bastante a ponto de revelarem assinaturas características das regiões e deixadas nos ossos dos esqueletos escavados; um fenômeno beneficiado ainda pelo fato de que boa parte dos alimentos produzidos e consumidos era de origem local. Essa característica local é ainda reforçada quando comparada aos estudos isotópicos das ossadas encontradas na região, em períodos anteriores como o Neolítico e a Idade do Bronze (MONTGOMERY; COOPER; EVANS, 2007), e ainda em comparação com as plantas de muitos assentamentos que mostram uma sucessiva reocupação de muitas habitações como já visto.

A cultura material, no entanto, revela a movimentação de objetos e pessoas e, portanto, tais comunidades não eram fechadas ou isoladas. Alguns de seus indivíduos até apresentavam valores isotópicos ligeiramente distintos, indicando que eles, talvez, tenham passado parte de sua infância em outras regiões. Esse é particularmente o caso do homem enterrado com carro em Kirkburn (K5), que parece ter originalmente crescido em uma região mais ao norte, talvez, em North Yorkshire Moors (GILES, 2012, p. 116). Outros dois casos semelhantes foram encontrados em Wetwang Slack. Ainda que mínima, a ocorrência de tais movimentações poderia ser útil para entender

determinadas projeções de importância social, *status* ou até mesmo funcionamento de instituições como o matrimônio, caso existisse um padrão consistente em que determinado gênero estivesse sempre em movimentação, ou indivíduos “de fora” teriam recebido tratamentos diferenciados (de modo positivo ou negativo). Os dados, apesar de tudo, são mínimos nesse sentido e nenhum modelo ou conclusão pode ser traçado. Porém, a ausência de um padrão rígido para esses casos excepcionais talvez possa ser encarada por si só como uma evidência relevante. Isto é, não há uma regra e, tanto indivíduos que passaram parte de sua infância em regiões vizinhas como K5 e outros que cresceram e passaram toda a sua vida nos Wolds como WS453, WS454, poderiam ser enterrados de modo distinto, com veículos e tumbas monumentais. Além disso, não há uma conexão óbvia entre mobilidade e riqueza material fúnebre, e tampouco entre mobilidade e gênero. Os dois esqueletos com assinaturas isotópicas distintas encontrados em Wetwang Slack, caso tenham, de fato, passado parte de sua vida em outras regiões, eram de sexos opostos e foram ambos enterrados sem quaisquer itens, em contraposição ao sujeito achado em Kirkburn (JAY; RICHARDS, 2006, p. 656–657).

Sheelagh Stead (1991) chegou a traçar uma análise de variantes não-métricas encontradas nas ossadas dos cemitérios de Rudston e Burton Fleming, combinada a aspectos das estruturas dentárias dos esqueletos, buscando identificar grupos de afinidades e “famílias” a partir da incidência de determinadas constituições e de traços físicos específicos. Alguns casos se mostraram particularmente interessantes como os enterramentos de R97-R104-R107-R112 e os de BF24-BF25-BF27-BF37-BF40, que parecem estar (biologicamente) relacionados entre si e, quando mapeados, é possível identificar que ocupam posições relativamente próximas umas das outras na paisagem fúnebre. Infelizmente, apenas as ossadas desses dois sítios foram submetidas a tal possibilidade investigativa. Se correta, essa ideia poderia indicar um princípio de ordenamento fúnebre fortemente vinculado a atributos de consanguinidade e noções de familiaridade. No entanto, Giles (2012) problematizou muitas dessas deduções à luz de críticas teóricas recentes que colocam em cheque inferências feitas entre a correlação genética e estimativas de herdabilidade com base em evidências ósseas. Para a autora, esses traços são, na melhor das hipóteses, apenas um indício de afinidade geral entre a população assentada na região como um todo (GILES, 2012, p. 118–119). Na ausência de análises mais elaboradas, como as baseadas em amostras de DNA que poderiam

precisar o real grau de parentesco entre as pessoas enterradas, resta-nos esperar. Apesar disso, muitas outras informações podem ser obtidas a partir das ossadas encontradas.

As pessoas de Yorkshire eram particularmente mais altas que os demais habitantes da Idade do Ferro britânica. Enquanto a estatura média masculina era de 1,65m e a feminina 1,55m para muitos sítios do sul, como Maiden Castle (Dorset), em Yorkshire os valores médios são de 1,70m para homens e 1,60m para mulheres. Alguns cemitérios apresentavam populações mais altas que outras. As pessoas enterradas nos cemitérios do vale de Great Wolds costumavam ser um pouco maiores que aquelas do vale de Wetwang-Garton e alguns dos mais altos indivíduos foram encontrados em Garton Station e Kirkburn, com cerca de 1,75m. Embora valores acima de 1,65m sejam mais comuns entre a população masculina do que a feminina, algumas mulheres apresentavam uma constituição física notável, como é o caso da que foi encontrada em Wetwang Village com um carro, chegando a medir 1,72m de altura: uma altura não apenas proporcional à de muitos homens encontrados na região, como também maior do que a maioria dos homens da Idade do Ferro britânica. Temos poucos dados a respeito, mas é provável que certas constituições físicas distintas contribuíssem para a construção de determinadas identidades ou atributos sociais.

Se comparado a outros períodos, como o Neolítico ou a Idade do Bronze (cf. WHITAKER, 2011), a população encontrada na Idade do Ferro em Yorkshire apresenta uma relativa homogeneidade em termos de constituição física e altura, revelando vivências materiais relativamente equiparáveis e consistentes entre as várias comunidades que habitavam os vales da região (BREWSTER, 1980, p. 745). Para Halkon (2013, p. 85) esses fenômenos estariam associados a uma melhor alimentação e, de fato, esqueletos encontrados em diferentes outros sítios da Idade do Ferro britânica como em Danebury sofriam de várias deficiências em termos de vitaminas e nutrientes. Em Yorkshire, sinais de malnutrição – além de um conjunto de mazelas diversas – foram particularmente encontrados no cemitério de Melton, em especial durante sua fase de utilização inicial entre 780-530 a.C., mas também em alguns casos entre os séc. III-I a.C. (FENTON-THOMAS, 2011). Diferenças geográficas e cronológicas entre os sítios poderiam ocorrer, portanto, em termos de deficiências alimentares e consequentes doenças geradas por tais carências (como o possível escorbuto registrado em M

[A5]1818). Apesar disso, em geral, os cemitérios de Yorkshire revelam realidades de vida equiparáveis entre a maior parte dos indivíduos enterrados.

As taxas de mortalidade encontradas nos cemitérios da região são particularmente interessantes. Em linhas gerais elas atestam uma simetria sexual, isto é, homens e mulheres são encontrados em proporções relativamente semelhantes, havendo, inclusive, um pouco mais de mulheres do que de homens na maioria dos casos. Essa é uma realidade particular, já que em outras regiões das Ilhas Britânicas nos deparamos com realidades opostas, inclusive em termos de longevidade. Em Danebury, a idade dos homens enterrados era significativamente maior do que a das mulheres, atestando que eles viviam mais; já em Verulanium (King Harry Lane), enquanto a parcela feminina da população atingia uma idade de +40 anos, as inumações masculinas tinham uma média apenas de 17-25 anos (WATTS, 2005, p. 104). Trabalhos físicos, participação em combates armados, violência doméstica e a qualidade da alimentação são todos fatores que poderiam contribuir para tais diferenças e, talvez, diferenças de gênero mais rígidas estivessem em voga em outras regiões. Em Yorkshire não apenas homens e mulheres eram enterrados em proporções equiparáveis, mas também indivíduos de ambos os sexos atingiam idades sêniores em suas comunidades (+45 anos).

Um olhar cuidadoso, no entanto, é capaz de identificar uma relativa diferenciação entre os sexos no tocante às taxas de mortalidade. Muitas mortes femininas ocorrem em idade relativamente jovem (<25 anos) e o número se torna particularmente alto entre 25-35 anos, chegando a fazer com que 65% da população enterrada nessa faixa etária seja composta por mulheres. Ainda que indivíduos de ambos os sexos tivessem a chance de envelhecer e alcançar posições sêniores em suas famílias e comunidades, o processo parece ter sido particularmente mais desafiador para o setor feminino da população.

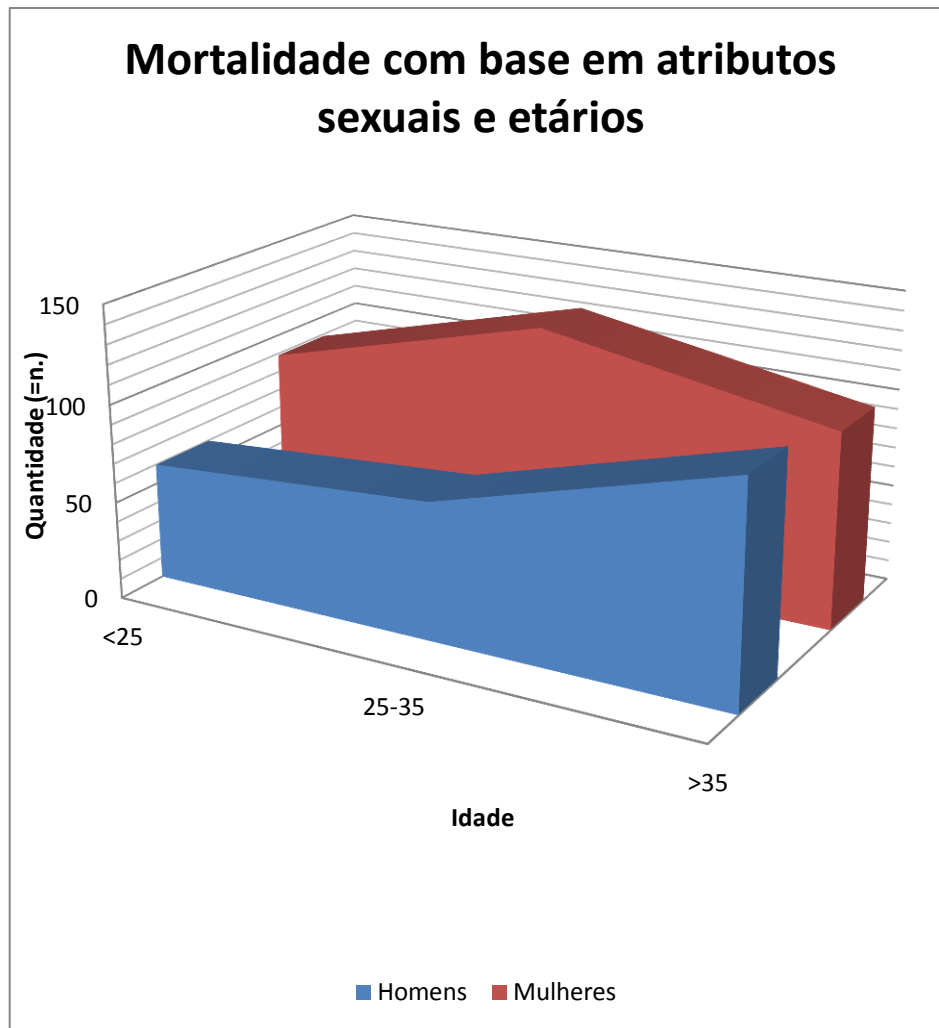


Gráfico 1.1: Índices de mortalidade na Idade do Ferro em Yorkshire com base em atributos etários e sexuais.

É provável que o índice elevado de mortes femininas nas faixas etárias assinaladas estivesse relacionado à gravidez. A gestação era um período de risco na Idade do Ferro, marcado por incertezas diversas. Herbert (1993, p. 91) destaca em seu estudo etnográfico que a gravidez é a atividade mais perigosa que uma mulher africana chega a desempenhar e, provavelmente, uma realidade semelhante pode ser imaginada para as comunidades bretãs aqui discutidas. Ainda que sejam difíceis de ser identificados e, portanto, raros, casos de complicações associadas à gravidez resultando em mortes podem ser encontrados em Kirkburn (K2, K6), Garton (GS7.4.1) e Wetwang Slack (WS156, WS309, WS5.1.1). Nessas tumbas, mulheres foram enterradas com fetos *in situ*, encontrados quase sempre na altura de suas pélvis. Em alguns casos, como o de K6

estima-se que o bebê de 9 meses tenha sido enterrado junto a sua mãe ainda preso ao cordão umbilical (STEAD, 1991, p. 136).

Apesar de essa realidade estar visível tão nitidamente apenas em algumas tumbas, é provável que o número de casos relacionados às gravidezes interrompidas fosse alto como atestam as taxas de mortalidade feminina na região – talvez, nem todos os casos resultando na morte da mãe e da criança, mas, sim, apenas de uma delas. Evidências isotópicas obtidas das ossadas de Wetwang atestam que o período de amamentação dos bebês com leite materno costumava ser otimizado e reduzido ao máximo possível e a partir de 2,5 anos as assinaturas isotópicas já são semelhantes às daquelas de adultos (JAY et al., 2008; JAY, 2009), indicando um conjunto de pressões sociais diversas diretamente associadas à maternidade e demais funções sociais. Curiosamente, ainda que complicações associadas à gravidez criem momentos particularmente traumatizantes, estando frequentemente acompanhadas por um conjunto de ansiedades culturais e expectativas políticas, reprodutivas, sociais, e familiares (INHORN, 2007), as inumações com fetos nos cemitérios de Yorkshire foram tratadas como os demais membros de suas comunidades, por vezes, ocupando locais privilegiados próximos a enterramentos com armas e carros. Acredito que esses sejam indícios de que um senso de importância e honra poderia ser atribuído a mulheres em algumas ocasiões, quando suas vidas foram interrompidas por conta de problemas gestacionais. A taxa relativamente elevada de mortalidade feminina durante períodos reprodutivos pode auxiliar ainda a entender o tratamento fúnebre diferenciado que algumas mulheres receberam quando atingiram idades avançadas, e não é de todo descabido imaginar que determinados ritos de passagem femininos estivessem associados a eventos biológicos importantes como a primeira gravidez ou a menopausa.

Artropatias e distúrbios osteomusculares, como osteoartrites, osteofitose, degeneração de cartilagem, vértebras e juntas era uma realidade comum a muitos indivíduos da Idade do Ferro britânica. Doenças da coluna são uma realidade também comum. Praticamente metade da população enterrada em Yorkshire apresentava níveis variantes de osteoartrites⁶. Tal mazela ocorre, em linhas gerais, com a mesma frequência entre homens e mulheres, atestando que indivíduos de ambos os sexos

⁶ Outras regiões das Ilhas Britânicas, no entanto, apresentam valores ainda mais altos, se comparados. Esse é o caso dos esqueletos encontrados em Bath Gate e London Eastern, onde os índices de ocorrência de osteoartrite chegava a atingir 80% da população enterrada (WATTS, 2005, p. 105).

estavam envolvidos em atividades desgastantes⁷. Além disso, há também casos de osteoartrite desenvolvidos como resultado de outras patologias físicas como fraturas e acidentes em geral. Aqui, novamente, não há uma relação óbvia com padrões sexuais e etários e tais ocorrências podem ser identificadas entre mulheres jovens (R76, 17-25 anos), homens (R144) e mulheres (BF6) em idade adulta média (25-35 anos), homens (R160) e mulheres (K8) com idades sêniores (45+ anos), apenas para mencionar alguns casos. Não há qualquer correlação óbvia entre a presença de osteoartrite e a presença de mobiliário fúnebre. Em alguns enterramentos, mazelas do tipo são identificadas em esqueletos sem provisões fúnebres (R160, R164, R181); em outros, com vasos de comida e/ou ossadas animais (K8, BF6, R204), por exemplo. Três enterramentos com espadas revelaram sinais de osteoartrite no joelho (GST10), no tornozelo e pé (R182) e no quadril e cervical (R144), atestando que muitas dessas mazelas faziam parte de uma realidade de vida compartilhada até mesmo por indivíduos sepultados com itens marciais.

Boa parte dos machucados e fraturas observadas segue um padrão semelhante, ocorrendo em indivíduos que foram enterrados de maneiras distintas. No entanto, ferimentos em geral – como fratura de ossos – são relativamente mais comuns entre homens, sendo identificados em dobro para a população masculina. A maioria dessas ocorrências parece estar relacionada a acidentes comuns à vida rural, causados por eventos como quedas, manuseio errado de ferramentas, coices animais etc., resultando quase sempre em alguns ossos quebrados da mão, ombros deslocados, pernas, braços e clavículas quebrados: quase sempre, todos curados antes da morte. Além disso, alguns esqueletos apresentam fraturas em suas costelas, mandíbulas e cavidades nasais (WS47, WS291, WS336, WS183, WS226) e, embora essas ocorrências não sejam tradicionalmente associadas a enfrentamentos (ao contrário do que ocorre, por exemplo, com as evidências de traumas por objetos cortantes), devemos, no entanto, nos manter abertos à possibilidade de essas lesões estarem relacionadas a confrontos desarmados (como brigas), treinamentos marciais ou episódios de violência doméstica. Casos do tipo são encontrados, não apenas entre homens, mas também entre mulheres, como ocorre com a mulher enterrada em R3, que apresentava sinais de ter sofrido um golpe

⁷ Nos cemitérios do vale do Great Wolds, Sheelag Stead observou uma diferença entre os sexos durante a faixa etária de 25-35 anos, em que a presença de artrite entre homens corresponde a 42% dos indivíduos desse sexo, ao passo que entre a população feminina, 69% das mulheres são afetadas por osteoartrite (STEAD, 1991, p. 138). Apesar disso, os números no total continuam a ser equivalentes.

traumático em seu rosto, o que deixou uma marca em seu osso frontal e uma cavidade acima dos molares. A baixa incidência de manifestações do tipo aponta para incidentes específicos ou pontuais, mais do que práticas cotidianas.

Alguns dos esqueletos encontrados nas tumbas de Yorkshire revelam, também, certas anomalias em suas estruturas ósseas. Sinais de possíveis tumores foram identificados em um fêmur em R132 e no interior do crânio de BF48, por exemplo. O esqueleto de BF17, por sua vez, tinha um membro inferior direito significativamente atrofiado (tanto a tíbia como o fêmur) e a causa parece estar associada a poliomielite. Evidências de infecções foram também identificadas, às vezes motivadas por fraturas ósseas, como é o caso de WS307 - um homem de idade avançada com fêmur fraturado. Outros casos revelam infecções motivadas por outros fatores, como as infecções de tipo bacteriano, que afetam as vias respiratórias, tal qual ocorre em Acklam (ACK1), onde o esqueleto encontrado apresentava sinais de uma forte infecção pulmonar. Um esqueleto feminino do séc. III-I a.C. encontrado em Melton (M (A8)1032) apresentava, não só uma, mas várias anomalias do tipo. A mulher enterrada apresentava um defeito de ossificação (congénito ou evolutivo) no lado direito do fêmur fazendo com que ela mancasse levemente desse lado (*coxa vara*). Além disso, ela apresentava sinais de lesões nas vértebras torácicas e nas costelas, no dedão do pé (metatarso) e sinusite, combinando um histórico de fraturas, deformidades e infecções. Essa é uma ocorrência relativamente particular, mas serve de lembrete de que, em muitos casos, as realidades de vida poderiam ser adversas, fazendo com que muitas pessoas não passassem de seus 25 anos, como é o caso da jovem em questão.

Sinais de traumas violentos ocorrem em uma proporção relativamente baixa – sobretudo, quando comparados com outros sítios do sul bretão durante a Idade do Ferro, como os encontrados em Wessex, por exemplo. Os dados a esse respeito, contudo, estão limitados à natureza das evidências disponíveis, já que somos apenas capazes de identificar sinais de violência a nível ósseo. Isso implica reconhecer que diferentes episódios de violência envolvendo cortes superficiais na pele e no tecido mole são, na maior parte das vezes, arqueologicamente falando, invisíveis. É provável, assim, que muitos outros indivíduos enterrados apresentassem sinais de traumas violentos em seus corpos (como cicatrizes ou ferimentos ainda abertos).

No entanto, o fato de apenas menos de 5% dos esqueletos encontrados na região apresentarem quaisquer sinais de traumas violentos é um dado particularmente relevante do ponto de vista quantitativo. Especialmente porque a região costuma ser famosa por produzir alguns dos mais distintos enterramentos marciais encontrados nas Ilhas Britânicas. A baixa incidência de traumas violentos é particularmente relevante em termos historiográficos, já que chama a atenção para o fato de que, em muitos casos, a deposição de armas em contextos mortuários pode ser fortemente condicionada por simbolismos fúnebres, mais do que ser um reflexo direto de enfrentamentos em todos os casos. Além disso, os dados materiais auxiliam a desmistificar o estereótipo do bárbaro agressivo sempre propenso a tomar armas e tirar vidas para resolver quaisquer tipos de tensões, como frequentemente os habitantes da Idade do Ferro costumam ser representados. Isso não quer dizer, no entanto, que conflitos não existissem e que estamos lidando com bucólicas comunidades amantes da paz (JAMES, 2007). Ao contrário, como Giles (2008a, p. 67) destaca, a antropologia de sociedades agro-pastoris de pequena escala atesta que disputas a respeito de pessoas, terra e estoque eram comuns e poderiam envolver atos de invasão, roubo de gado e rebanhos, uso indevido de pastos e água, furtos, conflitos domésticos entre famílias ou atos de traição e apropriação de posses alheias ou comunais. Todos esses são motivos que poderiam ter gerado episódios de retaliação. O uso de violência física era, no entanto, apenas uma das várias armas disponíveis dentro de um repertório maior de mediação de conflitos, que poderia envolver punições rituais (como atos de destituição ou reparação), acordos diplomáticos e violências simbólicas (verbais e/ou estéticas, ostentatórias). Porém, em alguns casos, armas eram desembainhadas e a violência era um meio de agenciamento tão útil ou válido quanto qualquer outro.

Em Yorkshire, muitas das ocorrências de traumatismos violentos se concentram na região do crânio. O homem de 35-45 anos em WS94 apresentava um corte dramático feito na sua mandíbula do lado direito. Dois crânios encontrados em Danes Graves – DG45, DG104 – apresentavam sinais de cortes no osso frontal e parietal, respectivamente. Cortes do tipo também podem ser vistos no crânio do homem de WS119 e da mulher de WS118 (ambos acima do osso orbital) e do homem de WS114, (dessa vez na parte de trás do crânio). Este último caso, além do corte no crânio, apresentava fraturas *perimortem* em suas costelas. Cortes na parte traseira dos crânios foram também encontrados no homem enterrado em Acklam (ACK1) e em um dos

sujeitos enterrados com carro em Wetwang Slack (WS453), neste, chegando mesmo a deixar uma cavidade permanente de 30mm no crânio, por conta do golpe. Além do uso de objetos cortantes, traumatismos por impacto são observados determinados casos. O homem de GS.7.3.11 apresenta um orifício no crânio de 6mm, causado por um golpe no topo de sua cabeça (entre o bregma e a sutura sagital). Outros crânios com fraturas causadas por golpes incluem os dos homens de WS154 e WS129. Pontas de lanças encontradas enfiadas diretamente dentro de caixas torácicas, por exemplo, como os homens de R94 e R152a, revelam, em alguns casos, mortes violentas que poderiam ser o resultado de ações ritualizadas (como punições sancionadas, suicídios acordados, sacrifícios religiosos) ou combates armados.

Embora não haja uma exclusividade de gênero, em se tratando da ocorrência de traumatismos causados por atos de violência, a maior parte desses eventos ocorre em esqueletos do sexo masculino em idade adulta. Isso pode ser interpretado como um indício de que embora mulheres pudessem estar direta ou indiretamente vinculadas a episódios violentos em alguns casos, a maior parte desses acontecimentos, no entanto, estava relacionada a um sistema de gênero no qual indivíduos do sexo masculino estão mais propensos a desempenharem e sofrerem tais violências.

Um dado extremamente interessante a ser observado nesse sentido é que boa parte das evidências de traumatismos, sejam eles causados por acidentes ou ações violentas, apresenta um nível considerável de recuperação e cicatrização: uma realidade compartilhada entre homens e mulheres. Isso atesta que indivíduos de ambos os sexos poderiam receber cuidados em vida e ser submetidos a processos de cura, visando a sua recuperação. Até mesmo os dramáticos cortes causados por golpes de espadas encontrados nos crânios de DG45, WS199, WS188, WS94, WS152, WS453 revelam que os indivíduos feridos foram devidamente tratados e seus crânios cicatrizados muito antes de suas mortes. Talvez, o porte de tais cicatrizes tenha contribuído diretamente para a construção de identidades e atributos particulares associados a esses indivíduos. Quando comparados às evidências osteológicas encontradas em outras regiões, os traumas violentos encontrados em Yorkshire são compatíveis mais com conflitos e disputas inter- e intra- grupais do que com atividades de guerra (JAMES, 2018). Como Giles (2012) e King (2010a) imaginam, é provável, ainda, que esses episódios de

violência se dessem de modo altamente performático, na maior parte das vezes, a partir de um código de honra compartilhado entre grupos distintos.

Além de sinais de traumas (não intencionais e violentos), informações valiosas a respeito dos mortos podem ser obtidas a partir de sua dentição. Quando preservadas, as arcadas dentárias atestam que algumas das mazelas mais comuns, em se tratando de questões dentárias, incluíam cáries, doenças periodontais (isto é, a perda de dentes devido à erosão da gengiva) e infecções em geral no formato de abscessos (DENT, 1984, p. 87; STEAD, 1991, p. 128–131). Apenas 5 casos de hipoplasia do esmalte dentário⁸ foram encontrados por Sheelag Stead na análise dos esqueletos de Burton Fleming, Rudston, Garton Station e Kirkburn. Elas ocorreram em 3 mulheres, 1 homem e 1 esqueleto cujo sexo não pode ser definido e, talvez, essas ocorrências estivessem relacionadas a uma deficiência nutricional quando esses indivíduos ainda eram crianças (WATTS, 2005, p. 23). Um esqueleto feminino, em particular, de 17-25 anos, se destacou dos demais – encontrado em R119 – por ter apresentado 10 dentes afetados. Ainda assim, a mulher em questão foi enterrada como todos os demais membros de sua comunidade e com um bracelete de bronze adornando seu corpo.

Pessoas em idade avançada (45+ anos) apresentam a maior frequência de perda dentária *ante mortem*. Um homem em idade avançada encontrado em Nunburnholme (Nun.2), enterrado em um caixão e com ossos de porcos aos seus pés, ilustra perfeitamente os sinais da velhice: a maior parte dos seus dentes foi gradualmente perdida ao longo de sua vida e ele sofria de atrite em várias juntas de seu corpo. Em linhas gerais, muitas das doenças dentárias encontradas nos esqueletos da região estavam também relacionadas a uma dieta baseada no consumo de grãos moídos, já que o processo de moagem invariavelmente produzia fragmentos de pedras que, quando consumidos, poderiam afetar a saúde dental. Nos cemitérios do vale do Great Wolds, abscessos são 30% mais comuns em homens, mas a presença de cáries, em geral, ocorre mais entre mulheres e uma delas, inclusive, apresentava 8 dentes careados (frequência de cáries: mulheres = 55%; homens = 32%; indefinido = 13%). Acredita-se que a alta incidência de cárie dentária entre a população feminina seja uma consequência da deficiência de cálcio, intensificada pela maternidade, fazendo com que tal carência

⁸ A mazela consiste em uma má formação, ou formação incompleta da matriz orgânica do esmalte dentário em desenvolvimento, causando irregularidades e defeitos à superfície dos dentes (BONATO, 2010, p. 4).

enfraquecesse o esmalte dentário. No entanto, ainda assim, determinadas mulheres, como frequentemente ocorre em Wetwang, apresentavam belas dentições e, não fosse pelo resto do esqueleto, elas enganariam até mesmo suas estimativas etárias.

Curiosamente, em alguns casos especiais, é possível observar determinado padrão de desgaste da dentição frontal, em especial, dos incisivos. Essa é uma realidade presente em 9 sepulturas femininas e 1 uma tumba masculina nos cemitérios do Great Wolds Valley, e recentemente identificada em uma tumba feminina em Knapton Wold (esqueleto 82CA[27]). Tais desgastes são incompatíveis com um simples processo de mastigação. Sua ocorrência sempre nos mesmos dentes frontais está, mais provavelmente, relacionada a atividades produtivas específicas, como cestaria ou trabalhos de couro, nos quais a boca poderia funcionar como uma terceira mão, segurando e prendendo objetos quando necessário.

Em termos nutricionais, um conjunto de análises técnicas de isótopos estáveis de carbono e nitrogênio das ossadas humanas encontradas no cemitério de Wetwang Slack indica uma dieta fortemente baseada no consumo de proteínas animais (JAY; RICHARDS, 2006). O processo de amostragem para tais análises levou em consideração mais de 60 esqueletos humanos e um número equivalente de ossadas animais. Foram testados não apenas indivíduos de ambos os sexos e diferentes faixas etárias, mas, ainda, pessoas que receberam tratamentos *post-mortem* diferenciados, desde esqueletos encontrados em covas rasas sem quaisquer itens de mobiliário fúnebre, até indivíduos sepultados com elaborados artefatos e carros. Boa parte da dieta da região estava baseada, assim, no consumo de carne e laticínios. O processo de desmame parece ter ocorrido relativamente cedo, sendo o leite materno frequentemente substituído por outros alimentos de origem animal e vegetal (JAY et al., 2008; JAY, 2009). Apesar da relativa proximidade dos sítios de Yorkshire com o Mar do Norte, há uma ausência de níveis significativos de frutos do mar na alimentação local, talvez motivada por alguma prescrição/proibição ou tabu alimentício/religioso.

Os resultados dietéticos obtidos a partir das análises isotópicas revelam valores semelhantes entre diferentes esqueletos, mesmo levando-se em conta variáveis biológicas como sexo e idade e fatores sociais, como a cultura material encontrada nas tumbas. Há, portanto, um grau considerável de consistência populacional. A ausência de distinções nutricionais significativas é um dado de grande relevância histórica e social

para o estudo da região e do período em questão, já que ele nos atesta um sistema social flexível no qual diferentes indivíduos poderiam ter acesso a alimentos e fontes de nutrientes em proporções equivalentes. Isto é, embora diferenças sociais existissem em termos identitários condicionadas por diferentes fatores (como gênero, aparência, estatuto social, filiações de grupo e parentesco etc.), essas distinções não se manifestavam através de certas condições básicas da vida, como o acesso a determinados nutrientes específicos. Isso não quer dizer, porém, que se tratasse de uma sociedade igualitária em sentido absoluto. Ao contrário, distinções sociais deveriam ser projetadas no dia-a-dia em relação ao acesso a carnes de certos animais (considerados mais ou menos nobres), ou ainda a porções e cortes específicos valorizados socialmente. Essas distinções, de ordem simbólica, estão presentes até mesmo em contextos fúnebres em que determinados animais (como vacas) nunca são enterrados junto a seres humanos, embora fossem criados e identificados em diversos assentamentos da região; além disso, determinados cortes e partes de animais seletos (como ovelhas e porcos) mostram um processo de seleção de acordo com preferências sociais.

Em suma, as evidências osteológicas disponíveis para a Idade do Ferro em Yorkshire, embora lacunares em diversos aspectos, fornecem valiosas pistas a respeito das pessoas enterradas na região. Elas revelam uma realidade de vida baseada em trabalhos agrícolas e pastoris e que, em certas ocasiões, conflitos poderiam tomar proporções violentas, ainda que ocorressem em menor escala do que tradicionalmente imaginado. Homens e mulheres, apesar de suas especificidades biológicas e sociais, tinham muito em comum. A recorrente presença de mazelas, desgastes, traumas e valores nutricionais equiparáveis indicam certo compartilhamento de papéis e tarefas entre os gêneros, inclusive de determinados trabalhos manuais e físicos associados à vida rural. É provável que muitas dessas funções fossem aprendidas ao longo da vida, embora algumas delas devam ter começado desde a juventude, fazendo com que alguns indivíduos apresentassem já desgastes físicos consideráveis a partir de idades relativamente jovens, em torno de 20 anos, devido à natureza extenuante desses trabalhos. A relativa proporção numérica de ossadas masculinas e femininas, suas características e constituições (físicas e nutricionais) nos revelam uma relativa proximidade de gênero e entre grupos sociais distintos, reforçando uma realidade de vida compartilhada entre os membros de pequenas-médias comunidades. Paradoxalmente, essa semelhança observável em alguns níveis da realidade biológica da

vida não se estendia a todas as esferas da vida social. A cultura material era um importante veículo para a projeção de distinções nesse sentido, forjando identidades particulares (e altamente diferenciadas) entre indivíduos que, sob um ponto de vista puramente forênsico, seriam bastante parecidos uns com os outros.

2. Um perfil dos cemitérios estudados e da população enterrada

Além de seu valor histórico, os cemitérios da Idade do Ferro possuem também diferentes históricos de descobertas. Isto é, eles foram investigados em momentos distintos, em um intervalo de aproximadamente 200 anos, produzindo um conjunto de materiais significativamente rico e diversificado. Entender as condições em que tais escavações ocorreram é fundamental. Só assim somos capazes de entender de maneira mais orgânica e completa o material de que dispomos para estudo nos dias atuais.

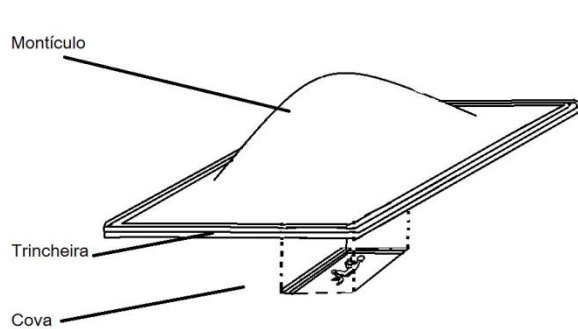
A seguir serão apresentadas as diferentes trajetórias de descobertas dos sítios que constam no **Catálogo** da pesquisa, bem como as principais características desses cemitérios, quando disponíveis, em termos das ritualizações fúnebres identificáveis e do perfil populacional dos indivíduos enterrados. Trata-se, portanto, de um esforço de reconhecer, não apenas os potenciais, mas também os desafios e as limitações apresentadas por cada um dos sítios estudados, destacando sua historicidade.

2.1. Das tipologias de enterramentos

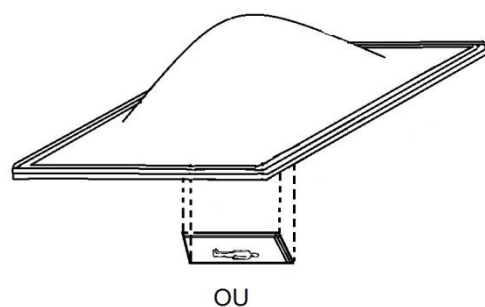
As tumbas encontradas na Idade do Ferro em Yorkshire são tradicionalmente constituídas por três partes: covas, trincheiras e montículos. Essas estruturas nem sempre estão presentes, podendo originalmente não terem sido construídas em alguns casos, ou, em muitos outros, simplesmente se perdido com o passar do tempo e as inúmeras alterações do nível do solo.

As tipologias a seguir foram criadas e refinadas ao longo dos anos por Ian Stead e John Dent a fim de dar conta da diversidade de enterramentos escavados nos vales de Wetwang-Garton e do Great Wolds na segunda metade do século XX (STEAD, 1991; DENT, 2010). Tais classificações se mostraram, posteriormente, úteis, inclusive quando aplicadas a casos escavados em momentos anteriores, como aqueles descobertos no séc. XIX, oferecendo uma organização e sistematização dos materiais encontrados. A

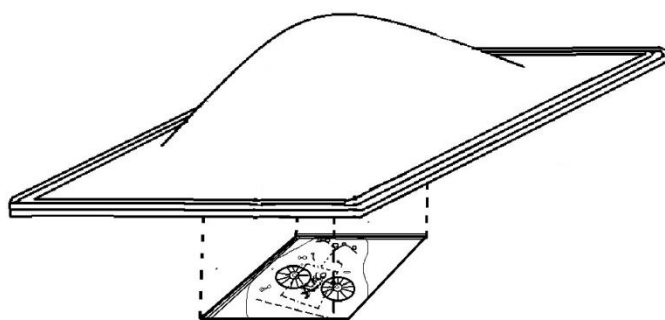
classificação tipológica das tumbas foi elaborada a partir de categorias úteis à análise, sintetizando os padrões gerais dos tratamentos corporais, do mobiliário fúnebre e da estrutura física das próprias tumbas. Essas divisões esquemáticas foram amplamente adotadas no estudo da Idade do Ferro na região (ANTHOONS, 2011; GILES, 2012; HALKON, 2013), até mesmo em relatórios de escavações posteriores (FENTON-THOMAS, 2009, 2011), criando um vocabulário de referências a tratamentos fúnebres particulares. Nos últimos anos, tais tipologias puderam ser refinadas ainda mais graças a novos estudos cronológicos de alguns dos artefatos encontrados (GARROW et al., 2009; HAMILTON; HASELGROVE; GOSDEN, 2015), e uma parte das tumbas encontradas na região chegou a ser submetida a estudos de datação por radiocarbono (JAY et al., 2012).



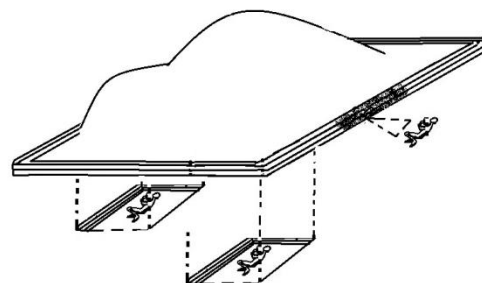
Tipo-A



Tipo-B



Tipo-C



Tipo-D

Figura 2.1: Esquema puramente ilustrativo dos quatro tipos de tumbas encontradas na Idade do Ferro em Yorkshire. *Fonte:* o autor.

2.1.1. Tipo-A

Enterramentos de tipo-A são, em termos numéricos, os mais comuns nos cemitérios da Idade do Ferro em Yorkshire. A maior parte deles ocorre em covas retangulares com profundidades variantes. Além disso, em alguns casos, eles podem tomar a forma também de “enterramentos na superfície”, onde os corpos dos mortos foram colocados no solo e cobertos por um montículo fúnebre. Enterramentos na superfície costumam estar associados às fases iniciais dos cemitérios, em torno do séc. V-IV a.C., porém não há uma única regra nesse sentido.

Os corpos encontrados em enterramentos de tipo-A estão sempre orientados em sentido norte ou sul, com as faces voltadas para leste, ou oeste. Na maior parte das vezes eles são encontrados sobre o lado esquerdo de seu corpo, mas em muitos casos também sobre o lado direito, não havendo aí uma obrigatoriedade ou uma correlação óbvia com atributos etários ou sexuais. Embora o grau de contração corporal varie, os esqueletos sepultados nessa modalidade de enterramento estavam sempre em posições fletidas. Tumbas de tipo-A costumam ser delimitadas por trincheiras em formato quadrangular e originalmente eram assinaladas por um montículo fúnebre erguido sobre a cova. Na maioria das vezes, elas continham apenas uma única inumação em seu interior, embora casos de enterramentos duplos sejam eventualmente encontrados em diferentes cemitérios. Estruturas de madeira, no formato de caixões, costumam ser encontradas em algumas tumbas. Deposições fúnebres não são uma regra, ao contrário de enterramentos de tipo-C, por exemplo. Apesar disso, quando presentes, os artefatos encontrados apresentam uma grande variabilidade, podendo incluir, por exemplo, broches, anéis, pinos, braceletes, contas (isoladas ou em colares), ossadas animais, cerâmicas e, em alguns casos, armas. Conforme Stead (1991, p. 181) demonstra, embora a maior parte deles se concentre entre os séculos III-II a.C., enterramentos do tipo-A são encontrados em todos os diferentes estágios de utilização dos cemitérios até fases tardias, quando em torno dos séculos II-I a.C. eles gradualmente passam a dar lugar a enterramentos de tipo-B.

2.1.2. Tipo-B

Enterramentos de tipo-B formam um conjunto distinto de sepulturas na paisagem fúnebre de Yorkshire. Diferentemente dos enterramentos de tipo-A, -C, e uma parte dos de tipo -D, as inumações de tipo-B estão orientadas sempre em sentido leste ou oeste com seus crânios voltados para cima, ou para o norte ou sul. A posição em que os esqueletos são encontrados se destoa também levemente das demais modalidades de sepultamento. Os corpos são encontrados de modo mais solto, em posição semi-fletida ou estendida (isto é, em decúbito). As covas também costumam ser geralmente um pouco mais fundas e, em muitos casos, a característica trincheira sinalizadora das tumbas estava ausente. Porém, em alguns enterramentos, elas ainda podem ser identificadas (*contra* ANTHOONS, 2011, p. 36), seja em formatos quadrangulares (R26, R28, R29, WS186), mais arredondados (R141, R175, R154) ou, até mesmo, em formato circular (GSI 7: Barrow 3, Burial 1). Tumbas de tipo-B costumam se localizar, como apontou Giles (2012, p. 70), nos “interstícios” entre um enterramento mais antigo e outro, e muitas delas aparentemente estavam desprovidas de montículos. Armas, equipamentos de metalurgia e tecelagem estão entre alguns dos itens de mobiliário fúnebre mais recorrentes nessa modalidade e essas duas últimas categorias de objetos só são encontradas em tumbas de tipo-B. Tanto as relações espaciais e a tipologia dos artefatos encontrados nesses enterramentos atestam que eles pertenciam a um momento tardio do uso dos cemitérios, datando em torno do século I a.C..

2.1.3. Tipo-C

Essa modalidade de sepultamento se tornou a mais icônica da Idade do Ferro em Yorkshire por conter tumbas com carros. Armas, ossadas de porcos e espelhos são muitas vezes encontrados, embora os veículos de duas rodas e seus respectivos equipamentos de arreo sejam o principal fator de classificação desse tipo de enterramento. Apesar de, em termos quantitativos, serem pouquíssimos os enterramentos de tipo-C, Yorkshire conta com a maior concentração de tumbas desse tipo de todas as Ilhas Britânicas, com um pouco mais de 20 casos descobertos até os dias atuais. Muitas delas foram submetidas a datações científicas por radiocarbono, revelando um escopo temporal entre 390-100 a.C., a maior parte delas provavelmente construídas entre 200 a.C. (JAY et al., 2012). Embora tumbas com carro ocorressem ao mesmo tempo que enterramentos de tipo-A e -D, seu escopo temporal foi mais

reduzido, parecendo ter durado algo entre 150 anos. Enterramentos de tipo-C podem conter carros depositados por inteiro ou desmontados e suas dimensões espaciais são particularmente maiores do que a grande parte das demais sepulturas. As orientações dos cadáveres são a mesma de tumbas do tipo-A e apenas um único caso, até hoje, encontrado em Danes Graves, continha uma tumba de tipo-C compartilhada entre dois indivíduos (DG43), sendo todas as demais sepulturas individuais. Enterramentos desse tipo serão discutidos à parte, em maiores detalhes, no **Capítulo 10**.

2.1.4. Tipo-D

Enterramentos de tipo-D consistem em inserções secundárias. Eles são encontrados tanto em trincheiras como nos montículos de outras tumbas. A maior parte dessas inumações segue o mesmo padrão de posicionamento norte-sul comum aos enterramentos de tipo-A, mas em alguns casos como R100, R110, K2 e WS99 elas podem também ocorrer em sentido leste-oeste, seguindo a orientação da seção da trincheira na qual se encontravam.

As maiores concentrações de enterramentos desse tipo se encontram no vale de Garton-Wetwang Slack (BREWSTER, 1980; DENT, 1984) e a categoria foi criada por Dent a fim de dar conta da quantidade de enterramentos de tipo secundário encontrados em Wetwang. No entanto, sepulturas de tipo-D foram também registradas em outras escavações, inclusive no séc. XIX, em sítios como Danes Graves (por exemplo, DG15, DG56) e Grimthorpe (GR4). Dent (1984) acredita que essa modalidade de enterramento fosse mais comum em fases tardias do desenvolvimento dos cemitérios, quando há uma maior pressão por espaço disponível. É provável que o número de casos desse tipo fosse ainda maior do que, hoje, conhecemos, por conta de dois motivos:

1- Muitas dessas sepulturas foram destruídas graças ao desnivelamento e destruição de montículos fúnebres ao longo do tempo, em particular após o século XVIII-XIX, graças à intensificação da agricultura e da atividade pastoril na região dos Wolds;

2- - Infelizmente, boa parte das trincheiras e regiões periféricas às tumbas foram raramente investigadas em sua totalidade ao longo dos anos, fazendo com que muitos enterramentos desse tipo tenham sido ignorados. A prática habitual arqueológica de se selecionarem apenas seções de trincheiras

para escavação é, portanto, extremamente limitada e prejudicial, nesse sentido. Como Anthoons (2011, p. 44) destaca, o cemitério de Rudston *Makeshift* é um ótimo exemplo disso, pois lá, nos anos em que apenas seções foram escavadas, poucos enterramentos secundários foram observados e, nos anos em que as trincheiras foram completamente esvaziadas e escavadas em sua totalidade, diversos enterramentos secundários puderam ser encontrados (STEAD, 1991, p. 7).

Historiograficamente, enterramentos de tipo-D costumam ser relegados a um pano de fundo, não sendo considerados tão importantes quanto os demais. Em grande parte há uma projeção de valor, assim, em relação ao aspecto “secundário” que passa a ser entendido como de menor importância. Anthoons (2011, p. 27), por exemplo, os apresenta como “relativamente pobres” e, em uma esquematização gráfica, descreve como “negativa” a presença de qualquer tipo de mobiliário fúnebre em enterramentos desse tipo (ANTHOONS, 2011, p. 28). Esse, no entanto, é um grande equívoco. Ainda que tal fenômeno ocorra em números mais restritos, inumações de tipo-D como as de WS64, WS133 e WS138, por exemplo, produziram itens diversos como contas vítreas, anéis, braceletes e broches. Um enterramento secundário não se dava, portanto, por motivo de falta de “riqueza” e de deposições artefatuais (DENT, 1984, p. 99). Ao contrário, essas sepulturas devem ser consideradas como atos estratégicos de se construírem vínculos entre indivíduos. Não há uma única explicação para as centenas de enterramentos desse tipo, mas é provável que tal modalidade de sepultamento indique que, em determinadas ocasiões, a localização que um indivíduo ocupava no cemitério era tão ou mais importante que demais outros fatores como a presença de mobiliário fúnebre. Seja como for, esse tipo de enterramento está fortemente vinculado à tentativa de se construir uma narrativa fúnebre de pertencimento, ancestralidade e proximidade entre diferentes indivíduos.

2.2. Cemitérios e tumbas escavadas no séc. XIX e as primeiras décadas do séc. XX

O cemitério de **Arras** é, provavelmente, um dos mais conhecidos da Idade do Ferro bretã. Seu nome se tornou icônico a ponto de todas as demais tumbas e a cultura material encontrada em Yorkshire durante a Idade do Ferro serem nomeadas como pertencentes àquilo que se convencionou chamar de a “cultura de Arras” (STEAD, 1979). A expressão remonta a uma noção (hoje) inadequada de “culturas arqueológicas” como grupos culturais bem definidos que refletem materialmente a identidade de determinada população, um conceito particularmente popular na historiografia inglesa durante o século XX (CHILDE, 1929, p. v–vii). Embora já tenha sido criticada em larga escala (KARL, 2010, p. 52), tal noção continua ainda amplamente em uso. Em Yorkshire, particularmente, a ideia de uma “Cultura de Arras” como sinônimo para as realidades materiais encontradas durante a Idade do Ferro na região tem sido amplamente empregada ainda tanto pela academia (ANTHOONS, 2011; CUNLIFFE, 1997, 2005; DARVILL, 2008; HARDING, 2004, 2015, 2017; JAY et al., 2013; STEAD, 1979) como pelos veículos midiáticos (FINNIGAN, 2016; HARVEY, 2016; PARVEEN, 2016a, 2016b; PETTIT, 2017)⁹. Embora Arras contasse com uma quantidade considerável de sepulturas (+100 foram identificadas), hoje dispomos de informações limitadas a respeito de boa parte delas. O cemitério foi sucessivamente escavado ao longo do século XIX por um grupo diversificado de pessoas, a maior parte delas membros do Yorkshire Antiquarian Club. Uma planta do sítio chegou a ser traçada por William Watson em 1816 e essa é a melhor representação visual que temos do sítio. Posteriormente, em 1850, uma seção do cemitério foi também mapeada pelo clube de antiquários de Yorkshire, possibilitando que uma parte considerável das tumbas pudesse ter sido correlacionada por Stead (1965, 1979) cruzando tais plantas com mapas elaborados posteriormente.

Com base nas plantas de Watson é possível observar que o cemitério foi cortado por uma rota, criando dois setores, um a norte e outro a sul. É provável que o seu desenvolvimento tenha seguido uma padrão semelhante àquele observado em Wetwang Slack, onde novas tumbas passaram a se concentrar em um dos lados dos setores,

⁹ Harding (2017) chamou a atenção para o fato de que diferentemente das “culturas arqueológicas” do sul bretão, que costumam ser nomeadas a partir de artefatos e conjuntos de achados, o material proveniente do norte das Ilhas Britânicas tende historiograficamente a ser chamado a partir de grandes construções como cemitérios, assentamentos e fortificações (HARDING, 2017, p. 6).

criando uma noção de temporalidade espacial. Apesar de várias tumbas terem sido construídas no local, apenas 27 registros estão relativamente bem documentados, limitando consideravelmente nosso conhecimento a respeito desse cemitério. Apesar disso, dispomos de uma quantidade significativa de achados provenientes desse sítio, que incluem desde broches, braceletes, colares e ossadas animais até carros.

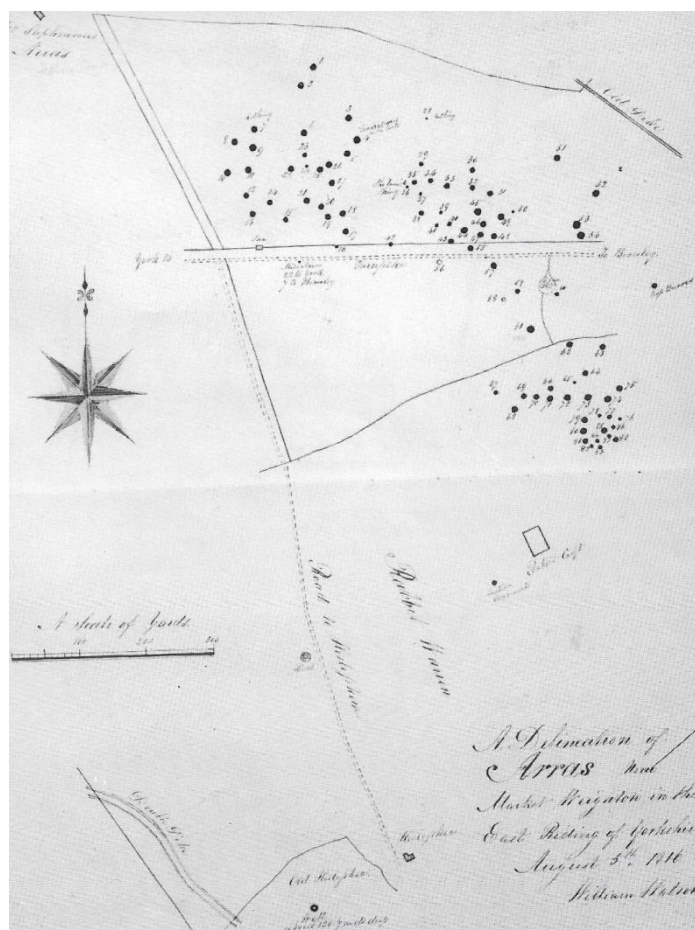


Figura 2.2: Planta do sítio de Arras feita em 1816 por William Watson. *Fonte:* Stead, 1979.

Embora não tenha gozado da mesma fama inaugural que Arras, **Danes Graves** é sem dúvida um dos sítios mais importantes da Idade do Ferro escavados durante o século XIX. Sua extensão e caráter monumental atestam que o cemitério era um importante local de memória para as comunidades que ali decidiram enterrar seus mortos, e sua visibilidade na paisagem permaneceu, ao longo dos anos, atraindo a atenção e olhares curiosos diversos. Lendas e tradições populares modernas acreditavam

que os montículos encontrados no local correspondiam a enterramentos de invasores *vikings* dinamarqueses ali sepultados durante a Idade Média e por isso o sítio foi apelidado com tal nome, que mantém até hoje (GREENWELL, 1906, p. 259; JEWITT; COX; ALLEN, 1897, p. 255). No entanto, após algumas das primeiras escavações realizadas no local, se tornou claro para os intelectuais da época que o sítio em questão datava de um período muito anterior, correspondendo a um cemitério dos “antigos bretões”, como os habitantes da Idade do Ferro costumavam ser chamados pelos antiquários oitocentistas.

É provável que esse tenha sido, de fato, o maior cemitério da Idade do Ferro em toda Yorkshire, ainda que hoje tenha desaparecido por completo. Greenwell (1865, p. 108, n.7) chegou a registrar que antes do processo de cercamento dos campos nos séculos XVIII-XIX, originalmente um total de mais ou menos 500 montículos ainda estavam visíveis no local. Embora o número possa, a princípio, parecer um exagero, é provável que esteja correto, já que escavações modernas registraram mais de 400 enterramentos no sítio de Wetwang Slack, por exemplo. Além disso, uma parte considerável das tumbas ainda permanecia visível ao longo do séc. XIX. Isso possibilitou que o sítio fosse relativamente documentado e mapeado, indicando que aproximadamente 200 enterramentos ainda estavam em condições visíveis (GREENWELL, 1865, p. 108; MAULE COLE, 1897, p. 300; MORTIMER, 1897b, p. 286). Como o sítio de Wetwang Slack, Danes Graves parece ter se desenvolvido em direta proximidade com uma estrutura de terraplanagem ao norte e a leste. O cemitério se situa, ainda, próximo a um antigo tanque d’água, ou pequenino lago, embora não seja possível precisar exatamente o papel dessa estrutura e/ou se ela estava de fato presente na paisagem da Idade do Ferro. Curiosamente, uma tumba com carro escavada em 2001 em Wetwang Village foi encontrada em proximidade a um tanque semelhante (GILES, 2012, p. 248). Haja vista a importância da água para a região dos Wolds e sua conexão com esferas fúnebres, é possível que ambas essas estruturas observadas em Wetwang Village e Danes Graves estivessem presentes em tempos pré-históricos, tendo desempenhado uma influência na escolha de locais para enterramento (cf. **Capítulo 3**).



Figura 2.3 : Planta do sítio de Danes Graves. Fonte: Ramm, 1978.

Hoje, contamos com 116 registros de inumações em Danes Graves, para um total de pouco mais de 100 tumbas documentadas. Devido à visibilidade de muitos montículos e a sua quantidade significativa na paisagem, o sítio foi escavado em momentos sucessivos por diferentes antiquários. Apenas 34 dos esqueletos encontrados tiveram qualquer inferência feita a respeito de sua idade e/ou sexo biológico, embora muitas vezes os métodos utilizados na época para tais constatações são, hoje, mais do que questionáveis e os resultados não devem ser encarados como fatos. Em alguns casos, no entanto, algumas medidas anatômicas foram registradas e publicadas em tabelas, por vezes, até mesmo discriminando patologias e aspectos distintos das ossadas graças aos esforços por parte de dois antiquários (GREENWELL, 1865, p. 264; MORTIMER, 1897a, 1897b, p. 295). Embora lacunares, essas informações são valiosas já que nos permitem identificar pontos em comum e divergência com os esqueletos encontrados em escavações modernas, fazendo com que Danes Graves seja o cemitério antiquário mais bem detalhado nesse sentido.

A maior parte das tumbas encontradas na região continha uma inumação individual em uma posição fletida orientada no eixo norte/sul-sul/norte, e cerca de 90% delas correspondiam a enterramentos de tipo-A, embora ao menos 7 casos parecem seguir uma tipologia característica de tumbas de tipo-B. Aproximadamente metade dos enterramentos (n.= 55 casos) que constam no *Catálogo* da pesquisa para esse sítio produziram algum item de mobiliário fúnebre em seu interior. (Greenwell 1906:258–9; Mortimer 1911:30–37)

Esse é um número particularmente alto, se comparado à frequência de achados em muitas escavações modernas, e é provável que o número de enterramentos desprovidos de mobiliário fosse maior, tendo-se perdido com o tempo e/ou não sido registrado propriamente. Entre os achados mais frequentes estão broches (de bronze e ferro) e ossadas animais, contudo, um enterramento com carro foi também descoberto no local em 1897.

Tumbas (Id.)	Responsável descoberta	pela	Ano	da	Registo/ ref. bibliográfica
				escavação	

DG1	Desconhecido	1721	(MORTIMER, 1897b, p. 287)
DG2	Reverendo W. Drake	<1830	(STEAD, 1979, p. 99)
DG3-4	John Milner	1834	(MORTIMER, 1897b, p. 289)
DG5	Tindall e Rev. Drake	1848	(STEAD, 1979, p. 99)
DG6-11	Yorkshire Antiquarian Club	1849	(GREENWELL, 1865, p. 264; PROCTOR, 1855)
DG12-14	Thomas Kendall	1849/50	(MORTIMER, 1897b, p. 291)
DG15-28	canon W. Greenwell	1864	(GREENWELL, 1865, p. 108–12)
DG29-30	J. R. Mortimer	1881	(MORTIMER, 1897b, p. 296–98)
DG31-46	Mortimer, Greenwell e Boynton	1897/8	(MORTIMER, 1897a, 1898)
DG47-80	Mortimer, Greenwell e Boynton	1898	(GREENWELL, 1906, p. 258–59; MORTIMER, 1911a, p. 30–37)
DG81-93	J. R. Mortimer	1899	(MORTIMER, 1911a, p. 37–40)
DG94-95	J. R. Mortimer	1900	(MORTIMER, 1911a, p. 40–42)
DG96-98	J. R. Mortimer	1902	(MORTIMER, 1911a, p. 42–43)
DG99-106	J. R. Mortimer	1909	(MORTIMER, 1911a, p. 43–45)

Tabela 2.1. : Todas as tumbas e as respectivas escavações realizadas em Danes Graves com base em seus responsáveis e nos anos em que ocorreram. A sistematização foi elaborada a partir das propostas de Stead (1965, p. 105–110, 1979, p. 99–101) para a identificação padrão do material.

Dentre os demais cemitérios escavados por antiquários, **Scorborough** é o único onde boa parte das tumbas ainda está visível a olho nu nos dias atuais. Esse fator faz com que o sítio seja relativamente extraordinário, não apenas no contexto arqueológico de East Yorkshire, mas, também, para a arqueologia funerária da Idade do Ferro nas Ilhas Britânicas como um todo. Embora o cemitério em questão conte com mais de 120 tumbas, apenas 7 entre elas foram escavadas: 6 por Mortimer (1895) no séc. XIX, e 1 por Stead (1979, p. 103) em 1970, nenhuma delas produzindo qualquer tipo de mobiliário fúnebre.

As evidências existentes a respeito de **Seamer** são ainda mais lacunares. O sítio produziu um enterramento com carro, escavado por acidente em 1862 por homens que trabalhavam na construção de uma ferrovia e que recolheram, eles próprios, os achados da tumba. Não fosse o registro feito por Mortimer (1905, p. 358), tal enterramento muito possivelmente teria se perdido, já que nenhum dos achados sobreviveu aos dias atuais. A única outra evidência funerária encontrada em Seamer é uma tumba quadrangular identificada por Stead (1979, p. 103) em Seamer Moor, mas que não foi escavada.

A situação de Seamer assemelha-se a alguns outros sítios encontrados em Yorkshire durante o final do séc. XIX e a primeira década do séc. XX sobre os quais as únicas informações que temos, na maior parte dos casos, estão relacionadas à descoberta de tumbas com carros. Esse é notoriamente o caso de **Beverley** (GREENWELL, 1877, p. 456, 1906, p. 278), **Hornsea** (STEAD, 1965, p. 93–4), **Huggate** (MORTIMER, 1905, p. 359), **Hunmanby** (SHEPPARD, 1907), **Cawthorn Camps** (MORTIMER, 1905, p. 361) **Pexton Moor** (KIRK, 1911; STEAD, 1959), e **Middleton-on-the-Wolds** (MORTIMER, 1905, p. 359–60), embora este último tenha também produzido uma segunda inumação (SHEPPARD, 1923).

Além das tumbas com carros, outros sítios também produziram achados individuais. Esse é o caso de locais como **Calais Wold**, que continha uma inumação da Idade do Ferro encontrada com porcos (MORTIMER, 1905, p. 163–64); **Grindale/Huntow**, onde uma tumba foi escavada mais de uma vez em 1857 e 1872 e três broches foram encontrados (STEAD, 1979, p. 102; WRIGHT, 1861, p. 36); **North Grimston**, que apresentava uma tumba de um indivíduo adulto com duas espadas, anéis e ossos de porco (MORTIMER, 1905, p. 354–57); **Hanging Grimston**, onde uma inumação com fragmentos de cerâmica foi identificada (MORTIMER, 1905, p. 102) e **Bugthorpe e Thorpe Hall**, onde, respectivamente, duas espadas foram descobertas em cada local (GREENWELL, 1877, p. 50; STEAD, 1979, p. 103; THURNAM, 1872, p. 475). **Aldro**, embora não seja um achado individual, apresentava apenas um punhado de três tumbas cercadas por trincheiras quadrangulares que produziram apenas alguns fragmentos de cerâmica (MORTIMER, 1905, p. 79–80). É provável que os achados desse tipo tenham ocorrido em números ainda maiores, no entanto, esses são os únicos casos sobre os

quais podemos precisar uma cronologia para a Idade do Ferro, com base na morfologia dos enterramentos e dos objetos encontrados.

2.3. Cemitérios escavados após 1950

2.3.1. Cowlam

Um pequeno cemitério da Idade do Ferro contendo oito enterramentos foi encontrado em Cowlam. O sítio se localiza a aproximadamente 159m acima do nível do mar e próximo a dois dos maiores cemitérios encontrados nos Wolds: Danes Graves (apenas 5 km, a sudeste) e Garton-Wetwang Slack (7 km, a sudoeste). Apesar da quantidade modesta de tumbas encontradas no local, Cowlam despertou suficientemente o interesse de pesquisadores a ponto de o sítio ter sido escavado mais de uma vez, em dois momentos distintos.

As primeiras investigações no local começaram em pleno século XIX, quando ainda parte dos montículos fúnebres estava visível a olho nu, e o local foi escavado graças aos esforços do *canon* William Greenwell. Cinco enterramentos (CW. L-LIV) foram, assim, investigados e registrados pelo antiquário na ocasião (GREENWELL, 1877, p. 208–13). Embora parte dos artefatos e das ossadas encontradas nesse primeiro estágio hoje se encontre em pobres condições de preservação, todos os achados sobreviveram até os dias atuais e as anotações feitas por Greenwell em relação às dimensões espaciais dos enterramentos se mostraram úteis e compatíveis com o que foi encontrado no local em investigações futuras (STEAD, 1986).

Um século depois, apenas entre os anos de 1969-72, o sítio foi novamente investigado e escavado, dessa vez sob a direção de Ian Stead e A. L. Pacitto, tendo os resultados sido publicados na década seguinte (STEAD, 1986). Esse segundo estágio de trabalhos arqueológicos foi crucial, já que a partir do uso de (então) novas tecnologias (como gradiômetro, para varreduras) e métodos modernos de escavações, uma visão mais completa sobre o sítio pôde ser traçada. Embora Greenwell (1877) não tenha publicado nenhuma planta do sítio ou das tumbas escavadas no século XIX, Stead e sua

equipe foram, ainda, capazes de estabelecer uma correlação entre as tumbas escavadas em ambos os períodos, a partir das investigações modernas (STEAD, 1986, p. 11), o que nos permite agrupar todas as evidências desse sítio de maneira única e organizada.

As tumbas de Cowlam formam um pequeno agrupamento que se estende verticalmente no sentido norte-sul, situadas a menos de 100 metros a leste de uma pedreira de calcário. Estima-se que elas datem do século IV-II a.C., um dado reforçado pela análise tipológica dos broches encontrados no local (STEAD, 1991). Todas as sepulturas de Cowlam seguem, ainda, o modelo mais característico da região dos Wolds e consistem em tumbas com montículos entrincheirados e em formato quadrangular. Sua localização na paisagem se dá de modo particular.

A 200 metros a leste das sepulturas, encontra-se uma junção entre três estruturas de terraplanagem: uma que se estende no sentido norte-sul, outra que se estende a nordeste-sudoeste e uma terceira, em sentido oeste-leste – todas conectando a região com o topo dos vales circunvizinhos (STEAD, 1986, p. 11–2). Esta terceira estrutura de terraplanagem que se estende no sentido oeste-leste (com cerca de 5m de largura e 1,7m de profundidade), por vez, foi construída de modo a se estender até a pedreira de calcário encontrada no local passando por entre as tumbas. Ela data, portanto, de um momento posterior à construção do cemitério, curiosamente chegando a cortar a base sul da tumba “D” e, posteriormente, uma parte do centro da mesma tumba, onde ocorre a construção de uma nova estrutura menor de terraplanagem paralela à anterior (com cerca de 2,5m de largura e 1 m de profundidade). Em outras palavras, cria-se, portanto, uma espécie de via, ou corredor, que se estende da pedreira (a oeste) até a junção de vias (a leste) passando pelo cemitério. Fenton-Thomas (2009, p. 246) acredita que nesse caso, em Cowlam, os enterramentos foram utilizados na paisagem como marcos para esquemas tardios relativos à divisão de terra (e, poderíamos acrescentar, ao acesso a determinados recursos). Seja como for, a significância desses enterramentos na paisagem construída como local de memória é mais do que visível nesse caso.

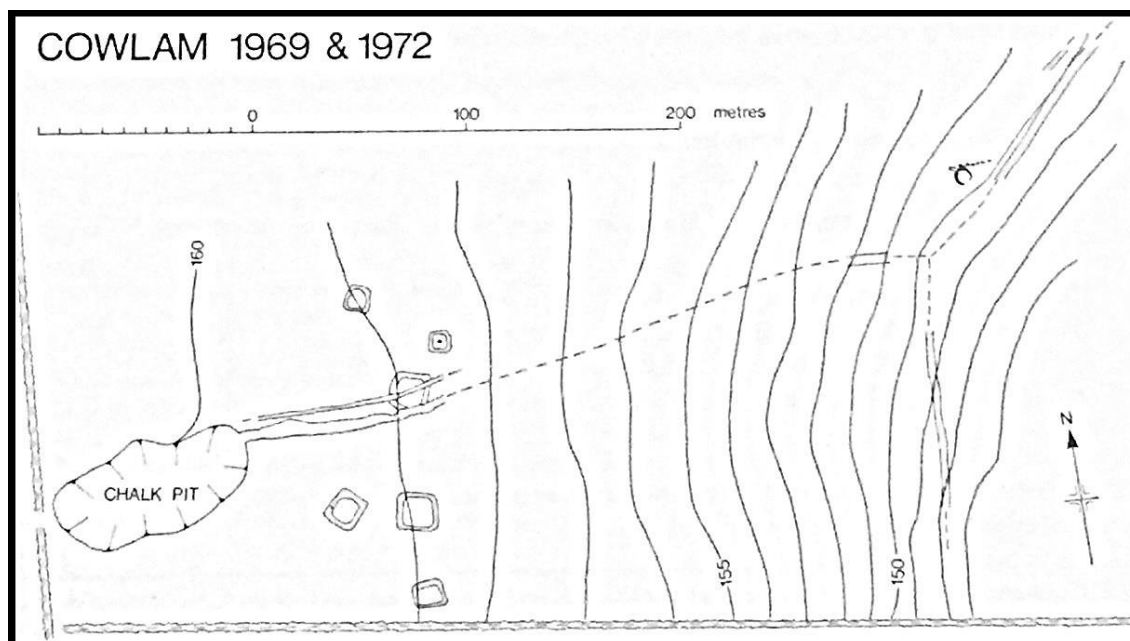
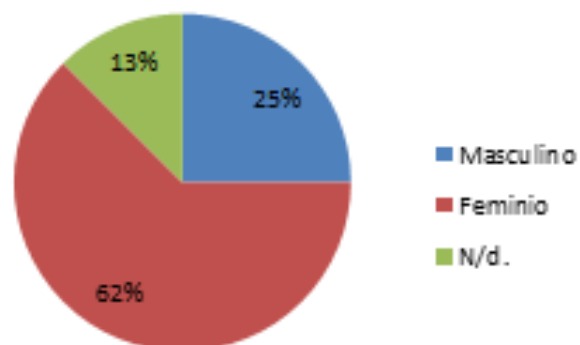


Fig.2.4.: Planta do cemitério de Cowlam e as estruturas de terraplanagem encontradas no local. *Fonte:* Stead, 1986

Apesar da quantidade reduzida de tumbas encontradas em Cowlam, em termos proporcionais uma parcela considerável delas continha mobiliário fúnebre (62%). Os achados mais ocorrentes consistem em broches e vasos de cerâmica, embora um dos enterramentos (CW. B) tenha revelado um colar singular com mais de 70 contas de vidro depositado junto a uma mulher. Em termos populacionais, mais mulheres do que homens foram encontradas em Cowlam (5:8 contra 2:8, respectivamente) e apenas um esqueleto não pôde ter seu sexo estimado, por questões etárias. A maior parte dos indivíduos enterrados em Cowlam era composta por adultos, embora os números não sejam absolutos: uma criança de 6-8 anos foi encontrada no sítio e quase 40% das demais ossadas não puderam ser avaliadas em termos etários.

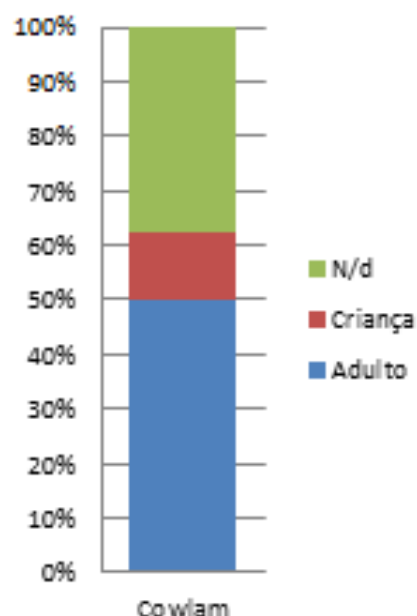
Tal como nos demais sítios encontrados na região dos Wolds, o eixo de orientação dos corpos corresponde predominantemente a um sentido norte-sul, com crânio orientado a leste (62% dos casos), e embora variações sejam registradas, sobretudo de corpos orientados no sentido sul-norte, nenhuma inumação em Cowlam foi encontrada no sentido leste-oeste e seguindo uma tipologia “B” de enterramento. Não há também qualquer enterramento secundário (tipo “D”) registrado no sítio, e todas as inumações, embora próximas umas às outras, contaram com uma tumba individual. Os

enterramentos registram uma homogeneidade também em termos das posturas corporais nas quais os esqueletos foram encontrados, havendo uma proximidade numérica entre a posição fletida e a posição contraída. Contudo, em se tratando do lado do corpo sobre o qual a maior parte dos cadáveres foi depositada, há uma nítida preferência pelo lado esquerdo, seguido de apenas um caso registrado para as duas outras variações, respectivamente (isto é, de costas, ou do lado direito). Todos os achados descobertos em Cowlam encontram-se alojados no Museu Britânico.



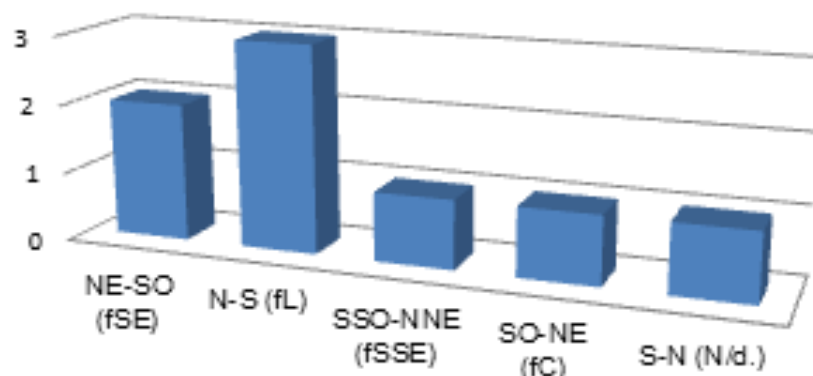
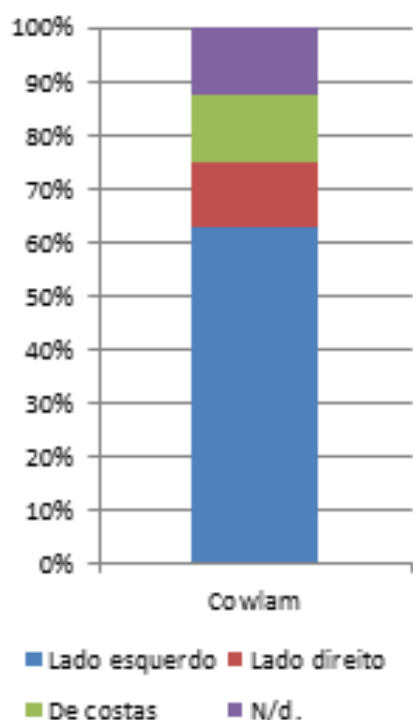
Gráf. 2.1. (acima): Sexo dos esqueletos de Cowlam

Fig. 2.2. (abaixo): Parte do corpo sobre a qual os esqueletos em Cowlam foram encontrados.



Gráf. 2.3. (acima): Idade dos esqueletos de Cowlam.

Gráf. 2.4.. (abaixo): Orientações dos esqueletos de Cowlam.



Gráf. 2.5. Postura dos esqueletos encontrados em Cowlam

2.3.2 Acklam Wold

Acklam Wold era um sítio conhecido, até algumas décadas, apenas por um conjunto de sepultamentos anglos examinados pelo Yorkshire Antiquarian Club em 1849 (HARRISON, 2010) e escavados, em maiores detalhes, em 1878 por Mortimer (1905, p. 94–95). Em novembro de 1980, no entanto, dois novos sepultamentos – ambos com espadas – foram encontrados no local. A descoberta dessas duas novas tumbas se deu de modo inesperado durante uma varredura e limpeza do local feita pelo exército na década de 80, já que Acklam havia sido utilizado como um campo de treinamento militar durante a Segunda Guerra Mundial. Após a identificação dos achados, a então Humberside Archaeological Unit foi chamada para concluir as escavações no local, e os resultados foram subsequentemente publicados por Dent (1983). Por estarem em meados de novembro em uma área relativamente isolada dos Wolds, os trabalhos se deram de modo rápido já que as condições climáticas eram adversas e o local estava tomado por neve.

A escavação revelou que uma das tumbas correspondia, como era de se esperar, a um enterramento do período anglo-saxão, no entanto, a segunda tumba acabou por revelar uma inumação da Idade do Ferro. Esta última continha o esqueleto de um indivíduo do sexo masculino de idade adulta (c. 30 anos), enterrado em sentido N-S voltado a leste. Junto ao homem foram encontradas uma cavilha (tipo de prendedor) feita de osso e uma espada intencionalmente dobrada ao meio (em um ângulo de 150°). Ambos os artefatos foram depositados próximos às pernas do defunto. O esqueleto, por sua vez, apresentava ainda diversos sinais de trauma violento causados por golpes compatíveis com os de uma espada, e apesar do indivíduo ter apresentando uma significativa recuperação, é provável que a *causa mortis* tenha sido ocasionada por um futuro golpe, novamente causado por objeto cortante. Análises recentes apontam ainda que o indivíduo sofria de uma forte infecção pulmonar no momento de sua morte, de modo que o enterramento de Acklam é o segundo caso mais antigo já registrado em todas as Ilhas Britânicas de tuberculose na pré-história.

Apesar de nas cercanias de Acklam terem sido encontradas tumbas da Idade do Bronze e estruturas de terraplanagem lineares construídas ao longo do primeiro milênio a.C., além do tardio cemitério anglo, nenhum outro enterramento da Idade do Ferro foi

descoberto na região, a despeito de investigações recentes¹⁰. Todos os achados foram entregues ao Museu de Hull & East Riding, onde se encontram até hoje.

2.3.3. Garton e Wetwang Slack

Os sítios de Garton e Wetwang compõem um mesmo e extenso complexo arqueológico situado no que os habitantes locais hoje chamam de “slack”: um vale seco. As escavações na região foram, em grande parte, inicialmente motivadas por uma urgência de preservação: a extração comercial de cascalho iniciada na região durante a segunda metade do século XX representava uma ameaça para o material pré-histórico que a região abrigava e, por conta de tal ameaça, uma série de trabalhos arqueológicos foram planejados (DENT, 1984, p. 13).

As escavações no local iniciaram-se, assim, nas décadas de 1960-70, chefiadas por T. C. M Brewster (1971, 1980). Brewster escavou cerca de 50 inumações no local, a maioria situada a 1 km de distância a sudeste (em Garton) do cemitério mais extenso encontrado em Wetwang, que, por sua vez, foi escavado minuciosamente entre 1975-84 por John Dent (1982, 1984, 1985), em um dos maiores exercícios de arqueologia mortuária até então empreendidos na Inglaterra, já que, como Dent (1984, p. 15) destacou, “tal escala de escavação foi raramente vista e é muito improvável que seja repetida”. Não se trata de um exagero por parte do autor. Wewtang Slack é, até os dias atuais, o maior cemitério da Idade do Ferro já registrado nas Ilhas Britânicas e um dos maiores da Europa como um todo, contando com mais de 450 enterramentos, e uma enorme variedade de achados que vão desde tumbas com carros, espelhos, armas, joias e também uma rica diversidade demográfica (em termos sexuais e etários).

A quantidade de informações de que dispomos das tumbas encontradas nesse vale é significativamente grande, se comparada a outros sítios. Isso porque Wetwang foi, ao longo dos anos, alvo de uma série de análises de relações estratigráficas, tipologias de

¹⁰ Os últimos trabalhos no local foram realizados em julho de 2016, como parte do “Acklam Wold Research Project” coordenado por Melanie Giles (Universidade de Manchester) e Robert Johnston (Universidade de Sheffield), do qual tive a oportunidade de compor a equipe de arqueólogos trabalhando no sítio. Ainda que uma prospecção geofísica tenha sido feita na área, e escavações por parte do proprietário da terra e nossa equipe tenham revelado galhadas trabalhadas, pedras de mó pré-históricas, traços de estruturas de terraplanagem e resíduos de atividade mineradora do séc. XIX, nenhuma outra evidência de atividade funerária (anglo-saxã ou da Idade do Ferro) pode ser observada.

artefatos, cronologias científicas à base de carbono e estudos osteológicos distintos que incluem desde aspectos de violência e traumas físicos, até dieta e padrões alimentares (DENT, 1982, 1984; JAY, 2009; JAY et al., 2012; JAY; RICHARDS, 2006; KING, 2010a). Em termos cronológicos, as tumbas encontradas em Garton e Wetwang datam dos séculos IV-II a.C. e estudos recentes sugerem que o cemitério de Wetwang, particularmente, foi ocupado majoritariamente entre os séculos III-II a.C. (JAY et al., 2012).

É possível identificarmos quatro fases do desenvolvimento em Wetwang:

Fase 1. Um conjunto de tumbas se forma na junção em “L” entre duas rotas (uma que se estende no sentido noroeste-sudeste e outra no sentido oeste-leste), no canto oeste do cemitério. Essas tumbas se localizam na mesma altura de uma tumba circular da Idade do Bronze a aproximadamente 300m oeste da mesma. Nenhum artefato foi encontrado nessas tumbas (em parte devido à ação do tempo) e é possível que algumas outras sepulturas desse período tenham sido colocadas em outras regiões, posteriormente absorvidas por outros enterramentos, durante a intensificação de ocupação do cemitério.

Fase 2. Além da intensificação de tumbas na extremidade oeste do cemitério, há uma expansão no sentido leste, em direção à tumba da Idade do Bronze. Um novo núcleo de sepulturas começa a se formar no meio do cemitério em um ponto equidistante entre a tumba da Idade do Bronze e as primeiras tumbas da fase 1. Artefatos são encontrados, sobretudo, broches e contas.

Fase 3. Ao final da fase 2 e durante a fase 3 ocorre a construção de uma estrutura de terraplanagem, na mesma orientação da rota oeste-leste anteriormente existente na fase 1, criando uma verdadeira via que corta todo o cemitério e restabelece um novo senso de orientação no local. As novas tumbas aparecem, agora, apenas ao norte da nova estrutura de terraplanagem, ocupando espaços formados entre agrupamentos de tumbas já existentes. Tal como na fase anterior, os artefatos mais encontrados consistem em broches, e dois enterramentos (WS102, 268) revelaram contas de vidro.

Inicial

Tardia

Fase 4. Ocorre uma otimização de uso do espaço do cemitério, onde a maior parte dos espaços disponíveis entre tumbas passa a ser utilizado para novas sepulturas, mas, tal como na fase anterior, apenas ao norte da via que corta o cemitério. Há ainda a formação de dois grupos de enterramentos, um a oeste (próximo às tumbas da fase 1) e outro na extremidade leste do cemitério (junto à tumba da Idade do Bronze). Artefatos foram encontrados e dentre alguns dos mais distintos estão espadas (e.g. WS92). Essa fase marca o último momento de ocupação e uso do cemitério, que passa então a ser descontinuado.

(DENT, 1984, p. 81–2; JAY et al., 2012, p. 164)

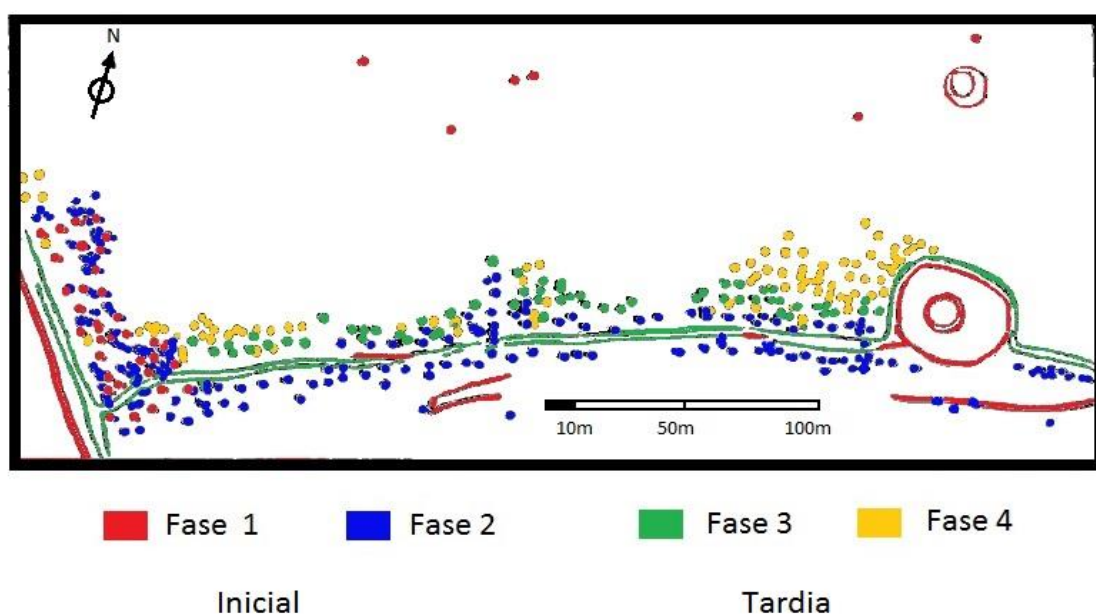


Fig. 2.5. Diferentes fases do desenvolvimento do cemitério de Wetwang Slack durante a Idade do Ferro. O autor, adaptado da cadeia de quatro imagens elaborada por Dent (1984, p. 81 fig. 2.28).

Próximos ao cemitério encontram-se, ainda: (1) a menos de 1 km a leste, os enterramentos de Garton Slack (incluindo-se aí uma tumba com carros) e (2) a cerca de 300 metros a oeste, as tumbas de 2 homens e 1 mulher também enterrados com carros (WS453-5), atestando a diversidade dos achados encontrados no vale. É importante também destacar que embora a maior parte das tumbas encontradas no complexo de Garton-Wetwang Slack correspondesse a enterramentos individuais do tipo A, há ainda

um número significativamente alto de tumbas do tipo “D”, isto é, inserções secundárias a uma sepultura original ou à trincheira que a circunscrevia, fazendo com que um total de quase 40% em Wetwang e pouco mais de 50% em Garton das tumbas encontradas fosse composto por sepultamentos secundários a tumbas iniciais.

A maior parte dos esqueletos encontrados no *slack* estava na posição fletida e suas posições variantes (semi-fletida e fortemente fletida). Em Wetwang, particularmente, o número de indivíduos enterrados nessa posição chega a alcançar 78% da população local. Já Garton apresenta uma maior flexibilidade em termos de posturas, pois 11% dos esqueletos estavam também em posição contraída (dorsal e de lado). Apenas dois indivíduos (ambos homens, de 25-35 anos), em todo o vale de Garton-Wetwang, foram encontrados em posição estendida, isto é, em decúbito dorsal: um deles em WS388 e outro em GS7.3.1. Entre os dois casos, apenas o sujeito encontrado em Wetwang parece destoar dos demais, já que o homem encontrado em Garton foi enterrado em uma tumba de tipo “B” em uma orientação leste-oeste e frequentemente enterramentos deste tipo apresentam esqueletos em posição semi-fletida e estendida. É possível que talvez a posição do corpo do homem encontrado em WS388 tenha sofrido alguma alteração no momento de escavação, embora Dent (1984, p. 25) não mencione.

Em termos de orientação corporal, cerca de 70% dos esqueletos em ambos os sítios encontravam-se alinhados em um eixo norte-sul, com os crânios direcionados a leste, tal como observado na maioria dos sítios da região. As duas outras posições mais frequentes incluem um arranjo do corpo no eixo norte-sul, face a oeste (17% em Wetwang; 6% em Garton) e no sentido sul-norte, face a oeste (10% em Wetwang; 12% em Garton). Tanto em Garton como em Wetwang há uma nítida preferência por enterrar os cadáveres deitados na cova sobre o lado esquerdo de seus corpos: 330 dos esqueletos que conhecemos foram encontrados em tal posição, o que corresponde a aproximadamente 80% da população total enterrada na depressão.

Homens e mulheres aparecem, ainda, enterrados na mesma proporção. Em Garton a quantidade é virtualmente a mesma e em Wetwang o número de mulheres excede o de homens apenas por 50 enterramentos, não havendo quaisquer distinções sexuais numéricas significativas em termos quantitativos. Em ambos os sítios a maior parte da população enterrada consiste de adultos (85% em Wetwang, e 56% em Garton), entretanto, Garton possui uma maior variabilidade de inumações em termos etários,

sendo um dos sítios dos Wolds onde mais foram encontrados lactentes. Em termos de mobilidade e biografias é relevante, ainda, observar que as pessoas enterradas em Garton-Wetwang eram majoritariamente locais e passaram a maior parte de suas vidas na região dos Wolds: um fato observável tanto para homens como mulheres, independentemente do tratamento mortuário dado à pessoa morta e a “qualidade/quantidade” de achados nas tumbas (JAY et al., 2013; JAY; RICHARDS, 2006).

Apesar de contarmos com mais de 500 inumações encontradas em todo o complexo de Wetwang-Garton, em ambos os sítios apenas uma pequena parcela de pessoas, correspondente a 20-25% da população, foi enterrada com quaisquer itens de mobiliário fúnebre (incluindo-se aí, objetos de metal, pedra, madeira ou ossadas de animais), indicando que a deposição de artefatos em contextos mortuários se dava de maneira seletiva. Apesar dos números reduzidos, diferentes categorias de objetos foram encontrados nos sítios, incluindo-se aí objetos de adorno, caixões fúnebres, armamentos (espadas, pontas de lança, escudos), um espelho, ossadas animais de caprinos e suínos, veículos e equipamentos de arreo. Tanto o material ósseo como os artefatos escavados em ambos os sítios encontram-se, hoje, abrigados na coleção do Museu de Hull e East Riding.

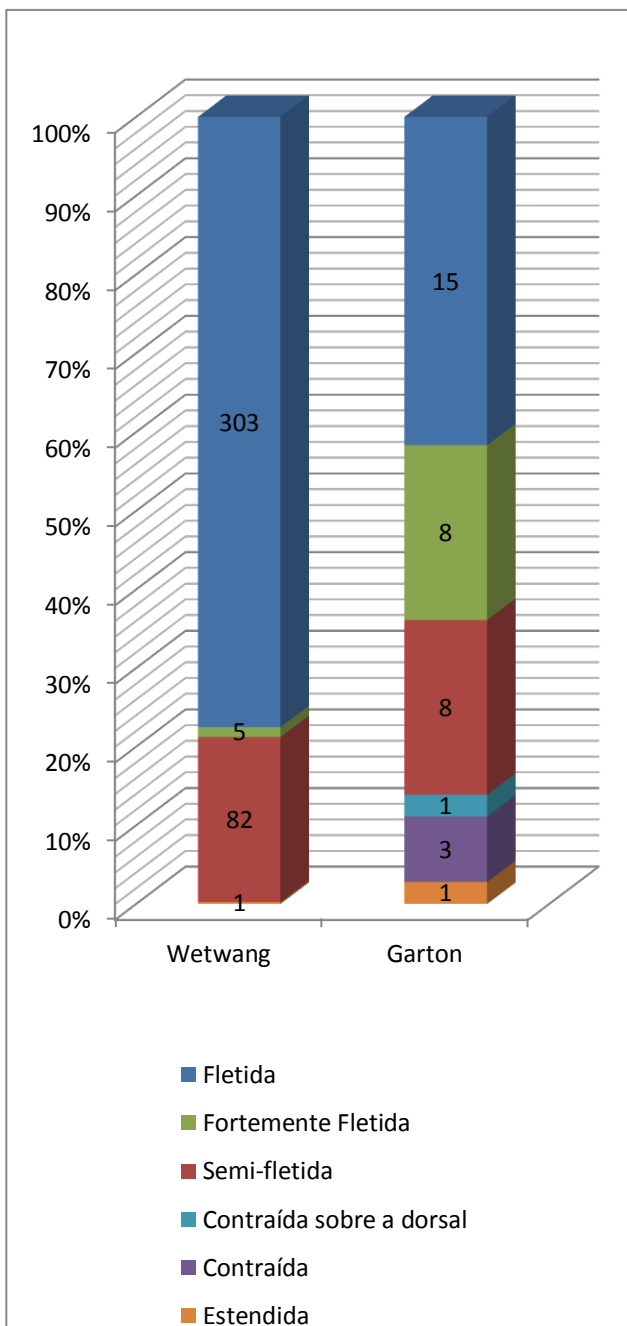


Gráfico 2.7: Postura dos esqueletos encontrados em Wetwang e Garton Slack.

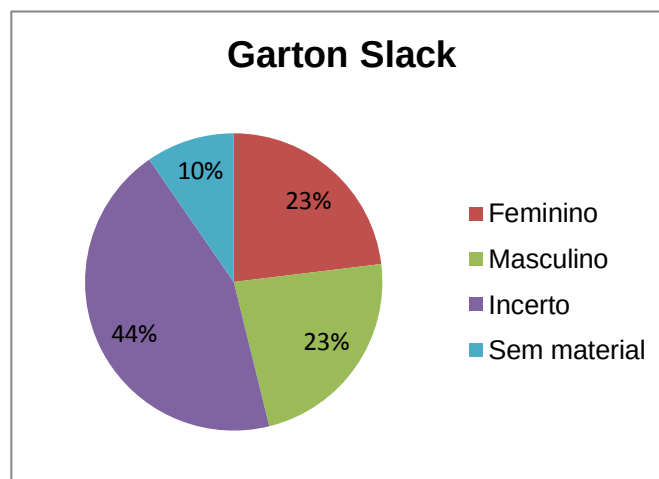
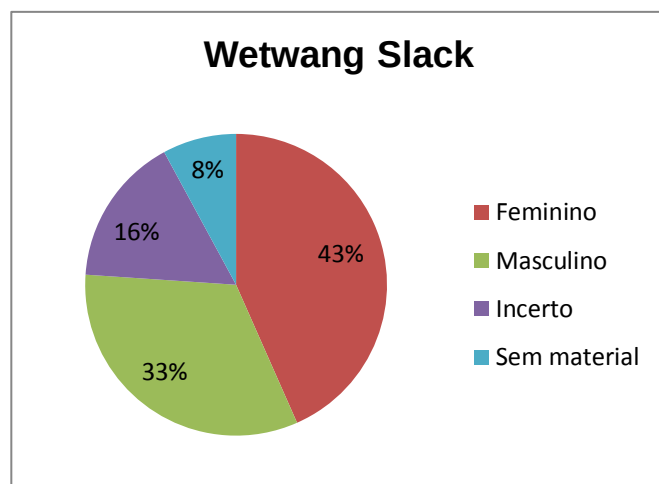
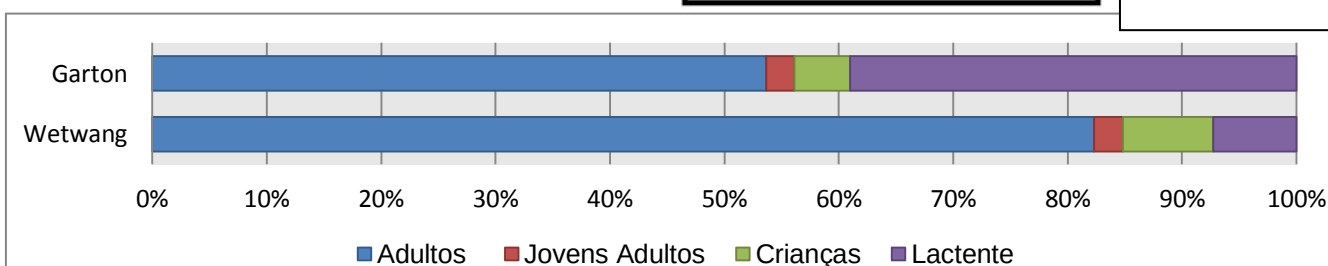


Gráfico. 2.6.: Sexo das ossadas encontradas em Wetwang e Garton Slack.

	Wetwang	Garton
Tipo		
A	267	17
B	2	1
C	3	1
D	155	21
Total:	427	40

Gráfico 2.8
Tipologias dos enterramentos de Garton e Wetwang Slack.

Gráfico 2.9
Idade das ossadas



2.3.4. Rudston e Burton Fleming

Os enterramentos de Rudston e Burton Fleming fazem parte de um grande complexo que se estende ao longo do córrego Gyspey Race na altura do vale de Great Wolds. A área conta com mais de duzentos sepultamentos da Idade do Ferro e concentra ainda um conjunto de estruturas pré-históricas nas suas mais diversas formas, que incluem desde *henges* e *cursus* do Neolítico até assentamentos e tumbas da Idade do Ferro. Os enterramentos aqui discutidos foram encontrados em cemitérios que se estendem sobre o vale em um sentido norte-sul, a partir de três setores: Makeshift (a sudoeste), Argam Lane (na intercessão entre as paróquias administrativas de Rudston e Burton Fleming) e Bell Slack (a nordeste). O relato da descoberta bem como a descrição de todo o material da Idade do Ferro foram publicados em um catálogo por Stead (1991), que foi responsável, junto com A. L. Pacitto, pela direção dos trabalhos arqueológicos realizados no local.

As escavações em Rudston e Burton Fleming se deram (indiretamente) graças a uma iniciativa por parte do Inspectorate of Ancient Monuments, um órgão do governo britânico então responsável pela inspeção, tombamento e preservação de antigos monumentos e patrimônio arqueológico no Reino Unido. A atuação do órgão consistia em selecionar e escavar monumentos que se encontravam comprometidos ou ameaçados pelo desenvolvimento urbano ou agrícola, a fim de preservá-los para a posterioridade. O interesse de atuação na região foi, assim, motivado pela preservação do *henge* de Burton Fleming e, em 1967, uma varredura geofísica e alguns trabalhos arqueológicos foram realizados nas cercanias do monumento. Ainda nesse mesmo ano, pela primeira vez fotos aéreas foram realizadas pela Força Aérea Real (RAF) ao longo do vale de Gyspey Race, revelando uma quantidade significativa de vestígios pré-históricos, incluindo centenas de tumbas da Idade do Ferro. Essas fotos foram, nos anos seguintes, suplementadas por uma série de outras fotos, feitas por arqueólogos, como A. L. Pacitto, com foco nas estruturas pré-históricas do local. Quando, ainda em 1967, o governo resolveu realizar um alargamento da estrada que ia de Burton Fleming a Rudston, a oportunidade surgiu para que uma parte do cemitério da Idade do Ferro na região fosse escavada por conta das obras, já que a estrada passava por várias tumbas - notavelmente, na área de Makeshift, Rudston (STEAD, 1991, p. 1–4). As escavações

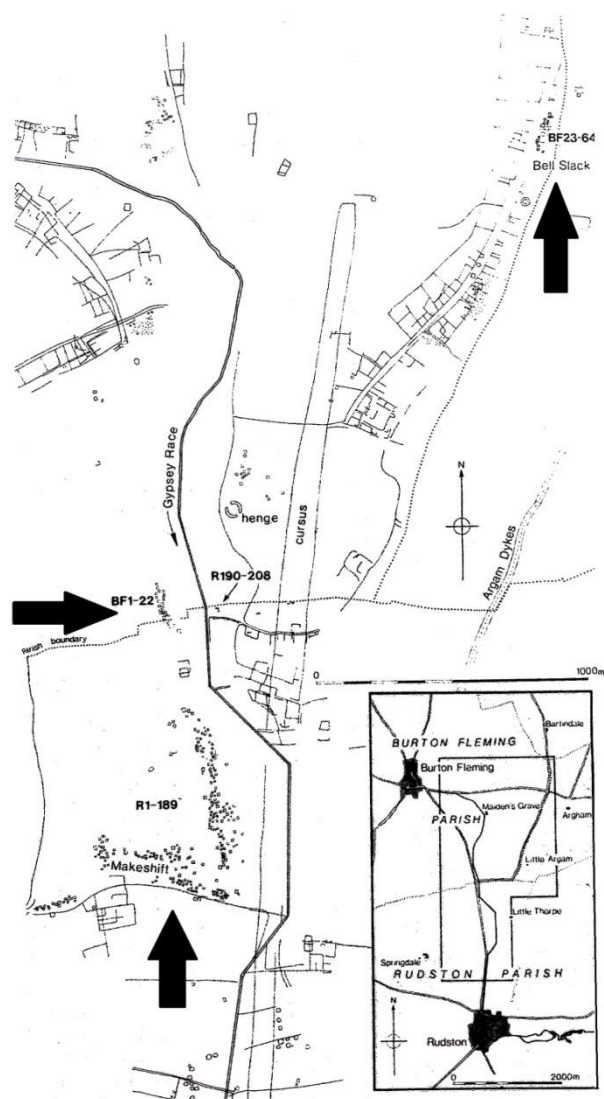
prosseguiram ao longo de anos e os cemitérios de Rudston e Burton Fleming foram escavados, ao longo de nove estágios sucessivos, por mais de uma década (1967-1978). Os trabalhos acabaram revelando um dos mais diversos e extensos complexos mortuários da Idade do Ferro encontrados nas Ilhas Britânicas até os dias atuais.

Tanto em Rudston como em Burton Fleming a maioria das inumações encontradas corresponde a indivíduos de idade adulta, totalizando mais de 80% da população enterrada. Apenas 6 crianças foram encontradas e nenhum lactente foi descoberto em todo o complexo apesar de mais de 250 tumbas terem sido escavadas. A maior parte das sepulturas (n.=235) corresponde a enterramentos primários, e apenas um número reduzido de sepultamentos secundário foi encontrado (notavelmente 8 casos em Rudston, e 5 em Burton Fleming). Em termos tipológicos, a maior parte das tumbas é de tipo A (58%, Rudston; 88% Burton Fleming), embora Rudston apresente uma parcela significativa também de tumbas do tipo B (23%), e consequentemente maior variações em termos de orientações dos cadáveres. No entanto, tal como nos demais cemitérios de Yorkshire, o eixo de alinhamento Norte-Sul foi o mais recorrente para a deposição de esqueletos (n. = 141 casos; 51%), seguido, respectivamente, pelos eixos Sul-Norte (n. = 47; 17%); Leste-Oeste (n.= 34; 12%) e Oeste-Leste (n. = 24; 9%).

Em termos corporais, a maior parte das ossadas foi depositada sobre o lado esquerdo do corpo (73%), em posições fletidas e contraídas com variações e frequências equivalentes – a única exceção sendo a posição estendida (isto é, em decúbito dorsal), que foi observada apenas em Rudston. Há uma relativa simetria sexual em ambos os sítios e, apesar de 93 casos terem revelados contraindicações ou ossadas nas quais não se foi possível estabelecer qualquer estimativa do sexo do falecido, um total de 186 esqueletos pode ter seu sexo identificado, correspondendo a aproximadamente 70% da população enterrada. Embora a presença de mulheres e homens se manifeste em números estatisticamente equivalentes, em Rudston, mulheres estão um pouco mais presentes do que homens (♀78, ♂62) e em Burton Fleming, observa-se o oposto (♀22, ♂24) embora a diferença seja virtualmente mínima.

Diferentemente de outros grandes cemitérios, ambos Rudston e Burton Fleming revelaram uma quantidade significativa de tumbas que continham algum tipo de provisão depositada junto aos mortos. A quantidade de tumbas com mobiliário fúnebre é praticamente idêntica e, até mesmo ligeiramente maior (51%), a de tumbas sem

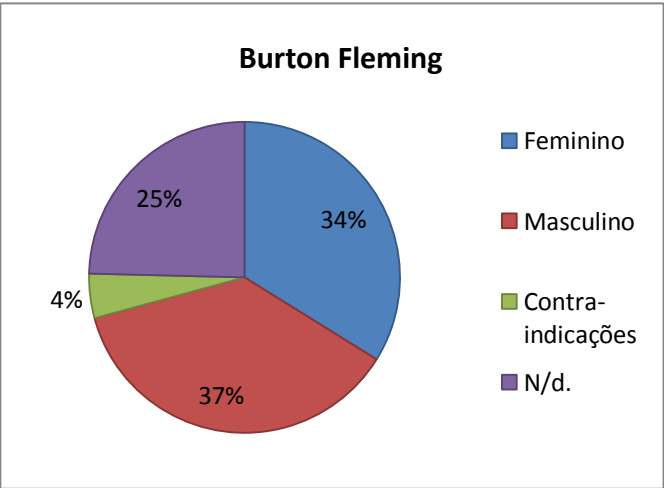
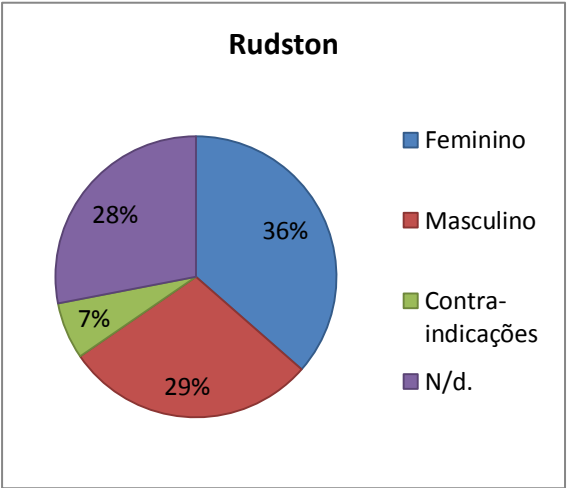
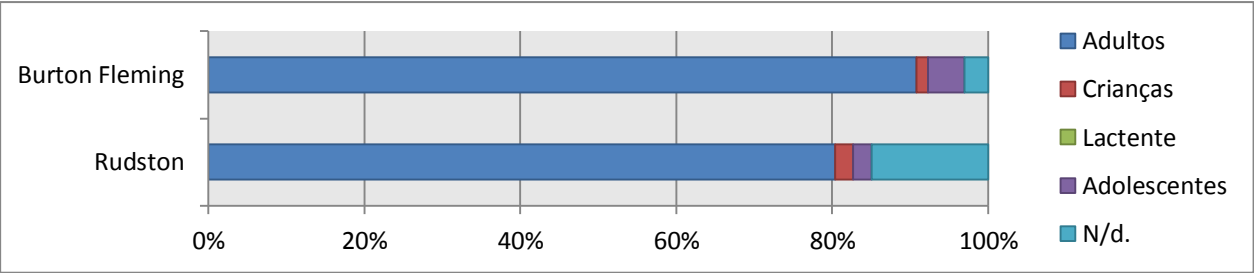
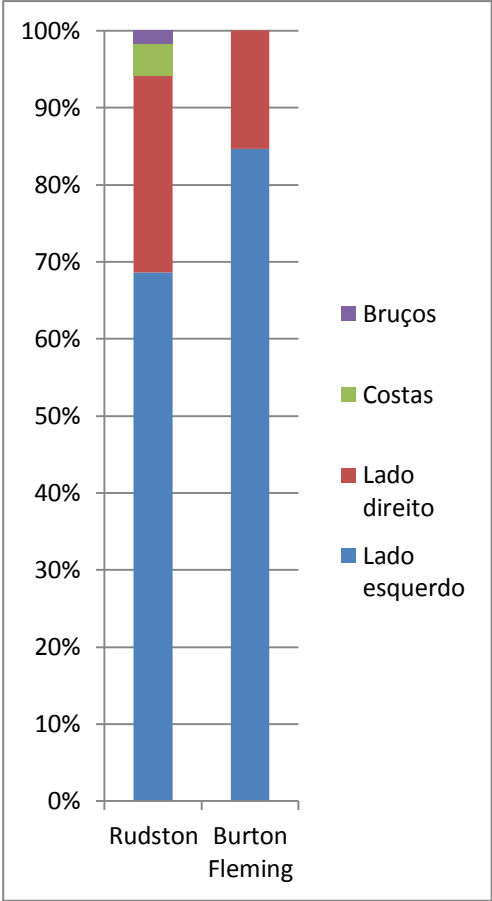
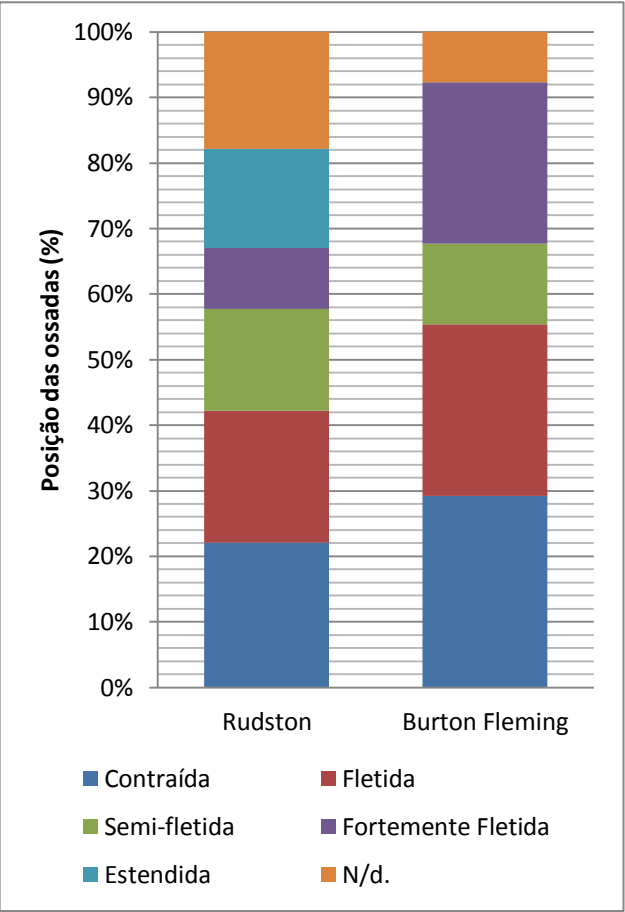
qualquer tipo de mobiliário. Isso faz com que os enterramentos encontrados sejam particularmente relevantes do ponto de vista material e comparativo, ainda que a quantidade de achados por tumba, em si, seja relativamente pequena, correspondendo quase sempre a um broche e/ou vaso de cerâmica. Todos os artefatos e ossadas encontradas nas escavações de ambos os sítios encontram-se abrigados no Museu Britânico.



[ano da escavação; tumbas da Idade do Ferro]

1967-68: R1-22	1971: R94-114	1975: R135-75
1969: R26-44	1972: BF1-22	1976: R190-208
1970: R68-89	1974: R177-88	1977-78: BF23-64

Fig.2.6 : Paisagem pré-histórica e cemitérios de Rudston e Burton Fleming, e os anos das escavações dos enterramentos da Idade do Ferro na região. *Fonte:* Stead, 1991, com adaptações do autor assinalando as localidades e os anos)



Tipo	Rudston	Burton Fleming
A	124	57
A/B	2	0
B	50	2
C	0	0
D	8	5
N/d.	30	1
Total	214	65

Gráfico 2.10: Posição dos esqueletos em Rudston e Burton Fleming

Gráfico 2.11: Lado do corpo sobre o qual os esqueletos foram encontrados em Rudston e Burton Fleming; **Gráfico 2.12:** Idade dos esqueletos de Rudston e Burton Fleming

Gráfico 2.13: Sexo dos esqueletos de Rudston e Burton Fleming

Gráfico 2.14: Tipologia das tumbas encontradas em Rudston e Burton Fleming

2.3.5. Kirkburn e Garton Station

Os cemitérios de Kirkburn e Garton Station foram escavados, de certo modo, como resultado de uma frustração por parte da equipe envolvida na escavação dos cemitérios de Rudston e Burton Fleming (STEAD, 1991, p. 1). Essa frustração tinha a ver com o fato de que apesar de mais de 250 enterramentos terem sido escavados no Vale Gyspey Race entre 1967-78, nenhum deles havia produzido uma tumba com carro: uma modalidade de enterramento icônica e de grande importância, sobretudo para a arqueologia da região. A ambição por descobrir uma tumba desse tipo havia ainda sido reforçada por dois trabalhos arqueológicos, então recentes, realizados em 1971 em Garton Slack e 1984 em Wetwang Slack, que revelaram um total de quatro enterramentos com carros.

Os trabalhos realizados por Dent (1984, 1985) em Wetwang foram de suma importância para a descoberta e a escavação dos sítios de Garton Station e Kirkburn, nos anos posteriores, por Stead e sua equipe do Museu Britânico (STEAD, 1991, p. 17–28). Isso porque Wetwang ofereceu, pela primeira vez na arqueologia de Yorkshire, um ambiente controlado, escavado sob técnicas modernas e com auxílio de varreduras feitas com uso de gradiômetro e detectores de metal, tornando possível a identificação de padrões e leituras de anomalias geofísicas características a determinados tipos de achados, como no caso, tumbas com carros¹¹. Esses dados foram ainda complementados e explorados a partir de uma série de fotografias aéreas tiradas por John Dent em 1984 por conta das escavações de Wetwang Slack, que acabaram, por sua vez, revelando traços do cemitério de Garton Station, já que este se encontrava a menos de 5 km à leste do vale de Wetwang, no local de uma antiga estação ferroviária que servia ao vilarejo de Garton on the Wolds entre 1853 e 1950.

Em 1985-86, a área de Garton Station foi então escavada revelando um conjunto de estruturas mortuárias e 10 inumações da Idade do Ferro. Os enterramentos concentravam-se todos em um mesmo agrupamento e uma parte do sítio era cortada, por

¹¹ O enterramento em Garton Slack deveria ter estabelecido esse precedente, já que havia sido escavado por Brewster (1971) no começo da década de 70, mas infelizmente, como observa Stead (1991, p. 3) “essa escavação foi conduzida com grande sigilo e nenhum equipamento geofísico foi utilizado” na ocasião.

vezes, pelo Gyspey Race, o córrego intermitente que percorre a região. Apesar de algumas incertezas, as apostas por parte da equipe de escavadores mostraram-se recompensadoras: entre uma das tumbas escavadas estava um enterramento com carros (GST6), conforme as expectativas. O sítio revelou, ainda, uma rica estratigrafia evidenciada por uma reutilização posterior do espaço fúnebre durante o período anglo-saxão, de modo que cerca de 30 enterramentos anglos foram encontrados imediatamente juntos aos enterramentos da Idade do Ferro¹².

Em seguida, uma área a sudoeste e a sudeste de Garton Station, na paróquia administrativa de Kirkburn, foi investigada pela mesma equipe após as escavações em Garton. Novamente, combinando-se fotografia aérea com varreduras geofísicas um novo agrupamento (K2-K8) pode ser identificado e em Kirkburn, tal como em Garton Station, um novo enterramento com veículo (K5) foi escavado, dessa vez em 1987. Ao contrário dos números observados no sítio anterior, apenas uma tumba anglo-saxã foi encontrada no local (K1). As atividades da Idade do Ferro aparecem concentradas em dois setores, um a sul (onde o enterramento com carro e 4 outros enterramentos foram encontrados) e outro a oeste (onde uma estrutura da Idade do Ferro foi encontrada junto a uma tumba da Idade do Bronze e uma estrutura do Neolítico).

Apesar de aparentemente dispersos pela paisagem em pequenos agrupamentos, os dezessete enterramentos encontrados na área de Garton Station-Kirkburn apresentam uma consistência significativa em termos de semelhanças fúnebres. Por exemplo, mais de 80% de todos os esqueletos encontrados estavam orientados em um sentido Norte-Sul, votados para Leste e 90% das ossadas estavam sobre o lado esquerdo do corpo. Em termos tipológicos, há uma visível predominância de enterramentos do tipo A (n.= 14), seguidos por dois enterramentos de tipo C, isto é, enterramentos com carros, e apenas um único caso de enterramento secundário, tipo D (K2). Ambos os sítios revelam ainda uma simetria sexual quase perfeita (Garton Station: ♀5, ♂5; Kirkburn ♀4, ♂3) e todas as pessoas enterradas eram adultas (a única exceção sendo um feto e um bebê de menos de 6 meses, enterrados com duas mulheres respectivamente em Kirkburn). Mais da metade das tumbas (n.= 10) revelaram algum tipo de mobiliário fúnebre; a metade delas contava com algum tipo de artefato bélico (pontas de lanças, espada, escudo) e um dos achados mais notáveis foi encontrado no enterramento com

¹² Infelizmente nenhuns dos enterramentos ou dos achados do período anglo-saxão foram incluídos no catálogo das escavações publicado por Stead (1991).

carro em Kirkburn que revelou, entre várias outras coisas, uma das mais antigas cotas de malha que se tem conhecimento nas Ilhas Britânicas. Como a escavação de Garton e Kirkburn foi realizada sob a responsabilidade do Museu Britânico, todos os achados foram posteriormente destinados a este museu.

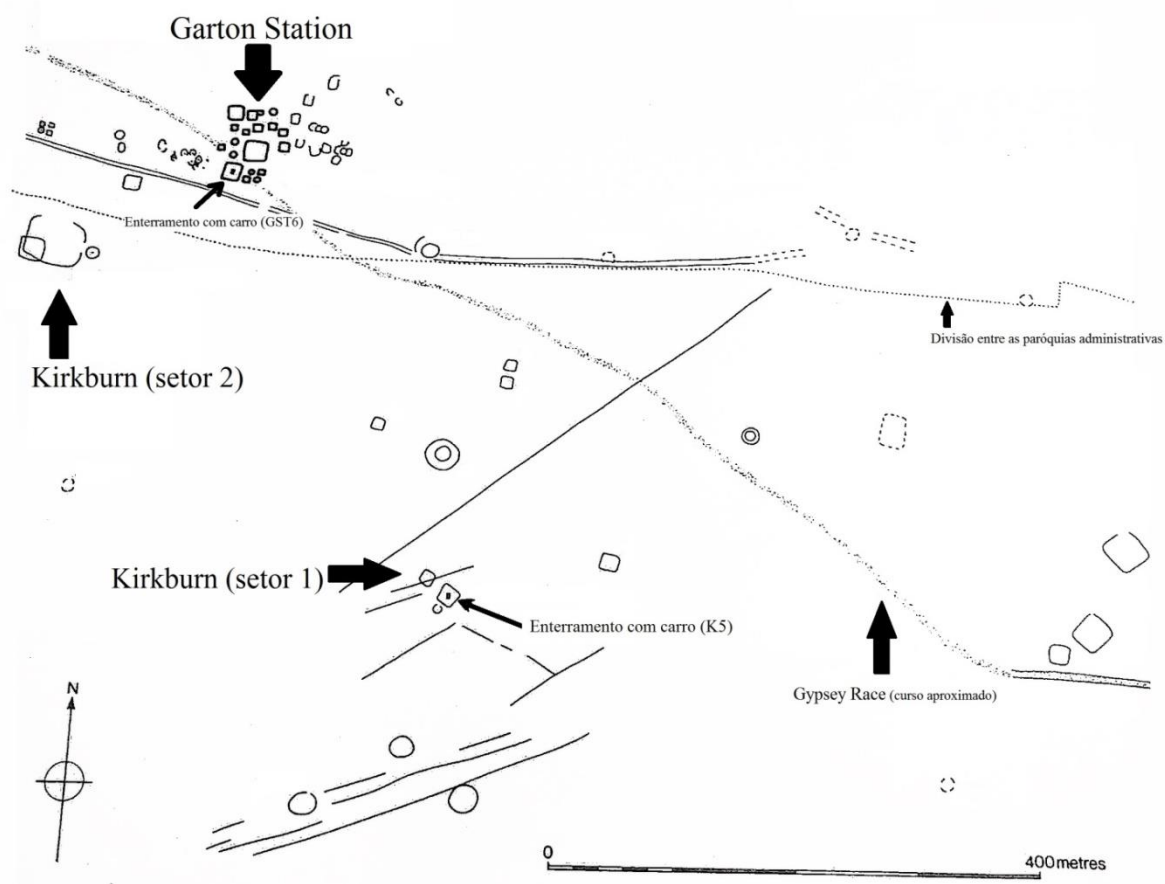
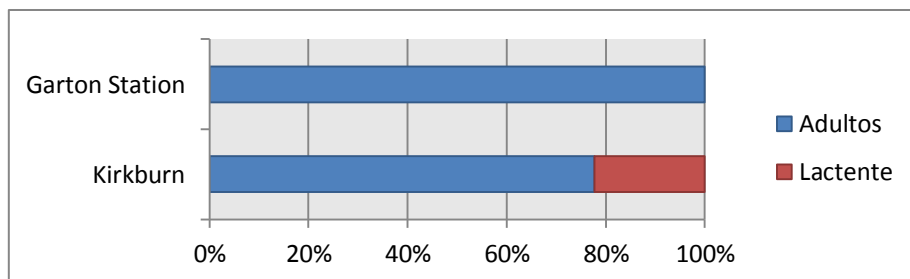
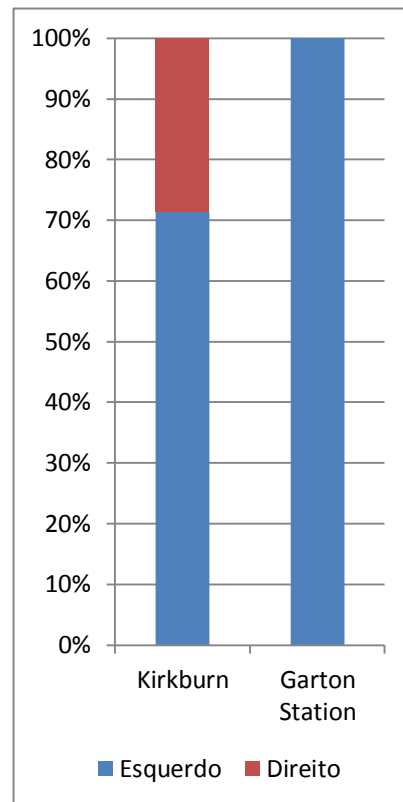
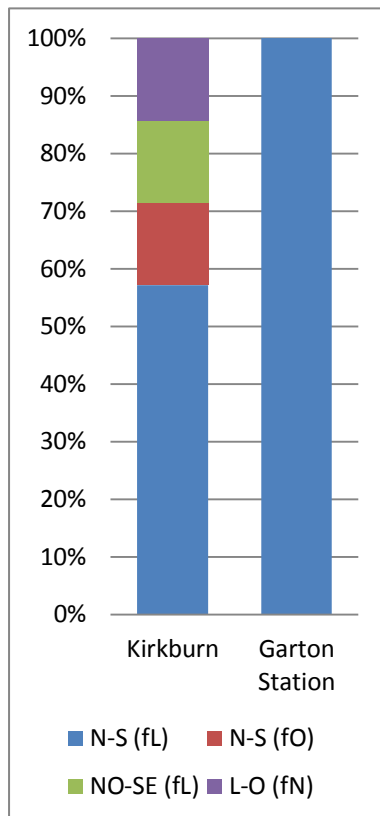
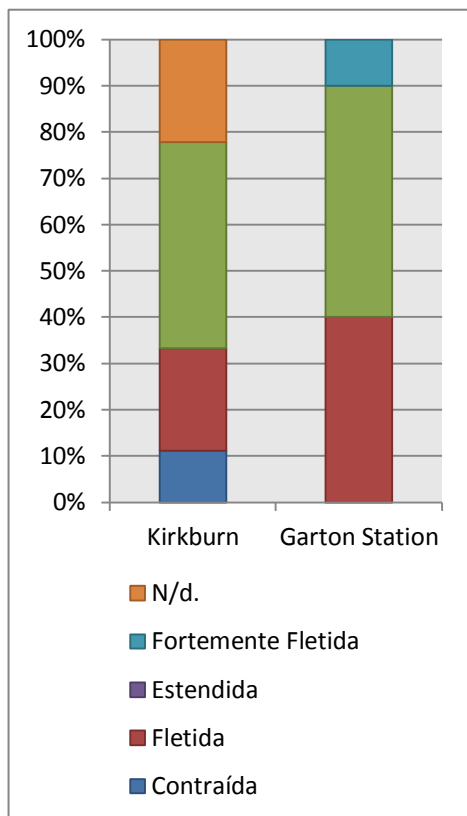


Fig. 2.7 : Enterramentos da Idade do Ferro e paisagem arqueológica de Garton Station e Kirkburn. *Fonte:* Stead, 1991; com adaptações/traduições do autor assinalando as localidades.



Tipo	Kirkburn	Garton Station
A	5	9
B	0	0
C	1	1
D	1	1
Total	7	10

Gráfico 2.15 Posição dos esqueletos de Kirkburn e Garton Station

Gráfico 2.16 Orientação dos corpos encontrados em de Kirkburn e Garton Station

Gráfico 2.17 Lado do corpo em que estavam os esqueletos de de Kirkburn e Garton Station

Gráfico 2.18 Idade dos esqueletos de de Kirkburn e Garton Station

Gráfico 2.19 Tipologia dos enterramentos de de Kirkburn e Garton Station

2.3.6. Bridlington

O sítio de Sewerby Cottage Farm, em Bridlington, foi alvo de uma série de investigações geofísicas e escavações arqueológicas entre os anos de 1999-2004, sob a direção de Chris Fenton-Thomas (2009). Os trabalhos se deram por conta da construção de um grande conjunto habitacional de 385 casas no local, permitindo que uma área de aproximadamente 16 hectares pudesse ser estudada. Essas escavações foram de grande relevância para a história do local, já que Bridlington vem testemunhando um considerável crescimento urbano há cerca de 150 anos, fazendo com que muito da arqueologia local tenha se perdido devido à expansão urbana (FENTON-THOMAS, 2009, p. 1-6).

Bridlington se situa no fim da extremidade leste-norte dos Wolds e é o ponto onde as águas do córrego sazonal Gypsey Race desembocam no Mar do Norte. As escavações realizadas entre 1999-2004, apesar de terem trazido à luz um importante grupo de construções do Neolítico e um complexo de fazendas do período romano, não revelaram nenhum extenso cemitério da Idade do Ferro no local¹³. Em termos funerários apenas duas tumbas e uma estrutura mortuária foram encontradas no local. Apesar do caráter lacunar das descobertas, uma das tumbas continha um conjunto de achados particularmente interessantes e semelhantes àqueles encontrados em outros sítios dos Wolds.

O enterramento de BR(G4) revelou, assim, o esqueleto de um indivíduo adulto (de 33-45 anos), muito provavelmente do sexo masculino (KAUSMALLY, 2009, p. 273–275), enterrado em uma tumba quadrangular, característica da região. O morto foi depositado na cova na posição leste-oeste, com o crânio direcionado ao sul, em uma posição estendida, isto é, em decúbito dorsal, consistindo assim, em termos tipológicos, em uma inumação de tipo B. Junto ao esqueleto foram encontradas uma adaga, uma ponta de lança e as ossadas de um porco, e o enterramento parece ter sido feito entre o

¹³¹³ Em Grindale, contudo, a noroeste de Bridlington, há um cemitério da Idade do Ferro identificado a partir de fotografias aéreas e ainda não escavado; é possível que talvez houvesse mais tumbas em Bridlington e elas tenham simplesmente sido destruídas ao longo dos anos, ou ainda não identificadas (STOERTZ, 1997; FENTON-THOMAS, 2009, p. 244).

final do séc. II e, mais provavelmente, do século I a.C. (FENTON-THOMAS, 2009, p. 214; STEAD, 2009).

Imediatamente a leste da sepultura, foi encontrada uma estrutura entrincheirada em formato quadrangular, semelhante à da tumba de BR(G4), que parece ter sido utilizada como um estrutura mortuária possivelmente para a preparação do corpo, e também alguns fragmentos de cerâmica da Idade do Ferro (FENTON-THOMAS, 2009, p. 210-14; 244-46). Indícios da presença de postes (de até 2m de altura) e de um cercado ao redor da estrutura revelam que ela foi intencionalmente delimitada e ocultada durante certo estágio. Cronologicamente, é possível estabelecer uma relação desta estrutura (e seu cercado) com a tumba circunvizinha, e identificar que a estrutura foi construída em primeiro lugar e a cerca foi retirada do local no mesmo período em que a tumba vizinha foi construída, provavelmente em algum estágio antes de se enterrar o morto (FENTON-THOMAS, 2009, p. 244–46).

A cerca de 30 metros ao norte da tumba de BR(G4) e da estrutura mortuária foi encontrada, ainda, outra sepultura, desta vez em formato circular, também datada da Idade do Ferro. Essa tumba, contudo, não continha uma cova e nenhum esqueleto foi encontrado em seu interior, sendo possível que tenha se tratado de (A) um enterramento na superfície no qual os restos esqueléticos não sobreviveram aos dias atuais, ou (B) um monumento fúnebre celebrativo, no qual um indivíduo falecido fora lembrado, mas sem seu corpo ter sido enterrado (FENTON-THOMAS, 2009, p. 217).

O sítio de Sewerby Cottage Farm apresenta apenas algumas poucas evidências de assentamentos dispersos durante a Idade do Ferro. O local passou a ser ocupado de modo mais intenso e contínuo apenas no período romano (durante os séculos I-II d.C.), criando um complexo agrícola a oeste das tumbas da Idade do Ferro o qual entrará em desuso e será abandonado durante a primeira metade do século III d.C.. Os achados e o arquivo original do projeto encontram-se abrigados nos Museus de East Riding.

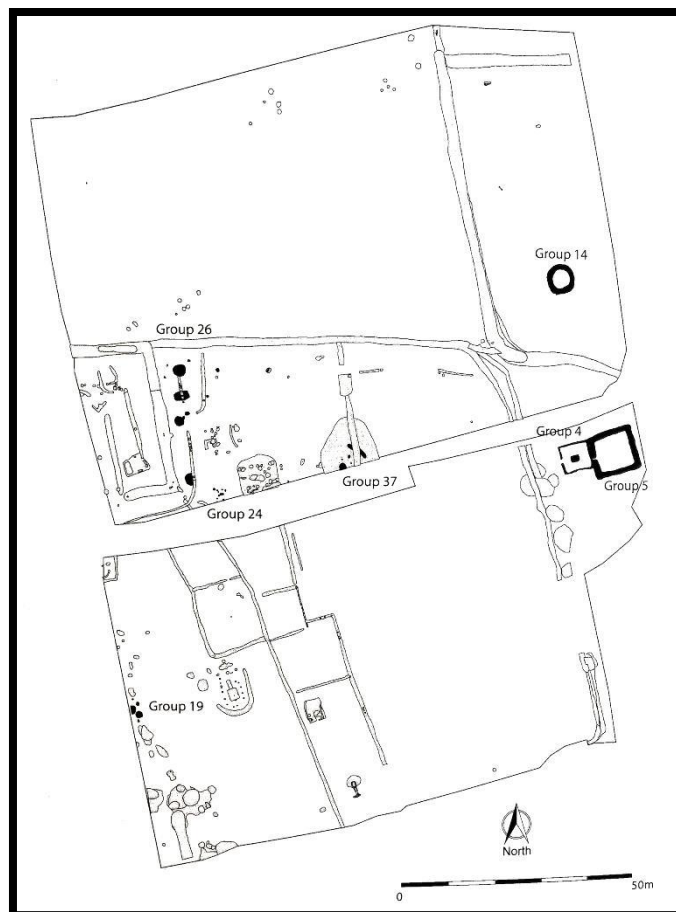


Fig.2.8: Planta do sítio de Sewerby Cottage Farm, em Bridlington. *Fonte:* Fenton-Thomas, 2009. Os enterramentos estão no canto direito da imagem, e apenas as estruturas em preto são da Idade do Ferro. As demais correspondem à ocupação tardia do local durante o período romano.

2.3.7. Nunburnholme Wold

Nunburnholme Wold é um dos mais recentes sítios escavados que contém inumações da Idade do Ferro em East Yorkshire. Situado na extremidade oeste dos Wolds, próximo a Pocklington e Market Weighton, o local abriga um conjunto de construções pré-históricas, incluindo algumas tumbas quadrangulares, estruturas lineares de terraplanagem, trincheiras e até mesmo um provável recinto mortuário do Neolítico. Boa parte dessas estruturas já haviam sido identificadas em décadas anteriores a partir de fotografias aéreas e o mapeamento da região (STOERTZ, 1997), mas subseqüentes varreduras geofísicas realizadas em 2012-2014 em uma

área de cerca de 50 hectares, acabaram por confirmar o potencial para escavação no local, oferecendo maior precisão arqueológica (HALKON; LILLIE; LYALL, 2014).

A região foi, assim, escavada sucessivamente entre os anos de 2014 e 2016, por uma equipe composta por alunos de arqueologia da Universidade de Hull, voluntários locais, membros da Sociedade Arqueológica de East Riding sob a direção de Halkon, Lillie e Lyal, responsáveis também por subsequentes relatórios provisórios dos trabalhos realizados (2014, 2015; 2016). O sítio, portanto, ainda aguarda uma publicação formal, mas graças ao acesso obtido aos relatórios parciais, é possível acrescentá-lo, aqui, a lista de locais estudados, uma vez que alguns dos achados funerários da Idade do Ferro já foram escavados e estão devidamente registrados. Esses relatórios parciais são, assim, a única fonte de informação disponível sobre os achados de Nunburnholme, de modo que a presente tese é o primeiro trabalho acadêmico a incorporá-los em sua discussão.

Até o presente, dispomos de informações em relação a apenas três tumbas em Nunburnholme, embora seja possível constatar que haja um cemitério da Idade do Ferro no local com pouco mais de 30 enterramentos. As escavações, revelaram ainda que atividades rituais são identificáveis no local desde o Neolítico e a Idade do Bronze, e, não obstante, um conjunto de estruturas de terraplanagem foi sucessivamente sendo construído na região ao longo da Idade do Ferro inicial até o período romano.

A primeira das tumbas foi escavada em 2014 e revelou a ossada de um indivíduo do sexo masculino em idade avançada, orientado, em posição fletida, no eixo N-S, sobre o lado esquerdo do seu corpo (HALKON; LILLIE; LYALL, 2014, p. 7–8). Os dois subsequentes enterramentos foram escavados em 2015. Um deles, continha novamente o esqueleto de um segundo indivíduo do sexo masculino, contudo significativamente mais novo que o anterior (17-22 anos), ao passo que o outro sepultamento consistia em um enterramento na superfície, tendo o esqueleto (e quaisquer eventuais deposições) não sobrevivido aos dias atuais (HALKON; LILLIE; LYALL, 2015, p. 5–8). Os dois esqueletos encontrados em Nunburnholme estavam dentro de estruturas de madeira, que serviam como caixões e, em ambos os casos, partes de porcos foram depositadas junto aos mortos. O enterramento na superfície, visível apenas através das marcas deixadas no solo pela trincheira quadrangular que o assinalava, era significativamente maior que os dois outros e muito provavelmente datava de algumas gerações anteriores aos demais, provavelmente entre os séc. IV-III a.C..

Resta-nos esperar, assim, que a eventual publicação formal da monografia do sítio e análises laboratoriais nos revelem informações técnicas adicionais, como cronologias e dados

osteológicos mais detalhados, e novos dados sobre as demais tumbas identificadas e a população enterrada no local.

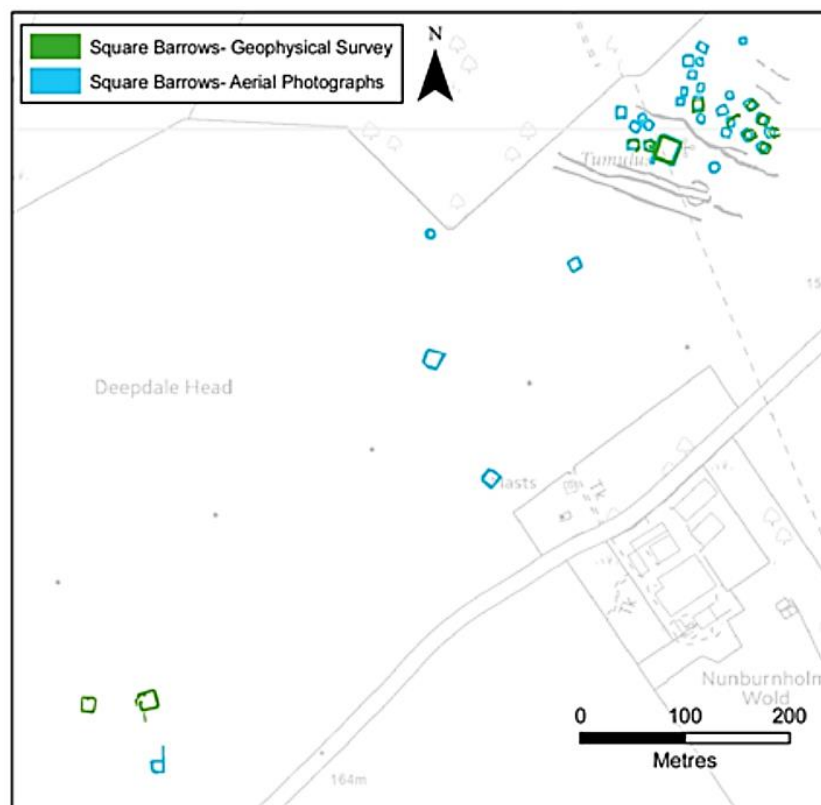


Fig 2.9 . Cemitério da Idade do Ferro em Nunburnhole Wold. Em verde, tumbas identificáveis a partir de varreduras geofísicas. Em azul, tumbas identificáveis a partir de fotografias aéreas. Imagem, baseado em trabalho não-publicado por James Lyall e Clare Whiteley. Fonte: (NUNBURNHOLME COMMUNITY HERITAGE PROJECT, 2015)

2.3.8. Knapton Wolds

O sítio de Knapton Wolds, situado na extremidade norte dos Wolds, é o mais recente caso incluído no banco de dado e catálogo da pesquisa. O local foi escavado em junho de 2017 por Dominic Powlesland, que além dos habituais trabalhos arqueológicos realizou também um processo de digitalização da área e uma modelização em 3D das tumbas encontradas, com uso de câmeras e drones aéreos. Embora os achados não tenham sido ainda formalmente publicados,

eles já passaram por análises laboratoriais realizadas em novembro de 2017 na Universidade de Manchester e graças ao gentil acesso concedido ao autor, puderam ser, aqui, incluídos na integra¹⁴. Essa é, portanto, a primeira vez em que tais enterramentos se encontram incluídos em uma pesquisa.

Apenas duas inumações foram encontradas na região escavada. É possível que outras mais existam em áreas circunvizinhas já que apenas uma parte do local foi escavado. O valor arqueológico do sítio foi descoberto durante obras realizadas no terreno de uma fazenda, possibilitando a descoberta dos dois enterramentos em questão. Das duas tumbas encontradas, uma delas contava com a tradicional estrutura de trincheira quadrangular ainda visível. Esse mesmo enterramento continha um fragmento de cerâmica da Idade do Ferro e um conjunto de ossos de porcos (vértebras, costela e mandíbula) depositados juntos à pessoa morta ao longo do seu torso, braços e pernas. O esqueleto (82 CA[18]) foi enterrado na tradicional posição fletida e muito provavelmente pertencia a uma mulher de idade avançada com 45+ anos. Ela apresentava, ainda, diversos sinais de osteoartrite em diferentes partes de seu corpo (em especial na região cervical) e foi possível constatar também que ela perdeu um dente do lado esquerdo da mandíbula em um momento muito anterior à morte: todas ocorrências associadas à sua idade sênior.

A segunda tumba, por sua vez, não contava com nenhuma trincheira delimitadora e revelou um segundo esqueleto (82 CA [27]) em posição fletida em sentido norte-sul voltada para leste, tal qual o anterior. O esqueleto enterrado correspondia novamente a de um indivíduo do sexo feminino, no entanto, de idade relativamente mais jovem que o anterior tendo sido enterrado entre 25-35 anos e medindo aproximadamente 1,61m de altura. Diferentemente do caso anterior, a mulher encontrada nessa tumba não contava com qualquer provisão em termos de mobiliário fúnebre.

¹⁴ Sou grato particularmente à Melanie Giles pelo acesso ao material e à Catherine Jones e Emma Tollefsen por terem compartilhado seus relatórios técnicos de natureza osteológica comigo.

3. Paisagem, Memória e Ancestralidade

3.1. Introdução: Por uma História da Paisagem Mortuária

À distância, colinas se erguem na base do vale. Uma rota guia o caminho a seguir. Um grande montículo milenar estende-se orgulhoso em meio a várias outras tumbas. As sepulturas se espalham ao longo da via, algumas, mais antigas, de um lado; muitas outras, mais recentes, de outro. A maior parte delas parece ter sido cuidadosamente delimitada por um corte na terra ao seu redor, formando um quadrado. Algumas tumbas, no entanto, repousam em pequenos espaços em meio a duas outras; além dessas há aquelas que dispõem trincheiras que as demarquem e outras parecem até invadir o espaço de tumbas distintas. Em cada uma, existe uma história de vida e morte. Por todos os lados, esses montículos permanecem silenciosamente sob o céu, dia ou noite, faça sol ou chuva: dezenas e dezenas, deles; centenas e mais centenas.

O modo como, hoje, nos relacionamos com as tumbas da Idade do Ferro é distinto daquele praticado pelas populações que construíram esses cemitérios. Lugares então sagrados são, agora, condomínios de casas em um pacato vilarejo interiorano; vidas transformam-se em fichas catalográficas; preciosos objetos pessoais e comunitários tornaram-se posses de instituições governamentais que os exibem em museus para quem quer que possa e queira vê-los. Os tempos mudam e com eles, nós mudamos a forma como nos relacionamos com o passado.

Embora seja tentador reconstruir as estruturas e vivências de sociedades passadas – e de um ponto de vista didático, arqueológico e museológico, este seja um exercício frutífero –, é preciso entender que o modo como nos relacionamos com o passado será, invariavelmente, distinto daquele praticado pelas populações que viveram nesse passado. Ainda que, miraculosamente, uma máquina do tempo existisse, o passado só pode ser visto através de olhos contemporâneos (CERTEAU, 2011; COLLINGWOOD, 2001; CROCE, 1962; HARTOG, 2013).

No entanto, a descrição acima que delinea, de maneira minimalista, a configuração do cemitério de Wetwang Slack, serve-nos de lembrete de que os enterramentos da Idade do Ferro possuem um forte elemento de temporalidade e materialidade que merece (e precisa) ser discutido. Ainda que o exercício narrativo seja frutífero em algumas esferas (historiográficas e literárias) como se vêm demonstrando (VLASSOPOULOS, 2007), não é meu intento, aqui, tentar reconstruir esses cemitérios tal como supostamente eram aos olhos daqueles que os construíram, ou recriar uma vivência de época. Ao contrário, o intuito é tão apenas entender como os enterramentos estudados criam configurações particulares no horizonte de relações humanas com o mundo; como eles se conectam com o mundo (dos vivos e dos mortos) e como tais relacionamentos são construídos a partir de elementos simbólicos de materialidade. Trata-se, portanto, de um exercício de reconhecimento que pressupõe que uma tumba não pode estar contida apenas em uma ficha catalográfica, mas – caso desejemos, de fato, entendê-la em sua complexidade de relacionamentos – que é necessário compreender como a paisagem (física e humana), as pessoas e o próprio tempo se interconectam na construção de inúmeros atributos sociais.

3.2. A paisagem da Idade do Ferro de Yorkshire como objeto de pesquisa: um balanço atual

Nas últimas décadas, estudos acerca da paisagem e do processo de monumentalização tomaram grande peso na produção intelectual nas humanidades, sobretudo, na arqueologia de língua inglesa (BENDER, 2006; HU, 2012; TILLEY, 1994; LAYTON; UCKO, 2003; ASHMORE; KNAPP, 1999; INGOLD, 1993; DAVID; THOMAS, 2016; TILLEY, 2010) . O tema passou a ser tão discutido a ponto de se tornar perceptível um aumento quantitativo significativo, em periódicos e publicações diversas, de estudos dedicados diretamente à temática (DAVID; THOMAS, 2016, p. 29, Tabela 1.1.; 37, Tabela 1.2). Dada à amplitude de discussões teóricas e específicas já realizadas – e à quantidade de publicações dedicadas a traçar históricos e apontar (novas) perspectivas do estudo da paisagem (ANSCHUETZ; WILSHUSEN; SCHEICK, 2001; GKIASTA, 2008, cap. 1; HICKS, 2016) – torna-se desnecessário, aqui, fazer uma

revisão sobre o tema. Em vez disso, gostaria de direcionar o debate para o seu desenvolvimento na região estudada.

Embora parte significativa (senão a vasta maioria) de estudos da paisagem da Idade do Ferro nas Ilhas Britânicas tenha sido focado majoritariamente nas regiões do sul inglês (MOORE; ARMADA, 2011a, p. 24–25), contamos, hoje, já com um conjunto considerável de estudos sobre a paisagem dedicados a East Yorkshire. De fato, o tema vem sendo explorado em interseção com diferentes temáticas. Dentre elas, algumas contribuições incluem o estudo da paisagem a partir de estudos de casos ou sítios específicos, destacando as relações construídas entre determinados sítios e a paisagem social maior na qual eles se inserem (ATHA; ROSKAMS, 2012; FENTON-THOMAS, 2009, 2011). Não obstante, estudos outros buscaram também discutir a paisagem da Idade do Ferro a partir de cronologias distintas: desde a Idade do Ferro inicial (GILES, 2007c) até a Idade do Ferro tardia na região (GILES, 2007b) e, em especial, a partir das interações regionais com os romanos e as transformações ocorridas na região devido à ocupação romana (ATHA, 2007; DENT, 1983a; DERYCH, 2012; HALKON, 2010). Já certas análises, mais dedicadas à produção de artefatos, exploraram também as relações existentes entre a paisagem pré-histórica e a prática metalúrgica em Yorkshire (HALKON, 1997, 2011). Outras buscaram realizar uma investigação mais técnica da região a partir do mapeamento e realização de uma série de fotografias aéreas que destaquem um conjunto diverso de estruturas pré-históricas (STOERTZ, 1997).

São, ainda, de grande relevância, sobretudo de um ponto de vista dos estudos mortuários, as discussões da paisagem dos Wolds desenvolvidas por Dent (1982), Bevan (1997) e Giles (2000, 2012). Embora escritos em momentos distintos e a partir de recortes específicos, esses trabalhos têm em comum um desejo de identificar de maneira mais ampla e completa as relações existentes entre cemitérios, paisagem e assentamentos. A partir de tais relacionamentos, as análises, em especial, de Bevan (1997) e Giles (2000, 2012), buscaram destacar os diferentes mecanismos de construções de identidades e do social nos contextos analisados, com atenção especial dada às reapropriação de elementos topográficos e da ritualização da paisagem. A análise que desenvolverei a seguir parte, sobretudo, de algumas contribuições e propostas oferecidas por Giles (2012) ao estudo da região, buscando complementar e expandir alguns dos temas discutidos pela autora. Esta proximidade se dá não apenas pelo trabalho de Giles (2012) ser um dos mais recentes e completos desenvolvidos a

respeito de East Yorkshire durante a Idade do Ferro, mas, para, além disso, o diálogo pretendido se deu por compartilhar da crença, também advogada pela autora, de que uma análise relacional dos processos de construção de identidades e de memórias permite-nos traçar uma visão mais completa e complexa da realidade material encontrada na região, dada a natureza dos dados de que dispomos para o seu estudo.

A discussão, a seguir, buscará explorar essas relações (sociais, materiais e temporais) construídas, especificamente, a partir da paisagem fúnebre encontrada em East Yorkshire. Meu intento, aqui, é de demonstrar como construções sociais em torno de atributos de identidade, memória e ancestralidade são projetadas a partir da manipulação da paisagem funerária nos sítios estudados, atentando para as semelhanças e particularidades de cada cemitério discutido.

3.3. Tumbas, cemitérios, montículos e estruturas de terraplanagem: construindo memória, identidade e ancestralidade em Yorkshire

Embora Garton Slack tenha sido escavado majoritariamente por Brewster (1971, 1976, 1980) nas décadas 60-70, uma parte do sítio já havia sido investigada na segunda metade do século XIX por Mortimer (1905). Resultado dos frutos de uma escavação realizada em 1871 (na tumba 45C) e outra, anteriormente, em 1866 (tumba 77), o antiquário relata a descoberta de duas tumbas da Idade do Bronze no local que foram cuidadosamente circundadas por estruturas lineares de terraplanagem (MORTIMER, 1905, p. 254, 225). Em cada uma destas tumbas há uma relação construída de adjacência entre as sepulturas e as rotas construídas ao seu redor.

Curiosamente, este não é um caso isolado.

Montículos funerários da Idade do Bronze que se relacionam com estruturas lineares de terraplanagens construídas *a posteriori* podem ser encontrados em Folkton (tumba 71, GREENWELL, 1877, p. 274–75); Wharram Percy (tumba 127 MORTIMER, 1905, p. 50–52); Aldro (tumbas C48, 50, 88, C76, 113, 117, 256, MORTIMER, 1905, p. 60–61, 72–81); Garrowby (tumba 104, MORTIMER, 1905, p.

136) e Callis Wold (tumba 38 MORTIMER, 1905, p. 160). Isso apenas para mencionar as primeiras escavações e descobertas do tipo, na região, realizadas no século XIX.

De fato, tais estruturas de terraplanagem que se estendem linearmente pela paisagem e se conectam com montículos antigos já faziam parte de um fenômeno tão comum a alguns dos primeiros escavadores da região, a ponto de um achado do tipo junto a um montículo da Idade do Bronze ter sido considerado por Greenwell (1877, p. 274) como mais um dos vários “entrincheiramentos tão abundantes nos Wolds”. Embora, a existência de estruturas lineares de terraplanagem possa ser identificada em outras regiões da Inglaterra – um fato já conhecido desde os antiquários (Cf. MORTIMER, 1905, p. 365) –, essas construções, conhecidas localmente como *dykes*, tornaram-se emblemáticas a paisagem dos Wolds já que a região abriga uma de suas maiores concentrações nas Ilhas Britânicas.

Por muito tempo, ao longo dos séculos XVIII-XIX, boa parte desses *dykes* pré-históricos foram equivocadamente atribuídos aos romanos (por exemplo, por DRAKE, 1746 e pelo Yorkshire Antiquarian Club, Cf. HARRISON, 2011, p. 98–99). Outros, como no caso de Dane’s Dyke (em Flamborough Head), foram ainda associados aos vikings (HALKON, 2013, p. 52), resultando em uma série de explicações folclóricas locais quanto às suas origens (PIGGOTT, 1989, p. 117–19). No, entanto, alguns intelectuais como Mortimer (1905), Greenwell (1877) e Philips (1855) já advogavam uma origem bretã e pré-histórica para as construções, com base em algumas das primeiras observações e escavações até então realizadas. Ainda que, hoje, contemos com números reduzidos, é importante lembrar que uma parte significativa dessas estruturas ainda possuía uma visibilidade considerável até o século XIX.¹⁵ Essa visibilidade, por sua vez, desempenhou um papel fundamental para instigar a curiosidade e o interesse por parte de alguns intelectuais da época quanto à investigação dessas estruturas lineares, resultando em um primeiro esforço de mapeamento dessas construções pré-históricas (por exemplo, MORTIMER, 1905; PITT RIVERS, 1882).

¹⁵ Apesar disso, muitas estruturas foram sistematicamente destruídas ao longo dos séculos XVII-XIX devido, em grande parte, às atividades agrícolas na região. Mortimer, inclusive, já se lamentava à época que, desde seus tempos de garoto (décadas de 1830/40), muitos desses entrincheiramentos que iam de um vale a outro já haviam sido removidos pelos trabalhos de fazendeiros locais, a ponto de algumas estruturas terem sido completamente niveladas com o solo (MORTIMER, 1905, p. 369).



Figs. 3.1-4. A paisagem pré-histórica de East Yorkshire: do século XIX aos dias atuais.

[1] Duas tumbas da Idade do Bronze em Aldro, circundadas por estruturas lineares de terraplanagem. Mortimer 1905, figs.118, 119 e 120.

[2] Mapa com estruturas lineares pré-históricas (em rosa) encontradas em East Yorkshire. Pitt Rivers, 1882, pranchas xxxvii-xxxviii.

[3,4] O Huggate Dyke em duas seções. Fotografia: arquivo pessoal do autor, 2016.

O Huggate Dyke é uma das mais bem conservadas estruturas do tipo encontradas na região dos Wolds. Hoje, cada elevação linear consta aproximadamente com 3-4m de largura na base, 1-2m de largura no topo, elevando-se a cerca de 1.5m. No entanto, a estrutura em vala e a topografia local combinam-se em alguns pontos oferecendo uma ampla visão das cercanias e de regiões longínquas em determinados trechos ao longo do percurso.

Historiograficamente, diversas hipóteses interpretativas foram oferecidas em relação à funcionalidade e os significados de tais estruturas lineares na paisagem. As primeiras interpretações formuladas, após uma série de investigações por parte de alguns exploradores, curiosos e antiquários, inicialmente, eram de que tais recursos de terraplanagem serviam para propósitos majoritariamente defensivos (DRAKE, 1746, p. 555; DREW, 1830, p. 363–64; GREENWELL, 1877, p. 111, 125, 274; PITT RIVERS, 1882, p. 457, 459–62). De fato, essa parece ser uma das funções de fossos e trincheiras escavados ao redor de regiões fortificadas em topos de colinas, por exemplo, conforme já observado em alguns *hillforts* em outras regiões. No entanto, não há quaisquer indícios de que a maior parte das estruturas de terraplanagem encontrada nos Wolds servisse a tais propósitos defensivos. Não obstante, investigações subsequentes realizadas de maneira mais sistemática em sítios como Acklam, Fimber, Aldro e Millington Wold tornaram claro a alguns antiquários que boa parte dessas estruturas ocorre não apenas na proximidade com antigos montículos da Idade do Bronze, mas, por vezes, elas estendem-se em uma malha complexa de rotas que interconectam assentamentos, cemitérios e vales distintos. “Os entrincheiramentos atravessam os terrenos altos de Yorkshire Wolds em todas as direções, formando uma rede sobre a superfície, conectando colina com colina, vale com vale”, como escreve Mortimer (1905, p. 369). Tais constatações resultaram em um primeiro esforço intelectual de diversificação interpretativa em relação a uma explicação militar/defensiva, e funções relacionadas à locomoção, gado e criação de fronteiras entre territórios começaram a ser articuladas (MORTIMER, 1905, p. 365–380; ROACH SMITH, 1867, p. 94).

Em termos físicos, é importante destacar que há uma diversidade quanto às dimensões e extensões desses trabalhos em terra: alguns deles, são pequenos e não demandam muito esforço para sua construção em termos de força de obra em uma economia agropastoril de pequena escala; outros exigem um grande esforço comunitário e um dispêndio de tempo e energia que pode chegar a ser dez vezes maior (SPRATT, 1988, p. 14). Uma parte dessas estruturas como o Great Wold Dyke, situado no Great Wold Valley próximo às águas do Gypsey Race, chegam a se estender, de modo monumental, por mais de 15 km na paisagem (STOERTZ, 1997, fig. 20). Em termos cronológicos, boa parte dessas estruturas parece datar da Idade do Bronze Tardia/ Idade do Ferro Inicial, mas em diversos sítios dos Wolds há evidências suficientes de que elas continuaram a ser trabalhadas e modificadas durante a Idade do Ferro Média e Tardia,

ao longo do período de um milênio (GILES, 2012, p. 44–5). Tratam-se, portanto, de estruturas com cronologias contínuas resultadas de projetos acumulativos.

Hoje, admite-se que não há uma única explicação ou funcionalidade por trás dessas construções lineares de terraplanagem. Elas parecem reter, na maioria dos casos, uma funcionalidade mista que é ao mesmo tempo prática e simbólica. Uma síntese analítica dos estudos de estruturas lineares de terraplanagem e todos os seus usos registrados em Yorkshire indica-nos que: (1) em determinadas circunstâncias a construção de tais estruturas de terraplanagem estão associadas a uma divisão pastoral da terra associada a períodos regenerativos para usos aráveis visando ao cultivo e pecuária, criando-se lotes de terra de fácil administração; (2) há uma função delimitadora, sinalizadora e fronteira em algumas das construções desse tipo, criando fortes demarcações na paisagem em relação a territórios ocupados pelos vivos e mortos (assentamentos e cemitérios) e zonas com recursos naturais importantes (como recursos hídricos); (3) em certas áreas é possível observar, também, a criação de estruturas convergentes que formam extensos funis, canalizando e conduzindo o movimento de pessoas e do rebanho de animais entre locais estratégicos na paisagem, como pastos, abrigos e fontes de água e (4), por fim, é possível identificar uma forte noção de movimento expressa através da criação de vias, rotas e caminhos que negociam e conduzem o movimento na paisagem e interconectam casas, assentamentos, vales, cemitérios, matas e áreas agrícolas (BRYANT, 2007; DENT, 1982, 1984, p. 110–117, GILES, 2007b, 2007c, 2012, cap. 2; HALKON, 2013, cap. 3; HARDING, 2017; RAMM, 1978, p. 18–21; ROGERS, 2008, p. 80; SPRATT, 1988; STOERTZ, 1997).

A existência de estruturas lineares que se prolongam em adjacência ou circundam montículos da Idade Bronze, tal como observado por Mortimer (1905) no caso já mencionado de Garton Slack, possui um grande paralelo com a estrutura revelada pelas escavações modernas no cemitério de Wetwang Slack (DENT, 1984). Em Wetwang também é possível observarmos uma (inter)relação construída na paisagem entre uma tumba milenar e uma nova estrutura de terraplanagem. Conforme demonstrado no Capítulo 2, o cemitério em questão se desenvolveu em proximidade a uma grande tumba circular da Idade do Bronze a partir de duas rotas: uma inicial em sentido norte-sul, na extremidade leste do cemitério, e outra que se estende a leste-oeste e divide o cemitério em dois setores.

Wetwang Slack revela-nos, contudo, outro tipo de relacionamento construído através da paisagem para além da existência de estruturas lineares: uma relação de proximidade direta entre enterramentos de cronologias distintas. Isto é, tumbas da Idade do Ferro (do séc. IV/III – I a.C.) são encontradas lado a lado com montículos que datam de um milénio antes. Esse também não é um caso isolado e alguns dos primeiros precedentes podem ser novamente encontrados em sítios escavados no século XIX como Aldro (MORTIMER, 1905, p. 53–82) e Hanging Grimston (MORTIMER, 1905, p. 102), onde uma relação direta de proximidade e adjacência entre tumbas da Idade do Bronze e do Ferro pode ser constatada. O número de casos é ainda maior se levarmos em consideração o conjunto de fotografias aéreas de sítios ainda não escavados na região (STOERTZ, 1997), e como Giles (2000, p. 92) apontou, esse parece ser o caso em Willy Howe North, Rillington, Washdike Spring, Buckton Holms e Dogstroop Plantation: todos sítios, ainda hoje, não escavados. Além disso, uma proximidade física entre a Idade do Bronze e do Ferro pode ser também observada na localização de determinados achados. Em Wetwang Slack, por exemplo, dois pesos de tear da Idade do Ferro escavados por Brewster (1980) e que se encontram atualmente no Museu de Hull e East Riding (códigos KINCM: 2010.6.18-19) foram encontrados em um buraco (*posthole*, 1) no setor I (trincheira III, seção S) no contorno externo imediato a uma tumba *beaker* da Idade do Bronze.

Mas como e por que monumentos arcaicos, como as tumbas da Idade do Bronze, são relevantes para as comunidades da Idade do Ferro e para nosso entendimento acerca dos cemitérios encontrados em East Yorkshire? Qual seria a necessidade de se assinalarem, circundarem e erguerem novas tumbas à sombra de outras estruturas milenares?

Não é minha intenção, aqui, traçar uma busca pelas origens na crença de que ao entender o que levou determinado monumento originalmente a ser construído, pudéssemos entendê-lo em sua totalidade *ad eternum*. Ao contrário, como Barrett (2003) aponta, os (possíveis) significados das coisas são construídos a partir de contextos e condições sócio-históricas específicas e para se entenderem determinados monumentos ou construções na paisagem é preciso focar em como essas construções se relacionam com as populações que se utilizaram deles em determinados momentos e tempo. Mais do que enveredar em “cronologias de autorias e origens”, nesse sentido, torna-se mais frutífero pensarmos em “cronologias de (re)leituras e interpretações” que

indiquem como estratégias interpretativas foram construídas em relação a determinados monumentos e como as pessoas, em determinados momentos, se identificam ou não com essas estruturas (BARRETT, 2003, p. 28–29).

Tanto a construção de rotas e percursos ritualizados que circundam e assinalam antigos monumentos, como a criação de cemitérios em proximidade a antigos marcos na paisagem revelam-nos uma manipulação consciente do tempo e do espaço. Como demonstrarei a seguir, algumas dessas projeções estendem-se inclusive para além dos casos já mencionados em relação a montículos da Idade do Bronze e podem conter monumentos extremamente antigos (do Neolítico), mas, do mesmo modo, podem também conter estruturas cuja distância temporal é de apenas algumas poucas gerações, identificáveis a partir do desenvolvimento de cemitérios na própria Idade do Ferro. É crucial lembrarmo-nos, nesse sentido, de que, embora tempo e espaço sejam, no senso comum, frequentemente concebidos desarticuladamente e para além do domínio humano, ambos podem se tornar poderosos artefatos culturais (BOUISSAC, 2013).

A permanência de determinados lugares ou monumentos como pontos de referência para diferentes gerações, a despeito do passar do tempo, indica que essas estruturas, por quaisquer motivos, continuaram a ser (re)visitadas como locais de importância para comunidades ao longo de séculos. Esse é um ponto fundamental em se tratando de práticas mortuárias. Embora elaborado a partir de um estudo de caso distinto, o estudo recentemente desenvolvido por Bonney (2016), fornece um ponto de partida reflexivo que nos ajuda a melhor pensar os enterramentos encontrados em East Yorkshire.

Ao analisar um conjunto de transformações de longa duração, que ocorrem ao longo de doze séculos, no complexo mortuário de Yerokambos, em Creta, Bonney (2016, p. 284–290) foi capaz de identificar que algumas das tumbas e estruturas fúnebres ancestrais encontradas no local (como o *tholos* original da tumba n.II) funcionaram por séculos como lugares importantes para as comunidades locais, tanto em termos de visitas como, também, foco de atividade ritual (mortuária e não-mortuária). O conceito de agenciamento arquitetônico (*architectural agency*) utilizado e definido pela autora como “o poder do ambiente construído de moldar a experiência humana e a memória por parte daqueles que atendem ao local” (BONNEY, 2016, p. 289), está articulado, portanto, à construção de uma paisagem mortuária onde o mundo

mítico e o mundo conhecido, passado e presente se interconectam. Em Yerokambos, essas conexões temporais se dão, por sua vez, a partir dos diferentes modos como uma determinada comunidade se conecta, ao longo dos tempos, com a paisagem construída e, ao mesmo tempo, lida com seus mortos. Para a autora, esse agenciamento arquitetônico tem por intento a promoção de um pensamento que se dá através (e a partir) da materialidade (BONNEY, 2016, p. 289). Apesar de tratar-se de um estudo contextual específico, voltado para o estudo de estruturas funerárias da Creta Minoana Pré-Palaciana, o estudo de Bonney ajuda-nos a pensar como monumentos fúnebres da Idade do Ferro nas Ilhas Britânicas perduram e são revisitados ao longo de séculos tornando-se parte constituinte e integral da formação de identidades e da memória coletiva de uma dada comunidade.

Yorkshire não é a única região, contudo, nas Ilhas Britânicas onde tais associações ancestrais construídas através da paisagem fúnebre se fazem visíveis. A partir de um recorte mais amplo, é possível observar que a (re)utilização deliberada de cemitérios e tumbas milenares é uma prática relativamente comum à Idade do Ferro insular (BARRETT, 1999; CUNLIFFE, 2005, p. 56–57; HARDING, 2016). Embora também ocorram na região Sul, exemplos são particularmente encontrados no Oeste e no Norte bretão, em sítios como High Knowes, Alnham (Nortúmbria); Dryburn Bridge, East Lothian (Escócia); Bromfield, Shropshire; Plas Gogerddan, Aberystwyth (País de Gales), dentre outros (HARDING, 2016, p. 45–47). Há uma semelhança nesse sentido, com algumas das práticas observadas desde a Idade do Ferro inicial no Continente. A análise de Arnold (2010) de certos *tumuli* da Idade do Ferro encontrados na Alemanha revelou que alguns deles (como T17 e T18, em Hochmichele) foram sistematicamente utilizados por gerações e gerações, entre 700/650 – 450/400 a.C.. Hochmichele é apenas um, dentre muitos outros sítios que nos revelam um periódico conjunto de projeções e construções mortuárias em torno de tumbas ancestrais, atestando a sua importância como lugar de memória e importância para as comunidades locais. Em termos mortuários, é possível observar como durante a Idade do Ferro em diferentes regiões e momentos, certos enterramentos tornam-se um ponto de foco (e de referência) para um conjunto de atividades e construções futuras – sejam elas mortuárias ou não –, em um mapa mental, onde passado e presente se justapõem (ARNOLD, 2010).

Nas Ilhas Britânicas, o *design* e a construção de novas tumbas em relação a antigos monumentos na paisagem parecem indicar um desejo de legitimação de

autoridade a partir de referências ao passado (HARDING, 2016, p. 47). Em East Yorkshire, contudo, a única evidência de um *design* específico de que dispomos nesse sentido está representada na morfologia dos enterramentos de tipo B, onde uma parte deles, tal como observado, por exemplo, nas tumbas em Rudston e Garton Slack (e.g. R141-42; R154; R175-76, R179; GS[7]3.1), apresenta um formato mais arredondado-circular. Tal formato representa uma divergência do padrão quadrangular característico à Idade do Ferro média/tardia na região, e assemelha-se mais, assim, aos montículos milenares da Idade do Bronze encontrados na paisagem ancestral. Haja vista que parte considerável dos enterramentos de tipo B parece datar de um período tardio (séc. II-I a.C.), talvez a adoção de um formato ‘arredondado’ possa carregar um conjunto de reivindicações políticas e expressar um desejo de se criar um modo de se reconectar com determinados ancestrais. De modo complementar, poderia ser argumentado também que a adoção de tal formato está ligada a um processo de territorialização e localização, onde formatos milenares da Idade do Bronze teriam ganhado preferência em alguns casos, em contraposição a ideias originalmente continentais, adotadas ao longo do séc. IV/III a.C. (ANTHOONS, 2011), como o entricheiramento quadrangular de tumbas, dentro de um contexto marcado por instabilidades e intensificações de disputas que precede a ocupação romana da região (cf. GILES, 2007a). Essa possibilidade, contudo, não passa de uma mera probabilidade e não há como verificarmos tais afirmações.¹⁶

Ao contrário, acredito que a melhor evidência que temos para os cemitérios de Yorkshire possa ser encontrada a partir da construção de um sistema de referências e ordenamentos construído através da manipulação da paisagem funerária. Um conjunto de tumbas encontradas na paróquia administrativa de Kilham oferece um interessante ponto de partida para reflexão. As tumbas foram identificadas a partir de um conjunto de fotografias e mapeamento aéreo realizados por Stoertz (1997) para a Comissão Real de Monumentos Históricos da Inglaterra (RCHM). A partir da análise da planta do sítio, é possível identificar um padrão de ordenamento espacial construído em relação a marcos temporais a partir de um conjunto de referências mortuárias. No local, cinco tumbas iniciais encontram-se relativamente espalhadas na paisagem (em verde). Uma estrutura de terraplanagem em sentido sudoeste-nordeste estende-se ao norte dessas

¹⁶ Outras tumbas, para além daquelas de tipo B, também foram encontradas em Garton, Wetwang, Rudston, por exemplo, que seguem um modelo de planta arredondada (Cf. Catálogo).

tumbas e um conjunto outro de estruturas retilíneas tardias criam lotes e rotas de acesso ao local (todas as estruturas em vermelho). Não é possível estabelecer a cronologia exata dessas estruturas, mas ao menos uma delas (a rota que se estende em sentido sudoeste-nordeste) parece ser relativamente contemporânea, e talvez um pouco anterior, ao desenvolvimento do cemitério no local que se dá provavelmente em torno do séc. III a.C., ao passo que a estrutura de cerceamento quadrangular observada ao sul data de um período tardio. Ao norte das tumbas iniciais e da estrutura retilínea sudoeste-nordeste, encontra-se um agrupamento de tumbas formando um cemitério com pouco mais de 50 enterramentos (em azul). O cemitério estende-se em sentido leste-oeste, dentro de uma área triangular delimitada por estruturas de terraplanagem.

É importante, aqui, perceber como as cinco tumbas iniciais espalhadas na paisagem parecem criar uma noção de importância do local e servirem como pontos de referência para atividades futuras, de modo semelhante ao já observado em relação a montículos da Idade do Bronze. Essa noção, por sua vez, elaborada a partir de um mapa de referências mentais e físicas é reforçada posteriormente pela construção de determinados recursos de terraplanagem que criam um senso de orientação e contenção para o desenvolvimento do complexo no local. Todas as tumbas posteriores passam a existir apenas ao norte de uma dessas estruturas, criando uma noção de orientação espacial e cronológica que, em última instância, atesta um sentido de pertencimento e ancestralidade. Trata-se, portanto, de um processo de construção semelhante àquele observado em Wetwang Slack (DENT, 1984), e Garton Station (STOERTZ, 1997, fig. 18.1).

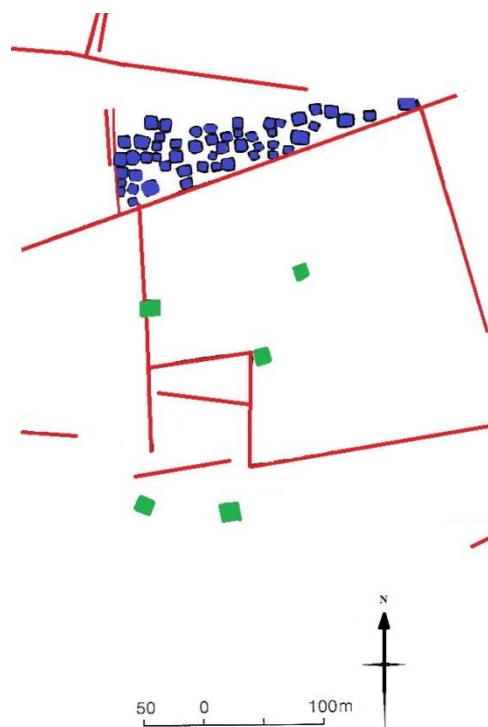


Fig.3.5 Planta simplificada do cemitério da Idade do Ferro encontrado em Kilham. O autor, adaptado de Stoertz 1997, fig. 17.2

Tal processo de ordenamento a partir de estruturas lineares construídas na paisagem é característico aos cemitérios dos Wolds e, em diversos casos, parece resultar em uma aglomeração de tumbras em determinados locais. Como Kilham, Danes Graves e Wetwang Slack, por exemplo, atestam, é possível observarmos, portanto, em alguns sítios, um processo de formalização em termos da localização de enterramentos na paisagem. Tal fenômeno é expresso a partir da concentração de enterramentos em determinadas áreas delimitadas por recursos de terraplanagem, resultando na formação de extensos cemitérios. Esse processo, por sua vez, é tido pela historiografia como parte de um conjunto de transformações sociais, que ocorre entre os séculos III-II a.C. relacionado à intensificação do uso da terra (para agricultura e pecuária e obtenção de recursos naturais), um aumento populacional e, conseqüentemente, um processo de reconfiguração de direitos e noções de comunidade, pertencimento e acesso à terra, acompanhada por uma cuidadosa delimitação de espaços fúnebres (DENT, 1982, p. 453; GILES, 2007b; STOERTZ, 1997, p. 39). É possível, no entanto, conforme Atha (2007, p. 351) acredita, que essas transformações se estendam desde a Idade do Bronze tardia até a Idade do Ferro média, como parte de um processo maior de legitimação e territorialização da paisagem.

O que é interessante de ser observado é que mesmo em um momento de intensificação do uso da paisagem acompanhado pelo aumento de certos cemitérios, a necessidade por parte de indivíduos de se criarem interrelacionamentos e de se conectarem (mesmo após a morte), não diminui. Exemplo disso pode ser observado em cemitérios populosos como o de Rudston e Wetwang Slack, onde em estágios tardios de desenvolvimento dos sítios (isto é, nos sécs. II-I a.C.), se torna visível a escolha de se enterrar indivíduos por vezes em sepulturas menores, entre tumbas maiores (antigas), otimizando ao máximo o espaço disponível para enterramento, como uma alternativa preferível à de construir uma tumba maior porém em uma área mais afastada do cemitério. É possível que tal modo de agir fosse orientado por um princípio econômico, expresso a partir da maximização e potencialização do uso da terra como resposta ao crescimento e às demandas populacionais do período (DENT, 1982), mas a hipótese elaborada por Giles (2012, p. 76–80) parece oferecer uma explicação mais completa do fenômeno, ao argumentar que tais configurações também revelam um desejo de conexão e uma arquitetura de genealogias na qual “onde” e “próximo a quem” uma pessoa é enterrada tornam-se, cada vez mais, questões fundamentais para as populações que constroem esses cemitérios.

O fato é que, apesar de suas semelhanças e consistências rituais, os cemitérios dos Wolds revelam um cenário próprio e diversificado de práticas mortuárias: alguns cemitérios de pequeno porte são utilizados por pouco tempo (como Cowlam, Kirkburn e Garton Station), ao passo que outros, mais extensos, são utilizados ao longo de gerações, por mais de 200 anos, como é o caso de Wetwang. Como Stoertz (1997, p. 39) nos lembra, “a localização de cada cemitério era provavelmente ditada pelas necessidades da comunidade que se utilizava dele”. Meu intuito, aqui, é demonstrar que o mesmo princípio se aplica igualmente aos relacionamentos crono-materiais construídos a partir da paisagem. Isto é, as relações de pertencimento e ancestralidade projetadas na paisagem funerária a partir de uma manipulação da própria noção de temporalidade não se dão de modos iguais em todos os lugares, ou sequer seguem uma mesma regra em comum.

Em alguns casos, esses jogos de referências e aproximações (ideológicas e físicas) são elaborados cobrindo uma distância temporal entre monumentos tão grande quanto a que hoje nos separa da própria Idade do Ferro. Esse é o caso, em especial, dos cemitérios localizados no Great Wold Valley. Nesse local, particularmente na altura

entre Burton Fleming e Rudston ao longo das águas do Gyspey Race, é possível identificar um extenso complexo do Neolítico que concentra o maior foco de atividade ritual do período em toda a região dos Wolds (STOERTZ, 1997, p. 60). Dentre os maiores monumentos encontram-se quatro *cursus* (Wolgate, Rudston House, High Street, Gyspey Race), um monólito (o monólito de Rudston) e um *henge* (Maiden's Grave) (STOERTZ, 1997, p. 25–30 e fig.10).

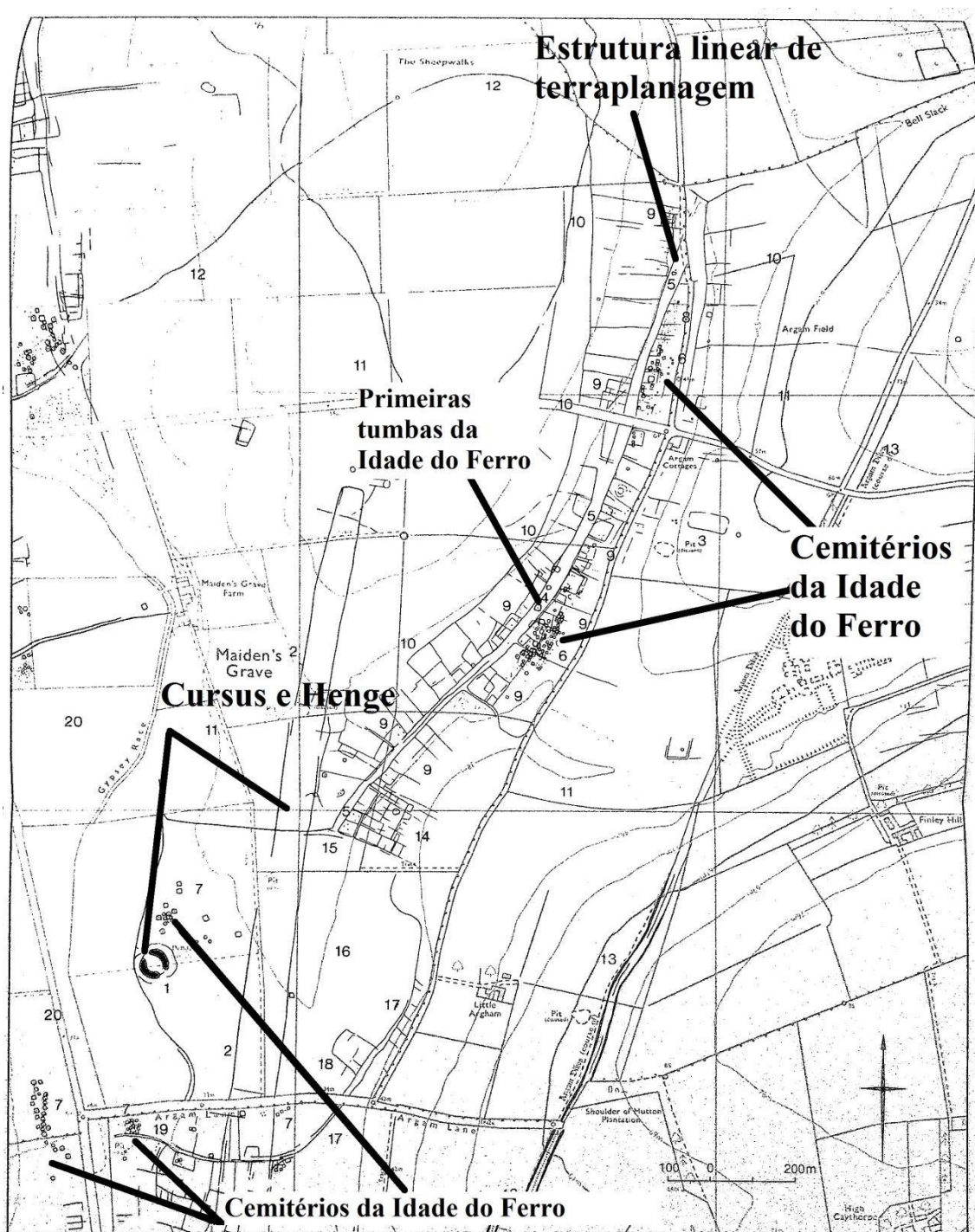


Fig.3.6. Paisagem mortuária de Burton Fleming-Rudston à altura de Bell Slack (Neolítico-Idade do Ferro). Stoertz, 1997, fig. 31, com anotações inseridas.

À altura de Bell Slack, ao redor do *henge* de Maiden's Grave, é possível identificar um setor da paisagem onde camadas de histórias se sobrepõem e interconectam-se em uma malha elaborada de construções (Cf. STOERTZ, 1997, p. 60–62). Aqui, um complexo cerimonial e funerário do Neolítico encontra-se lado a lado a uma série de construções da Idade do Ferro. Vários enterramentos da Idade do Ferro encontram-se, por sua vez, distribuídos ao longo da paisagem formando concentrações ou agrupamentos de enterramentos em locais específicos. Tumbas iniciais da Idade do Ferro de planta quadrangular, mas de dimensões maiores, são sobrepostas por um grande percurso construído a partir de recursos de terraplanagem que se estende por pouco mais de um 1km ao longo do complexo. Essa rota ordena e concentra a atividade mortuária a leste de sua extensão, resultando na criação de dois cemitérios ao longo do percurso. Uma série de outros agrupamentos de tumbas da Idade do Ferro encontra-se espalhada pela paisagem, em especial, próxima ao *henge* e ao *cursus*, reforçando um vínculo de proximidade.

Ainda que o sentido e o significado de tais monumentos mudassem com o passar do tempo, acredito que a paisagem funerária encontrada em Bell Slack expressa um senso de relevância compartilhado entre as comunidades locais, ao longo de gerações, acerca de locais que materializem antigos laços de ancestralidades. Essas relações temporais construídas através da paisagem, contudo, requerem um esforço, engajamento e, sobretudo, um reconhecimento dentro de um conjunto de valores e de importância compartilhado por indivíduos e comunidades. A importância de tais reconhecimentos e engajamentos pode ser observada durante a ocupação tardia do sítio em questão, onde, já no período romano, boa parte das estruturas, incluindo-se, aí, os enterramentos da Idade do Ferro, parece ter sido completamente suplantada por assentamentos e lotes de agricultura. Essas transformações que ocorrem no período tardio-romano revelam-nos uma modificação social e comportamental em relação à interação com a paisagem, que por sua vez acompanha mudanças de natureza religiosa e ontológica.

O que considero fundamental de ser ressaltado aqui é que, novamente, o reconhecimento por parte de comunidades da Idade do Ferro de Yorkshire em relação a estruturas cerimoniais e fúnebres do Neolítico ou da Idade do Bronze nos revela um desejo de afirmação e negociação (com amplificações políticas, identitárias, sociais e religiosas), que se dá através da manipulação da paisagem fúnebre. A manipulação da paisagem – tal qual a manipulação de artefatos – é apenas mais uma dentre as várias

esferas em que memórias e identidades particulares são construídas. Trata-se, em última instância, de um exercício narrativo particular: uma série de discursos negociados e materializados que busca construir não apenas uma genealogia particular, mas também uma narrativa própria a respeito do passado e do presente (e quiçá, do futuro). A análise de Giles (2012), por sua vez, lembra-nos ainda de que essas construções e projeções identitárias poderiam operar um complexo sistema de referências simbólicas de ancestralidade, mas, ao mesmo tempo, ter uma aplicabilidade prática essencial à vida quotidiana, ao ordenar e legitimar noções de pertencimento, acesso à terra e a recursos fundamentais a vida (GILES, 2012, p. 64).

Quaisquer que tenham sido as reais motivações em sua totalidade para a construção de relacionamentos milenares na paisagem funerária, tais atos indicam uma espécie particular de consciência histórica em relação ao passado. Essa consciência é manifestada, em parte, através de um *savoir-faire* ancestral, onde, ao longo de milênios, relacionamentos são construídos entre determinadas estruturas com funções e sentidos semelhantes – como, por exemplo, o tratamento de restos humanos – indicando um conhecimento sobre a funcionalidade de determinadas estruturas por gerações e gerações (LELONG; MACGREGOR, 2007, p. 273). Por outro lado, esses saberes implicam, igualmente, na existência de uma poderosa e longa tradição de conhecimentos orais que são capazes de reorganizar um sentido narrativo para histórias factuais e míticas, ao longo dos milênios, embora o sentido e o formato de tais narrativas tenham sofrido mudanças significativas com o passar dos séculos (FENTON-THOMAS, 2011, p. 373; LELONG; MACGREGOR, 2007, p. 145).

Connerton (1989, p. 13) nos lembra de que o conhecimento a respeito do passado e das atividades humanas no passado só é possível através do conhecimento dos vestígios deixados por tais atividades. Apesar de frequentemente, no senso comum, a memória estar associada a algo puramente passivo, psicológico, etéreo e abstrato, suas manifestações podem se dar de modo bastante concreto e físico, já que não apenas memórias como também valores e ideias interagem e confundem-se com o mundo material (KOLEN; RENES, 2015, p. 40). Diferentemente dos dias atuais, para as populações da Idade do Ferro, esses vestígios do passado muitas vezes não precisam ser ‘descobertos’ ou escavados: eles estão visíveis a olho nu e confundem-se com o próprio mundo conhecido, remetendo, por vezes, a uma ou duas gerações anteriores, e, em outros casos, a um período para além do tempo conhecido. Curiosamente, a consciência

ou conhecimento da função (ou conteúdo) de determinadas estruturas funerárias na região de Yorkshire não parece estar associada a um distúrbio funerário sistemático como observado em algumas regiões do continente.

Isto é, embora a prática de distúrbios/roubos de tumbas ser relativamente bem atestada para a Idade do Ferro continental, desde as notáveis *Fürstengräber* (“tumbas principescas”) do período Hallstatt-tardio na Europa centro-ocidental até casos encontrados durante o período LaTène nos cemitérios da região Champagne Marne (HARDING, 2016, p. 48–49; STEAD et al., 2006), curiosamente nenhuma prática do tipo foi identificada em East Yorkshire. Os indícios mais próximos que temos são de estruturas mortuárias que cortam, em alguns pontos, outras sepulturas anteriores, por exemplo, trincheiras ou covas de determinados enterramentos que cortam tumbas mais antigas, conforme observado em Wetwang Slack (DENT, 1984, p. 181–86). No entanto, em todos os casos, os atos estão relacionados a um desejo de proximidade e formação de núcleos particulares dentro de grandes cemitérios, e não se relacionam à prática de invasão ou extração de bens de tumbas antigas. De fato, a prática permanece subrepresentada para a Idade do Ferro insular. No entanto, a explicação historiográfica mais comum – como aquela recentemente oferecida por Harding (2016) –, em relação a tal ausência, está longe de oferecer uma solução ao mistério:

“Essa forma de pilhagem ou desconsagração intencional não parece ter sido um fenômeno disseminado na Idade do Ferro das Ilhas Britânicas, talvez porque os enterramentos e os cemitérios fossem, em primeiro lugar, menos conspícuos ou porque se sabia que eles não continham nada de valor intrínseco”. (HARDING, 2016, p. 49)

Três pontos precisam ser levantados. Em primeiro lugar, o valor intrínseco de determinado objeto não é estático e tampouco de fácil apreensão. Em determinados contextos, como frequentemente parece ser o caso para a Idade do Ferro insular, objetos podem ser considerados poderosos e de extremo valor às populações da época graças a uma série de atributos por vezes ignorados pela historiografia, que podem incluir usos prévios, locais de proveniência, técnicas de confecção, atributos simbólico-religiosos, mágicos específicos, estéticas e imagens particulares e biografias singulares (FOULDS, 2017; GARROW; GOSDEN, 2012; GARROW; GOSDEN; HILL, 2008; GILES,

2008a, 2012; GILES; JOY, 2007; JOY, 2011a, 2011b; WELLS, 2008). Considerar que não há bens valiosos sendo enterrados com pessoas por eles não serem semelhantes àqueles encontrados no Continente é, portanto, um equívoco.

Em segundo lugar, o argumento falha em oferecer uma explicativa concreta para regiões como a de Yorkshire, onde um conjunto distinto de artefatos é encontrado, incluindo desde uma rara cota de malha, espadas elaboradas, espelhos e veículos adornados com matérias-primas exóticas importadas de outras regiões longínquas, como o coral (*corallium rubrum*) encontrado nos equipamentos de arreios enterrados. Por fim, o terceiro ponto a ser destacado é o de que, embora para os estudos da Idade do Ferro o ato de criar um distúrbio funerário e retirar objetos do interior de tumbas seja majoritariamente tido como uma atitude de afronta, vandalização, profanação e uma violência simbólica, possivelmente punível pelas leis ou costumes locais (por exemplo, HARDING, 2016, p. 48), outros estudos sobre períodos distintos revelam-nos que tais pressupostos precisam ser questionados. Em sua pesquisa, van Haperen (2013) analisou uma série de enterramentos merovíngios reabertos na região dos Países Baixos e foi capaz de observar a emergência de um padrão particular de atitudes em relação aos mortos, a partir do qual a obtenção de itens advindos de tumbas estava associada à rememoração da pessoa morta e à obtenção de relíquias e itens de proteção oferecidos pelos mortos à comunidade dos vivos, de modo análogo à obtenção de relíquias de santos (VAN HAPEREN, 2013, p. 90–92). É possível, portanto, que contrário ao senso comum, nem todos os atos de distúrbio de tumbas sejam motivados por um desejo ilegal-furtivo ou envolvam atitudes condenáveis de um ponto de vista social. Talvez, a sistemática prática de distúrbio de ossadas no lado direito (nos braços e, sobretudo, clavícula) observada por Stead (2006, p. 117–18) em enterramentos continentais, possa indicar não apenas uma ação estratégica (como a obtenção de artefatos frequentemente depositados desse lado), mas também uma ação ritualizada e prescrita para o distúrbio de tumbas. De todo modo, a ausência de tal fenômeno em Yorkshire parece reforçar ainda mais o caráter de importância das tumbas erguidas pelas comunidades locais e revelar um modo distinto de relacionamento com os mortos.

Os distúrbios que observamos em Wolds – isto é, estruturas mortuárias que cortam outras sepulturas anteriores – revelam-nos, portanto, mais uma entre as várias formas de se conectar com os mortos e de se criar um conjunto de relações de proximidade. Embora o fenômeno possa ser identificado em cemitérios do Great Wold

Valley (por exemplo, R8-9, R110-11, R185, BF38-40, (STEAD, 1991) e em Garton-Wetwang Slack (por exemplo, WS3-4, WS5-6, WS307-309, WS377-380, DENT, 1984, p. 181–187), um dos casos mais interessantes é encontrado em Melton. O sítio, em questão, nos oferece um diferencial analítico único, por dois motivos. O primeiro diz respeito ao fato de o material encontrado no local ter sido resultado de escavações recentes (cf. Capítulo 2) e o relatório dos trabalhos e achados ter sido publicado em íntegra, cobrindo todos os materiais encontrados *in situ* independentemente de seu período cronológico (FENTON-THOMAS, 2011), diferentemente de alguns outros catálogos focados apenas nos achados da Idade do Ferro (e.g. STEAD, 1991). Além disso, boa parte dos achados foram ainda submetidos a datações por carbono-14, oferecendo um entendimento cronológico mais completo em relação às construções observadas no local. O segundo dado, diz respeito à própria natureza dos achados encontrados em Melton, já que o sítio apresenta um conjunto de inumações da Idade do Ferro Inicial (800-500 a.C.): um período no qual raramente inumações são encontradas nas Ilhas Britânicas, mesmo em Yorkshire.¹⁷

No local, um conjunto de atividades mortuárias multissequencial pode ser identificado a partir de quatro principais estágios, sintetizados abaixo:

1. Terceiro-segundo milênio a.C. (c. 2500-1800 a.C.) – um montículo fúnebre circular de proporções monumentais é erguido.
2. Séculos XI-IX a.C. (c. 1026-841 a.C.) – o montículo fúnebre se torna um foco para atividades rituais e mortuárias, como indica um conjunto de cremações que são, nos séculos seguintes, colocadas em sua trincheira.
3. Primeira metade do primeiro milênio a.C. (c. 800-500 a.C.) – Entre o período anterior e esse período, uma série de trabalhos de terraplanagem criam três estruturas lineares (*triple ditched earthworks*) que se estendem na paisagem em sentido sudoeste-nordeste, e continuam a ser reparadas,

¹⁷ Devido a essa singularidade, os achados de Melton têm sido discutidos, em especial, devido ao seu potencial para o entendimento da emergência das práticas mortuárias em Yorkshire, como é o caso da análise de Giles, que busca demonstrar como os achados deste local atestam a criação de condições rituais/mortuárias que indicam uma predisposição ao consumo de certas ideias continentais (como o entrincheiramento quadrangular) para um rito local já emergente/existente na região dos Wolds (GILES, 2012, p. 63).

utilizadas e construídas até o séc. I a.C.. Observa-se ainda o surgimento de uma série de poços alinhados ao longo de uma das estruturas. A construção dessas estruturas de terraplanagem em imediata adjacência à tumba circular separa e assinala o antigo monumento e entre 800-600 a.C. um pequeno cemitério (11 tumbas) com inumações surge e se estende de modo linear na paisagem em sentido sudoeste-nordeste.

4. Séculos III-I a.C. (possivelmente séc. I a.C.) – uma tumba com trincheira quadrangular é construída imediatamente a leste dos enterramentos anteriores.

(Condensação cronológica de todos os achados funerários encontrados nos respectivos períodos em Melton, a partir do relatório de escavação em FENTON-THOMAS, 2011, p. 25–183.)

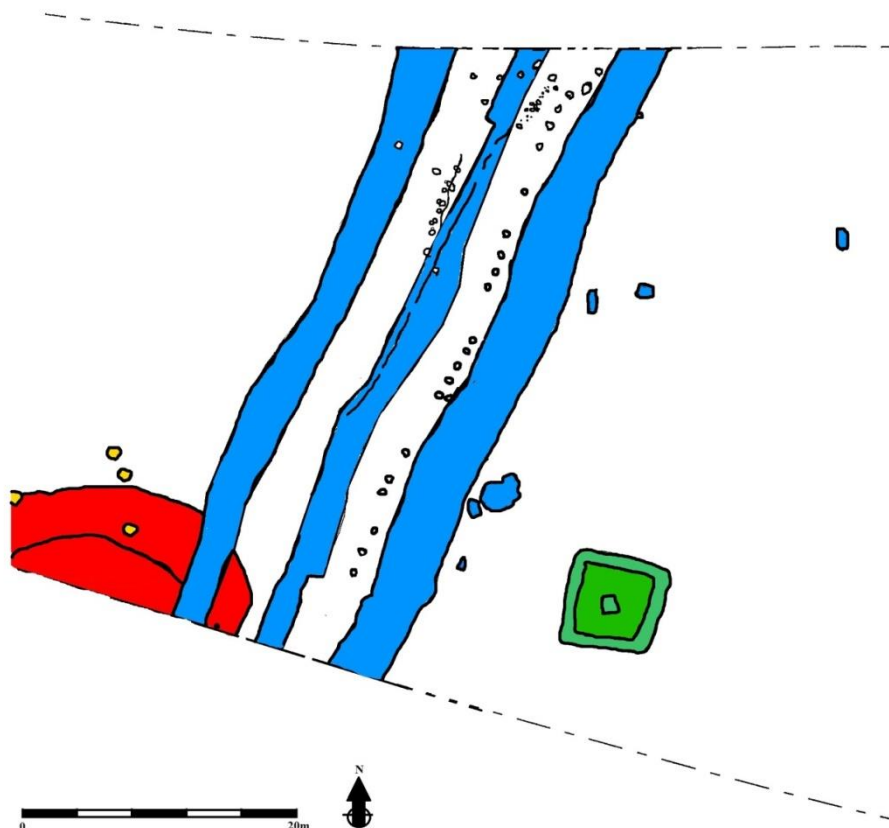


Fig. 3.7. Paisagem funerária de Melton (3º Milênio a.C. – séc. I a.C.).

O autor, adaptado da planta do sítio publicada por Fenton-Thomas (2011, fig. 28 e 16, 21). As cores correspondem às sequências descritas anteriormente: 1= vermelho, 2 = amarelo, 3= azul e 4= verde.

Dentro dessas sequências é possível identificarmos ainda um conjunto de (re)apropriações internas, como a que acontece em duas tumbas da primeira metade do primeiro milênio a.C.. A primeira dessas tumbas (M.[A3]3397), com dimensões maiores, revelou uma inumação em posição fortemente fletida dentro de um caixão (em sentido leste-oeste). Fragmentos de 7 cerâmicas do tipo *Beaker* encontrados no preenchimento da sepultura indicam que talvez se trate de um enterramento da Idade do Bronze tardia, embora haja também a probabilidade dos fragmentos serem apenas residuais e tenham sido redepositados durante o preenchimento da cova. De todo modo, a tumba apresenta uma datação em torno dos primeiros séculos do milênio I a.C.. O segundo enterramento (M.[A3]2722), por sua vez, datado de cerca 780-530 a.C., revelou uma segunda inumação novamente dentro de um caixão (nesse caso, em posição semi-fletida, em sentido norte-sul). Aqui, é possível ver um claro processo de distúrbio deliberado, onde uma tumba é intencionalmente (e respeitosamente) cortada em sua extremidade leste por outra, de modo a se criar um interrelacionamento entre os indivíduos sepultados. Como Fenton-Thomas (2011, p. 373) destaca, esse distúrbio é ainda acompanhado por um processo de referências que se dá não apenas através do corte e da inserção de uma cova na outra, mas também através de certo atributo de cópia ou imitação do rito anterior, onde corpos em posturas fletidas foram enterrados dentro de caixões. É possível que esses dois enterramentos encontrados em Melton atestem os primeiros estágios de um gradual desenvolvimento da prática de inserções secundárias caracterizadas pelos enterramentos de tipo “D”, que se tornará tão comum posteriormente com o desenvolvimento de cemitérios da Idade do Ferro média nos Wolds.

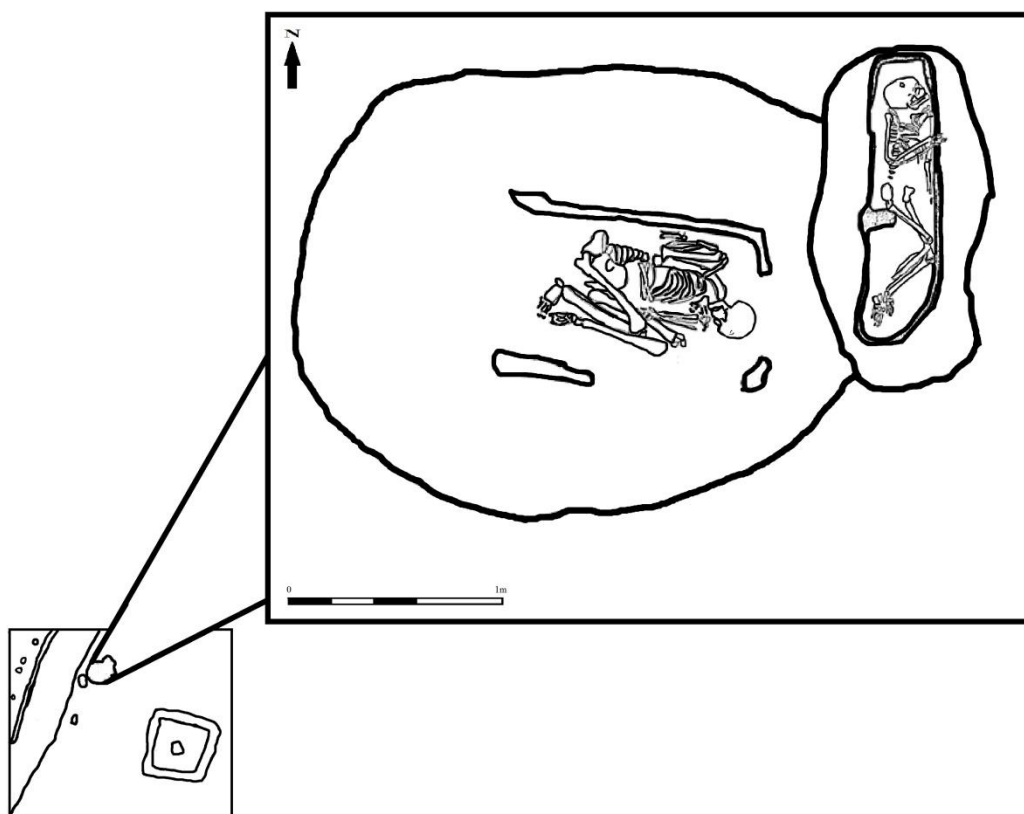


Fig. 3.8. Dois enterramentos da primeira metade do milênio I a.C. encontrados em Melton. O autor, baseado nas figuras nº 28, 29 e 30 da monografia de sítio publicada por Fenton-Thomas (2011).

Curiosamente, em Melton, o distúrbio e a interrelação arquitetada entre as duas tumbas discutidas podem revelar ainda a construção de discursos identitários a partir de determinados atributos de gênero. Devido à ausência de artefatos e à singularidade de enterramentos do tipo para o período da Idade do Ferro inicial não dispomos de meios para uma verificação mais completa acerca de tal possibilidade. No entanto, é possível ao menos constatar que ambos os enterramentos revelam uma proximidade em termos sexuais e etários. O primeiro ponto a ser observado nesse sentido é o de que as ossadas encontradas eram de indivíduos do sexo masculino nos dois casos. O segundo ponto, é que ambos os homens enterrados morreram em idade adulta, relativamente avançada (35-45 e 25-35 anos, respectivamente). Seria tal semelhança apenas uma mera coincidência? Não há como saber, ao exato.

Não devemos, no entanto, descartar a probabilidade de que, talvez, o distúrbio e a conexão criada entre ambas as tumbas, nesse caso, estivessem relacionados em algum nível a um desejo por parte da comunidade de se enterrarem duas pessoas com atributos,

aparências e/ou biografias sociais semelhantes, em um mesmo local, criando uma memória social que fosse capaz de operar (entre diversos outros elementos) atributos identitários de gênero. Essas semelhanças são parte de um fenômeno relativamente visível em alguns enterramentos da Idade do Ferro média: em Wetwang, uma série de inserções secundárias em tumbas iniciais revelaram enterramentos de indivíduos relativamente semelhantes aos inicialmente sepultados¹⁸. Em Kirkburn, um caso (discutido em detalhes no capítulo seguinte) particularmente singular foi encontrado nos enterramentos K6 e K2: uma tumba inicial (K6) de uma mulher morta com feto devido a complicações durante a gravidez e uma inserção posterior (K2), na mesma tumba, contendo novamente o enterramento de outra mulher morta com seu feto atestam a construção de uma biografia de gênero, vida e morte semelhante entre as duas mulheres falecidas. Em Melton, além da associação já mencionada, um cenário ainda mais curioso pode ser observado durante o momento de atividade funerária tardia no local, onde quatro dos cinco sepultamentos de adultos realizados entre os séculos III-I a.C. no sítio revelaram ossadas de mulheres, indicando que, talvez, outros tipos de associações de gênero tivessem começado a ser projetados no local.

Brück (2006) já chamou a atenção para o fato de que não apenas objetos, mas – sobretudo em contextos funerários – pessoas também poderem ser pensadas como uma espécie de memória materializada, desde que a memória não seja tida como estática, e sim como parte de um processo criativo dinâmico (BRÜCK, 2006, p. 311). É possível, deste modo, que o processo de transmissão de memória de uma geração a outra através de recursos de oralidade, marcos físicos e de projeções na paisagem como Fenton-Thomas (2011, p. 373–74) e Giles (2012, cap. 2) argumentam para Yorkshire, pudesse conter também um conjunto de referências nas quais algumas memórias estivessem intrinsicamente associadas a certos aspectos identitários, como atributos de gênero projetados a partir de elementos sexuais-etários e compartilhados por determinados indivíduos. Isto é, ainda que os números sejam relativamente reduzidos, dispomos de evidências que apontam que o processo de criação de vínculos extra-temporais também podia, em alguns casos, incluir aspectos de gênero. Embora, em Yorkshire, sejam poucas as associações desse tipo construídas entre indivíduos a partir de contextos

¹⁸ No entanto, o fenômeno não se trata de uma regra exclusiva. Ao contrário, associações entre pessoas de idades e sexos distintos também ocorrem em Wetwang Slack (DENT, 1984) e todos os casos de inserções secundárias nos cemitérios do Great Wold Valley revelaram associações entre indivíduos de gêneros distintos (STEAD, 1991).

mortuários, elas nos revelam que diferentes formas e estratégias de rememoração estavam sendo arquitetadas em múltiplas esferas.

Uma possibilidade interpretativa única, então, surge. Em outras palavras, é plausível que essas diferentes estratégias de rememoração e de conexões ancestrais construídas através da paisagem possam, em alguns casos, nos ajudar a entender as configurações únicas encontradas em determinados sítios, para os quais ainda não dispomos de nenhuma explicação concreta no tocante a sua singularidade. Nos Wolds esse é particularmente o caso do cemitério de Garton Slack, escavado por Brewster (1980), onde um total de 18 bebês com menos de 2 anos foi encontrado, junto com os sepultamentos de adultos, todos datados da Idade do Ferro. Adicionalmente, em outro setor do sítio (GS, área n.10), um conjunto com cerca de 30 enterramentos de lactentes foi também encontrado (BREWSTER, 1980, p. 301–310), embora não seja possível estabelecer o período cronológico dos achados¹⁹.

O sítio apresenta, portanto, a maior concentração de subadultos enterrados durante a Idade do Ferro média em toda região. O porquê de tal fenômeno ter ocorrido em Garton Slack ainda nos escapa, embora uma explicação plausível possa ser aqui oferecida, com base nos elementos de manipulação da memória já discutidos. Para tanto, é necessário olharmos para as atividades funerárias que ocorrem no local durante os dois primeiros milênios a.C.. Whitaker (2011) realizou um levante das inumações da Idade do Bronze encontradas em Garton escavadas por Mortimer no século XIX e Brewster nas décadas de 60-70. A partir de sua análise é possível observar que durante a Idade do Bronze um número significativo de subadultos foi encontrado, correspondendo a aproximadamente pouco mais de 30% dos casos registrados e sendo maior que o número individual de mulheres ou de homens descobertos (WHITAKER, 2011, p. 407–408, fig. A77-79). É interessante observar como um valor proporcionalmente de subadultos também foi encontrado no sítio para a população da Idade do Ferro: a quantidade, nesse caso, correspondente a aproximadamente 45% da população enterrada (Cf. Capítulo 1).

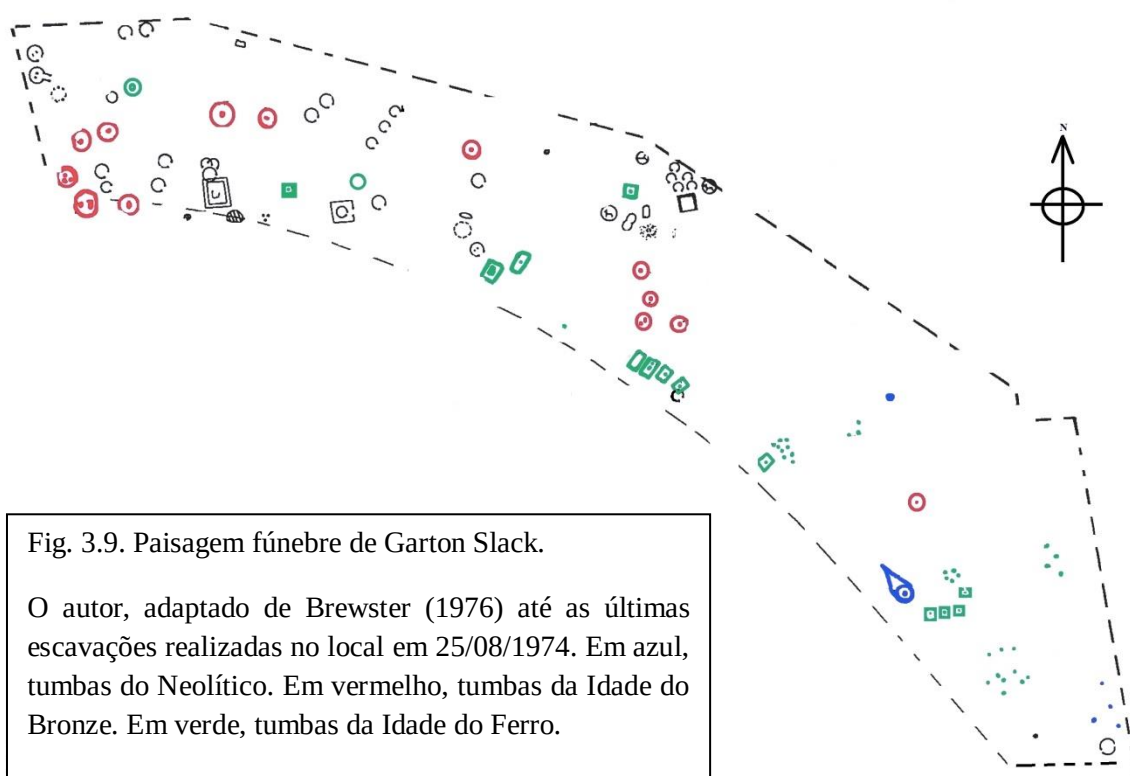
¹⁹ Brewster defendeu a possibilidade de os enterramentos pertencerem à Idade do Ferro já que nenhum artefato romano foi encontrado e as covas parecem estar abaixo do nível estratigráfico do período romano (BREWSTER, 1980, p. 301). No entanto, tais associações não devem ser recebidas de modo acrítico, já que há casos onde relações estratigráficas não condizem com cronologias científicas e a ausência de artefatos não é evidência de que determinado achado pertença a outros períodos anteriores.

Embora o aumento proporcional observado entre os dois períodos tenha sido interpretado como um indício de piora em termos de saúde/qualidade de vida e aumento da mortalidade infantil da Idade do Bronze para a Idade do Ferro (BREWSTER, 1980, p. 748; WHITAKER, 2011, p. 325), tais constatações são poucos conclusivas. Em vista da quantidade de dados disponível, bem como a natureza dos achados, é provável que as diferenças identificadas em ambos os casos estejam relacionadas mais a questões vinculadas a aspectos funerários e de visibilidade arqueológica, do que um real reflexo de piora em termos de qualidade de vida ao longo dos séculos por parte dos habitantes da localidade.

De qualquer maneira, apesar de nossas limitações arqueológicas, Garton Slack revela-nos uma consistência mortuária que parece se estender para além do tempo. Se, por um lado, ainda que o sítio destoe dos demais cemitérios encontrados nos Wolds durante a Idade do Ferro no tocante à significativa quantidade de enterramentos de subadultos escavados, por outro lado, dentro de uma perspectiva local (e em um recorte temporal mais amplo), os números não se tornam tão destoantes assim e revelam certo elemento de tradição, ou continuidade local. Infelizmente, não há como precisar o porquê de determinadas tradições terem continuado em certas localidades e não em outras. No entanto, temos ao menos uma pista que poderia explicar, em parte, a natureza das deposições encontradas em Garton relacionadas à população subadulta. Se a proximidade numérica entre os dois períodos já mencionados não for simplesmente ocasionada por nossas limitações arqueológicas modernas, é possível que tal padrão ou frequência de deposição funerária observada na Idade do Bronze não fosse totalmente desconhecida para as populações da Idade do Ferro no local. Poderíamos ter, aqui, novamente um indício de processo de manipulação da memória e de projeção social na paisagem, semelhante àquele encontrado em outros sítios como Melton e Kirkburn, onde conhecimentos sobre práticas e pessoas previamente enterradas sobrevivem ao tempo e são transmitidos de uma geração a outra.

A inclusão (e a proporção da ocorrência) de subadultos em Garton pode estar, portanto, relacionada a um *modus operandi* mortuário local que, de alguma forma, perdurou ao longo dos tempos. Essa continuidade, contudo, não ocorre de modo intacto, ou pleno, mas sofre transformações estruturais por parte das comunidades posteriores de acordo com as novas cosmologias em voga (por exemplo, como é visto em relação à morfologia das tumbas, que passam a adotar novas dimensões e uma estrutura

delimitadora no formato de trincheiras quadrangulares, em alguns casos). É possível, portanto, que tal proximidade numérico-proporcional em relação à presença da população subadulta observada em Garton Slack entre a Idade do Bronze e a Idade do Ferro possa ter sido condicionada não apenas por condições arqueológicas, mas também reflita uma atitude compartilhada entre os membros da comunidade ali assentada ao longo dos séculos, como parte de uma tradição local e uma tentativa de se (re)conectar – a partir de um certo mimetismo – com seus ancestrais. Essa necessidade de conexão para além do tempo apreensível é novamente reforçada quando olhamos para a paisagem arqueológica encontrada no local, onde mais uma vez tumbas da Idade do Ferro (assinaladas em verde) coexistem e se relacionam diretamente com monumentos funerários de períodos anteriores, como tumbas do Neolítico (em azul) e da Idade do Bronze (em vermelho).



Há, portanto, um forte senso de proximidade temporal e ancestralidade sendo construído a partir da manipulação da paisagem fúnebre em East Yorkshire. No entanto, as relações de temporalidade projetadas não são iguais em todos os lugares e tampouco seguem uma regra em comum. Ao contrário, os sítios discutidos revelam que estratégias

locais foram colocadas em ação através da manipulação da memória e da paisagem levando em conta práticas, monumentos e estruturas já existentes a fim de criar um vínculo de pertencimento e proximidade e, ao mesmo tempo, estabelecer os ritmos de movimentos e limites entre os mundos habitados pelos vivos e os mortos.

4.

A partir dos casos discutidos, é possível observar como alguns atributos de importância e ancestralidade são construídos na paisagem com base em elementos funerários. No entanto, essas projeções não são construídas em uníssono. Como vimos, elas se dão de maneira heterogênea e estão relacionadas aos modos como determinadas comunidades dialogam com (e constroem) a paisagem que habitam, a partir de suas próprias necessidades. Em determinados sítios, essa aproximação se dá com ancestrais conhecidos, separados apenas no intervalo de uma ou poucas gerações (como é o caso em Kilham e Kirkburn, por exemplo); em outros, com um mundo mítico e milenar, dialogando com monumentos funerários do Neolítico (Rudston-Burton Fleming, Garton Slack) e da Idade do Bronze (Melton, Wetwang-Garton Slack). Como Barret (1999) destaca, a Idade do Ferro nas Ilhas Britânicas é marcada por uma série de mitologias particulares que são construídas a partir da manipulação de monumentos e marcos, criando paisagens que são ao mesmo tempo apreensíveis e míticas. Devido à natureza única dos achados em Yorkshire, os dados de que dispomos para o estudo da região nos atestam como as comunidades ali assentadas estavam desenvolvendo um discurso sobre noções de ancestralidade e pertencimento, a partir da construção de tumbas em proximidade a antigos montículos e marcos ancestrais na paisagem: uma prática que iria atingir seu ápice em torno dos séculos III-II a.C., mas cujas origens parecem ter se desenvolvido na primeira metade do primeiro milênio a.C., como o site de Melton indica (FENTON-THOMAS, 2011; GILES, 2012, p. 63).

Estudos arqueológicos recentes, já chamaram a atenção para a relação simbiótica em determinados contextos entre tempo, memória e materialidade: isto é, a importância para certas sociedades de apreender o passado e transformá-lo em algo acessível e manipulável – através de objetos e da paisagem –, tornando possível a manipulação do tempo e da memória (GHEORGHIU; NASH, 2013, p. 6–7; JOHNSON; SCHNEIDER, 2013; LILLIOS; TSAMIS, 2010; WILLIAMS, 2006). Esses são temas cruciais para a

compreensão dos cemitérios encontrados em East Yorkshire durante a Idade do Ferro. O conceito antropológico de *exocérebro*, cunhado por Bartra (2014), fornece-nos, aqui, um frutífero ponto de partida para reflexão.

Em seu estudo da mente humana, Bartra (2014) buscou demonstrar como o cérebro humano é construído em parte, para além dos aspectos neuroquímicos, por uma série de “próteses culturais”, isto é, um conjunto de elementos socioculturais que completam e condicionam o próprio funcionamento neurofisiológico do cérebro (BARTRA, 2014, p. 23–26, 146,189). O exocérebro constitui-se, assim, como um sistema simbólico comunicativo de substituição que opera memórias a partir de acumulações e classificações mentais (de histórias, pessoas, lugares, relações, biografias) que, por sua vez, “podem ser recordadas em momentos e contextos não diretamente relacionados com o que se quer rememorar” (BARTRA, 2014, p. 96) ou, ainda, utilizadas para fins diversos, relacionados a aspectos, por exemplo, linguísticos ou até mesmo para suportar situações patológicas dramáticas (BARTRA, 2014, p. 129–131).

A noção de exocérebro permite ao autor explorar, dentre outros aspectos, como objetos, pessoas e ações são orquestradas a partir da capacidade mental de se produzir imagens visuais de tipo simbólico, resultando na criação de pinturas, estátuas, esculturas e figuras de diversos tipos, mas, de certo modo, seria possível pensarmos também sua aplicação para o estudo de enterramentos, já que tumbas, igualmente, são, em certo nível, a materialização de uma imagem simbólica e idealizada. O uso de recursos sensoriais (visuais, auditivos, olfativos) com o intuito de “tecer vínculos, embrionariamente rituais, entre situações simbolizadas e estados emocionais” (BARTRA, 2014, p. 96) são todos aspectos presentes nas práticas mortuárias observadas da Idade do Ferro, como indica a prática de monumentalização, os banquetes fúnebres, as construções de proximidades espaciais e a deposição ritualizada de artefatos e de corpos no interior de covas. A relação primordial construída a níveis cognitivos entre o cérebro humano e lugares torna-se, assim, mais um ponto a ser destacado. Bartra (2014, p. 96–7) argumenta, nesse sentido, que a associação entre “pensamento”, “lugar” e “memória” constitui um dos primeiros dispositivos cerebrais criados – há pelo menos 250 mil anos – pela mente humana a fim de armazenar e organizar a memória: um ponto semelhante àquele já discutido de um ponto de vista arqueológico pelos estudos da fenomenologia da paisagem (TILLEY, 1994).

Utilizando tais postulados como ponto de partida reflexivo, é possível pensar a paisagem fúnebre da Idade do Ferro em Yorkshire como um conjunto de circuitos externos de memórias que fazem parte dessa malha imbricada de interrelações cognitivas e que sustentam a memória coletiva. Há, portanto, uma articulação dinâmica entre memórias sociais e emocionais que faz com que os mundos (dos vivos e dos mortos), definido a partir de um conjunto de experiências temporais, possam ser organizados com base em intenções, lembranças, desejos e expectativas particulares (CONNERTON, 1989, p. 6). Trata-se de um processo criativo de construções topográficas do real e do mítico.

O que é interessante, nesse sentido, de um ponto de vista contemporâneo, é que boa parte dessas construções na Idade do Ferro seguem, em muitos casos, uma lógica oposta àquelas que observamos no mundo moderno. Na tradição ocidental moderna, reivindicações políticas de pertencimento, territorialização e autoridade frequentemente implicam a tentativa de se alterarem, sufocarem, sobrepor e erradicarem signos locais anteriores, como frequentemente visto em contextos coloniais (BENDER, 2006, p. 307-09). Em sociedades de pequena escala, um comportamento distinto costuma ser observado, quando frequentemente o presente e o passado são sustentados um pelo outro: seres ancestrais são nutridos por seres humanos que, por sua vez, dependem das forças e atributos desses ancestrais (BENDER, 2006, p. 308).

Se pensarmos a prática de enterramento em si, como um ato de se “plantarem” fisicamente os mortos na terra, tornando seus resquícios mortais uma parte inalienável e fixa do local onde são sepultados (PARKER PEARSON, 2002, p. 17), não é de se espantar que os enterramentos da Pré-história nas Ilhas Britânicas tenham se tornado um mecanismo tão importante para reivindicações de aspectos territoriais, identitários e ancestrais, operando memórias coletivas e individuais. Gostaria de ressaltar, assim, que as tumbas e os cemitérios discutidos ao longo deste capítulo não são apenas um *aide-mémoire* para as populações da Idade do Ferro: ao invés de servirem como um simples auxílio à memória, essas tumbas, bem como toda a paisagem funerária que compõem, são elas próprias a memória *de facto* materializada dessas comunidades e a matéria prima para um conjunto de projeções sociais (KÜCHLER, 1993).

Cada um dos cemitérios encontrados nos Wolds pode ser pensado, portanto, como o resultado de uma combinação complexa e indissolúvel de materialidades e

temporalidades. Essa combinação, por sua vez, enquanto uma forma de memória, possui um papel fundamental na transmissão (e construção) de cultura e saberes através de uma série de estratégias políticas e formas de vivências religiosas (JONES, 2007; ROWLANDS, 1993; WILLIAMS, 2006). Através de alinhamentos, proximidades entre tumbas e a construção de estruturas de terraplanagem interligando monumentos fúnebres do Neolítico, da Idade do Bronze e do Ferro observamos como o próprio tempo se torna uma forma de se medir e expressar a materialidade de um mundo onde um enterramento não é apenas uma sepultura, mas, sim, um suporte físico para relacionamentos crono-materiais construídos a partir de experiências heterocronológicas (GHEORGHIU; NASH, 2013, p. 6–7). Esse é um ponto crucial na construção de uma paisagem funerária como a da Idade do Ferro, onde noções de tempo, espaço, memória e poder são operacionalizadas em diferentes níveis e instâncias, resultando naquilo que Küchler (1993, p. 104) nomeou como uma “economia política da memória”. Nessa “economia”, história e memória se sobrepõem e transpassam uma mera função testemunhal, fornecendo uma matéria-prima para discursos sociais expressos visualmente a partir de mecanismos materiais e figurativos de representação.

Curiosamente, a necessidade de uma “economia de memória” e de historicidade continua altamente relevante e presente nos dias atuais. Ela é construída e comunicada menos a partir de cemitérios, como era o caso na Idade do Ferro, mas através de certos saberes institucionalizados (como a História e a Arqueologia), exposições museológicas e práticas educativas e arquivísticas (AUTRY, 2013; BUTLER, 2006; SHELTON, 2006). No entanto, ancestrais remotos (reais ou idealizados) continuam, em determinados momentos, a ser importantes e a desempenhar um papel crucial para as sociedades do tempo presente. De modo análogo à Idade do Ferro, sua utilização, rememoração e reapropriação na contemporaneidade envolvem, muitas vezes, um conjunto de reivindicações territoriais, políticas, econômicas e identitárias articuladas a noções de direitos e pertencimento. O protesto das “princesas celtas contra o *fracking*” realizado no vilarejo de Wetwang é um perfeito exemplo de como o passado e um monumento fúnebre milenar (o enterramento com carro de uma mulher descoberto em 2001 em Wetwang) podem, ainda hoje, servir como matéria-prima para a ação social.

4. Quando a morte vem cedo:

Uma análise dos enterramentos infantis

4.1. A população subadulta da Idade do Ferro: um histórico de silêncios

A Idade do Ferro era um período sem crianças. Ou ao menos essa é a conclusão a que se chegaria caso nos baseássemos apenas na historiografia para conhecermos melhor o período, não levando em conta os vestígios que dele chegaram até nós. Tal afirmativa, infelizmente, não se trata de um exagero.

Um simples exercício de levantamento bibliográfico indica-nos, sintomaticamente, um estado de descaso intelectual. Mesmo os principais estudos, manuais e obras de referência amplamente divulgados e consumidos sobre a Idade do Ferro nas Ilhas Britânicas e na Europa, falham em desenvolver uma reflexão mínima e problematizada a respeito da concepção de infância e dos lugares ocupados por crianças em tais sociedades ou, sequer, uma referência à sua existência (BRADLEY, 2007; CHADWICK, 1997; CUNLIFFE, 1997, 2003, 2013; HUBERT, 2013; JAMES, 1999; KRUTA, 1989; LE ROUX; GUYONVARC'H, 1999; MAIER, 2003; PIGGOTT, 1970; POWELL, 2000; WELLS, 2001)²⁰.

Estamos lidando, portanto, com uma das poucas áreas do saber histórico-arqueológico em que é possível ler-se um denso volume de mais de 800 páginas como o *The Celtic World* editado por Green (1996a), que reúne diversos especialistas dos diferentes países debatendo temas como vida social, assentamento, economia, religiosidade, ritos fúnebres, política e *status* em diversas populações da Idade do Ferro, sem com isso adquirir qualquer conhecimento a respeito da realidade de vida de indivíduos não-adultos durante o período em questão. Fora algumas frases isoladas que mencionam crianças coletando mariscos nas praias (LLOYD-MORGAN, 1996, p. 111)

²⁰ Foram mencionadas apenas obras que buscam discutir aspectos gerais e sociais da história e arqueologia das sociedades da Idade do Ferro ditas ‘celtas’. Isto é, obras nas quais seria de se esperar a discussão de certos aspectos de funcionamento social, como o debate sobre o tratamento dado às crianças em determinados contextos arqueológicos/históricos. A lista seria consideravelmente maior caso fossem também incluídos aí livros sobre “arte celta” ou sobre o debate em relação às possíveis etnogêneses “celtas” (CUNLIFFE e KOCH, 2012).

ou encontradas em enterramentos (WAIT, 1996, p. 498; JEREM, 1996, p. 591) e, ainda, algumas referências anedóticas greco-latinas sobre como os ‘celtas’ criavam suas crianças de modo a acostamá-las com o frio (RANKIN, 1996, p. 24), não é possível encontrar uma reflexão ou sequer uma menção mais elaborada às crianças na Idade do Ferro – nem ao menos para alertar que “crianças” tal como as definimos e entendemos na atualidade talvez nunca tenham existido nas sociedades discutidas²¹. O tópico encontra-se tão marginalizado a ponto de o extenso índice remissivo de 25 páginas contido no volume listar a palavra *chickens* (galinhas) entre temas pertinentes para busca, sem qualquer entrada para as palavras *child*, *children* ou *childhood* (ALDHOUSE-GREEN, 1996a, p. 820). Estamos, portanto, em um território frágil: um ambiente historiográfico em que, tradicionalmente, galinhas são mais frequentemente investigadas do que seres humanos antes destes atingirem a maioridade.

O que aprendemos, nesse sentido, é quase sempre o mesmo e reflete a pobreza de nossas ideias a respeito do tema. Isto é, de que na Idade do Ferro crianças e mulheres seguiam (como espectadores em carroças) os homens na guerra; de que, em determinado ponto de suas vidas, os mais jovens serviam comidas e bebidas aos adultos em banquetes; de que, desde pequenos, indivíduos eram submersos nas frias águas de rios ou encorajados a andar sem agasalhos a fim de se acostumarem com o frio e de que a visão em público de um pai com seus filhos, antes destes atingirem certa maioridade, era algo considerado vergonhoso e a ser evitado (CUNLIFFE, 1997, p. 84, 109, 255; HÓGÁIN, 2002, p. 18, 21; JAMES, 2005, p. 53, 71). Todos esses estereótipos têm origens em discursos antigos sobre os ‘celtas’ (e.g., ARISTOTELES, *Ética a Nicomaco*, 1336a; CÉSAR, *De Bello Gallico*, VI, 18.3) e pouco (ou nenhum) embasamento arqueológico – embora frequentemente sejam mencionados em livros de arqueologia.

Acrescida à transposição de valores antigos, há também uma transposição de percepções modernas. Os achados arqueológicos relativos aos indivíduos não-adultos costumam receber pouca ou nenhuma atenção problematizada: as crianças na Idade do Ferro são tidas automaticamente como parte do domínio feminino sob responsabilidade

²¹ A única exceção, talvez, sendo um parágrafo generalizante escrito por Champion (CHAMPION, 1996, p. 90) que destaca apenas que a melhor evidência para os estudos das crianças encontra-se em cemitérios, e que há uma grande variabilidade de materiais nesse sentido; contudo, não há qualquer discussão mais específica em relação ao tema e ele encontra-se apenas incluído quase a título ilustrativo na discussão dedicada aos “grupos e identidades sociais” das sociedades “célticas” feita pelo autor (CHAMPION, 1996, p. 88–90).

da mãe (BRUNAUX, 2005, p. 166), e seu lugar por excelência é o da casa junto a “velhos, mulheres e não-livres” (CUNLIFFE, 2001, p. 361). Há um imediatismo de associações nesse sentido. Valores de dependência, inocência e inferioridade são imediatamente associados à infância e nessa equação acrescenta-se um conjunto de noções anacrônicas de família, individualidade, responsabilidades e valores de gênero. O resultado de tal transposição se faz sentir da pior forma, tal como Baxter (2008, p. 161) nos alerta: ideias e hipóteses são formuladas a fim de explicar determinadas realidades materiais do passado, mas partem quase sempre do princípio de que a infância e o fato de ser criança é algo que faz parte de um ciclo natural e uma experiência universal compartilhada.

O debate iniciado no seio da historiografia francesa há mais de 50 anos, em grande parte graças ao trabalho seminal de Philippe Ariès ([1960]1981)– cujo maior mérito foi chamar a atenção para como a noção de infância é dotada de historicidade e o que entendemos por ‘criança’ é algo cultural e historicamente construído e condicionado ao longo dos tempos (ARIÈS, 1981) – parece, meio século depois, ainda não ter chegado, em grande escala, ao estudo da Idade do Ferro. Curiosamente, nem mesmo as discussões iniciadas dentro da própria Arqueologia anglófona foram absorvidas nesse sentido. Isso, apesar de desde o final da década de 80, graças ao debate levantado por Grete Lillehammer (1989), tenha se tornado evidente que crianças costumam ser amplamente ignoradas como agentes dignos de investigação arqueológica, a despeito de dispormos de uma série de evidências materiais com enorme potencial para seu estudo (LILLEHAMMER, 1989, p. 90; COŞKUNSU, 2016a).

Cabe-nos, portanto, em um exercício de reflexão necessário, tal como Hirschfeld (2002), perguntarmo-nos: por que não gostamos das crianças; por que as ignoramos de tal modo? Güner Coşkunsu (2016b) recentemente listou seis principais motivos porque crianças têm sido negligenciadas especificamente no estudo arqueológico da Antiguidade e da Pré-história, a saber: (1) a ideia equivocada e compartilhada por muitos pesquisadores de que há uma intangibilidade no estudo da infância a partir dos registros arqueológicos e, conseqüentemente, o pressuposto de que há uma escassez de evidências nesse sentido; (2) a existência de um entendimento teórico que ignora as crianças na medida em que as considera como indivíduos de pouca importância em termos socioeconômicos; (3) a reprodução e aceitação de uma visão

estereotipada/universal sobre a infância; (4) um conjunto de pré-conceitos de gênero; (5) um conjunto de pré-conceitos culturais; e, por fim, (6) a falta de colaborações interdisciplinares para investigação desse tema (COŞKUNSU, 2016b, p. 4).

Em termos dos estudos da cultura material, encontramos-nos, assim, diante de um cenário ambíguo. Por um lado, nos dias atuais, testemunhamos um crescimento e um alargamento (sobretudo teórico) dos estudos das crianças em contextos passados de uma maneira crítica e problematizada; estudos estes que rompem com noções universalistas e defendem a ideia de que a infância é uma construção social, histórica e cultural moldada a partir de certas ontologias específicas e experiências (sociais e materiais) distintas (BAXTER, 2005, 2008; COHEN, 2007; COŞKUNSU, 2016a; KAMP, 2001; SOFAER-DEREVENSKI, 1994, 1997, 2000). Por outro lado, ainda encontramos sociedades e períodos da História humana nos quais tais reflexões são ainda apenas marginalmente aplicadas, ou, por vezes, inexistentes.

Materiais de estudo, contudo, existem.

Ainda que em números reduzidos, a Idade do Ferro nos oferece um conjunto de evidências materiais ricas e distintas sobre a presença de grupos subadultos, como lactentes e crianças, nos mais variados contextos arqueológicos: desde inumações ou cremações formais encontradas em cemitérios a deposições domésticas, em assentamentos, poços e trincheiras, e até mesmo a presença de ossadas infantis e de bebês em santuários ou locais de culto (ARMIT, 2012; ARMIT et al., 2011; HARDING, 2016, p. 120–22; TIBBETTS, 2008). Na Inglaterra, especificamente, uma série de enterramentos de neonatos e crianças foram encontradas em Yorkshire e também em cemitérios do sul bretão, como Suddern Farm, em Hampshire; Gussage All Saints, Dorset e Gravelly Guy, Oxfordshire, apenas para citar alguns dos mais importantes (HARDING, 2016, p. 41)²². Ignorar essa parcela da população enterrada seria, portanto, um equívoco.

A documentação coletada nesta pesquisa oferece uma perspectiva animadora, nesse sentido, ainda que seja, em parte, extremamente lacunar. Como irei demonstrar, em breve, a presença de crianças em contextos mortuários se faz sentir de modo discreto

²² No tocante à Idade do Ferro tardia e o primeiro século d.C., a lista poderia ser expandida e incluir também sítios como o de King Harry Lane em Verulamium, onde, só nesse sítio, 24 crianças (menores de 12 anos) foram encontradas (STEAD; RIGBY, 1989).

e a partir de uma série de associações interpessoais e de momentos etários, caracterizada mais por atributos de ausência, do que pela presença de certos atributos. É justamente a partir dessas conexões entre diferentes fatores (como idade, mobiliário e arquitetura fúnebre, localização na paisagem, tipos de rituais empregados etc.) onde acredito ser possível identificarmos certas projeções identitárias associadas com determinados estágios da vida. Um olhar minucioso é, portanto, mais do que necessário.

4.2. Enterramentos infantis em Yorkshire

Em Yorkshire a presença de tumbas infantis não se encontra limitada a apenas um sítio ou local específico. Ao contrário, contamos com uma diversidade de casos nesse sentido. Sepulturas de crianças foram descobertas em Danes Graves, Cowlam, Rudston, Burton Fleming, Melton, Wetwang e Garton Slack. É importante observar que tais achados não se tratam, tampouco, de um fenômeno recente e há, portanto, uma diversidade de trajetórias de escavações de tumbas infantis: um período que se estende desde o final do século XIX passando pelas décadas da segunda metade do século XX, até, mais recentemente, 2005 (Cf. Capítulo anterior). A inclusão, ainda, do cemitério de Melton, permite-nos direcionar um olhar mais completo sobre o material, não apenas por se tratar de um cemitério recentemente escavado e catalogado, mas também porque as inumações lá encontradas pertencem a diferentes estágios cronológicos e, portanto, contamos com tumbas infantis desde a Idade do Ferro inicial (séc. VIII-VI a.C.) até uma fase de deposição tardia (séc. III-I a.C.).

Contamos, assim, com um banco de dados com 54 enterramentos infantis – especificamente de indivíduos enterrados com mais de 2 anos e menos de 12. Esse agrupamento etário, aparentemente arbitrário, partiu de uma escolha consciente de pesquisa, ao utilizar um padrão de classificação etário comumente usado pela historiografia inglesa no estudo de contextos arqueológicos e, mais especificamente, por ser a classificação etária já utilizada no estudo da Idade do Ferro em Yorkshire (STEAD, 1991, p. 127; GILES, 2012, p. 94). Em termos de sua aplicação ao material estudado, esse agrupamento, ainda que fruto de uma construção intelectual

contemporânea, parece mais adequado do que o utilizado por outros estudos, como o mencionado por May (2010, p. 33), no qual o grupo juvenil tem um alcance demasiadamente grande, incluindo pessoas de 2-19 anos, não sendo condizente com a realidade material aqui estudada e criando uma confusão de linguagem. Acredito ser importante ressaltar, por fim, que a adoção de tal padrão de classificação etária não implique em um pressuposto de que essa fosse a concepção de “criança” na Idade do Ferro, ou tampouco que um indivíduo de 3 anos tivesse o mesmo lugar na sociedade que um indivíduo de 8 anos, por exemplo. Demonstrarei mais à frente o oposto: como é possível traçarmos, ainda que sutilmente, certa distinção entre indivíduos que alcançam uma determinada idade e como o grupo “infantil” é mais diverso do que tradicionalmente concebemos.

Cinquenta e quatro enterramentos é, assim, uma boa quantidade para começarmos qualquer investigação sobre um tema tão pouco explorado. Em termos comparativos isso é um número maior do que a quantidade de tumbas adultas frequentemente encontradas em outras regiões (WHIMSTER, 1981) e resulta, em grande parte, da excepcionalidade arqueológica encontrada em Yorkshire.

Os números apesar de encorajadores revelam, no entanto, uma realidade particular e é preciso proceder com cautela. Dentro de uma perspectiva analítica quantitativa é possível observarmos que eles na verdade representam apenas uma minoria em termos numéricos. De fato, a proporção de enterramentos infantis comparada com a quantidade de enterramentos encontrados, em geral, em cada um dos sete sítios onde inumações de crianças foram achadas, revela-nos se tratar de um processo altamente seletivo, como indica a tabela abaixo:

Sítio	Enterramentos infantis (n.)	Enterramentos <i>in situ</i> (n.)	Proporção de enterramentos infantis <i>in situ</i> (%)

	Cowlam	1	10	10%
	Danes Graves	5	116	4%
	Wetwang	35	464	8%
	Slack			
	Garton Slack	2	45	4%
	Rudston	5	213	2%
	Burton	1	64	2%
	Fleming			
	Melton	5	21	24%
[Total]	7	54	933	6%

Tabela 4.1 Quantidade e proporção de enterramentos infantis encontrados na Idade do Ferro em East Yorkshire.

Esses números são inconsistentes com a realidade social da Idade do Ferro. Quero destacar, portanto, que eles não se sustentam nem em termos estatístico-demográficos, com base na população enterrada nos cemitérios em geral, como, tampouco, em termos bioarqueológicos e de mortalidade infantil em sociedades pré-modernas e pré-vacinação (BIDEAU; DESJARDINS; PÉREZ BRIGNOLI, 1997; STEAD, 1991, p. 127; LEWIS, 2007; CAFFELL; HOLST, 2011; LANCY, 2015)²³. Isso serve de evidência de que (1) em Yorkshire durante a Idade do Ferro crianças estão sub-representadas em contextos mortuários e de que, novamente, (2) os ritos fúnebres eram fruto de um conjunto de ações deliberativas e conscientes e não um mero espelho da realidade (seja ela social ou demográfica).

É preciso lembrar, ainda, como destacam Megaw, Simpson (1979) e Mays (2010), que, em várias sociedades, bebês e crianças costumam ser excluídos em termos

²³ Só na Antiguidade grega estima-se que a taxa de mortalidade infantil atingisse cerca de 25-35 por cento da população infantil apenas nos primeiros anos de vida (GOLDEN, 2015, p. 83) e o número de mortes infantis poderia chegar a alcançar até mesmo a metade da população em determinadas regiões durante a Idade Média e os séculos XVIII-XIX (LANCY, 2015, p. 109).

mortuários, tendo sido enterrados fora de cemitérios ou em áreas remotas, por vezes seus corpos podendo ter sido também cremados e as cinzas espalhadas, ou até mesmo deixados expostos ao tempo e à natureza, ou, ainda, depositados em ambientes aquáticos (MEGAW; SIMPSON, 1979, p. 406; MAYS, 2010, p. 32) – procedimentos, esses, que dificultam suas respectivas identificações e criam uma invisibilidade arqueológica. Holck (1995) já demonstrou ainda, arqueologicamente, como cremações e enterros infantis deixam significativamente poucas evidências materiais: um fato que permitiu com que o autor não apenas constatasse que corpos infantis são (contrário ao que se esperaria) mais difíceis de serem cremados do que os adultos, como também, curiosamente, que os ossos infantis cremados se dissolvem mais rapidamente no solo, deixando poucos resquícios esqueléticos a serem descobertos.

Em Garton Slack uma parcela de bebês foi encontrada em uma região separada (área 10, cf. BREWSTER, 1980, p. 301–10), o que pode indicar, talvez, certo procedimento de exclusão ou separação. No entanto, o argumento parece fraco, posto que essas inumações não puderam ser datadas e não há como saber se pertenciam de fato à Idade do Ferro ou a outro período²⁴. Acrescenta-se, aí, também, o fato de que nenhuma criança fora encontrada nessa área isolada apesar de crianças terem sido descobertas enterradas em Garton Slack no cemitério do local. Uma explicação alternativa para tal número reduzido de inumações infantis baseada em uma esquematização etária rígida (por exemplo, crianças só serem enterradas a partir da idade “x”), tampouco, se aplica ao contexto estudado: as inumações que conhecemos, revelam-nos indivíduos de diferente idades, desde lactentes e pessoas com 2 anos até outros com idade mais alta, como 12 anos.

Acredito que uma das explicações mais plausíveis para os números reduzidos de enterramentos infantis durante a Idade do Ferro na região estudada seja aquela argumentada por Sheelagh Stead (1991, p. 127) de que, talvez, uma parcela considerável dos enterramentos infantis tenha sido composta por inserções secundárias em tumbas: isto é, enterramentos colocados no montículo erguido sobre a cova de uma sepultura inicial. Isso, de fato, explicaria o número reduzido de achados, uma vez que a

²⁴ Estratigraficamente, contudo, elas se encontram abaixo do nível romano, o que indica possivelmente apenas uma cronologia a.C., embora certo cuidado seja necessário em partir de tais pressupostos já que é sabido que tumbas no Continente recentemente escavadas estavam em níveis mixos não correspondendo aos níveis estratigráficos tradicionalmente esperados.

grande maioria das tumbas foi sendo nivelada e destruída com o passar dos séculos, fruto, em parte, da ação do tempo e da natureza e, em especial, porque os terrenos foram arados como também pela intensificação agrícola moderna (STEAD, 1979, p. 7) sobre a visibilidade e o desaparecimento de montículos em Arras ao longo dos anos). Essa explicação é a mais plausível de que dispomos, mas ainda assim é preciso certa cautela e gostaria de lembrar que nem todos os enterramentos infantis eram enterramentos secundários: uma parte significativa deles, na verdade, consiste de tumbas individuais. Retornarei a esse ponto a seguir, ao discutir as tipologias de enterramentos infantis.

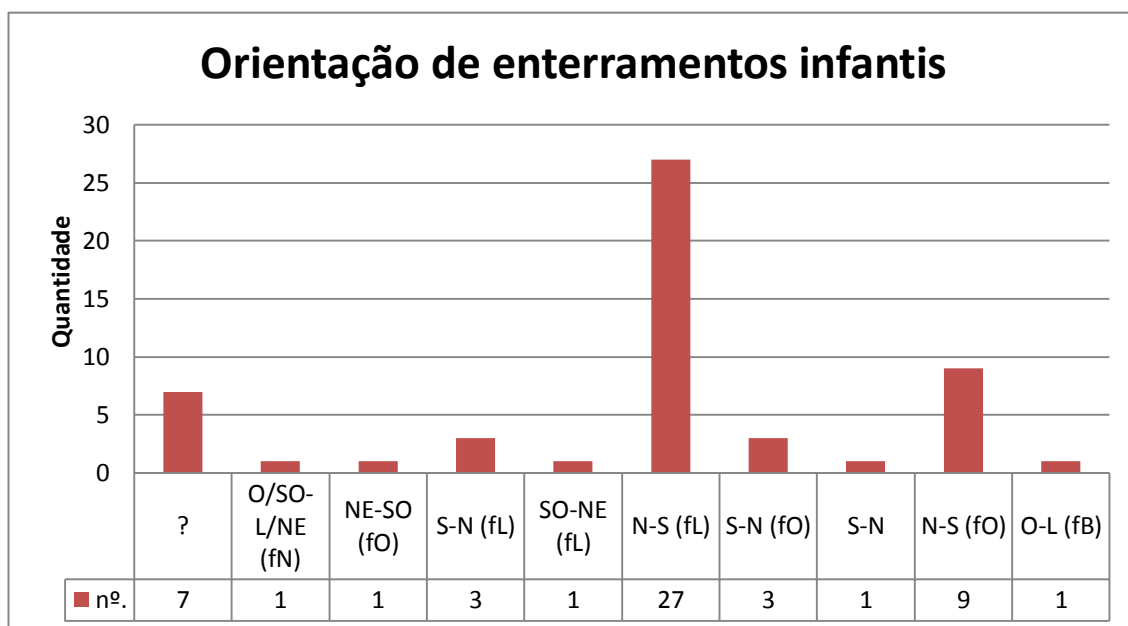
Em termos de ritualização e arranjo do corpo em contextos fúnebres é importante observar certa congruência entre enterramentos de crianças e de adultos. Esse é um dado que, apesar de parecer de pouca relevância, não deve ser neutralizado: em um contexto outro qualquer, onde grupos subadultos fossem incluídos em determinado ritual fúnebre (em pequena ou larga escala), essa inclusão não implicaria, necessariamente, em um tratamento semelhante e, conseqüentemente, diferenças gritantes em termos de posição e orientações corpóreas poderiam se fazer sentir. Em

Eixo	Percentual (%)
N-S	83
O-L	4
N/d.	13

Tabela Principais eixos de orientação corporal em enterramentos infantis

Yorkshire, contudo, a maior parte das inumações infantis (n.=45) segue o mesmo grande eixo de orientação dos demais esqueletos encontrados nos cemitérios locais: isto é, dentro das cordenadas Norte-Sul e suas variantes (S/N; NE/SO etc.).

Tal semelhança é ainda reforçada também se olharmos os sentidos de orientações corporais como um todo, acrescentando-se, aí, portanto, as posições para as quais os esqueletos estavam voltados. A tabela a seguir oferece uma síntese analítica de tais disposições:



Legenda: Orientações expressas a partir do eixo de orientação do corpo (N, norte; S, sul; O, oeste, L, leste) e a direção para qual o esqueleto estava voltado (isto é, face a N; norte, S, sul; L, leste, O, oeste, ou fB, face para baixo).

Gráfico 4.1. A orientação dos enterramentos infantis

Há, portanto, uma nítida preferência (50%) para a posição Norte-Sul face a Leste, seguida pela variação Norte-Sul face a Oeste (17%) e suas respectivas inversões, com a cabeça do esqueleto situada ao Sul (c. de 6% cada). Os dados se mostram, assim, condizentes com o esperado, seguindo um padrão de ritualização semelhante àquele observado em tumbas adultas, nesse tocante.

O mesmo pode ser dito em termos dos cuidados dados aos corpos e às posturas dos esqueletos no interior das covas. Tal como na maioria dos casos, a postura predominante em enterramentos infantis é a fletida (e sua variante, semi-fletida) seguida pela posição contraída. Apenas um caso, encontrado em Melton (M [A4]1183), manifestou certa diferença, revelando uma inumação infantil (de uma criança de 2-4 anos) na postura estendida, em decúbito ventral, isto é, deitada de barriga contra o chão. Embora esse caso seja, aparentemente, sem precedentes se contássemos apenas com o conjunto de inumações infantis, ele, no entanto, não se torna destoante dentro de uma perspectiva contextualizadora. Isso devido a três fatores: primeiramente por se tratar de um enterramento coletivo, categoria na qual se observa o maior nível de variação em

termos de orientações e posições, pois consiste em dois ou mais indivíduos dentro de uma mesma cova; em segundo lugar, devido ao fato de que uma parcela significativa da população em Melton fora enterrada em decúbito, e, em terceiro lugar, por se tratar de um enterramento com cronologia da Idade do Ferro inicial (780-530 a.C.), quando observa-se, tradicionalmente, uma variação maior em termos de posturas (FENTON-THOMAS, 2011).

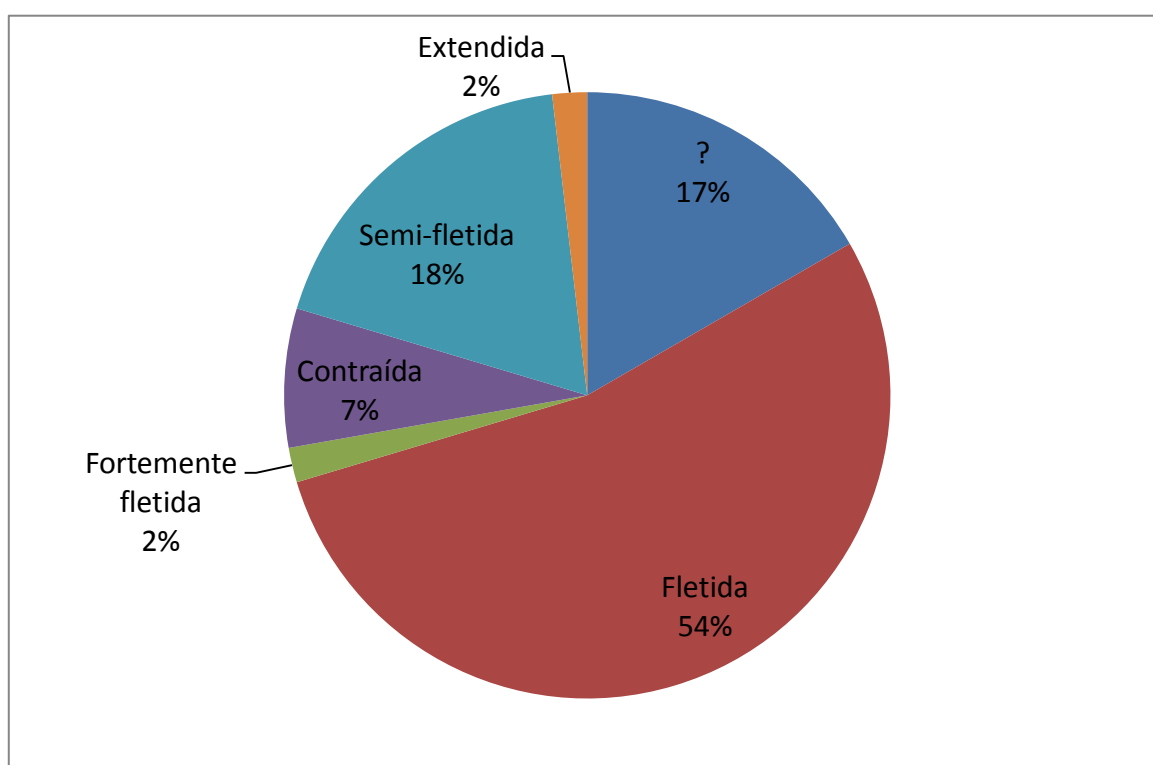


Gráfico 4.2. A postura dos esqueletos em enterramentos infantis

Ainda quanto aos cuidados dedicados aos corpos e à atenção a certas tradições e particularidades locais, acredito ser importante ressaltar que em Wetwang Slack, onde caixões costumam ser encontrados (em parte graças a traços mineralizados de madeira), eles não só foram identificados em tumbas adultas, mas também em 16 enterramentos infantis (WS25; 74; 140-1; 231-2; 298; 324; 330; 363; 373-4; 381; 387; 396; 443). Não há quaisquer distinções ou proibições sociais/rituais, nesse sentido, e crianças – quando enterradas – podiam, ao que tudo indica, contar com um caixão em morte, tal como os adultos, nos locais onde tal costume fúnebre existisse.



Garton Slack 7
Barrow 4 Burial 2

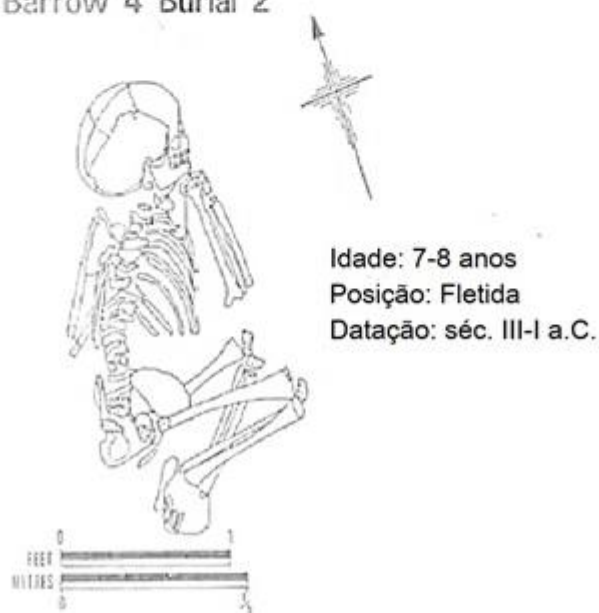


Fig.4.1 Dois enterramentos infantis da Idade do Ferro em Yorkshire. *Fonte:* Fenton-Thomas, 2011; Brewster, 1980, com adaptações pelo autor. O primeiro enterramento foi encontrado em Melton e o segundo em Garton Slack. Eles atestam uma longa tradição regional da prática de inumações infantis e em ambos os casos o tratamento fúnebre dado às crianças é idêntico àquele encontrado entre a população adulta. Ilustrações ou fotos de enterramentos infantis são raras (elas estão ausentes, por exemplo, nos mais de 600 enterramentos registrados por Dent, 1984 e Stead, 1991).

A localização na paisagem e a espacialidade dos enterramentos infantis refletem o contexto dos sítios nos quais eles foram encontrados: a maior parte das sepulturas sendo provenientes de extensos cemitérios (como aquelas de Danes Graves, Rudston, Burton Fleming e Wetwang Slack) e outra parcela encontrada em pequenos cemitérios, como as sepulturas escavadas em Cowlam e Melton. Até o presente não há quaisquer registros de enterramentos infantis isolados, isto é, sem outros enterramentos ou elementos fúnebres nos arredores, como por vezes ocorre com algumas sepulturas de adultos (e.g. enterrados isolados ou em um local de destaque, como o topo de uma colina).

4.3. Tipologias dos enterramentos

Embora, tradicionalmente, crianças sejam mencionadas pela historiografia em contextos mortuários quase sempre em posições secundárias (como parte de outro enterramento), tal concepção é relativamente equivocada. Há nesse sentido uma crença de que a maior parte das crianças encontradas nos cemitérios da Idade do Ferro em Yorkshire siga o modelo de enterramento “tipo D” (ANTHOONS, 2011, p. 44), consistindo, assim, em sepulturas que representariam inserções secundárias em uma tumba inicial. A visão de que crianças ocupam apenas “enterramentos satélites” (KING, 2010b, p. 195) é, portanto, problemática. Trata-se não só de um problema, mas de um equívoco, já que contamos, virtualmente, considerando-se as margens de erro, com a mesma quantidade de enterramentos infantis do tipo A e do tipo D.

Tipo	Quantidade (n.)
A	25
?B	2
D	26
N/d.	1

Essa associação – formada mais a partir de pré-conceitos do que de dados numéricos – se dá, a meu ver, pelo fato de enterramentos secundários serem, em geral, ainda associados a um *status* inferior, havendo um imediatismo e uma equivalência projetada aí em termos da população não-adulta, que é, em geral, pouco estudada e/ou considerada inferior e de menor importância. No entanto, a inserção de tumbas secundárias deve ser encarada como um ato estratégico de construção identitária e

de vínculos (reais ou imaginários) de parentesco e afiliações entre indivíduos.

Acredito que a correspondência numérica entre tumbas infantis do tipo A e do tipo D tenha mais a ver com a construção de biografias pessoais e com diferentes estágios/cronologias do desenvolvimento de cemitérios, do que uma diferença em termos de qualidade e importância entre indivíduos distintos. É preciso lembrar que a quantidade de enterramentos infantis de tipo “D” é, em grande parte, uma decorrência da grandeza numérica do cemitério de Wetwang Slack. De fato, 20 dos 26 enterramentos infantis deste tipo foram encontrados e se localizam em Wetwang: um dado que dialoga perfeitamente com a realidade material do cemitério em questão, onde mais de 150 inumações (de todas as idades) receberam um enterramento de tipo “D”. Tal fenômeno pode ser explicado por um fator cronológico e de projeções sociais - em Wetwang Slack, com o passar do tempo, há uma intensificação da quantidade de sepulturas no sítio, em torno do século III a.C., e o ato de se reivindicarem afiliações interpessoais passa a adquirir uma importante dimensão espacial.

Adicionalmente, a análise de cada tipo de enterramento em relação à idade da pessoa enterrada reafirma que não há qualquer padrão ou correlação direta entre a maior parte de tipologias de enterramento e a idade das pessoas enterradas, salvo as tumbas de tipo-C (sepulturas com veículos).

4.4. Cronologia

Os enterramentos da população não-adulta são os mais difíceis para os quais se estabelecerem cronologias específicas devido a 2 fatores: 1) por não contarem, normalmente, com artefatos de metal que auxiliem um exercício de datação com bases tipológicas (e.g. broches, espadas); e 2) por não despertarem a atenção de pesquisadores e quase nunca serem incluídos em testes de datações de carbono²⁵. Embora não seja possível estabelecer uma precisão de datas maior nesse sentido, a grande parte dos

²⁵ Embora estudos recentes tenham oferecido novas datações para o material encontrado em cemitérios de Yorkshire, como o de Wetwang Slack, todos os esqueletos e artefatos analisados são oriundos apenas de tumbas de adultos (JAY et al., 2012).

enterramentos aqui discutidos data dos séc. IV-II a.C., época do desenvolvimento da maior parte dos cemitérios de Yorkshire. Tal constatação feita com base na evidência estratigráfica parece dialogar com as datações (tipológicas, estratigráficas e de carbono 14) estabelecidas para os demais enterramentos encontrados nos mesmos sítios (DENT, 1984; STEAD, 1991; JAY et al., 2012).

As cronologias mais iniciais e tardias que compõem o banco de dados desta pesquisa foram encontradas no sítio de Melton. Apesar de uma parte dos achados desse local destoar cronologicamente da maioria dos casos observados, optei por incluir esse sítio na pesquisa, como já destacado em outra ocasião, pois ele permite-nos desenvolver uma visão mais completa, de longa duração, sobre as atitudes relacionadas à morte na Idade do Ferro em Yorkshire, a partir de cronologias bem delimitadas. Quatro enterramentos infantis, portanto, datam, excepcionalmente, do período 780-530 a.C. (FENTON-THOMAS, 2011) e os dois enterramentos infantis mais tardios de que dispomos são provenientes de Melton e Garton Slack (século I a.C.).

Embora o período que segue não seja, aqui, analisado, é importante destacar que com o passar do tempo (séc. I a.C. – I d.C.), inumações infantis e de lactentes se tornam cada vez mais raras em cemitérios e juntas a adultos, o que indica certa mudança de atitudes em relação à ritualização da morte e ao tratamento dado a grupos subadultos na Idade do Ferro tardia, embora algumas continuidades existam, sobretudo, no tocante aos cuidados dados a bebês em contextos mortuários (MILLETT; GOWLAND, 2015). Assim é possível perceber uma mudança de valores e, sobretudo, de espaços: durante a Idade do Ferro tardia e o período romano inicial em Yorkshire, a população não-adulta passa a ser encontrada majoritariamente em contextos domésticos, isto é, dentro ou próxima a construções domésticas e no interior de assentamentos (DENT, 1984, p. 146; MILLETT; GOWLAND, 2015, p. 180), de modo semelhante ao observado em casas e assentamentos no sul das Ilhas Britânicas.

4.5. Osteoanálise

O estudo das ossadas humanas para grupos não-adultos é extremamente desafiador. A quantidade de informações de que hoje dispomos sobre as “biografias biológicas” das crianças enterradas na Idade do Ferro é significativamente pequena se comparada aos dados obtidos a partir dos esqueletos adultos.

Atributos como “sexo” são, quase sempre, impossíveis de serem identificados, por exemplo. De fato, nenhuma das 54 inumações aqui discutidas pode ter seu sexo biológico confirmado, levando-me a considerar esse dado como “não disponível” (N/d.) no banco de dados da pesquisa. Embora algumas monografias de sítio e catálogos dos achados, como os elaborados por Brewster (1980) e Dent (1984), por vezes mencionem ou arrisquem um palpite sobre o sexo de ossadas infantis (e.g. WS2; WS74, tendo sexo “masculino”), análises recentes mostraram que tais presunções se são equivocadas e nenhum dos esqueletos infantis, de fato, pôde ter seu sexo determinado (STEAD, 1991; KING, 2010a). Além disso, por se tratar de uma parcela da população relativamente ignorada, poucos estudos específicos costumam ser realizados exclusivamente com base no material esquelético encontrado. No entanto, alguns pontos são dignos de nota, graças aos esforços de pesquisas recentes e o uso de novas tecnologias para análises científicas (como leituras de isótopos).

O sítio de Melton, um dos poucos escavados no século atual (FENTON-THOMAS, 2011), revela-nos uma realidade particularmente desafiadora, em termos da qualidade de vida e das condições das crianças ali encontradas. É possível identificar uma privação, em alguns casos, em termos de regimes alimentares e acesso a determinados nutrientes. Uma das crianças encontradas em Melton (M1818, criança com 2-3 anos) sofria de escorbuto: uma doença resultada da carência crônica de vitamina C no organismo e que pode se manifestar através de alterações nas gengivas e perda dos dentes, hemorragias e uma queda de resistência e propensão a infecções (CAFFELL; HOLST, 2011; AGARWAL et al., 2015). Essa criança era também significativamente pequena para a sua idade, o que reforça seu estado de carência em termos alimentares e de desenvolvimento. De modo semelhante, outra criança (M1183, 2-4 anos), encontrada no mesmo sítio, também apresentava um corpo relativamente subdesenvolvido e tinha, ainda, sinais de uma possível inflamação na cavidade nasal

direita (sinusite)²⁶. Já o esqueleto de um jovem enterrado com 11-13 anos (M2554) revelou um cenário relativamente semelhante aos dois anteriormente mencionados: nesse caso, um crescimento e desenvolvimento ósseo/muscular atrasado, uma infecção crônica (ainda ativa no momento da morte) na mandíbula inferior, e o braço esquerdo possivelmente atrofiado ou paralisado.

Não seria um exagero, portanto, dizer que o sítio de Melton é particularmente marcado por uma série de deficiências alimentares e outras adversidades, das quais as crianças não estavam excluídas. Tais deficiências nutricionais, por vezes, costumam refletir um ambiente de pobreza, guerras, desastres naturais, certo isolamento geográfico ou, ainda, muito provavelmente, longos invernos e más colheitas (CAFFELL; HOLST, 2011, p. 511). As crianças são, quase sempre, as mais afetadas por tais condições inóspitas e as escavações de outros sítios como o de Kirby Grindalythe em North Yorkshire (CAFFELL; HOLST, 2011, p. 528) revelam-nos que deficiências nutricionais em crianças (como o escorbuto) não estavam limitadas apenas a uma localidade específica e poderiam ocorrer em diferentes momentos e lugares durante a Idade do Ferro.

A maioria dos demais sítios, aqui discutidos, contudo, parece mostrar uma realidade um pouco melhor. De fato, a presença de mazelas e deficiências nutricionais crônicas não foi identificada no maior cemitério de que dispomos – Wetwang Slack (JAY; RICHARDS, 2006, 2007) – e nenhum dos enterramentos infantis encontrados em outros sítios além de Melton apresentam sinais de infecções e subdesenvolvimento infantil (STEAD, 1991; KING, 2010a). É possível, talvez, que essas diferenças sejam cronológicas e reflitam uma melhora nas condições de vida: enquanto os casos destacados em Melton datam de 780-530 a.C., a maior parte dos enterramentos aqui discutidos possui uma cronologia em torno do séc. IV-II a.C..

Estudos de isótopos feitos a partir das ossadas encontradas em Wetwang Slack revelaram, curiosamente, um contexto de desmame relativamente cedo. Isto é, o processo de amamentação era feito de modo otimizado e reduzido, apenas durante um curto intervalo de tempo e depois o leite materno era substituído por leite de animais e papas à base de vegetais (JAY et al., 2008). De fato, já a partir dos 2/2,5 anos de idade,

²⁶ É possível, contudo, que a alteração óssea observada na cavidade em questão possa ser reflexo também de um estágio de desenvolvimento dental anormal (CAFFELL; HOLST, 2011, p. 509). Sinusites, no entanto, foram observadas em outros indivíduos encontrados em Melton, como, por exemplo, a mulher encontrada em M1032.

a leitura isotópica encontrada nos esqueletos infantis em Wetwang é praticamente idêntica à da população adulta, indicando que as crianças já estavam havia algum tempo comendo alimentos com o mesmo valor isotópico dos seus pais (JAY et al., 2008, p. 336). Em termos sócio-históricos é importante ressaltar que, embora as condições e a qualidade de vida talvez pudessem ter melhorado na Idade do Ferro média se comparadas ao período anterior, o desmame em idade recente está, muitas vezes, associado a um aumento de doenças alérgicas, infecciosas e nutricionais, um fato, como Kamp (KAMP, 2001, p. 9–11) e Lancy (2015) ressaltam, demonstrado em vários níveis etnográficos e arqueológicos de diferentes locais do mundo. Este é, portanto, mais um indício de que a quantidade de enterramentos infantis que obtemos não é um reflexo da taxa de mortalidade infantil que existia nessas comunidades.

Por último, gostaria de chamar atenção para dois fatos. O primeiro é o de que nenhum trauma físico ou sinal de violência pôde ser observado nos esqueletos infantis encontrados em Yorkshire, nem naqueles submetidos a cuidadosas análises osteológicas (KING, 2010a). Isso pode ser um indício de que crianças não seriam normalmente afetadas ou, talvez, de que fossem mais comumente poupadas em contextos de uso de violência letal²⁷. É possível ainda que tal ausência seja compatível com certos cuidados especiais direcionados às crianças até determinadas idades: uma característica comum, antropologicamente falando, às sociedades marcadas por um grande número de mortes infantis. Nos vilarejos de Sarwak (Bornéu), por exemplo, as crianças recebem uma série de cuidados especiais e nunca são punidas fisicamente até a idade de 4 anos, quando se acredita que sua condição física se torne mais segura e menos propensa à morte, consistindo, assim, em um mecanismo de redução da taxa de mortalidade infantil local e de aumento das chances de crianças atingirem a idade adulta (LANCY, 2015, p. 102).

O segundo ponto a ser destacado é o de que acredito ser possível inferir que a maior parte das crianças começasse a ajudar, desde cedo, em trabalhos manuais e tarefas mais pesadas, levando uma vida não sedentária e não muito diferente (em termos de desgastes físicos) dos adultos. Essa constatação pode ser feita não necessariamente a partir das ossadas infantis, mas com base nos esqueletos adultos: a presença de osteoartrites, espondilólises, hérnias e uma série de lesões por esforço repetitivo

²⁷ É possível, contudo, que as crianças que tenham morrido como consequência de uma morte violenta tenham recebido um tratamento mortuário distinto, de pouca visibilidade arqueológica, ou ainda que tenham sido mortas de modo a não deixar evidências no esqueleto.

refletem, em muitos casos, uma vida de trabalhos físicos iniciada desde cedo. Como Sofaer Derevenski (1997) nos lembra, a infância é, em muitos contextos, um período de aprendizado por excelência: não só de trabalhos e atividades físicas, mas também de normas e valores culturais e de gênero (SOFAER-DEREVENSKI, 1997, p. 199), ainda que muitas vezes esses aprendizados não possam ser diretamente identificados nos vestígios materiais que obtivemos do passado.

4.6. Arquitetura mortuária

Em termos de arquitetura mortuária todas as inumações infantis contam com uma cova, com exceção de duas encontradas em Wetwang Slack (WS2 idade: 2-6; WS3 idade: 2-3) que foram depositadas na superfície, de modo condizente com uma fase de ocupação inicial do cemitério, marcada por enterramentos na superfície e cova rasas (DENT, 1984, p. 81). Das 54 tumbas infantis, apenas sete possuíam uma estrutura de trincheira (quadrangular ou circular) escavada, a fim de delimitar e circunscrever a sepultura (CW.F, R95, R111 R185(b-c), WS25, WS74, WS443). Seria tentador julgar essas tumbas, portanto, como mais elaboradas (e, conseqüentemente, mais importantes), mas essa associação seria equivocada, já que não há qualquer relação direta entre *status* / prestígio social/, mobiliário fúnebre e a existência ou não de trincheiras delimitadoras. Além disso, a falta de trincheiras não necessariamente é evidência de sua ausência no passado, já que boa parte dessas estruturas foi destruída graças a outras estruturas de terraplanagem e à ação do tempo na região.

A mesma lógica deve ser aplicada à presença ou não de montículos funerários. Com a exceção de enterramentos secundários em trincheiras – como o da criança de 7 anos encontrada em Rudston (R111), numa cova escavada na trincheira de outro enterramento (R109), onde é possível estabelecer com certeza a ausência de montículo fúnebre – nos demais casos é praticamente impossível determinar se as demais tumbas possuíam montículos fúnebres ou não, já que a esmagadora maioria desses montículos

desapareceu por completo da paisagem²⁸. Das 54 inumações infantis já mencionadas, sabemos que ao menos 16 delas foram cobertas por montículos, tal como registrado nos sítios de Danes Graves, Cowlam, Burton Fleming, Rudston e Wetwang Slack (GREENWELL, 1865, 1906, MORTIMER, 1897b, 1905; STEAD, 1991; DENT, 1984).

É preciso, aqui, fazer certa justiça aos antiquários e reconhecer sua contribuição para o estudo da morfologia dos montículos fúnebres. Apesar do material escavado no século XIX frequentemente gerar certa frustração acadêmica devido às técnicas empregadas na época e ao caráter lacunar de boa parte dos achados, a inclusão de tal material ao debate fornece uma perspectiva enriquecedora: sobretudo, se combinada com outros achados, escavados a partir de técnicas modernas. Isso se dá uma vez que muitas dessas estruturas ainda tinham uma considerável visibilidade durante o período Vitoriano, tendo sido, portanto, cuidadosamente registradas pelos envolvidos nas primeiras escavações. Uma análise comparativa entre os sítios de Rudston e Burton Fleming (STEAD, 1991) com o sítio de Danes Graves (GREENWELL, 1865, 1906, MORTIMER, 1897b, 1905) revela-nos assim que boa parte desses montículos encontrados em enterramentos infantis poderia variar de 5-10 metros de diâmetro e todas as tumbas de crianças escavadas antes do século XX continham uma elevação ainda visível – em alguns casos atingindo até mesmo mais de 1m de altura na época de sua escavação (GREENWELL, 1865, p. 108–112). Assim, acredito ser importante destacar que tanto tumbas infantis como adultas poderiam ser alvo de certa monumentalização e projeção de visibilidade, e tal critério não parece ser necessariamente motivado por questões etárias.

4.7. Covas

As covas são as partes melhor documentadas e preservadas que compõem a estrutura mortuária e nos revelam uma realidade um pouco mais complexa. Uma análise estatística simples revela-nos que a maioria (55%) de crianças encontradas nos cemitérios da Idade do Ferro em Yorkshire foi enterrada em covas rasas com

²⁸ Atualmente a única exceção é a do cemitério de Scarborough, um dos únicos locais onde montículos fúnebres (mesmo que reduzidos consideravelmente em tamanho) podem, ainda, ser observados a olho nu no solo.

profundidade inferior a 0.35m. O número é particularmente alto entre indivíduos enterrados com 2 a 4 anos de idade, como revelado a seguir:

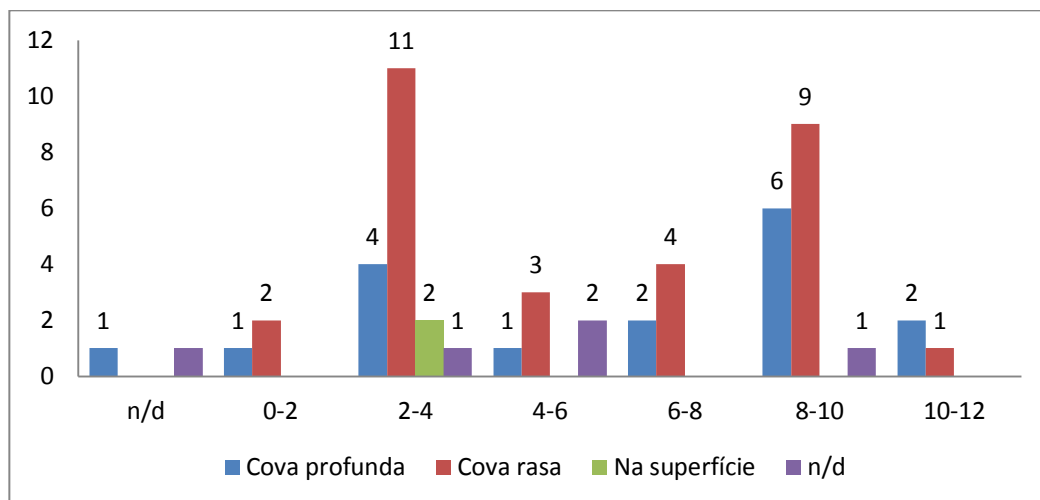


Gráfico 4.3. Profundidade das covas infantis

Vemos, aqui, como a inclusão do fator “idade” mostra-se fundamental para a complexificação do debate. Ora, ainda que a maior parte de sepulturas infantis seja caracterizada pela presença de covas rasas, deparamo-nos, no entanto, com uma realidade mais complexa. A partir de um olhar cuidadoso sobre os dados apresentados, a pergunta que surge é: existiria alguma relação potencial entre a quantidade de covas rasas e covas profundas em determinadas idades? Um olhar descuidado concluiria que não, já que o número de covas rasas mostra-se sempre maior, se comparado aos demais, na maior parte dos grupos etários. No entanto, demonstrarei o oposto.

Dentro de uma perspectiva relacional é possível observar como a progressão etária, nos enterramentos infantis, passa a influenciar a morfologia das covas encontradas em termos de profundidade. Em outras palavras, acredito que possamos identificar a existência de um padrão funerário que evidencia a relação entre a quantidade de determinadas covas com profundidades específicas, a partir de idades delimitadas. Apresento o resultado de tal investigação no gráfico abaixo:

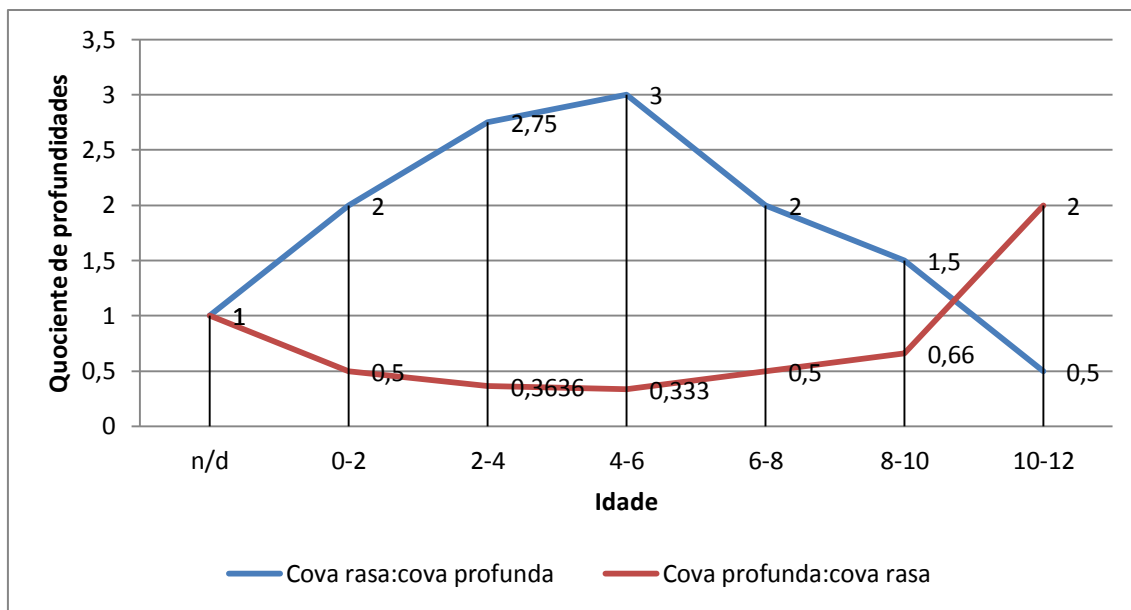


Gráfico 4.4. Progressão relacional de covas rasas e profundas das inumações infantis

Podemos observar, portanto, uma análise de progressão e declividade relacional entre o fator “idade” e o “quociente de profundidade”, que corresponde, nesse caso, à relação proporcional de covas rasas e fundas. O resultado de tais relações é expresso a partir de duas linhas (representando a quantidade de cada tipo de cova em relação a sua oposta) em progressão e/ou declínio. Algumas constatações importantes podem ser feitas a partir daí.

O primeiro ponto a ser destacado é que há um crescimento significativo e uma preferência por se enterrar em covas rasas pessoas que tinham até 4-6 anos de idade. Embora pessoas com idades acima de 4-6 anos tenham sido enterrados em covas de tipo raso, a frequência de tais sepultamentos entra em um significativo declínio em relação às covas de tipo profundo. Já o outro ponto, condizente com o primeiro, revela-nos que a partir de 4-6 anos e, sobretudo, de 6 anos em diante, há um crescimento na quantidade de indivíduos que passam a ser enterrados em covas mais profundas. Curiosamente, ainda, quanto mais velhas se tornam essas crianças, maiores são as chances delas passarem a ser enterradas em covas fundas.

Tais constatações – ainda que aparentemente técnicas e matemáticas – são, no entanto, de grande importância para um debate social, histórico e crítico do passado. Como Parker Pearson (2002, p. 5) destaca, “o formato e a profundidade de covas podem estar relacionados ao *status* social ou gênero da pessoa enterrada”. Em se tratando dos

estudos mortuários, a análise da profundidade de covas vem se mostrando de grande importância ao longo das últimas décadas. Ela tem sido amplamente incorporada e estudada desde a década de 70-80, como fator de importância e nos cálculos de labor social e de dispêndio de energia, sobretudo, pela arqueologia processual e marxista (SAXE, 1971; SPRIGGS, 1984; LULL, 2000), mas também em estudos recentes diversos. Chapman (2014) ao analisar o sítio de Kisköre-Damm do Neolítico húngaro foi capaz de identificar que uma das formas frequentes de se expressar diferenças pessoais e sociais poderia ser expressa através da profundidade de covas (CHAPMAN, 2014, p. 183–5); Nelson (2016), igualmente, ao discutir os enterramentos do sítio de Dadianzi da Mongólia interior (c. 1600 a.C.), destaca que, ao lado do mobiliário fúnebre, a profundidade de covas era um dos principais fatores de distinções sociais (NELSON, 2016, p. 128–9). Esse tipo de análise tem ocupado também local privilegiado no estudo da Idade do Ferro e no período romano-bretão nas Ilhas Britânicas (WATTS, 2005, p. 22-4,61-5), caracterizando-se, portanto, como um importante ponto a ser levado em consideração.

É preciso, no entanto, fazer um alerta. Em alguns casos, diferenças entre profundidades de covas podem não ser um indicativo de distinções sociais, mas, sim, de mudanças no comportamento funerário ao longo do tempo, onde, por exemplo, a partir de determinado período, as covas tenderiam a seguir um modelo mais profundo ou raso (GOLDSTEIN, 1981, p. 56–7). Embora esse seja o caso nas dimensões espaciais de montículos – que diminuem em tamanho com o passar do tempo entre a Idade do Ferro média e tardia – não acredito que esse seja o caso, aqui, em relação à profundidade das covas. Muitos dos enterramentos infantis discutidos foram feitos em uma cronologia muito próxima ou em uma mesma geração (e.g. WS337 e WS339; WS373-374), revelando que tais diferenças não eram cronológicas. Sítios ainda como os de Melton, que fornecem uma cronologia mais precisa, mostram, por sua vez, que mesmo na Idade do Ferro inicial tais distinções etárias já poderiam se fazerem presentes: em Melton as únicas inumações infantis encontradas em covas profundas eram as de indivíduos mais velhos (9-10 e 11-13 anos) e as demais crianças, com menos de 6 anos, foram todas, sem exceção, enterradas em covas rasas (FENTON-THOMAS, 2011).

Acredito, portanto, que haja uma projeção identitária e etária nesse sentido. A documentação parece apontar para uma divisão interna no grupo “infantil”, entre

indivíduos com menos e mais de 6 anos, aproximadamente. Tal diferenciação, observada em termos morfológicos, a partir da profundidade das covas, poderia ser tomada como um indício de uma etapa de transição da vida social: um momento no qual, graças a certos ritos de passagem, uma pessoa adquirisse uma posição ou identidade diferente daquela que tinha há alguns anos anteriores. Quero ressaltar, no entanto, que não havia uma restrição absoluta nesse sentido: alguns indivíduos mais novos, por vezes, poderiam ser enterrados em covas mais profundas, do mesmo modo que nem sempre todos com mais de 6 anos foram enterrados em covas profundas (um fato conhecido inclusive para a população adulta). Não obstante, ainda assim, é possível observarmos certo padrão de deposição fúnebre e, curiosamente, esse padrão é marcado por uma distinção etária significativa dentro de uma lógica relacional (profundidade–quantidade–idade).

Seria esse padrão apenas uma mera coincidência, talvez, fruto de uma projeção moderna? Acredito que não. Chapman (2014) e Nelson (2016), citados acima, ao destacarem contextos arqueológicos em que diferenças sociais foram observadas na Pré-História a partir da profundidade nas covas das populações enterradas, apontaram para como artefatos eram também utilizados como uma plataforma de distinções nesse sentido, reforçando tais diferenças. A inclusão do mobiliário fúnebre ao debate, aqui, nos permitirá, portanto, elaborar um olhar mais completo sobre tais projeções sociais.

4.8. Mobiliário Fúnebre

Apenas uma pequena parcela dos enterramentos infantis (6: 54) revelou conter artefatos. Yorkshire, apesar de ser considerada uma das regiões com maior diversidade de mobiliário fúnebre encontrada nas Ilhas Britânicas, revela-nos muito pouco em se tratando de enterramentos infantis: um truísmo observável em termos numéricos tanto em relação à quantidade de tumbas com mobiliário fúnebre, como também em termos da quantidade de artefatos encontrados em cada tumba.

Os achados mais comuns caracterizam-se pela deposição de fragmentos de vasos de cerâmica descobertos, em todos os casos, no preenchimento da cova, tal como

evidenciado nos enterramentos infantis de Cowlam [CW.F] (STEAD, 1986), Rudston [R185] (STEAD, 1991) e, ainda, Melton [M2554] (FENTON-THOMAS, 2011). A cerâmica carenada²⁹ encontrada em Melton, que data de aproximadamente 500 a.C., indica-nos, ainda, certa tradição e continuidade de deposição de pedaços de cerâmica em tumbas de crianças em Yorkshire: uma prática que se mantém presente durante os séculos IV-II a.C., como os demais enterramentos atestam.

Os fragmentos encontrados são condizentes com um processo de destruição ritual, o de potes/vasos serem sistematicamente quebrados antes de serem depositados na cova. Essa é uma característica observável em diversos outros enterramentos e compartilhada com os adultos e, de fato, aproximadamente dois terços dos vasos de cerâmicas encontrados em Yorkshire, em contextos mortuários, foram destruídos antes da sua deposição (STEAD, 1991, p. 108–9). Essa destruição poderia ser encarada como um ato auspicioso e de sinalização de abundância, *status* e ostentação por parte dos responsáveis por tal ritual (BRADLEY, 1982), ou, talvez, funcionasse como um ato metonímico no qual o corpo do vaso recebesse sua própria “morte” ritualizada de modo semelhante à pessoa enterrada (GILES, 2000, p. 147).

Seja como for, o fato de tanto crianças como adultos terem sido encontrados com tais vasos destruídos de cerâmica é um ponto relevante. No entanto, diferenças etárias existem. Se por um lado, em cemitérios como os de Burton Fleming e Rudston, 70% dos enterramentos com vasos de cerâmica revelaram outros artefatos depositados junto aos mortos na cova, como broches (STEAD, 1991, p. 109), o mesmo não pode ser observado no caso dos enterramentos infantis. De fato, apenas um enterramento infantil com fragmentos de cerâmica revelou outra categoria de objeto depositado: o enterramento “F” de Cowlam, onde uma ponta da galhada de cervídeo foi encontrada junto ao jovem enterrado de 6-8 anos (STEAD, 1986). Pontas feitas de ossos trabalhados são, por vezes, encontradas em enterramentos masculinos e femininos e o consenso é de que elas eram usadas como ferramentas, embora Giles (2012, p. 159–160) acredite que uma parcela delas, encontrada nos enterramentos masculinos, fosse, na verdade, de armas (pontas de lanças feitas de ossada animal). No entanto, esse dificilmente é o caso do enterramento de Cowlam, onde o achado correspondia apenas a

²⁹ A carena encontra-se abaixo do bordo (parte superior) do vaso e marca a mudança da direção do perfil do vaso, modificada dentro de um ângulo de inflexão (MARTÍNEZ, 1992, p. 15).

uma pequenina ponta da galhada de um cervo – talvez, um totem ou amuleto, ou ainda, uma ferramenta simples.

O enterramento encontrado em WS177 (um indivíduo de 8-10 anos) revelou também um artefato bastante particular: a pedra superior (340mm x 356mm, 154mm altura) de uma mó. Na Idade do Ferro pedras de mó eram utilizadas, majoritariamente, para a moagem de grãos e cereais através do atrito impulsionado ao se girar uma manivela de madeira até que os alimentos se reduzissem a farinha. Em Wetwang, particularmente, outros desses artefatos foram encontrados fora do cemitério, nos assentamentos e nas casas (DENT, 1984, p. 104–5; 111). A pedra encontrada em questão foi cuidadosamente depositada inteira na cova e, em seguida, a cabeça da criança morta apoiada em cima dela.

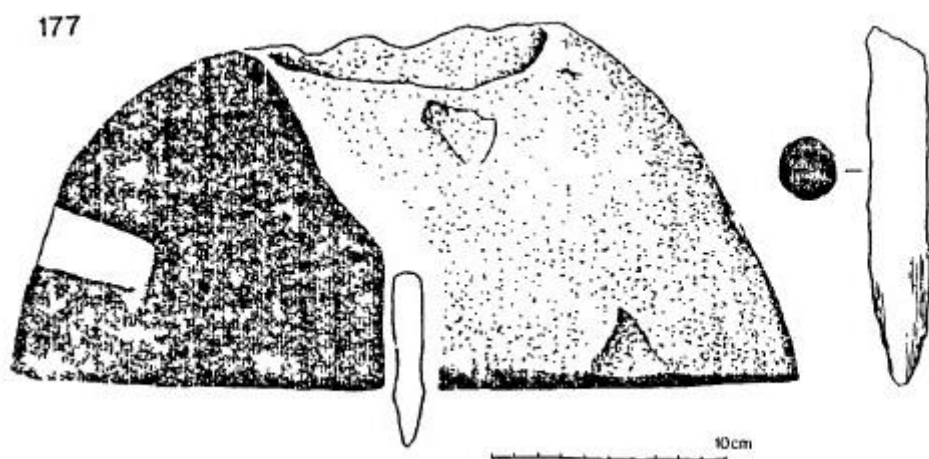


Fig. 4.2 Pedra de mó encontrada em WS177. *Fonte:* Dent, 1984.

Esse é o único achado de tal objeto em contextos fúnebres na região e por conta disso não é possível estimar se a função de moagem estava associada a determinado gênero ou grupo etário, já que se trata de um achado singular e não contamos com nenhum padrão de deposição identificável. Embora a presença de artefatos em contextos fúnebres seja altamente seletiva e simbólica, não obrigatoriamente espelhando a realidade social, parece-me plausível, no entanto, julgar que a deposição dessa pedra de mó no contexto discutido represente um esforço de construção de vínculos e biografias pessoais. Isso porque, até o presente, esse é um achado sem precedentes e, não obstante,

a posição em destaque do artefato, logo abaixo da cabeça da criança morta, cria um vínculo (eternizado) entre a criança e a mó; representa um esforço de associações. Esse vínculo, cuidadosamente elaborado e, portanto, repleto de intencionalidade, poderia ter se dado graças a um esforço de sinalização de uma identidade idealizada associada a uma série de fatores: talvez, representando determinado ofício (a moagem de grãos e o preparo de alimentos) no qual a criança havia se destacado ou contribuído em vida ou que ela estava começando a aprender antes de morrer; talvez, a pedra representasse a família da criança e uma atividade familiar importante ou, ainda, poderia ser que se tratasse de uma metáfora material para um símbolo de fartura e alimento e sua deposição na cova funcionaria assim como um símbolo de transição de estado entre matérias (do alimento concreto ao pó; da criança, do mundo dos vivos para o mundo dos mortos). Jamais saberemos. Se estiver correta a projeção feita por Dent (1984, p. 84) de que o desgaste dentário observado em diversos esqueletos de Wetwang estava relacionado ao consumo de farinhas, acredito que seja importante destacar que pelo menos um indivíduo subadulto foi enterrado com um artefato relacionado à produção de um alimento de grande relevância para a população local.

Apenas em dois casos, um em Danes Graves (DG46a) e outro em Wetwang Slack (WS363), objetos de metais foram encontrados junto a crianças. Curiosamente, em ambos os casos, tratam-se de itens de adorno pessoal. Em Wetwang Slack, três pequeninas contas de bronze (13-14mm) foram encontradas abaixo do ombro esquerdo de um indivíduo de 8-10 anos, provavelmente como parte de um berloque em um colar ou talvez de um adereço capilar, como o uso de contas para adornar tranças no cabelo (GILES, 2012, p. 150).

Já em Danes Graves, um bracelete feito inteiramente de ferro foi encontrado no antebraço direito do esqueleto de uma criança de 4-6 anos (MORTIMER, 1897b, p. 4-5). O achado é particularmente interessante dentro de uma perspectiva comparada. Braceletes foram encontrados em 23 enterramentos em Yorkshire, escavados sob técnicas modernas, em que o sexo dos esqueletos pôde ser registrado. A grande maioria deles (83%) foi encontrada em tumbas femininas, com exceção de um único achado em Wetwang Slack encontrado com um homem (WS160) e três outros casos nos quais não foi possível estabelecer o sexo dos indivíduos enterrados (BF61a, R2, R59). Esse é o único objeto, contudo, que permite elaborar qualquer conexão entre sexo e possíveis

atributos de gêneros. Nenhuma outra criança foi enterrada com qualquer mobiliário fúnebre que expresse gênero e em face de tal ausência acredito que seja válido, ao menos teoricamente, imaginar que crianças possuíssem uma identidade de gênero distinta daquela dos adultos.

Se a hipótese levantada por Giles (2000, p. 143, 2012, p. 142) estiver correta, de que braceletes eram objetos, majoritariamente, relacionados a um universo de gênero feminino, seria tentador, então, considerar que a sua presença pudesse indicar, pelo menos no caso da criança enterrada em DG46a, que a pessoa ali sepultada tivesse sido enterrada com atributos de gênero femininos e que, muito provavelmente, se tratasse de uma menina. No entanto, tais associações são problemáticas e esta não é a minha intenção aqui: acredito que o ponto mais importante seja o de que, ainda que em casos limitados, indivíduos do grupo subadulto, por vezes, poderiam ser enterrados acompanhados por objetos de adorno e adereço pessoal tal qual os adultos, havendo uma semelhança construída nesse sentido.

Mas, e quanto à relação entre idade e mobiliário fúnebre? Semelhantemente à discussão elaborada sobre as profundidades das covas infantis, acredito que um olhar cuidadoso do material disponível possa nos oferecer algumas pistas interessantes sobre certos elementos etários recorrentes. Ao listar individualmente cada um dos enterramentos infantis que conta com mobiliário fúnebre e em seguida traçar uma comparação entre eles tendo em mente as idades específicas dos indivíduos enterrados, um curioso padrão de deposição pode ser observado. A relação a seguir representa um esforço de síntese analítica nesse sentido.

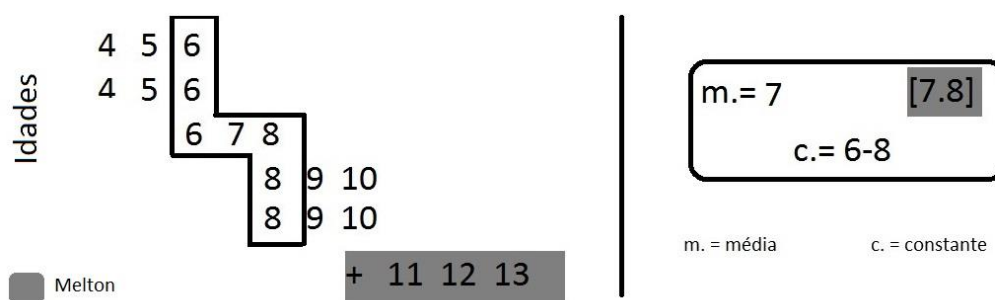


Gráfico 4.5. Média etária de tumbas infantis com mobiliário fúnebre

É possível verificar, portanto, que a idade média dos indivíduos enterrados com artefatos corresponde à de 7 anos. Não obstante, em termos de frequência e tendo-se em mente a margem de variabilidade etária de cada ossada (e.g. 4-6 anos, 8-10 anos, etc.), os valores mais recorrentes indicam uma preponderância das idades entre 6 a 8 anos. Essa observação, feita exclusivamente com base no material osteológico, dialoga perfeitamente com outras características já observadas anteriormente, reforçando, assim, que algumas distinções eram feitas entre indivíduos com mais e menos de 6 anos aproximadamente, em especial em termos da profundidade de suas covas e da presença de artefatos em seu interior.

4.9. Possibilidades interpretativas

Dispomos de uma quantidade significativa de materiais para o estudo de grupos não adultos durante a Idade do Ferro apesar do caráter por vezes lacunar de tal documentação e do tema ser ainda marginal à historiografia desse período. Em Yorkshire, particularmente, é possível constatar uma série de associações e construções distintas em termos mortuários, em se tratando de enterramentos infantis. É importante lembrar que as evidências materiais que sobreviveram até os dias atuais indicam um rito aparentemente seletivo, já que a quantidade de tumbas infantis não reflete a taxa de mortalidade em sociedades pré-jennerianas. Esse número reduzido de enterramentos pode ser um reflexo de fatores arqueológicos, como muito provavelmente o é, no caso de inumações terem sido destruídas por conta da ação do tempo e da agricultura quando posicionadas dentro de montículos fúnebres. Por outro lado, é importante contemplar, ainda que apenas teoricamente, que o número reduzido de sepulturas infantis poderia ser o resultado de um processo seletivo no passado, quando apenas algumas crianças foram consideradas importantes o suficiente ao ponto de ocuparem uma cova no cemitério onde seus pais e familiares foram enterrados. No entanto, tal ideia não pode ser verificada em termos materiais e não há uma exclusão rígida ou absoluta em termos etários nos cemitérios estudados (por exemplo, indivíduos de determinada idade nunca

serem encontrados ou receberem um tratamento distinto como a cremação). Ainda temos muito a aprender. Escavações em outros cemitérios da Idade do Ferro nos lembram como o estudo a partir de vestígios materiais pode, por vezes, mudar completamente nossa visão sobre o passado graças a novos achados: na França crianças eram consideradas amplamente sub-representadas em contextos mortuários até a escavação do cemitério de Bobigny, Hôpital Avicenne, onde um grande número desses enterramentos resistiu ao tempo e revelou um quadro bem mais complexo do que até então se imaginava (ANTHOONS, 2011, p. 184).

Em Yorkshire, embora algumas distinções existissem dentre o grupo infantil, nenhuma diferenciação etária visível era projetada com base na orientação dos corpos enterrados, ou o tratamento dado aos cadáveres. É possível observarmos uma ausência de diferenças em certos níveis até mesmo em relação à população adulta. Além de haver um compartilhamento entre adultos e crianças em termos das posições e orientações dos cadáveres, o simples fato de crianças terem sido inumadas e depositadas nos mesmos cemitérios que seus familiares adultos já é um dado de enorme relevância social. Isso porque cemitérios no continente, como os de Wederath e Mory-Montcrux, revelam-nos uma distinção etária mais rígida entre indivíduos em que a população adulta foi cremada e apenas as crianças foram inumadas, e em alguns outros casos, cemitérios da Idade do Ferro tardia e do período galo-romano, como Sommesous, La Côte d'Orgeval, crianças foram enterradas em cemitérios e áreas separadas às dos adultos (ANTHOONS, 2011, p. 100).

Acredito que a presença de tumbas infantis nos mesmos lugares (ou nas mesmas covas, por vezes) que a de adultos, indica certa tradição regional em Yorkshire de se encararem crianças como membros constituintes da comunidade (ainda que com um papel ou posição distinta dos adultos).

É possível observar que a morte de crianças era profundamente sentida. Filhos, primos, irmãos, sobrinhos, netos, fossem eles biológicos ou não, foram cuidadosamente sepultados em posturas, orientações e tumbas nos mesmos estilos das demais inumações encontradas e, ainda, nos mesmos cemitérios da região – um fato conhecido tanto para os mais jovens (e.g. 2-4 anos de idade) como os mais velhos (e.g. 8-12 anos). Diferenças, contudo, existiam.

Tanto em termos da deposição de mobiliário fúnebre e da profundidade das covas é possível observar um padrão consistente de distinções que ocorrem ao redor da idade de 6 anos, aproximadamente. Talvez a própria noção de “infância”, se é que ela existisse durante a Idade do Ferro em Yorkshire, se estendesse até essa idade apenas. Isso dialogaria com a visão de que, na pré-história, a infância era bem mais curta, já que a própria duração da vida das pessoas era também significativamente menor (DOMMASNES, 2008, p. xiii). Contudo, não há como saber. Seja como for, o ponto importante que quero destacar aqui é o de que tal período da vida infantil era considerado como um momento de transição e dispomos de um padrão de ocorrências e de tratamentos distintos que nos fornecem algumas pistas nesse sentido, conforme já demonstrado.

De acordo com uma perspectiva social, acredito que a possibilidade explicativa para tais distinções ou transições etárias se dá a partir da existência de determinada ritualização de fenômenos naturais e biológicos, que passam a adquirir uma simbologia e conotação social. Esse é um mecanismo comum a todas as sociedades da Antiguidade e a uma infinidade de sociedades de pequena e média escala, sobretudo comunidades rurais e pastoris onde o principal parâmetro de explicação do mundo não está no modelo hipotético-científico-ocidental. Ou seja, a observação e apreensão do mundo real físico, por sua vez, faz com que este passe a ser incorporado, interpretado e traduzido para uma linguagem da vida social nas mais diversas formas (narrativas mitológicas e mitos explicativos, prescrições religiosas, ritos de iniciação, tabus, etc.).

Diversos estudos da área biomotora e médica, realizados a partir de testes em crianças e adolescentes em diferentes regiões do mundo durante momentos distintos e com indivíduos pertencentes a grupos socioeconômicos variados (e com nutrições e dietas distintas), indicam, em todos os casos, que há um período biológico de transição (física) entre as idades de 6-8 anos, marcado por um crescimento e desenvolvimento de força, velocidade e desempenho motor (MALINA; BAR-OR; BOUCHARD, 2004; VIRU et al., 1998). Essa faixa etária é caracterizada, portanto, como um período de aquisição e consolidação de capacidades biomotoras - uma idade marcada por um aumento e melhoria de performances físicas e um crescimento em níveis semelhantes no corpo humano só poderá ser observado, posteriormente, na “adolescência”, ao redor de 13-16 anos (VIRU et al., 1998). Curiosamente esse grupo etário, de aproximadamente 6

a 8 anos, caracterizado por um desenvolvimento físico significativo, corresponde à mesma idade (na Idade do Ferro) em Yorkshire, a partir da qual crianças foram enterradas com artefatos e passaram a ter covas sistematicamente cada vez mais profundas. Acredito que não se trate, portanto, de uma mera coincidência. Em uma comunidade marcada por uma vida ativa de exercícios e esforços físicos, que se faziam sentir em momentos de plantio e colheita, pastoreio, moagem de grãos, longas caminhadas entre núcleos habitacionais, serviços manuais e constante obtenção de matérias primas em reservas naturais (como água e madeira), todos esses fatores levam a crer que ser dotado de determinada constituição física e ser capaz de desempenhar determinadas funções representava um critério de diferenciação socioetária importante para indivíduos jovens³⁰.

Em Yorkshire questões envolvendo reconhecimento social e o local ocupado por um indivíduo na sociedade era algo a ser conquistado ao longo da vida através de ritos de passagens e de demonstrações de aptidões e méritos. Esse é um ponto crucial para entendermos o material que temos como um todo e não apenas os enterramentos infantis.

Sítios, semelhantes aos aqui discutidos e encontrados na França nos revelam uma realidade distinta. No continente, durante a Idade do Ferro, crianças foram enterradas, em alguns casos como em Bobigny, com uma quantidade de cerâmica e de objetos de adornos semelhante à dos adultos (MARION; LE BECHENNEC; LE FORESTIER, 2008). Não obstante, sítios como os de Hordain e Bouqueval revelaram enterramentos infantis com carros (GINOUX; SEVERIN; LEMAN-DELERIVE, 2009; GUADAGNIN, 1978) e, ainda, tumbas infantis como a de Vrigny (n.25) “Le Mont de Vannes” (BELARD, 2014, p. 235) continham não apenas objetos de adereço, mas ainda armamentos tais como pontas de lanças, depositados junto às crianças tal como nas tumbas adultas. Para Brunaux (2005, p. 265) tais fenômenos marcariam uma atitude adotada por famílias abastadas de utilizar suas crianças como um veículo de ostentação e uma moeda de troca: a riqueza material de um enterramento infantil seria, pois, o reflexo da posição social das crianças de determinadas famílias na sociedade e, em última instância, uma representação do poder de tais famílias. É possível ainda que tais tumbas nos revelem uma atitude particular em relação à constituição de linhagens e

³⁰ Ver Lancy (2015, p. 63–6) para uma discussão antropológica sobre a relação entre criança, aptidão física e trabalho infantil a partir de uma série de contextos antigos e modernos.

afiliações, onde vínculos de parentesco e herança eram desde muito cedo já projetados e reconhecidos em relação a crianças. O melhor ponto de partida, em termos comparativos, que temos em relação a esse fenômeno pode ser encontrado nos cemitérios anglo-saxões e nas tumbas das ditas *warrior children* (“crianças guerreiras”) encontradas em tais contextos.

Um levante sistemático feito em diferentes enterramentos anglo-saxões na Inglaterra dos séculos V-VII d.C. vem revelando não apenas uma quantidade significativa de indivíduos não-adultos enterrados (neonatos, lactentes, crianças) como, também, uma grande concentração de armas depositadas em contextos mortuários como um todo (GILCHRIST, 1997, p. 47; HÄRKE, 1992, 2003; STOODLEY, 2000). Härke (1992), por exemplo, em uma análise de 47 cemitérios do período, totalizando mais de 800 enterramentos, deparou-se com 511 inumações de adultos, tendo 231 destes indivíduos sido enterrados com armas (espadas, lanças, escudos, machados, etc.). Armas foram igualmente encontradas nas tumbas de não adultos, ainda que em número reduzido: um total de 60 enterramentos com armas para 382 enterramentos encontrados de subadultos (HÄRKE, 1992, p. 182–3) – e quanto mais velho era o indivíduo nesse sentido, maior a quantidade de artefatos encontrada, em linhas gerais³¹. Estudos adicionais, como o de Stoodley (2000), em outros cemitérios durante o mesmo período, revelaram depósitos semelhantes, com armas (em particular pontas de lanças), sendo encontradas junto a subadultos de diferentes idades, inclusive, em um caso, junto a um bebê de apenas 1 ano de idade (STOODLEY, 2000, p. 461).

Por maior que sejam os estereótipos e as visões reducionistas que circulam no imaginário moderno em relação às populações antigas e medievais das Ilhas Britânicas serem aguerridas e inclinadas à violência, seria um anacronismo imaginarmos um passado onde recém-nascidos e bebês empunhavam lanças e faziam a guerra.

Embora certa variação em termos de deposições no tempo e no espaço existisse, parece-me plausível que a presença de armas em tumbas anglo-saxãs em determinados contextos específicos como os mencionados anteriormente estivesse mais relacionada a um ato de deposição simbólica e estratégica do que a um real reflexo de uma função

³¹ Isso poderia se dar em especial devido a determinadas faixas etárias e ritos de passagens associados a certas etapas da vida social; ver, em especial, Stoodley (2000: 459-461) para padrões de deposição e suas relações com grupos etários nos cemitérios anglo-saxões (séc. V-VII d.C.).

guerreira desempenhada por indivíduos em vida³². Um indivíduo, portanto, não necessitava estar hábil a lutar para ser enterrado com armas, e, ao que tudo indica, a presença desse tipo de artefato parece estar mais relacionada a um ato de hereditariedade social de um *status* idealizado, através da manipulação de um simbolismo marcial (GILCHRIST, 1997; HÄRKE, 1992). Encontramo-nos, portanto, no caso anglo-saxão mencionado em um contexto social no qual as afiliações de parentesco e posição social que um determinado indivíduo (ou grupo familiar) ocupa na sociedade são questões fundamentais, onde um filho (posto seu *status* de legítimo) é preparado e já considerado digno, desde seus primeiros anos, a ostentar insígnias de prestígio e poder, como no caso, de acordo com um *ethos* marcial idealizado e eternizado na morte.

Em Yorkshire durante a Idade do Ferro deparamo-nos com uma realidade oposta. Se os mais de mil enterramentos contidos no banco de dados da atual pesquisa revelam-nos algo de consistente, é preciso reconhecer que distinções nítidas eram criadas entre indivíduos com base em atributos etários. O fato de que apenas a partir de determinadas idades indivíduos passam a possuir covas sistematicamente mais profundas ou a contar com artefatos depositados em suas sepulturas é algo revelador nesse sentido. Gostaria de acrescentar ainda que nenhuma tumba infantil até os dias atuais revelou a deposição de ossadas animais (porcos ou ovelhas) relacionadas a uma prática de banquete fúnebre, o que reforça novamente uma série de distinções etárias entre indivíduos e talvez houvesse até mesmo uma proibição de se ofertar comida ou promover banquetes a não-adultos em morte (GILES, 2000, p. 149). Do mesmo modo, salvo um bracelete encontrado em Danes Graves, nenhuma das mais de 50 crianças encontradas em Yorkshire foi enterrada com qualquer artefato associado a um gênero específico e é possível que crianças possuíssem uma identidade de gênero distinta até determinada idade.

Estamos, assim, diante de um cenário complexo. Por um lado, crianças não estavam excluídas em sua totalidade dos rituais fúnebres e dispomos de um conjunto de

³² Na Idade do Ferro, em especial no Continente, as hipóteses mais comuns tendem sempre a considerarem armamentos em miniaturas como brinquedos, e, no caso das armas enterradas com pessoas, como prova de um ofício guerreiro desempenhado por esses indivíduos em vida. Dentre as principais críticas a tais posturas, está a de Collis (2011, p. 223), que de modo análogo ao aqui discutido, defende a necessidade de um entendimento mais crítico e simbólico da deposição de armas em contextos funerários na Europa e nas Ilhas Britânicas.

evidências (ainda que reduzidas) suficientes para o seu estudo em contextos mortuários. Por outro lado, é possível identificarmos uma atitude particular em relação a atributos etários e reconhecimento social, na qual indivíduos deveriam conquistar determinadas identidades ao longo de suas vidas. Isso reforça, portanto, a ideia de uma sociedade em que as características que distinguem uma pessoa e a identificam não eram automaticamente garantidas apenas através do sangue, berço ou pertencimento a determinado grupo ou classe social.

Apesar de aparentemente lacunares, começamos a aprender, assim, que os enterramentos infantis nos revelam muito mais do que por vezes esperamos: não só apenas em relação às crianças enterradas, mas também às atitudes face à morte e as tensões, dinâmicas, valores e projeções construídas por diferentes comunidades em contextos fúnebres. Se, ainda hoje, as crianças são tidas quase como invisíveis em contextos materiais do passado, a Idade do Ferro em Yorkshire, ao menos, nos oferece uma perspectiva animadora e nos lembra de que é preciso nos curarmos o quanto antes de tal cegueira intelectual.

5. Identidades sociais e gênero na Idade do Ferro bretã

Uma reflexão do que tem sido feito e um plano para ação

5.1 Introdução

Vivemos em uma era de identidades: conservadoras, liberais, moderadas, anárquicas, de esquerda, direita, centro e antipolíticas; identidades evangélicas, católicas, judaicas, muçulmanas, espíritas, ateias e da umbanda; identidades hétero, bi, homo, *queer*, trans, cis, pan, poli, sub, dom, cross; identidades brancas, africanas, pardas, indígenas, asiáticas, multiétnicas, nacionais, regionais, continentais, globais; identidades carnívoras, onívoras, neo-paleolíticas, vegetarianas, veganas; identidades tweeticas, faceboquicas, instagrâmicas, instantâneas, em constante mutação, em constante criação. Nos dias atuais, cada vez mais, viver é identificar-se: consigo, com outros, com algo mais – uma profissão, causa, ideologia, partido, igreja, grupo ou ídolo. Não apenas nos constituímos a partir de identidades, mas desenvolvemos um gosto pelo seu controle: do perfil idealizado de si, publicado em uma rede social, à identidade que nos é atribuída pelo controle estatal: letras e números estampados em documentos oficiais (RG, passaporte, CPF, INSS, etc.) lembrando-nos a todo o momento que para viver é necessário identificar-se, para melhor ou pior.

Não é, portanto, um espanto que, como reflexo do momento em que hoje vivemos, poucos temas tenham sido tão debatidos pela historiografia quanto os diferentes processos de construções identitárias (BABIĆ, 2014; POPA; STODDART, 2014a). A Idade do Ferro não é uma exceção a isso. Identidades locais, regionais e transregionais, identidades artísticas e tecnológicas, identidades linguísticas, identidades construídas através da paisagem, identidades políticas, religiosas e de organização social, e, inclusive, a própria constituição identitária (contemporânea) do campo de pesquisa sobre a Idade do Ferro bem como a validade ou não do uso de terminologias como ‘celta’ são todos temas que ocuparam uma grande (senão a maior) parte da produção intelectual voltada ao estudo da Idade do Ferro, desde meados do séc. XX aos

dias atuais (CHAPMAN, 1992; COLLIS, 1994, 1994, 2003, 2011; CUNLIFFE; KOCH, 2012; GARROW; GOSDEN, 2012; GARROW; GOSDEN; HILL, 2008; HILL, 1993, 1995, 2012, JAMES, 1998, 1999; KARL, 2010; MEGAW; MEGAW, 1996, 1998; MEGAW, 2016; POPA; STODDART, 2014b; SIMS-WILLIAMS, 1998; WEBLEY, 2015; WELLS, 1995, 2001).

É, sim, com certo espanto, no entanto, que nos deparamos com um curioso cenário de contrastes internos na historiografia da Idade do Ferro. Apesar de nossa aparente prolixia em relação ao tema “identidades”, alguns dos processos mais fundamentais de construções identitárias, tanto a nível individual como coletivo, permanecem ainda em larga escala ignorados. Refiro-me, em especial, às construções que são elaboradas a partir de importantes elementos e comuns a todos os seres humanos, como diferenças físicas, sexuais e etárias, e ao que se convencionou chamar de “gênero”. Se no capítulo anterior vimos como grupos subadultos ainda permanecem relativamente marginalizados no estudo da Idade do Ferro bretã, agora nos cabe uma constatação ainda mais dolorosa: a de que nossas ideias continuam a ser, em grande parte, particularmente pobres em relação a certos aspectos básicos da vida social, mesmo se tratando da população adulta. Esse é particularmente o caso em relação ao debate de gênero.

5.2. O anacronismo como história: visões sobre gênero na Idade do Ferro

A pobreza de nossas ideias em relação ao estudo de gênero na Idade do Ferro faz-se sentir das mais variadas formas. Inúmeros sintomas são encontrados, em especial, através de mídias *online* (fóruns, blogs, sites, redes sociais e artes e vídeos publicados na internet), nos quais fantasias, concepções anacrônicas e análises pseudocientíficas se misturam, criando uma quimera atemporal a que veio se chamar “mulher celta”. Um cenário desconfortavelmente semelhante, no entanto, também se encontra em diversas publicações educativas e acadêmicas. Um ótimo exemplo, com grande impacto internacional, encontra-se em uma das edições da prestigiosa revista *Courier* (“O Correio”) publicada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e

a Cultura (UNESCO), traduzida para mais de 15 línguas, incluindo o português. O caso ilustra perfeitamente os contrastes e paradoxos presentes na historiografia da Idade do Ferro.

A edição de número 28 da *Courier* publicada em 1975 estava, naquela ocasião, dedicada aos “celtas”³³. Os artigos cobriram diferentes discussões que iam desde introduções aos celtas na Antiguidade, passando por questões linguísticas e arqueológicas (DUVAL, 1975; ROSS, 1975), até temas específicos como arte, metalurgia, numismática (JOFFROY, 1975) e assentamentos à época de Júlio César (DEHN, 1975). Como de se esperar, a publicação reunia uma série de renomados especialistas na área, como Wolfgang Dehn (chefe do departamento de pré-história da *Universidade* de Marburgo), Anne Ross (professora de arqueologia, com foco na Idade do Ferro, e passagens pelas universidades de Edimburgo e Southampton), Paul-Marie Duval (professor de história e arqueologia da Gália no Collège de France) e René Joffroy (curador-chefe do Museu Nacional de Antiguidades em St-Germain-en-Laye e um dos responsáveis pela escavação de Vix).

Não é, portanto, sem surpresa – e que surpresa! – que nos deparemos na mesma edição de número 28 da *Courier* com um artigo escrito por Jean Markale (1975) – pseudônimo do poeta Jean Bertrand, um escritor amplamente criticado em circuitos acadêmicos (GUYONVARC’H, 1978) e com tendências à celtomania e à análise pseudocientífica/anacrônica de temas obscuros como os “celtas e druidas”, os “cátaros” e os “cavaleiros templários”, dentre outros. Menos surpreendente, talvez, seja o fato de seu artigo discutir os papéis e status da “mulher celta”, tema sobre o qual o autor já havia anteriormente publicado um livro (MARKALE, 1972). Eis que em meio à edição de um periódico que reúne pesquisadores de diferentes instituições científicas, publicado por uma importante organização como a UNESCO, encontramos um texto que versa sobre o que poderiam ser consideradas as relações de gênero entre as populações da Idade do Ferro. Mas o faz sem quaisquer critérios teórico-metodológicos. A síntese de sua leitura nos revela os seguintes pontos: que a “a sociedade era patriarcal e os homens ocupavam os primeiros lugares” (MARKALE, 1975, p. 18), mas as mulheres gozavam de independência em relação aos homens (e viviam muito melhor do

³³ O periódico é organizado mensalmente em torno de uma temática comum, sobre a qual todos os participantes se debruçam, apresentando e discutindo temas variados, além de conter, entre outras coisas, “relatórios fotográficos” sobre a temática eleita.

que as da Grécia e de Roma); que o casamento era uma instituição flexível na qual as mulheres escolhiam seus parceiros livremente de acordo com sua vontade (salvo algumas pressões familiares); e que, “basicamente, o status excepcional das mulheres nas sociedades celtas vem da visão celta da mulher como uma criatura misteriosa, ao mesmo tempo atraente e temível, e detentora do poder de dar vida” (MARKALE, 1975, p. 21). A conclusão a que se chega após a leitura de Markale é inconteste: a de que as mulheres celtas “obtiveram sucesso, mesmo em um sistema patriarcal, em manter certa predominância e uma incontestável autoridade moral” (MARKALE, 1975, p. 20).

Os escritos de Markale, no entanto, não são um caso isolado. Boa parte das informações disponíveis sobre as relações de gênero na Idade do Ferro europeia beiram, de modo semelhante, uma fantasia *new age* na qual as mulheres são concebidas como um bloco homogêneo e harmônico, que gozava de poderes e prestígios, sendo naturalmente reverenciadas e ocupando um lugar de importância na sociedade. Embora tais narrativas busquem ressaltar certa forma de empoderamento e reinserir a figura da mulher na escrita da história, elas acabam resultando em um exercício negativo e contraproducente (ELLER, 2000), na medida em há um maniqueísmo de ideias e uma série de simplificações e anacronismos resultando, portanto, em discussões vazias, sem base em evidências materiais. A maior parte do debate está voltada a identificar em que momento tal suposta herança matriarcal “céltica” teria se originado e cessado de existir. Os resultados são diversos, alguns achando que ela pré-dataria a Idade do Ferro (CLARUS, 1991; GÖTTNER-ABENDROTH, 1991, 1995), outros defendendo que ela teria durado até a conversão ao cristianismo (CONDREN, 2002; MACKEY, 1989) ou, ainda, que essas transformações rumo a um modelo mais patriarcal já estavam gradativamente ocorrendo ao longo do primeiro milênio a.C. devido aos contatos estabelecidos com helenos e latinos (ELLIS, 1995, p. 30).

Embora boa parte dos escritos sobre a temática das “mulheres celtas” não tenha sido redigida por acadêmicos ou historiadores/arqueólogos profissionais, isso não impede que tais ideias tivessem uma grande repercussão social. O sucesso de tais publicações se deve em grande parte graças à acessibilidade de linguagem e o caráter sedutor desses escritos. Ele reflete em parte uma curiosidade que data da Antiguidade (a noção de mulheres bárbaras exóticas e poderosas), ao mesmo tempo que explora algumas das debilidades e dos anseios da contemporaneidade relacionados ao desejo de

constituição de uma sociedade na qual as mulheres sejam, enfim, consideradas como iguais: uma mazela que ainda em pleno século XXI não conseguimos superar. Essa é uma idealização explorada, inclusive, em produções cinematográficas, como apontam Selby e Dixon (1998), mostrando como narrativas modernas frequentemente incorporam elementos míticos de um “feminino celta”, visando a um empoderamento feminino. Assim, o caráter sedutor de muitas obras relacionadas às mulheres “celtas” consiste em justamente criar um mundo onde o passado possa, de modo simples e dicotômico, oferecer um modelo alternativo ou, ao menos, positivo em relação à igualdade de gênero tão cobiçada por nossas sociedades atuais.

Seria um equívoco, no entanto, achar que o alcance de publicações mais fantasiosas se limita ao senso comum e o artigo de Markale para o *Courrier* serve-nos de um alerta nesse sentido. Um olhar cuidadoso nos revela, inclusive, que muitas vezes tais influências se fazem sentir até mesmo no cenário acadêmico brasileiro. A tese e artigos redigidos por Amim (2006a, 2006b), ilustram perfeitamente a situação. Em sua análise, a autora buscou não apenas argumentar que “os valores druídicos celtas” cultivavam uma noção de “mulher sol” (irradiadora, ativa, forte) (AMIM, 2006a, p. 171–72), possibilitando, portanto, “as condições de igualdade e liberdade aqui relatadas para homens e mulheres” (AMIM, 2006b, p. 4), como também tentou demonstrar que tais noções estavam cristalizadas em textos medievais galeses e que a documentação “celta” indicaria, assim, “um profundo respeito pelo corpo e pela pessoa feminina, considerada, então, como um ser moralmente superior” (AMIM, 2006a, p. 165). Aqui, vemos uma narrativa em comum que compartilha dos mesmos pontos defendidos por autores como Markale (1975, 1986), que busca destacar “o respeito que os celtas tinham para com as mulheres, [já que] eles sempre consideravam a mulher como moralmente superior” (MARKALE, 1986, p. 34), em contraposição a romanos e cristãos.

Testemunhamos, assim, um disparate historiográfico que reflete o vazio em nosso conhecimento sobre certos aspectos do passado. Curiosamente, nenhuma outra temática – nem mesmo aquela relacionada à religião/religiosidade – está repleta de tantos anacronismos e idealizações fantásticas como ocorre nas discussões de gênero. Isso porque “gênero”, em sua função analítica de investigação social, é uma categoria que tem sido sistematicamente negligenciada pela pesquisa acadêmica da Idade do Ferro, sendo em muitos casos naturalizada e tratada como algo secundário ou superficial. Esse

descaso intelectual, no entanto, não deixa de trazer sérias consequências. Seus sintomas se fazem sentir da pior forma possível, sobretudo, como acabamos de ver, ao olharmos para a maior parte do que tem sido produzido até então.

O primeiro ponto a ser destacado (e não sem choque) é de que, mesmo em língua inglesa, não há um livro sequer inteiramente dedicado à discussão puramente arqueológica, ou mesmo científica/acadêmica, das relações de gênero na Idade do Ferro das Ilhas Britânicas e da Europa. As únicas publicações disponíveis, como aquelas redigidas por Ellis (1995), Chericic (1996) e Markale (1975, 1986) a respeito das “mulheres celtas”, estão repletas de generalizações, anacronismos e costumam ser frequentemente escritas por não-acadêmicos, a partir de uma miscelânea de materiais supostamente eleitos como relevantes. Tratam-se, portanto, de discussões não problematizadas, que reforçam generalizações e estereótipos, com pouca ou nenhuma referência à realidade material das populações discutidas. Isso não impede, é claro, que tais publicações tenham se tornado leituras de grande circulação, sendo inclusive traduzidas para outras línguas.

A situação é, portanto, bastante delicada. Ainda que por um lado, hoje, dispomos de uma gama diversificada de grandes manuais e obras de referência sobre diferentes aspectos da arqueologia da Idade do Ferro, inclusive a partir de temáticas específicas como “arte”, “religião e druidas” (ALDHOUSE-GREEN, 1989, 2010; CUNLIFFE, 2010; GARROW; GOSDEN, 2012; GARROW; GOSDEN; HILL, 2008; LAING; LAING, 1995), nenhuma publicação equivalente dedicada exclusivamente à discussão de questões etárias, sexuais ou de gênero foi realizada. Como Ballard (2007: 170–171) nos alerta, “a arqueologia da Idade do Ferro falhou, em larga escala, em tratar de questões de gênero” e quase nenhum esforço tem sido feito para se teorizarem papéis, identidades e dinâmicas de gênero nas diferentes sociedades bretãs durante o período. Não fossem alguns artigos em periódicos (ARNOLD, 1995; BELARD, 2012; BUTLER, 2008, 2009; TRÉMEAUD; BELARD, 2015), seções de livros (ALDHOUSE-GREEN, 2004, 2006; EHRENBERG, 1989), catálogos de exposições em algum nível relacionáveis à temática (VERGER; PERNET, 2013), capítulos em coletâneas (EDWARDS; POPE, 2014; EVANS, 2006; POPE; RALSTON, 2012), algumas teses (BELARD, 2014) e eventuais publicações que tocam na temática a partir de estudos de casos específicos (EVANS, 2004; GILES, 2012; WATTS, 2005), seria virtualmente impossível adquirir

qualquer tipo de leitura sobre aspectos relacionados às construções identitárias de gênero na Idade do Ferro³⁴. Esse é um fato com fortes implicações para a circulação do saber e que afeta não apenas o leitor acadêmico (em particular, alunos de graduação e de pós-graduação), como também o leitor médio em geral, restringindo-lhe, significativamente, o acesso a um conteúdo de qualidade a respeito de uma temática que costuma despertar interesses diversos. Essas limitações são ainda reforçadas (e atestadas) pelo modo como quase sempre a Idade do Ferro costuma ser representada em museus (BALLARD, 2007). Dois exemplos que ilustram perfeitamente a situação podem ser vistos em Leicester e em Oxford.



Fig. 5.1 A família bretã da Idade do Ferro, para o Festival da Grã-Bretanha, atualmente no Museu Jewry Wall. Foto: o autor (arquivo pessoal).

O primeiro caso encontra-se no Museu Jewry Wall, uma instituição que abriga exclusivamente artefatos pré-históricos (em especial da Idade do Ferro), antigos e medievais, estando o museu localizado junto a um sítio arqueológico romano do séc. II

³⁴ Apesar dos números reduzidos é possível constatar, ao menos, que publicações do tipo estão começando a ser redigidas cada vez mais. Isso se torna visível, em especial, ao observar que a cronologia de grande parte dos escritos data depois da virada do (segundo) milênio (da era comum): um momento relativamente tardio (mesmo na arqueologia) para a incorporação de tais debates, mas que ao menos aponta para uma perspectiva animadora em relação ao futuro.

d.C.. No local, o visitante se depara com um dos famosos cinco dioramas³⁵ da série “as primeiras famílias” criados para o Festival da Grã-Bretanha em 1951: uma grande celebração patrocinada pelo governo a fim de promover, em uma escala nacional, as artes, design, arquitetura, indústria e as ciências, contando com celebrações em diferentes localidades e atraindo, na época, milhares de pessoas (MORGAN, 2001, p. 109–111). Aqui, vemos uma curiosa cena que busca representar, com realismo arqueológico, uma típica família bretã da Idade do Ferro. De um lado, uma mulher segura um balde, próxima a seu marido, que por sua vez ocupa uma posição central na cena. De modo firme, ele contém o cão da família que parece exaltado. No canto oposto da cena, os dois filhos do casal – um menino e uma menina – ocupam-se de modo distintos: ele parece brincar com uma funda, ela ajeita seu cabelo. As legendas oferecidas ao diorama ao longo dos anos sofreram variações, a maior parte delas apresentando subseqüentes críticas e admitindo falhas representativas. No entanto, como destaca Dowson (2006, p. 95), boa parte das correções feitas focavam exclusivamente aspectos puramente materiais (como o fato da cena conter objetos com cronologias distintas), ignorando aspectos de relevância sócio-histórica, embora a legenda atual reconheça ao menos que a representação das mulheres na cena tende à passividade e tem sido alvo de críticas³⁶.

A segunda imagem, feita por Tim Archbold para a galeria de Idade do Ferro do Museu Ashmolean (Oxford), retrata uma família do período Hallstatt, sendo a composição praticamente análoga ao diorama de Leicester. Aqui, novamente, encontramos uma família nuclear composta por um homem, uma mulher, dois filhos (um menino e uma menina) e (talvez, seja apropriado considerá-lo como “membro familiar”) um cachorro. Os integrantes do sexo masculino estão em movimento (possivelmente retornando de uma caça) enquanto as partes femininas são relativamente estáticas: o movimento feminino na mãe limita-se à aproximação ao marido. Ambas, mãe e filha, estão vinculadas às funções domésticas, que nesse caso incluem a culinária e o ato de servir: um fenômeno reforçado pelo gesto da mulher que segura dois potes e

³⁵ Dioramas são modelos tridimensionais reais que oferecem representações realistas de personagens e cenas para fins, quase sempre, didáticos ou de recriação do passado. O diorama em questão, exibido no Jewry Wall Museum em Leicester foi elaborado por Phyllis Richards (responsável pelas figuras) e Elizabeth Peacock (responsável pelas vestimentas), sob a orientação de Jacquetta Hawkes, responsável pela supervisão arqueológica do festival. Um dos destaques do diorama são as joias e ornamentos pessoais utilizados pelas figuras que foram especialmente confeccionados sob medida pelos joalheiros da Cartier.

³⁶ Essa constatação foi feita com base em uma visita realizada ao museu em 21 de maio de 2016.

os estende ao homem recém-chegado. Embora o jovem carregue um machado, e demais utensílios de corte sejam representados na cena (como uma faca pendurada na cintura da mulher e um segundo machado, ao fundo), apenas o homem porta armas. Trata-se, de fato, de uma composição “familiar” – e utilizo-me, aqui, da expressão, não apenas para descrever vínculos de parentesco, mas, em especial, coisas habituais e já conhecidas.



Fig. 5.2. Uma família da Idade do Ferro inicial (Hallstatt), no Museu Ashmolean (Oxford). Ilustração: Tim Archbold. Foto: o autor (arquivo pessoal).

A partir de ambos os exemplos é possível constatar uma tendência de naturalização do passado. Desse modo, a Idade do Ferro bem como as relações sociais que ocorriam nesse período se tornam algo conhecido, uniforme e costumeiro, não tão diferente do mundo ocidental contemporâneo, sendo desnecessários, portanto, qualquer grande problematização ou pensamento crítico ao seu respeito (BALLARD, 2007; DOWSON, 2006; GILES, 2016; SMILES; MOSER, 2005)³⁷. Essas projeções visuais

³⁷ Uma exceção em termos museológicos de representações de gênero na Idade do Ferro é o Museu de Hull e East Riding (embora certas críticas ainda possam ser feitas, cf. Ballard, (2007, p. 176–78). O que

não se limitam, é claro, apenas a museus, e frequentemente encontram-se presentes em pinturas novecentistas (como aquelas feitas por Amédée Forestier, (Cf. GILES, 2016, p. 413–414; PHILLIPS, 2005) e ilustrações contidas em publicações didáticas e acadêmicas. As imagens 5.3 e 5.4 oferecem uma ótima evidência em relação a tais projeções visuais. Uma das cenas naturaliza um universo onde homens estão sempre associados com armas (em uma função de guerreiro), crianças ocupam um papel semi-passivo e mulheres encontram-se representadas servindo domesticamente demais membros da família (desenho de Birkbeck in DAVISON, 1997), ao passo que a segunda imagem busca recriar um modelo de organização social da Idade do Ferro, resultando em uma hierarquização social arbitrária com bases em narrativas clássicas e que culmina em um modelo visual em que mulheres, crianças e idosos ocupam, assim, papéis periféricos e semi-inexistentes (JAMES, 2005, p. 53). Todas essas tendências representativas são, mais uma vez, uma consequência do papel marginal que o estudo de construções identitárias (a partir de atributos sexuais e etários de gênero) ocupa nas investigações sobre a Idade do Ferro.

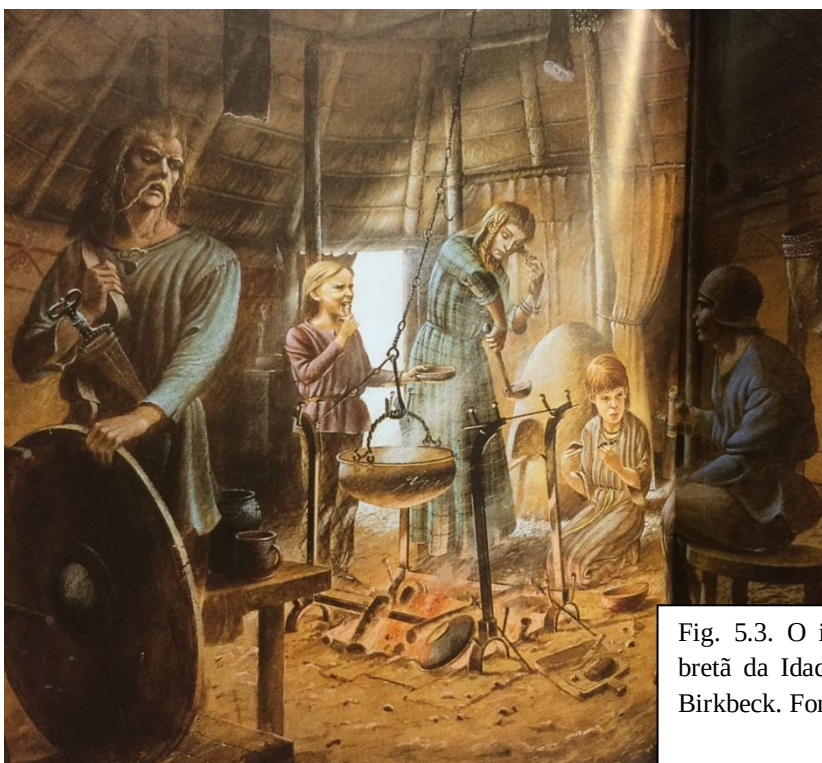


Fig. 5.3. O interior de uma habitação bretã da Idade do Ferro. Arte de Paul Birkbeck. Fonte: Davison, 1997.

distingue o museu em questão dos demais é uma de suas galerias intitulada *Celtic World Exhibition* que apresenta um diorama em escala real que inclui mulheres de diferentes faixas etárias, exercendo distintas funções sociais (inclusive de liderança/chefia). Particularmente digno de nota é o fato de que tal diorama foi desenvolvido tomando como inspiração as escavações de tumbas de East Yorkshire como as do sítio de Wetwang Slack.

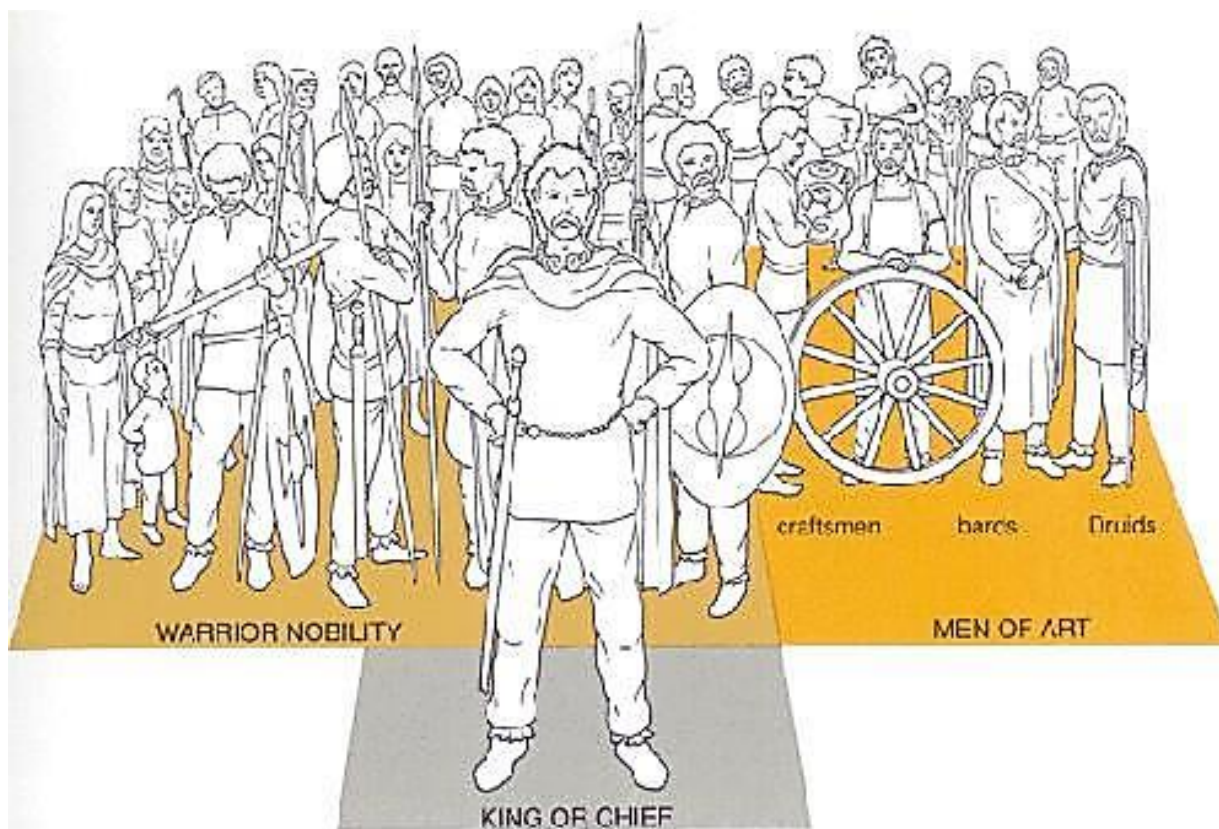


Fig.5.4: Estrutura de uma comunidade da Idade do Ferro com base nas evidências documentais, feita por Simon James. Fonte: James, 2005.

As relações e os papéis de gêneros durante a Idade do Ferro nas Ilhas Britânicas e na Europa, tornam-se, assim, matérias que oscilam em polos extremos: da mulher doméstica, que apenas cozinha e serve a sua família composta por um marido, um cachorro e dois filhos (sem nada a perder para uma tradicional família georgiana ou vitoriana!), à mulher moralmente superior, independente e automaticamente tida como igual. Essa contradição reflete, em grande parte, nossa debilidade ao abordar temas com forte implicação social e fora de nossa zona de conforto intelectual, já que o que está em cheque, aqui, é a própria imagem (contemporânea) que construímos em relação ao passado e como ela se relaciona (ou não) com nossa sociedade – um problema agravado pelo histórico de restrição da formação feminina ao longo do séc. XX no campo da arqueologia britânica, sendo o meio, ainda hoje, composto em grande escala por homens (POPE, 2011).

É importante, contudo, ter em mente que as diferenças interpretativas observadas (entre um mundo repleto por mulheres inferiores/passivas vs ativas/superiores) não são

propriamente o resultado de um exercício de empiria científica, mas refletem um embate ideológico antagônico. O que está em cheque é a própria fábrica de constituição social da Idade do Ferro (e, por que não?, da contemporaneidade) que, por sua vez, é interpretada a partir de duas categoria opostas: “o matriarcado” ou “o patriarcado”. Esse é um embate de longa tradição dentro do campo de estudos célticos do qual os escritos de Weisweiler³⁸ são uma real evidência, pois em plena Alemanha nazista ele publica um estudo “sobre a posição da mulher entre os celtas”, no qual, já em suas primeiras linhas deixa claro que:

“Tem sido muitas vezes enfatizado que a posição da mulher é um atributo característico, de fato, talvez, inclusive um dos critérios mais importantes para se julgar a cultura de um povo ou de um período.”(WEISWEILER, 1938, p. 205)

Não surpreendentemente, portanto, Weisweiler concluiu que os celtas eram patriarcais. Essa inclusive tem sido a tendência acadêmica, mesmo nos dias atuais, de refutar e desconstruir os exageros e anacronismos cometidos pelas discussões como a de Markale, buscando criar uma narrativa de um mítico matriarcado celta. A noção de uma sociedade por excelência patriarcal tem sido utilizada, nessa lógica, sobretudo, em meios acadêmicos, a fim de recontextualizar as populações da Idade do Ferro, inserindo-as em um cenário de semelhança com as demais sociedades do primeiro milênio a.C., como Freeman (2002) atesta:

“as mulheres celtas da Antiguidade são algumas vezes representadas em histórias modernas como gozando de completa independência e direitos iguais em tais sociedades – um ponto de vista romântico que não encontra suporte nas fontes clássicas. Uma esposa celta estava completamente sujeita às vontades de seu marido, tanto como uma matrona romana vivia sob o poder de seu marido enquanto *pater famílias*. (...) a informação limitada que nós possuímos sobre as vidas das mulheres celtas nos mostra que esse era, acima de tudo, um mundo de homens.” (FREEMAN, 2002, p. 53)

Curiosamente, tais esforços de crítica ao matriarcado, embora divirjam no conteúdo, costumam resultar em narrativas muito semelhantes àquelas a que se propõem

³⁸ Josef Weisweiler (1900-1987) foi um “celticista” alemão e um dos fundadores do *Deutsche Gesellschaft für Keltische Studien* (DGKS) em 1936, uma sociedade que buscava fazer da Alemanha a líder além de principal foco de investigação para os estudos célticos, no qual outras disciplinas satélites (que incluíam a Irlanda, Escócia, País de Gales e Bretanha) poderiam orbitar (HUTTON, 2012, p. 126). Devido ao alinhamento de suas pesquisas a temas, então, caros ao regime Nacional Socialista, Weisweiler posteriormente chegou a contribuir com o *Ahnenerbe der SS*, um projeto nazista fundado por Henrich Himmler voltado à pesquisa (propagandística) de cunho etnográfico, histórico e arqueológico do mundo, que enfatizasse a superioridade da “raça ariana” e do povo alemão (BRODERICK, 2015, n. 34).

criticar. Resultam, assim, quase sempre, em análises superficiais, generalizantes e que costumam reforçar extremos. Trata-se, novamente, de um processo de naturalização: nesse caso, de visões clássicas de gênero, que reforçam uma divisão binária e ignoram certas noções básicas de agenciamento, não levando em consideração os diferentes mecanismos nos quais indivíduos, valores e atributos operam a partir de diferentes contextos. A ideia de que a Idade do Ferro era um mundo de homens, onde mulheres estavam completamente sujeitas às vontades de seu marido é, portanto, um anacronismo tão problemático, quanto a própria ideia de uma sociedade em que todas as mulheres eram consideradas como moralmente superiores. As narrativas do “patriarcado” se assemelham, mais uma vez, àsquelas do matriarcado em um determinado ponto: há uma ênfase em determinados textos produzidos fora do contexto das sociedades discutidas e eleitos como representantes de um todo (como, por exemplo, o relato de César sobre as mulheres gaulesas), além de uma completa falta de embasamento substancial nas evidências materiais disponíveis para o estudo de tais comunidades.

5.3. Movendo em frente: um balanço de discursos, e um plano para ação

Os equívocos e problemas com os quais nos deparamos para o estudo de gênero na Idade do Ferro são, portanto, inúmeros – talvez, numerosos o bastante a ponto de tornar o exercício de crítica, aqui, uma tarefa demasiadamente exaustiva. Para elencar alguns dos mais graves e, ao mesmo tempo, mais recorrentes e relevantes à discussão, é possível organizá-los em uma síntese, a partir de cinco pontos que incluem:

1. O “ser mulher” como categoria natural-universal: Há uma grande tendência de se reduzir a população feminina da Idade do Ferro a categorias simplistas, como a figura da “mulher celta”. A máxima beauvoiriana de que uma pessoa não nasce mulher mas, sim, torna-se mulher, é nesse sentido desconhecida ou convenientemente ignorada. Embora uma gama de estudos históricos, sociológicos, antropológicos e arqueológicos tenham destacado que noções como “feminilidade” ou “ser mulher” (bem como “masculinidade” e “ser homem”) sejam construções sociais relacionais que variem de um contexto

a outro, sendo portanto dotadas de historicidade, tais cuidados são raramente transferidos ao estudo das sociedades da Idade do Ferro ditas “celtas”. Há uma tendência, portanto, de naturalização da experiência humana: como se houvesse um feminino comum e estático, observável, por exemplo, na região transalpina durante o séc. VI a.C., ou no sul bretão durante o período imediatamente anterior à ocupação romana. A recorrente utilização de substantivos no singular (“a mulher”) é, aí, um conseqüente agravante. Boa parte das discussões falham, nesse sentido, e revelam uma incapacidade de acrescentar variáveis em suas análises, como atributos relacionados a hierarquias sociais ou fatores etários, por exemplo – uma realidade lamentável já que a incorporação de tais elementos poderia criar distinções internas dentro dos grupos “homem” e “mulher” e oferecer uma visão mais completa e complexa do passado. O fato de que, em uma mesma comunidade, mulheres de idade sênior e de posição aristocrática e jovens de origens mais humildes pudessem receber tratamentos distintos e desempenhar funções e papéis sociais diferentes é algo ignorado em detrimento a uma confortável narrativa que preza por uma idealizada homogeneidade artificial.

2. Miscelânea-céltica: Embora este não seja um problema exclusivo às discussões de “gênero” (cf. COLLIS, 2003), ele se torna particularmente presente em tais debates. O termo “celta”, é empregado de modo generalizante, desproblematizado e indefinido, açambarcando materiais de naturezas opostas e produzidos nos mais diferentes contextos geográficos e cronológicos, como se se tratassem de uma única, mesma e coerente temática (isto é, de modo praticamente, atemporal). Relatos clássicos do séc. I d.C. são, por exemplo, utilizados para ilustrar achados arqueológicos que datam do séc. V a.C. que, por sua vez, são interpretados a partir de narrativas galesas compiladas no séc. XIII d.C. ou tratados legais irlandeses do séc. VII d.C., elevando a noção de “anacronismo” a um novo patamar historiográfico. Em termos de gêneros, tais análises costumam quase sempre enveredar por narrativas que destaquem: (a) tumbas faustosas da Idade do Ferro cujas ossadas são do sexo feminino (por exemplo, a tumba de Vix); (b) relatos greco-latinos sobre mulheres bretãs, gaulesas, gálatas e germânicas que ressaltem o poder (ou a total falta de poder) das mulheres na sociedade; (c) menções a personagens femininas (humanas ou divinas) marcantes da literatura vernácula irlandesa-galesa; (d) trechos de

documentos legais medievais irlandeses em relação a temas como família, casamento e estatuto legal das mulheres em tais sociedades. O intuito de tal “colcha de retalhos” é quase sempre o mesmo: identificar uma “natureza”, uma “atitude” ou uma “tradição” inerente ou tipicamente “céltica” em relação a determinado assunto, a qual, acredita-se, teria perdurado ao longo dos séculos. O resultado disso se faz problemático: as teorias não se adequam aos objetos e às questões da pesquisa, mas ao seu oposto, resultando na criação de uma narrativa auto-profética.

3. O “mito” como realidade: Há uma enorme tendência historiográfica, no tocante às populações da Idade do Ferro, de se utilizarem narrativas fantásticas produzidas por tradições medievais irlandesas e galesas como evidências para o estudo “do feminino” ou da “mulher celta” em tempos antigos. Esse mecanismo de discussão se apoia em dois grandes equívocos, anteriormente já ressaltados, fazendo uso de uma miscelânea de materiais históricos de modo anacrônico e fora de contextos, visando à identificação de um (verdadeiro) feminino atemporal. Muitas vezes estatuetas e iconografias produzidas em contextos galo-romano ou romano-bretão são também incorporadas à discussão, na tentativa de se criar uma coesa “mitologia celta”. Tal recurso, assemelha erroneamente textos medievais a possíveis tradições pagãs antigas que, acredita-se, estariam cristalizadas, tornando-os, assim, fontes para estudo da Idade do Ferro. Essas fontes, por sua vez, atestariam os modos como os gêneros se relacionavam em tempos pré-históricos, na crença de que tais relacionamentos estariam congelados no tempo através de lendas e contos fantásticos. Como se não bastasse, há uma tendência de transposição imediata entre figuras fantásticas e figuras históricas. Nessa lógica, referências a possíveis divindades femininas são quase sempre utilizadas como espelho da realidade feminina e dos benefícios de que as mulheres gozariam durante a Idade do Ferro. Há, portanto, uma tendência de leitura imediata de textos eleitos como mostra de resquícios “mitológicos” como se estes fossem um perfeito espelho de uma realidade passada.

4. Uma monolítica passividade Mediterrânea: Um *topos* recorrente e encontrado (exaustivamente) nas discussões de gênero na Idade do Ferro europeia consiste na comparação por oposição às sociedades mediterrâneas antigas. Tal recurso é utilizado para fins discursivos com o intuito de ressaltar

as diferenças entre um idealizado mundo celta e um opressor-passivo mundo greco-romano. Embora haja diferenças significativas entre as relações de gênero no norte das Ilhas Britânicas, por exemplo, com aquelas encontradas na região da Ática clássica, o objetivo de tais comparações é o de se criarem duas categorias monolíticas antagônicas, açambarcando contextos e dinâmicas internas distintas, a partir de uma polarização dualista, que é reducionista e anacrônica por excelência. Não obstante, tal recurso retórico sempre opta por ignorar um conjunto de contribuições intelectuais feitas ao longo das últimas décadas sobre os agenciamentos femininos em comunidades helênicas e latinas. São ignorados, em especial, os estudos que destacam as especificidades das relações de gênero a partir de recortes específicos e que revelam os seguintes aspectos: as distinções entre discurso e prática, a construção de redes de solidariedade feminina e a capacidade por parte de mulheres de agir em diferentes níveis, mesmo em sistemas de gênero de tipo rígido e altamente normativo. A utilização de tais comparações com o Mediterrâneo antigo serve, portanto, a uma finalidade de simplificação narrativa, reduzindo a discussão de gênero a oposições generalizantes e arbitrárias.

5. O debate patriarcado vs matriarcado: Muito tem-se escrito sobre as populações pré-históricas europeias em relação ao “modelo” de relacionamento de gênero que praticavam. Isto é, se determinada sociedade era de tipo matriarcal ou patriarcal. Esse é um tema particularmente recorrente às discussões de gênero em cronologias neolíticas e arcaicas, sobretudo relacionado à discussão de deusas-mães e estatuetas femininas, mas que se encontra também presente em relação às comunidades da Idade do Ferro. Embora seja um exercício saudável (e necessário) analisar os diferentes papéis ocupados por mulheres e homens em múltiplas instâncias da vida social, seus campos de atuação e influência (formais e informais) e o tratamento geral direcionado a pessoas de certo sexo e gênero em determinadas sociedades (bem como as adversidades às quais indivíduos são submetidos com base nesses mesmos fatores), acredito que o debate em relação à dicotomia patriarcado-matriarcado seja, em sua essência, estéril e contraproducente. Em vez de analisar práticas, especificidades e dinâmicas próprias a determinados grupos, sociedades ou culturas, a discussão em torno de modelos patriarcais/matriarcais estabelece uma homogeneidade arbitrária na documentação (seja ela

arqueológica ou histórica), reduzindo o debate a dois polos antagônicos. Trata-se, então, de um esforço de categorização a partir de modelos de tipos ideais que anulam um conjunto de fatores internos em prol de categorias universalizantes. A própria definição epistemológica das categorias “patriarcado” e “matriarcado” costuma ter consequências analíticas problemáticas pois, quase sempre, acaba conferindo demasiada ênfase a aspectos relacionados ao discurso oficial sobre determinado contexto, criando um retrato branco-e-preto de um cenário que é, em realidade, marcado por diferentes tonalidades de cinza, e que difere de um caso a outro. Para as questões de gênero da Idade do Ferro trata-se, portanto, de um exercício de rotulamento, ou ainda de alternância entre rótulos (matriarcado celta vs patriarcado celta) que visa a explicar supostas características (anômalas, ou excepcionais) observadas em materiais distintos (desde tumbas *hallstatianas* a relatos clássicos). O resultado é, portanto, um exercício vazio que reproduz visões simplistas e dicotômicas e que não altera ou sequer desafia o modo como de fato pensamos sobre o passado e as vias de que dispomos para investigá-lo de modo mais complexo.

Para romper com tais ciclos viciosos interpretativos, três atitudes são necessárias.

A primeira delas consiste em adotar um referencial teórico que seja capaz de dar conta da complexidade material do passado, ao invés de diminuí-la. Torna-se fundamental, assim, encarar qualquer tipo de projeção identitária – incluindo-se, aqui, as de gênero – a partir de uma perspectiva relacional. Isso implica admitir que um conjunto de construções dinâmicas possa coexistir e variar significativamente entre grupos, regiões, cronologias e pessoas, a partir dos mais diferentes critérios como atributos etários, sexuais, físicos, biográficos, determinadas habilidades especiais, crenças religiosas, dentre outros. Objetos como “a mulher” ou “o homem” devem dar lugar a um conjunto de categorias analíticas diversas que sejam capazes de identificar diferenças sociais não apenas entre indivíduos do sexo masculino e feminino, mas internamente entre indivíduos do mesmo sexo. Portanto, é fundamental estar atento para a historicidade dessas construções identitárias lembrando que elas não são fixas e tampouco devem ser tidas como naturais, mas, sim, encaradas como partes de um

conjunto de relações sociais complexas que intersectam com demais modalidades de experiências sociais. Como Sørensen (2006, p. 129) escreve, “gênero jamais é algo fixo, mas parte de um diálogo contínuo entre as pessoas e a cultura material”, e, conseqüentemente, devemos observar como diferentes sinalizações e projeções identitárias são assim criadas a partir da materialidade que temos do passado.

Em segundo lugar, faz-se necessário que um recorte bem definido seja construído. Caso contrário, os esforços analíticos resultarão, em maior ou menor escala, em generalizações abstratas que pouco têm a ver com o material que de fato possuímos para o estudo das comunidades da Idade do Ferro bretã. Apenas a partir de contextos específicos, cuidadosamente delimitados e analisados em suas totalidades, seremos capazes de observar pistas que indicam sutis variações sendo construídas a partir da manipulação de ideais e materiais. Um olhar minucioso é mais do que necessário nesse sentido. Um que seja construído de forma direta, a partir dos vestígios que temos, antes de qualquer coisa. Trata-se de um esforço de realinhamento de prioridades, deixando narrativas pré-concebidas pela modernidade de lado e focando naquilo que possuímos, hoje, ao nosso alcance, sobre o passado.

Por último, a adoção de metodologias que se alinhem a tais propostas é mais do que relevante. Ao trabalhar com um conjunto de enterramentos, em especial, é imprescindível que o modo de operacionalizar a documentação permita que não só elementos de semelhança sejam identificados, mas também de divergência; que atributos sexuais e etários sejam realçados, mas também suas associações e interrelações com contextos materiais; que a presença ou não de determinada deposição fúnebre ou da espacialidade de uma tumba seja analisada em conexão com as pessoas enterradas. Em outras palavras, é preciso eleger um conjunto de procedimentos analíticos que possibilitem observar diferentes dimensões identitárias projetadas em contextos fúnebres ressaltando suas particularidades e pontos em comum, de acordo com as questões investigadas.

As páginas a seguir representam um esforço de renovação nesse sentido. Elas mostram como temas ainda tão pobremente discutidos – como gênero, por exemplo – podem ser desenvolvidos a partir de uma perspectiva diferente que faça jus à complexidade de relações sociais construídas pelas comunidades bretãs da Idade do Ferro.

6. Um banquete para os mortos:

Identidade e Gênero em Tumbas com Cerâmicas e Ossadas

Animais

Banquetes e festins ocupam um lugar recorrente no imaginário moderno das relações de sociabilidade na Idade do Ferro. Quando discutidos, diversas evidências costumam ser trazidas à tona, incluindo desde relatos clássicos que descrevem em detalhe eventos comensais organizados em diferentes regiões de uma “Europa bárbara”, até a discussão artefactual de itens grandiosos como caldeirões gigantes e apetrechos diversos relacionados à consumação de bebidas e alimentos, tais quais ânforas de vinho, potes para fins diversos e itens de churrasco como suportes para espetos de carnes.

Dada a realidade material privilegiada de Yorkshire, seria de se esperar, assim, que muitos artefatos relacionados às práticas comensais fossem encontrados em grande número nas tumbas da região. A cultura material nos indica, no entanto, que, contrariamente ao senso comum, tais práticas eram bastante seletivas. Essa seletividade pode ser constatada na região a partir de dois aspectos que incluem: (1) o fato de que somente alguns tipos de itens relacionados a práticas alimentares tenham sido depositados em covas (notadamente ossadas animais e vasos de cerâmica) e (2) a ocorrência numérica em que enterramentos com esses itens são encontrados. Mesmo em um massivo banco de dados como o da atual pesquisa, com mais de mil enterramentos, ao fazer um levantamento de todas as tumbas com mobiliário fúnebre é possível observar que apenas cerca de 30% delas revelam quaisquer ossadas animais em seus interiores. Essa é uma realidade, portanto, reduzida a menos de 10% da população total enterrada em todos os cemitérios da região. Além disso, quando vasos de comida são encontrados, eles costumam ocorrer apenas em números individuais, não havendo deposições de *sets* de banquete com pratos, copos, potes, ânforas e demais itens como em outras regiões. Curiosamente, apesar disso, os pouco mais de 100 enterramentos com ossadas animais e os 61 que continham cerâmicas nos indicam que tais deposições, ainda que altamente seletivas, estavam amplamente difundidas em diferentes cemitérios da região, como atestam inúmeros casos encontrados em Arras, Danes Graves, Cowlam,

Rudston, Burton Fleming, Wetwang-Garton Slack, Melton, Bridlington, Nunburnholme e Knapton Wold. Esses dois últimos sítios, ainda, foram escavados em 2014-15 e 2017, respectivamente, oferecendo-nos uma perspectiva animadora em relação à possibilidade de encontrarmos mais enterramentos que contenham indícios de atividades de banquete.

6.1. Enterramentos com vasos de cerâmica

A deposição de vasos de cerâmica em contextos fúnebres na região de Yorkshire tem sido discutida particularmente a partir de seus atributos estéticos e técnicos ou, talvez, para ser mais preciso, a partir da falta de tais atributos (cf. CHITTOCK, 2016). Cerâmicas pré-históricas costumam ser avaliadas, em geral, a partir de três elementos principais, a saber: (1) elementos técnicos, que incluem as matérias-primas (tipo de argila, tempero, pigmento, resinas etc.), os instrumentos utilizados e as diferentes técnicas de elaboração (manufatura, queima, tratamento de superfície etc.); (2) elementos morfológicos (forma, dimensão, volume dos objetos) e (3) elementos funcionais (usos e finalidade dos objetos) (ALVES et al., 1994, p. 49–50). Os vasos encontrados nos enterramentos em Yorkshire, por sua vez, são famosos na historiografia inglesa pela sua “estética pobre e sua má qualidade”, deixando vários critérios técnicos, a desejar, para muitos pesquisadores – uma atitude em especial visível já que costumam ser sempre comparadas (com certo tom de desgosto) com as cerâmicas continentais (e.g. HARDING, 2017, p. 39). Stead (1979) chegou inclusive a escrever em certa ocasião que “não existe muito sentido em ficar considerando esses vasos simples em grandes detalhes” devido a suas constituições (STEAD, 1979, p. 84) e os artefatos são frequentemente classificados como *shapeless jars* pela historiografia, isto é, “vasos disformes”(RIGBY, 2004; VALDEZ-TULLETT; CHITTOCK, 2015, p. 261; CHITTOCK, 2016). Isso porque as cerâmicas encontradas são majoritariamente desprovidas de qualquer forma consistente ou decoração elaborada, apresentando superfícies simples feitas sem grandes elaborações e com o mínimo de tratamento possível, seja em termos de manufatura como de queima.

Os vasos em questão marcam, portanto, um nítido contraste com as belas cerâmicas campaniformes do Neolítico, ou as elaboradas urnas e vasos da Idade do Bronze – ainda que no tocante a sua fabricação e preparo as cerâmicas do Neolítico-Bronze não sejam necessariamente superiores (e, sim, apenas diferentes). Como Rigby (1991) destaca, os vasos encontrados na região durante a Idade do Ferro indicam que o mínimo de tempo e esforços eram gastos neles, ao contrário do que ocorria em tempos neolíticos e do Bronze, quando é possível identificarmos um cometimento muito maior de tempo e de esforço em relação à aparência desses objetos, indicando que talvez eles fossem mais valorizados nesse período do que na segunda metade do primeiro milênio a.C. (RIGBY, 1991, p. 110).

Os potes encontrados nas tumbas entre 400-100 a.C., no entanto, apresentam alguns elementos de continuidade com as cerâmicas encontradas na Idade do Ferro inicial. Alguns autores como Chittock (2016) acreditam, inclusive, que a estética crua das cerâmicas de Yorkshire representasse um mecanismo de preservação de tradições em face de um mundo em constantes mudanças. A cerâmica local permitia criar uma conexão com passado ao remeter a uma estética e a um modelo de artefato (simples, de aparência mínima) semelhante àqueles utilizados na região desde 900 a.C., marcando um contraste com as inovações tecnológicas/estéticas/sociais vividas durante a Idade do Ferro Média (CHITTOCK, 2016, p. 32–34). Se comparadas a outras evidências encontradas na Europa é possível observar que tradições cerâmicas eram fortemente influenciadas por padrões regionais na Idade do Ferro e desempenhavam um papel importante na identidade local. Apesar de que algumas regiões continentais, como a de Champagne no norte da França, revelaram belas cerâmicas cuidadosamente decoradas, depositadas em tumbas, outras regiões, por sua vez, revelam uma realidade contemporânea análoga à de Yorkshire, como é o caso de Müsingen, no noroeste alemão, onde apesar de uma rica quantidade de artefatos metálicos terem sido depositados como mobiliário fúnebre, apenas alguns pares de cerâmica foram enterrados junto aos mortos, e eles tinham uma aparência simples semelhante à de Yorkshire (STEAD, 1979, p. 84). É importante reconhecer, portanto, que a estética simples de muitos desses objetos deve ser encarada mais como um elemento de unidade cultural do que como um reflexo de inabilidade tecnológica/artesã (CHITTOCK, 2016, p. 34), ainda que as associações entre cerâmicas e atributos identitários regionais

tenham se dado de modo mais complexo do que costumamos imaginar (DIETLER; HERBICH, 1994).

É provável que não apenas a estética, mas a própria constituição física dos vasos também desempenhasse um importante papel para a construção de identidades locais. As cerâmicas encontradas em Yorkshire são de dois tipos: vasos temperados de rocha errática (ETW) ou vasos temperados de calcita (CTW)³⁹. A análise da composição técnica dos achados indica a existência de determinados perfis cerâmicos microrregionais e de gostos orientados por comunidades assentadas em vales distintos: por exemplo, cerâmicas feitas de rochas erráticas costumam ser preferidas nos cemitérios do vale de Great Wolds (Rudston e Burton Fleming), ao passo que no vale de Wetwang-Garton as cerâmicas temperadas de calcita eram a regra (DENT, 1984, p. 178; RIGBY, 1991, p. 96–97, 104; GILES, 2012, p. 133), embora algumas exceções existam conforme Rigby (1991, fig. 71–72) demonstra. Com base em tais perfis, Giles (2012, p. 133) levantou a hipótese de que esses vasos deveriam ser “legíveis” para os indivíduos dessas comunidades, indicando de modo sutil uma série de relações de afinidades e pertencimento nas paisagens (físicas e sociais) em que estavam inseridos. Isto é, a composição física dessas cerâmicas poderia funcionar – apesar de sua simplicidade estética – como uma espécie de sinalizador social, carregando mensagens sobre determinado indivíduo e relações sociais de pertença.

Com base nas medidas registradas tanto em escavações antiquárias, quanto nas realizadas em Danes Graves, como pelas escavações modernas, é possível observar que a maior parte dos vasos encontrados poderia comportar um equivalente a 2,5 – 5 litros de líquidos ou 1– 2 quilos de grãos. Algumas exceções, no entanto, são observáveis, como é o caso de dois objetos do tipo encontrados em enterramentos como os de R13 e R82. Ambas as tumbas revelaram potes com ossos de ovelhas colocados em seu interior e um deles, inclusive, (R182) estima-se que media aproximadamente 160mm de base, 240mm de largura e 320mm de altura, sendo bem maior do que a maior parte dos vasos de cozinhar normalmente encontrados na região⁴⁰. Em termos de gênero, há sugestões

³⁹ Rochas erráticas são pedras com tamanhos e formatos distintos da maior parte daquelas encontradas em um determinado local, e que foram transportadas para esses lugares, em sua maioria, por conta de rios glaciais (glaciares). Já a calcita é um mineral encontrado no meio do calcário (abundante no solo na região dos Wolds) e pode ser colhido através de recursos de mineração e peneiração do solo.

⁴⁰ É possível que esse tipo de vaso estivesse mais associado ao armazenamento de comida (RIGBY, 1991, p. 107).

de que alguns cemitérios do continente, como o é o caso de Tinceux, na região do Marne (França), revelem distinções, não em termos de presença/ausência de vasos, mas, sim, quanto aos seus formatos e dimensões (FLOUEST; STEAD, 1981).⁴¹ Em Yorkshire, contudo, os vasos depositados não revelam quaisquer diferenças de gênero com base na constituição das cerâmicas, suas dimensões ou sua tipologia.

Valores médios das dimensões dos vasos		
	Danes Graves	Great Wolds Valley
Altura	114-146mm	130-160mm
Largura (boca)	130-146mm	110-125mm
Base	82-95mm	85mm

Tabela 6.1 : Comparação entre os valores médios das dimensões das cerâmicas encontradas em tumbas da Idade do Ferro em Yorkshire em escavações antiquárias e modernas. Medidas coletadas por: GREENWELL, 1906, p. 264; RIGBY, 1991, p. 107.

Rigby (1991, p. 105) originalmente levantou a hipótese de que talvez houvesse uma distinção entre os vasos utilizados para fins fúnebres e os usados em contextos domésticos. Isso explicaria a qualidade rudimentar dessas cerâmicas na medida em que elas tivessem sido feitas especialmente para serem enterradas, elucidando, assim, o porquê de alguns casos apresentarem distorções ou queimas inadequadas, por exemplo. Tal hipótese está baseada no pressuposto de que os vasos utilizados quotidianamente seriam presumidamente de melhor qualidade e resistência, ainda que simples em aparência. No entanto, a ideia original de Rigby revelou-se inadequada, já que análises futuras realizadas pela própria autora a respeito das cerâmicas encontradas para além de contextos fúnebres, isto é, em assentamentos, revelaram um conjunto de vasos idênticos que seguiam o mesmo padrão de confecção marcado por um mínimo *input* em sua manufatura e um procedimento técnico-cerâmico simples (RIGBY, 2004).

⁴¹ Tais constatações realizadas em Tinceux foram feitas com base em pequenas amostras disponíveis e estudos posteriores e que devem ser tidas com ressalvas, já que outros cemitérios franceses nem sempre revelaram um cenário semelhante (BELARD, 2014, p. 116–118; RIGBY, 1991, p. 108).

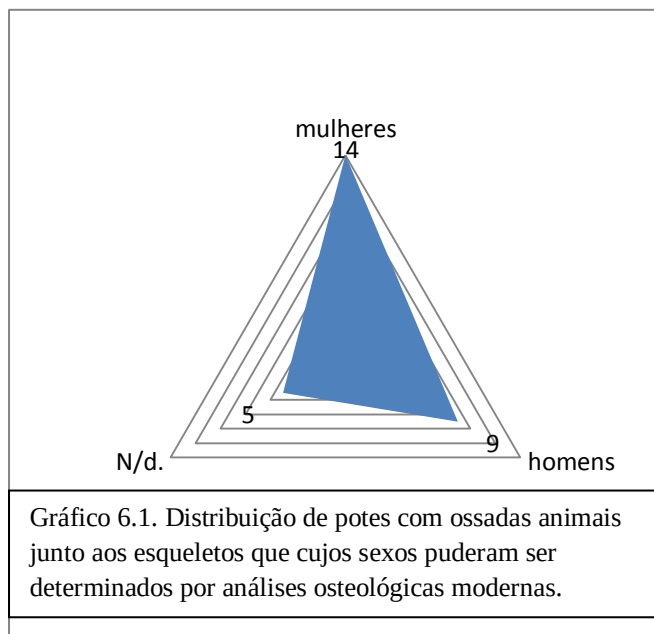
As cerâmicas encontradas nas tumbas revelam uma circulação material entre contextos domésticos e fúnebres. Caso elas tenham sido feitas para os funerais, elas ainda assim foram utilizadas para cozinhar alimentos, no mínimo uma vez, antes de serem depositadas nas covas. Essa é uma realidade observável em mais de 60% dos vasos encontrados nos cemitérios da região, como atesta um olhar cuidadoso, levando em consideração a presença de traços externos e internos de manchas enegrecidas por cozimento no fogo ou fuligem deixada nos corpos de muitos desses vasos.

Enterramentos nos quais vasos com sinais de fuligem (interior/exterior) foram encontrados em East Yorkshire									
R2	R4	R6	R12	R13	R14	R16	R18	R22	R25
R27	R32	R33	R34	R37	R46	R71	R76	R77	R80
R84	R91	R106	R180	R186	BF6	BF18	BF28	BF57	WS129
WS130	WS136	WS419	Total: 33			Fontes: Rigby, 1991; Dent, 1984: 178.			

Tabela 6.2. Enterramentos nos quais vasos com sinais de fuligem (interior/exterior) foram encontrados em East Yorkshire

Passados cem anos, a observação feita pelo *canon* Greenwell a respeito das cerâmicas por ele encontradas na região continua, de certo modo, relevante: “deve haver poucas dúvidas quanto ao objetivo com o qual tais vasos foram colocados nas covas; eles eram receptáculos de comida” (GREENWELL, 1906, p. 264). Sem os recursos tecnológicos da contemporaneidade, para os antiquários tais constatações só foram possíveis a partir de um olhar cuidadoso sobre a relação entre objetos de cerâmica e ossadas animais encontradas em diferentes enterramentos. Curiosamente, há uma total ausência de vasos e ossadas animais nos registros das escavações de Arras, algo já tido com certo ceticismo desde o próprio século XIX. Alguns antiquários como Greenwem chegaram inclusive a expressar, em escritos, suas ressalvas, dizendo ser “possível que pedaços pequeninhos de potes tenham sido deixados passar pelo Sr. Stillingfleet [que escavou Arras], ou ele talvez tenha pensado que eles não eram dignos de notas” (GREENWELL, 1906, p. 264), embora o antiquário adote um tom diplomático

alegando ser improvável que Stillingfleet tenha ignorado um vaso que estivesse em boas condições dentro de uma cova, indicando que, talvez, se é que tenham sido depositados, eles estivessem já em sua maioria quebrados em cacos. Apesar disso, as escavações realizadas em Danes Graves registradas por Mortimer (1897b, 1898, 1905) e Greenwell (1865, 1877, 1906) em detalhes nos oferecem um paralelo idêntico com as deposições encontradas nas últimas décadas. Enterramentos como os de DG31, DG53-54, DG65, DG91, DG99 revelam que já nas escavações oitocentistas, ossadas de animais costumam ser descobertas dentro de potes de cerâmica depositados junto aos mortos, em sua maioria, próximos à face ou aos pés dos esqueletos.



Esse padrão de ritualização foi confirmado por escavações modernas e análises subsequentes revelaram que os ossos encontrados nesses casos correspondem sempre ao dos membros dianteiros de porcos ou ovelhas, mais especificamente, o úmero. Ainda que uma parcela dos esqueletos encontrados com ossos dentro de vasos não pôde ter seu sexo determinado (18% dos casos), é importante observar que o número de mulheres (50%) enterradas com tais itens é consideravelmente maior do que o de homens (32%).

Tal padrão de deposição é particularmente relevante, já que itens relacionados às práticas comensais costumam muitas vezes serem associados exclusivamente a homens – uma visão em larga escala reforçada por relatos clássicos. A cultura material, no entanto, nos indica que tanto homens como mulheres poderiam ser enterrados com vasos previamente utilizados no preparo de alimentos e com ossos de porcos e/ou ovelhas depositados em seu interior: uma realidade particularmente visível, inclusive, entre a parcela feminina da população enterrada.

Nem todas as cerâmicas encontradas, no entanto, continham ossadas animais. Na verdade, o número de potes com ou sem restos animais é virtualmente o mesmo (28 com; 26 sem). Ainda assim, se olharmos todos os enterramentos com vasos em

conjunto, os padrões de deposição são os mesmos. Isto é, a maior parte dos enterramentos com cerâmica são encontrados, como regra geral, em tumbas femininas (55%), e apenas metade deles em tumbas masculinas (28%) – novamente, é importante lembrar que uma parcela deles (17%) não pôde ter seu sexo determinado com precisão. Embora a frequência em que vasos costumem ser encontrados em covas seja baixa, em alguns cemitérios eles parecem se concentrar em setores específicos. Essa é a realidade, em particular, de Rudston, onde, no setor de Makeshift, quase 1/3 da população foi enterrada junto a potes de cerâmica. Entre as tumbas de R1-25 podemos, inclusive, observar uma concentração notável de tais achados.

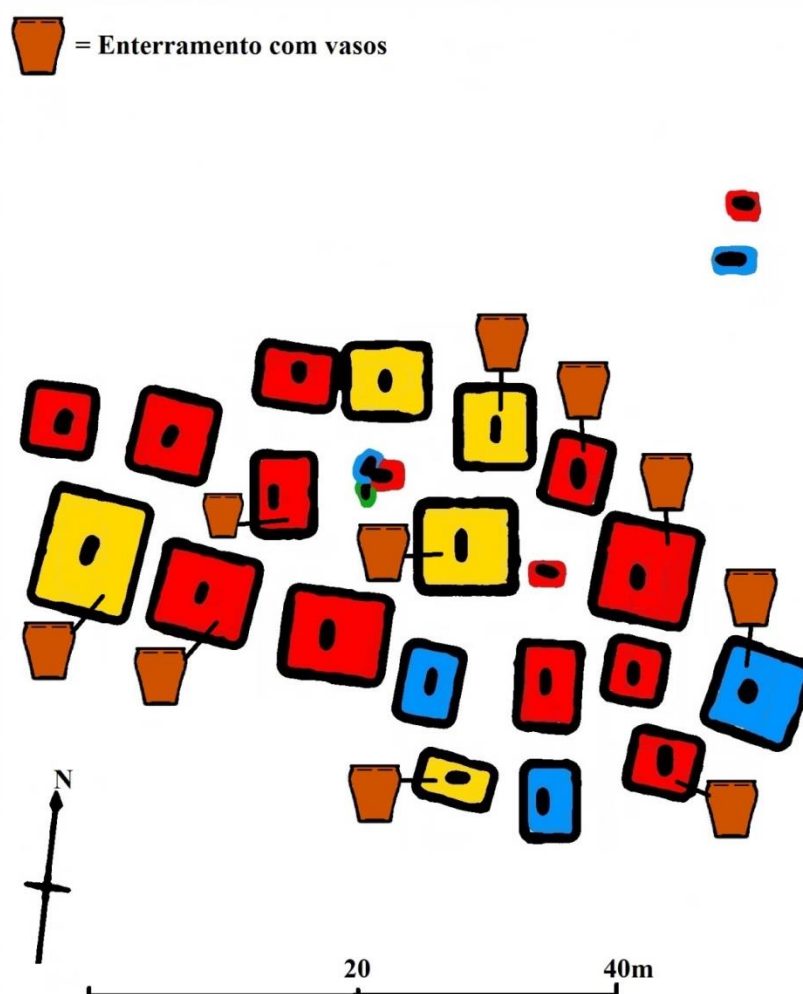


Fig 6.1. Planta do cemitério de Rudston, no setor de Makeshift, mostrando a distribuição de vasos nas tumbas entre R1-R25. Em vermelho, enterramentos com ossadas femininas; em azul, ossadas masculinas; em amarelo, ossadas cujo sexo não pode ser determinado. (O autor, baseado em planta geral do sítio publicada por Stead, 1991).

Tais deposições e agrupamentos nos indicam a construção de narrativas fúnebres semelhantes entre enterramentos distintos. Além disso, acredito que elas nos tragam, também, semelhanças em termos de concepções e projeções identitárias individuais. Esse é um ponto fundamental a ser observado, já que nos revela uma proximidade construída entre gêneros em diferentes níveis. Por um lado, é possível observarmos a concentração de vasos em tumbas femininas quase sempre agrupadas próximas umas as outras: uma estratégia de se criar uma memória compartilhada entre mulheres celebradas em morte, de maneiras semelhantes, pelos membros de suas comunidades. No entanto, a presença de enterramentos masculinos e de tumbas cujo sexo das ossadas não pôde ser determinado nos lembra, por outro lado, que há uma flexibilidade nesse sentido. O exemplo das tumbas encontradas na planta apresentada acima ilustra perfeitamente essa situação de fluidez. Entre elas podemos observar, não apenas uma perfeita harmonia em termos de ritualização dos corpos enterrados, sejam eles masculinos ou femininos, todos colocados nas covas orientados em sentido norte-sul com as faces voltadas a leste, mas, ainda, com os mesmos itens de mobiliário fúnebre, contendo apenas um vaso de cerâmica, acompanhado, em alguns casos, por um broche e um osso de ovelha. Esse é um padrão de enterramento compartilhado entre o homem de idade avançada (45+) enterrado em R25 e as demais mulheres de idades variadas encontradas em R4 (17-25), R6 (35-45), R14 (25-35), R16 (25-35), R22(17-25) – todos enterramentos do tipo A.

A análise relacional da presença de cerâmica em relação ao sexo biológico dos mortos é ainda mais reveladora se combinada a um terceiro fator: o de progressão etária. Assim, o gráfico a seguir é o resultado de uma análise que agrupa todos os valores de que dispomos para os vasos escavados, distribuindo tais valores de acordo com a progressão etária dos indivíduos enterrados, com base em seus sexos e a frequência de tais deposições em cada categoria. Com exceção de um único caso encontrado em Garton Slack (GS4a, 1.3), onde havia um vaso com um bebê em um montículo coletivo, todos os demais casos indicam que a deposição de cerâmica estava fortemente condicionada por atributos etários. Estar em idade adulta parece ter sido, nesse sentido, fundamental. No entanto, nítidas diferenças entre os sexos podem ser observadas com base na idade das pessoas enterradas. A faixa etária entre 17-25 anos é o melhor exemplo disso. Aqui, podemos observar um *gap* considerável entre homens e mulheres em que boa parte das deposições está concentrada em tumbas femininas, chegando a

fazer com que os valores numéricos sejam 5 vezes maiores em tumbas femininas do que masculinas. O gráfico indica ainda que o envelhecimento de um indivíduo estava muitas vezes associado ao aumento de deposições de cerâmica (com ou sem ossadas animais) em contextos fúnebres na região, durante boa parte da Idade do Ferro. Essa é uma realidade particularmente observável na população masculina que, por sua vez, apresenta um crescimento constante atingindo seu ápice numérico em termos de deposições na faixa etária mais avançada (35-45+). Para o setor masculino, portanto, ter atingido uma idade mais avançada era algo fundamental para a deposição de cerâmica em suas tumbas, ao passo que tal requisito não se fazia necessário entre o segmento feminino da população.

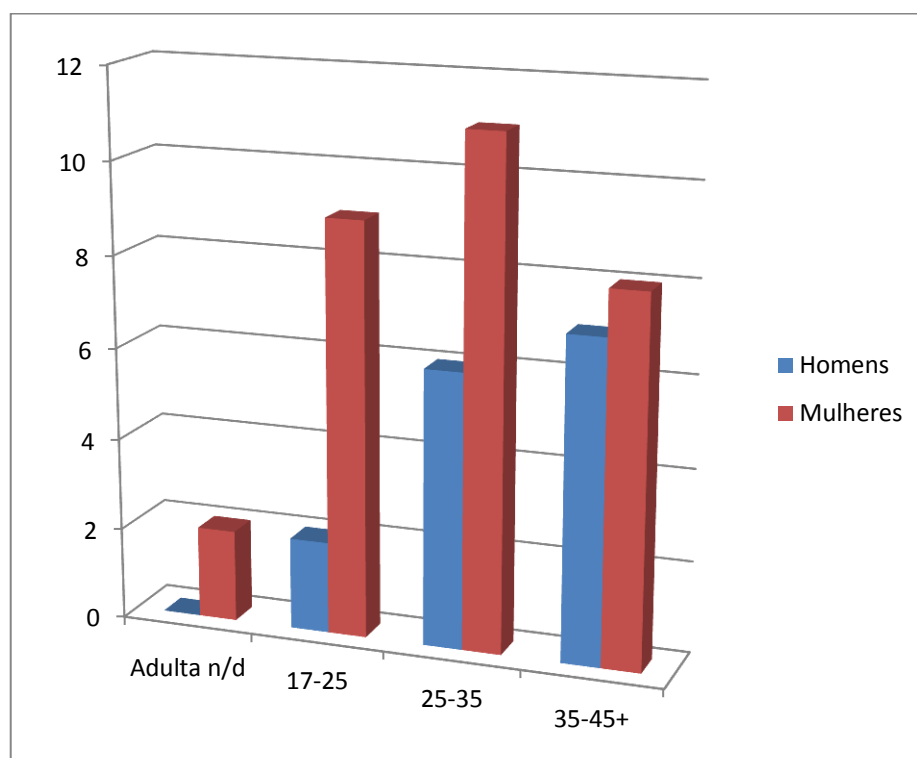


Gráfico 6.2. Distribuição de cerâmicas a partir de critérios sexuais e etários.

A prevalência de vasos em tumbas de mulheres entre 17-25 (5x mais que os homens) e 25-35 anos (2x mais que homens) poderia, talvez, estar relacionada a atributos de fertilidade. Essa é uma possibilidade dupla, já que não apenas potes de comida e ossadas animais se encontram muitas vezes vinculados diretamente a um universo fértil de fartura, mas também devido a fatores biológicos, uma vez que ambas

as faixas etárias em questão estão fortemente associadas a períodos de fertilidade e reprodução feminina. Se tais associações eram de fato traçadas pelas comunidades da Idade do Ferro, elas, apesar disso, não eram afetadas por mortes relacionadas à maternidade, como um enterramento encontrado em Kirkburn atesta, no qual em K2 uma mulher foi enterrada com um feto e a base de um vaso que foi quebrado.

A existência de vasos quebrados, inclusive, não deve ser tida como mero acidente causado pela deposição de tais objetos em tumbas, ou do processo de escavação. Ao contrário, ela fazia parte de um complexo processo de ritualização da morte no qual objetos de cerâmica poderiam ser, muitas vezes, sistematicamente destruídos ou quebrados em partes e, logo em seguida, depositados junto aos mortos. Esse é um proceder ritual que já intrigava boa parte dos escavadores desde o século XIX já que suas empreitadas revelavam que tais vasos já haviam sido quebrados antes de irem parar nas tumbas.

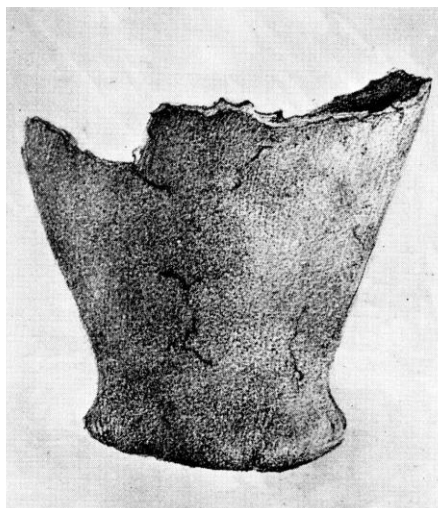


Fig. 6.3. Um vaso de cerâmica encontrado no séc. XIX em Danes Graves. *Fonte:* Mortimer, 1897

Esse estado de “imperfeição”, como descreve Greenwell (1906, p. 264), “difícilmente poderia ser acidental e é bastante inexplicável”, ele conclui. De fato, embora exceções já fossem conhecidas e alguns vasos tenham sido depositados por inteiro como atesta um deles, escavado no cemitério de Eastburn, a maior parte das cerâmicas encontradas em escavações antiquárias e modernas revelam sinais de quebra em seus corpos. Esse processo de destruição intencional poderia ocorrer majoritariamente de dois modos:

1- A quebra da parte superior dos vasos, sendo depositadas apenas as bases e/ou metades inferiores desses potes. Os cacos e pedaços das partes superiores estavam ausentes nas covas e não foram depositados. Esse é o procedimento mais comum de deposição de cerâmica na região em contextos fúnebres e pôde ser observado em mais de 30 casos como, por exemplo, R4, R6, R46, R186, WS57, WS129.

2- A destruição completa (ou parcial) dos vasos seguida por um processo ritualizado de distribuição dos pedaços da cerâmica na cova, em locais distintos, junto aos corpos dos mortos. Alguns exemplos: em R187 um pote foi quebrado e colocado (contendo um osso de ovelha) junto aos joelhos do homem enterrado e os cacos foram espalhados na cova. Em R143, um pote foi quebrado e os cacos foram espalhados em grupos próximos aos joelhos (com um osso de ovelha), os pés, o cotovelo e em frente ao rosto do sujeito enterrado. Em R204, o vaso depositado foi quebrado anteriormente e apenas os cacos da parte inferior foram depositados na cova agrupados em dois setores: um grupo deles próximo aos pés, outro, próximo à cabeça da mulher enterrada. Alguns casos ainda como WS154 indicam que além da deposição de uma parcela desses cacos dentro da cova, outra parte dos fragmentos poderia ser depositada também no preenchimento da tumba.

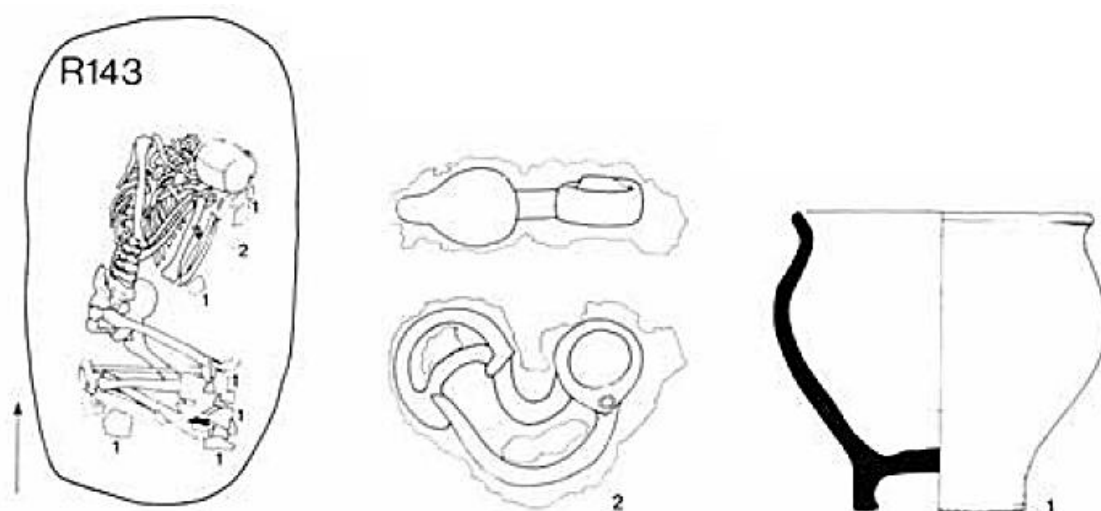


Fig. 6.4. Tumba de R143. Fonte: Stead, 1991. Os cacos [n.1] se encontram espalhados junto ao cadáver em diferentes pontos, e ao lado é possível ver uma reconstrução do vaso em seu estado original.

Nenhuma dessas performances estava conectada a aspectos condicionados por gênero, e elas se fazem presentes em tumbas masculinas e femininas. A destruição ritualizada de artefatos é uma prática comum à pré-história europeia, sobretudo em contextos fúnebres como já demonstrou Bradley (1982)⁴². Tal prática costuma ser interpretada muitas vezes associada à destruição de riqueza, como mecanismo de obtenção de prestígio ou posição social, em um discurso de abundância e descarte voluntário de riqueza (BRADLEY, 1982, p. 110–112). Contudo, dada à natureza dos achados em Yorkshire é possível que os vasos de cerâmica desempenhassem alternativamente (ou complementarmente) uma função metonímica, como argumenta Giles (2012, p. 134), sendo intencionalmente destruídos de modo cerimonial a fim de marcar a morte de determinado indivíduo, criando uma conexão análoga com os corpos enterrados. É possível que tal função metonímica possuísse, ainda, uma extensão mnemônica, já que a manipulação (a destruição e subsequentes arranjos) da cultura material em contextos fúnebres consistia em um poderoso recurso que possibilitava a criação de memórias altamente performáticas (cf. LILLIOS; TSAMIS, 2010).

Ainda que, em linhas gerais, o mesmo tipo de cerâmica tenha continuado a existir e a ser utilizado em Yorkshire até pelo menos o século I d.C. (STEAD, 1980; RIGBY, 1991, 2004), sua presença em contextos fúnebres se torna cada vez mais escassa por volta do fim do século II a.C. e início do século I a.C., e apenas alguns pouquíssimos enterramentos de tipo-B apresentam quaisquer sinais de fragmentos de cerâmica ou de terem contado com vasos.⁴³ A prática de deposição de ossadas animais junto aos mortos, no entanto, mantém-se constante desde os séculos V/VI – I a.C., podendo muitas vezes ocorrer independentemente da presença de cerâmicas.

Diferentemente das cerâmicas que, por natureza, estão concentradas de modo quase exclusivo em enterramentos de tipo A (c. 95% dos casos), a deposição de ossadas animais se dá de forma mais variada, podendo ocorrer em enterramentos de tipos- A, B

⁴² O processo direto ou indireto de destruição de artefatos pode ser identificado na Idade do Bronze e do Ferro a partir de mecanismos que incluem, em especial, deposições de mobiliário fúnebre, de tesouros e deposições votivas em ambientes aquáticos (BRADLEY, 1982, p. 109–110).

⁴³ Os dois únicos enterramentos de tipo B a conterem vasos são possivelmente DG30 e DG53 e só 6 outros casos em Rudston revelaram fragmentos de cerâmica, mas estes foram, em todos os casos, encontrados em meio à terra, no preenchimento da cova/montículo, e nenhum deles foi depositado diretamente na cova.

e C (e excepcionalmente em WS391, junto a um enterramento de tipo-D). Se vistos em conjunto, os dados indicam determinados padrões de deposição específicos. Por exemplo, enterramentos com cerâmica quase sempre contém exclusivamente ossadas de ovelhas. Já em outras modalidades de sepultamento, como nos enterramentos com carros, os únicos animais relacionados às atividades comensais são sempre porcos (cf. **Capítulo 9**). Há, ainda, padrões de deposição que podem ser identificados de um ponto de vista cronológico: se porcos aparecem em menor frequência do que ovelhas em contextos fúnebres iniciais, eles, no entanto, se tornam, com o passar do tempo e ainda que em número restrito, os únicos animais depositados em tumbas por volta do século I a.C., e, de fato, todos os enterramentos de tipo-B encontrados até hoje contêm, exclusivamente, apenas ossadas suínas.⁴⁴ Em termos proporcionais, a maior concentração em enterramentos de ossadas animais está contida nos enterramentos com carros (tipo-C) e, no geral, apenas 10% da população enterrada recebia tais honras fúnebres.

Ainda ao contrário dos vasos, a deposição de animais ocorre em proporções idênticas em tumbas de homens e mulheres. Interessantemente, a faixa etária de 17-25 anos não apresenta nenhuma grande diferença significativa entre a população feminina e a masculina, nesse sentido. A única distinção observável aí diz respeito à frequência de deposições animais com base na progressão etária, pois é possível observar uma crescente de modo gradativo entre as mulheres e uma constante na população masculina entre 17-35 anos seguida por um pico entre 35-45+anos. Novamente, é possível identificar uma forte associação etária já que 45% dos casos são encontrados com indivíduos com mais de 35 anos: um valor duas vezes mais alto do que o encontrado entre os homens e mulheres com 17-25.

⁴⁴ Para um estudo da frequência de ossadas animais em diferentes momentos da Idade do Ferro nas Ilhas Britânicas, ver o estudo de Albarella (2007). É possível que os fenômenos observados em contextos fúnebres tardios em Yorkshire dialoguem com um conjunto de transformações sociais maiores em solo bretão, já que é possível identificar um declínio de ossadas de ovelhas em diferentes contextos em outras regiões (ALBARELLA, 2007).

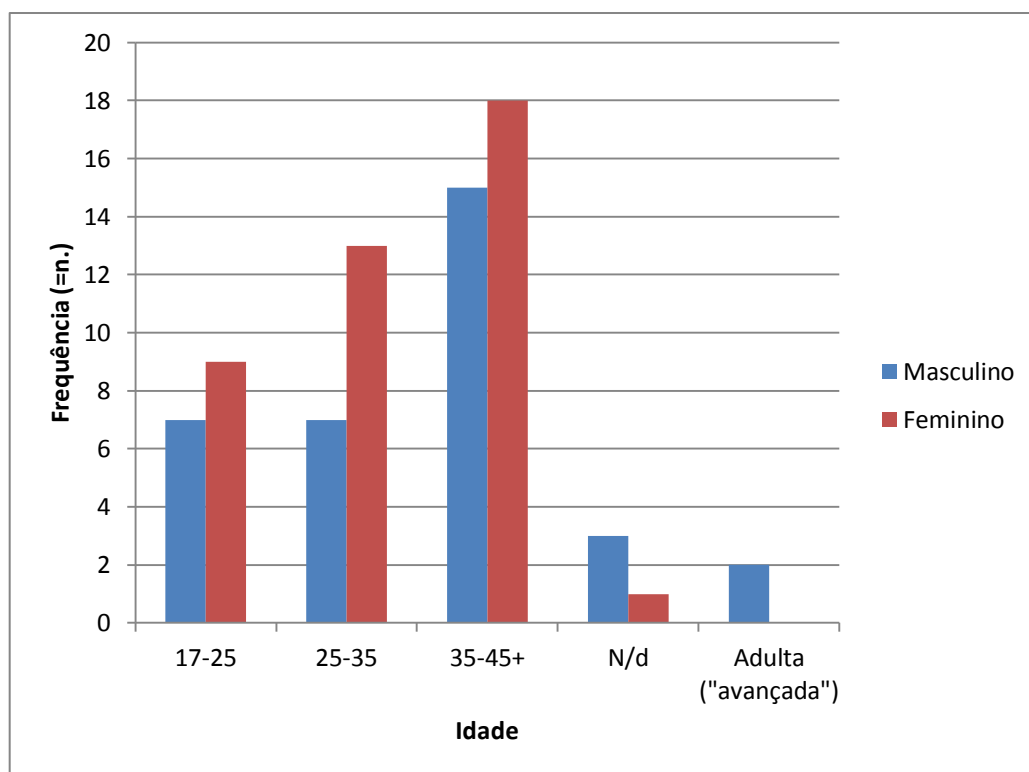


Gráfico 6.3: A frequência de deposições de ossadas animais junto à esqueletos humanos com base em atributos biológicos de sexo e idade dos mortos.

6.3. Identidade e gênero a partir de itens de banquete na Idade do Ferro em Yorkshire

Apesar de gênero ainda ser largamente um tema pouco e pobremente explorado pela historiografia da Idade do Ferro (cf. **Capítulo 5**), muito tem sido escrito (indiretamente) sobre suas possíveis implicações nos enterramentos de Yorkshire com base nas cerâmicas e ossadas animais encontradas. As primeiras discussões a respeito estão marcadas quase sempre por um tom fortemente sexista e são repletas de projeções anacrônicas, como bem ilustrada uma passagem da discussão feita na década de 1960 por John Brailsford sobre as cerâmicas encontradas em solo bretão:

“... os guerreiros da Idade do Ferro ‘B’⁴⁵ que invadiram East Yorkshire não introduziram a bela cerâmica de suas terras natais. Os potes enterrados junto a eles são objetos grosseiros feitos pelas mulheres nativas que eles subjugaram, e refletem a tradição da Idade do Ferro ‘A’ dos nativos que ainda formavam a maior parte da população” (BRAILSFORD, 1961, p. 93)

Além dos equívocos cometidos em termos de difusionismos tecnológicos e sociais, a visão postulada por Brailsford carrega fortes anacronismos de gênero. A justificativa para o aspecto “grosseiro”, na lógica do autor, das cerâmicas estaria clara: sua má qualidade seria, assim, o fruto de trabalho feminino por parte de mulheres nativas (e subjugadas!). De acordo com esse raciocínio, a produção de vasos só poderia estar diretamente associada a mulheres (como parte de uma produção doméstica de menor importância) e realizada de maneira tosca pelos membros mais incompetentes de uma população já menos evoluída que, por sua vez, acabou sendo dominada por homens mais preparados. A realidade bretã servia assim de contraste para com aquela observada no continente, onde uma sociedade dominada por ideais masculinos e guerreiros se encontraria em considerável superioridade tecnológica e estética. Embora todas essas considerações sejam extremamente descabidas é importante lembrar que elas, contudo, não estão tão distantes assim no tempo e foram feitas em plena década de 1960. A história, entretanto, é cheia de ironias e é impossível resistir à constatação de que, curiosamente, alguns antiquários, por sua vez, se mostraram, em pleno século XIX, muito mais avançados em determinados aspectos, admitindo a possibilidade de as mulheres bretãs antigas terem desempenhado papéis importantes de liderança e prestígio, não apenas em suas famílias, mas também em suas comunidades políticas (GREENWELL, 1906, p. 293–94).

As posições nas quais as cerâmicas foram encontradas nas tumbas também têm sido motivo de debates no tocante às percepções de gênero. Boa parte desse debate gira em torno das colocações feitas por Parker Pearson (1999) em relação às tumbas situadas no cemitério de Rudston, onde o autor observou que frequentemente homens são enterrados com potes (e ossos de ovelhas) próximos aos seus pés, ao passo que

⁴⁵ Brailsford se refere aqui a uma célebre periodização proposta por Hawkes (1959) para a Idade do Ferro bretã, na qual a cultura material das Ilhas é explicada a partir de supostas invasões de origem continental, que teriam levado, sucessivamente, de modo acumulativo, uma “cultura céltica” para o solo bretão.

mulheres costumam ser encontradas com esses mesmos itens colocados em outras partes de suas covas, normalmente próximas à região das mãos e da cabeça. Parker Pearson destacou que essas diferenças deposicionais poderiam funcionar como marcadores de gênero e estariam associadas a um simbolismo particular entre indivíduos que ocupariam papéis distintos na sociedade, como “servidores/fornecedores”, e aqueles que eram “servidos/providos”, segundo a terminologia utilizada pelo autor (PARKER PEARSON, 1999, p. 53). O desdobramento direto de tal interpretação resulta em uma visão estrutural na qual, em linhas gerais, as mulheres (e alguns poucos homens) se encontrariam, por conseguinte, em posições de serviço enquanto a maior parte da população masculina com vasos em seus pés seria composta pelos “recebedores” de serviço. Embora elaborada a partir de análises arqueológicas, tal visão pouco reflete a complexidade da cultura material encontrada na Idade do Ferro, projetando, novamente, concepções modernas de gênero a respeito de associações entre mulheres, espaços domésticos, preparo de comidas e a função de servir indivíduos do sexo masculino (cf. **Capítulo 5**).

Apesar da divisão esquemática proposta por Parker Pearson (1999) ter se mostrado particularmente influente na historiografia, ela, recentemente, foi criticada por Giles (2012, p. 135), com base nos poucos números levados em consideração pelo autor e ao chamar a atenção para o fato de que a presença de vasos poderia estar associada a outros simbolismos e significados sociais, para além de uma simples função de serviço hierárquico entre gêneros. Uma segunda crítica foi também levantada por Pope e Ralston (2012, p. 378, 393–94), a partir de uma perspectiva puramente de gênero. Em um exercício provocador, os autores chegaram a inverter, em parte, a lógica proposta por Parker Pearson (1999) e argumentar que a posição das cerâmicas junto a muitas mulheres, ao contrário do postulado pelo autor, indicaria um esforço de se construir uma interação direta entre os mortos e a consumação de alimentos em contextos fúnebres, na qual as mulheres estariam ocupando um papel semelhante ao dos vivos, assim, banquetecendo-se em morte (POPE; RALSTON, 2012, p. 393–94).

O gráfico a seguir oferece uma síntese analítica da posição das cerâmicas em relação aos corpos dos indivíduos cujos sexos puderam ser determinados por análises osteológicas em todos os cemitérios encontrados até hoje. Apesar da subsequente interpretação oferecida por Parker Pearson (1999) em relação à função dicotômica entre

“recebedor-provedor de serviço” ter se mostrado infeliz, sua observação inicial feita com base nas escavações realizadas apenas por Stead (1991) no vale do Great Wolds mostrou-se relativamente adequada quando combinada com o total de enterramentos disponíveis encontrados na região sobre a posição de muitas das cerâmicas. É importante observar que embora o cemitério de Wetwang Slack seja bem mais numeroso que todos os encontrados no vale do Great Wolds (mesmo quando combinados), ele, no entanto, produziu uma quantidade menor de cerâmicas e os números dos achados em Rudston e Burton Fleming, portanto, desempenham um peso fundamental nos achados em linhas gerais. Acrescido a isso, o gráfico não leva em consideração os achados do século XIX, por conta da impossibilidade de se avaliar o sexo dos esqueletos encontrados, e, assim, deve ser encarado mais como uma sugestão de um padrão possível do que uma realidade absoluta.

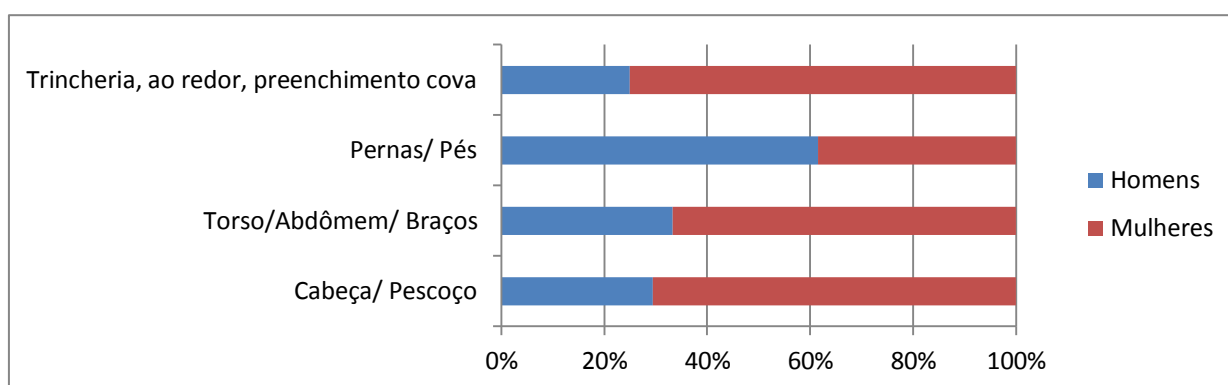


Gráfico 6.4: As posições nas quais cerâmicas da Idade do Ferro foram encontradas junto a indivíduos do sexo masculino e do sexo feminino em East Yorkshire.

Podemos observar, portanto, que mulheres costumam ser quase sempre enterradas com potes próximos à região superior de seus corpos (cabeça, braços e torso) ao passo que entre os homens há uma predominância de sua deposição nas partes inferiores (pernas e pés). É provável que essas divisões fizessem parte de um mecanismo regional de sinalização de atributos de gênero em contextos mortuários. Esses processos seguiam determinadas estruturas gerais, mas eram ao mesmo tempo dotados de certa variabilidade, permitindo que improvisações ocorressem como atestam as proporções observadas acima, indicando certo grau de flexibilidade fúnebre. Essas realidades são,

portanto, particulares de determinadas regiões e possuem uma grande variabilidade geográfica. Por exemplo, cerâmicas costumam ser encontradas no continente junto às inumações em outros cemitérios contemporâneos aos de Yorkshire, como é o caso de muitos daqueles na região do norte francês (EVANS, 2004; STEAD et al., 2006). Entretanto, como casos escavados em Ville-sur-Retourne atestam, os vasos e as ossadas animais encontradas em tumbas femininas estão localizados junto aos pés dos esqueletos tal qual em enterramentos de homens, inclusive nos enterramentos de mulheres com idades distintas como é o caso de V166 (uma jovem de 17-25) e V187 (uma mulher com mais de 45+ anos), sem apresentar qualquer correlação óbvia com atributos etários ou de gênero (STEAD et al., 2006, p. 328–29, 332–334).

Curiosamente, uma parcela dos vasos encontrados em Yorkshire foi encontrada em enterramentos femininos nas trincheiras que circundam as tumbas. Como Giles (2012, p. 135) destaca, esse é um dado de grande relevância, já que indica a existência de ritos fúnebres secundários, em que tais tumbas eram revisitadas e ofertas eram deixadas nas áreas que delimitavam o montículo, como a trincheira. É possível que mulheres fossem particularmente rememoradas mais do que homens em tais termos, e talvez suas tumbas fossem até mais visitadas em geral. Infelizmente, contudo, muitas trincheiras não foram sistematicamente escavadas e investigadas em detalhe quando descobertas, de modo que tais deposições podem ter sido mais comuns do que imaginamos, estando também presentes em tumbas masculinas, em números semelhantes, ainda a serem descobertas (*idem*).

O estudo de Gee (2008) sobre um conjunto de tumbas encontradas em Isola Sacra e na necrópole do Vaticano durante os séculos II-III d.C. oferece-nos, aqui, uma interessante analogia, como ponto de partida para reflexão. Em seu estudo de caso, a autora mostra como os romanos tinham por costume (re)visitar a tumba de alguns parentes falecidos uma vez ao ano, frequentemente realizando uma refeição junto aos mortos. O ato de comer e beber junto às sepulturas desempenhava um papel crucial para a manutenção da malha social, na medida em que permitia criar um vínculo de memória e ancestralidade, ao mesmo tempo em que reforçava um conjunto de identidades familiares e comunitárias, reconectando os mortos ao mundo dos vivos (GEE, 2008). Alguns enterramentos da Idade do Ferro bretã como a tumba com carro em Ferrybridge (West Yorkshire) revelam não só ossadas animais colocadas junto aos mortos durante

seu funeral, mas ainda um conjunto de deposições tardias ao longo dos séculos, indicando que o local de enterro foi revisitado durante gerações, como também, que eventos ritualizados de comensalidade tomaram lugar em suas proximidades (BOYLE, 2004; BATES; JONES; ORTON, 2007; ORTON, 2007).

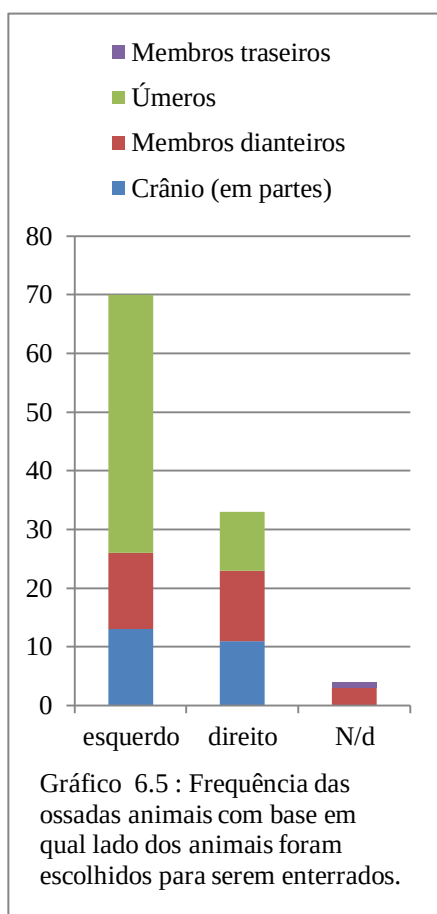
É possível que os cemitérios da Idade do Ferro contassem inclusive com espaços que auxiliassem a realização de tais refeições. Uma série de estruturas costuma ser encontrada em cemitérios próxima a tumbas e embora elas sejam consideradas, historiograficamente, “estruturas mortuárias” para fins “rituais” relacionadas ao preparo do morto (cf. FENTON-THOMAS, 2009), é possível que algumas delas tenham sido utilizadas também para a realização de pequenos banquetes. Algumas dessas construções, inclusive, tinham um formato circular semelhante ao das habitações domésticas, como atestam os casos encontrados no vale de Wetwang-Garton. Como observou Brewster (1980, p. 113), elas estavam localizadas imediatamente próximas a tumbas da Idade do Bronze e do Ferro e muitas vezes desprovidas de recursos tradicionalmente encontrados em contextos domésticos (como poços de armazenamento). É muito provável que tenham sido utilizadas para fins rituais. Estudos antigos e medievais de cemitérios apontam para a existência de estruturas mortuárias especiais frequentemente construídas em contextos fúnebres nas quais os vivos poderiam realizar refeições em honra aos mortos (LEE, 2007, p. 93, 2015, p. 345; GEE, 2008)⁴⁶. Não é, portanto, descabido pressupor que ritos de comensalidade tenham também tomado lugar assim diretamente em alguns dos cemitérios de Yorkshire durante a Idade do Ferro. Essa possibilidade é reforçada ainda pela dimensão de muitas construções, como as encontradas em Wetwang, já que elas não comportam grandes multidões de pessoas, mas apenas um grupo seleto: uma realidade compatível com a cultura material encontrada nas covas da região que indicam um modelo de consumo de pequena-escala, diferentemente dos grandes banquetes diacríticos encontrados em demais regiões das Ilhas Britânicas e do continente (DIETLER, 1990, 1999; GILES, 2012, p. 181).

⁴⁶ Lee (2007, 2015) mostra que muitas dessas estruturas poderiam variar, sendo em alguns casos construídas de madeira (como em alguns casos anglo-saxões e merovíngios), ou por vezes no formato de edifícios imponentes, e muitas igrejas encontradas na Idade Média na região do Reno alemão parecem ter se desenvolvido a partir de tais construções. Essas construções ficaram conhecidas pela historiografia a partir do nome amplamente difundido entre as comunidades cristãs antigas e do começo da Idade Média que as nomeavam de *cellae memoriae*, devido ao papel importante que tinham na construção de memória sobre os mortos.

Embora tradicionalmente a presença de ossadas animais costume ser interpretada apenas como uma oferenda de alimento aos mortos, as evidências encontradas nas tumbas em Yorkshire apontam uma realidade mais complexa. Isso porque uma análise cuidadosa dos ossos encontrados atesta que muitos deles apresentavam sinais de cortes em sua superfície compatíveis com um processo de descarnação (LEGGE, 1991, p. 143–144). Esse é um dado de extrema relevância. Isto é, ao contrário do que se imagina, não era a carne dos animais que estava sendo depositada nas covas junto aos mortos, mas tão somente suas ossadas após elas terem sido devidamente cortadas e a carne, previamente, consumida. Essa é uma realidade observável tanto em enterramentos masculinos, por exemplo R84, como também em tumbas femininas como as de R188 e BF6, não havendo diferenças, nesses termos, entre os gêneros. Análises como as de Bates *et al.* (2007) revelaram inclusive que, dependendo da conservação dessas ossadas animais, é possível identificarmos até mesmo traços de cozimento, reforçando a ideia de que elas haviam sido cozinhadas e consumidas em um banquete fúnebre. Portanto, a

presença de ossadas animais nas tumbas deve ser encarada mais como um marcador simbólico fúnebre do que uma real oferenda alimentar aos mortos⁴⁷.

A presença de vasos com um osso dentro ou de partes de animais sendo depositadas juntas aos mortos poderia ser entendida, então, como uma espécie de atitude auspiciosa – algo, em parte, talvez, semelhante aos *sacrificia mortuorum* praticados pelos romanos (LEE, 2015, p. 345). O ato de realizar oferendas desempenha um papel mediador importante nas interações e relações construídas entre os vivos e os mortos: elas reforçam noções não apenas de lealdade, memória e devoção, mas criam também uma espécie de “economia” simbólica de reciprocidade, garantido bons augúrios (MAUSS, 2008 [1925]; LEE, 2007). Para as comunidades da Idade do Ferro essas

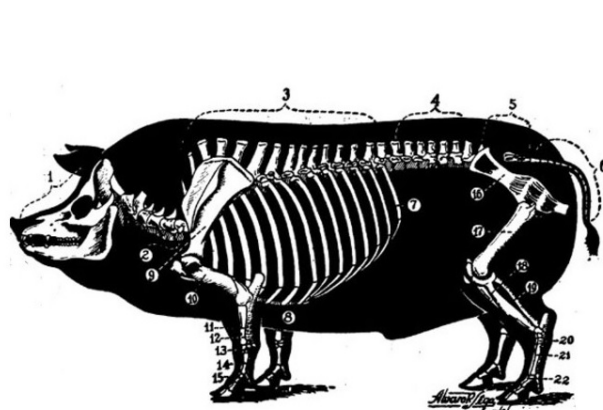


⁴⁷ Essa parece ser a realidade de diferentes contextos arqueológicos em que ossadas animais são encontradas em contextos fúnebres, como destaca Lee (2015, p. 345–46) em sua discussão sobre oferendas em contextos anglo-saxões e medievais nas Ilhas Britânicas.

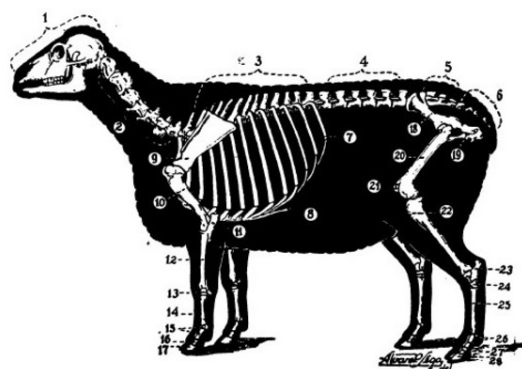
deposições significam não apenas uma forma de expressar atitudes particulares em relação a determinados indivíduos e sua importância para a comunidade, garantindo favores junto aos mortos, mas as tumbas eram também um espaço de consolidação para os vivos. A promoção de atos de comensalidade envolvia não apenas a destruição mas a repartição de um bem necessário à subsistência local, articulando noções de bons auspícios, poder, fartura e prestígio social em momentos estratégicos, como aqueles que antecedem um funeral.

É importante observar que embora diferenças no tocante às deposições animais encontradas em contextos fúnebres em Yorkshire existam, elas, no entanto, não são condicionadas exclusivamente por fatores de gênero, havendo uma relativa flexibilidade nesse sentido. Essa realidade se tornou particularmente observável após a realização de um levantamento metódico de todos os tipos de ossos de porcos e ovelhas encontrados em contextos fúnebres em Yorkshire e sua frequência em tumbas masculinas e femininas (Cf. gráfico 6.6). Tal procedimento de organização dos dados nos confirma que as deposições de ossadas animais seguiam determinados padrões específicos: as tumbas com ovelhas continham, na maior parte dos casos, apenas um úmero do animal, por vezes depositado na cova sozinho ou dentro de um jarro, ao passo que os enterramentos com porcos costumam conter quase sempre o crânio e o quarto dianteiro do animal.

Algumas vezes, os crânios dos porcos são ritualmente quebrados em duas partes e, em alguns casos, apenas um lado deles é depositado. Embora houvesse uma nítida preferência pelos úmeros esquerdos das ovelhas (44:10), a análise numérica dos demais ossos nos revela que o lado esquerdo e direito dos crânios (quando fraturados) e dos membros dianteiros estão presentes em proporções idênticas nos enterramentos em Yorkshire, e, não obstante, nenhuma diferença de gênero pôde ser observada em relação a tais escolhas.



Esqueleto de porco — 1, cabeça — 2, vértebras cervicais. — 3, vértebras dorsais. — 4, lombares. — 5, vértebras sacras. — 6, vértebras coccigianas. — 7, costelas. — 8, esterno. — 9, omoplata. — 10, humero. — 11, rádio. — 12, cúbito. — 13, ossos do carpo. — 14, meta carpos. — 15, dedos. — 16, ossos da bacia. — 17, fêmur. — 18, tíbia. — 19, perônio. — 20, ossos do tarso. — 21, meta-tarsos. — 22, dedos.



Esqueleto do carneiro — 1, Cabeça. — 2, vértebras cervicais. — 3, vértebras dorsais. — 4, vértebras lombares. — 5, osso sacro. — 6, vértebras coccigianas. — 7, costelas. — 8, esterno. — 9, omoplata. — 10, humero. — 11, cúbito. — 12, rádio. — 13, ossos do carpo. — 14, metacarpos. — 15, grandes sesamóides e primeira falange. — 16, segunda falange. — 17, terceira falange. — 18, fíbula. — 19, ísquio. — 20, fêmur. — 21, rótula. — 22, tíbia. — 23, calcâneo. — 24, ossos do tarso. — 25, meta-tarsos. — 26, grande sesamóide e primeira falange. — 27, segunda falange. — 28, terceira falange e pequeno sesamóide.

Posição (=♂)	Porcos			
	Crânio	Membros posteriores	Membros traseiros	Corpo inteiro
Cabeça	3	1		
Torço (inferior/superior)	8	10	1	
Braço		1		
Mãos	1			
Coxas/Pernas	1	2		
Pés		2		
Ao redor				1

Posição (=♀)	Porcos			
	Crânio	Dente	Membros posteriores	Úmero
N/d.	1			
Cabeça		2	3	
Torço (inferior/superior)	6		10	2
Braço	2		1	
Mãos				
Coxas/Pernas				
Pés				
Ao redor				

Posição (= sexo N/d.)	Porcos				
	Crânio	Membros posteriores	Úmero	Corpo inteiro	N/d.
N/d.	1	1			1
Cabeça			3		
Torço (inferior/superior)	2	1	7		
Braço	1				
Mãos					
Coxas/Pernas	1	1	1	1	
Pés			2	3	

Posição (=♂)	Ovelhas			
	Úmero	Vértebra	Corpo inteiro	n/d.
N/d.	1			1
Cabeça	2			
Torço (inferior/superior)	1	1	2	
Braço				
Mãos				
Coxas/Pernas	4			
Pés	3			
Ao redor			1	

Posição (=♀)	Ovelhas	
	Dente	Úmero
Cabeça	1	11
Torço (inferior/superior)		5
Braço		1
Mãos		2
Coxas/Pernas		2
Pés		1
Ao redor		2

Posição (= sexo N/d.)	Ovelhas	
	Úmero	Corpo inteiro
Cabeça	3	2
Torço (inferior/superior)	4	
Braço		
Mãos		
Coxas/Pernas		1
Pés	3	2
Ao redor		

Gráfico 6.6: Frequência da distribuição de cada uma das partes das ossadas animais nas tumbas de Yorkshire com base nos sexos dos mortos. O autor, com desenhos feitos por A. P. Sêga extraídos de Zamith (1946, p. 188–90).

Todos esses dados, apesar de aparentemente se tratarem de constatações técnicas, são de grande importância para que possamos melhor entender como identidades sociais são construídas em contextos funerários. As deposições animais atestam um conjunto de projeções multifacetadas. Além disso, elas nos revelam também uma fluidez significativa em termos identitários de gênero. Esse é um dado fundamental a ser observado, já que análises comparativas nos mostram uma realidade distinta em outros cemitérios do mesmo período. Talvez, um dos melhores exemplos disso seja o da necrópole de Mont Troté e Les Rouliers (Champagne, França), onde evidências sugerem que uma divisão entre os gêneros estivesse sendo operada em termos da deposição de ossadas animais, já que ossos de porcos costumam ser encontrados com homens e ossos de ovelhas, junto a mulheres (MENIEL, 1987, p. 357–61; ALDHOUSE-GREEN, 2002, p. 117)⁴⁸.

Há uma tendência historiográfica de se interpretarem porcos como oferendas mais valiosas do que ovelhas, fazendo com que suas deposições funcionassem como uma espécie de sinalizador de *status* em contextos mortuários (PARKER PEARSON, 1999, p. 56). Tal visão foi largamente construída a partir de associações com determinados achados em tumbas de tipo-B e -C, como os enterramentos com carros e enterramentos com armas, nos quais há uma predominância de deposições de porcos junto a artefatos valiosos e ovelhas não costumam aí serem identificadas. Alguns autores como Peck (2013) chegaram até a utilizar tais diferenças a ponto de traçar esquemas hierárquicos sociais em que, arbitrariamente, indivíduos enterrados com porcos fariam parte de uma “elite”, enquanto os enterrados com ovelhas seriam “plebeus” (*commoners*) (PECK, 2013, p. 84, 87–88). Vários cuidados são necessários a fim de não reproduzirmos tais narrativas.

Embora as evidências encontradas em assentamentos e contextos rituais de fato nos atestem que porcos eram animais valorizados e de grande importância social para as populações bretãs da Idade do Ferro, as oposições entre “ossada de porcos VS ossadas de ovelhas” em contextos fúnebres e suas associações diretas com atributos de importância devem ser questionadas e encaradas de modo crítico. Tumbas não são um

⁴⁸ No entanto, a análise de 218 tumbas encontradas na região do Champagne entre os séculos IV-III a.C. feita por Belard (2014) revelou que, embora algumas diferenças sejam observadas no tocante à deposição animal entre tumbas masculinas e femininas, a maior parte dos enterramentos, se vistos em conjunto, atestam uma relativa semelhança entre os gêneros (BELARD, 2014, p. 113–116).

mero reflexo da realidade. Além disso, se deixarmos de olhar para apenas alguns casos e considerarmos todos os enterramentos já registrados na região até hoje, como raramente se costuma fazer, podemos identificar que associações materiais são às vezes construídas de modo mais complexo do que tendemos a imaginar. Em alguns casos, como os dois homens escavados em Nunburnholme e uma das mulheres encontradas em Knapton Wolds atestam, os indivíduos enterrados não contavam com quaisquer itens, salvo ossadas de porcos depositadas junto a eles em suas covas. Esses não são casos isolados e constatações semelhantes também podem ser feitas para os cemitérios de Danes Graves, Rudston, Burton Fleming, Wetwang Slack, Garton Slack. Por outro lado, indivíduos enterrados, às vezes, com um único osso de ovelha dentro de um pote são encontrados com itens distintos como braceletes de bronze (BF10), ou elaborados broches diversos (R7, R11, R 69, R 71, R 81, etc.) ou ainda contas de azeviche (R2) e vítreas (R2, R16, BF19, WS277). Como Giles (2012, p. 114) observa, devemos considerar que a presença (ou ausência) de determinado animal estivesse relacionada a uma gama complexa de fatores que poderiam incluir a forma por que determinada pessoa morreu, cosmologias familiares, a quantidade de esforço e/ou riqueza que determinada família ou membros da comunidade estavam dispostos a gastar no enterro de uma pessoa, o número de pessoas que irão comparecer ao funeral, a época do ano em que determinada morte se dá e a quantidade de recursos disponíveis.

Além disso, há também um fator cronológico a ser levado em consideração. Embora a maior parte dos achados relacionados a banquetes fúnebres estejam contidos em tumbas de pessoas de idades mais avançadas, exceções, contudo, existem entre indivíduos que morreram com 17-25 e, aqui, é possível observar como a natureza das deposições animais varia de acordo com os séculos. Por exemplo, enterramentos femininos (em sua esmagadora maioria do tipo-A), que datam dos séculos III-II a.C. costumam conter ossos de ovelhas e vasos de cerâmica, entretanto, enterramentos masculinos, de tipo-B, em torno do século I a.C. costumam conter ossadas de porcos, indicando uma mudança com o passar do tempo em relação ao *modus operandi* de tais deposições. Duas mudanças, portanto, ocorrem. Em primeiro lugar, há uma tendência de se utilizarem mais porcos do que ovelhas em contextos tardios. Em segundo lugar, quando eles são depositados em tumbas de indivíduos mais jovens, as pessoas enterradas são sempre do sexo masculino. A ausência de ossadas animais junto a mulheres com menos de 35 anos (e sua prevalência entre homens com 17-35) em

enterramentos de tipo-B nos atesta, assim, uma mudança de atitudes, não apenas em relação à morte e ao animal escolhido para ser depositado em covas, mas também uma transformação a respeito dos atributos sexuais e etários valorizados na região em contextos tardios. Todos esses são fatores que devem ser levados em consideração a fim de evitarmos reproduzir uma visão simplista do passado.

Em geral, durante a Idade do Ferro em Yorkshire, tanto homens como mulheres eram prestigiados em morte com um banquete fúnebre em sua homenagem. A presença sistemática de animais e cerâmica em tumbas de indivíduos que atingiram idades avançadas nos indica que posições sêniores eram particularmente honradas em contextos fúnebres, havendo uma maior inclinação social para se promoverem atos de comensalidade em memória de tais indivíduos. Curiosamente, mulheres eram celebradas de tal maneira em proporções ligeiramente maiores do que homens. Esse é um dado particularmente importante tendo em mente o papel marginal frequentemente atribuído à população feminina pela historiografia. A análise das tumbas encontradas em Yorkshire nos mostra que não só os mesmos tipos de animais eram abatidos e ofertados em tumbas masculinas e femininas como, ainda, os mesmos cortes e partes desses animais eram depositados em muitos casos. Além de um conjunto de preferências rituais, os enterramentos nos revelam, ainda, uma proximidade construída entre os gêneros em diferentes esferas, embora o modo como tais construções se davam variasse no tempo. Observar tais pistas, mesmo que, muitas vezes, elas se manifestem de maneiras sutis, é algo de suma importância, pois nos revelam um diálogo entre esferas masculinas e femininas e colocam em cheque muitas das visões anacrônicas que construímos sobre o passado, lembrando-nos de que a ocorrência de vasos de comida e ossadas animais em tumbas fazia parte de um repertório de ações e performances ritualizadas que, por sua vez, poderiam tomar lugar antes e durante o funeral, desempenhando um papel fundamental na construção de identidades e memórias.

7. Identidades adornadas:

Enterramentos com itens pessoais de adorno

A construção de determinadas aparências através de itens de adorno desempenha um importante papel para a construção e sinalização de certas identidades em contextos fúnebres, incluindo-se aí as de gênero (SOFAER, 2006). Em termos sociais, itens de adorno costumam não apenas carregar fortes simbolismos específicos associados a valores sociais de importância e prestígio, mas podem estar também imbuídos de atributos de masculinidade ou feminilidade, ou até mesmo de valores neutros compartilhados entre os gêneros. Além disso, sua frequência e uso podem, por vezes, indicar distinções internas entre indivíduos do mesmo gênero que são condicionadas por elementos etários.

Nas tumbas de Yorkshire três categorias de artefatos desse tipo são encontradas: broches, braceletes e contas/colares. Esses artefatos compõem aquilo que poderia ser chamado de uma “tecnologia da aparência” (ASHBY, 2014): um conjunto de itens visíveis que adornam o corpo humano e permitem que semelhanças e diferenças sejam criadas entre indivíduos e comunidades distintas, sinalizando um conjunto de complexas projeções identitárias e diferenças sociais.

7.1. Enterramentos com broches

Broches são, certamente, os objetos mais comumente encontrados em contextos fúnebres em Yorkshire durante a Idade do Ferro. Eles são, inclusive, os artefatos mais comumente encontrados também em tumbas continentais, tendo atraído a atenção de estudiosos ao longo de anos e uma infinidade de pesquisas gerais e específicas foram redigidas nas últimas décadas a respeito de suas constituições, materiais e tipologias (ADAMS, 2013, p. 23–32). Atualmente, mais de 130 destes artefatos foram escavados em Yorkshire em tumbas localizadas em diversos cemitérios como Arras, Danes Graves, Cowlam, Rudston, Burton Fleming, Garton e Wetwang Slack. Essa é a maior

quantidade de enterramentos com broches já encontradas nas Ilhas Britânicas e devido à tradição de enterramentos de Yorkshire, a maior parte desses artefatos são registrados em contextos fúnebres, embora eles tenham sido também amplamente encontrados em mais de 40 assentamentos e 30 *hillforts* bretões e, ainda, em contextos rituais diversos, incluindo sua deposição em ambientes aquáticos (ADAMS, 2013, p. 179–181).

Nos enterramentos dos Wolds, um número significativo desses objetos era feito exclusivamente de ferro (c. 70% dos casos), mas outros exemplares de bronze (c. 10%) e de materiais mistos (c. 20%) também foram encontrados. Como Anthoons (2011, p. 142) destaca em especial a partir do século III a.C., uma diversidade e variedade de tipos de broches aumentam em diferentes regiões da Europa, e tanto Stead (1979, 1991) como Dent (1982, 1984) dedicaram boa parte de seus escritos às descrições tipológicas desse tipo de artefato encontrado nos cemitérios de Yorkshire. A melhor síntese analítica, no entanto, em relação a esses achados, encontra-se em uma tabela elaborada por Giles (2012) combinando os tipos identificados por Stead e Dent com uma discussão cronológica mais precisa baseando-se em datações recentes (por exemplo, JAY et al., 2012), tendo em vista informações estratigráficas, inferências bayesianas e estudos tipológicos de broches encontrados em outras regiões das Ilhas Britânicas. Tal síntese nos permite, não apenas identificar com maior facilidade padrões de deposições particulares, mas também possíveis preferências estéticas locais, além de oferecer uma maior precisão cronológica comparativa para o contexto de muitos achados, em especial, de tumbas escavadas no séc. XIX sobre as quais podemos, ao menos a nível hipotético, fazer algumas estimativas temporais com bases nos achados encontrados. Certa cautela, no entanto, é sempre necessária, já que nada impede que broches mais antigos tenham sido passados de uma geração a outra e, portanto, sua cronologia em termos de feitura e tipologia nem sempre obrigatoriamente corresponda a sua cronologia de deposição.

Evidências encontradas em algumas tumbas indicam que muitos broches não foram confeccionados para o funeral, mas que, ao contrário, demonstravam biografias de usos prévios. Dois deles, por exemplo, encontrados em R118b e R195, em um enterramento feminino (16-20 anos) e masculino (17-25 anos) respectivamente, estavam quebrados e algumas de suas partes estavam aparentemente ausentes quando os artefatos foram depositados junto ao morto na cova (STEAD, 1991, p. 83–87).

Diferentemente, em alguns casos como R60, o broche foi encontrado em dois pedaços, mas isso poderia ter sido causado pelo tempo (pós-depósito) devido a fatores destrutivos. Diversos outros casos foram encontrados aparentemente em estados incompletos anteriormente ao funeral (R206, BF1, BF53, WS115, WS180) e um caso encontrado com uma mulher de 35-45 anos em R180 revelou, ainda, sinais de emendas e reparos em sua estrutura (DENT, 1982, 1984, p. 161–62; STEAD, 1991, p. 80–89).

Illustration	Description	Type (Stead 1991)	Type (Dent 1984a)	Date
	Arched bow	Type A	Type 1	c.C4th BC+ La Tène I-II
	Flat bow	Type B	Type 2	c.C3rd BC+ La Tène I-II
	Short involuted	Type E	Type 4	c.C3rd BC+ La Tène I-II?
	Long flat bow	Type C	Type 5a	c.C2nd BC+ La Tène I-III
	Long involuted	Type D	Type 3	La Tène II-III
	Involuted: applied enamel and rivulets	Type F	n/a	La Tène II-III
	Involuted: hinged pin mounted in head	Type G	n/a	La Tène II-III
	Involuted: mock spring discs, solid rivulet	Type H	n/a	La Tène II-III
	Short involuted: applied enamel on broad feet	Type J	n/a	La Tène II-III
	Solid foot catch-plate	Type K	n/a	La Tène III
	Penannular	Type L	Type 8	La Tène II-III
	Inlaid bow	n/a	Type 6	c.C4th BC+ La Tène I
	S-Shape	n/a	Type 7	

Fig. 7.1. Tipologias de broches da Idade do Ferro encontradas nas Ilhas Britânicas. Fonte: Giles, 2012.

A maior parte dos enterramentos encontrados com broches foram de escavações modernas. Isso nos possibilita cruzar a ocorrência de tais itens com as informações biográficas das pessoas enterradas em um total de 115 casos, a partir do banco de dados da pesquisa (49 tumbas em Rudston; 20 em Burton Fleming; 43 em Wetwang Slack e Village e 3 em Garton Slack). Os números seriam ainda maiores se fossem incluídas também algumas inferências quanto à idade e o sexo de indivíduos encontrados com broches em tumbas escavadas no séc. XIX, como Cowlam (B) e Arras (Queen's Barrow), mas para fins de rigor e precisão analítica, esses casos serão discutidos à parte e os dados estatísticos a seguir foram obtidos apenas a partir de escavações realizadas por critérios científicos modernos.

Um dos aspectos mais facilmente identificáveis no *corpus* de casos disponíveis, nesse sentido, diz respeito a atributos etários. Embora broches tenham sido encontrados junto a indivíduos de idade jovem (12-14 anos) em dois casos (BF61a e GSL[8/10] 3.3), todos os demais casos são encontrados exclusivamente em tumbas tradicionalmente classificadas como “adultas”. Além disso, é possível observar uma progressão sistemática em termos de padrões de deposição desses artefatos em contextos fúnebres com base nas idades das pessoas enterradas, conforme revela a tabela a seguir.

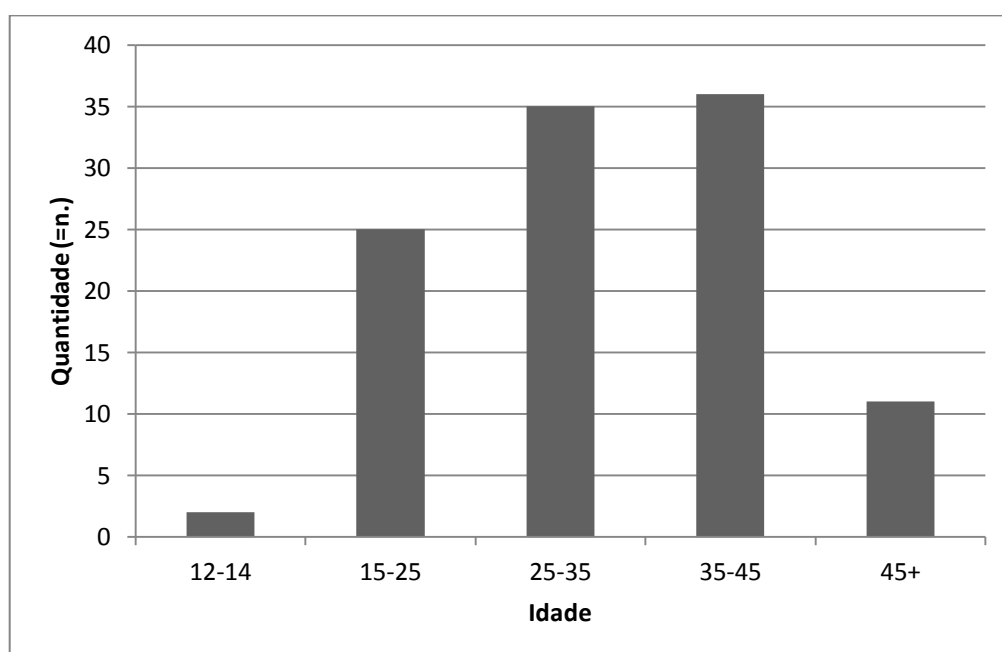


Gráfico 7.1.: Frequência de broches por grupos etários

Como é possível observar, o maior índice de concentração de broches encontra-se nas tumbas de indivíduos enterrados com 35-45 anos, embora a incidência seja virtualmente idêntica também com a faixa etária de 25-35. É interessante que, ainda que poucas pessoas, em geral, durante a Idade do Ferro, tenham vivido mais de 45 anos, uma parcela significativa delas foi enterrada com esses objetos e, vistas em sua totalidade, a maior parte de tumbas com broches (c. 45%) consiste justamente em enterramentos de pessoas com idade avançada (35-45+) anos, seguida por um número relativamente próximo (c. 35%) de pessoas com 25-35. Além disso, a total ausência de ossadas infantis acompanhadas por broches pode ser interpretada também como mais um indício de que talvez esses artefatos estivessem fortemente atrelados à sinalização de noções de pertencimento e reconhecimento social com base em fatores etários.

Em termos de gênero, alguns dos exemplos discutidos previamente já indicam que broches poderiam se fazer presentes tanto junto a ossadas do sexo masculino como do sexo feminino. Mas e quanto a sua proporção? Uma análise de todos os enterramentos disponíveis nesse sentido nos revela que esses artefatos são encontrados em quantidades equivalentes em tumbas masculinas e femininas, não havendo um princípio de exclusão ou seletividade nesse sentido. Os números são, inclusive, um pouco maiores em tumbas femininas, mas em parte tal observação é devida ao fato de haver uma pequena margem de mulheres a mais do que homens enterradas nos cemitérios da região (cf. **Capítulo 2**). Curiosamente, a análise de Adams (2013, p. 217–18) também identificou um padrão semelhante para outras regiões da Inglaterra, atestando que broches estavam comumente associados tanto a homens como mulheres adultas (17-45+) em geral, na Idade do Ferro bretã.

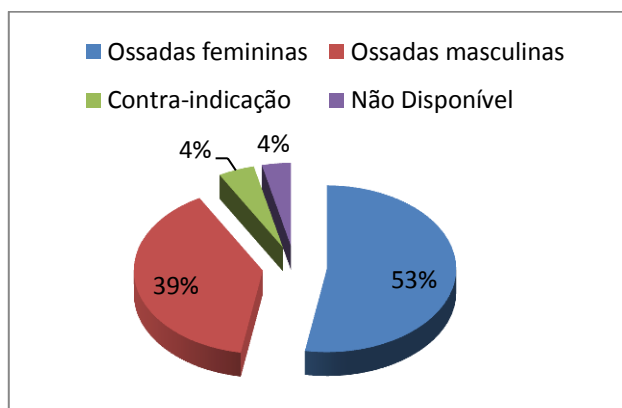


Gráfico 7.2: Sexo das ossadas com broches

Todos esses fatores combinados levam à conclusão de que broches seriam artefatos relativamente neutros em termo de gênero, como coloca Harding (2016, p. 225), mas, talvez, o cenário de achados nos revele um conjunto de associações mais complexas. Ao fazer um balanço sistemático das dimensões dos broches encontrados em Wetwang e outros cemitérios de Yorkshire, bem como suas relações com as tumbas encontradas, Dent (1982, 1984) observou que um número significativo de broches pequenos estava quase sempre associado a mulheres, e broches de dimensões maiores, a homens (DENT, 1982, p. 443, 1984, p. 51). Essa constatação foi refinada por Giles (2012) que buscou traçar uma análise comparativa entre tipologias de broches e o sexo das pessoas enterradas em dois dos mais importantes vales da região (Great Wolds Valley e Wetwang-Garton Slack). Sua análise revelou que:

1. Nos cemitérios do Great Wolds Valley, broches arqueados (tipo A) e de arco plano (tipo B), aparecem exclusivamente em tumbas de homens; ao passo que broches de arco plano longo (tipo C) e de involutos curtos e longos (tipo D e E), embora também sejam identificáveis em tumbas masculinas, aparecem com mulheres em proporções muito mais altas. Não obstante, alguns tipos de broches involutos (H e J) e circulares (H) aparecem unicamente com mulheres.
2. Em Wetwang-Garton Slack, por sua vez, broches circulares [penanular], em formato de S e com arco embutido (tipos L, 6 e 7) aparecem exclusivamente com mulheres. Tal como no Great Wolds Valley, broches de involutos curtos (tipos E), aparecem em tumbas masculinas e femininas, havendo novamente uma maior concentração em tumbas femininas. Broches arqueados (tipo A) e de arco plano (tipo B) são também mais comumente encontrados em tumbas masculinas, e ao contrário do Great Wolds Valley, broches de arco plano longo (tipo C) só foram registrados em uma ocasião, e com um indivíduo do sexo masculino.

(GILES, 2012, p. 136–138)

Giles (2012) chega a levantar a possibilidade de que determinadas preferências fossem orientadas por atributos de gênero, mas não desenvolve a ideia e faz a ressalva de que “dada à longevidade do uso dos cemitérios, esses padrões poderiam estar relacionados a outros aspectos de identidade como grupos de familiares ou de pares

sociais” (GILES, 2012, p. 136). No entanto, é possível que esses interrelacionamentos não fossem exclusivos ou excludentes. Em outras palavras, as deposições de broches talvez não tenham sido apenas condicionadas por atributos (exclusivamente) de gênero, mas ainda assim poderiam carregar importantes atributos identitários deste tipo e – ainda mais importante – assinalar os diferentes modos nos quais elementos de gêneros estavam conectados a outros aspectos materiais da vida social.

As tumbas com broches nos revelam, assim, a existência de certos gostos ou tradições locais que indicam afinidades visuais e tecnológicas entre determinadas comunidades. Isso se torna visível em especial a partir de determinadas tipologias de broches (contemporâneas entre si) que estão mais presentes nas comunidades de um determinado vale do que de outro. Esse é um ponto já observado, inclusive, em relação a outros artefatos, como as cerâmicas encontradas na região dos Wolds, onde novamente é possível identificar diferenças entre os cemitérios dos vales do Great Wolds e de Garton-Wetwang (Cf. **Capítulo 6**). Diferentemente das cerâmicas, contudo, é possível que no caso dos broches essas diferenças tipológicas revelassem determinadas distinções de gênero entre os sexos, onde alguns tipos de broches seriam considerados (esteticamente) como mais femininos e outros, mais masculinos.

Se essas esquematizações, como apresentadas por Giles (2012), estiverem de fato corretas, seria tentador, inclusive, levantar algumas inferências quanto ao sexo ou gênero de alguns dos enterramentos encontrados no século XIX. Broches circulares (tipo L) encontrados apenas com mulheres em ambos os vales de Great Wolds e Wetwang foram também observados em uma tumba em Arras (W45) e em duas outras em Danes Graves (DG88 e DG55). Além disso, broches involutos do tipo H, exclusivamente encontrados com ossadas femininas no Great Wolds Valley, foram também identificados em três outros enterramentos escavados no século XIX (DG 57, DG89, DG93a). No entanto, acredito que traçar tais projeções quanto ao sexo/gênero em enterramentos antiquários com bases em tipologias de broches seria um grande equívoco.

Em primeiro lugar, é preciso lembrar que o padrão de deposição e a preferência por determinados tipos, tamanhos e formatos de broches eram todos fatores adaptáveis de um sítio a outro, revelando variações intrarregionais. Além disso, algumas das associações apontadas por Giles (2012, p. 136–139) se dão com base em baixos

números de achados, e, portanto, não devem ser generalizadas. Os broches de tipo H, por exemplo, encontrados em um único cemitério no século XIX (Danes Graves) ultrapassam a quantidade de achados do mesmo tipo em todos os cemitérios escavados na segunda metade do século XX e, nesse sentido, toda cautela deve ser tomada antes de se traçarem inferências de gênero. A pequena quantidade de dados disponíveis para determinados tipos de broches (H, L, J, 6, 7 – todos com menos de 5 casos registrados com base em associações de sexo em Wetwang-Garton e no Great Wolds) revelam que muitas dessas associações são ainda extremamente frágeis e podem estar ainda longe de refletir a realidade material do passado. O broche encontrado junto a um distinto enterramento feminino em Arras é o perfeito exemplo disso. Encontrado em Arras (A4), na tumba apelidada de “Queen’s Barrow” (STILLINGFLEET, 1846), o artefato indica que o estilo arqueado (tipo A) embora estivesse exclusivamente associado com homens nos cemitérios do Great Wolds Valley, poderia estar associado não só a mulheres, mas, também, a fortes atributos de gênero feminino, já que a tumba em questão revelou, além do broche, um conjunto de mobiliário fúnebre feminino que incluía um elaborado colar de contas vítreas azuladas, itens de toalete e dois braceletes. Essa associação é reforçada ainda por um segundo caso, encontrado em Cowlam (CW2, B/L) onde novamente um segundo broche do tipo A, com sinais de uso e reparo, foi encontrado com uma ossada possivelmente do sexo feminino e novamente com braceletes e contas azuladas (GREENWELL, 1877, p. 208–213; STEAD, 1986).

Se por um lado análises de gênero com bases em esquematizações tipológicas podem, portanto, ser ainda inconclusivas em diversos aspectos, um ponto em comum entre enterramentos masculinos e femininos pode ser identificado facilmente para além de margem de dúvidas: o compartilhamento de uma estética fúnebre. Esse é um ponto crucial, aqui, a ser observado já que se trata de uma dimensão importante da cultura material que estará recorrentemente presente, seja em termos de diferenças, seja em termos de semelhanças. No caso dos broches, esse compartilhamento estético se dá a partir da criação de uma composição visual cujo tom sobressalente era avermelhado. Para isso, diferentes técnicas e recursos materiais eram empregados nas mais diversas maneiras.

Entre alguns dos casos mais notáveis estavam aqueles nos quais foi utilizado o coral (*corallium rubrum*) como parte do adorno – um item extremamente raro e valioso,

importado, direta ou indiretamente, de regiões longínquas como o Mediterrâneo ou o Mar Vermelho (COLLIS, 2001; STEAD, 1979, p. 87). Em algumas dessas ocasiões, os botões de coral parecem ter sido grudados no corpo dos broches com tipos de colas ou resinas orgânicas, mas em outros como WS55, WS274 e WS438 esses engastes foram fixados com o auxílio de pequeninos rebites metálicos (DENT, 1984, p. 50). A utilização de engastes de coral se dava, ainda, também de maneira criativa e variada: em alguns enterramentos, como em WS155, o material foi utilizado para embelezar a cabeça, a base e o arco do broche; já em outros, como em A4 (*Queen's Barrow*), um massivo conjunto de engastes de coral foi utilizado em diversas partes do corpo do artefato, inclusive em todo o disco na extremidade do broche que irradia raios, semelhante a um motivo floral ou solar (GREENWELL, 1906, p. 297; STEAD, 1979, p. 66)⁴⁹.

Alternativamente, outros recursos foram utilizados criando um mesmo efeito visual. Esse é particularmente o caso dos broches encontrados em R39, R102, R178, BF9-10 e BF20, que receberam um tratamento de esmalte vítreo, evocando uma estética semelhante à do coral. Em alguns casos, inclusive, como em R22, podemos encontrar o esmalte vítreo avermelhado combinado com arcos de coral adornando o corpo de um mesmo broche, reforçando essas combinações de cor. Pedras trabalhadas de âmbar, embora extremamente raras, também parecem ter sido utilizadas para adornar broches, como Dent (1984, p. 50) observa em uma tumba em Wetwang Slack (WS250). Matérias-primas locais eram também utilizadas a fim de emular estética avermelhada semelhante aos demais casos, como, por exemplo, ocorre com o broche encontrado em DG57, onde largos discos decorativos feitos de arenito avermelhado foram fixados na parte superior do corpo do broche conferindo-lhe um caráter distinto. Além disso, em algumas raras ocasiões é possível vermos a combinação de várias matérias-primas e técnicas de embelezamento em um único objeto. Esse é o caso de um dos broches encontrados em Danes Graves (DG95) onde âmbar, esmalte, e pequeninas contas perfuradas (provavelmente de coral ou conchas) foram utilizadas em cinco partes diferentes ao longo do corpo broche, transformando-o em um objeto composto e singular (GILES, 2012, p. 139).

⁴⁹ Apenas um outro broche em todas as Ilhas Britânicas se equipara ao encontrado em Arras (A4), mas ele foi escavado em Derbyshire, a sudoeste de Yorkshire, em um depósito ritual dentro de uma caverna em Harborough (cf. ADAMS, 2013, p. 197). O broche de Harborough também apresenta um disco com raios (semelhante a uma 'flor') cuidadosamente adornado com engastes de coral, embora a quantidade do material seja menor do que aquela encontrada em Arras.

Apesar da decoração avermelhada na Idade do Ferro britânica estar frequentemente associada ao gênero masculino e a objetos marciais (GILES, 2008a), sua ocorrência em Yorkshire a partir dos broches se dá tanto em enterramentos masculinos como femininos, inclusive, mais vezes em broches encontrados junto a mulheres do que homens. Esse é um ponto importante a ser observado, já que uma realidade semelhante pode ser também observada em outros conjuntos de mobiliário fúnebre, em particular nos enterramentos com carros da região (Cf. **Capítulo 9**). Entender a visibilidade que os broches possuíam, nesse sentido, é fundamental. Adams (2013, p. 218) chegou a chamar a atenção para o fato de que, talvez, broches não devessem ser considerados como “mobiliário fúnebre” no senso tradicional da expressão, já que talvez muitos desses itens não tenham sido diretamente depositados em contextos fúnebres, mas, ao contrário, simplesmente constituíam uma parte fundamental da vestimenta da época e já se encontravam previamente junto aos mortos. No entanto, os achados de Yorkshire revelam uma realidade oposta, por conta de dois motivos. Primeiramente, devemos encarar que tudo que é deixado junto aos mortos não é o resultado de um mero acaso, mas ao contrário revela um conjunto de escolhas conscientes por parte dos vivos – um fenômeno reforçado pelos tratamentos frequentemente identificáveis em termos do preparo ritualizado dos corpos e dos cuidados com a deposição dos mortos no interior das covas, observados em todos os casos. Em segundo lugar, uma análise sistemática dos broches encontrados, levando em consideração o local onde eles foram achados em relação ao corpo da pessoa enterrada, nos indica que muitas vezes seus usos estavam desvinculados da prática quotidiana simples. Como é possível ver, além de ocorrências esporádicas junto aos pés, joelhos, pernas, quadril e braços, broches também são encontrados ao redor do corpo ou, mais notavelmente, junto ao crânio da pessoa falecida.

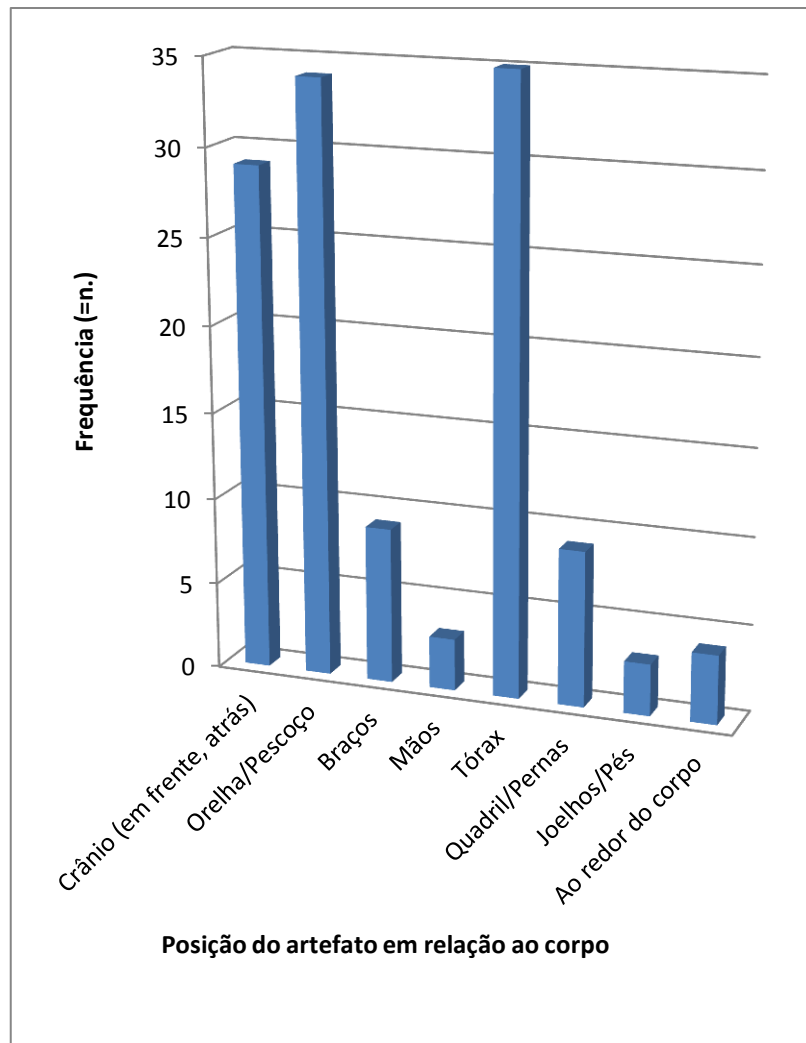


Gráfico 7.3. Posição de broches em relação aos corpos encontrados em contextos funerários na Idade do Ferro em Yorkshire. Inclui escavações antiquárias e modernas, apresentando uma complementação da análise inicial oferecida por Giles (2012)

A interpretação mais plausível para tal diversidade é que, além de sua função habitual isto é, prender vestimentas e capas, os broches encontrados em Yorkshire eram utilizados também para prender mantos fúnebres ou sudários, nos quais os corpos dos mortos seriam envolvidos antes de serem depositados nas covas e em alguns raros casos, como um em Garton Slack (GS[10]1/2,2), traços de tais tecidos fúnebres foram registrados (DENT, 1984, p. 28; GILES, 2012, p. 129). Os broches encontrados nas tumbas da Idade do Ferro bretã, portanto, transcendem sua função básica e seu uso cotidiano, um ponto posteriormente reconhecido, inclusive, por Adams (2013, p. 221–225). Embora a ocorrência desses artefatos em cemitérios e assentamentos nos revele que, de fato, broches faziam parte de itens de vestimenta particularmente populares

durante a Idade do Ferro britânica e continental, em especial a partir de 450 a.C. (ADAMS, 2013), acredito que devamos considerar sua ocorrência em contextos fúnebres como fruto de ações intencionais explícitas, que buscavam assinalar um conjunto de valores específicos em relação aos mortos e suas relações para com os vivos. Essa é uma possibilidade interpretativa reforçada pelos diferentes tipos de adornos e embelezamentos contidos em muitos desses itens, fazendo com que eles se destaquem e chamem a atenção. Curiosamente, não existem diferenças de gênero construídas a respeito da posição como esses itens são encontrados em relação ao corpo, e em todos os casos, eles foram feitos sempre intencionalmente visíveis. Isto é, sua posição em contextos fúnebres se dá sempre em destaque, nunca estando escondidos (por exemplo, o artefato sendo colocado embaixo do corpo). Devemos imaginar, portanto, que essa visibilidade direcionada a qualquer um que atendesse ao funeral tivesse por finalidade construir um sistema de sinalizações que poderiam incluir afiliações a certos grupos ou famílias, reconhecimento de importância ou prestígio, insígnias ou honrarias simbólicas por habilidades ou feitos realizados pelo morto em vida, dentre outros.

Um dado importante a ser observado é que os broches encontrados em Yorkshire não apresentam quaisquer figuras ou representações óbvias da realidade, como animais (aves, cavalos, suínos, canídeos, ou criaturas fantásticas) ou cenas (como caça ou luta), que poderiam estar associados a determinadas projeções identitárias de gênero, como acontece, por exemplo, em artefatos do mesmo tipo encontrados na Península Ibérica (MATA et al., 2013). Ao contrário, sua ocorrência em contextos fúnebres se dá em indivíduos com diferentes tipos de biografia, não apenas em termos sexuais e etários, como também em relação a diferentes experiências de vida. Ao inter cruzarmos os detalhes técnicos com as informações contidas no catálogo da tese, é possível ver que os broches de Yorkshire são, assim, encontrados, além dos casos habituais, também junto a pessoas que sofreram traumas violentos, como o homem encontrado em R140 cuja morte parece estar relacionada a um golpe de lança, ou a mulher de WS226 com uma fratura no nariz e, ainda, a pessoa enterrada em DG45, uma ossada possivelmente feminina (cf. **Capítulo 11**), que apresentava um corte cicatrizado no crânio, causado por um golpe de espada. Além disso, sua ocorrência poderia se dar também junto a mulheres que morreram por conta de complicações relacionadas à gravidez (como WS309), ou que simplesmente morreram por causas naturais em idade avançada.

Apesar de comumente serem considerados itens “neutros”, particularmente no tocante às relações de gênero (HARDING, 2016, p. 225), broches podem nos oferecer um conjunto de dados relevantes para a construção de aspectos identitários na Idade do Ferro bretã. Sua ocorrência nos indica, antes de tudo, uma forte associação com atributos etários, quando o gradual envelhecimento parece ter sido proporcionalmente acompanhado por uma recorrência maior em termos de deposições desses artefatos em tumbas.

Além disso, o conjunto de dados técnicos em relação aos formatos e tipos de broches encontrados em contextos fúnebres nos revela também diferentes possibilidades relacionadas a projeções identitárias de gênero. Embora muitas dessas constatações aparentem ser, a princípio, de uma natureza extremamente técnica, suas implicações em termos sociais são de grande relevância. Esses olhares detalhados nos indicam a construção de uma estética relacionada, não só a determinada coloração em particular, mas também à aquisição e uso de materiais raríssimos e de circulação limitada, além de um conjunto de estratégias locais de se criarem efeitos visuais semelhantes, bem como a importância de se fazerem tais broches visíveis em contextos fúnebres. Mais importante, ainda, a estética encontrada nesses objetos indica uma flexibilidade de gênero expressa através da circulação de determinadas composições visuais – como a utilização de cores avermelhadas – tanto em enterramentos femininos como masculinos. É possível, no entanto, que esses mecanismos de sinalização se dessem de maneira complexa, havendo inclusive, como Dent (1982, 1984) e Giles (2012) apontam, certas preferências entre os gêneros, em relação a determinados estilos ou tamanhos de broches, mas apenas análises futuras poderão confirmar tais padrões, quando dispusermo-nos de um maior número de broches e dados osteológicos nesse sentido.

7.2. Enterramentos com contas e colares

Contas em diferentes estilos e tipos são encontradas em pouco mais de 30 tumbas em East Yorkshire. Na maior parte dos enterramentos elas são feitas de vidro (26 casos), mas alguns outros revelaram o uso ocasional de diferentes materiais. Existem contas feitas de azeviche em 4 enterramentos (dois deles, juntos a contas de vidro) e, além disso, 5 outras ocorrências (novamente, juntas a contas de vidros em 3 casos) revelaram

outras mais feitas de âmbar: um material raro e importado de regiões longínquas do Mar Báltico, presumidamente, de grande valor (BECK; SHENNAN, 1991). Como Dent (1984, p. 171) destaca, é possível ainda que contas de material orgânico tenham também existido mas não sobreviveram aos dias atuais. O número de itens encontrados em cada ocasião varia de um caso a outro. Apenas uma única conta, por vezes, costuma ser encontrada, como atestam algumas das tumbas como aquelas localizadas no vale do Great Wolds (por exemplo, R2, R16, R193, BF19). Já outros casos, revelam que elaborados colares contendo um número variado entre 35-70 contas foram depositados junto aos mortos (por exemplo, CW.B, GSL 8/10.3.2, WS249, WS257, WS274, WS284) e uma tumba em Arras (A4, “Queen’s barrow”) continha mais de cem contas juntas a uma única pessoa. Em geral, a maior parte delas costumava medir entre 6-10 mm de diâmetro, embora alguns casos com até 15mm tenham sido registrados, e um conjunto de contas encontradas junto ao enterramento com carro em Wetwang Village (WV1) revelou ainda um *set* de 120 pequeninas contas com apenas 2mm de diâmetro (HILL, 2001) (cf. **Capítulo 9**).

Embora contas sejam encontradas em todas as regiões das Ilhas Britânicas durante a Idade do Ferro, sua ocorrência está fortemente influenciada por padrões materiais regionais e até os dias atuais East Yorkshire ainda é a região que apresenta a maior concentração de contas vítreas já encontrada em solo britânico (FOULDS, 2017, p. 149, e fig. 94): um reflexo, em parte, da realidade material proporcionada pelos cemitérios da região. Esses itens nos revelam um conjunto de manufaturas locais e, em alguns casos, de outras partes das Ilhas e do Continente que, muito provavelmente, eram trazidas para a região através de expedições de trocas ou na forma de presentes ofertados em contextos de hospitalidade, diplomacia ou casamento, como especula Giles (2012, p. 148). As análises químicas realizadas por Henderson (1991) atestam que boa parte das contas encontradas no vale do Great Wolds foram feitas a partir das mesmas matérias-primas e, talvez, na mesma oficina de muitas daquelas encontradas no vale de Wetwang-Garton, atestando uma produção regional, embora algumas exceções existam, como uma conta encontrada em Burton Fleming (BF19) que parece ter uma origem continental do século II a.C. (HENDERSON, 1991, p. 168–169). É importante lembrar que dentre todos os objetos encontrados em contextos fúnebres na Idade do Ferro, contas são os itens mais fáceis de serem transportados e manuseados. Com aparência delicada e ao mesmo tempo atraente, esses são itens que possuem um visual único: uma

realidade particularmente notável nas contas feitas de vidro, dada à raridade da coloração azul para demais artefatos na Idade do Ferro.

Diferentemente de alguns artefatos que só são depositados em tumbas em contextos tardios (como itens de tecelagem e metalurgia), as contas encontradas em Yorkshire atestam que suas presenças já se faziam sentir em contextos fúnebres desde os primeiros estágios de utilização e desenvolvimento dos cemitérios locais, boa parte delas datando dos séculos IV-III a.C.. Essa é uma constatação que pode ser observada a partir do intercruzamento de dados distintos como as relações estratigráficas registradas em cemitérios como os de Wetwang Slack por Dent (1984), o estudo de tipologias de contas e seu desenvolvimento espacial/cronológico (GUIDO, 1978; FOULDS, 2017) e novas datações científicas com carbono feitas em tumbas nas quais contas de vidro foram encontradas (JAY et al., 2012). Com base nos dados e tipologias identificadas nas escavações modernas, é possível observar que uma realidade semelhante também se faz presente nos cemitérios escavados no séc. XIX, como atesta, por exemplo, o colar de contas encontrado em Arras (A4) no qual uma parcela significativa de contas se encaixa na classificação tipológica nº1 proposta por Guido (1978), indicando, novamente, uma cronologia entre o quarto e o terceiro século a.C.. Em alguns cemitérios é possível observar também uma evolução cronológica no formato das deposições. Contas em grandes quantidades (quase sempre em colares) são encontradas em Wetwang Slack, por exemplo, sempre em tumbas iniciais, mas com o passar do tempo as tumbas mais tardias (como WS101, WS268, WS270, WS277) costumam ter apenas uma única conta depositada em seu interior, atestando uma mudança nos padrões de ofertas fúnebres nesse sentido (DENT, 1982, p. 445–46).

Azul é a cor mais recorrente de contas encontradas na Idade do Ferro europeia tanto no continente como nas Ilhas Britânicas (FOULDS, 2017; REBAY-SALISBURY, 2016a, p. 78). Em Yorkshire esse padrão é ainda mais forte do que nas demais regiões bretãs. Curiosamente, embora itens com coloração avermelhada sejam bastante valorizados, sobretudo em conexão com elaborados objetos metálicos como espadas, broches e equipamentos de arreios (cf. GILES, 2008a), nenhuma conta de coloração avermelhada foi encontrada até hoje em Yorkshire. Recentemente, a análise de Foulds (2017) levou em consideração itens encontrados em tumbas, assentamentos e em contextos diversos, atestando que mais de 90% de todas as contas encontradas na região

eram de coloração azulada, e a segunda cor mais utilizada nesse sentido era o branco (frequentemente em combinação com o azul), ao contrário de demais regiões das Ilhas Britânicas, onde o amarelo costuma ser a segunda cor mais utilizada (FOULDS, 2014, p. 236, 2017, p. 106, 111, fig.63, 140). Apesar de frequentemente casos de policromia conterem combinações de azul, branco e tons esverdeados, a maior parte das contas encontradas são monocromáticas.



Fig. 7.2 Colar de contas encontradas em Arras. *Fonte:* Giles, 2012, com edições pelo autor. Esse colar em particular foi encontrado na tumba de Arras “Queen’s Barrow” e apresenta diferentes contas que incluem tons monocromáticos azulados, casos de policromia (azul e branco) e contas translúcidas esverdeadas.

Essas diferenças entre Yorkshire e demais regiões das Ilhas Britânicas, por exemplo, podem indicar que certos atributos estéticos de vestimenta e aparência eram construídos de maneiras regionais distintas, onde determinadas cores ou tons eram preferidos por criarem contrastes e aumentarem a visibilidade de determinados itens, ou

se misturarem de maneira harmonizada ao vestuário em voga em cada localidade, explicando por que determinadas cores ou combinações eram mais populares em umas regiões do que em outras (FOULDS, 2017, p. 143). No entanto, a presença em larga escala do azul atesta uma preferência transfronteiriça pela cor ao longo de toda a Idade do Ferro desde cronologias iniciais. Essa mesma cor, por sua vez, tem sido identificada em contextos arqueológicos no continente, fortemente associada a indivíduos do sexo feminino (HARDING, 2016, p. 175; REBAY-SALISBURY, 2016a, p. 78) e esse também é o caso no norte bretão.

É imperativo destacar que há uma forte associação de gênero projetada em relação à deposição de contas em contextos fúnebres em Yorkshire, como atesta o gráfico X. Como é possível observar, aproximadamente 90% de todos os casos ocorrem exclusivamente em tumbas femininas e, até hoje, não há um caso sequer onde uma conta tenha sido encontrada junta a indivíduos do sexo masculino, embora 5 casos não puderam ter seu sexo avaliado por conta do estado das ossadas e por apresentarem contraindicações em suas estruturas. É plausível, portanto, que contas estivessem fortemente associadas, em diferentes níveis (de modo quase exclusivo), a atributos de feminilidade.

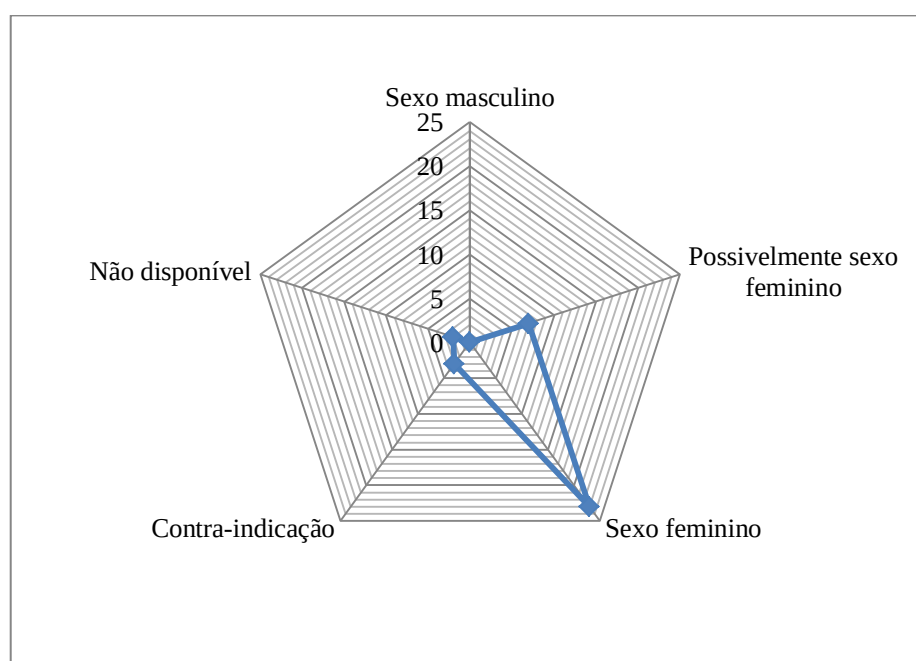


Gráfico 7.4. Sexo das ossadas com contas

A maior parte das tumbas revela ainda que contas aparecem quase sempre juntas a demais itens de mobiliário fúnebre. Dos 30 enterramentos com contas (de vidro, azeviche e âmbar), 22 deles contavam também com um ou mais artigos depositados nas covas. Tais deposições poderiam incluir itens de banquete no formato de jarros de cerâmica com ossos de ovelhas (R2, R16, BF19, WS277), broches (A4, WS155, WS236, WS270), carros (WV1), pingentes (A4, W57) e até outros itens fortemente associados ao gênero feminino como braceletes (A4, DG81, CW.B, WS210, WS155). Esses últimos são particularmente interessantes já que reforçam ainda mais uma associação com um universo de projeções identitárias femininas.

Contas são majoritariamente encontradas em enterramentos de tipo-A, embora sua presença também tenha sido identificada em dois enterramentos de tipo-D em Wetwang Slack e um enterramento de tipo-C em Wetwang Village. Curiosamente, nenhum caso até os dias atuais foi encontrado em tumbas de tipo-B, o que indica que talvez elas tenham gradualmente entrado em desuso em momentos mais tardios (ao menos enquanto ofertas funerárias), ou que, de modo alternativo e complementar, em torno do século I a.C. transformações tenham ocorrido nas maneiras de se sinalizarem atributos de gêneros fazendo com que tais itens tenham se tornado inadequados. Essa última possibilidade interpretativa dialoga com a realidade material encontrada em outras tumbas de tipo-B, como as que contêm itens de tecelagem e metalurgia, reforçando a ideia de que enterramentos desse tipo marcam não só mudanças funerárias, mas, também, de identidades masculinas e femininas (cf. **Capítulo 10**).

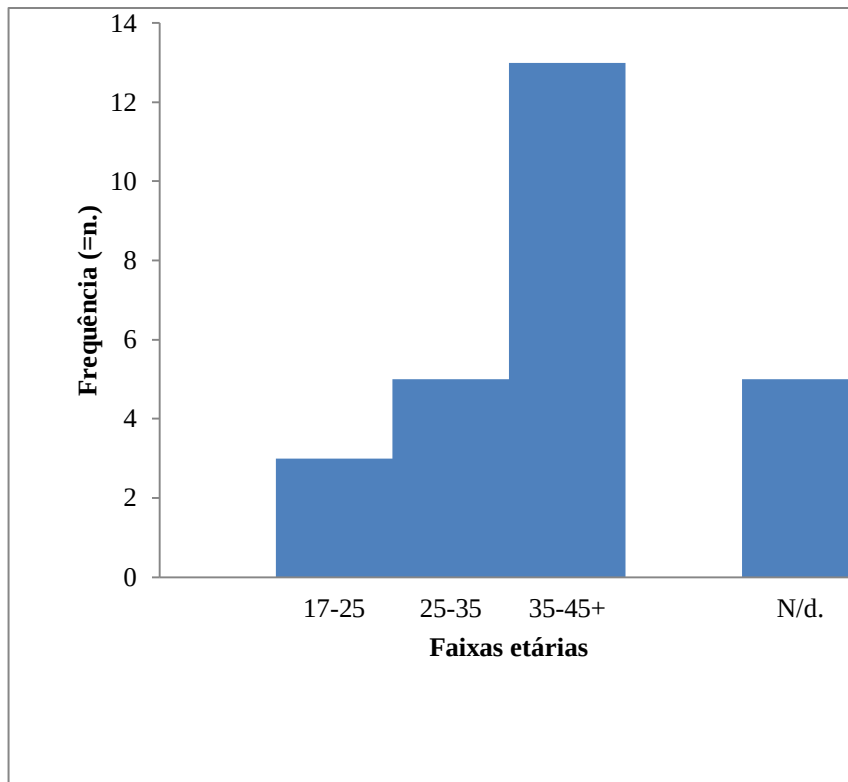


Gráfico 7.5. Distribuição de contas por grupos etários

A análise sistemática da distribuição de contas nas tumbas em Yorkshire revela ainda um forte padrão de deposição associado a atributos etários. E duas realidades (complementares) podem ser aí identificadas. Em primeiro lugar, há uma relação de equivalência entre progressão etária e a quantidade de deposições. Isto é, na medida em que mulheres envelhecem e progridem em idade, elas se tornam mais propensas a serem sepultadas com preciosos colares, ou contas individuais. Em segundo lugar, como consequência de tal realidade, o número de mulheres enterradas com tais itens em idades avançadas (com 35-45+ anos) é exponencialmente maior do que cada uma das faixas etárias anteriores, e continua a ser maior até mesmo se forem somados os valores para os grupos entre 17-25 e 25-35 anos. Consequências da prevalência de contas em tumbas de mulheres com idade avançada podem ser identificadas também em outros níveis do tratamento funerário. Por exemplo, praticamente todas as mulheres em idades avançadas encontradas com contas tiveram seus corpos cuidadosamente depositados dentro de caixões de madeira.⁵⁰ Não obstante, cerca de 90% dessas sepulturas contavam

⁵⁰ Em três casos esses caixões estavam preservados e ainda visíveis (WS102, WS270, WS274), em um quarto caso a caixa de um veículo foi invertida e utilizada como 'caixão' para a mulher morta (WV1), e em outras seis ocorrências a presença de caixões pode ser inferida (com bases nas posições dos achados e

também com trincheiras delimitadoras que assinalavam as tumbas, e mais da metade das mulheres (c. 60%) foram enterradas em covas profundas.

Parece, portanto, claro que contas estivessem fortemente associadas aos atributos sexuais e etários de gênero. Esse é um ponto também ressaltado por Giles (2012), tendo defendido que não só esses objetos como a própria cor azul em si talvez estivessem diretamente associada a um universo feminino. A partir de analogias arqueológicas e etnográficas, a autora levantou uma série de significados e funções possíveis para tais itens. Entre os principais pontos levantados em sua análise estão a possibilidade das contas terem funções apotropaicas (afastando males em momentos decisivos), ou desempenharem um simbolismo associado aos ciclos femininos e à fertilidade (GILES, 2012, p. 149). Elas poderiam, ainda, funcionar como um item estratégico para cimentar relações (como pequenos presentes, ou uma forma de se pagarem débitos simbólicos), ou simplesmente serem adornos seletos e especiais que destacariam a importância de determinadas mulheres em suas comunidades (e/ou em seus grupos familiares, ou ainda filiações diversas às quais pertencessem) (*idem*).

É provável ainda que muitas dessas contas desempenhassem uma poderosa função mnemônica. Esse parece ser o caso de diferentes contextos da pré-história europeia, mesmo em cronologias anteriores, como a Idade do Bronze, onde colares de azeviche eram utilizados e depois partidos, e as contas redistribuídas e ofertadas como presentes, como destaca Woodward (2002) e Giles (2012) a partir de uma leitura de Barrett (1994, p. 122). Essa, contudo, não é uma possibilidade teórica visível apenas a partir do material encontrado nas Ilhas Britânicas; pelo contrário. A probabilidade de contas atuarem como dispositivos mnemônicos é reforçada ainda por outros estudos em relação a demais itens de ornamentos pessoais, como aquele, por exemplo, realizado por Skeates (2010) a respeito da cultura material encontrada no quarto e terceiro milênios a.C. no sudeste da Itália. Embora o contexto estudado seja geográfica e cronologicamente distinto daquele aqui discutido, as conclusões traçadas por Skeates

traços deixados no solo) indicando a possibilidade de sua presença. Assim, com a exceção de um único enterramento (BF19), a quase totalidade de mulheres com contas em idade avançada (+35 anos) foram enterradas dentro de caixões.

são relevantes, já que o autor demonstra que, frequentemente, em momentos de aumento de competitividade e instabilidade socioeconômica, itens de adornos pessoais são utilizados como dispositivos mnemônicos, articulando noções de associação, pertencimento, coletivo, exibição, afiliação, poder, inspeção, distanciamento e determinados atributos estéticos, fazendo com que pessoas (re)lembrassem de aspectos que ajudassem a manter determinada identidade ou senso de coesão social (SKEATES, 2010, p. 79–80).

Todas essas possibilidades interpretativas parecem se adequar de certo modo aos achados em Yorkshire, onde em determinados casos apenas uma única conta foi depositada na cova junto aos mortos, indicando que talvez sua função fosse de natureza simbólica, atestando uma série de conexões construídas entre indivíduos, através da deposição de um objeto que talvez tenha passado de mãos em mãos, possivelmente, até mesmo, entre pessoas de diferentes gerações. Além disso, um caráter igualmente mnemônico pode ser observado em tumbas onde várias contas, nos formatos de colares, foram encontradas. Isso porque a natureza composta dos colares encontrados atesta que muitos deles eram constituídos por conjuntos de contas distintas, reunidas em um único colar, criando um objeto híbrido. Esse é um dos motivos, inclusive, pelos quais alguns autores como Foulds (2017) acreditam que contas talvez sejam melhor interpretadas, não em termos de gênero, mas, sim, de conexões interpessoais.

Foulds discorda, assim, da hipótese levantada por Giles de que a cor azul poderia estar associada a atributos sexuais/etários e argumenta que a prevalência da coloração azulada reflete apenas uma preferência regional, em East Yorkshire, por contas desse tom, defendendo ser inefetivo o estudo de uma região por si, sem levar em consideração os demais contextos de achados nas Ilhas Britânicas – devido à ausência de inumações na escala de Yorkshire em demais regiões, tais padrões são mais difíceis de serem identificados e/ou dados como inexistentes (FOULDS, 2017, p. 140–145). Mais do que gênero, para Foulds, “talvez, o que estava sendo refletido é a rede de conectividade entre indivíduos” e, portanto, “a raridade dessas contas em contextos com inumações (...) sugere que os indivíduos enterrados com elas teriam se destacado contra os demais de suas comunidades devido à sua vestimenta” e seus adereços (FOULDS, 2017, p. 145, 142 respectivamente). O ponto de vista levantado por Foulds é extremamente válido e nos lembra de que a realidade observada em Yorkshire faz parte de contextos maiores

de achados e atestam uma série de conexões individuais e comunitárias construídas em diferentes níveis através da manipulação de contas. No entanto, aqui, nos deparamos com um problema: se contas auxiliavam a destacar determinados indivíduos e a melhor forma de interpretá-las, como Foulds (2017) argumenta, seria a de encará-las antes de tudo como símbolos da materialização de redes de conectividade (muito mais do que indicadores de atributos de sexo/idade), por que, então, em Yorkshire, essas contas são encontradas, sistematicamente, um caso após o outro, apenas em enterramentos de mulheres adultas? Independentemente de terem sido um bem pessoal ou um presente fúnebre, fica a pergunta: por que, então, enterrá-las com mulheres? E mais ainda: já que se trata de símbolos de conectividade, por que elas não ocorrem junto ao setor masculino da população ou ainda junto às crianças?

Acredito que as possibilidades discutidas por Giles (2012) e Foulds (2017), embora não aparentem, sejam mais complementares do que excludentes. Seria um equívoco ignorar que as contas encontradas em Yorkshire fossem imbuídas de um forte simbolismo de gênero, dissociando-as da sinalização de atributos sexuais e etários. Possivelmente esse simbolismo estava imbuído em outros tipos de simbolismos visuais relacionados a atributos de fertilidade, proteção ou senioridade, provavelmente em conexões com momentos marcantes da vida feminina como a primeira menstruação, a gravidez ou a menopausa. Embora a natureza relativamente escassa de inumações para demais territórios bretões antigos ainda levante dúvidas em relação à existência de construções semelhantes para outras regiões, a presença de elaborados colares com contas azuladas em tumbas continentais femininas oferece uma pista de que talvez essa fosse uma prática (e uma associação) comum a diferentes comunidades da Idade do Ferro europeia.

A realidade encontrada no Continente, nas tumbas de *Hallstatt*, no entanto, atesta que as noções de gênero articuladas a tais objetos eram distintas daquelas encontradas em Yorkshire. Isso porque colares continentais são encontrados quase exclusivamente em tumbas de meninas e mulheres em idades jovens e, curiosamente, mulheres de idade avançada não estavam associadas a eles (REBAY-SALISBURY, 2016a, p. 78). É provável, portanto, que eles estivessem muito mais atrelados a atributos de fecundidade, nesses contextos, o que explicaria o porquê de tais deposições ocorrerem apenas junto a pessoas do sexo feminino em idades férteis.

Em Yorkshire, no entanto, encontramos uma realidade distinta. Acredito que as contas encontradas reforcem a ideia de que algumas mulheres estavam sendo ancestralizadas em morte. A ocorrência desses itens parece ter se dado, na maioria dos casos, apenas entre mulheres consideradas, que atingiram determinados critérios especiais: talvez, figuras consideradas cruciais para a manutenção ou até mesmo a própria existência de determinadas pessoas, famílias ou redes de contatos. Esse é um ponto reforçado por dois aspectos. Primeiro: muitos dos enterramentos de mulheres com colares em idades avançadas parecem ter se tornado uma espécie de ponto de referência na paisagem fúnebre, atraindo um conjunto de inumações posteriores em seu entorno (GILES, 2012, p. 79).

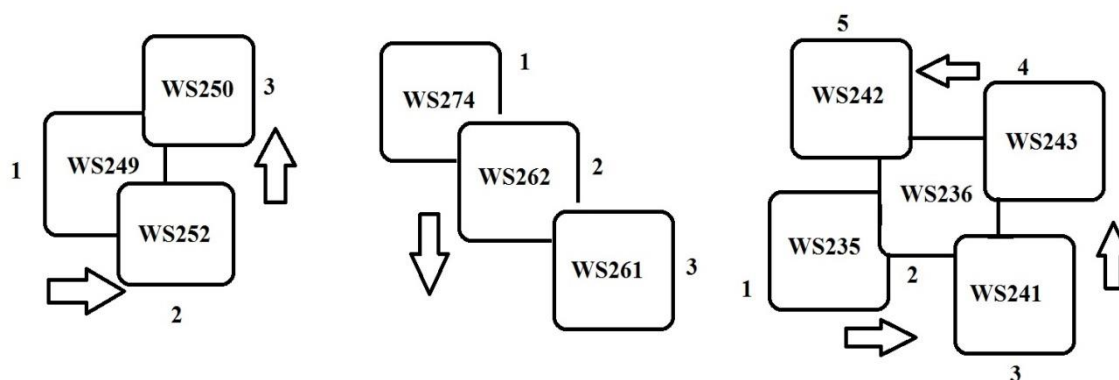


Gráfico 7.6 : Relação de algumas tumbas com contas encontradas no cemitério de Wetwang Slack. Baseado na esquematização relacional proposta por Giles (2012, p. 79) com base nas estratigrafias registradas por Dent (1984). Legenda: WS249 (tumba com 75 contas azuis de uma mulher com 35-45a) é cortada por WS252 e posteriormente por WS250. WS274 (49 contas azuis, mulher com 35-45a) é cortada por WS262 que por sua vez é cortada por WS261. WS236 (77 contas azuis, mulher com 35-45a) se torna epicentro para três outras tumbas WS241-243 que a cortam.

Segundo: os demais itens do mobiliário fúnebre encontrado em tumbas com contas, que poderia incluir carros e artefatos raros como um espelho (tal qual ocorre em WV1), ou ossadas animais atestando a prática de um banquete fúnebre (como em WS277 e BF19) ou itens que apresentavam fortes conexões com uma identidade feminina (como braceletes), são todos indícios que atestam, de diferentes maneiras, que essas mulheres foram celebradas após sua morte pelos membros de suas comunidades. Os enterramentos com contas nos revelam, portanto, não apenas um padrão consistente de deposições fúnebres associadas a atributos sexuais e etários de gênero, como nos

revelam também que determinadas atitudes especiais foram construídas em relação a certas mulheres em idades mais avançadas.

7.3. Enterramentos com braceletes

Enterramentos com braceletes foram encontrados em números relativamente semelhantes em escavações modernas e antiquárias. Eles se encontram distribuídos em diferentes cemitérios dos Wolds em tumbas encontradas em Arras (n.=9), Danes Graves (n.=5), Middleton-on-the-Wolds (n.=1), Cowlam (n.=2), Rudston e Burton Fleming (n.=8) e Wetwang Slack (n.=13), totalizando 38 ocorrências. Braceletes são de particular interesse arqueológico já que existem, ainda hoje, poucos paralelos nas Ilhas Britânicas para os itens encontrados em Yorkshire. Essa é uma realidade particularmente observável a partir de critérios tipológicos em que determinados modelos de braceletes, como aqueles de encaixe (tipo-4, *mortice and tenon*), só costumam ser encontrados em determinadas áreas da Europa, como a região da Burgúndia e a Boêmia, atestando inspirações e circulações (de ideias, estéticas, tecnologias e pessoas) entre comunidades longínquas a partir de redes de contatos durante a Idade do Ferro (STEAD, 1979, p. 75). Apesar de tais semelhanças, a confecção dos itens encontrados nas tumbas de Yorkshire atesta uma produção local que poderia incluir diferentes matérias-primas, técnicas de embelezamento e tipologias regionais.

Em termos de matérias-primas a maior parte dos artefatos encontrados nos Wolds foram feitos à base de liga de cobre. Essa é uma realidade observável tanto nas escavações realizadas durante as últimas décadas como naquelas que tomaram lugar no séc. XIX. Embora os números de achados desse tipo, advindos da Idade do Ferro em solo bretão, sejam relativamente baixos, braceletes costumam fazer parte de um item de ornamento corporal relativamente comum durante a Idade do Bronze Tardia, sendo possível observar algumas distinções entre aqueles encontrados no norte bretão e na Irlanda e os das regiões do sul bretão e áreas adjacentes do continente (SHARPLES, 2010, p. 91). Existe, portanto, a possibilidade de que esses artefatos estivessem

diretamente associados com identidades regionais e carregassem certo tributo de tradição.

Esse aspecto tradicional é ainda reforçado a partir do uso de determinadas matérias-primas para a confecção desses itens. Os braceletes feitos a partir de pedras de azeviche encontrados em Danes Graves (DG2), Burton Fleming (BF9) e Rudston (R2, R59) revelam que alguns desses artigos eram confeccionados com substâncias minerais locais que, por sua vez, poderiam ser coletadas em áreas costeais próximas como Whitby. Stead (1979, p. 77) destaca, ainda, que braceletes desse tipo foram encontrados em diferentes assentamentos de Yorkshire como Staple Howe, Grimthorpe e Cowlam, revelando uma tradição de manufatura relativamente antiga e bem estabelecida. Um caso notável encontrado em uma tumba de Wetwang Slack (WS60) revelou ainda que, por vezes, a confecção desses objetos poderia combinar uma série de técnicas e saberes distintos nos quais anéis de azeviche foram habilmente combinados com bronze, forjando um objeto composto a partir de duas substâncias completamente distintas, em um testemunho de maestria de determinadas habilidades técnicas (DENT, 1984, p. 168; GILES, 2012, p. 142).

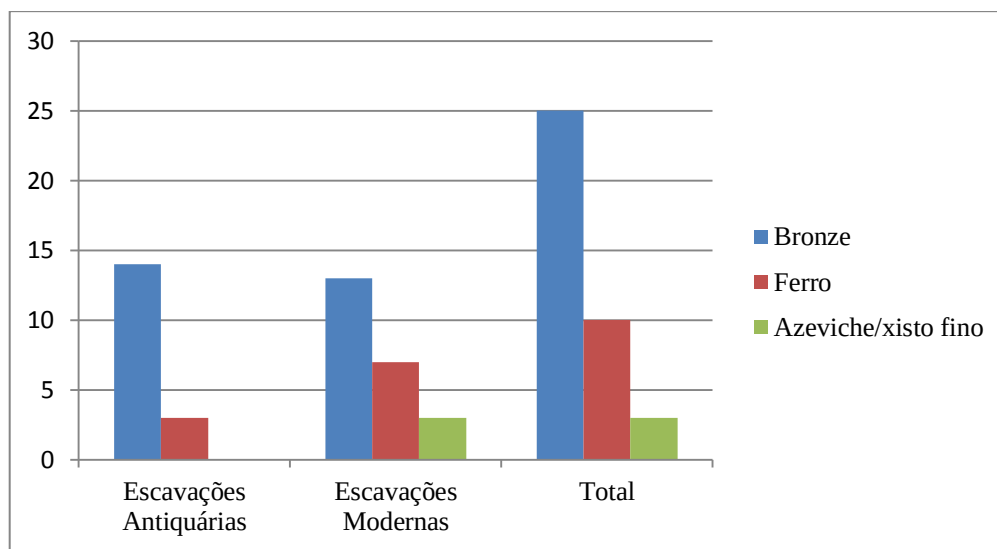


Gráfico 7.7. Quantidade de braceletes com base em seus tipos e nos momentos em que foram escavados.

Tal como alguns outros artefatos de adorno, como contas e broches, braceletes costumam ser encontrados desde os primeiros estágios de desenvolvimento de muitos cemitérios, entre os séculos IV-III (Cf. DENT, 1984, p. 61–2 para distribuição cronológico-espacial desses artefatos em Wetwang Slack). Diferentemente dos cemitérios encontrados no continente, no entanto, onde braceletes representam os itens de adornos corporais mais comuns (de 1 a 4 por pessoa) durante boa parte da Idade do Ferro, desde o período Hallstatt tardio e boa parte do período de LaTène (BELARD, 2014, p. 184–85), em Yorkshire esses itens aparecem apenas em números singulares e/ou em duplas e nunca mais de dois achados por pessoa foram encontrados até os dias atuais. Além disso, como Stead (1991, p. 91) destaca, esses itens parecem ter gradativamente saído de moda na região com o passar do tempo e aqueles encontrados em momentos tardios costumam ser em sua maior parte feitos de ferro. Os braceletes encontrados em Yorkshire podem ser divididos em quatro modelos distintos, que incluem:

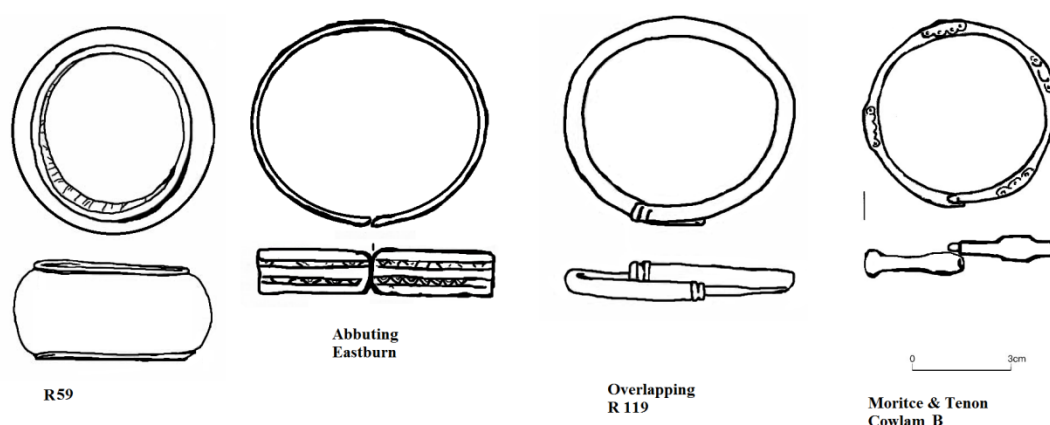


Fig. 7.3 Tipos de braceletes encontrados durante a Idade do Ferro em Yorkshire. *Fonte:* o autor.

- Tipo-1: braceletes sólidos, feitos sem abertura ou pontas soltas (como aqueles encontrados em R59 e WS137, por exemplo);
- Tipo-2: braceletes com terminais que se tocam, onde os terminais do artefato estão no mesmo nível e encostam um no outro (por exemplo, WS132, WS133);
- Tipo-3: braceletes com terminais sobrepostos, onde os terminais do artefato estão em níveis diferentes sobrepondo-se um ao outro (por exemplo, A12, BF10 e WS155);

- Tipo-4: braceletes com encaixe, onde os terminais apresentam um sistema de fivela ou encaixe possibilitando ao artefato ser preso (por exemplo, W24, A4, A6, BF11, WS236).

(cf. para tipologias DENT, 1984, p. 60)

Decorações e acabamentos especiais costumam adornar o corpo desses itens. Essas técnicas de embelezamento podem incluir tanto desenhos estilizados ou padrões gravados na superfície de alguns desses artefatos (como é o caso dos encontrados em W43, A8 e BF10). Em outros casos, uma distinta coloração avermelhada era empregada de diferentes formas: às vezes aplicando um esmalte vítreo avermelhado (como um dos braceletes encontrados em Arras W.24), outras vezes através de engastes de substâncias avermelhadas (como o segundo bracelete encontrado em Arras W.24, e aqueles de A.4, A.6) e ainda até mesmo com coral e conchas marinhas (como ocorre em WS160). Embora sejam raros, devido ao estado de conservação dos achados, alguns itens revelaram, inclusive, que poderiam combinar materiais orgânicos em seus adornos, como em um caso em que uma linha possivelmente feita de fibras vegetais ou de pelo branco de um cavalo foi encontrada e outro em Middleton, onde duas contas de ossos foram anexadas ao objeto (BREWSTER, 1980; SHEPPARD, 1923). Embora muitos dos itens de adorno encontrados em braceletes ao longo do séc. XIX tenham se perdido e não constem mais nos registros atuais de que dispomos, uma série deles foi devidamente registrada em detalhes por antiquários. Um excelente exemplo nesse sentido ocorre em uma tumba em Arras onde Thurnam (1872, p. 474–75) não só descreve que os espaços encontrados no corpo do bracelete foram preenchidos por botões de esmalte vítreo vermelho, como também chega a publicar um desenho do bracelete, permitindo que ele seja comparado com o artefato que hoje se encontra no museu e demais itens do tipo encontrados em escavações modernas.

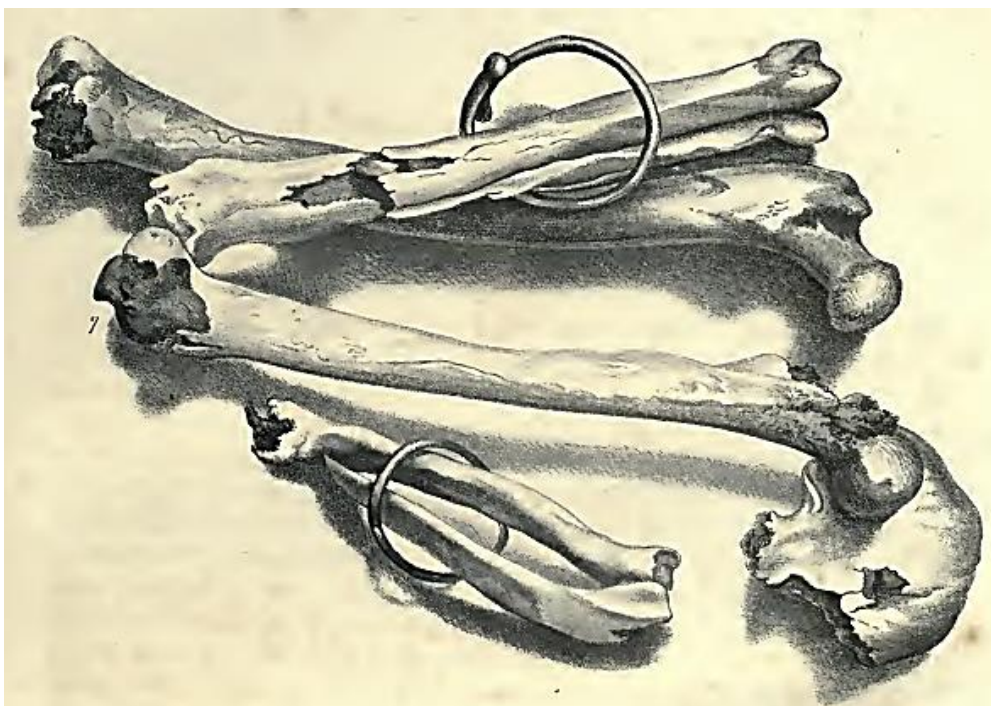


Fig.7.4 Dois braceletes encontrados em Arras (A12). *Fonte:* Thurnam, 1872.

Uma questão sempre válida de ser investigada diz respeito à natureza de confecção dos itens que compunham o mobiliário fúnebre. Isto é, teriam sido esses objetos exclusivamente feitos para o funeral, ou será que eles já haviam sido utilizados previamente, talvez pela pessoa morta ou seus familiares? Os braceletes, infelizmente, não apresentam uma única resposta ao problema. Ao contrário, nos deparamos com diferentes histórias que atestam distintas biografias de uso. Por exemplo, o bracelete encontrado em Arras A9 tinha ótima aparência e não demonstrava quaisquer sinais de uso. Já o encontrado em Cowlam CW.L estava tão desgastado que os motivos decorativos ao longo de seu corpo mal podiam ser distinguidos com exatidão (GREENWELL, 1877, p. 208, 1906, p. 256). Fortes sinais de uso também foram identificados em um bracelete em Eastburn e em Arras (W.24), onde, neste último caso, o artefato em questão chegou até mesmo a ser submetido a um tratamento à base de polimento/platina a fim de compensar seu desgaste (STEAD, 1979, p. 73–75). Dois braceletes encontrados com um esqueleto em Burton Fleming (BF10) apresentavam ornamentos semelhantes, mas sem serem idênticos, e suas estruturas atestam que eles não eram um par exato, tendo medidas distintas (59x64mm e 57x58mm). É possível, portanto, imaginar que, nesse caso, ambos os objetos tivessem sido previamente usados, talvez até mesmo com usos distintos, compartilhando uma mesma origem (como se, por

exemplo, tivessem sido adquiridos em dois momentos diferentes, ou pertencido a duas pessoas diferentes em um mesmo grupo familiar, e herdados ou ofertados como presentes fúnebres à pessoa morta). Essa, talvez, seja a realidade em particular de enterramentos como A12 e DG46 (“a” e “e”), enterramentos duplos/coletivos que revelaram mais de um esqueleto com esses itens (*discutidos a seguir*). Os dois braceletes encontrados em WS60 também eram distintos, não só em sua estrutura como ainda em seus materiais: um deles era feito de ferro, o outro, de azeviche e bronze. Não há assim uma única regra que se aplique a todos os braceletes encontrados, em relação à sua utilização.

Nenhuma diferença identitária de gênero pode ser observada com bases tipológicas, ou nos materiais e estéticas empregadas na confecção desses artefatos. Seus usos, igualmente, não revelam quaisquer distinções específicas, e dentre os 23 casos em que a posição desses artefatos pode ser identificada com precisão, 10 deles foram encontrados no antebraço direito e 13 deles, no esquerdo. Contudo, os braceletes encontrados em Yorkshire nos revelam, sim, um conjunto de fortes associações de gênero, se vistos em conjunto. Apesar de três indivíduos enterrados com braceletes não poderem ter seus sexos determinados (R2, R59, BF61a), a esmagadora maioria dos esqueletos submetidos a avaliações osteológicas modernas revelam que esses itens são quase sempre encontrados em sepulturas de indivíduos do sexo feminino. Apenas um único caso até os dias atuais, em WS160, nos ofereceu um esqueleto do sexo masculino encontrado com esse tipo de artefato (discutido em detalhes no **Capítulo 11**). É provável que o número de enterramentos femininos seja ainda maior se contarmos com análises forensicas para os casos escavados no século XIX. Seja como for, as recorrentes combinações visíveis em muitas tumbas onde esses itens são descobertos juntos a pentes e contas de azeviche (DG2), ou a elaborados colares de contas azuladas (A4 “Queen’s Barrow”, CW.B, WS155, WS210, WS236), atestam que braceletes, não só estavam associados a indivíduos do sexo feminino, como poderiam ainda desempenhar um importante papel sinalizador de gênero, já que todos eles são diretamente associados ao gênero feminino em contextos funerários na região (Cf. item 7.2).

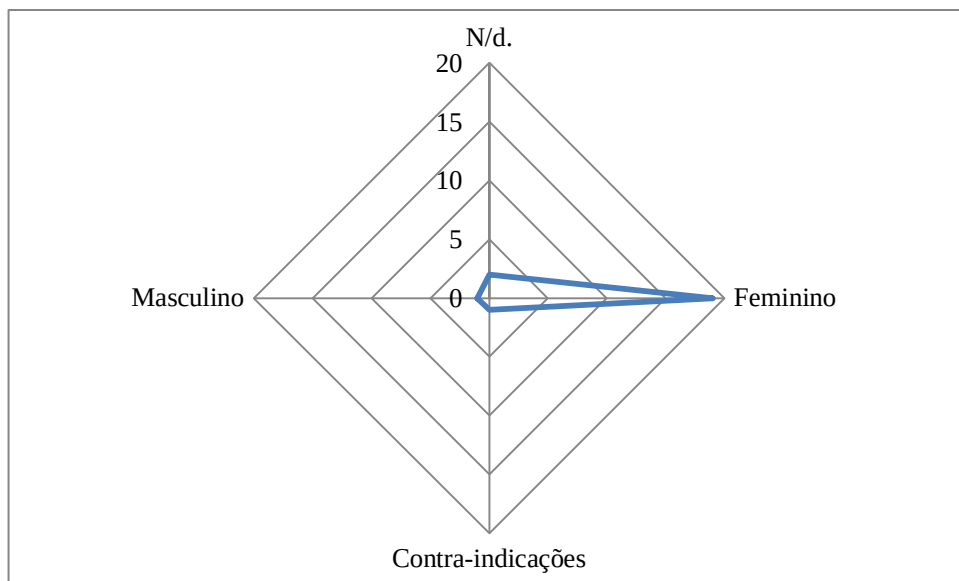


Gráfico 7.8. Sexo das ossadas com braceletes

Como ocorre com outros artefatos, é possível identificar um padrão de deposição crescente orientado a partir de atributos etários. Há uma constante progressão da frequência desses achados relacionada a determinadas faixas etárias e, em Yorkshire, o maior número de ocorrências nesse sentido se dá junto a mulheres em idades avançadas, conforme atesta o gráfico. Talvez, braceletes fossem adquiridos em alguns casos quando indivíduos atingiam determinados atributos sociais ou completavam certos ritos de passagem ou ciclos de vida, e é possível que eles funcionassem como marcadores não só de importância, conferindo uma aparência especial aos seus portadores, mas também como indicadores sociais, atestando pertencimentos familiares ou realizações pessoais, por exemplo.

Apesar de suas fortes conexões etárias, em dois casos eles foram encontrados juntos a indivíduos de idade jovem. Um desses casos é a inumação de BF61a, cuja idade não pôde ser estimada, tendo sido classificada como “?subadulta” com base nos poucos vestígios ósseos encontrados (STEAD, 1991, p. 219), provavelmente de um indivíduo com idade (nos dias atuais considerada como) “adolescente” (podendo, portanto, se tratar de um adulto para a época). Próximos ao esqueleto foram encontrados ainda um broche à altura do peito, duas contas feitas de liga de cobre ao norte do crânio e um anel de pedra próximo ao pé. O segundo caso ocorre em Danes Graves, onde um bracelete de

ferro foi achado junto a uma criança de 4-6 anos (MORTIMER, 1897b, p. 4–5) no enterramento de DG46a (Cf. **Capítulo4**). Embora ambos os casos apresentem desvios aos padrões de deposição, eles possuem uma coisa em comum: o fato de serem enterramentos coletivos. Isto é, ambos os braceletes encontrados em BF61a e DG46a são encontrados em tumbas onde mais de um indivíduo foi sepultado⁵¹.

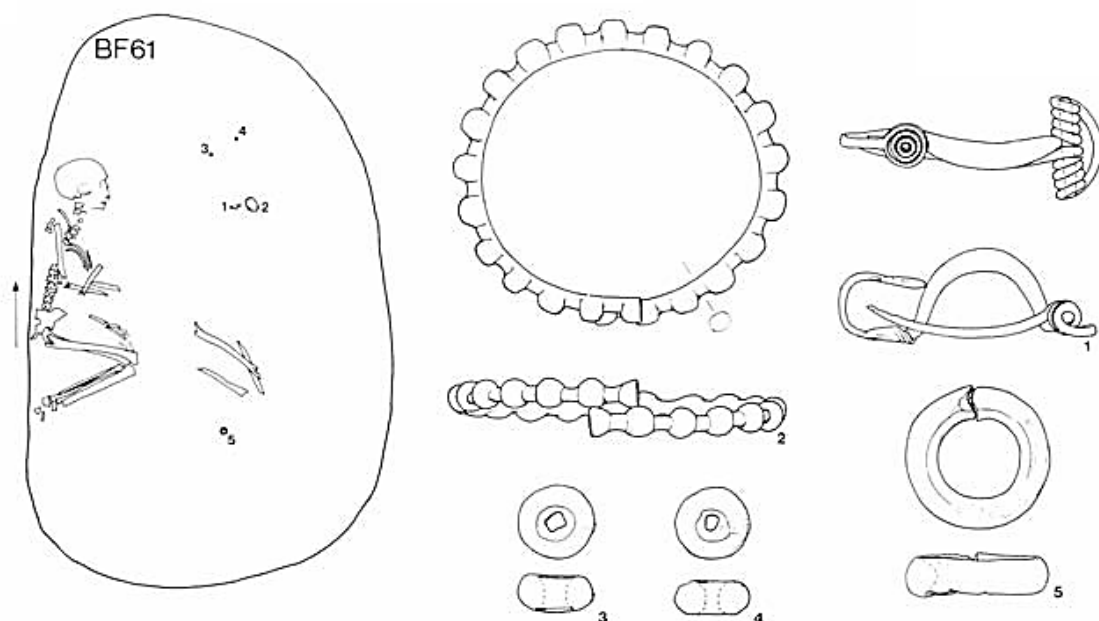


Fig. 7.5 Enterramento duplo de BF61. *Fonte:* Stead, 1991. Os itens encontrados incluem: [1] um broche; [2] um bracelete, [3-4] duas contas de liga de cobre, [5] um anel.

Além disso, ambas as tumbas parecem ter contido indivíduos do sexo feminino em idade avançada: em BF61 uma mulher (BF61b) de 35-45 anos compartilhava a cova com inumação descrita anteriormente, e em DG46 quatro outros esqueletos foram encontrados sob o mesmo montículo (a maior parte deles, crianças), mas uma das ossadas parece corresponder à de uma mulher de idade avançada e em seu braço direito

⁵¹ Um terceiro caso poderia ser proposto para um enterramento encontrado em Arras, onde um enterramento duplo foi identificado, e um dos esqueletos parece ter sido sepultado com uma tornoeleira (semelhante a um bracelete), tendo sido o outro esqueleto “aparentemente muito mais jovem” encontrado com um bracelete (OLIVER, 1829, p. 4). Esse é o único enterramento onde um adorno de tornozelo foi encontrado e é possível que, talvez, se os ossos estivessem misturados, se tratasse na verdade de um segundo bracelete equivocadamente tido como uma tornoeleira. Nenhuma estimativa de idade ou sexo dos enterrados foi feita. Os artefatos (ambos de tipo-3) e sua localização atestam que os achados correspondiam de fato a uma tumba da Idade do Ferro, mas como o relato é vago e nenhum material ósseo sobreviveu aos dias atuais (ou foi registrado em maiores detalhes), a tumba de A12 serve apenas como uma provável analogia, nesse caso, onde novamente um subadulto com bracelete foi enterrado na companhia de um adulto (com item semelhante).

foi encontrado um bracelete de bronze. Podemos observar, assim, que embora se tratem de dois casos especiais, sobretudo em termos etários, ambas as ocorrências parecem dialogar com a realidade maior dos achados e atestarem certa conexão com o gênero feminino. Os achados de Danes Graves parecem sugerir, até mesmo, um conjunto de expectativas identitárias, familiares e de gênero, projetadas a alguns membros mais jovens da população.

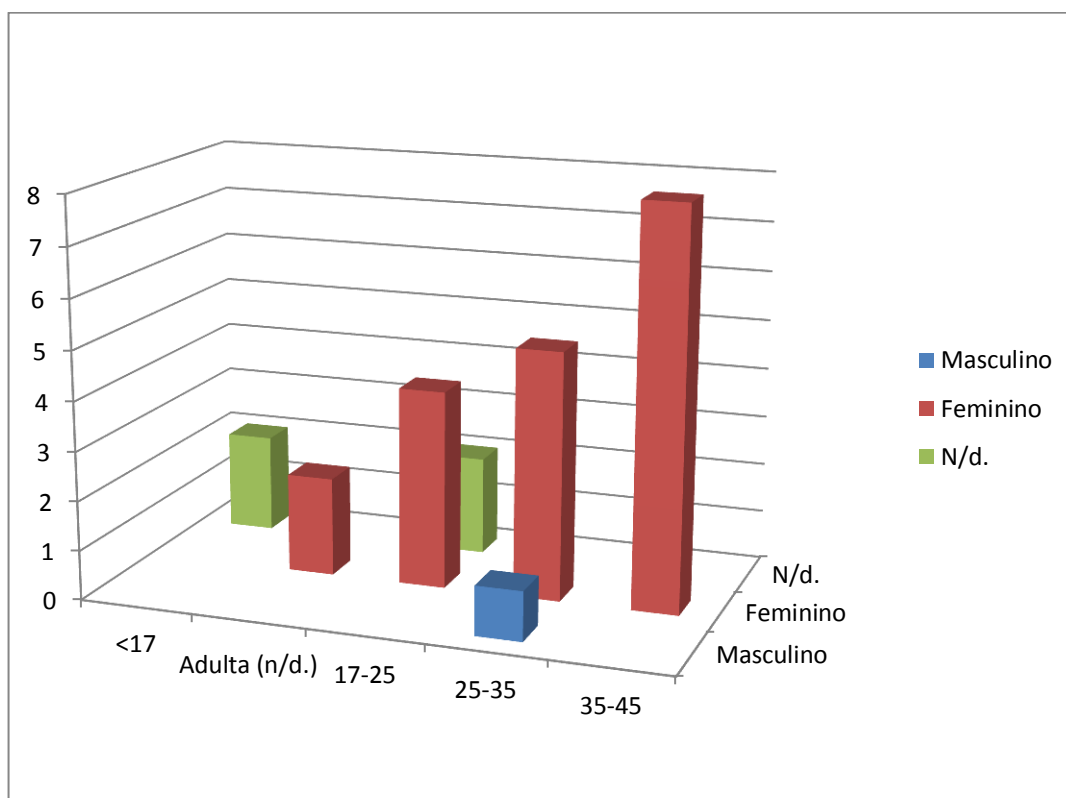


Gráfico 7.8: Distribuição de braceletes por grupos etários e sexo

Em Yorkshire nos deparamos, portanto, com uma realidade distinta daquela encontrada em outras regiões durante a Idade do Ferro. Nas tumbas de Hallstatt, por exemplo, braceletes são frequentemente encontrados em tumbas infantis a ponto de serem historiograficamente utilizados como critério de distinção arqueológico com base em suas medidas para identificar se o enterramento correspondia ao de um adulto ou de uma criança, em ocasiões em que os esqueletos não estavam preservados (REBAY-SALISBURY, 2016a, p. 81). Além disso, é importante notar que nenhuma das tumbas aqui discutidas possui qualquer conexão com uma esfera marcial, nem mesmo o

enterramento de WS160, onde o bracelete foi encontrado junto a um indivíduo do sexo masculino. Esse é um dado importante, porque cemitérios contemporâneos aos aqui discutidos na Europa, por vezes, revelam armas e carros sendo enterrados junto a pessoas do sexo masculino, que usavam braceletes (HARDING, 2016, p. 225). Talvez a diferença mais extrema da realidade material encontrada em Yorkshire seja a de uma tumba encontrada em Vrigny (na região do Marne, França). No enterramento de número 25 uma criança foi enterrada com um bracelete em seu braço direito, acompanhada de dois broches, três vasos de cerâmica, um torque em seu pescoço e, ainda, uma lança (CHOSSENOT; NEISS; SAUGET, 1981).

Esses casos nos revelam diferenças que vão para além da esfera de usos distintos de adereços corporais. Eles atestam que diferentes simbolismos particulares e associações identitárias entre determinados artefatos e pessoas estavam sendo construídos de maneiras distintas por comunidades contemporâneas em diferentes regiões. Além disso, suas ocorrências em contextos fúnebres nos oferecem fortes indícios sobre como noções de prestígio, poder e reconhecimento social estavam sendo orquestradas durante funerais. Em determinadas áreas do continente, crianças são enterradas com equipamentos de banquetes, adornos pessoais elaborados e equipamentos marciais, talvez como reflexo de expectativas por parte de seus familiares, esperando que elas possam crescer no “Outro-mundo” e vir a desempenhar todos esses papéis em algum momento, talvez como uma forma de assinalar a tristeza de sua perda tão jovem e ao mesmo tempo ressaltar a riqueza e o poder das famílias e dos circuitos às quais pertenciam em vida. Em Yorkshire, por outro lado, as deposições se dão de modo muito mais restrito e seletivo. Em determinadas situações, como ocorre em relação aos braceletes, elas estão fortemente orientadas por atributos sexuais e princípios etários. Braceletes, especificamente, no entanto, também aparecem em tumbas de alguns indivíduos mais jovens, porém até os dias atuais eles sempre foram encontrados em enterramentos duplos ou coletivos, nos quais outros indivíduos com braceletes e/ou do sexo feminino em idade avançada foram enterrados nas mesmas sepulturas, reforçando um princípio identitário relacional. Se vistas em conjunto, as tumbas com braceletes atestam que a capacidade de uma pessoa envelhecer, mostrando seu valor à sociedade e marcando um vínculo entre gerações, parece ter sido especialmente valorizada na região, como indica a alta frequência de achados em tumbas de pessoas de idades avançadas.

8. Identidades armadas

Tumbas com deposições de armamentos

Uma parcela dos enterramentos escavados em Yorkshire revelaram armas em seus interiores. Embora amplamente mencionadas, em especial a partir de um caráter descritivo de seus itens, essas tumbas permanecem ainda pouco investigadas do ponto de vista histórico-social. Inumações acompanhadas por armamentos são quase sempre interpretadas à luz de relatos clássicos greco-latinos como reflexo de uma “sociedade bárbara” guerreira, criando uma visão cristalizada e simplista a respeito das projeções identitárias sinalizadas a partir de tal mobiliário fúnebre. Armas afinal de contas não são apenas objetos marciais para fins bélicos: sua deposição, sobretudo em contextos funerários, transforam tais objetos em elementos poderosos dentro de um sofisticado sistema simbólico de valores de projeções e reivindicações sociais (THEUWS, 2009, p. 307). A seguir serão discutidos os enterramentos que contavam com armas tanto em seu sentido tradicional, isto é, enquanto mobiliário fúnebre, como aqueles nos quais armas – mais especificamente lanças – foram utilizadas de modo performático sendo arremessadas contra as covas durante o funeral.

8. 1. A panóplia como mobiliário fúnebre

8.1.1. Introdução

Enterramentos com armas são, provavelmente, uma das modalidades de sepultamento mais discutidas em termos historiográficos. Tradicionalmente, eles costumam atrair a atenção de pesquisadores em diferentes contextos, sendo associados a uma elite aristocrática guerreira. Muitos dos estudos realizados em relação a esse tema dialogam com o influente e seminal trabalho de Treherne (1995), que apresentou a emergência de identidades guerreiras como um fenômeno social pan-europeu de longa duração (Cf. FRIEMAN et al., 2017). No entanto, para a Idade do Ferro em geral, essas projeções modernas são ainda reforçadas pela imagem mental do bárbaro “celta” belicoso que habita o imaginário contemporâneo, fazendo com que, frequentemente,

tumbas com itens de panóplia sejam discutidas à luz de tais pressupostos. A própria terminologia utilizada pela historiografia para discutir tais enterramentos parte do princípio de que os indivíduos enterrados pertenciam a uma classe guerreira e haviam sido, automaticamente, guerreiros em vida (FR: *tombe de guerrier*, IN: *warrior burial*, AL: *Kriegergrab*). O material de Yorkshire não é uma exceção a isso.

Ainda assim, as últimas décadas testemunharam um considerável conjunto de renovações interpretativas voltadas às questões do universo marcial para a Idade do Ferro. Essas novas contribuições incluem, não apenas reflexões críticas a respeito da criação discursiva da noção do guerreiro “celta” (WEBSTER, 1996), como também da própria função “guerreira” em si e suas interpretações com base nos achados arqueológicos (COLLIS, 1994, 2011; HUNTER, 2005; JAMES, 2018). Além disso, alguns estudos criticaram também a tendência historiográfica de se bucolizar e pacificar a Idade do Ferro (JAMES, 2007), e outros chamaram atenção para as dimensões concretas dos conflitos armados da Idade do Ferro bretã com bases em evidências materiais (GILES, 2012; JAMES, 2018; KING, 2010b, 2010a, REDFERN, 2008, 2013, 2011), bem como os usos performáticos de violência em contextos ritualizados (GILES, 2015; KING, 2010a).

Para a arqueologia funerária, essas renovações trazem, em especial, a necessidade de revermos a associação direta construída entre armas e a função ativa de enfrentamentos armados como se a presença de panóplia em covas fosse uma prova automática de que os indivíduos enterrados tivessem sempre sido guerreiros. Um diálogo mais próximo com as ciências forenses e a osteologia faz-se imperativo nesses casos. Além disso, é importante ressaltar que a própria função “guerreira” era desempenhada em uma escala distinta pelas populações do norte bretão, estando mais associada a conflitos intergrupais do que a um modelo de guerra endêmica. Ela parece ter sido muito mais condicionada por fatores relacionais e situacionais, de modo pontual, do que uma espécie de ofício exclusivo e permanente como indicaria a ideia de uma “classe” em sua concepção tradicional.

Do mesmo modo, as chamadas tumbas “guerreiras” oferecem um desafio significativo no tocante aos valores de gênero projetados automaticamente em relação ao material. Isso porque, como Skogstrand (2010) e Brück (2017) chamam a atenção, quase sempre a tendência interpretativa comum consiste em adotar uma visão

androcêntrica da pré-história europeia. Há um imediatismo que faz com que armas sejam presumidamente encaradas como insígnias masculinas de poder, e o costume interpretativo adotado é o de se “assumir que posições de poder político, social e econômico eram mantidas apenas por homens, e que as mulheres (tal como as belas armas encontradas) eram objetos de troca entre elites e, não, agentes sociais por conta própria” (BRÜCK, 2017, p. 37). Certa cautela, portanto, é necessária, em especial a fim de garantirmos que as narrativas e interpretações formuladas sejam resultantes de constatações críticas com base, de fato, nos materiais disponíveis e, não, em achismos ou visões naturalizadas sobre o passado.

8.1.2. Os enterramentos com armas de Yorkshire: apresentação, tipologias, cronologias

Os itens marciais encontrados nas tumbas de Yorkshire podem ser divididos em dois grupos: [1] objetos defensivos e [2] ofensivos. O primeiro grupo, respectivamente, é composto apenas por escudos, embora um caso em Kirkburn (K5) tenha revelado também a presença de uma excepcional cota de malha cuidadosamente depositada sobre o corpo, em uma posição semelhante àquela em que muitos escudos são encontrados (STEAD, 1991). Já os itens ofensivos são compostos por lanças/dardos (por vezes com pontas feitas de ossos animais), adagas e espadas.

A quantidade de achados por tumba varia. Escudos, quando presentes, ocorrem apenas em números individuais, como atestam os casos de GR1, R148, R154, GST4, WS98, por exemplo. Essa é também a realidade para as espadas encontradas em todos os casos até hoje, com exceção de um achado em North Grimston no qual duas espadas foram encontradas junto a uma única inumação, uma delas com uma empunhadura antropomórfica e um formato menor, talvez associada a funções cerimoniais. Lanças e dardos, por sua vez, podem ocorrer em números variantes e sua ocorrência em contextos fúnebres em Yorkshire é observada em três níveis, das seguintes formas:

- 1- Como fator relacionado à *causa mortis*. Nesses casos, a ponta de lança costuma estar preservada dentro da caixa torácica ou na altura do abdômen

estando possivelmente relacionada à morte do indivíduo enterrado. Ainda que não se tratem de “mobiliário fúnebre” em seu sentido tradicional, é curioso observar que essas tumbas indicam que os responsáveis pelo funeral optaram por deixar as pontas das lanças enfiadas dentro dos cadáveres durante seus sepultamentos. Esse é o caso dos enterramentos de R152a e WS211, por exemplo.

2- Como deposições independentes a fim de compor o mobiliário fúnebre. Isto é, onde lanças foram cuidadosamente colocadas nas covas como se faz com os demais itens. Tal procedimento é visível em tumbas como as de R24, R57 e BF63.

3- Como parte de uma *performance* especial de se espetarem as sepulturas, onde lanças e dardos foram intencionalmente enfiados e arremessados contra as covas perfurando seu interior. Esse ritual particular será discutido individualmente em detalhe mais à frente (Cf. item 8.2.).

Embora espadas, lanças e escudos sejam todos armamentos tradicionalmente depositados em contextos fúnebres, eles, no entanto, não ocorrem sempre juntos. Algumas tumbas, como a de Acklam (Ack1) continham apenas uma espada; já outras como a de R163 revelam uma espada e um escudo. Em um caso em Birdlington (BR[G4]) o armamento encontrado consistia apenas em uma ponta de lança e uma adaga. As tumbas com carros de Hunmanby e Kirkburn foram providas apenas com itens defensivos: um escudo e uma cota de malha, respectivamente. Já as encontradas em Wetwang Slack (WS453 e WS455) contavam com espadas, escudos e, em uma delas, várias pontas de lanças. Essa diversidade atesta uma relativa liberdade no tocante à deposição de itens marciais em contextos fúnebres, não havendo assim uma única regra ou estrutura rígida prescrita a ser seguida em todos os casos.

Até hoje, apenas dois casos foram encontrados em que espadas haviam sido intencionalmente destruídas antes de serem enterradas: um deles descoberto na década de 1980 em Acklam (DENT, 1983b) e o outro descoberto em Burstwick-Rimswell, por acidente, no final de 2017 e ainda não publicado. Em ambos os casos as espadas foram habilmente dobradas ao meio em um ângulo de 150°, aparentemente dentro de suas bainhas e, em seguida, cuidadosamente depositadas junto aos mortos. Em Acklam o

item foi depositado próximo à altura dos joelhos do esqueleto e em Burstwick, próximo às costas. Ao discutir os achados de Acklam, Giles (2012, p. 170, 2015, p. 542) chegou a levantar a hipótese de que tal ato de destruição tivesse envolvido alguém com conhecimentos metalúrgicos especiais, como um ferreiro, havendo certa poética na ação, nesse sentido, pois um indivíduo capaz de criar espadas, também poderia vir a destruí-las quando preciso.

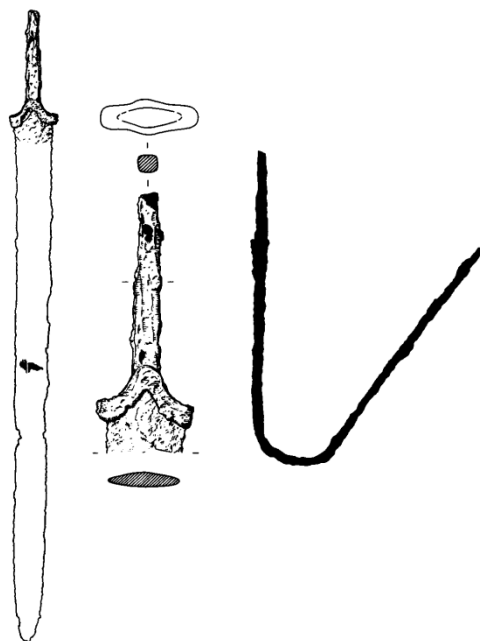


Fig.8.1 Espada encontrada em Acklam. *Fonte:* Dent, 1983.

Seja como for, ambos os casos são extremamente raros para o contexto de achados da região e múltiplas especulações poderiam ser feitas em relação à função simbólica de tal gesto. Entre as interpretações mais comumente oferecidas está a ideia de que a destruição das espadas poderia fazer uma analogia à morte de seus portadores, ou talvez, que elas tenham lhe “falhado” em vida e, portanto, sido destruídas. Há ainda a possibilidade de que as espadas depositadas fossem as armas responsáveis por terem tirado a vida das pessoas enterradas. Essa última possibilidade é particularmente interessante de ser pensada para a inumação de Acklam, já que o indivíduo enterrado apresentava um conjunto de nítidos cortes violentos em seu crânio (na parte frontal e traseira), compatíveis com golpes de espada (DENT, 1983b, p. 122) e, ao menos 5 deles, foram realizados próximo da morte, não tendo havido tempo suficiente para a cicatrização (KING, 2010a, p. 239).

Apesar de todas essas possibilidades, não há como precisarmos em exato o porquê desses dois casos em particular apresentarem tal ritualização diferenciada envolvendo a destruição das espadas. Hoje, somos capazes de detectar que o sujeito enterrado em Acklam sofria de uma infecção pulmonar ativa durante sua morte, possivelmente tuberculose (GILES, 2015, p. 542). Resta-nos esperar que análises científicas futuras das ossadas que acabaram de ser encontradas em Burstwick-Rimswell possam ajudar a desvendar o mistério, caso evidenciem, talvez, paralelos biográficos entre os indivíduos como, por exemplo, confirmando que este último também estivesse doente durante sua morte. No entanto, essa é uma possibilidade remota.

Apesar das incertezas quanto aos exatos motivos por detrás de tal ritualização marcial, podemos ao menos identificar com certa precisão um interessante paralelo entre as deposições da Idade do Bronze Tardia. Muitas das espadas encontradas nas Ilhas Britânicas durante a Idade do Bronze são o resultado de oferendas votivas individuais em ambientes aquáticos (GIBSON, 2013, p. 81). O que as torna aqui relevantes ao debate é o fato de que elas, na maior parte das vezes, foram deliberadamente tornadas inúteis, sendo quebradas, queimadas ou dobradas ao meio antes de terem sido depositadas (GIBSON, 2013, p. 81–82; YORK, 2002, p. 84)⁵². Processos semelhantes de destruição também são identificados em outros contextos materiais ao longo da pré-história tardia (BRADLEY, 1982), e, ainda que sejam estatisticamente raros em Yorkshire, é possível que alguns casos façam referência a essas tradições antigas de deposições ritualizadas, sendo os seus sentidos e significados construídos localmente.

Apesar de sua grande popularidade entre os circuitos acadêmicos, apenas pouco mais de 30 enterramentos com alguma forma de armamento foram encontrados em Yorkshire, correspondendo a menos de 10% de todos os enterramentos em geral registrados para essa região. Essa é uma realidade importante a ser destacada, já que tradicionalmente tumbas com armas receberam grande visibilidade historiográfica. Um ótimo exemplo disso é o catálogo publicado das escavações realizadas em Garton Station, Kirkburn, Rudston e Burton Fleming (STEAD, 1991), onde enterramentos com

⁵² Essa é uma realidade não apenas exclusiva a espadas encontradas nas Ilhas Britânicas, mas também em outras regiões da faixa atlântica europeia, como demonstra o estudo de Gibson (2013), chegando a fazer com que 50-60% das mais de mil espadas descobertas até hoje na Península Ibérica e nas Ilhas Britânicas entre 1350-800 a.C. tenham sido quebradas ou dobradas (GIBSON, 2013, p. 83).

armas possuem quase sempre uma grande quantidade de ilustrações representando seus interiores, ao passo que outras categorias de enterramentos, notadamente a de indivíduos subadultos, não constam de uma ilustração sequer.

Como King (2010a) observou, não sem certa frustração, mesmo se assumíssemos que todos os enterramentos com armas representassem indivíduos guerreiros (o que não necessariamente deve ser feito, já que a deposição de armas, como de qualquer outro artefato faz parte de um discurso material), eles ainda assim são encontrados apenas em pouca quantidade (KING, 2010a, p. 238). Essa é uma realidade compatível ainda com a presença de traumas violentos encontrados na região, já que apenas uma parcela mínima de esqueletos (cerca de 20 casos) apresentava quaisquer sinais de atos violentos: alguns dos mais notáveis causados por golpes com objetos cortantes, como espadas (DG45, DG104, WS114), e mortes possivelmente causadas por lanças enfiadas (em vida) contra os corpos (R94, R140, WS211)⁵³. Algumas tumbas com armas, como as de ACK1 e WS453, apresentam tais sinais de cortes causados por enfrentamentos armados, no entanto, essa não é a realidade de todos os enterramentos com armas. Além disso, análises combinadas entre dados osteológicos e da cultura material atestam que a natureza de boa parte dos conflitos armados em Yorkshire durante a Idade do Ferro ocorriam de maneira ensaiada, ritual e performativa, a partir de códigos de conduta e estilos de luta acordados (KING, 2010b, 2010a, GILES, 2012, 2017).

8.1.3. A localização das tumbas com armas

Arqueologicamente, há uma tendência a interpretar tais enterramentos como sendo tumbas “focais e sinalizadoras”, como o faz Harding (2016, cap. 5), no entanto, os achados de Yorkshire atestam uma realidade mais complexa. Embora essa pareça ser a realidade de alguns casos, como aqueles encontrados com carros em Wetwang Slack,

⁵³ É importante lembrar que os dados de que dispomos na atualidade estão fortemente condicionados às limitações impostas pela natureza das evidências disponíveis. Isto é, somos apenas capazes de observar sinais de traumas a níveis ósseos. Ferimentos letais e não-letais causados na pele e no tecido-mole não podem ser identificados e é provável que estivessem presentes com maior frequência do que as que hoje podemos identificar nas ossadas. No entanto, com base nos dados que temos, a presença de sinais de violência em Yorkshire é particularmente baixa se comparada a outras regiões das Ilhas Britânicas como o sul (WATTS, 2005; JAMES, 2018; REDFERN, 2009, 2011; KING, 2010a).

outras sepulturas escavadas nos cemitérios do vale do Great Wolds, por exemplo, revelam enterramentos que foram realizados em contextos tardios sendo orientados, presume-se, por tumbas anteriores, às vezes desprovidos de trincheiras delimitadoras e/ou montículos que cobriam suas covas. Não há, portanto, uma única narrativa fúnebre idêntica nesse sentido.

Algumas tumbas com armas, no entanto, ocupam um local diferenciado na paisagem. Elas aparecem de modo praticamente isolado, longe de grandes cemitérios, como é o caso dos enterramentos encontrados nos sítios de Bugthorpe, Acklam, North Grimston, Bridlington e Grimthorpe, por exemplo. Uma explicação plausível seria a de que os indivíduos sepultados nesses casos foram excluídos ou ostracizados de suas comunidades. No entanto, essa interpretação não se adequa à realidade material, na qual vemos que, não só cuidadosas covas foram elaboradas a fim de conter seus cadáveres, mas, que, também, diferentes objetos valiosos foram ofertados (como espadas, escudos e lanças) e banquetes fúnebres (representados através da deposição de carcaças de porcos) foram realizados em honra aos mortos. Essas não são ações compatíveis ao intuito de esquecimento e ostracismo.

Theuws (2009), ao analisar um conjunto de sepulturas com armas da Antiguidade Tardia (séc. IV-V) no norte da Gália, demonstrou que as duas hipóteses explicativas tradicionais para se entenderem as tumbas “guerreiras” em seu estudo não dão conta de explicar a realidade material encontrada na maior parte dos contextos arqueológicos analisados. A primeira dessas hipóteses consiste em entender os enterramentos com armas como mero indício da população de soldados existente nos sítios onde foram encontradas: isto é, as armas seriam indício de que as pessoas enterradas eram guerreiros/soldados, servindo em fortalezas e certos povoados (THEUWS, 2009, p. 289–9). Essa interpretação, no entanto, mostrou-se problemática por partir do pressuposto equivocado de que enterramentos são um mero espelho da realidade. Não obstante, o número de enterramentos com armas encontrados não se sustentava quantitativamente a ponto de refletir a população de soldados *per situ*.

A segunda interpretação tradicional dos achados estava calcada na noção de competitividade aristocrática. Essa visão, por sua vez, como Theuws (2009) argumenta, entendia os enterramentos com armas da Gália Tardia como mero reflexo de uma competição por poder por parte de lideranças aristocráticas locais. Em outras palavras,

as tumbas com armamentos eram tidas automaticamente como exemplos de ostentação (embora poucos sejam os casos em que indícios desse tipo de fato existissem), e a deposição de armas era interpretada como sendo motivada principalmente por um desejo de superioridade competitiva entre pares rivais (THEUWS, 2009, p. 307). Porém, em vários casos, não apenas o caráter de ostentação de tais enterramentos pode ser questionado, como também o foi o próprio fato de boa parte dos homens enterrados terem sido supostamente “líderes” e ou estarem competindo entre si. Ao contrário, Theuws (2009) foi capaz de sublinhar o caráter simbólico e contextual da deposição de armas em meios funerários, associando tais atos à paisagem habitada (física e cultural) e a um conjunto de transformações sociais que se dá no norte da Gália no século IV/V d.C., demonstrando como tais deposições revelam atos ritualizados de se conectar com a terra e a paisagem promovendo o que poderíamos chamar, aqui, de um certo apotropismo. Tal caráter apotropaico se torna visível, em especial, em sítios defensivos como os de Vireux-Molhain e Furfooz (fortalezas situadas em colinas) ou outros como Vermand (cidades muradas), onde sistematicamente tumbas com armas foram encontradas em localizações específicas em direta proximidade com elementos defensivos (THEUWS, 2009, p. 299–308). Em um período de instabilidades, em que mecanismos estatais de defesa estavam gradualmente se enfraquecendo, Theuws (2009, p. 308) conclui que a localização de tais tumbas expressava novas formas de reivindicações em relação à terra, passando a adquirir um caráter protetor: elas assinalavam indivíduos enterrados em locais estratégicos e simbólicos, que ganharam importância em suas comunidades graças à sua habilidade de prover proteção – uma função que continuariam a desempenhar após sua morte⁵⁴.

Embora formulado a partir de um contexto muito tardio, a pesquisa elaborada York, UK por Theuws nos oferece um valioso ponto de partida para reflexão. Esse estudo de caso auxilia a pensar como deposições de armas em contextos fúnebres podem criar uma noção de ancestral protetor, conectando-se diretamente com um conjunto de experiências sociais construídas através da paisagem. Tal possibilidade interpretativa parece especialmente relevante para entendermos alguns enterramentos com armas como os encontrados em regiões ditas “periféricas” como, por exemplo, nas

⁵⁴ O autor argumenta ainda que os rituais de enterramento nos séculos posteriores (final do séc. IV e séc. V) revelam uma mudança, desenvolvida a partir dessa função protetora que passa a ser valorizada, na própria concepção de liderança (THEUWS, 2009, p. 308).

encostas a oeste dos Wolds. Essa é particularmente a realidade dos achados em North Grimston, Acklam, Bugthorpe, Grimthorpe.

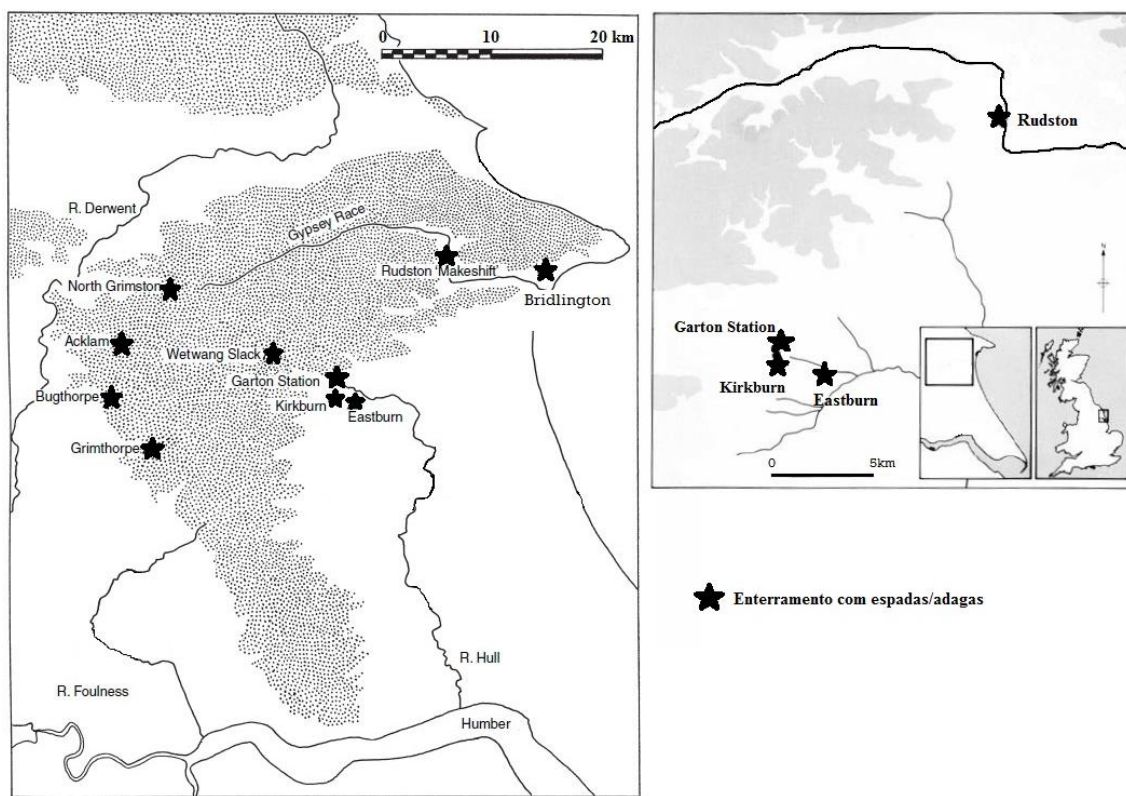


Figura 8.2: Mapa da distribuição de enterramentos com espadas e adagas em East Yorkshire.
 Fonte: Stead, 1991 e Harding, 2016, adaptado pelo autor.

Se mapeadas e vistas em conjunto, essas tumbas são encontradas em distâncias relativamente equivalentes umas das outras, estendendo-se de norte a sul em uma área limítrofe entre os Wolds e o vale de York. Os enterramentos em questão parecem ter se situado em terrenos elevados, ocupando pontos privilegiados na paisagem, garantindo uma visibilidade que englobava territórios e vales circunvizinhos.⁵⁵ Em Grimthorpe, a inumação foi encontrada em uma área aparentemente fortificada, situando-se no topo de uma colina erguida à 525m acima do nível do solo, oferecendo uma visão privilegiada das cercanias, incluindo recursos hídricos como córregos (STEAD et al., 1969a). Tais localizações podem ter desempenhado um simbolismo estratégico importante para tais comunidades. Tumbas armadas de guerreiros intimidadores poderiam oferecer uma

⁵⁵ Acklam é particularmente notável nesse sentido. Em Junho de 2016 tive a oportunidade de fazer parte de uma equipe que realizou uma escavação promovida pela Universidade de Manchester em Acklam Farm e, graças às condições climáticas favoráveis oferecidas pelo verão, na ocasião era possível visualizar, não apenas demais partes dos Wolds, mas também regiões de North e West Yorkshire, como as cidades de York e Leeds, situadas a aproximadamente 30 e 60 km de distância.

proteção espiritual em áreas de acesso aos Wolds, erguendo-se de modo vigilante da paisagem como sentinelas. Se essa possibilidade estiver correta, alguns achados encontrados nas partes a leste dos Wolds talvez tivessem o mesmo tipo de função.

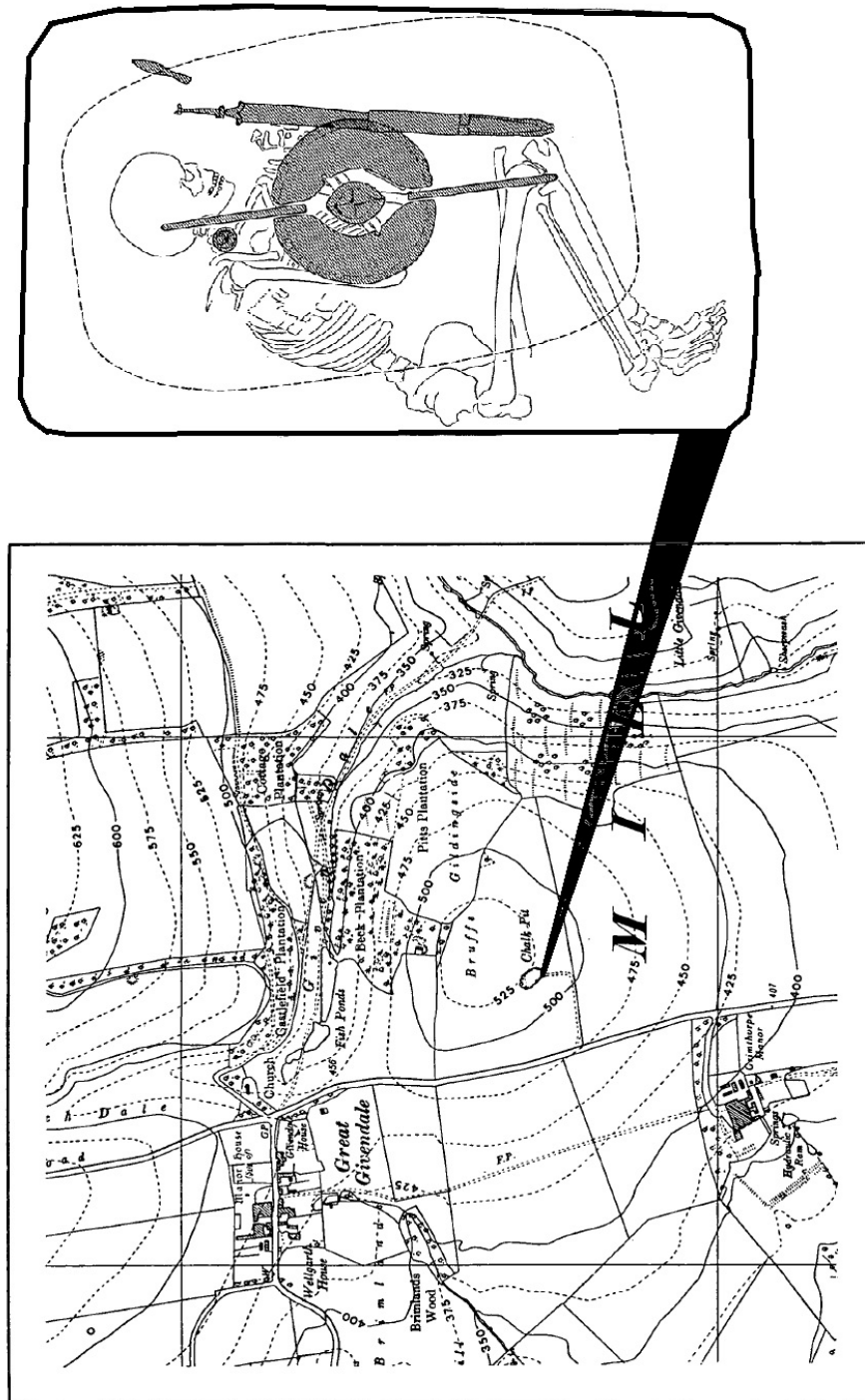


Fig.8.3. Planta do sítio de Grimthorpe e reconstrução da tumba com armas de Grimthorpe. *Fonte:* Stead, 1969, adaptado pelo autor.

Isso poderia acrescentar uma nova dimensão interpretativa aos achados de Eastburn, Kirkburn e Garton Station, que estão todos situados em áreas de “acesso”, próximas às ramificações do rio Hull, entre os Wolds e os terrenos mais baixos da planície de Holderness. Uma possibilidade semelhante pode ser argumentada também para os achados de Bridlington e Rudston, já que ambos marcam áreas de acesso aos Wolds, entre áreas mais baixas e mais elevadas de Yorkshire, através de dois corpos d’água: o Gypsy Race e o Mar do Norte. Isso não quer dizer que todos os enterramentos com armas seguissem obrigatoriamente tal lógica. No entanto, essa é uma hipótese válida para entender alguns casos em que indivíduos foram respeitosa e distanciadamente da comunidade e enterrados com atributos marciais de prestígio, possivelmente desempenhando um papel protetor.

8.1.4. A panóplia enquanto mobiliário fúnebre: entre a realidade material e seus simbolismos

A deposição de armas em tumbas se torna um elemento cada vez mais recorrente com os séculos durante a Idade do Ferro Média-Tardia na região. Essa é uma constatação feita não apenas a partir da tipologia de muitas das espadas (STEAD, 2006) como também dos enterramentos em si onde armas são encontradas. Esse dado é de grande relevância e está em diálogo com um conjunto de transformações que ocorrem na região em contextos tardios, em especial a partir do séc. I a.C.. Como já visto anteriormente, muitas dessas mudanças não estavam apenas relacionadas aos usos dos cemitérios, mas também à própria reconfiguração das relações sociais construídas na paisagem (cf. **Capítulo 1, 3**). No entanto, a presença de armas em contextos fúnebres na região não é um fenômeno exclusivamente tardio, como ocorre com itens de metalurgia e tecelagem. Espadas, em especial, são encontradas – ainda que esporadicamente – desde os séculos IV-III a.C..

A maior parte da ocorrência de armas é identificada em tumbas de tipo-B (53%), seguidas por tumbas de tipo-A (37%) e tumbas de tipo-C (10%). É notável a ausência de armas em inserções secundárias, isto é, enterramentos de tipo-D, e talvez essas fossem ações fúnebres incompatíveis. No entanto, é importante observar que a maior parte de tumbas do tipo-D ocorre no cemitério de Wetwang Slack, e esse sítio é

particularmente lacunar em relação à deposição de armas: nos mais de 450 enterramentos escavados na região apenas 4 (WS98, WS211, WS453, WS455) continham algum tipo de armamento e um deles era apenas uma ponta de lança que parece estar relacionada à morte da pessoa sepultada (WS211). Achados recentes como os já escavados no cemitério de Pocklington devem nos oferecer, nas décadas seguintes, mais possibilidades e casos para análise nesse sentido, confirmando alguns dos padrões já identificáveis nos demais sítios.

Somente 7 casos registraram oferendas de ossadas animais, correspondendo a cerca de 20% dos enterramentos com armas. Em todos eles, apenas porcos foram depositados, indicando, talvez, uma associação direta entre o consumo desse animal com determinadas identidades marciais⁵⁶.

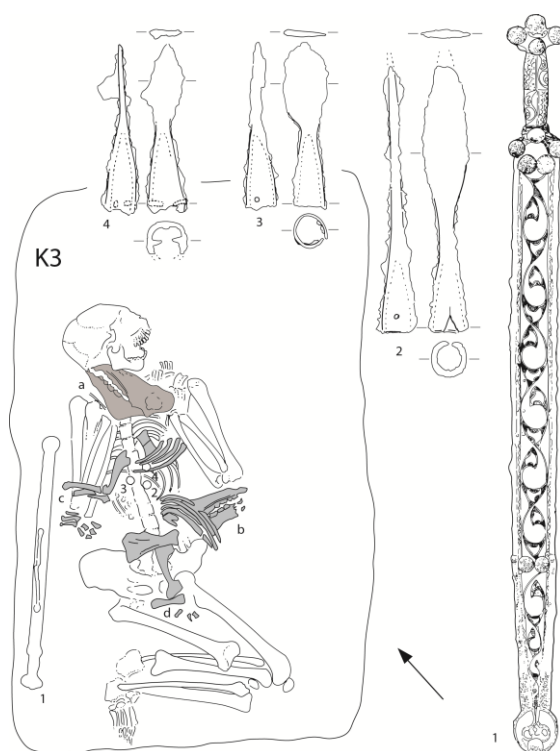


Fig. 8.4. Enterramento com arma de Kirkburn. Fonte: Giles, 2012 adaptado de Stead, 1991. Ossos do crânio e do quarto dianteiro de um porco foram ritualmente espalhados sobre o homem enterrado.

⁵⁶ As únicas duas exceções seriam as tumbas de Hunmanby (HN1), onde dois cavalos parecem ter sido enterrados e o enterramento consistia em uma sepultura com carro, e Grimthorpe (GR1), onde relatou-se que um “bode” foi enterrado junto ao indivíduo. Mas como se trata de uma escavação realizada no séc. XIX e os ossos animais foram perdidos, não há como verificar a qual espécie de fato as ossadas animais pertenciam.

No entanto, é importante observar que talvez essas deposições estivessem, não tão relacionadas à presença/ausência de armas, mas, sim, ao tipo de enterramento realizado como um todo. Isso porque nenhum dos enterramentos de tipo-A com armas continha deposições animais, sendo todos os demais casos encontrados em enterramentos com carros (tipo-C), nos quais unicamente porcos são depositados independentemente da presença de armas, e enterramentos tardios (tipo-B), onde suínos passam a ser a única espécie de animal depositada na maior parte dos contextos fúnebres em Yorkshire.

Apesar disso, as tumbas com armamentos encontradas durante a Idade do Ferro bretã são particularmente lacunares e não tão conspícuas e/ou recorrentes como a imaginação moderna tende a projetar a seu respeito⁵⁷. Certamente, determinados casos particulares produziram alguns dos mais belos e elaborados itens já encontrados até os dias atuais, como as belas espadas encontradas em K3, WS453 e WS455, por exemplo: todas riquissimamente adornadas com temas curvilíneos cuidadosamente gravados em suas bainhas metálicas, em meio a botões avermelhados e um processo de esmaltamento/polimento. Essas espadas atestam filiações estilísticas continentais e com outras partes das Ilhas Britânicas, como a Irlanda (RAFFERTY, 1991, p. 568, 2000, p. 165; STEAD, 2006, p. 59–63) e, ainda, a utilização de pedras de corais importadas como parte de seus adornos. Porém, sua confecção é local: elas foram habilmente produzidas na região, por volta de 300 a.C., levando alguns pesquisadores como Rafferty (1991, p. 568), inclusive, a falar de uma “escola metalúrgica de Yorkshire” (Cf. CUNLIFFE, 2005, p. 513–531 a respeito de diferentes “escolas metalúrgicas” bretãs). Se levarmos em consideração as habilidades altamente especializadas empregadas no embelezamento de espadas como a de K3 e àquelas de WS453/455 é possível que elas tenham sido até mesmo confeccionadas na mesma oficina, entre o intervalo de uma geração e outra, talvez pelo mesmo ferreiro, como argumenta Stead (2006, p. 118).

⁵⁷ Esse é um ponto válido inclusive para cronologias tardias quando a cunhagem e circulação de moedas se torna uma realidade em muitas regiões das Ilhas Britânicas, já que mesmo nesses momentos, embora armas e guerreiros sejam frequentemente representados pela numismática, boa parte dos contextos materiais, por outro lado, ainda revelam ocorrências limitadas e restritas desses artefatos (HUNTER, 2005).

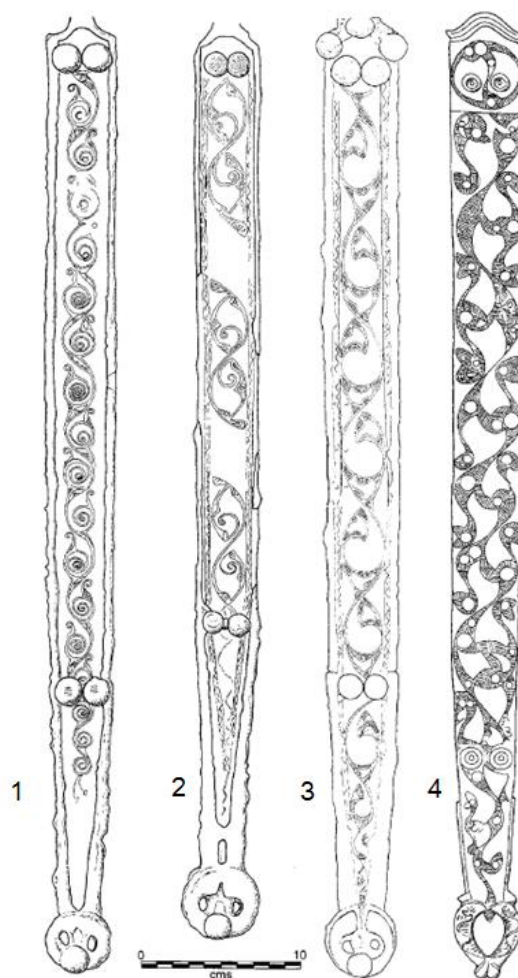


Fig.8.5. Bainhas de algumas espadas encontradas em Yorkshire durante a Idade do Ferro. [1-2] Wetwang Slack, [3] Kirkburn, [4] Bugthorpe. *Fonte:* Harding, 2007. Todas as bainhas contam com *designs* latênianos gravados no metal, em uma superfície polida, com extremidades finais que terminam de forma estilizada arredondada. Ao longo de seus corpos, as espadas foram adornadas por botões avermelhados em duplas, na parte inferior e superior (que na de Kirkburn chegam a um total de cinco na parte superior).

No entanto, espadas não tão adornadas também existiam. A espada de R107, por exemplo, parece ter sido embainhada apenas em uma proteção de couro. Já outras bainhas foram feitas de madeira, como é o caso de R24, R146, R163, ou ainda de madeira combinada com couro e lã de ovelha como atestam os exemplos de GST10, R57 e R144 (STEAD, 1991, p. 71, 74). O mesmo também é válido para os escudos. Achados como o de Grimthorpe, em que foi encontrada uma bossa de bronze adornada, que fazia parte de um escudo, são particularmente raros. Estima-se que a maior parte dos escudos não contasse com adornos arqueologicamente visíveis, o que deve ter feito com que muitos não tenham sido registrados. Ainda assim, alguns escudos inteiramente

feitos de matéria orgânica como madeira, lã e couro puderam ser identificados em tumbas como as de R154, R174, GST5 e GST10. Apesar do caso de Grimthorpe, a maior parcela dos escudos compostos por partes metálicas não contava com quaisquer adornos visíveis, como diferentes achados revelam em WS98, R148, R163 e GST4 (DENT, 1984, p. 43; STEAD, 1991, p. 61–63). Além disso, embora capacetes bem decorados sejam conhecidos no Continente e em algumas raras deposições aquáticas no sul bretão (ALDHOUSE-GREEN, 1997, p. 100–102), eles estão em larga escala ausentes em contextos fúnebres nas Ilhas Britânicas (HARDING, 2016, p. 137) e nenhum capacete foi encontrado até hoje em Yorkshire.

Todos esses são pontos cruciais a serem lembrados, já que muitas vezes fazemos uma ideia equivocada em relação à dimensão dos enfrentamentos armados na Idade do Ferro e da figura dos guerreiros (COLLIS, 1994; JAMES, 2018; KING, 2010a, 2010b). No entanto, projetamos visões equivocadas, não apenas em relação à função marcial e suas implicações (identitárias), mas também em relação aos próprios achados. Os dados apresentados anteriormente revelam, assim, uma inadequação idealizada também em outra dimensão: a material. Isto é, eles indicam uma realidade material diferente daquela fortemente influenciada por exposições museológicas, onde nos deparamos quase exclusivamente com belas espadas como a de Kirkburn, capacetes chamativos como os de Agris ou Waterloo Bridge, ou escudos dourados, embelezados e feitos inteiramente de bronze como é o caso dos artefatos encontrados em Battersea e Witham.

Embora itens elaborados sejam frequentemente encontrados em deposições aquáticas, como ocorre em muitos desses famosos casos, tendo essas armas, aparentemente, sido feitas especialmente para tais fins, as deposições encontradas nas tumbas de Yorkshire revelam objetos de naturezas distintas. A panóplia encontrada em contexto fúnebre na região não era puramente simbólica. Os objetos encontrados atestam diferentes históricos de uso e biografias próprias, sendo feitos, em muitos casos, a partir de recursos materiais disponíveis localmente, como diferentes tipos de madeira, couro e lã. Isso não impede, é claro, que achados marcantes existissem, como as espadas encontradas nas tumbas com carros em Wetwang Slack, ou aquela encontrada em uma tumba em Kirkburn (K3). Mais do que exceções, esses casos reforçam a importância que determinados itens tinham para tais comunidades e como eles poderiam ser

utilizados para fins distintos, por vezes funcionando como um veículo para projeções decorativas associadas a noções religiosas, políticas, familiares e sociais.

Apesar disso, mesmo os casos em que é possível identificar-se uma forte função simbólica podem ser pensados, também, a partir de uma funcionalidade prática. Afinal, eles consistem na materialização de uma tecnologia de encantamento e terror (GARROW; GOSDEN, 2012), que atrai olhares e inspira sentimentos diversos (medo, admiração, hesitação, reverência), às vezes sufocando ou prevenindo conflitos, antes mesmo deles acontecerem (GILES, 2008a). É provável que alguns desses itens, como certas espadas, tivessem sido passadas de uma geração a outra. A proximidade física-espacial das espadas encontradas em tumbas com carros em Wetwang indica ao menos uma afinidade ou senso de proximidade construído entre os portadores de tais objetos (ou aqueles presenteados com eles em morte). Talvez, como Giles (2008a, 2012, p. 168) argumenta, a essas armas tivessem sido atribuídos nomes e até mesmo certo sentido de agenciamento (como uma função protetora espiritual ou garantia de energia, força, ou ainda um melhor desempenho) ao seu portador. Seja como for, elas se distinguem significativamente dos demais objetos encontrados em contextos votivos aquáticos e em tesouros da Idade do Ferro continental e bretã, já que apresentam sinais de uso e manuseio.

A presença de tais manipulações prévias à deposição é visível em diferentes níveis. Em alguns casos, os sinais são encontrados nas lâminas das espadas, como ocorre em R45, R87, R153; já outras ocorrências revelam que uma empunhadura estava danificada na parte exterior (R144) e outra na parte interior metálica (R146) e em determinados artefatos é possível inclusive identificar sinais de reforço e reparo na bainha, como ocorre em R24 e R139 (STEAD, 1991, p. 66–74). Um dado importante a ser destacado é que essa é uma realidade compartilhada por espadas com biografias, estéticas e confecções distintas. Mesmo as belíssimas bainhas metálicas encontradas nas espadas de WS453 e WS455 apresentavam também sinais de uso e desgaste em partes de seus corpos e a distinta espada de K3 contém pequeninos sinais de reparos em sua bainha, inclusive, afetando o padrão decorativo em alguns pontos (STEAD, 2006, p. 184–86). Igualmente, o belo escudo e a espada de Grimthorpe apresentam sinais de quebra e reparo (STEAD et al., 1969a, p. 167–170). Dada à idade jovem de alguns indivíduos enterrados com armas, é possível inferir, portanto, que muitas delas fossem

presentes fúnebres ofertados aos mortos, com usos e biografias prévias, mais do que itens exclusivamente feitos para o funeral⁵⁸.

8.1..5. Armas, identidade e gênero em Yorkshire durante a Idade do Ferro

A vasta maioria das tumbas com armas em Yorkshire estava associada a indivíduos do sexo masculino, com base nas informações osteológicas disponíveis. Essa é uma realidade observada tanto para a deposição de espadas como também de lanças, adagas e escudos, não havendo uma diferença, portanto, quanto ao armamento enterrado nesses termos. A cota de malha de Kirkburn também foi encontrada junto a um homem. Certa cautela, no entanto, é necessária, já que a avaliação osteológica do sexo pode se mostrar particularmente desafiadora em alguns esqueletos e entre os 10 casos dos quais o sexo de ossadas com armas não pode ser determinado, ao menos 4 deles apresentam contradições – isso é, ossadas simultaneamente com traços masculinos e femininos, cujo sexo não pode ser definido. É importante observar ainda que determinadas atividades e treinamentos físicos podem alterar a estrutura corporal significativamente ao longo dos anos, sobretudo quando realizados desde a infância, fazendo com que os níveis de andrógenos em esqueletos femininos, por exemplo, se assemelhem àqueles originalmente encontrados em ossadas masculinas (EVANS, 2004, p. 36, 2006, p. 66). Portanto, todo cuidado é pouco a fim de não tomarmos determinadas observações contextuais como verdades absolutas excludentes e aplicá-las a todos os casos indiscriminadamente.

Os únicos dois registros encontrados junto a indivíduos que aparentam ser do sexo feminino foram observados em um caso em Wetwang Slack (WS211) e Rudston (R163). O primeiro deles, no entanto, talvez não se trate necessariamente de uma tumba com armas em seu sentido tradicional, mas o enterramento de alguém morto por uma lança. Ambos os casos serão discutidos em detalhes no **capítulo 11**. Com base nos dados presentes, a documentação indica, assim, uma forte associação entre o universo

⁵⁸ Essa é uma realidade distinta da observada em algumas lanças encontradas na região, que parecem ter sido intencionalmente confeccionadas para o funeral, apresentando menor durabilidade e resistência que as pontas de lanças utilizadas em demais ocasiões (STEAD, 1991, p. 33, 75). Esses casos serão discutidos em detalhes no final desse capítulo.

das armas e o sexo masculino – uma constatação que nesse caso pode ser feita não a partir de achismos, mas com base empírica nos materiais disponíveis para pesquisa.

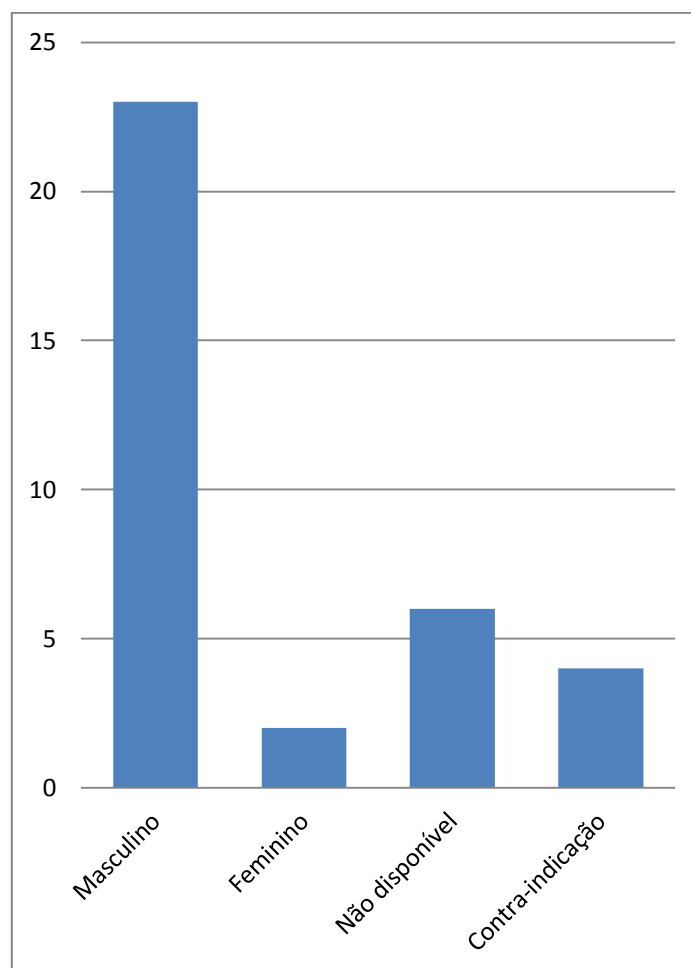


Gráfico 8.1. Sexo das ossadas enterradas com armas

A análise dos padrões etários nos enterramentos com armas é particularmente reveladora. Ao contrário do que se poderia esperar, boa parte dessas deposições parece estar concentrada na tumba de indivíduos de idade adulta inicial. Praticamente 80% do armamento de Yorkshire advêm, assim, do enterramento de pessoas com 17-35 anos. Os maiores valores são registrados para a faixa etária entre 25-35 (n.= 15), no entanto, a faixa etária com 17-25 apresenta valores quase idênticos (n.=12). Esse é um dado bastante curioso, já que a maior parte do mobiliário fúnebre encontrado nos cemitérios da região costuma se concentrar na tumba de indivíduos de idade avançada. Homens e mulheres com mais de 35 anos, em particular, costumam receber um tratamento mortuário diferenciado, indicando que uma posição sênior poderia, em muitos casos, ter sido comemorada.

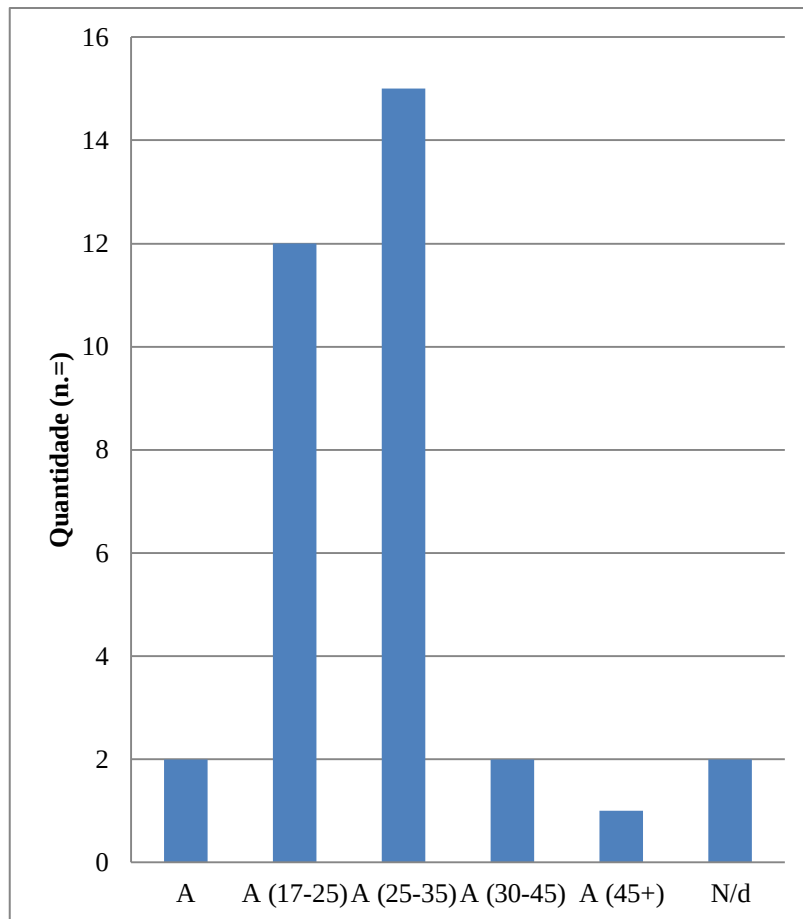


Gráfico 8.2. Idade dos indivíduos enterrados com armas

No entanto, quando estamos lidando com armas, a realidade encontrada é oposta. Apenas uma única espada foi escavada junto a um indivíduo em idade significativamente avançada: o enterramento de R107, que continha um homem com mais de 45 anos, sepultado em uma tumba de tipo-B, em posição estendida⁵⁹. Dois outros casos revelaram inumações com 30-45 anos: um em Acklam, já mencionado, e outro em Birdlington, onde um homem foi enterrado com uma adaga, uma lança e ossos de porcos. Tanto a tumba de Rudston (R107) como a de Bridlington (BR[G4]) são datadas do séc. I a.C./d.C..

Todos os demais enterramentos com armas, no entanto, são em sua esmagadora maioria de homens com menos de 30 anos. Giles (2012) buscou traçar um conjunto de

⁵⁹ Se considerarmos facas como armas, um segundo caso em R45 foi encontrado semelhantemente junto a um homem com 45+ anos enterrado apenas com uma faca.

analogias etnográficas vinculando a faixa etária adulta jovem (17-25 anos) com predisposições sociais para enfrentamentos, quando os indivíduos estariam ávidos a demonstrar seus valores (GILES, 2012, p. 168). O estudo de Korbin (2003), embora não contemplado por Giles, é particularmente elucidativo nesse sentido, já que demonstra, a partir de diferentes contextos antropológicos, como combates e encontros armados podem aumentar uma noção de autoestima e adulação, garantindo um “respeito adulto” (KORBIN, 2003, p. 440). Para Korbin (2003) o próprio comportamento violento observado em muitos casos entre jovens do sexo masculino transcende o simples nível hormonal e pode ser considerado como uma forma de agenciamento: uma estratégia de pertencimento e aquisição de respeito em comunidades marcadas por disputas, conflitos ou instabilidades. A alta incidência de armas em tumbas de jovens pode, portanto, “ter ajudado a reproduzir a identidade dos homens em uma fase adulta inicial como uma categoria mais comumente associada a tendências violentas, agressão e/ou a defesa da comunidade” (GILES, 2000, p. 144). Mas se esse for o caso, por que ela ocorre em números tão reduzidos?

Acredito que a explicação para isso se encontre, em parte, na cronologia de muitos enterramentos. Isso porque embora espadas, lanças e escudos estivessem presentes desde os séculos IV-III a.C., uma parte considerável de sua manifestação em contextos fúnebres ocorre a partir da segunda metade do século II a.C. e os séculos I a.C./d.C.. Esse momento é justamente aquele em que um número cada vez maior de jovens são encontrados com armas e a projeção de uma identidade marcial (ainda que puramente simbólica) se torna mais e mais recorrente. Portanto, parte das deposições de panóplia em tumbas de indivíduos jovens parece ter sido condicionada por um conjunto de transformações sociais, em como identidades e atributos específicos estavam sendo assinalados em contextos fúnebres tardios. Sua alta incidência em tumbas de tipo-B atesta perfeitamente essa realidade. Isso porque um levantamento sistemático de todos os enterramentos desse tipo (com ou sem armas) nos indica dois padrões de ritualização fúnebre de grande relevância, aqui, para a discussão. Em primeiro lugar, é possível observar que a maior quantidade de mobiliário fúnebre ocorre entre indivíduos jovens – com 17-25 anos, para ser mais preciso –, e não necessariamente junto a pessoas de idade avançada. Em segundo lugar, há nesse ponto uma nítida assimetria entre os sexos. Não apenas homens são enterrados com mobiliário duas vezes mais do que as mulheres,

como, ainda, a maior concentração e disparidade desses itens ocorre entre as idades de 17-25.

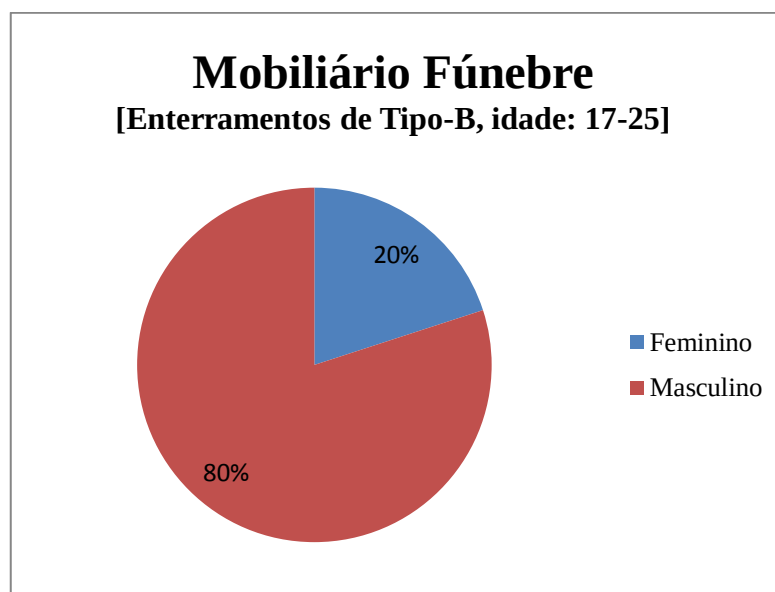


Gráfico 8.3: Concentração de mobiliário fúnebre em enterramentos de tipo-B entre indivíduos com 17-25 anos.

Armas, portanto, parecem ter sido utilizadas cada vez mais em contextos fúnebres com o passar dos séculos associadas a determinado tipo de identidade específica. Sua ocorrência em tumbas de indivíduos jovens, em boas condições físicas, aptos ao combate e ansiosos por demonstrar suas habilidades a seus pares são todas possibilidades que atestam que metáforas identitárias, talvez associadas à virilidade, estivessem sendo projetadas em relação à manipulação de armas. As mini-estatuetas encontradas em Yorkshire durante contextos tardios, sécs. I a.C./d.C., parecem dialogar perfeitamente com tais possibilidade interpretativas. Feitas de giz/calcário e, em geral, medindo entre 10-17cm de altura, essas pequeninas figuras antropomórficas são encontradas em assentamentos diversos como os de Rudston, Garton Slack e Fimber, nos Wolds, como também em áreas circunvizinhas como Withernsea, ao sul na planície de Holderness, ou Malton e Sherburn, a norte.

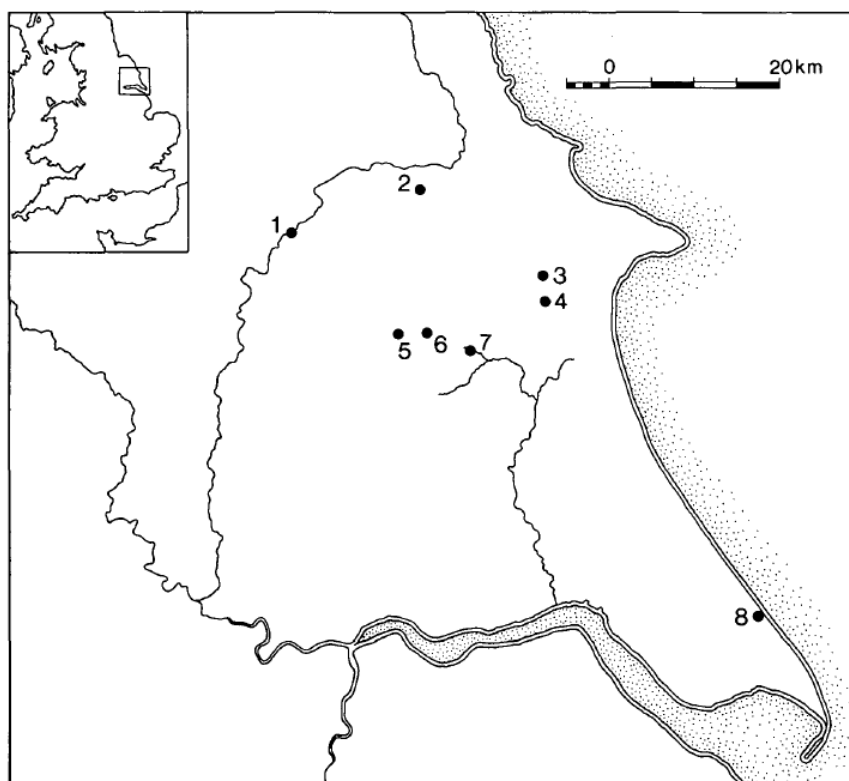


Fig. 8.6 Distribuição de mini-estatuetas feitas de calcário. 1, Malton; 2, Sherburn; 3, Rudston; 4, Harpham; 5, Fimber (Blealands Nook); 6, Wetwang-Garton Slack; 7, Garton (Elmswell); 8, Withernsea. *Fonte: Stead 1988*

Estatuetas desse tipo são raramente encontradas na Idade do Ferro britânica, mesmo em contextos tardios, o que torna os achados em Yorkshire particularmente importantes e distintos. Não se sabe ao certo exatamente que funções elas tinham, se eram receptáculos espirituais, representações de algum ancestral mítico, brinquedo ou peças de um jogo, ou algum tipo de deus ou divindade comunitária ou doméstica (STEAD, 1988, p. 25; GILES, 2017, p. 64). Seus contextos de descobertas parecem variar, mas elas são majoritariamente encontradas dentro ou próximas de habitações estando ausentes nos cemitérios da região⁶⁰. Tradicionalmente, elas têm sido discutidas, em especial, por oferecerem um modelo aos armamentos encontrados na região e indicarem uma possível forma de uso (ANTHOONS, 2012; STEAD, 1988). Isso porque muitas das estatuetas contêm espadas representadas em suas costas: uma forma de porte que

⁶⁰ Apenas um enterramento em Garton Slack (GSI 7 tumba 2, enterro nº 1), parece conter um item desse tipo onde um pequenino bloco de calcário talhado foi encontrado, embora não seja possível precisar com exatidão se o achado era uma estatueta desse tipo ou não.

parece ter sido utilizado em algumas regiões do norte bretão, tal qual Yorkshire, como atestam as argolas situadas no meio das bainhas de muitas espadas que serviam como um sistema de suspensão para armas (Cf. STEAD, 2006). Das 14 estatuetas com espadas já descobertas, duas delas, no entanto, continham espadas presas na lateral do corpo (Ver estatuetas nº 3 e 5 do *corpus* elaborado por STEAD, 1988). Curiosamente tanto as espadas nas costas como na cintura colocam os armamentos no lado direito do corpo. No caso das espadas na cintura, elas estão diretamente nesse lado, e no caso das espadas nas costas, é sempre o braço direito das estatuetas que se estende de modo estilizado às costas, segurando a espada.

Giles (2017) chamou a atenção para a existência aí de um possível simbolismo, pois o braço esquerdo estaria associado à recepção e hospitalidade, ao passo que o direito representaria um gesto de apotrópico e uma prontidão para ameaças (GILES, 2017, p. 63). Orientações cosmológicas e a construção de metáforas religiosas a partir dos lados esquerdo e direito parecem ter desempenhado um importante papel para diferentes comunidades da Idade do Ferro europeia (PARKER PEARSON, 1999; KARL, 2009) e, portanto, é possível que algumas dessas projeções estivessem sendo representadas, também, iconograficamente, nas estatuetas encontradas em Yorkshire. O cruzamento de dados com os registros fúnebres indica uma recorrência entre a associação de armas cortantes (como espadas e adagas) e o lado direito do corpo.

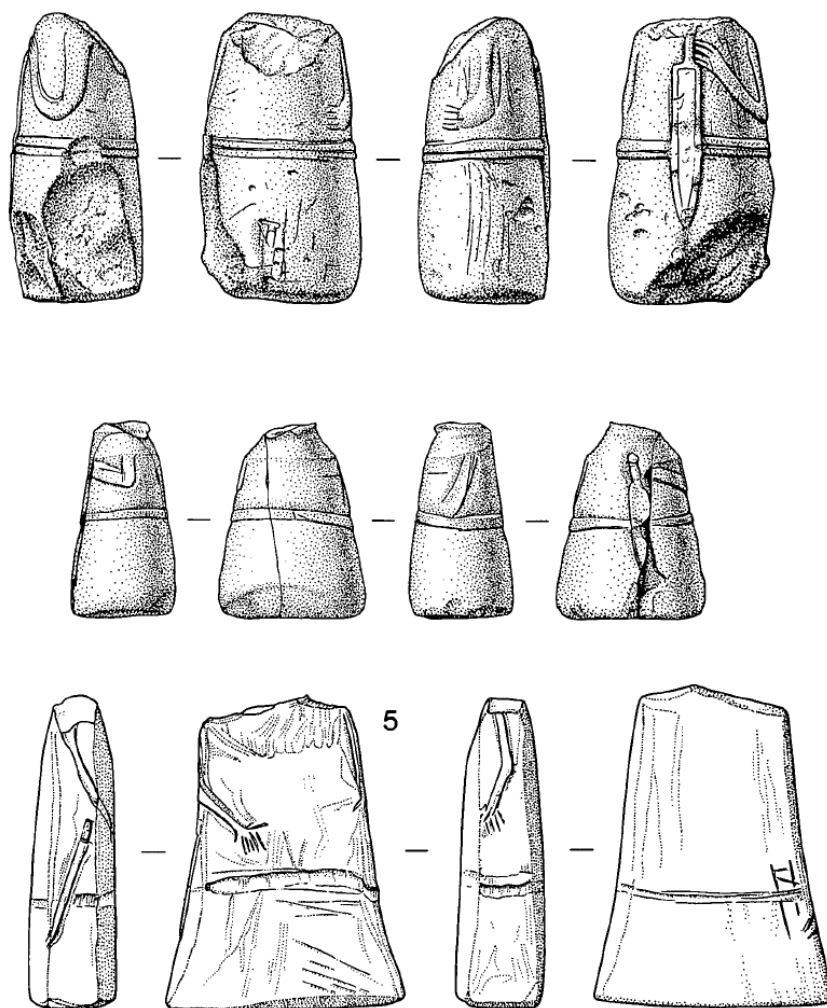


Figura 8.7 : Estatuetas de calcário/giz encontradas em Yorkshire. *Fonte:* Stead, 1988, com adaptações pelo autor. As estatuetas correspondem as de número 25, 26 e 5, respectivamente no catálogo formulado por Stead, 1988, e foram encontradas em Garton Slack.

Em alguns casos como R144, a semelhança com as estatuetas é visível.⁶¹ Nessa tumba o corpo do homem foi depositado em decúbito ventral (isto é, estendido com a barriga voltada para baixo) e em suas costas, próxima ao ombro e ao braço direito, uma espada foi depositada; mais ao sul, aos seus pés, uma lança. Apesar desse caso apresentar a mesma composição visual que a composição das mini-estatuetas, várias

⁶¹ Várias estatuetas apresentavam, também, cortes, ao longo de seus corpos, ou tiveram suas cabeças quebradas, possivelmente, como parte de um processo semelhante ao de decapitação (STEAD, 1988, p. 25). É possível, portanto, que mais uma semelhança entre vivências “reais” e “simbólicas” tenham sido traçadas nesse sentido. Os cortes e a decapitação das estatuetas funcionam como uma analogia ao processo de escarificação que ocorre em enfrentamentos armados, criando uma estética particular, possivelmente associada àquilo que Giles (2017), aproveitando-se da noção cunhada por Treherne (1995), chamou de uma “beleza guerreira”.

outras espadas encontradas como as de R146, R153, R174 estavam também do lado direito. Além disso, todas as adagas encontradas até hoje, sem exceção, se encontravam próximas ao braço direito. Essa mentalidade de posicionamento se estendia, inclusive, a demais objetos cortantes: facas, quando depositadas, estavam também no braço e mão direita (como em R45, R50) ou entre o braço direito e o torso (BF63).

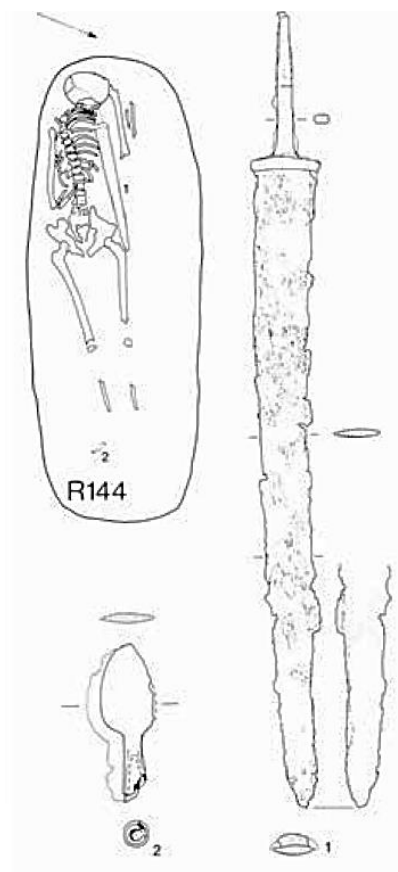


Figura 8.8: Enterramento de R144. Fonte: Stead, 1991. [1] uma espada, [2] uma ponta de lança.

É possível que tais posicionamentos ou associações tenham sido projetados a partir de sua utilização em vida, portanto, possuindo um efeito mimético com funções práticas de uso. Dois casos em particular, no entanto, revelam espadas intencionalmente depositadas do lado esquerdo do corpo: R139 e R163. Seria esse um mero indício de que as pessoas enterradas eram ambas canhotas e, não, destros? Ou será que essa diferenciação sutil, embora, ao mesmo tempo marcante, carregasse conotações simbólicas de diferença? Infelizmente, essas são perguntas para as quais não somos capazes de oferecer respostas. No entanto, me parece ao menos válido ressaltar que a ossada encontrada em R139 era de um indivíduo cujo sexo não pode ser determinado e o esqueleto de R163 parece corresponder ao de uma mulher. Dada a escassez de dados

nesse sentido não é possível identificar se essa distinção de posicionamentos refletia distinções sociais de fato (talvez, inclusive de gênero), mas é importante ao menos estarmos criticamente abertos a tais possibilidades.

A maior diferença em termos da deposição de armas parece ser motivada por fatores cronológicos: isto é, mudanças entre uma geração e outra em relação à execução de determinados ritos. Entre os séculos IV-III a.C. a maior parte das espadas costuma ser encontrada sobre o tronco superior dos mortos na altura do peito (K3, GST10, WS98, WS453, WS455). Por outro lado, a partir do século I a.C. elas costumam ser encontradas deliberadamente próximas aos braços direito, como já visto.

Além da frequente recorrência de armas em contextos fúnebres com ossadas masculinas, dois outros níveis de associação entre armamentos e uma identidade masculina diferenciada podem ser observados a níveis iconográficos. Em relação a isso, uma das espadas encontradas no enterramento de North Grimston oferece um ótimo ponto de partida. A arma em questão foi descoberta em uma tumba escavada por Mortimer (1905, p. 356), onde havia uma inumação, aparentemente de um homem, junto a um escudo, ossos de porcos e duas espadas: uma longa, com c. 830mm, e outra pequena com apenas 509mm. Trata-se de um caso particularmente especial, já que espadas são achadas apenas em números individuais na região. O curioso, no entanto, é que a espada mais curta encontrada em North Grimston possui um formato antropomórfico, isto é, imita o corpo humano. Esse é um achado raro para o contexto de armamentos na região e é o único caso em que esse tipo de item foi encontrado na Inglaterra. Espadas semelhantes, no entanto, ocorrem em regiões da Irlanda, como em Ballyshannon (Donegal) e da França, como os achados de Chatenay-Mâcheron (Haute-Marne), Besançon (Doubs), St-André-de-Lidon (Charente-Maritime), para citar alguns exemplos icônicos. Historiograficamente, a adoção de modelos decorativos antropomórficos tem sido atribuída à intensificação de contatos com as populações do Mediterrâneo antigo e, de fato, espadas antropomórficas se tornam cada vez mais recorrentes em regiões que vão desde a Hungria até a Irlanda a partir do século II a.C. e ao longo do século I a.C. (ALDHOUSE-GREEN, 1996b, p. 97; MEGAW; MEGAW, 2011; HARDING, 2007, p. 222).



Fig.8.9: Espadas antropomórficas do séc. II-I a.C: [1] North Grimston, Yorkshire (Inglaterra); [2] Tesson, Charente-Maritime (França); [3] Chatenay-Mâcheron, Haute-Marne (França); [4 e 5] St-Andre-de-Lidon, Charente-Maritime (França); [6] Besançon, Doubs (França); [7] Ballyshannon, Donegal (Irlanda). *Fontes:* Hull Museum's Collections (hullcc.gov.uk/museumcollections), n.º.rg: KINCM:1942.3001; (ALDHOUSE-GREEN, 1996b; FEUGÈRE, 1994; RAFTERY, 2000; REINACH, 1997)

As figuras humanas representadas nas espadas aparentam ser sempre masculinas. Esse é o caso da espada encontrada em North Grimston e em alguns outros itens como os de Besançon (França), em que é possível identificar figuras masculinas com pelos faciais no formato de elaborados bigodes. Todas as espadas com empunhaduras antropomórficas seguem uma estruturação que contém 4 partes: (1) a cabeça, (2) os membros superiores, (3) o tronco [que é o cabo da espada] e, por fim, (4) os membros inferiores. Muitas delas estão preservadas o suficiente, como é aqui o caso, a ponto de sermos capazes de visualizar até os detalhes dos cabelos das figuras humanas, jogados sempre para trás, de forma estilizada.

O que é interessante é que as cabeças são invariavelmente colocadas, em todos os casos, próximas ao fim da empunhadura e nunca na extremidade oposta, próximas às lâminas. Acredito que tal confecção possa ter sido estratégica: quando portadas, seja na lateral à altura da cintura ou nas costas, as espadas, obrigatoriamente, devem ficar em uma posição “em pé”, ou seja, em uma postura mimética àquela de seus portadores. Talvez, tal composição visual transcendesse simples usos marciais e, a se julgar pelo tamanho da espada de North Grimston, é possível que esse tipo de espada tivesse uma função simbólica, cerimonial ou religiosa. A possibilidade de elas possuírem então um efeito apotrópico é particularmente interessante, já que esse armamento parece desempenhar um papel guardião. Enquanto os olhos do seu portador estão voltados para aquilo que está à sua frente, os olhos dessas espadas, por outro lado, estão direcionados àquilo e àqueles que estão fora do campo de visão, “observando” o que ocorre no flanco.

Mas se as figuras antropomórficas dessas espadas são de fato masculinas não seria uma contradição que o principal atributo do sexo masculino – isto é, o falo – estivesse ausente? Talvez ele não esteja. Embora essa seja apenas uma possibilidade interpretativa ousada, acredito que ela seja pertinente ao contexto material discutido. Para um modelo extremamente estilizado de representação artística, como é o caso dos itens aqui discutidos, se seguirmos o raciocínio lógico de representação do corpo humano (com a cabeça no topo, membros superiores abertos, tronco e membros inferiores abertos) é possível, sim, identificar que entre os membros inferiores do corpo existe uma estrutura que se prolonga a partir das pernas dessas figuras humanoides: a lâmina da espada. A composição visual lembra a de um homem-vitruviano. Uma

estrutura representativa dividida em cabeça, membros (inferiores e superiores), tronco e órgão sexual.

Se esse for de fato o caso, há um nítido elemento de desproporção visual nesse sentido, porque a representação simbólica do membro sexual é maior do que a do seu próprio portador. Esse é um tema ainda não muito explorado pela historiografia da Idade do Ferro, em parte devido aos materiais disponíveis, mas, também, em larga escala, pelo desconforto intelectual gerado devido à tradição acadêmica ainda fortemente imbuída de valores puritanos/vitorianos (inclusive, em termos de gênero, cf. **Capítulo 5**). Discussões envolvendo temáticas semelhantes, no entanto, têm sido oferecidas para outras sociedades da Antiguidade (KEULS, 1993). Em termos iconográficos, a representação de ereções e o tamanho dos órgãos sexuais masculinos, por exemplo, poderiam carregar fortes conotações religiosas, identitárias, estéticas e até mesmo políticas. Estátuas e cerâmicas helênicas, por exemplo, tendem a representar um órgão flácido e pequeno, vinculando tal representação a um ideal de virtude e *sophrosíne*, isto é, associado à moderação, autocontrole, conforto entre iguais e, em última instância, encarando o falo não ereto como um símbolo de civismo e civilização. Em contraste faunos, sátiros e outras bestas míticas são quase sempre representadas com pênis eretos (por vezes, inclusive em tamanhos desproporcionais), atestando uma natureza volátil, bestial e descomedida aos prazeres da carne, e algumas peças teatrais chegam a associar tais comportamentos a homens tolos e rústicos.

Em outros casos da Antiguidade, no entanto, falos poderiam ser considerados símbolos de fertilidade, sobretudo associados à colheita e aos ciclos agrícolas ou a divindades específicas, como Priapo (NETO, 2006). Eles podiam, assim, adquirir uma forte conotação mágica e religiosa, sendo representados em formas, tamanhos e meios variados, que incluem desde pilares até mini-amuletos para proteção (Cf. ULLMANN, 2005, p. 71–82). Além disso, outras representações parecem estar diretamente associadas a um ideal de masculinidade. Nas Ilhas Britânicas, um caso notável de imagem do tipo é o Gigante de Cerne Abbas - uma figura masculina de 55 metros representada no calcário e grama, no topo de uma colina, segurando uma espécie de clava. O “gigante” está completamente nu e apresenta uma nítida (e desproporcional) ereção, porém, embora se estime que a figura tenha origens romano-bretãs, ainda hoje

não se sabe exatamente em que período tal construção foi executada, tendo permanecido pobremente documentada até o século XVII (BETTEY, 1981).

Embora todas essas discussões pareçam (a princípio) fora de lugar e terem pouco a contribuir para a realidade material encontrada em Yorkshire, acredito que representações simbólicas de órgãos sexuais e armamentos tenham ocupado um lugar importante (se não em todos os casos, ao menos em alguns) nas sinalizações sociais construídas entre gênero e armas. Se, sozinha, a espada de North Grimston não parece apresentar um caso convincente o suficiente para os mais céticos, essas associações irão se tornar mais nítidas uma vez que observamos outros registros iconográficos da região, como as mini-estatuetas já mencionadas. Um caso em particular merece destaque: a estatueta de Withernsea.

O item em questão possui 11 cm de altura com uma base oval de 7 por 6 cm e representa uma figura masculina armada com uma espada em suas costas. Enquanto o braço esquerdo repousa à altura do peito/abdômen, o direito está virado para trás, em direção à espada. Uma faixa circunda a figura horizontalmente como uma espécie de cinto, que serve também como suporte para a espada nas costas. O rosto da estatueta estava preservado o suficiente a ponto de sermos capazes de identificar os olhos, nariz, boca e sobrancelhas. A expressão facial representada é séria, indicada pelo ângulo das sobrancelhas e, também, pela curvatura dos lábios. Um tracejado retilíneo acima dos lábios indica a presença de um bigode. A divisória entre a cabeça e o corpo da figura prolongada ao redor de toda a parte superior, embora lembre um capuz, pode representar um corte de cabelo longo à altura dos ombros com as orelhas de fora, e poderia terminar em uma barba na altura do rosto (STEAD, 1988, p. 9).

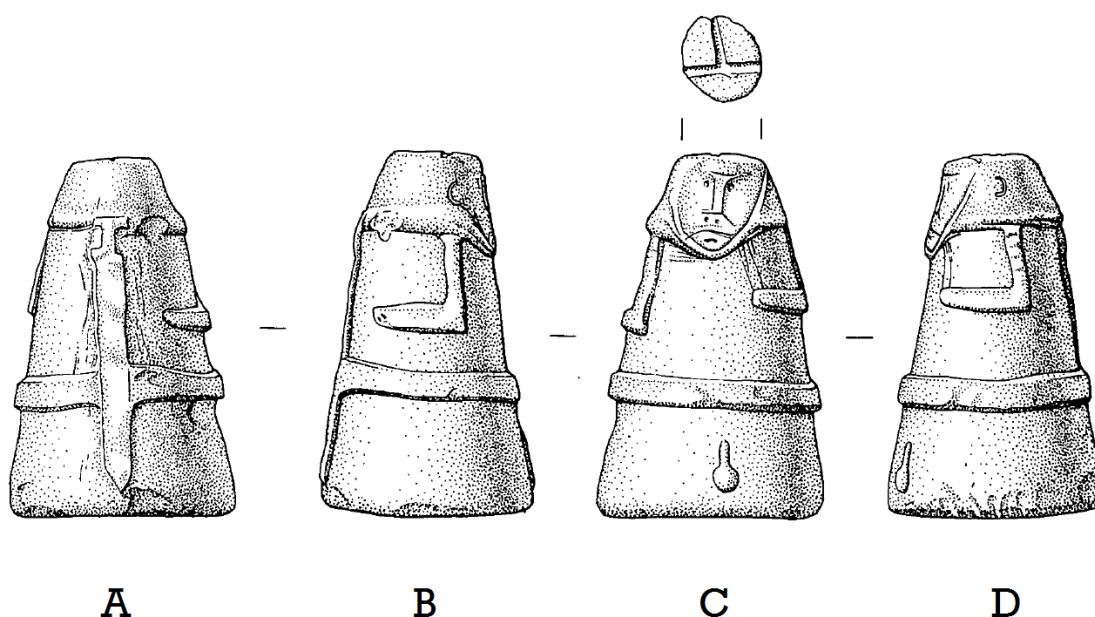


Fig. 8.10. Estatueta de Withernsea (East Yorkshire). Os ângulos retratados incluem [A] as costas, [B] o lado direito, [C] frente e [D] o lado esquerdo da estatueta. *Fonte:* Stead, 1988, com adaptações pelo autor.

O que torna o achado de Withernsea tão relevante ao debate, aqui, é que a figura esculpida conta com uma nítida representação de seu órgão sexual imediatamente abaixo do cinto. O falo está ereto, apontando para cima, e é seguido pela bolsa escrotal abaixo. O discurso imagético construído parece ser voltado à virilidade e masculinidade, com os símbolos biológicos masculinos (como bigode, barba e pênis) estão combinados a um artefato particular (espada), construindo uma atribuição e valorização particular de gênero. Fora de Yorkshire, uma projeção iconográfica semelhante pode ser encontrada na estátua de Hirschlanden, encontrada no sul alemão. Datada entre 600-450 a.C., essa estátua em tamanho real medindo cerca de 1,50m representa novamente uma figura masculina com um cinto e uma espada (dessa vez, na frente/lateral do corpo), o braço esquerdo próximo ao peito ao passo que o direito está mais próximo à espada e, tal como Withernsea, um falo ereto enfatizado. É possível, portanto, que determinados modelos e estruturas representativas, como o da estatueta de Withernsea, fizessem parte de um repertório maior de representações marciais (talvez, associadas a figuras ancestrais, ou até mesmo divindades).

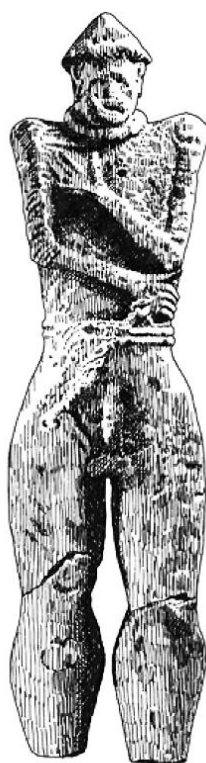


Fig.8.11 O dito “guerreiro de Hirschlander”. A estátua foi feita de arenito e teria sido posicionada em cima de um montículo fúnebre, datando de 550-500 a.C.. *Fonte:* Green, 2004, desenho por Paul Jenkins.

Essa é uma possibilidade interpretativa reforçada, novamente, em Yorkshire, pelas figuras de Roos Carr, um sítio próximo à Withernsea, onde um conjunto de estatuetas da Idade do Ferro feitas de madeira foram encontradas, datando entre 600-500 a.C. (COLES, 1990, p. 326). O conjunto contém um barco e o que parece ter sido um total de oito componentes humanoides, embora apenas cinco tenham sido preservados e resistido aos dias atuais. Eles parecem estar armados. Pelo menos, alguns de seus escudos se encontram em perfeito estado a ponto de podermos identificar seu formato e as bossas centrais que os adornavam. As figuras apresentam um buraco na altura da pélvis que serve de encaixe para um conjunto de pênis. Estes podem ser colocados de modo a apontarem para baixo (em posição relaxada) ou para cima (em posição ereta)⁶². Aqui, novamente, vemos, portanto, uma associação construída entre armas e órgãos sexuais masculinos, possivelmente associadas a ideais de gêneros

⁶² Como é de se esperar, além do seu valor histórico, o achado apresenta também um curioso histórico de exibição, já que o item foi descoberto em 1836. Até algumas décadas antes, os pênis das estatuetas foram sistematicamente removidos e deixados fora de *display* na reserva técnica, a fim de não ofender os “pudores” dos visitantes, embora, hoje, dois deles se encontrem em exibição (voltados para baixo).

específicos. As estatuetas de Roos Carr são, de certo modo, comparáveis à de Kingsteignton (Devon) datada de 426-352 a.C., esta última sendo uma figura humana de madeira, feita com uma estética semelhante à de Roos Carr, apresenta um membro fálico ereto (dessa vez esculpido diretamente no corpo da figura) (COLES, 1990, p. 319)⁶³.

Estatuetas ainda são artefatos raros para o contexto de descobertas bretãs, em especial pelo fato de muitas delas originalmente terem sido feitas de madeira. A construção de projeções (visuais) fálicas, no entanto, era uma realidade para diferentes comunidades da Idade do Ferro (mas talvez não a todas). É provável que muitos desses recursos imagéticos fizessem parte de determinados simbolismos associados a atos criadores ou à fertilidade como um todo: temas relevantes para sociedades de pequena escala fortemente dependentes de uma vida agropastoril. Não há como saber ao certo. No entanto, em alguns casos, é possível, sim, identificar uma correlação direta construída em Yorkshire entre o sexo masculino com o universo de armas a níveis iconográficos. Essa conexão pode ser também identificada a partir dos registros fúnebres disponíveis na região.

Algumas tumbas, no entanto, atestam que armas nem sempre ocorrem em enterramentos de pessoas do sexo masculino. A presença de contraindicações em alguns casos e a ocorrência de armamentos junto a dois possíveis enterramentos femininos deve ser, assim, levada em consideração. Até porque nem sempre o sexo de mini-estatuetas é óbvio como ocorre em Withernsea e a ambivalência dinâmica das figuras de Roos Carr (cujos sexos podem ser removidos), talvez sejam, igualmente, todos, indícios da possibilidade de certa flexibilidade de gênero. Relações entre enfrentamentos armados e pessoas do sexo feminino serão discutidas em maiores detalhes no **Capítulo 11**.

Apesar disso, há um forte padrão de associação observado tanto em termos fúnebres quanto iconográficos em relação ao universo de armas e o sexo masculino. Embora sejam poucas as evidências, alguns enterramentos atestam que determinados indivíduos sepultados com armas estavam de fato se envolvendo em enfrentamentos

⁶³ Um apanhado de estatuetas antropomórficas de madeira das Ilhas Britânicas pode ser encontrado em COLES, 1990. Achados semelhantes, no entanto, não contemplados por Coles, incluem outros casos contemporâneos encontrados no Continente, como o “ídolo de Broddenbjerg” encontrado na Dinamarca (535–520 a.C.), por exemplo, que apresenta uma figura humana ictifálica (Cf. EINERSTAM, 1956).

armados, como é o caso de ACK1 e WS453, onde as cicatrizes de cortes causados por objetos cortantes ainda estão visíveis nos ossos de seus esqueletos. Em outros casos, é possível que tais deposições tenham sido condicionadas por princípios puramente simbólicos, criando uma imagem última idealizada do morto. A partir do século II/I a.C., as armas se tornam proporcionalmente mais recorrentes nos cemitérios da região, ainda que a prática da inumação estivesse gradualmente entrando em desuso e, de fato, enterramentos de tipo-B revelam a maior concentração desses achados. A identidade marcial projetada em contextos fúnebres é, portanto, muito mais complexa do que se costuma imaginar. Ela não é o mero reflexo de uma classe guerreira, mas ao contrário, representa um repertório de referências que poderiam ser utilizados em ocasiões especiais, forjando uma identidade situacional e temporal particular (REBAY-SALISBURY, 2017, p. 42).

8.2. Espetando os mortos: armas e performances fúnebres

Aos poucos, o homem deitado no interior de sua cova, com uma espada e um escudo, desaparece. Terra é colocada sobre seu corpo. O calcário vermelho do solo, há pouco escavado, vai gradualmente adquirindo uma coloração embranquecida com o passar do tempo. Alguns minutos depois, uma primeira camada de terra já cobre por completo a cova. Alguns indivíduos se aproximam com lanças em mãos. Todos os olhares, agora, estão direcionados a eles: o ar, carregado de expectativa. Minutos depois, uma lança é enfiada com vigor contra a cova. Ela penetra a terra, na direção do homem enterrado, e um forte som metálico – ainda que abafado pela terra – pode ser ouvido. A ponta da lança acaba de atingir o meio do escudo, criando um forte impacto. Enquanto a cova é preenchida, mais uma lança é atirada contra a sepultura. E mais outra. E mais outra.

Dias, meses e anos se passam, no entanto, à distância, um testemunho daquele dia continua visível na paisagem. Longos cabos de madeira se projetam para o mundo do interior de uma tumba, servindo como um lembrete do homem ali enterrado e daqueles que participaram de seu funeral.

8.2.1 Introdução

Em 2016, notícias de uma tumba em Pocklington, cuja aparência era semelhante à de um porco-espinho, repercutiram com grande popularidade na mídia inglesa (BEALL; JOSEPH, 2016; FINNIGAN, 2016; HALKON, 2016; HARVEY, 2016; PARVEEN, 2016a). A comparação entre a sepultura e a figura de um ouriço faz alusão a uma modalidade rara de enterramento emblemática na região de Yorkshire, conhecida historiograficamente como *speared-corpses*: um rito no qual, em linhas gerais, após um morto ter sido depositado no interior da cova e ela ter começado a ser preenchida, uma ou várias lanças são enfiadas contra a sepultura. Embora a madeira das lanças tenha se perdido com o tempo e os montículos estejam, hoje, nivelados, o efeito visual de tais enterramentos deveria ter sido impactante, revelando a olho nu uma tumba com montículo elevado acima do nível do solo e lanças saindo de seu interior, tal qual o corpo de um ouriço (motivo pelo qual a analogia com o animal se tornou tão popular).

O enterramento encontrado em Pocklington era de um indivíduo do sexo masculino de 17-25 anos. O sujeito foi enterrado com uma espada em uma característica posição fletida sobre o lado esquerdo do corpo e, com base nas evidências já divulgadas, parece que ao menos duas das seis lanças encontradas juntas ao seu esqueleto foram enfiadas na cova. Apesar da recém-adquirida notoriedade, essa não é a primeira nem única tumba do tipo encontrada nos Wolds e evidências a respeito de tais modalidades de enterramentos já podem ser encontradas em algumas das primeiras escavações realizadas durante o século XIX na região, como atesta um caso documentado por Mortimer (1905).

8.2.2. As tumbas espetadas da Idade do Ferro

Em Grimthorpe (GR1) um esqueleto de um “jovem homem” foi encontrado com uma espada, um escudo e uma ponta de lança de ferro (MORTIMER, 1905, p. 150–151). A espada foi depositada em posição idêntica àquela de Pocklington, com a empunhadura próxima ao crânio do esqueleto, e, não obstante, o enterramento revela também sinais de ter sido espetado como parte do ritual de arremesso de lanças contra a cova, embora durante muito tempo esse aspecto tenha sido ignorado. Isso porque a tumba em questão revelou um conjunto de 16 ossos animais cuidadosamente trabalhados de modo a ficarem com um formato pontiagudo penetrante. Essas pontas

foram encontradas em diferentes localidades, tanto acima, como abaixo do esqueleto e, ainda, no preenchimento da cova, tendo sido, na época, corretamente identificadas por Mortimer (1905, p. 151) como partes de lanças feitas a partir de ossos. No entanto, devido à ausência de achados semelhantes até a década de 1970-80, Stead (1979, p. 86; 1969b, p. 170) equivocadamente categorizou as pontas como “prendedores” utilizados para fixar um manto, embora escavações futuras tenham oferecido evidências suficientes de outras lanças constituídas da mesma forma, fazendo com que o autor reconsiderasse sua interpretação prévia (STEAD, 1991, p. 78).

Lanças feitas a partir de ossadas animais e galhadas são comuns à Idade do Ferro e seu uso em grande parte parece estar associado a funções de arremesso. Alguns autores como Harding (2016, p. 177) acreditam que tais armas fizessem parte de um equipamento “mais mundano” e fossem utilizados pela “maioria das tropas combatentes da Idade do Ferro” na Europa e nas Ilhas Britânicas. No entanto, sua presença em seletos contextos fúnebres e em deposições votivas, como a encontrada em Hjortspring (Als, Dinamarca) onde 31 dessas lanças foram achadas com 138 outras feitas com pontas de ferro, indicam que devemos ser cautelosos em traçar tais associações, já que a presença de artefatos desse tipo poderia se dar em contextos bastante ritualizados. Esse é um aspecto reforçado em diferentes níveis dependendo de como o encaramos. Por exemplo, as lanças de ossos encontradas em Yorkshire foram feitas a partir de metatarsos de ovelhas (STEAD, 1991, p. 78), um animal importante não só para a subsistência das comunidades locais, mas que também costuma ser encontrado nas tumbas da região relacionado a ritos de comensalidade (cf. **Capítulo 6**), indicando uma associação curiosa entre esferas da vida e da morte, e um universo agropastoril e marcial.

Além de Grimthorpe, outros enterramentos como os GST5, R146, R174 também revelaram lanças feitas com pontas de ossos enfiadas em covas. O ritual de se “espetar” covas não seguia uma regra fixa e estática. Ele podia incluir lanças feitas com pontas ósseas ou de ferro e em alguns casos, como R174 revela, até mesmo ambos os tipos em uma mesma cova. A quantidade de lanças também variava de um caso a outro: em alguns enterramentos, apenas uma única lança foi atirada durante o preenchimento da cova (R50), em outros como Grimthorpe, 17 lanças (1 de ferro e 16 de ossos) foram espetadas na cova. As escavações realizadas nos cemitérios do vale do Great Wolds e

em Garton Station/Kirkburn permitiram, ainda, observar com maior precisão, a partir de níveis estratigráficos, que o ritual de furar as covas poderia ocorrer em diferentes estágios durante o preenchimento das covas (STEAD, 1991, p. 33). Esse fenômeno é particularmente visível em tumbas como as de K3 e GST7, onde muitas das lanças encontradas estão no preenchimento acima dos esqueletos e com as pontas voltadas para baixo.

A posição em que tais itens são encontrados mostra uma diversidade performática condicionada pelo momento. Em alguns casos, as lanças foram enfiadas diretamente à altura dos membros superiores ou partes laterais do morto, como é o caso da tumba de R154, onde um homem enterrado com ferramentas metalúrgicas teve uma das lanças enfiadas entre seu braço direito e um tenaz depositado junto a seu corpo e uma segunda lança foi encontrada mais ao sul (cf. **Capítulo 10**). Em outros casos, elas foram diretamente atiradas contra o corpo da pessoa morta, como GST7 que teve 4 lanças enfiadas na altura de sua barriga/cintura, 1 na altura do peito, além de 3 outras enfiadas na cova e outras 3 mais encontradas no preenchimento da cova, 20 cm acima do abdômen do morto. Uma realidade semelhante também foi encontrada em GST10, onde 6 lanças foram enfiadas diretamente à altura do corpo de um homem enterrado com uma espada, e outras 8 lanças mais foram atiradas espalhadas em sua cova.

Tumbas com lanças enfiadas em seu interior podem ser identificadas em pelo menos 15 dos enterramentos que constam no banco de dados da tese e são encontrados nos seguintes cemitérios: Grimthorpe, Rudston, Garton Station, Kirkburn e Wetwang Slack. Os números, no entanto, talvez sejam ainda maiores não só devido à inclusão no futuro breve de novos casos (como o encontrado em Pocklington), mas também quando alguns dos materiais obtidos em escavações antigas forem devidamente recontextualizados⁶⁴. Até o presente, o *corpus* de enterramentos encontrados na região atesta que esse rito estava de maneira (aparentemente) exclusiva associada ao sexo masculino. Além disso, todos os indivíduos que foram “espetados” em morte eram adultos: a análise etária revela que há uma concentração nas tumbas de indivíduos que

⁶⁴ Esse é particularmente o caso de dois enterramentos, um encontrado pelos Granthams em 1965 em Garton Slack, onde um indivíduo do sexo masculino de 25-35 anos foi encontrado em uma tumba de 0,55m de profundidade com uma ponta de lança de ferro enfiada na altura de seu peito (DENT, 1983c, p. 11) e outro descoberto em 1865, durante a construção da malha ferroviária próxima a Garton Station, onde um esqueleto foi encontrado com sete pontas de lanças enfiadas em sua cova desde a altura do seu crânio até os quadris, interpretado na época como um enterramento anglo-saxão (MORTIMER, 1905, p. 237).

morreram entre 17-25 e 25-35 anos, respectivamente e, curiosamente, nenhum homem de idade avançada (com 35-45+ anos) recebeu esse tratamento fúnebre. Acredito, portanto, que tal rito fosse fortemente condicionado por determinados atributos identitários específicos associados ao gênero masculino.

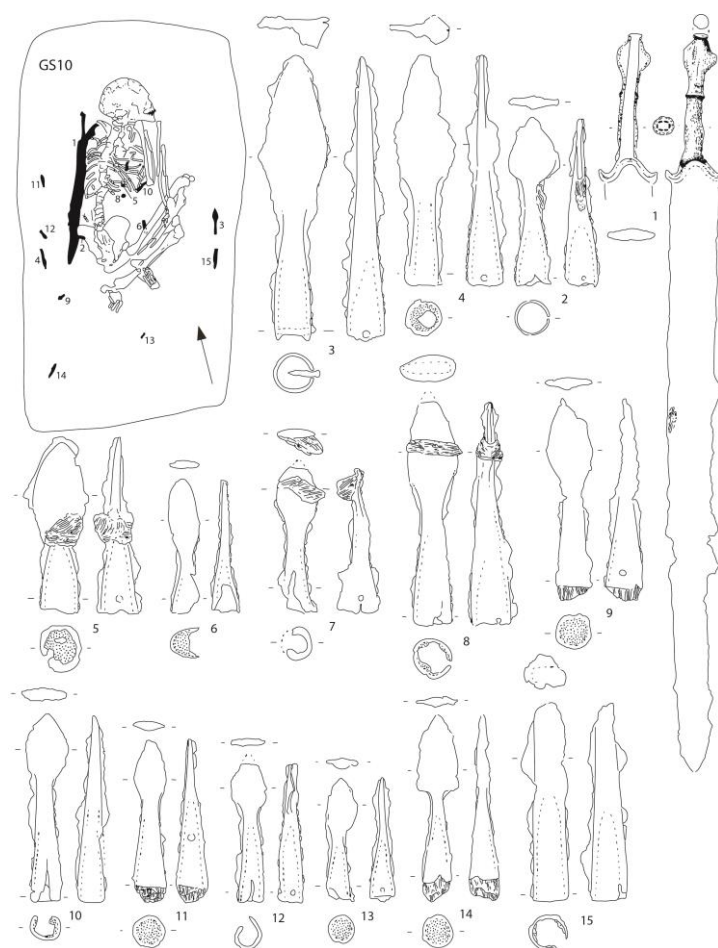
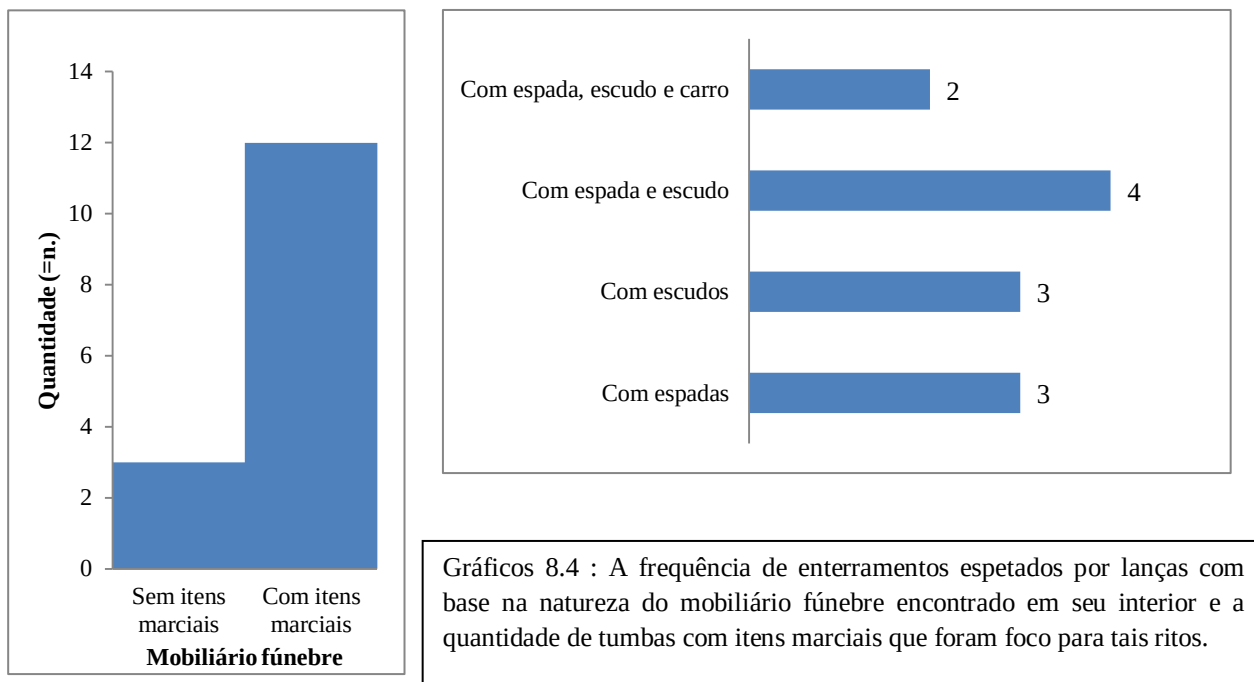


Fig.8.12 : Enterramento de GST10. Fonte: Giles, 2012, adaptado do original por Stead, 1991.

O ritual de enfiar lanças em tumbas aparece fortemente associado a atributos militares, como indicam os gráficos a seguir. Os dados expostos são particularmente interessantes já que nos indicam uma dupla conexão com uma identidade marcial. Isto é, não só o ato de se arremessarem lanças contra um alvo pode ser considerado, por excelência, como uma prática vinculada a um universo de enfrentamentos armados, mas ainda a sua ocorrência sistematicamente em tumbas nas quais encontramos espadas e escudos nos revela a realização de performances extremamente dramáticas associadas a determinados atributos masculinos idealizados. Sua presença em enterramentos de tipo—

A, –B e –C denota ainda que embora se trate de uma prática bastante rara, ela não estava restrita a apenas determinada modalidade de enterramento e poderia ocorrer em diferentes momentos entre os séculos IV-I a.C..



Mas por que enfiar lanças em pessoas que já estavam mortas?

Historiograficamente, o ato tem sido interpretado como uma medida ritual preventiva: uma forma simbólica de se matar o espírito de mortos que possam, por qualquer motivo, ameaçar os vivos ou prevenir que eles retornem para causar males (GREEN, 2001, p. 35; HARDING, 2016, p. 206, 2017, p. 39). O ritual seria, assim, para alguns, uma forma de garantir não só que determinado indivíduo perigoso estivesse morto, como possibilitaria também que sua ‘alma’ fosse destruída, como escreve Harding:

“Etnograficamente, às vezes acredita-se que os mortos sejam capazes de conjurar espíritos malignos que podem ameaçar a comunidade dos vivos, de modo que tal ritual talvez tenha sido feito com o intuito de ser uma forma de ‘se matar um fantasma’ (*ghost killing*)” (HARDING, 2017, p. 39).

Essa interpretação, contudo, parece problemática. Embora tenha sido proposta como explicação para esse curioso ritual encontrado em Yorkshire, ela em nada se

adequa à realidade material encontrada na região. Há uma série de contrassensos nesse sentido.

Em primeiro lugar, de um ponto de vista do mobiliário fúnebre, observamos o oposto do postulado anteriormente. Isto é, ao invés de mostrarem tentativas simbólicas de assassinatos de indivíduos temidos/malvistos, as tumbas perfuradas por lanças revelam indivíduos celebrados em suas mortes de diferentes maneiras: às vezes com itens associados a uma função valorizada, como a metalurgia; outras vezes, com um mobiliário fúnebre distinto, contendo elaborados veículos desmontados; e, em muitas ocasiões, com preciosos itens de armamento como espadas e escudos cuidadosamente depositados em suas tumbas. Além disso, demais evidências encontradas nas Ilhas Britânicas reforçam haver um disparate do modelo interpretativo tradicional com a realidade arqueológica encontrada. Inall (2016) identificou duas outras tumbas da Idade do Ferro fora de Yorkshire que também foram alvo de ritos semelhantes, em que lanças foram enfiadas em tumbas delimitadas por trincheiras quadrangulares em Owslebury (Hampshire) e Brisley Farm (Kent). Nas duas ocasiões, novamente, ao invés de serem tratadas com repulsa e ressalvas, ambas as tumbas parecem ter se tornado um ponto focal para atividades rituais e atos de veneração por parte das comunidades locais e das gerações futuras (INALL, 2016, p. 50).

Em segundo lugar, de um ponto de vista espacial, é possível observar que muitos dos enterramentos espetados por lanças em Yorkshire ocupavam locais privilegiados no interior dos cemitérios onde são encontrados. Em Kirkburn e Garton Station essa realidade é particularmente nítida. Lá enterramentos perfurados por lanças formam pequenos agrupamentos e/ou são encontrados em direta relação de proximidade com tumbas de caráter monumental, como os enterramentos com carros encontrados em ambos os sítios. Além disso, em Garton Station as tumbas de GST4, GST5 e, em especial, de GST7 e GST10 foram todas encontradas agrupadas e alinhadas ao longo do Gypsy Race, um córrego de tipo intermitente. Consequentemente a área em que se encontravam era mais úmida e de vegetação mais rica (GILES, 2012, p. 55; THEW; WAGNER, 1991, p. 150–51) e é provável que tal localização e sua proximidade com o curso aquático tivesse fortes implicações cosmológicas e conferisse um caráter de importância às tumbas (BEVAN, 1997; GILES, 2012, p. 214–220; WILLIAMS, 2003, p. 234, 242). Ao mesmo tempo, se vistas em conjunto, as tumbas perfuradas por lanças

nos revelam uma manipulação da paisagem e da cultura material indicando a construção de um simbolismo marcial compartilhado entre diferentes homens. Ao invés de terem sido expurgados ou excluídos, os indivíduos assim enterrados parecem ter sido, portanto, intencionalmente rememorados após sua morte, recebendo funerais performáticos que os distinguiam. Como Giles (2012, p. 243) aponta, quer eles tenham sido guerreiros de fato em vida ou não, a imagem projetada por aqueles que realizaram seus funerais é a de uma narrativa poderosa, associada a atributos marciais intimidadores e memoráveis.

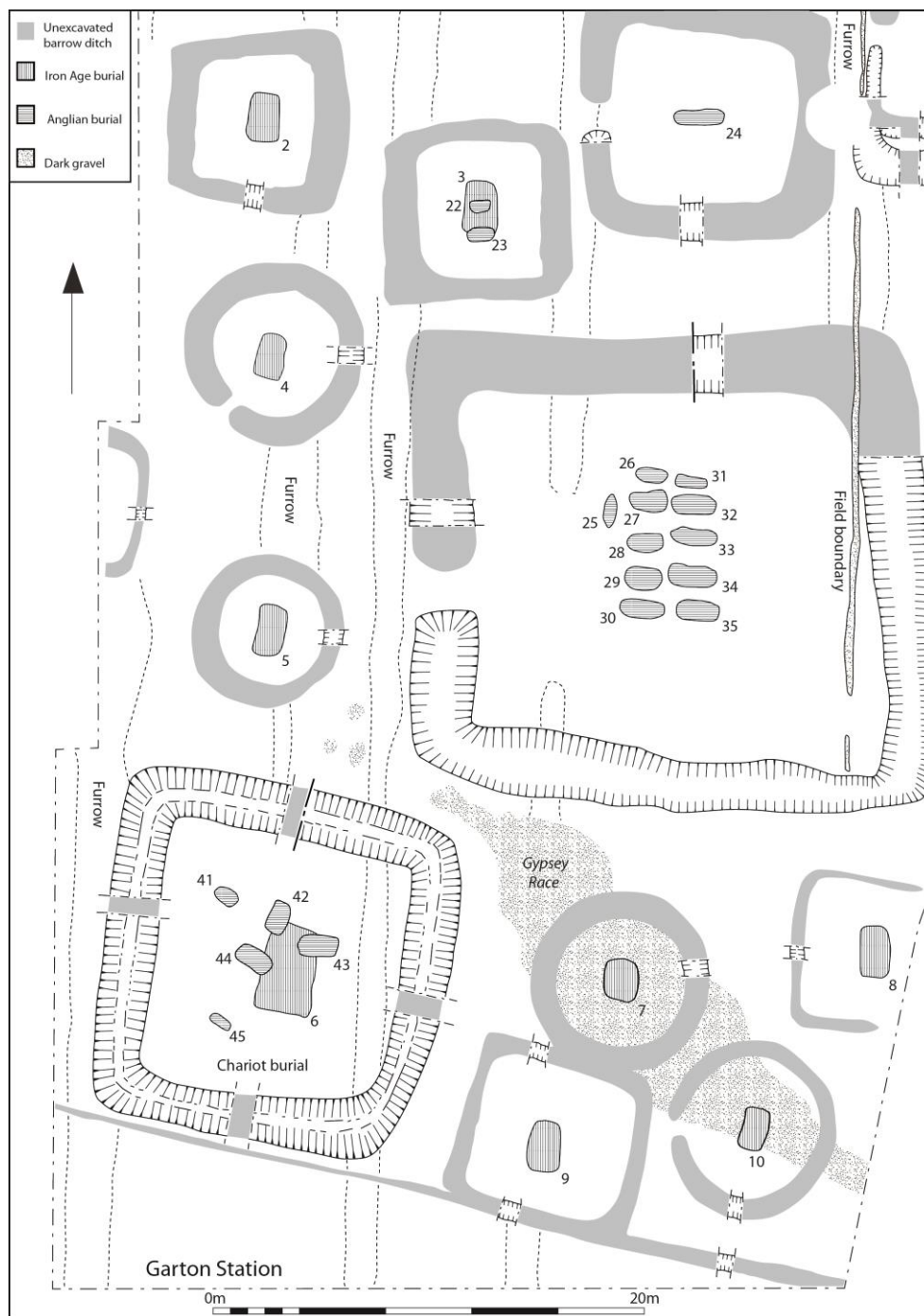


Fig. 8.13 Planta do sítio de Garton Station mostrando as tumbas cortadas pelo Gypsy Race.
 Fonte: Giles, 2012 adaptada do original por Stead, 1991.

A discussão feita por Kristoffersen e Oestigaard (2008) sobre as variações nos tratamentos fúnebres encontrados em contextos antigos e medievais na Noruega, nos oferece aqui um valioso ponto de partida para a realidade das tumbas da Idade do Ferro bretã perfuradas por lança. Embora os contextos discutidos sejam distintos, algumas reflexões teóricas se fazem análogas, em especial a partir da noção de “mitos da morte”

– um conceito analítico proposto pelos autores em torno das variadas performances realizadas em contextos fúnebres cujo objetivo é o de se articular a morte física às expectativas sociais, a partir de uma série de ritos prescritivos (KRISTOFFERSEN; OESTIGAARD, 2008, p. 136).

“Os ‘mitos da morte’ prescrevem como os que sobrevivem podem criar uma situação divina e cosmológica a partir do arranjo de rituais diferentes nos quais os mortos aparecem diante dos deuses como se tivessem morrido a morte ideal, embora isso não tenha ocorrido de fato. Os rituais criam uma situação ideal e ‘reparam’ as consequências cosmológicas de se ter morrido da maneira ou no lugar errado” (KRISTOFFERSEN; OESTIGAARD, 2008, p. 128)

Como os autores chamam a atenção, tais performances são tão importantes para os mortos como para os que não morreram (*idem*, p.137). Elas revelam um conjunto de ações conscientemente tomadas pelos vivos a partir de intenções variadas, envolvendo tanto ambições espirituais (como a obtenção de favores divinos e bons presságios religiosos), como também práticas, forjando uma arena para a projeção de ambições sociais. É possível que o ato de se enfiarem lanças em covas desempenhasse um papel semelhante nesse sentido. Isto é, ele poderia ter possibilitado não apenas determinados mortos de serem lembrados em seu funeral de uma maneira poderosa, mas ao mesmo tempo conferiria certa legitimidade social àqueles que os realizavam, pois apenas indivíduos, talvez de grande importância (social e/ou religiosa) ou companheiros de armas, poderiam participar ativamente do ritual, enfiando suas lanças violentamente contra as sepulturas.

Talvez, como sugere a interpretação proposta por Kristoffersen e Oestigaard (2008), esses espetáculos tivessem uma função reparadora, garantindo que certos indivíduos gozassem de uma morte simbólica honrável, em ocasiões quando suas vidas chegaram ao fim por conta de motivos não tão memoráveis – como uma doença ou um acidente. Se esse for o caso, dada sua ausência em tumbas de homens com idade mais avançada (35+ anos), é possível inferir que tais expectativas existiam apenas para alguns indivíduos do sexo masculino em idade jovem. No entanto, é possível que o ritual estivesse ligado também a uma despedida fúnebre especial, reservada apenas a alguns indivíduos com base em seus feitos em vida ou atributos físicos/sociais específicos: uma espécie de versão marcial bretã antiga para a salva de tiros moderna,

tão comum, hoje, em celebrações vinculadas a funções de Estado ou funerais de militares (GILES, 2012, p. 242).

Seja como for, esses atos parecem ter sido realizados do modo mais dramático e memorável possível. A análise artefactual das lanças com pontas de ferro encontradas nessas tumbas sugere que muitas delas eram “armas insubstanciais”, com lâminas de baixa resistência e propensas a serem dobradas ou quebradas (STEAD, 1991, p. 33, 75). Essa é uma forte pista de que talvez elas tenham sido feitas intencionalmente dessa maneira para a realização de tais performances fúnebres. Não é de se espantar, portanto, que muitas das lanças tivessem determinado ponto quebrado e distorcido após terem perfurado as sepulturas (R154, BF16, GST10). Esse efeito é ainda mais marcante nos enterramentos com escudos, pois o choque das pontas contra os escudos enterrados gerou um impacto tão forte, a ponto de fazer com que muitas das lâminas tenham se dobrado na metade (R174, GST4, GST7). Observe a seguir, em especial, as lanças de nº. 5 e 8 da tumba de R174, dobradas na metade e as de nº. 7 e 9 com partes da pontas quebradas, por exemplo.

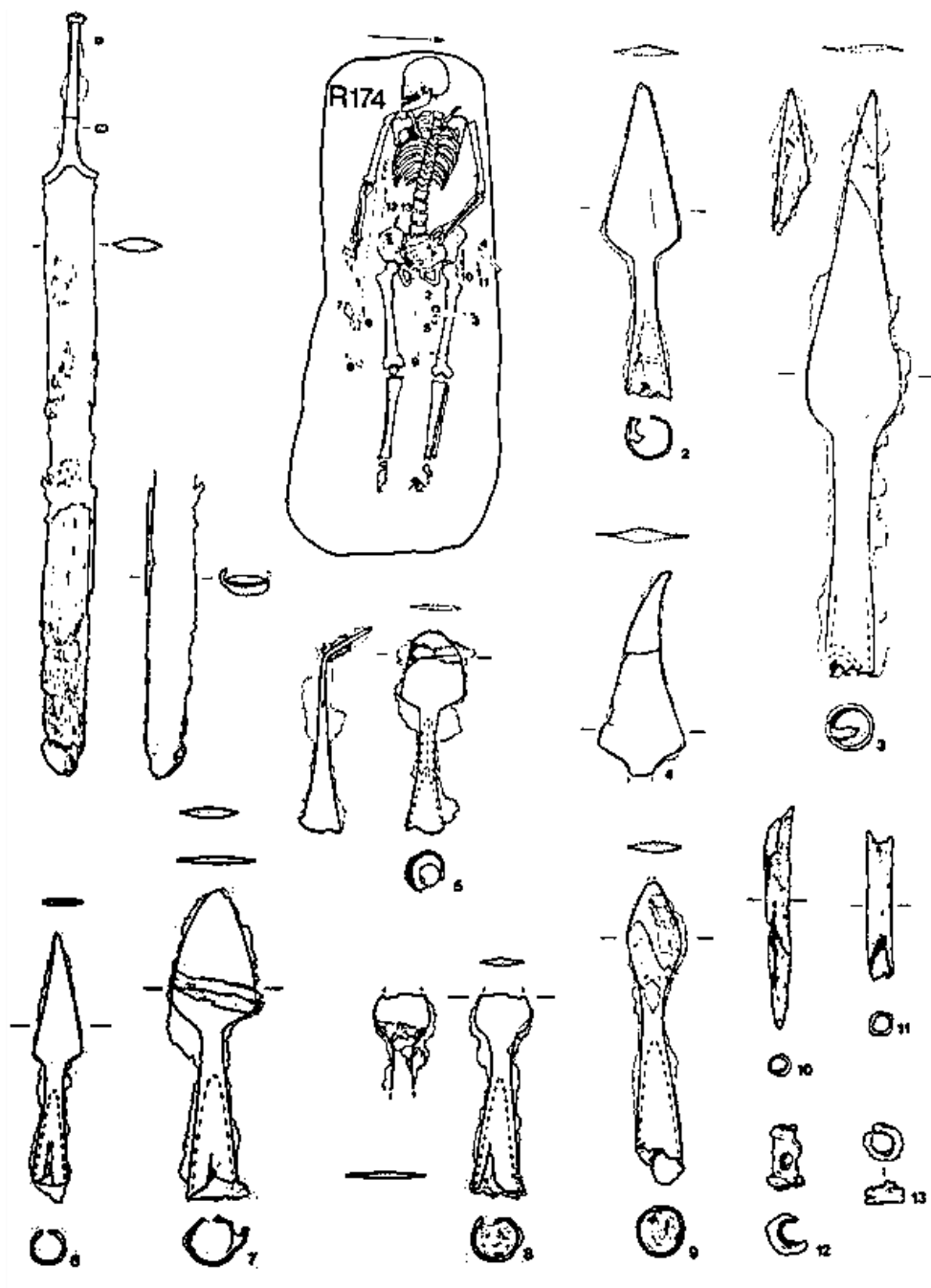


Fig.8.14 : Enterramento de R174. Fonte: Stead, 1991.

Há, portanto, um elemento de teatralidade intencionalmente orquestrado entre habilidades físicas e confecções metalúrgicas. Espadas próximas aos mortos, lanças que se chocam contra escudos, quando combinados, todos esses elementos geram um efeito que simula ou faz referência a um enfrentamento com armas. Estudos recentes têm destacado que tanto a habilidade como a realização de feitos violentos (ainda que

puramente de modo simbólico) são fatores que desempenhavam um papel fundamental na construção e constituição de noções de masculinidade na pré-história europeia, em especial durante a Idade do Ferro (GILES, 2012; JAMES, 2018; SKOGSTRAND, 2017). O ritual de se enfiarem lanças em tumbas parece dialogar perfeitamente com esse cenário, revelando não só fortes conexões com atributos sexuais como também etários.

9. As tumbas com carro de Yorkshire

9.1. Enterramentos com carros da Idade do Ferro

Nas Ilhas Britânicas, a descoberta de enterramentos da Idade do Ferro com carros é frequentemente recebida com grande entusiasmo e interesse, tanto por parte do mundo acadêmico, como também pelos veículos de comunicação. Dois motivos explicam o porquê de tal fenômeno. Em primeiro lugar, há uma relevância numérica que sublinha cada nova descoberta para o contexto bretão. Na Europa continental, uma série de tumbas com veículos são encontradas não apenas no período Hallstatt (PARE, 1991, 1992), mas também ao longo do período La Tène (ANTHOONS, 2011): a região francesa do Marne, onde enterramentos com carros estão registrados na casa das centenas é, provavelmente, o melhor exemplo de tal fenômeno⁶⁵. Diferentemente do continente, as Ilhas Britânicas contam com um número significativamente reduzido de enterramentos do tipo, tornando cada um dos achados objetos de destaque. Em segundo lugar, acrescida à frequência numérica encontra-se uma importância de caráter arqueológico/material. Isso porque tumbas com carros quase sempre revelam um conjunto de artefatos distintos, seja em termos da ocorrência limitada desses objetos em contextos funerários na Idade do Ferro bretã (como a cota de malha encontrada em K5), seja através da qualidade excepcional de alguns achados nos quais materiais raros (como pedras de coral importadas) foram empregadas para seu embelezamento, destoando, assim, dos artefatos encontrados na maior parte de outras tumbas.

⁶⁵ É importante ressaltar, contudo, a fim de diferenciação tipológica, que os carros das primeiras deposições funerárias do período do Bronze Tardio e Ferro Inicial na Europa Centro-Occidental consistiam em veículos de quatro rodas, caracterizando uma modalidade de enterramento que ficou historiograficamente conhecida como *wagengrab* ou *wagon burial* (PARE, 1991, 1992; PIGGOTT, 1992, p. 20–28). Já as tumbas com carros dos períodos posteriores, ao longo da Idade do Ferro Média e Tardia, consistem em enterramentos de veículos de duas rodas e em apenas dois casos excepcionais (ambos na França: um em Boé, próximo a Agen e outro em Verna, próximo a Lyon) foram encontrados veículos de 4 rodas no período La Tène (Cf. KOCH, 2007, p. 1727–8). Todos os veículos encontrados nas Ilhas Britânicas, até os dias atuais, são, invariavelmente, carros de duas rodas (Cf. PEIXOTO, 2013).

Bélgica (Ardenas)	Países Baixos	Alemanha Renânia- Palatinado	Sarre	Luxemburgo
19	1	28	5	3
33				

França						
Aisne	Ardenas	Aube	Marne	Mosa	Mosela	Yonne
10	28	2	109	1	2	1
153						

Ilhas Britânicas			
Yorkshire		Escócia	
East Yorkshire	North Yorkshire	West Yorkshire	
17	4	1	1
22			

Tabela 9.1: Frequência de enterramentos com carros em diferentes partes da Europa durante a Idade do Ferro. O autor, a partir de dados extraídos de Anthoons, 2011.

Carros são, de fato, objetos singulares: uma síntese de forças materiais, animais e humanas combinadas em um único grande “artefato” composto por várias partes. Seu uso evoca uma série de *performances* que podem incluir um conjunto de barulhos, cheiros, efeitos visuais, exibição de proezas, senso único de distanciamento (real e psicológico) e uma poderosa noção de movimento (GILES, 2012, p. 203–204). Na Idade do Ferro, essa *mis en scène* era utilizada para diferentes propósitos a partir de um poderoso sistema comunicativo cujos intentos eram os de transmitir uma mensagem e marcar uma audiência criando uma memória icônica, em alguns casos, chegando mesmo a impactar olhares estrangeiros, como atestam alguns autores greco-latinos (CÉSAR, *Commentarii de Bello Gallico* IV. 33; V. 16-19; ESTRABÃO, *Gheographiká*, IV. 5. 2.; TÁCITO, *De vita et moribus Iulii Agricolae*, XII; *Annales*, XIV. 35). Esse

aspecto performático, no entanto, está para além de um simples ato teatral: trata-se de uma ação comunicativa poderosa e, como Zumthor (2007, p. 32) escreve, ao comunicar esse conjunto de ações performáticas acaba, simultaneamente, por marcar o próprio conhecimento da realidade. A deposição de um objeto tão impactante em um contexto discursivo altamente ritualizado como o de um funeral, deve ser encarada, assim, como um ato que carrega fortes implicações sociais, como veremos.

9.2. Sobre a deposição de carros em contextos fúnebres em Yorkshire e a sinalização de gênero e prestígio social

Até o presente, apenas 23 enterramentos com carros foram escavados nas Ilhas Britânicas: 21 dos quais se encontram na região de Yorkshire (a maior parte em East Yorkshire), e 1 caso único escavado em Newbridge, próximo a Edimburgo (Escócia) – possivelmente o mais antigo já registrado, em termos cronológicos, datando do séc. V a.C. (CARTER; HUNTER, 2003; CARTER et al., 2010)⁶⁶. Dispomos, hoje, de evidências arqueológicas suficientes para traçar uma reconstituição mínima da estrutura básica desses veículos. Ao contrário das diversas imagens anacrônicas que circulam no senso comum e que representam carros massivos com foices e lâminas presas ao redor de sua estrutura, como frequentemente ocorre, por exemplo, com imagens de Boudica em seu veículo (HINGLEY; UNWIN, 2006, p. 8, 165), o típico carro bretão da Idade do Ferro consistia em um veículo ágil, de duas rodas, que frequentemente continha uma caixa central, de modo a acomodar o condutor e/ou passageiro, uma parrelha com cinco anéis de rédea⁶⁷, pinos, aros e anéis de roda que reforçavam e seguravam as rodas ao eixo do veículo e, por fim, um equipamento de arreio, que poderia conter diversos itens de atrelamento como embocaduras e rédeas. Em contextos funerários, esses veículos eram muito provavelmente utilizados para o transporte cerimonial da pessoa morta à sua sepultura, onde eram, então, depositados por completo (isto é, plenamente depositados

⁶⁶ Dois casos foram descobertos recentemente em Pocklington, o último deles, divulgado apenas em 2017 e nenhuma descrição formal ainda a seu respeito foi publicada. Para fins de recorte, embora menções sejam feitas a outros casos, sempre que possível, a análise irá se concentrar nos enterramentos encontrados em Yorkshire Wolds.

⁶⁷ O número, entretanto, poderia variar: na Escócia apenas quatro anéis de rédea foram encontrados no sítio de Newbridge (CARTER; HUNTER, 2003; CARTER et al., 2010).

nas covas junto aos mortos) ou, ainda, desmontados, antes de serem enterrados, sendo suas partes removidas e depositadas em diferentes estágios no interior da cova.

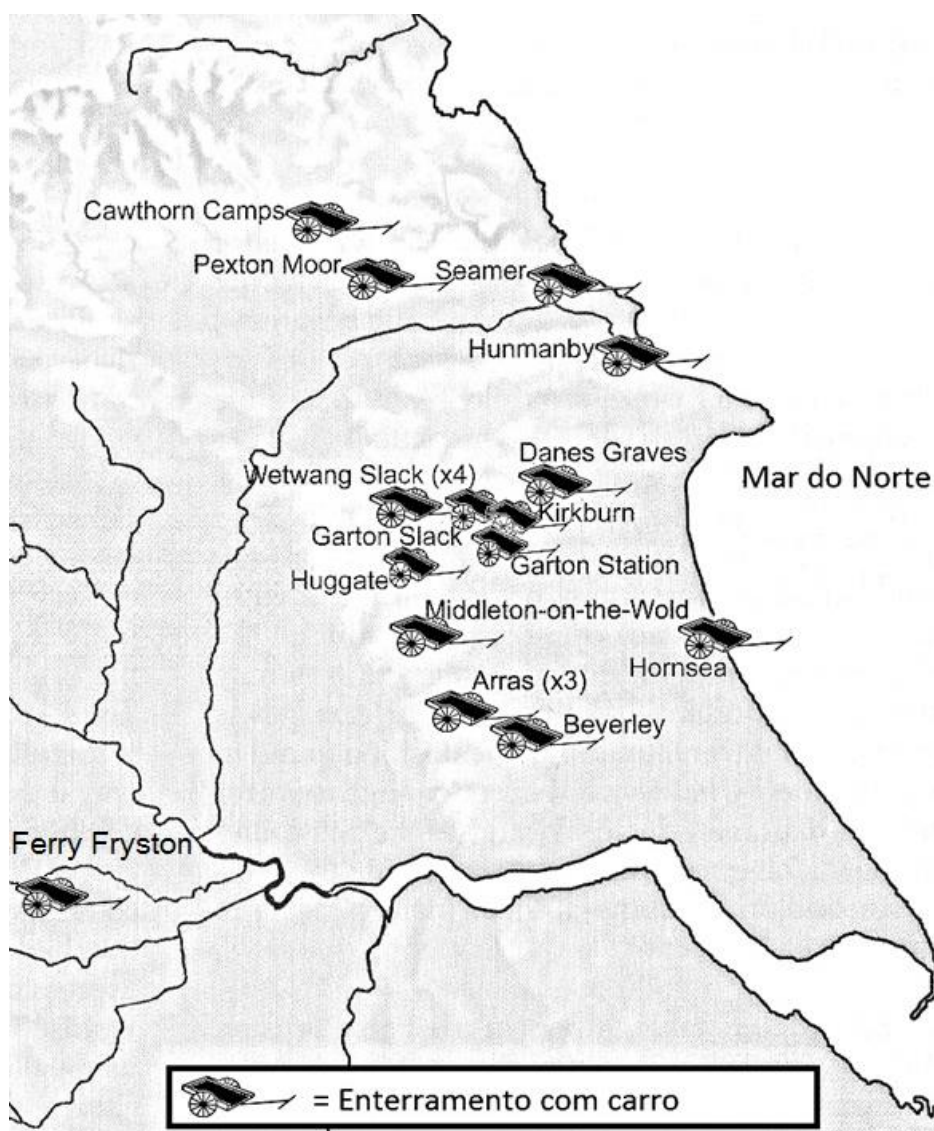


Fig.9.1: Distribuição de enterramentos com carros em Yorkshire. *Fonte:* o autor.

Ainda que enterramentos com carros produzam uma diversidade material significativa se comparado às demais inumações, tornando sua análise um exercício frutífero, eles também apresentam alguns desafios particulares, em especial devido ao contexto da descoberta de muitos dos achados. É importante ressaltar que parte considerável dos enterramentos com carros foram descobertos ao longo do séc. XIX e nas primeiras décadas do séc. XX (n.= 12), o que limita consideravelmente o conhecimento de que dispomos sobre eles. De fato, apenas uma parcela de enterramentos do tipo foi escavada nas últimas décadas do séc. XX (n. = 6), e um

número ainda menor no século XXI (n.= 4), embora as possibilidades para o futuro permaneçam animadoras, como atestam as escavações entre 2014-2017, no sítio de Burnby Lane em Pocklington (East Yorkshire), onde partes de um carro e dois cavalos foram recentemente encontradas em um cemitério da Idade do Ferro. O contexto de muitos dos achados nos apresenta, portanto, um desafio intelectual e redução numérica em termos de análise de gênero, já que apenas cerca de metade (n.= 11) dos enterramentos com carros encontrados em Yorkshire puderam ter alguma forma de estimativa quanto ao sexo biológico dos esqueletos encontrados. O número de casos disponíveis, no entanto, nos oferece um potencial analítico único, haja vista a quantidade de achados em cada uma dessas tumbas, em termos comparativos, e o modo como aí se projeta um conjunto de valores identitários a partir de elementos etários, sexuais e atributos de importância social.

Um primeiro olhar sobre o material disponível nos revela alguns aspectos interessantes ou, para ser mais preciso, a ausência de alguns aspectos. Reconhecer tais ausências é uma tarefa importante, pois, como já vimos, muitas vezes o que está ausente pode nos dizer tanto quanto a sua presença, sobretudo em termos de valores de gênero. O primeiro ponto a ser destacado, nesse sentido, é o de que não há quaisquer distinções entre inumações masculinas e femininas em termos da espacialidade das tumbas (dimensões, profundidade, formato da estrutura mortuária) ou sua localização na paisagem. O segundo ponto a ser ressaltado, é de que nenhuma distinção com base em aspectos de gênero pode ser identificada em relação ao tratamento dado ao corpo da pessoa morta. Casos recentes, escavados sob a luz das técnicas e dos métodos arqueológicos mais atuais, revelaram que o ato de enterrar-se uma pessoa em determinada posição poderia ser algo dotado de relevância particular, como atestado pelo caso da mulher enterrada com um carro em Wetwang Village, que teve, durante a deposição do corpo na cova, seus pulsos firmemente amarrados de modo que permanecessem juntos (GILES, 2012, p. 210). Contudo, é possível observarmos um nível relativo de flexibilidade na ritualização da morte e que um conjunto de improvisações, adaptações e variações eram adotados em cada caso. Exemplos são abundantes: em algumas instâncias, a caixa do veículo parece ter sido convertida em uma espécie de caixão fúnebre cerimonial (como é o caso de Ferry Fryston); em outras ocasiões os mortos foram depositados no topo de objetos já depositados no interior da cova (como em Garton Slack, Wetwang Slack e Kirkburn, mas cf. Anthoons [2011, p.

57–8] para uma visão alternativa); outras ocorrências, por sua vez, revelaram, ainda, esqueletos que parecem ter sido depositados diretamente no chão da cova (Garton Station), e em Wetwang Village o corpo da mulher sepultada foi colocado sobre uma espécie de tapete ou malha orgânica.

	Arras King's Barrow	Arras Lady's Barrow	Arras Charioteer's Barrow	Danes Graves (DG43)		Garton Slack
Orientação	N/S - ?	?N/S ou O/L	?N	SO/NE-SUDESTE	N/S - LESTE	N/S - LESTE
Posição	Fletida ou Semi-fletida	Extended?	n/a	Fletida	Fletida	Fletida
Localização	Cem.(+100)	Cem.(+100)	Cem.(+100)	Cem.(+400)	Cem.(+400)	Cem. (+25)

Garton Station	Kirkburn	Wetwang Slack 1	Wetwang Slack 2	Wetwang Slack 3	Wetwang Village	Ferry Fryston
N/S – LESTE	N/S - LESTE	N/S - OESTE	N/S - LESTE	N/S - LESTE	S/N - OESTE	N-S
Semi-fletida	Semi-fletida	Fletida	Semi-fletida	Fletida	Fletida	Em decúbito dorsal semi-fletido
Cem. (10)	Grupo de 5 tumbas	Grupo de 4 tumbas; 400m do cemitério de Wetwang Sl.	Grupo de 4 tumbas; 400m do cemitério de Wetwang Sl.	Grupo de 4 tumbas; 400m do cemitério de Wetwang Sl.	Isolada	Isolada

Tabela 9.2.: Orientação, posição e localização de enterramentos com carros da Idade do Ferro em Yorkshire.

Essas pequenas variações também se fazem presentes em termos da posição e orientação dos corpos de ambos os homens e mulheres enterrados com carros. Tabela Ainda que a vasta maioria dos esqueletos se encontrasse em um eixo de orientação norte-sul (n.=9), quase sempre voltados para leste (n.= 6), não há quaisquer evidências de que as variações a essa regra, observadas em casos como o dos corpos encontrados em Danes Graves ou da mulher em Wetwang Village, tivessem qualquer relação com gênero, status ou importância social. De fato, como já foi demonstrado anteriormente, um perfil populacional dos esqueletos encontrados nos cemitérios de East Yorkshire nos indica diferentes indivíduos que, por sua vez, provavelmente sustentavam diferentes status sociais (ou que, ao menos, foram tratados distintamente após a morte), mas que,

apesar de tudo, compartilhavam, muitas vezes, de um mesmo eixo de orientação, tendo sido tratados de modo análogo nesse sentido. Apesar de aparentemente se tratar de uma observação pequena, suas implicações em contextos funerários são de grande relevância. Ainda que a construção de distinções sociais desempenhasse um papel importante durante o processo de ritualização da morte para as comunidades da Idade do Ferro em Yorkshire, essas diferenciações, contudo, respeitavam determinadas convenções dentro de um sistema mais amplo de crenças religiosas, permitindo com que pessoas tratadas de modo distinto após sua morte, e possivelmente durante sua vida, compartilhassem ainda assim de alguns elementos funerários em comum. É importante também ressaltar que as variações identificadas em alguns casos, como a orientação sul-norte observada na mulher enterrada em Wetwang Village, eram recorrentes à Idade do Ferro na região, podendo vir a atingir praticamente $\frac{1}{3}$ da população (WHIMSTER, 1981, p. 104), novamente sem apresentar quaisquer implicações ou conexões com gênero ou posição social (Cf. Capítulo X). Portanto, tais variações parecem estar muito mais relacionadas a simbolismos religiosos específicos, ou a adaptações e costumes microrregionais e locais – por exemplo, acerca de como se enterrarem os mortos –, muito mais do que a uma rígida esquematização de diferenças sociais entre pessoas. Esse aspecto é novamente reforçado se levarmos em conta a própria deposição de veículos em contextos fúnebres e o modo como são encontrados no interior das covas. A descoberta sistemática de carros desmontados na área de Yorkshire Wolds, de veículos depositados por inteiro em regiões circunvizinhas (Holderness, North e West Yorkshire) e o modo como as partes dos veículos são encontradas em cada contexto atestam, em uma mesma região, um conjunto de ações performáticas que seguiam determinados padrões, mas, ao mesmo tempo, variavam de um caso para outro. Novamente, aqui, nenhuma distinção com base em atributos etários ou sexuais pode ser identificada.

Enterramentos com carros sem quaisquer informações osteológicas disponíveis					
Beverley		Seamer		Hunmanby	
Huggate		Middleton-on-the-Wolds ¹		Pexton Moor	
Cawthorn Camps ¹		Hornsea			
Enterramentos com carros com informações osteológicas disponíveis (organizados por grupos etários e possíveis estimativas sexuais)					
Idade “Adulta” (sem mais informações)		Idade: 20-35		Idade: 30-45+	
Arras ¹	? ♂	Wetwang Slack453(WS1)	♂	Garton Slack 11.2.1	♂
Arras ²⁸	? ♀	Wetwang Slack454(WS2)	♀	Kirkburn ⁵	♂
Danes Graves ⁴³	? ♂ — ? ♂	Wetwang Slack455(WS3)	♂	Ferry Fryston	♂
[x2]					

Tabela 9.3: Sexo e idade dos esqueletos encontrados em tumbas com carros.

Eis que nos encontramos, a princípio, em face de um frustrante exercício de ausências. Elementos-chave para a observação de distinções identitárias entre indivíduos – como a estrutura mortuária (sua espacialidade, configurações e localização), o tratamento dado aos corpos enterrados (como a posição e orientação das inumações encontradas) ou até mesmo o modo como os veículos foram depositados no interior dessas tumbas (se por inteiro ou desmontados, ou sua posição no interior das covas) – não nos revelam muito em termos de gênero. Muito mais do que um fim do debate, no entanto, esse é apenas um ponto de partida. As coisas se tornam muito mais complexas se incorporarmos à discussão o material osteológico disponível e o mobiliário fúnebre. O primeiro ponto a ser assim destacado pode ser diretamente observado a partir dos esqueletos que sobreviveram até os dias atuais: o de que “idade” é um importante elemento analítico a ser levado em consideração.

Até o presente, sem quaisquer exceções, todos os esqueletos encontrados em solo bretão enterrados com carros correspondiam a ossadas de indivíduos adultos. Esse dado é particularmente relevante, sobretudo, de um ponto de vista social, a partir de uma perspectiva comparada com outros cemitérios da Idade do Ferro europeia, onde uma realidade distinta pode ser observada. Alguns dos melhores exemplos encontram-se nos sítios de Hordain e Bouqueval, ambos na França, onde tumbas com carros do séc. III a.C., portanto contemporâneas às aqui discutidas, foram também escavadas. Ambos os sítios em questão revelaram inumações infantis junto a veículos de duas rodas: em Hordain, uma criança foi sepultada junto a um carro e a um adulto cujo sexo não pode ser identificado; em Bouqueval outra criança foi encontrada, desta vez sozinha, com as partes desmontadas de um carro e demais artefatos, como broches, um amuleto e braceletes (GUADAGNIN, 1978; GINOUX; SEVERIN; LEMAN-DELERIVE, 2009).

Já as tumbas de Yorkshire oferecem uma realidade distinta. Atingir a idade adulta era importante e, possivelmente, à luz dos achados que temos, um pré-requisito necessário para o recebimento de determinadas honras fúnebres. Tal observação reforça dois pontos já abordados anteriormente: o de que diferenças etárias desempenhavam um importante papel para a construção de identidades na Idade do Ferro e, ainda, que existia um costume em Yorkshire de se atribuir certa distinção social em contextos mortuários a indivíduos que completassem em vida certos ritos de passagem ou atingissem idades sêniores. A ocorrência de carros apenas associados a indivíduos de idade adulta nas Ilhas Britânicas atesta-nos, portanto, um princípio de seletividade com base etária, que poderia incorporar pessoas de ambos os sexos.

Ainda que tumbas com carros aconteçam em número limitado se comparadas às demais modalidades de inumações, a evidência osteológica que desses enterramentos é particularmente elucidativa. Os esqueletos que sobreviveram aos dias atuais nos revelam curiosas histórias de indivíduos que, em determinadas ocasiões, sofreram traumas físicos, sobreviveram a adversidades e receberam cuidados médicos diversos. A mulher enterrada em Wetwang Village (WV1) apresentava sinais de trauma em diferentes partes do lado direito de seu corpo: um trauma na região temporomandibular, molares quebrados e osteoartrite avançada do ombro direito (BRITISH MUSEUM, 2001, 0401.20). Essas enfermidades foram provavelmente causadas por um forte impacto contra o solo no qual a mulher teria caído e acidentado o lado direito do seu

corpo, deslocando um ombro e machucando o lado direito de sua face – especula-se que, talvez, a queda tenha se dado de um cavalo ou de um veículo em movimento (HILL, 2001; GILES, 2008a). Os traumas observados, no entanto, aconteceram em um período muito anterior ao da morte da mulher, atestando sua capacidade de cura e resistência física, embora, é claro, sem ter deixado mazelas físicas, sobretudo na região do ombro. O homem enterrado com carros em Wetwang Slack (WS453 [WS1]) também apresentava sinais de trauma e recuperação em duas partes do seu corpo: uma fratura do úmero direito e um trauma violento causado por objeto cortante no osso occipital (crânio). Com base no ferimento e na tipologia de armas encontradas na região é possível inferir que tal trauma fora provavelmente causado por um golpe de espada na cabeça. O machucado, no entanto, surpreendentemente, foi curado ao longo do tempo, sem ter infectado o indivíduo ou o levado à morte, deixando uma marca permanente em seu crânio (KING, 2010a, p. 186). Já o esqueleto encontrado em uma tumba com veículo em Garton Slack, aparentemente, apresentava a perna esquerda ligeiramente menor que a direita e, antes de sua morte, o homem ali enterrado havia sido submetido a algum tipo de tratamento dentário, pois dois de seus dentes tinham sido cuidadosamente removidos e uma das cavidades (na mandíbula inferior) estava cicatrizada, ao passo que a outra (na mandíbula superior) ainda estava em processo de cicatrização quando o homem morreu (BREWSTER, 1971, p. 291).

Mais uma vez, aqui, observamos uma relativa semelhança entre enterramentos masculinos e femininos. Isto é, tanto indivíduos do sexo masculino como do sexo feminino foram submetidos a certos cuidados e atenções médicas. Através do uso de ervas, infusões, extratos, prescrições e cuidados específicos, uma melhora de estado foi possível, permitindo a recuperação, por exemplo, de dois indivíduos que sofreram fortes traumas físicos e foram enterrados em pontos distintos ao longo de um mesmo vale (como o homem de WS453 e a mulher de WV1). A única distinção com base nos traumatismos encontrados nos esqueletos é a de que nenhuma das mulheres enterradas com carros apresentava sinais de trauma violento causado por objeto cortante (lanças, espadas, adagas etc.).

Seria tentador, portanto, estabelecer uma correlação entre atributos sexuais e determinados tipos de trauma, mas a associação seria equivocada, já que outras tumbas encontradas na região revelaram ossadas femininas com sinais de trauma violento (por

exemplo, R3; WS211 e WS226 e possivelmente DG45). O que é, de fato, possível constatar é que durante a Idade do Ferro a existência de doenças, traumas e limitações físicas curiosamente não excluía uma pessoa de receber um tratamento funerário distinto e, aparentemente, de grande prestígio social, se comparado às demais modalidades de sepultamentos, independentemente do sexo da pessoa sepultada. Como Anthoons (2011, p. 67) escreve em sua análise comparada de tumbas com veículos nas Ilhas Britânicas e no Continente, “a perfeição física aparentemente não era uma condição para se tornar elegível para um enterramento com carro”.

Mas nem tudo são adversidades. Mazelas e traumas à parte, os esqueletos encontrados em tumbas com carro em Yorkshire costumam compartilhar de um notável atributo: sua constituição física. É importante, aqui, lembrar que a estatura média na Idade do Ferro bretã correspondia a 1,68m para homens e 1,50m para mulheres. Os homens enterrados com carros em Garton Slack e Ferry Fryston, no entanto, mediam 1,75m e possuíam uma “constituição robusta” (BREWSTER, 1971, p. 291; BOYLE, 2004; BROWN et al., 2007, p. 315). Ainda mais impressionante, nesse sentido, é a mulher enterrada em Wetwang Village, cuja altura era de 1,72m (HILL, 2001). Em termos comparativos, essa mulher era não só mais alta do que a maior parte dos homens encontrados nas Ilhas Britânicas, como também tão alta quanto ou ligeiramente mais alta do que muitos homens encontrados em cemitérios vizinhos (para comparações, Cf. DENT, 1984, p. 85; STEAD, 1991, p. 127–28). Infelizmente esse é um dado que tem sido frequentemente ignorado.

Embora ainda estejamos longe de determinar com precisão como certos atributos físicos eram percebidos e apropriados dentro de um conjunto de relações sociais por diferentes comunidades da Idade do Ferro, parece-me um exercício frutífero aceitar ao menos a probabilidade da existência de certas projeções nesse sentido. Corpos são, afinal de contas, uma realidade material que, em um nível ou outro, acabam por nos afetar diretamente e desempenhar um papel fundamental em como identidades são construídas e internalizadas (SOFAER, 2006). Apenas recentemente questões envolvendo a construção de aparências físicas específicas começaram a ser trabalhadas para a Idade do Ferro (ALDHOUSE-GREEN, 2004; GILES, 2012, 2017; REBAY-SALISBURY, 2016a). Será que o físico da mulher encontrada em Wetwang Village teria desempenhado algum papel na construção de sua identidade fúnebre? Não há como

saber ao certo. No entanto, não parece de todo tão descabido, ao menos, supor que atributos físicos distintos tivessem sido adicionalmente transformados em signos de distinção social.

Não devemos, contudo, cair no equívoco de uma narrativa exclusivamente baseada em excepcionalidades. Mesmo que em alguns casos tivessem atributos físicos únicos e sido enterradas junto a raros artefatos, uma análise sistemática nos revela que, apesar de tudo, as pessoas encontradas em tumbas com carros não eram tão diferentes assim da população encontrada nos cemitérios locais. Não me refiro apenas à sua origem - o fato de se tratarem de mulheres e homens que cresceram e passaram a maior parte de suas vidas em Yorkshire, como a maior parte das pessoas encontradas nas demais tumbas - mas também à sua alimentação.

Análises de isótopos estáveis de carbono e nitrogênio ($\delta^{13}\text{C}$ e $\delta^{15}\text{N}$), como o estudo de Jay e Richards (2006) sobre as ossadas encontradas em Wetwang Slack, revelaram uma dieta rica em proteína animal e ausência de níveis significativos de peixes e frutos do mar na dieta local⁶⁸. Embora essa constatação tenha sido feita exclusivamente com base em evidências osteológicas (levando-se em conta uma amostragem de cerca de 70 esqueletos humanos), ela está em perfeito diálogo com a arqueologia de muitos assentamentos na região, onde grandes porcentagens de rebanhos domésticos (gado bovino, ovelhas e porcos, respectivamente) parecem ter desempenhado um papel fundamental na alimentação dessas populações (CUNLIFFE, 2005, p. 307). Os estudos isotópicos, no entanto, trazem à luz dois aspectos de grande relevância histórico-social: 1) não há quaisquer diferenças significativas entre homens e mulheres em geral com bases alimentar-nutricionais; e 2) há uma uniformidade nutricional entre indivíduos que receberam tratamentos funerários distintos (e que, possivelmente, em vida, mantinham *status* diferentes), não havendo diferenças significativas entre os valores nutricionais observados em uma pessoa enterrada com carros e uma inumação simples desprovida de bens encontrada em uma cova rasa (JAY; RICHARDS, 2006, p. 658–661).

⁶⁸ Um segundo estudo desenvolvido por Jay e Richards (2007) evidenciou, ainda, um padrão dietético semelhante para a Idade do Ferro bretã, a partir de uma análise comparada entre diferentes regiões, a saber: East Yorkshire, East Lothian, Hampshire e Cornualha. As amostras de todas as localidades revelaram uma dieta baseada em altos níveis de consumo de proteína obtida de animais domesticados (ovelhas/cabras, gado bovino e suíno) e um uso mínimo de alimentos marinhos, mesmo em sítios diretamente localizados em regiões litorâneas (JAY; RICHARDS, 2007), indicando, assim, a existência de algum tipo de “tabu” ou prescrição alimentar em relação a frutos do mar.

Essas semelhanças entre indivíduos são significativas. Acredito que os valores isotópicos encontrados nas ossadas humanas de Yorkshire sejam um indicador que, para aquelas comunidades da Idade do Ferro, a forma de legitimação socialmente aceita e o exercício de aquisição/manutenção de poder não implicavam diferenciações com bases nutricionais; muito provavelmente, o oposto. É possível, inclusive, que tal possibilidade interpretativa não se limitasse apenas à região de Yorkshire. Em uma comparação entre dados isotópicos encontrados em diferentes regiões, Jay e Richards (2007) observaram que várias comunidades da Idade do Ferro na Grã-Bretanha estavam consumindo dietas muito semelhantes, e que esse fenômeno pode ser observado tanto entre grupos de diferentes regiões, como dentro de um mesmo grupo, sem diferenças significativas evidentes, seja em termos geográficos ou sociais, por exemplo, em relação a aspectos como sexo ou estatuto social (JAY; RICHARDS, 2007, p. 187).

Como já vimos no **capítulo 2**, certa cautela, no entanto, é necessária. As observações anteriores não implicam que estejamos tratando de uma sociedade idealizada e igualitária, já que há um limite epistemológico sobre o que a análise de isótopos pode-nos oferecer para a construção de um conhecimento histórico-social a respeito dessas populações. Esse limite tem a ver, sobretudo, com a vivência das coisas e as *performances* realizadas em relação às suas possibilidades de consumo; isto é, tem a ver, portanto, com a prática. Mesmo dentro de um grupo cuja análise osteológica revele um padrão nutricional semelhante entre a maior parte de seus membros, é possível, ainda assim, conceber que diferenças e hierarquias sociais fossem projetadas em relação, por exemplo, a que indivíduos ou grupos de pessoas teriam mais ou menos acesso a certos alimentos com valores nutricionais equivalentes, como, por exemplo, o consumo de determinados tipos ou cortes específicos de carnes considerados como mais valiosos socialmente. Os dados que temos de fato apontam nessa direção.

Conforme já anteriormente assinalado, os cemitérios de East Yorkshire revelam um sistemático conjunto de distinções em contextos funerários em relação à presença de ossadas animais. Como Anthoons (2011, p. 68) destacou, até os dias atuais, em cada uma das instâncias onde animais domésticos cujas carnes eram utilizadas para consumo são encontrados em enterramentos com carros, eles correspondem sempre a ossadas de porcos e nunca a de cabras ou ovelhas. O que é assim particularmente interessante é que tal padrão de deposição parece indicar que a ocorrência de determinadas ossadas

animais em contextos fúnebres poderia acompanhar (ou estar relacionada) a uma distinção manifestada também nas dimensões (físicas e simbólicas) de determinadas tumbas ou nos mobiliários fúnebres depositados.

As tumbas com carros revelam, então, não apenas uma consistência em termos do animal selecionado para oferenda em todos os casos – porcos –, como também quanto às partes depositadas nas covas, sempre compostas por quartos dianteiros. O que é crucial de ser observado aqui é que nenhuma segregação com base em fatores sexuais pode ser identificada. E esse é um ponto extremamente relevante, já que alguns cemitérios da Europa, contemporâneos aos aqui discutidos, como o de Les Rouliers (Champagne, França), sugerem que divisões de gênero poderiam ocorrer, pois ossos de porcos costumam frequentemente estar associados a homens, ao passo que ovelhas são mais comumente encontradas junto a mulheres (MENIEL, 1987, p. 357–61; ALDHOUSE-GREEN, 2002, p. 117). Nesse tópico, Yorkshire apresenta um cenário mais flexível.

Acrescida às tumbas com carros, a presença de ossadas de porcos em diversos outros enterramentos de mulheres em idade avançada, como R8 [45+], R169 [+35], K8 [45+], indicam que algumas figuras femininas devem ter desempenhado um papel ancestral importante para alguns indivíduos. Por razões que hoje não somos capazes de precisar, elas foram consideradas importantes o suficiente a ponto de terem sido distintivamente celebradas após sua morte com um banquete em sua memória (uma prática de longa tradição na região, **Capítulo 6**). Aqui nos deparamos com um ponto-chave para a compreensão dos enterramentos da região durante a Idade do Ferro Média: que questões envolvendo elementos como ancestralidade, memória, reconhecimento social e prestígio revelam um diálogo entre gêneros e uma circulação de atributos.

Essa proximidade também pode ser observada na cultura material. O equipamento de arreio encontrado em tumbas com carros frequentemente revela uma estética semelhante entre enterramentos masculinos e femininos. Por exemplo, os pinos de rodas encontrados com a mulher em Wetwang Village (WV1) são iguais àqueles depositados junto ao homem em Garton Station (GST6) e o mesmo paralelo poderia ser traçado entre os pinos encontrados na tumba feminina de Wetwang Slack (WS454/WS2) e os escavados nos enterramentos masculinos de Danes Graves (DG43a,b) e Wetwang (WS455/WS3). Semelhantemente, os anéis de rédeas encontrados com a mulher

enterrada em Arras (“Lady’s barrow”, A28) seguem o mesmo estilo de anéis de rédea em formato “D” com discos bipartidos encontrados com os homens enterrados em Arras (“King’s Barrow”, A1) e em Kirkburn (K5). Os anéis de rédea encontrados nos enterramentos das mulheres em Wetwang Village (WV1) e Wetwang Slack (WS454/WS2) também compartilham de uma decoração e estética semelhante aos encontrados no enterramento do homem em Garton Slack (GS[11].2.1): nesse caso, contendo anéis em formato “D” adornados com botões de coral. É importante, aqui, destacar que a presença de coral (*Corallium rubrum*) em enterramentos em Yorkshire é particularmente significativa porque se trata de um material extremamente raro e valioso, que só poderia ser obtido de regiões longínquas como o Mediterrâneo e o Mar Vermelho. Embora o coral vermelho também tenha sido utilizado para fins decorativos em artefatos provenientes de outros tipos de enterramentos (Cf. STEAD, 1965, p. 58–63, 1979, p. 86–88), sua presença e quantidade em tumbas com carros é excepcional para a Idade do Ferro bretã. Não obstante, pedras de coral eram de circulação e distribuição significativamente limitada, mas ainda assim foram consideradas importantes e valiosas o suficiente de modo a continuarem a ser adquiridas em regiões longínquas como o norte bretão, mesmo após os séculos IV-III a.C., período a partir do qual a maior parte dos materiais e itens importados do Mediterrâneo começam a se tornar mais escassos e param de ser encontrados em diferentes regiões da Europa (COLLIS, 2001).

O compartilhamento de atributos estéticos e visuais entre indivíduos de sexos distintos não está, contudo, limitado apenas ao equipamento de arreo e atrelagem. A caixa, apelidada por Dent (1985, p. 90) de “latinha de feijão” devido a seu formato semelhante às atuais latas de feijão em conserva, encontrada no enterramento com carro da mulher de Wetwang Slack é, sem dúvida, uma das melhores evidências existentes em relação a esses interrelacionamentos. O objeto em questão consiste basicamente em uma caixa de bronze cilíndrica (c. ø85mm) com um sistema de argolas em suas extremidades e uma delicada corrente que permitia que o objeto fosse carregado ou pendurado. Muito mistério tem pairado em torno desse artefato e diversas especulações foram feitas quanto ao seu propósito e funcionalidade: para alguns, ela conteria óleos consagrados ou substâncias médicas (ALDHOUSE-GREEN, 2006, p. 98); outros, por sua vez, acreditam que a caixa poderia ter uma função performático-sonora, contendo em seu interior grãos ou pedaços de madeira, funcionando como uma espécie de chocalho

(JOPE, 2000, p. 249) e, recentemente, foi levantada também a possibilidade de se tratar de um recipiente para algo imaterial, como uma determinada força ou essência espiritual (GILES, 2012, p. 158). Toda essa especulação origina-se do fato de que a caixa fora intencionalmente selada após sua confecção, sendo impossível abri-la sem, com isso, destruir o artefato, e exames de raio-X revelaram que seu interior está aparentemente vazio (DENT, 1985).

Apesar de sua natureza misteriosa, a caixa encontrada em Wetwang Slack pode nos ser extremamente reveladora se formos capazes de encará-la de um modo diferente do qual tem sido discutida na maior parte das vezes; isto é, se pararmos de nos preocupar tanto em relação a seus possíveis significados secretos e passarmos a analisar o objeto a partir daquilo que de fato dispomos dele: sua materialidade. Quero, nesse sentido, chamar atenção em particular para a estética empregada ao longo do corpo da caixa, pois acredito que isso possa nos revelar um pouco mais sobre a fluidez e a complexidade das dinâmicas entre gêneros na Idade do Ferro.



Figura 9.2: A caixa encontrada em Wetwang Slack. *Fonte:* Giles, 2012.

A caixa encontrada em WS454 possui um estilo decorativo elaborado. Ambas as suas extremidades foram cuidadosamente adornadas com um acabamento de esmalte vítreo de cor avermelhada, e o corpo de bronze do artefato, sistematicamente embelezado com um conjunto de motivos entrelaçados e curvilíneos (feitos a partir de padrões retilíneos), conferindo-lhe um visual distinto. O que torna o objeto tão interessante é que o mesmo repertório estético-decorativo, caracterizado pelo uso de ornamentos semelhantes incisados em bronze e de coloração com tons de vermelho, também está presente nas bainhas de espadas encontradas em outros enterramentos em Yorkshire e em objetos marciais da Idade do Ferro bretã (Cf. GILES, 2008a).

Wetwang Slack, inclusive, oferece-nos um cenário excepcional sobre tais proximidades estéticas. Esse fenômeno pode ser em especial evidenciado ao se compararem os artefatos depositados nas três tumbas com carros encontradas no local e na constatação que daí segue: a de que a mesma estética e composição visual utilizada na caixa de WS454/2 está também presente nas espadas encontradas nos dois enterramentos vizinhos (WS453/1 & WS455/3). Deparamo-nos, portanto, em Wetwang com o seguinte contexto: três tumbas adjacentes – uma ao norte, de um homem; uma tumba central, de uma mulher; uma tumba a sul, de um segundo homem. Todos os indivíduos foram enterrados com veículos desmontados, equipamentos de arreios, ossadas de porcos e um grupo distinto de artefatos (Cf. DENT, 1985). Junto aos homens, espadas e escudos (e em um deles, pontas de lança) foram encontrados no interior da cova. Junto à mulher, um espelho e a misteriosa caixa discutida acima estavam entre os achados.

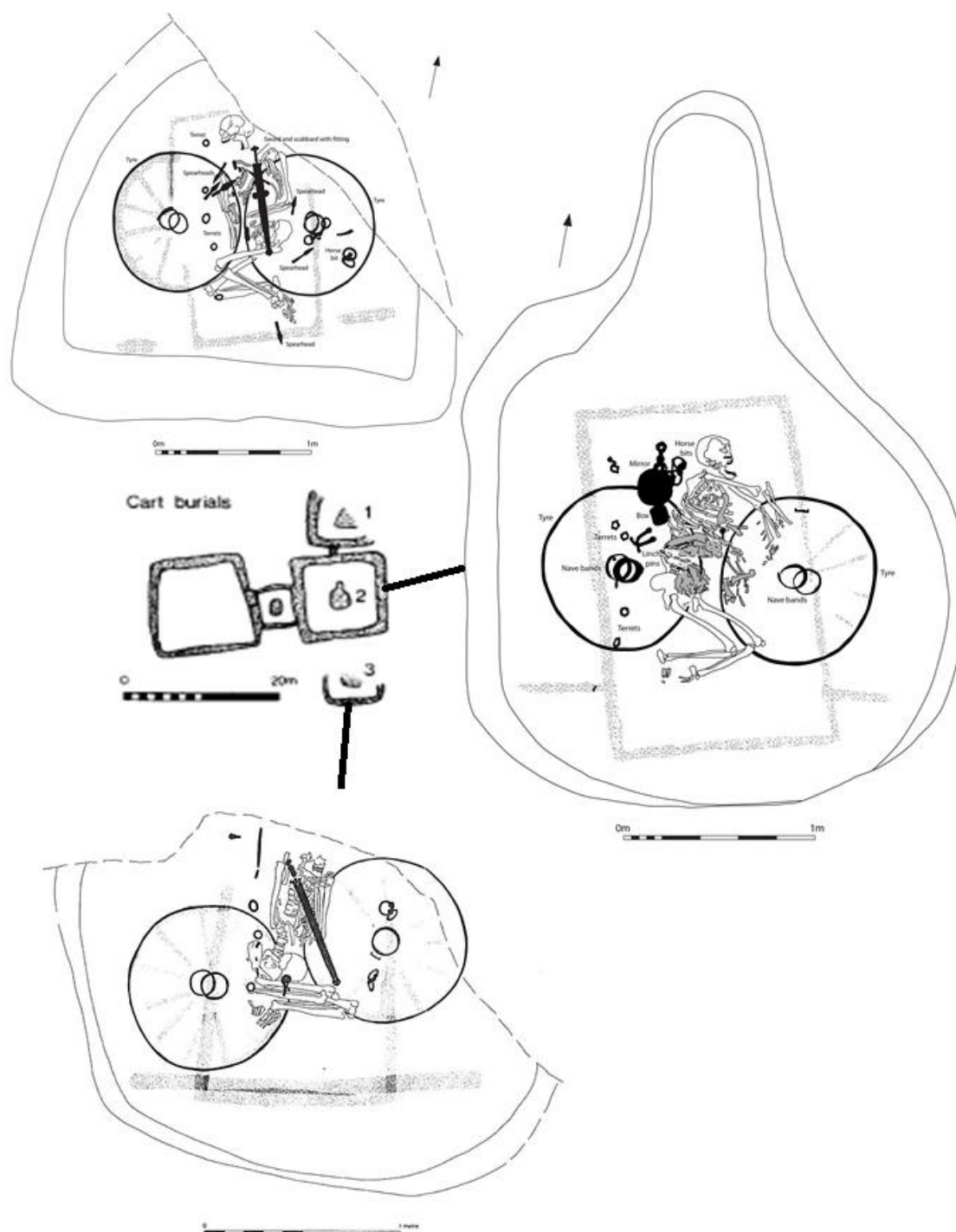


Figura 9.3.: As três tumbas com carros encontradas em Wetwang Slack. Acima: WS453, no meio: WS454, embaixo: WS455. *Fonte:* Dent, 1985, com adaptações.

Aqui, as coisas se tornam mais complicadas. Certa combinação entre dois fatores opostos emerge. Se por um lado identificamos uma confluência e certas semelhanças entre enterramentos masculinos e femininos (seja pela ausência de diferenças em alguns

aspectos, ou pela utilização intencional de uma estética compartilhada), por outro lado essa proximidade – quase paradoxalmente – traz marcas de distinções que eram evidentes (e, portanto, reforçadas durante o funeral), construídas entre os gêneros. Os espelhos encontrados nas tumbas de Yorkshire são um ótimo exemplo de como tais projeções poderiam operar. Sua deposição em contextos funerários assemelha-se àquela dos armamentos, e historiograficamente costuma-se argumentar que enterramentos com espelhos seriam o equivalente feminino a enterramentos com armas, em termos de sinalização de *status* e prestígio (CUNLIFFE, 2005, p. 549). Seja como for, o ponto que gostaria de salientar é que, dado o contexto de tais achados, parece correto afirmar que esses artefatos poderiam marcar determinadas identidades femininas. Isso não quer dizer que espelhos eram objetos femininos *per se*, ou tampouco que sua presença indique um atributo monolítico de gênero em todos os casos, pelo contrário. Prestar atenção aos contextos de ocorrência em que esses artefatos são encontrados é, portanto, fundamental.

Em Yorkshire, em todos os quatro casos nos quais a presença de espelhos está bem documentada (A28; GS2.1; WS454; WV) – três deles sendo enterramentos com carros – , esses objetos foram encontrados junto a mulheres adultas, sugerindo uma conexão com atributos etários e sexuais. Porém certa cautela é necessária, já que a ocorrência de tais deposições se dá em números extremamente reduzidos. Casos como o de Wetwang Village, escavados à luz de métodos modernos, parecem, no entanto, reforçar essas possibilidades. Isso porque é possível observar que algumas dessas mulheres completaram diferentes ritos de passagem ao longo de suas biografias, tendo sucessivamente sobrevivido à gravidez, entrado na menopausa, por vezes se recuperado de acidentes e traumas físicos, chegando a atingir uma posição sênior no interior de suas famílias e comunidades.

Essas associações de gênero projetadas a partir de atributos etários e sexuais são ainda reforçadas pelas 120 pequeninas contas de vidro azuladas encontradas no espelho do enterramento com carro em WV1. Essas contas tinham apenas 3mm de diâmetro interno e faziam parte de um cordão utilizado para amarrar a sacola de pele dentro da qual o espelho foi encontrado (HILL, 2001). O que torna o achado relevante é justamente a ocorrência de contas desse tipo em demais contextos fúnebres na região sempre associadas a indivíduos do sexo feminino em idade adulta (e na maior parte das

vezes, em idade avançada). Assim, ao menos em alguns casos como Wetwang Village, podemos confirmar que nítidas diferenças identitárias entre os gêneros estavam sendo assinaladas em enterramentos com carros através do uso da cultura material. Esse é um dado de grande importância, já que gênero costuma ser percebido historiograficamente como um fator não relevante para se entender as deposições encontradas em enterramentos do tipo-C, a despeito de nítidas diferenças estarem sendo operacionalizadas nesse sentido.

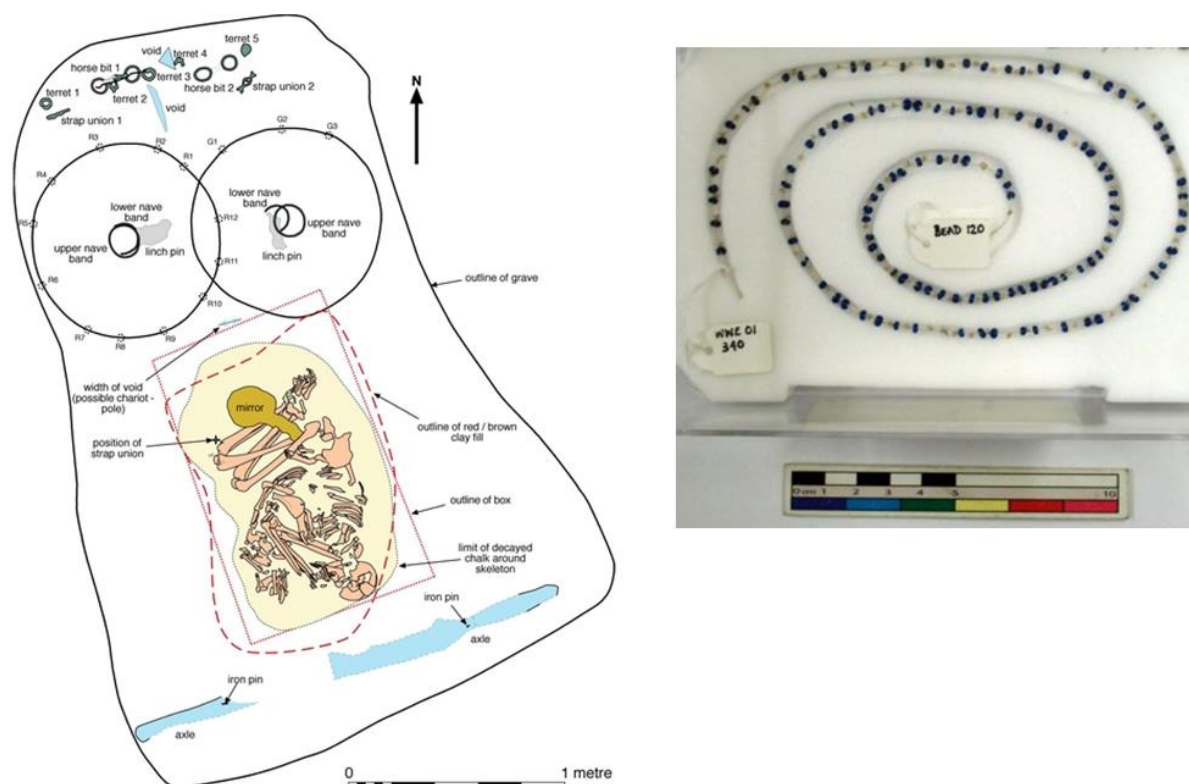


Figura 9.4.: O enterramento com carro de Wetwang Village e as mini-contas azuladas encontradas na cova, próximas ao espelho. *Fonte:* Hill, 2001 e acervo do Museu Britânico.

Eis que nos deparamos com um cenário complexo. Se por um lado as mulheres enterradas com veículos contavam com objetos cuidadosamente decorados depositados em suas covas, que atestavam certo compartilhamento visual de temas e *designs* com aqueles encontrados nas tumbas masculinas (por exemplo, a semelhança entre os anéis de rédea e outros objetos de arreio, ou a caixa encontrada em Wetwang Slack com as espadas da região), por outro lado, essas mulheres foram também presenteadas em suas mortes com itens que enfatizavam seu gênero e possíveis atributos femininos. Ao invés de uma simples oposição binária, estamos, portanto, face a um intrincado arranjo no qual

diferentes elementos foram combinados durante o processo de (re)construção da memória a respeito dessas pessoas.

Tradicionalmente, tumbas masculinas com carros têm sido encaradas como símbolos de um estatuto social guerreiro, fortemente associadas a atributos marciais. Uma atitude completamente oposta é projetada em relação aos enterramentos femininos, e a há uma inclinação acadêmica de se concluir, nesses casos, que a deposição de veículos estaria relacionada a questões de *status* social. Tal diferença de atitude interpretativa está diretamente relacionada à resistência teórica moderna, por parte de muitos pesquisadores, de conceber a possibilidade de participação feminina em combates armados e/ou em funções marciais (reais ou simbólicas). Uma exceção notória, no entanto, é a análise feita por Pope e Ralston (2012), que – ao associar carros com identidades marciais – advogam que as tumbas femininas com carros em Yorkshire seriam pistas de que essas mulheres enterradas se inseriam em “ideologias marciais” (POPE; RALSTON, 2012, p. 409).

Gostaria de enfatizar que uma mudança interpretativa deve ser aí feita, em primeiro lugar, em relação ao imediatismo de nossas interpretações. É importante não naturalizar a associação entre carros e um universo marcial, até porque apenas 2 enterramentos com veículos foram encontrados com armas ofensivas (WS453, WS455) e um terceiro caso com uma cota de malha (K5). Nenhuma das demais tumbas encontradas possui qualquer tipo de equipamento marcial e essa é uma realidade observável em East Yorkshire como também em todos os demais casos encontrados em regiões vizinhas, inclusive no enterramento de Newbridge. A ênfase dada à associação marcial entre carros e guerra tem suas origens na Antiguidade. Em parte, ela segue uma tradição de representações discursivas a respeito de bretões e gauleses por parte de autores que realçaram o uso de veículos em contextos de batalhas, como, por exemplo, fizeram César (*De Bello Gallico*, IV, 33), Diodoro Sículo (*Bibliotheca histórica*, V, 29.1), Tito Lívio (*Ab Urbe Conita*, X, 29) e Tácito (*Annales*, XIV, 35). A historiografia moderna, no entanto, exacerbou esse papel marcial, criando uma visão monolítica de tais veículos sem levar em consideração pistas fornecidas pelos próprios escritos antigos a respeito de possíveis usos distintos desses carros pelas sociedades da Idade do Ferro, como o seu uso enquanto plataformas para discursos (como em Tácito, *Annales*, XIV, 35), ou para facilitar viagens longas (Diodorus Siculus, *Bibliotheca historica*, V, 29.1),

e conectar pessoas, promovendo o prestígio pessoal (Athenaeus, *Deipnosophistae*, IV, 37). Acredito que também é importante enfatizar que em termos de gênero, casos como o de Boudicca, conforme descrito por Tácito, revelam que, pelo menos na mente dos escritores antigos, algumas mulheres bretãs poderiam utilizar tais veículos sem perder quaisquer aspectos de sua feminilidade, às vezes até mesmo associados a atributos como a maternidade.

Como afirmam Karl (2003) e Giles (2012), dispomos de evidências o suficiente para inferir que carros poderiam ter sido utilizados na Idade do Ferro para uma variedade de propósitos e finalidades que, além de seu uso em combate, poderiam incluir viagens, procissões, usos competitivos esportivos, usos cerimoniais, ou simplesmente como um recurso que possibilita elevar seus ocupantes, criando uma distância física e psicológica entre indivíduos. Em uma região, como Yorkshire, repleta por estruturas de terraplanagem que formam extensas vias e rotas, e marcada pela vigilância e escrutínio de idas e vindas, esses veículos poderiam ter desempenhado um importante papel na manutenção de certa coesão social (GILES, 2007b, 2008a, 2012).

9.3. Velhos carros, novas perspectivas: traçando algumas possibilidades interpretativas para o estudo de identidades sociais em tumbas com carros

Deparamo-nos, assim, com um problema intrigante: se os carros tinham diferentes usos e significados, e se eles estavam automaticamente ligados *a priori* com um *status* guerreiro, como podemos interpretar a presença de tais veículos nos túmulos das mulheres, por exemplo? Duas explicações têm sido oferecidas.

A primeira, e mais tradicional, consiste em pressupor que as mulheres enterradas com carros receberam tais tratamentos fúnebres graças a seu casamento com homens poderosos (HINTON, 1986). Dito de outra forma: o caráter monumental de suas tumbas seria tão somente o reflexo e o testemunho da riqueza de seus maridos. Essa interpretação é extremamente problemática. Ela parte de um anacronismo tendencioso que pensa atributos de poder e importância nas sociedades da Idade do Ferro exclusivamente associados à figura de homens, como uma prerrogativa unicamente

masculina que pressupõe que mulheres eram passivas e não tinham identidades próprias. Além disso, a equivalência direta construída entre mobiliário fúnebre e riqueza pessoal é também questionável, já que os mortos não enterram a si mesmos. Embora a hipótese seja tentadora para explicar, por exemplo, a proximidade dos enterramentos com carros encontrados em Wetwang Slack, outros casos ocorrem separadamente na paisagem sem quaisquer enterramentos masculinos que sejam equiparáveis, revelando as debilidades de tal modelo interpretativo. Além disso, essa hipótese também falha em explicar a complexidade de práticas fúnebres encontradas nos cemitérios da região como um todo, onde uma série de relações e afiliações interpessoais foram projetadas sem quaisquer relações óbvias com as figuras de “maridos” e “esposas”.

A segunda possibilidade de interpretação consiste em assumir que os enterramentos femininos com carros indicariam uma adoção de atributos masculinos e de uma identidade de gênero mais masculina por parte de algumas mulheres⁶⁹. A habilidade de certas mulheres de imitar atributos e desempenhar papéis masculinos resultaria, assim, em um "transvestismo social", que possibilitaria a essas mulheres serem enterradas como homens importantes por suas comunidades. Essa interpretação se baseia, assim, na ideia comum por muitos anos de que carros eram símbolos de masculinidade. A falácia de tal raciocínio já foi discutida. Mais uma vez, essa linha de pensamento revela uma incapacidade de se teorizar o exercício do prestígio e reconhecimento social para além de uma simples prerrogativa masculina. Além disso, essa lógica interpretativa destaca a relutância intelectual moderna de admitir que funções de importância e papéis poderosos pudessem ser desempenhados por mulheres.

No entanto, um aviso cautelar deve ser feito: embora a hipótese de um travestismo social possa originalmente ter sido formulada com base em um viés sexista, devemos, no entanto, estar abertos à possibilidade teórica de que alguns indivíduos no passado adotaram identidades de gênero que geralmente não eram atribuídas a demais indivíduos de seu sexo. Uma pessoa do sexo feminino, nesse sentido, poderia, hipoteticamente, ter tido um conjunto de atributos específicos e praticado atos (percebidos como os) de masculinidade de acordo com valorizações particulares à determinada sociedade, resultando de tal forma na criação de uma identidade feminina masculinizada distinta daquela da maior parte das mulheres. O mesmo poderia ser dito

⁶⁹ Para um apanhado de teorias elaboradas do tipo, em especial, para as tumbas com carros femininas do continente, cf. ARNOLD, 1995; BUTLER, 2009.

em relação a indivíduos do sexo masculino, realizando performances consideradas como femininas. Estes podem ser inclusive o caso de alguns achados continentais, nos quais Arnold (2001) observou alguns enterramentos desse tipo em regiões da Europa centro-ocidental, embora sejam quase sempre de homens com atributos femininos e quase nunca incluindo carros (ARNOLD, 2001, p. 214–17).

O problema de uma explicação em termos de travestismo social para os enterramentos com carros em Yorkshire é que não contamos com quaisquer dados sequer que corroborem com esse argumento. Ao contrário, todos poucos vestígios materiais conhecidos apontam em direção oposta. As sutis distinções entre tumbas masculinas e femininas criadas a partir da cultura material (por exemplo, entre espadas e armas) e a construção de certos efeitos visuais associados a gêneros específicos (obtidos, por exemplo, a partir do uso de contas azuladas) são todos indícios de que se trata de um equívoco considerar que os enterramentos com carros marcassem uma perda de atributos femininos por parte das mulheres, ou a adoção de identidades femininas por parte dos homens, ou que os indivíduos de ambos os sexos enterrados tivessem as mesmas identidades.

Além das limitações dos modelos interpretativos anteriores, uma terceira explicação se faz necessária e ofereço, aqui, uma alternativa nesse sentido.

Os carros são objetos complexos: seu uso abrange funções variadas e sua deposição em túmulos pode ter sido condicionada por diferentes propósitos que parecem estar mais ou menos relacionados à biografia da pessoa morta e às relações entre determinadas famílias, os mortos e os vivos. Ambos os tipos de tumbas, masculinas e femininas, apresentam um conjunto de referências a elementos-chave da vida social e um processo de memorialização semelhante. Esse aspecto é reforçado ainda pelos sinais de uso que muitas das partes que compunham esses veículos apresentavam. Sinais de desgaste encontrados nos pinos (WS455), no centro (GSL[11]2.1) e nos aros de rodas (K5); reparos feitos em anéis de roda (WV1), além de equipamentos de arreio não funcionais; rodas com dimensões distintas (DG43) e feitas em momentos diferentes (BREWSTER, 1971, p. 291, 1976, p. 111; BROWN et al., 2007, p. 138–40,156; DENT, 1985, p. 90; HILL, 2001; STEAD, 1979, p. 40, 1991, p. 42) - todos indícios que atestam que as partes de muitos desses carros foram recicladas e reunidas (talvez, inclusive, de uma variedade de veículos), constituindo aquilo que Giles

(2012, p. 250) nomeou como uma “tecnologia da lembrança”. Uma vez que tal processo de reparos e a criação de carros “híbridos” ajudavam a unir pessoas, expressando o compromisso e engajamento entre indivíduos e famílias, fica, portanto, evidente que, tanto homens como mulheres tenham sido selecionados para receber tais presentes fúnebres.

Os adornos e embelezamentos em diversos itens encontrados nessas tumbas são também significativos. Isso porque a maior parte dos objetos encontrados nas demais tumbas atesta que esses atos de ornamentação eram seletivos, criando objetos altamente decorados que não só se destacavam, mas ainda deveriam ter sido de alto valor real e simbólico para essas comunidades (JOY, 2011a, p. 219). As decorações encontradas tanto em tumbas com carros como em alguns itens descobertos em outros enterramentos (como o uso de esmalte vítreo avermelhado e contas de coral importadas, os motivos curvilíneos entrelaçados trabalhados no metal, a utilização de delicadas e vistosas contas azuladas) revelam um sistema de sinalizações que conferia certos atributos especiais a seus portadores, fossem eles os proprietários de tais objetos ou as pessoas presenteadas com eles (GILES, 2008a; JOY, 2011a; GARROW; GOSDEN, 2012). Essas inserções estéticas ocorrem de modo regional, apropriando-se de temas e repertórios visuais de longa tradição, que eram combinados, como Joy (2011a, p. 213) conclui, formando uma arena social para a sinalização de poder e prestígio individual ou de um grupo maior.

As estéticas semelhantes entre as encontradas na caixa da tumba feminina de WS454 e nas espadas de WS453/WS455 não precisam, assim, ser vistas como um signo de que a mulher enterrada tivesse uma identidade de gênero semelhante à dos homens sepultados nas duas tumbas vizinhas. Ao contrário, acredito que essa semelhança derive da utilização de um repertório representativo associado a atributos de prestígio e importância, que poderia ser adaptado e manipulado em diferentes ocasiões, a fim de atender a necessidades sociais distintas. Entre algumas delas deveriam figurar o desejo de destaque entre grupos rivais envolvendo práticas de oferta de presentes, ou o anseio de determinadas famílias ou indivíduos de expressarem uma identidade de grupo particular (GILES, 2008a, p. 69; JOY, 2011a, p. 219). O ponto crucial, aqui, é que a sua presença, tanto em enterramentos femininos, como nos masculinos, atesta uma relativa fluidez de gênero e das práticas fúnebres entre os séculos III-II a.C., revelando um conjunto de negociações entre signos de prestígio entre indivíduos de ambos os gêneros.

Carros englobam uma série de associações e metáforas interpessoais. Parece-me claro, portanto, que a melhor forma de compreender as tumbas com esses artefatos seja considerá-las signos de um engajamento social que busca (re)afirmar um senso de importância – dos mortos, de suas famílias e dos grupos aos quais estavam associados em vida. Tal fenômeno pode ter abrangido indivíduos que desempenharam um papel marcial ativo em suas comunidades, como o homem de WS453, embora não se limitasse apenas a esses casos.

Por último, é importante reforçar que embora tumbas com carros possam revelar um grau considerável de negociação e afluência entre gêneros, por outro lado esses enterramentos também sinalizavam a existência de diferenças entre homens e mulheres, antecipando um processo que se tornará cada vez mais recorrente a partir do século I a.C.. Contrariamente à crença comum em relação à Idade do Ferro bretã, a sinalização de identidades de gênero era tão importante a ponto de ter sido cuidadosamente recriada, negociada e reforçada, mesmo após a morte de um indivíduo. O que torna as tumbas com carros tão relevantes e desafiadoras é justamente o fato de que essas construções se davam em uma via de mão-dupla: através da cultura material é possível observar que as diferenças eram reforçadas tanto quanto negociadas, e que a Idade do Ferro bretã se tratava de um período muito mais complexo do que até então tem-se imaginado.

Fabricando identidades

A construção de atributos de gêneros em contextos tardios

O uso dos cemitérios em Yorkshire varia significativamente ao longo da Idade do Ferro, conforme já visto. No entanto, essas mudanças trazem consigo também um conjunto de transformações nos modos como as identidades de gênero são assinaladas em contextos fúnebres. Embora os achados da Idade do Ferro Tardia sejam numericamente inferiores se comparados àqueles dos séculos V-II a.C., eles, ainda assim, muito podem nos oferecer, sobretudo para uma perspectiva de gênero. Além disso, as tumbas tardias apresentam itens de mobiliário fúnebre raros para o contexto arqueológico bretão. Elas costumam conter itens de metalurgia e tecelagem: duas categorias de objetos que até o século I a.C. não estavam presentes em contextos mortuários na região. Analisar essas tumbas e o modo como atributos sociais passam a ser sinalizados em cronologias tardias torna-se, portanto, um exercício fundamental para entender como identidades são negociadas ao longo do tempo na região.

10.1. Forjando valores masculinos: tumbas com equipamentos e ferramentas metalúrgicas

Embora o primeiro milênio a.C. nas Ilhas Britânicas seja exclusivamente definido com base em progressos tecnológicos e metalúrgicos que aconteceram durante esse período (como atesta as nomenclaturas “Idade do Bronze” e “Idade do Ferro”), a ocorrência em contextos arqueológicos de ferramentas relacionadas ao trabalho com metais se dá em uma escala relativamente baixa. Ainda que alguns sítios iniciais nos indiquem que a tecnologia do ferro e, conseqüentemente, os aparatos necessários para seu trabalho já estivessem presentes desde cronologias iniciais no séc. VII a.C. (STEAD, 1996, p. 14), é apenas da Idade do Ferro média em diante, em torno dos séculos V/IV a.C., que alguns achados esporádicos revelam a presença de ferramentas diretamente relacionadas ao ofício metalúrgico, como são os casos, por exemplo, das

ferramentas encontradas em Fiskerton (Lincolnshire) e dos martelos encontrados em Brendon Hill (Gloucestershire), que datam do séc. IV-II a.C. (FELL, 1998, p. 220–222). A vasta maioria dos equipamentos de metalurgia descobertos nas Ilhas Britânicas, no entanto, como aqueles escavados em Llyn Cerrig Bach (Anglesey) ou em Garton Slack (East Yorkshire), datam de cronologias significativamente tardias em torno do primeiro século a.C., sendo a vasta maioria desses achados encontrados em tesouros ocultos (*hoards*), como aquele de Waltham Abbey, em deposições votivas ou, ainda, através de esporádicos casos isolados (MANNIG, 2011, p. 73).

As tumbas com ferramentas encontradas nos cemitérios de East Yorkshire oferecem, assim, um ponto de vista analítico único. O que as torna tão especiais é justamente o fato de conterem um conjunto de objetos cuja ocorrência, em geral, aparece em contextos limitados. Diferentemente de outras regiões, em Yorkshire esses itens encontraram seus caminhos até a cova de certos indivíduos, fazendo com que sua presença se dê em contextos arqueologicamente privilegiados, junto a ossadas humanas que puderam ser estudadas por métodos forenses modernos. Os enterramentos aqui discutidos nos proporcionam, portanto, oportunidades singulares de se entrecruzar dados biográficos pessoais e dados artefatuais, buscando identificar um conjunto de projeções sociais identitárias que estão indisponíveis em outros contextos. O número de casos disponíveis, no entanto, é limitado.

Apesar de contarmos, hoje, com mais de mil registros de enterramentos conhecidos para a região (cf. **Catálogo**), apenas uma parcela extremamente reduzida deles revelou quaisquer tipos de ferramentas. Além disso, curiosamente, todas as tumbas com ferramentas foram encontradas apenas no vale do Great Wolds, em cemitérios como o de Rudston e Burton Fleming (Cf. STEAD, 1991). Em parte, é possível que os pequenos números possam ser a consequência do caráter especial de tais artefatos que, por sua vez, costumam ser frequentemente encontrados em deposições votivas altamente ritualizadas, e que, como Giles (2007a) advoga, talvez estivessem embutidos de simbolismos e metáforas poderosas, tornando sua disposição altamente seletiva e memorável. Além disso, acredito que a baixa presença numérica possa ter se dado, também, devido a fatores cronológicos. Isso porque todos os enterramentos com ferramentas de que dispomos até os dias atuais datam de um momento já tardio, em torno do primeiro século a.C. – uma época de graduais transformações internas,

marcada por reconfigurações de relações físicas e sociais (direitos e noções de comunidade, identidades individuais e coletivas, configurações de assentamentos, acesso à terra, etc.) (ATHA, 2007; GILES, 2007c; HASELGROVE, 2001, p. 24; STOERTZ, 1997). É possível que o número reduzido de tumbas com ferramentas tenha, portanto, sido condicionado (ou ao menos afetado) pelo fato de tais enterramentos ocorrerem em um período de declínio do uso de cemitérios e quando a prática de inumação estava entrando de modo sistemático em desuso na região. Essa possibilidade é reforçada ainda pela datação de certos objetos e pelo fato de todas as tumbas encontradas até o momento serem exclusivamente do tipo-B, reforçando que tal ocorrência de mobiliário fúnebre estava limitada a contextos tardios.

Um primeiro olhar sobre essas tumbas nos revela que nem sempre as ferramentas encontradas são as mesmas em todos os casos. Entre os itens mais marcantes está um tenaz colocado junto a um esqueleto possivelmente do sexo masculino entre 17-20 anos de idade, em R154. O objeto foi posto imediatamente sobre uma espada e o braço direito do falecido e sua deposição se deu de modo bastante performático, já que análises revelaram que o artefato foi cuidadosamente embrulhado em um material têxtil e colocado na cova relativamente após ter sido utilizado, apresentando, ainda, alguns resíduos da forja, presos em sua estrutura (CROWFOOT, 1991; FELL, 1991). Nessa mesma tumba encontrou-se ainda um pequenino acoplador, item comumente utilizado em serviços metalúrgicos, e também um martelo de ferro. Curiosamente, o sujeito foi igualmente sepultado com honras marciais: além da espada já mencionada, ele foi também enterrado com um escudo de madeira e duas lanças foram enfiadas contra a sua cova com tamanha força chegando a quebrar as pontas (uma em sua extremidade, outra na metade), devido ao impacto contra o escudo (STEAD, 1991). De forma semelhante, outro homem com a mesma idade, encontrado em R87, foi enterrado com artefatos parecidos: neste caso, uma adaga (próxima ao braço direito) e um martelo (próximo ao braço esquerdo/quadril)⁷⁰.

⁷⁰ Martelos eram ferramentas utilizadas para diferentes propósitos, tanto em funções gerais como em outras mais específicas associadas à metalurgia e mais de 30 deles foram encontrados nas Ilhas Britânicas na Idade do Ferro, a maior parte deles em torno dos séculos I a.C./d.C. (FELL, 1998; MANNIG, 2011, p. 74). Segundo Fell (1998), os martelos bretões apresentam algumas características em sua constituição que revelam possíveis influências ou inspirações europeias como aqueles encontrados em regiões como a Bavária, Boêmia, Celles, Kappel e Württemberg. As tipologias de martelos da Idade do Ferro bretã, no entanto, deixam de existir durante o período romano, e os artefatos encontrados passam a se assemelhar com os encontrados em outras regiões do mundo romano em geral (FELL, 1998, p. 216).

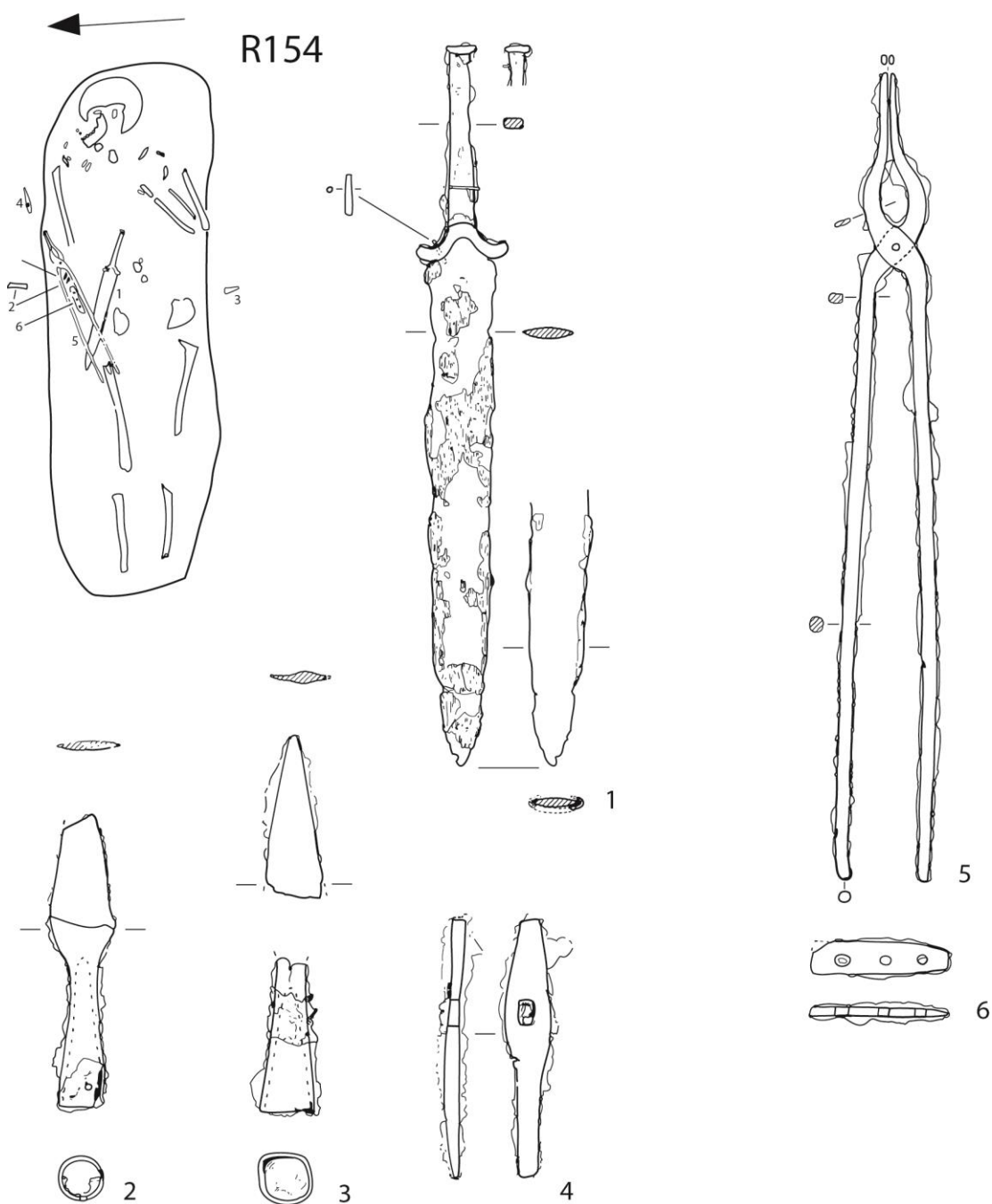


Fig. 10.1 Enterramento de R154. Com [1] espada, [2, 3] pontas de lanças, [4] martelo, [5] tenaz e [6] fixador. Fonte: Giles, 2012 baseado em Stead, 1991.

O enterramento de R154, aliás, não foi o único onde lanças foram atiradas em uma tumba com ferramentas e um paralelo pode ser observado em duas outras sepulturas do tipo: R50 e BF63. Aqui, novamente indivíduos do sexo masculino em idade adulta (17-25 e 25-35, respectivamente) foram enterrados cada qual com uma

lança enfiada em suas covas (mas sem atingir seus corpos), e, dessa vez, acompanhados por facas de 13-14 cm – uma ferramenta cujos usos estão principalmente vinculados a diversos ofícios manuais e tarefas da vida quotidiana, mas que, ao mesmo tempo, pode ser convertida em uma arma, quando necessário.

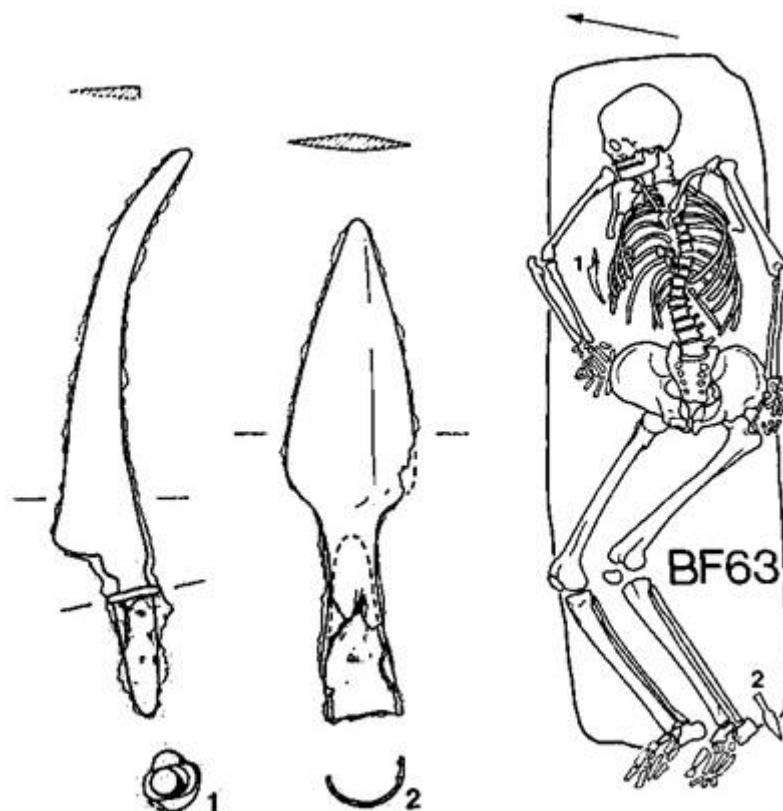


Fig. 10.2 Enterramento de BF63. [1] faca, [2] ponta de lança. *Fonte:* Stead, 1991.

Facas são, inclusive, as ferramentas mais comumente depositadas em tumbas desse tipo, tendo sido encontradas também em R45 e R141. Este último enterramento, por sua vez, R141, revelou ainda um conjunto de ferramentas diversas como uma sovela (utilizada em especial em curtumes e marcenarias), uma lima (usada para polir e desbastar peças), e a ponta de uma galhada trabalhada. Todos os itens, incluindo a faca, foram depositados próximos às costas e o lado direito do esqueleto, como se compusessem um *set* de peças relacionadas a ofícios manuais, possivelmente embaladas ou colocadas numa sacola antes de depositadas na cova. A tabela a seguir apresenta uma síntese de todos os enterramentos desse tipo encontrados em Yorkshire.

Id.	Tipo	Orientação	Sexo	Idade	Mobiliário Fúnebre
R45	B	Leste-Oeste, com a face voltada para Sul	Masculino	45+	1, faca
R50	B	Leste-Oeste, com a face voltada para Norte	Masculino	17-25	1, faca 2, lança (enfiada na cova)
R87	B	Leste-Oeste, com a face voltada para Sul	Masculino	17-25	1, adaga 2, martelo 3, fragmento de ferro, n/d.
R141	B	Oeste-Leste, com a face voltada para Norte	Contraindicação	17-25	1, sovela/furador 2, lima 3, faca 4, ponta de galhada 5, porção de porco
R154	B	Leste-Oeste, com face voltada para Sul	Masculino	17-20	1, espada 2, 3, pontas de lanças (enfiadas na cova) 4, martelo 5, tenaz 6, acoplador 7, escudo
BF63	B	Leste-Oeste, com face voltada para Norte	Masculino	25-35	1, faca 2, ponta de lança (?enfiada na cova)
Dados extraídos de STEAD, 1991					

Tabela 10.1: Enterramentos da Idade do Ferro com ferramentas de metal encontradas em East Yorkshire.

Embora sejam poucas, as tumbas com ferramentas apresentam uma consistência notável em termos de padrões de deposições. Apesar do sexo biológico não poder ter sido estabelecido em um caso, elas estão fortemente associadas ao sexo masculino e a ideias de gênero de masculinidade. Há uma poderosa combinação na maior parte dos casos, ainda, entre a projeção de uma identidade marcial e metalúrgica, onde ferramentas relacionadas ao trabalho do metal são encontradas lado a lado com armas de grande importância e simbolismo social, como espadas. É claro, uma interpretação

alternativa seria a de que o simbolismo marcial nesse sentido seria periférico e as armas encontradas nas tumbas são apenas um reflexo ou testemunho das habilidades memoráveis de determinado ferreiro (que as teria confeccionado e agora estava morto). Essa explicação, no entanto, parece não dar conta da realidade material observada já que, para além da presença de armas, é possível observar também a realização de determinados ritos funerários bastante performáticos que evocam ideais marciais, como o ato de se arremessar e enfiar lanças nas covas de alguns mortos. Além disso, é impossível precisar se as pessoas enterradas com ferramentas estavam de fato diretamente envolvidas em trabalhos metalúrgicos ou se a deposição de tais utensílios se dava por motivos diversos, de afiliações familiares ou conformidade com novos signos ou ideias de prestígio ou gênero em vigência durante esse período.

Acredito ser importante destacar que as tumbas com ferramentas encontradas em Yorkshire são um excelente exemplo de como a cultura material nos ajuda a desafiar os tradicionais modelos interpretativos ainda amplamente presentes na historiografia da Idade do Ferro. Isto é, elas nos mostram que as esquematizações e divisões (tidas como pilares básicos de organização social nas sociedades da Idade do Ferro) feitas entre “ferreiros/artesãos”, de um lado, e indivíduos pertencentes a uma “classe guerreira”, do outro lado (Cf. Figura James), são o resultado de oposições equivocadas e anacrônicas. É imprescindível, assim, que nossos modelos historiográficos comecem a reconhecer efetivamente, não apenas variações regionais, mas também cronológicas. A transposição de “realidades metalúrgicas” observadas na região continental transalpina durante a Idade do Ferro inicial para o norte bretão na Idade do Ferro tardia, por exemplo, é um grande equívoco, tal qual é criar modelos interpretativos baseados em divisões sociais percebidas a partir de observações feitas por autores gregos e romanos. A visão historiográfica tradicional (cf. ALDHOUSE-GREEN, 1997; KRISTIANSEN, 1998) de que trabalhos metalúrgicos eram uma prerrogativa exclusiva de sistemas estratificados de chefias hierárquicas, nos quais alguns chefes controlariam uma classe de artesãos altamente especializados que trabalhavam em tempo integral, já foi questionada e posta abaixo em relação à realidade das Ilhas Britânicas por uma série de estudos diversos, não só a partir de discussões relacionadas à metalurgia em si (EHRENREICH, 1991, 1995; GILES, 2007a), mas às comunidades bretãs em diferentes níveis (COLLIS, 2003, 2011; GILES, 2012; HILL, 2011; MOORE; ARMADA, 2011b; SASTRE, 2011). Hoje, já se reconhecem, portanto, diferentes alternativas mais condizentes com a realidade

material encontrada em diferentes regiões da Inglaterra, que incluem não só a construção de relações produtivas heterárquicas, mas, ainda, que levam em conta diferentes ritmos de produção com base em disponibilidades de recursos naturais, redes de trocas, processos de ritualização do ofício metalúrgico e os ciclos rítmicos da vida rural⁷¹.

As tumbas com ferramentas em Yorkshire nos lembram de que é também importante estarmos abertos à possibilidade de que múltiplas projeções identitárias poderiam ocorrer de maneira combinada, por vezes, associadas a ideais específicos de gênero. Se elas nos indicam algo por excelência nesse sentido é que em contextos tardios, por volta do séc. I a.C., é possível testemunhar uma construção orgânica entre atributos marciais e metalúrgicos que são combinados em contextos fúnebres, estando associados a um tipo idealizado de identidade exclusivamente masculina. Esse é um dos motivos, inclusive, pelos quais alguns autores como Giles (2007a, p. 404) acreditam que tais deposições carregariam fortes atributos simbólicos, já que a prática metalúrgica poderia estar possivelmente associada a forças transformadoras (isto é, à capacidade de criação e destruição, ou à violência) e noções de virilidade e força – todos atributos cada vez mais caros às projeções de gênero masculino em contextos fúnebres tardios (cf. **Capítulo 8**). Embora as ferramentas encontradas carregassem simbolismos particulares relevantes às comunidades que as enterraram, é importante destacar também que a análise de suas estruturas nos revelam usos prévios atestando que não se tratam de objetos puramente cerimoniais ou feitos para o funeral. Em R87 tanto o martelo como a adaga enterrada estavam ligeiramente quebrados em suas pontas; as facas encontradas em BF63 e R45, igualmente, apresentavam sinais de uso e quebra em algumas partes, e em R154, além do caso já discutido em relação ao tenaz, sinais de usos prévios foram também identificados no martelo depositado (FELL, 1991; STEAD, 1991).

Diferentemente de outros ofícios relacionados à vida quotidiana, a prática metalúrgica pressupõe um conjunto de saberes técnicos e habilidades especiais, caracterizando-se como uma tecnologia particular que, muitas vezes, parece ter tido um estatuto liminar e se diferenciado entre as comunidades bretãs da Idade do Ferro

⁷¹ É importante lembrar ainda que a prática metalúrgica, diferentemente da maior parte das atividades quotidianas na Idade do Ferro bretã, não estava necessariamente restrita ou limitada às estações do ano e poderia ser realizada em períodos de baixa produtividade agrícola, a partir de reservas estocadas previamente, sendo, portanto, uma atividade de grande flexibilidade (GILES, 2007a, p. 398).

(HINGLEY, 1990, 2006; GILES, 2007a)⁷². Em East Yorkshire esse aspecto limiar especial pode ser observado em duas ocasiões: em Kerk, no vale de Hull, uma oficina metalúrgica do séc. II-I a.C. foi encontrada em uma área delimitada e isolada; no assentamento de Wetwang Slack, na área II, atividades metalúrgicas foram identificadas também em um local afastado do assentamento, no norte do vale (BREWSTER, 1980; VAN DE NOORT; ELLIS; CHAPMAN, 2000; HALKON, 2011). É possível, assim, que a atividade metalúrgica estivesse imbuída de simbolismos e prescrições simbólicas ou religiosas, e determinado nível de ritualizações estivesse envolvido no processo (GILES, 2007a, 2012).

Curiosamente, as pessoas enterradas com ferramentas não foram isoladas, mas, ao contrário, enterradas no meio de cemitérios já conhecidos e utilizados há gerações. As evidências fúnebres nos indicam que há uma grande probabilidade, nesse sentido, de que alguns indivíduos e suas famílias estivessem se utilizando cada vez mais das associações entre um ideal marcial e um metalúrgico, como mecanismo de distinção social, visando a um reconhecimento fúnebre especial. Talvez, esse seja inclusive um dos motivos porque boa parte desses objetos costuma ser encontrada em tumbas de homens que morreram em idades mais jovens: uma estratégia fúnebre poderosa que é capaz de conciliar duas atividades fortemente associadas a ideais de masculinidade e prestígio social, condensadas em um único enterramento em um período de tensões e mudanças sociais, quando jovens figuras masculinas parecem adquirir um peso cada vez mais considerável na balança de poder.

Um achado excepcional em Whitecombe, Dorset, onde um esqueleto do sexo masculino de 25-30 anos foi encontrado com um martelo, uma lima, uma lança e uma espada, entre outros itens (AITKEN; AITKEN, 1990), nos oferece uma pista de que, talvez, muitas dessas combinações entre ferramentas e armas em contextos fúnebres fizesse parte de um simbolismo maior e cada vez mais em voga no primeiro século a.C.. A associação entre ferramentas e armamentos não é de toda uma inovação exclusiva a

⁷² A noção de um caráter liminar pode ser observada em diferentes situações em que resíduos e entulhos de práticas metalúrgicas ou, ainda, tesouros com objetos de ferro são muitas vezes depositados em regiões como trincheiras ou estruturas de terraplanagem que possuem uma função limítrofe, ou, em contextos domésticos, nos lugares de passagem próximos à entrada ou porta das casas, e, ainda, no fato de muitas oficinas metalúrgicas se encontrarem relativamente fora ou afastadas dos assentamentos (HINGLEY, 1990, 2006; GILES, 2007a). É possível que tal afastamento simbólico tivesse um caráter prático importante, minimizando danos colaterais causados por incêndios e acidentes do tipo, além de isolar gases e fumaças para longe de ambientes domésticos.

Idade do Ferro tardia. Algumas oferendas votivas da Idade do Bronze tardia, como aquela de um tesouro encontrado em Llyn Fawr – um lago no sul do País de Gales – já revelaram um conjunto de armas intencionalmente depositadas junto a diversas ferramentas agrícolas, criando uma conexão votiva e simbólica entre essas duas categorias de artefatos (HINGLEY, 1997, p. 14). Curiosamente, entre os cemitérios de Yorkshire os enterramentos mais tardios são justamente os que apresentam maiores paralelos emulativos com tumbas da Idade do Bronze – um fato atestado, por exemplo, a partir do formato circular de alguns montículos erigidos nesse período – e, talvez, essas associações construídas entre armas e ferramentas fizesse parte de um discurso ancestral que estava sendo revisitado.

Ainda que as ferramentas encontradas na Idade do Bronze, como o exemplo de Llyn Fawr atesta, estivessem mais associadas a funções rurais do que metalúrgicas, na Idade do Ferro podemos ver uma correlação semelhante se compararmos os achados encontrados em contextos fúnebres com os encontrados em assentamentos. Um ótimo exemplo, nesse sentido, encontrado em Yorkshire, é o fato de que ferramentas semelhantes àsquelas encontradas nos cemitérios do Great Wold Valley foram também identificadas em outros contextos de deposição na região dos Wolds, como as escavações realizadas por Brewster (1980) atestam. Em Garton Slack, ferramentas metalúrgicas que incluem um atizador de fogo, um cortador e um tenaz foram encontradas dentro de um poço para armazenamento de grãos (poço n.1, seção Z do sítio de GS9, em BREWSTER, 1980). É possível, portanto, que o uso e a deposição ritual de ferramentas metalúrgicas estivessem vinculados a discursos de autoridade, abundância e fertilidade. A mesma prática de deposição de ferramentas em poços de armazenagem de grãos foi observada também em outras regiões como Hampshire (HALKON, 2011, p. 157) e, novamente, essa é uma pista de que tais deposições talvez fizessem parte de processos maiores de vivências ritualizadas da paisagem pré-histórica (construindo relações entre os vivos, as divindades e os mortos).

Os enterramentos encontrados em East Yorkshire revelam uma nítida conexão de ferramentas com indivíduos adultos do sexo masculino. Boa parte dos casos encontrados apresenta ainda uma forte correlação com um universo marcial, através da deposição de armas, como espadas e adagas, ou de ferramentas que poderiam ser convertidas em armas (como facas). Além disso, testemunhamos também, em alguns

casos, a realização de rituais dramáticos como o arremesso de lanças nas covas dos mortos, novamente criando uma projeção identitária fortemente vinculada a uma figura guerreira. Ferramentas metalúrgicas, no entanto, só são encontradas na região como mobiliário fúnebre em contextos tardios por volta do séc. I a.C. e sua ocorrência nos indica que elas estavam sendo utilizadas para construir um discurso de masculinidade, criando uma associação entre uma identidade adulta jovem (e, possivelmente, marcial) ao exercício da prática metalúrgica. Essas tumbas apresentam, assim, algumas das diferenciações mais rígidas e visíveis entre gêneros construídas em contextos fúnebres em Yorkshire.

10.2. Tecendo um universo feminino: tecidos, tecelagem e equipamentos de tear em contextos fúnebres

Embora a produção de tecidos desempenhasse um papel importante para as comunidades da Idade do Ferro bretã, dispomos, relativamente, de poucas pistas a seu respeito. Contamos, inclusive, com poucas evidências de materiais têxteis como um todo para as Ilhas Britânicas, já que tecidos fazem parte de um dos conjuntos da cultura material que mais raramente sobrevivem até os dias atuais, tal qual objetos feitos de matéria orgânica vegetal como vime e madeira. Mesmo em extensos cemitérios como os de Yorkshire, casos onde tecidos se encontram ainda preservados são uma ocorrência rara, em grande parte devido à ação do tempo, ao caráter degradável desse tipo de material e à acidez do solo do norte bretão. Temos informações significativamente lacunares, portanto, se comparadas a outras regiões da Europa como a Alemanha e a Escandinávia, onde graças ao caráter faustoso de certas tumbas de Hallstatt, ou à combinação de fatores climático-químicos, a preservação de materiais orgânicos se dá de modo mais recorrente preservando uma maior quantidade de roupas, panos e tecidos pré-históricos. Apesar disso, para o contexto das Ilhas Britânicas, Yorkshire é uma das regiões com algumas das melhores evidências disponíveis.

Algumas tumbas dos vales de Wetwang e do Great Wolds nos oferecem um interessante ponto de partida. Os tecidos costumam ser identificados nesses casos, em

parte, através de evidências deixadas a partir de manchas e fibras têxteis no solo, ou preservados graças a um processo de mineralização (quando as malhas são encontradas atreladas ou em contato direto com objetos metálicos), como mostram alguns broches encontrados no cemitério de Wetwang Slack. Evidências revelam que uma parcela desses materiais poderia ser de couro, peles e pelos animais, mas a grande parte era feita de lã. Além disso, fontes vegetais eram também utilizadas, em especial, o linho ou fibras de cânhamo, particularmente identificáveis quando em contato com bronze, como notado em enterramentos em Wetwang Slack (CROWFOOT, 1991, p. 120).

Em contextos fúnebres é possível identificar que fibras têxteis por vezes são provenientes de itens com funcionalidades diversas. Em alguns casos elas advêm diretamente de peças de vestuário como casacos e vestidos. Contudo, em determinadas ocasiões, como no enterramento com carro em Wetwang Village e em algumas tumbas encontradas em Garton Slack, parecem sugerir, que essas fibras poderiam também fazer parte de uma espécie de tapete, coberta, sudário ou pano colocados no interior da cova, por vezes dobrados sobre o corpo da pessoa sepultada (BREWSTER, 1980, p. 111–112; CROWFOOT, 1991; DENT, 1984; HILL, 2001). Além disso, demais evidências encontradas em outras tumbas revelam que palha e grama poderiam também ter sido utilizadas para forrar o chão de muitas covas (BREWSTER, 1980; DENT, 1984, p. 26).

A tumba número 20 encontrada no cemitério de Burton Fleming é o único caso, até hoje, onde o padrão inteiro de construção e tecelagem do material encontrado estava completo, permitindo não apenas sua perfeita visualização nos mínimos detalhes, mas também eventuais reconstruções (CROWFOOT, 1991). A preservação do material se deu devido à mineralização na área em que ele estava preso a um broche de arco longo. O homem encontrado na tumba em questão tinha 25-35 anos e foi enterrado com uma capa cuidadosamente decorada com um bordado feito a mão. Embora esse seja o melhor caso de conversação de que dispomos, outros exemplos podem ser encontrados também em tumbas de pessoas com biografias distintas, como na tumba de WS236, onde fibras de tecido foram encontradas presas a um broche junto a uma mulher de 35-45 anos enterrada com bracelete e um colar com mais de 70 contas (DENT, 1984, p. 163).

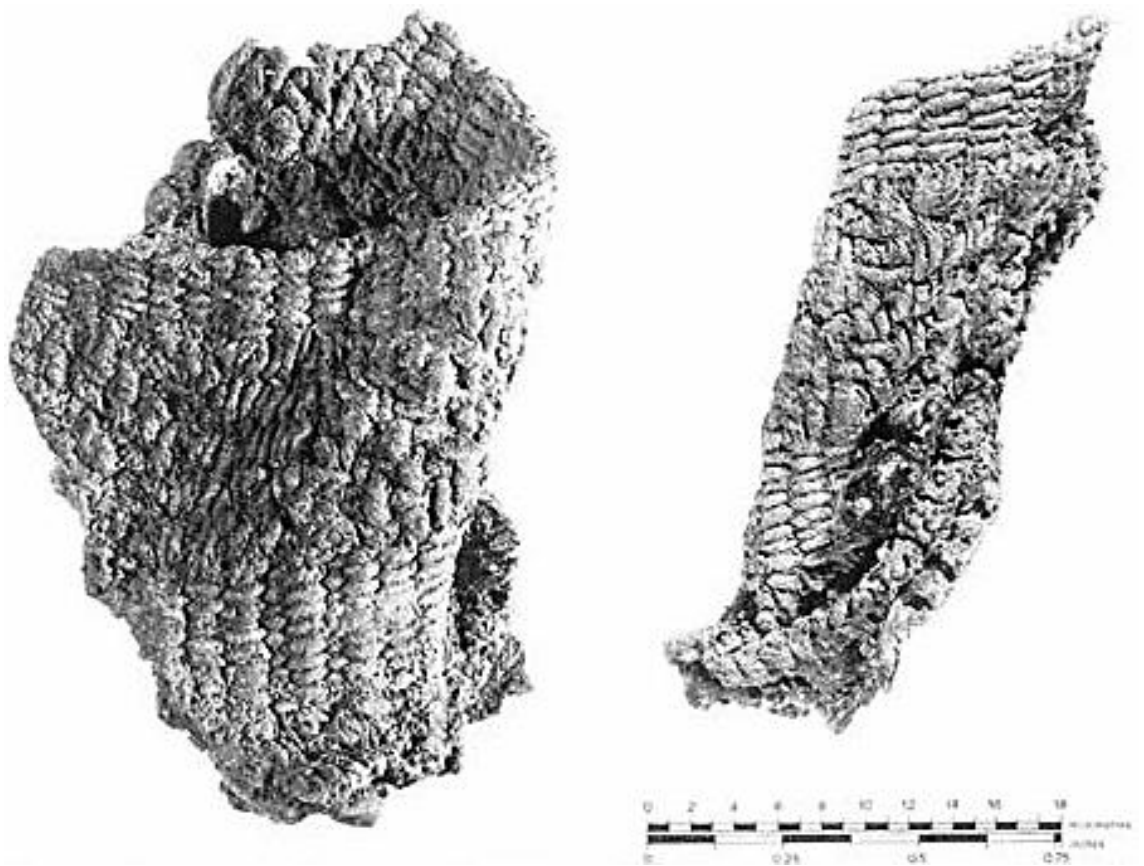


Figura 10.3 : Fibras têxteis preservadas da tumba de BF20. *Fonte:* Stead, 1991, fig. 80.

Atualmente, com base nas evidências disponíveis, é possível observar que existe uma predileção no norte bretão durante a Idade do Ferro por padrões de costura diagonal, seja através de modelos com zigue-zagues, diamantes ou linhas transversais. Essa preferência parece estar relacionada ao fato de que a sarja pré-histórica feita de lã e com estrias diagonais é um tecido que oferece uma excelente proteção térmica contra o frio, criando um efeito isolante simples, porém efetivo (CROWFOOT, 1991, p. 119). Além disso, a combinação de padrões mistos de costura em Z e S, na qual todas as fibras se encontram alinhadas na mesma direção quando costuradas, cria um tecido denso e mais resistente ao desgaste, auxiliando a repelir a chuva (*idem*): todas essas, qualidades essenciais para se habitar o clima do norte bretão. Giles (2012, p. 127) levantou a possibilidade de que talvez o esforço repetitivo de se utilizar fios têxteis torcidos em sentido “S” e “Z” em padrões alternativos indicaria que esses fios talvez fossem tingidos de cores distintas a partir de extratos vegetais ou minerais, criando um

efeito visual atraente apesar de sua simplicidade. Infelizmente, ainda não temos materiais suficientes para confirmar tais suposições, ou tampouco identificar se as roupas com as quais os mortos foram enterrados apresentavam usos prévios ou foram especialmente feitas para os funerais. Não encontramos também quaisquer evidências suficientes para identificarmos se em Yorkshire haveria distinções significativas em se tratando de tecidos, cores, *designs* e estilos de vestimentas entre pessoas de gêneros e idades diferentes, embora seja provável que tais diferenças existissem em algum nível.

As fibras têxteis encontrados em enterramentos com carros em Wetwang Slack, no entanto, revelam a utilização de tecidos mais finos e de uma fiação mais mista se comparada às demais tumbas encontradas na região (CROWFOOT, 1991, p. 120). Isso poderia ser um indício de que atributos sociais de importância, prestígio ou *status* estivessem sendo assinalados em diferentes níveis em contextos fúnebres, inclusive a partir da utilização de vestimentas ou recursos têxteis diferenciados: uma prática que possuiria paralelos, talvez, em enterramentos continentais hallstattianos. A distinta cota de malha encontrada com um homem no enterramento com carro em Kirkburn seria um excelente exemplo disso. O objeto foi encontrado em uma tumba que data de 350-110 a.C. e consiste em um belíssimo item de indumentária marcial medindo cerca de 0,92m por 0,48m, sustentado por um prendedor central estilizado, sendo o objeto mais antigo desse tipo já encontrado até hoje nas Ilhas Britânicas e um dos mais antigos de que se tem conhecimento na Antiguidade (STEAD, 1991, p. 54–56). Embora a presença de cotas de malha em tumbas seja única, certos cuidados, contudo, são necessários em relação aos demais achados com base na relação entre fibras têxteis e diferenciações sociais. Isso porque tecidos vegetais como linho são significativamente mais visíveis quando encontrados em proximidade a objetos feitos à base de liga de cobre (como o bronze), havendo, portanto, maior chance de sobreviverem até os dias atuais e serem identificados em tumbas onde há uma maior deposição de artefatos de bronze, como frequentemente é o caso de tumbas com carros (CROWFOOT, 1991, p. 120). É possível assim que malhas feitas a partir de fibras vegetais estivessem igualmente presentes em diversos outros enterramentos, mas tenham se perdido por não deixarem traços visíveis. Contudo, parece ao menos plausível supor que determinadas afiliações, atributos sociais e identidades regionais estivessem sendo assinaladas a partir do uso de indumentárias e do vestuário.

As escavações realizadas por Brewster (1980) em Garton Slack revelaram um conjunto de itens relacionados à prática de tecelagem em assentamentos. Entre os principais achados estão pedras utilizadas como pesos de tear, pontas e pentes de tecelagem feitos de ossos de gado bovino e partes de fusos de tear (Garton Slack, sítio IX e XI, BREWSTER, 1980). Boa parte desses itens foram encontrados em poços em contextos domésticos, junto a casas circulares e escavações posteriores, mas alguns pentes e pontas de tear foram encontrados em um corte feito na trincheira de um enterramento com carro (GS11.2), e não se sabe se essa foi uma oferenda posterior (em um poço) ou um cova cenotáfia. Em Danes Graves (DG2) uma tumba escavada antes de 1830 revelou uma conta, um bracelete e partes de um pente, embora o material tenha sido pobremente registrado (STEAD, 1965, p. 105, 1979, p. 99). Escavações posteriores, lideradas por Dent (1984) em Wetwang Slack, trouxeram à luz achados semelhantes aos encontrados por Brewster, como, por exemplo, um dos pentes de tecelagem encontrados no assentamento de Wetwang (DENT, 1984; HULL & EAST RIDING MUSEUM, item KINCM: 2010.7.502). Contudo nenhum achado ocorreu em proximidade ou relação direta com contextos fúnebres nesse caso. Curiosamente, muitos desses pentes foram decorados com motivos diagonais em um padrão zigue-zague, semelhante ao observado nas malhas da região, o que denota uma circulação estética entre determinadas ferramentas e suas eventuais criações.

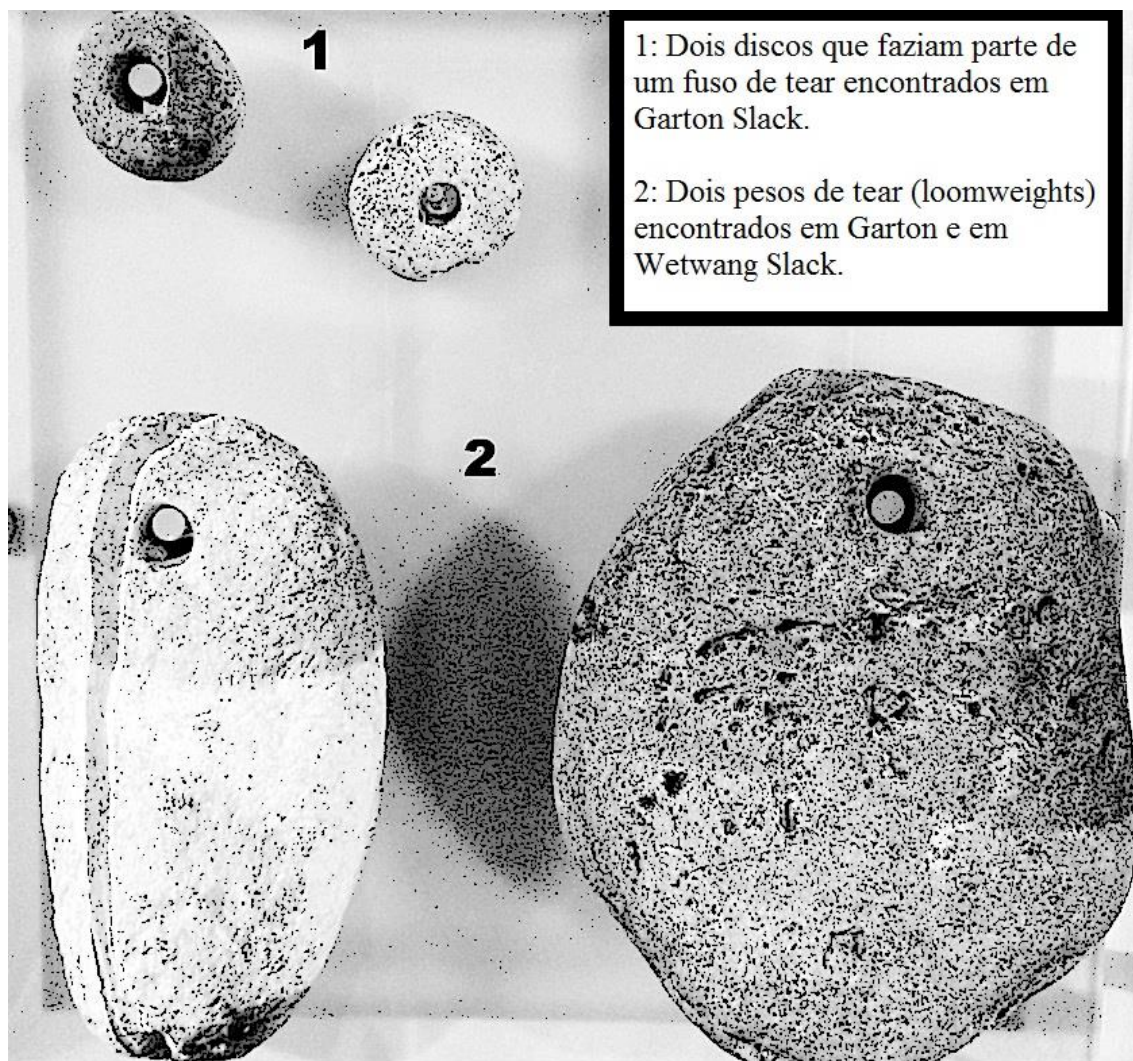


Fig. 10.4. Objetos de tecelagem da Idade do Ferro encontrados em Garton e Wetwang Slack. *Fonte:* O autor, baseado em itens em exibição no Museu de Hull e East Riding.

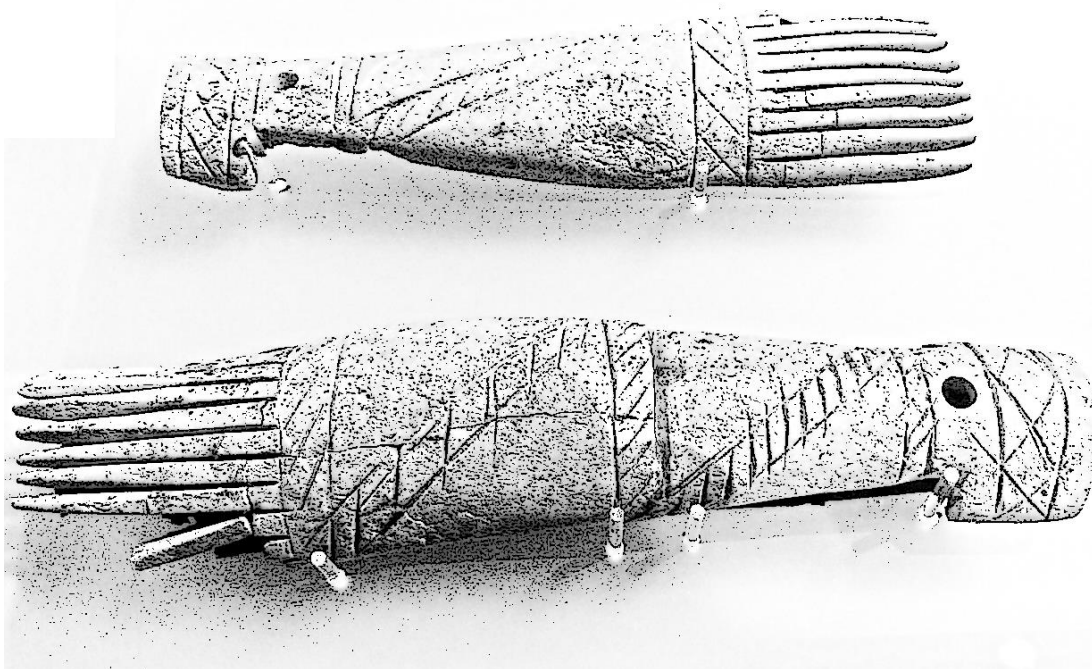


Fig. 10.5 Pentos de tecelagem da Idade do Ferro encontrados em Garton Slack.

Fonte: O autor, baseado em itens em exibição no Museu de Hull e East Riding.

Seria de se esperar que objetos associados ao universo da tecelagem fossem amplamente encontrados nos cemitérios da região, no entanto, essa é uma realidade extremamente rara. Até os dias atuais, contamos apenas com 5 registros de itens de tecelagem encontrados em tumbas. Eles foram identificados em Arras (A18), Danes Graves (DG62) e Rudston (R92, R145, R183), embora o achado em Danes Graves tenha se perdido e o de Arras não tenha tido seu contexto registrado. Além disso, infelizmente, apenas 3 enterramentos apresentavam ossadas que puderam ser avaliadas por métodos osteológicos modernos: todos encontrados em Rudston. Em todos os casos os únicos itens de tecelagem encontrados são pedras (feitas de calcário local abundante nos Wolds) trabalhadas para comporem os corpos dos fusos de tear.

Com base nos achados é difícil precisar se esses fusos foram depositados por inteiro ou se apenas suas partes circulares foram enterradas com os mortos, já que, para alguns autores como Giles (2012, p. 162), talvez essas pedras fossem simbolicamente utilizadas como pingentes, criando determinados amuletos relacionados à tecelagem. Em favor dessa interpretação está o fato de que a localização de muitos desses itens

costuma se dar próxima à cabeça, pescoço e ombros (DG62, R92, R183). Nessa mesma lógica, outro caso encontrado na altura do quadril (em R154) talvez indicasse que o objeto fosse também carregado à altura da cintura. No entanto, não há como sabermos com precisão. Certa cautela, portanto, é necessária. A pedra que integrava o fuso de tear em Danes Graves, por exemplo, foi registrada por Mortimer (1911b) como estando imediatamente atrás do crânio do esqueleto, mas outros enterramentos vizinhos encontrados no mesmo cemitério revelaram também broches na parte de trás dos crânios (por exemplo, DG48) e vasos com ossadas animais na mesma posição (tal qual, DG70) (MORTIMER, 1911b, p. 32–34). Enterramentos são ambientes altamente ritualizados e a localização de artefatos numa cova nem sempre está condicionada pelos usos desses objetos em vida, sendo possível que tais itens tenham sido cuidadosamente depositados nas covas ao invés de terem sido simplesmente ‘usados’ pelos mortos como adereços em seus cabelos e vestimentas.

Todos os objetos encontrados são relativamente semelhantes e costumam medir entre 40-50mm de diâmetro. Curiosamente, os casos que puderam ser submetidos a análises forenses revelaram uma forte associação de gênero entre a deposição de tais artefatos e atributos sexuais. Todos os esqueletos encontrados pertenciam, nesse sentido, invariavelmente, a indivíduos do sexo feminino. Embora as idades das mulheres enterradas variassem, todas as mulheres eram adultas e três faixas etárias distintas foram encontradas, a saber: 17-25 anos em R183, 35-45 anos em R92 e mais de 45 anos em R145. Embora as evidências sejam mínimas e a identificação de qualquer padrão seja impossível dada à escassez do material, os dados parecem sugerir, ao menos hipoteticamente, que talvez mulheres em idades avançadas com mais de 35 anos fossem particularmente privilegiadas nesse sentido.

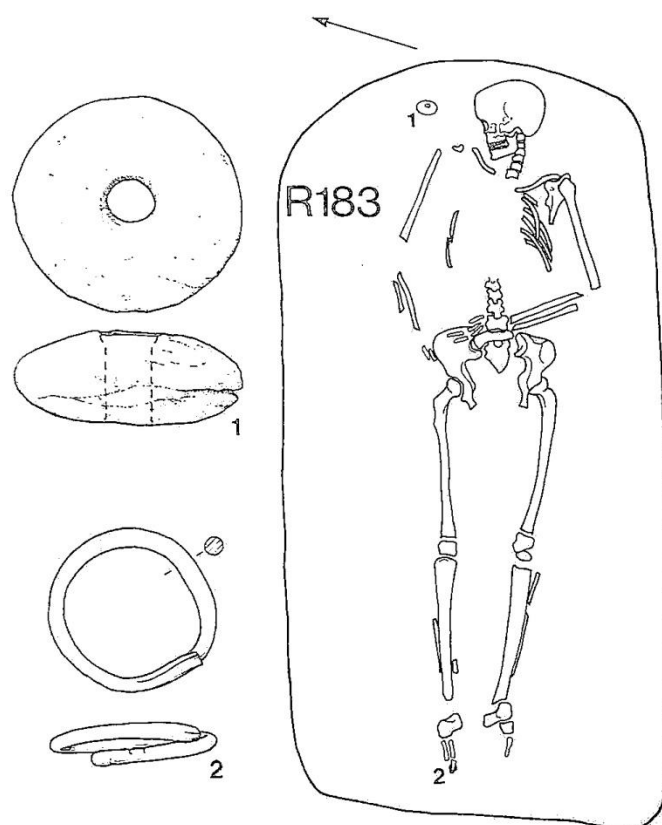


Fig.10.6 Enterramento de R183. Os dois itens encontrados foram [1] disco de um fuso de tear e [2] anel no dedo do pé. *Fonte: Stead, 1991.*

É importante observar, ainda, que todas as três tumbas escavadas em Rudston revelam um tratamento idêntico dado às mulheres enterradas. Os corpos foram todos encontrados em covas profundas e orientados em sentido leste-oeste, em uma posição estendida (isto é, em decúbito dorsal), sendo todos enterramentos característicos de tipo-B. Essa consistência de tratamento fúnebre é de particular relevância já que nos oferece algumas pistas valiosas. Ela nos determina que deposições artefatuais estavam fortemente conectadas a estágios tardios de utilização de muitos desses cemitérios, uma realidade já observável em relação a outros itens do mobiliário fúnebre como, por exemplo, equipamentos de metalurgia (**10.1**). Com base no que foi anteriormente discutido em relação aos enterramentos com ferramentas metalúrgicas, é provável que as tumbas com itens de tecelagem estivessem diretamente relacionadas a um conjunto de mudanças de comportamentos e atitudes fúnebres relacionadas a identidades de gêneros.

Tanto a prática da metalurgia como a da tecelagem costumam possuir fortes paralelos em diversos contextos etnográficos e arqueológicos, já que ambas lidam com metáforas de transformação, fazendo com que determinadas matérias passem a adquirir novas formas e a compor novos objetos (GILES, 2000, 2012). A ocorrência de itens de tecelagem (aparentemente) de modo exclusivo com mulheres oferece um nítido contraste com as associações com ferramentas de ferro em sepulturas masculinas tardias. Vistas em conjunto, todas essas tumbas indicam que com o passar do tempo, por volta do século I a.C., as sinalizações de gênero na região passaram a se dar de modo cada vez mais bipolar. Embora seja impossível precisar nos níveis de participações exatas (direta e indiretamente) no processo de tecelagem entre crianças, homens e mulheres, as evidências encontradas em contextos fúnebres servem de testemunho de que esta prática estava, ao menos simbolicamente, fortemente associada a determinadas identidades femininas.

10.3. Identidade, diferenças sociais e gênero em enterramentos de tipo-B: algumas considerações finais

Contamos com aproximadamente 70 enterramentos de tipo-B na região de Yorkshire Wolds. Anthoos (2011) e Giles (2012) só fazem menção a sepulturas desse tipo em sítios escavados na segunda metade do século XX, mas dispomos de evidências suficientes a ponto de identificar ao menos meia dúzia dessas tumbas também em escavações antiquárias, como alguns dos enterramentos descobertos em Danes Graves, onde inumações orientadas no eixo leste ou oeste foram encontradas, em alguns casos, como DG30 e DG53, inclusive, acompanhadas de ossos de porcos. Além de suas relações estratigráficas com as demais tumbas em muitos cemitérios, a datação tardia dessas sepulturas é novamente reforçada pela cultura material encontrada. Por exemplo, todas as espadas encontradas em enterramentos desse tipo (como R107, R139, R144 e BR[G4]) são do tipo LaTène III, portanto, datando de cerca do séc. I a.C. (STEAD, 1991, 2006), e a comparação tipológica entre um broche encontrado junto a uma inumação de tipo-B (R175) e todos os demais broches conhecidos, aponta para o mesmo período.

Enterramentos tardios de tipo-B se distinguem das demais tumbas encontradas em Yorkshire em diferentes aspectos. Embora o número de homens e mulheres seja, em geral, simétrico (24:23), a deposição de mobiliário fúnebre revela uma forte assimetria sexual. Homens são enterrados com artefatos em proporções duas vezes maiores e essa é a maior discrepância registrada nos cemitérios da região. Embora a identificação de crianças, em geral, nos registros fúnebres, seja limitada, elas estão particularmente sub-representadas em enterramentos de tipo-B, e não contaríamos com um caso sequer, não fosse um único enterramento encontrado em Melton (M [A.3-4]4370), que revelou um bebê com 1 mês de vida enterrado em posição semi-fletida em sentido leste-oeste com a cabeça voltada para o sul, datando de 54 a.C. – 80 d.C. (FENTON-THOMAS, 2011). Os contextos tardios marcam, não apenas uma mudança no tratamento da população infantil (cf. **Capítulo 4**), como também no modo como identidades adultas são construídas.

Não fosse um único broche encontrado junto ao indivíduo de R175, nenhum outro item de adorno foi encontrado entre os indivíduos do sexo masculino. Já entre as mulheres, em todos os casos em que itens de adornos pessoais estavam presentes, eles consistiam apenas em broches e anéis de dedo e estavam sempre enterrados junto a mulheres com discos que compunham fusos de tear. Entre os itens mais comuns para a população feminina estão ossos de porcos (como os achados em R8, R169, R188) e os discos de tear (R92, R145, R183). Já para os homens, a maior parte de deposições consistia em armamentos (16 pontas de lanças de ferro, 6 espadas, 5 pontas de ossos, 2 adagas, 2 escudos), ossos de porcos e eventuais ferramentas metalúrgicas. De fato, cerca de 75% dos enterramentos masculinos de tipo-B continham algum tipo de armamento ou objeto pontiagudo.

Quando há qualquer animal depositado nas covas, eles quase sempre costumam ser porcos. Apesar disso, um caso em WS84 produziu um úmero direito de ovelha e em dois casos em Danes Graves ossadas de caprinos foram registradas (em DG19 e DG73, este último junto a dois porcos), embora a identificação das ossadas animais de Danes Graves não possa ser confirmada. Proporcionalmente, suínos são 5 vezes mais frequentes que qualquer outra espécie em enterramentos de tipo-B e porcos parecem ter gradualmente se tornado o animal preferido em contextos fúnebres. Aqui, fica nítida a vantagem de se trabalhar com um *corpus* documental extenso, como o da atual

pesquisa, e observar o conjunto de deposições fúnebres em sua individualidade e também como partes de um todo. Embora porcos fossem animais extremamente valorizados durante a Idade do Ferro bretã, certa cautela é necessária para não criarmos conexões diretas entre a presença de ossadas de porcos e um suposto *status* de elite política (contra PECK, 2013), pois muitas dessas deposições eram orientadas por fatores cronológicos. Isto é, elas eram condicionadas por fatores considerados ritualmente relevantes e propícios, em momentos específicos, já que toda deposição parte de um consenso básico por meio de uma mútua ação que permite criar uma coesão de grupo (DUX, 1991, p. 77).

Mais do que refletirem simplesmente uma “elite” em seu sentido tradicional, essas deposições parecem estar relacionadas a aspectos sociais mais complexos, como senioridade. Entre o setor feminino, por exemplo, apenas mulheres com idades avançadas (35-45+ anos) foram enterradas com porcos. Esse é um indício de que honras fúnebres como banquetes passaram a estar cada vez mais restritos a mulheres, a partir de fatores etários; talvez apenas a algumas figuras femininas, que tenham alcançado determinados atributos específicos ao longo de suas vidas. Em contrapartida, homens eram enterrados com ossadas de porcos seja em idade avançada (por exemplo, R8, BR(G4), R169), seja em idade mais jovem (entre 17-25 anos), como os de R24, R41 e R141, havendo maior flexibilidade nesse sentido.

Anthoons (2011) levantou a possibilidade de que enterramentos de tipo-B estivessem relacionados à chegada de um novo grupo populacional, que supostamente teria se misturado com relativa facilidade com a população enterrada em tumbas de tipo-A (ANTHOONS, 2011, p. 36). No entanto, nenhuma ruptura material, biológica ou evidência de movimentação em maior escala foi observada na região durante o período. É muito mais provável que as diferenças observadas em relação à orientação ou à posição dos corpos encontrados nesses tipos de tumbas tivessem mais a ver com um conjunto de mudanças em um intervalo de algumas gerações em relação a atitudes funerárias na Idade do Ferro tardia (STEAD, 1991, p. 181; GILES, 2012, p. 70). Qualquer que tenha sido a causa, ou ainda que sejam elas o resultado de processos multicausais, essas mudanças estavam diretamente relacionadas ao modo como identidades eram construídas.

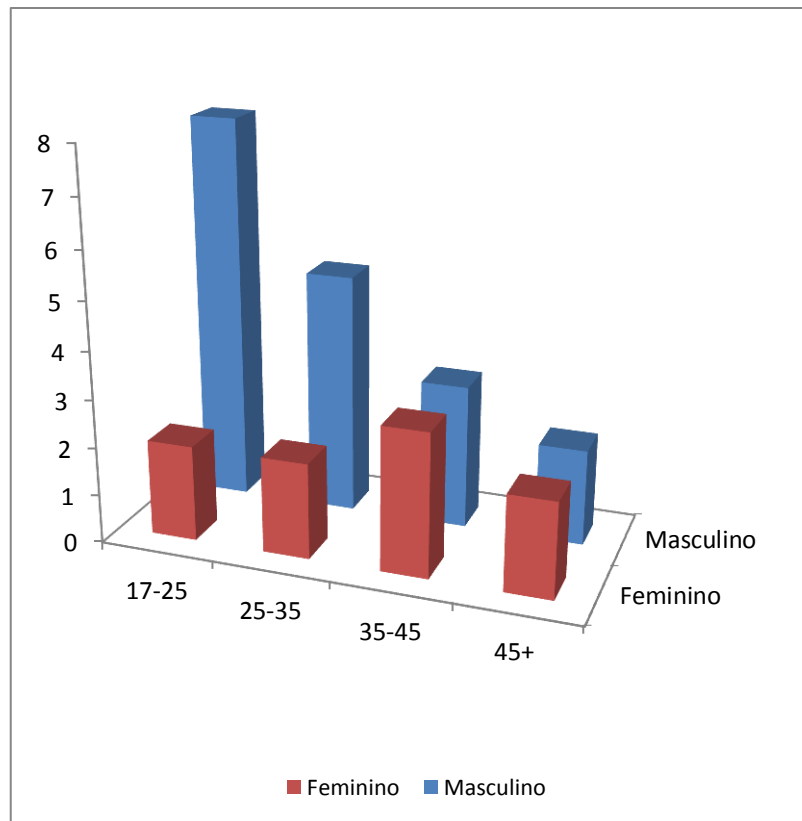


Gráfico 10.1: Distribuição e concentração de mobiliário fúnebre em enterramentos de tipo-B com base no sexo e na idade dos mortos.

O ponto que quero enfatizar aqui é: diferenças de gênero se tornam, assim, um fator crucial de diferenciação social. Em enterramentos de tipo-B, mulheres passam a ser enterradas, cada vez mais com artefatos, apenas em idade avançada, e somente foram encontrados dois casos em Rudston (R29, R183) de mulheres jovens (17-25 anos) com mobiliário fúnebre. Essa é uma intensificação de um costume já existente – isto é, de se tratarem, de maneira especial, mulheres em idade avançada –, no entanto, aí levado a outro nível. Tais transformações também se fazem sentir entre a população masculina, embora de modo distinto. Homens em idades jovens se tornam os principais alvos de deposições fúnebres. Aproximadamente 80% do mobiliário fúnebre encontrado na faixa etária de 17-25 anos advêm de tumbas masculinas. Os artefatos encontrados junto aos homens apresentam maior diversidade do que aqueles achados junto às mulheres, e em linhas gerais, os gêneros são assinalados a partir de oposições mais nítidas. Essa aparente gradual bipolarização, contudo, não impede que exceções existissem e um caso em particular produziu uma inumação feminina com artefatos tipicamente masculinos (R163, discutida em detalhe no **Capítulo 11**). Mais do que

nunca, a cultura material passa a oferecer uma plataforma para a projeção de distinções entre os gêneros com base em atributos etários e sexuais específicos. Os enterramentos tardios nos oferecem, assim, um valioso lembrete de que as relações estabelecidas entre determinadas comunidades e seus mortos trazem consigo um conjunto de valores sociais compartilhados variantes no tempo (cf. LIVERSAGE, 1983). Brunaux (1988) e Wait (1996) já insistiram que o mundo dos mortos deveria ser considerado, não apenas o resultado de noções funerárias específicas, mas também religiosas e escatológicas em geral e, é possível, aqui, estender a reflexão além e dizer que eles podem ser, também, fortemente influenciados por como atributos de gêneros são assinalados e concebidos por determinadas comunidades em momentos específicos.

11. Enterramentos Divergentes

11.1 Sobre ‘anomalias’ encontradas em contextos fúnebres: suas importâncias e como abordá-las

Após serem identificados padrões de comportamentos fúnebres, as associações materiais mais recorrentes, a existência de determinadas tradições e projeções sociais normativas sobre a morte, os mortos e suas relações com os vivos, quase sempre um problema tende a emergir: o que fazer com o que não se encaixa no padrão? As ditas *anomalias* são, de um ponto de vista da análise quantitativa, um inconveniente que costuma, nas piores ocasiões, ser simplesmente ignorado e/ou tratado como sendo casos aberrantes sobre os quais não há muito a ser dito. Lidar com tais divergências tem sido um problema recorrente na arqueologia europeia desde pelo menos 1920, quando passaram a ser sistematicamente identificadas. A partir de então, diferentes atitudes e posturas têm sido adotadas nesse sentido (ASPÖCK, 2008, p. 19; MURPHY, 2008a). O fato é que a existência de anomalias e seu reconhecimento quase sempre costumam gerar certo desconforto intelectual. Isso porque boa parte de nossos modelos historiográficos, sobretudo aqueles com bases arqueológicas, não foram originalmente pensados a fim de lidar com pontos fora da curva, mas, sim, com o que é a regra: uma atitude intelectual reforçada, em diferentes níveis, desde o século XIX, por filosofias positivistas e, ao longo do século passado, pela corrente estruturalista de abordagens históricas e arqueológicas.

Um segundo desafio ao tratar de casos anômalos diz respeito à própria utilização (ou falta) de repertórios teóricos para seu estudo e as terminologias aplicadas. A historiografia inglesa tem lidado com esses problemas ao articular a noção de *deviant burials* para contextos funerários a fim de tratar de tudo aquilo que é estranho e diferente do habitual⁷³. O conceito não possui uma definição única e o que é

⁷³ O termo *deviant* associado à arqueologia fúnebre foi primeiramente usado por Helen Geake em 1992 a fim de discutir um tipo específico de enterramento anglo-saxão dos séculos VI-VII d.C. que se diferenciava até então de todos os demais encontrados (BUCKBERRY, 2008, p. 148–49). Com o passar dos anos, a expressão mostrou-se extremamente popular e passou a ser utilizada amplamente pela

considerado como *deviant* varia de acordo com as propostas analíticas de cada investigação e dos contextos arqueológicos analisados. Em alguns casos a terminologia é empregada a fim de se referir a enterramentos de pessoas que foram punidas, temidas, ou ostracizadas, ou que morreram por conta de causas incomuns (como uma doença particular, ou alguma forma de sacrifício ou assassinato brutal); em outros casos, o termo se refere a todos aqueles que foram enterrados de modo estranho (por exemplo, com a cabeça removida do corpo, ou em uma posição rara), mas também em condições contrárias às da maioria da população (como antes do batismo, ou em um momento traumático), e o termo pode até mesmo se referir apenas a determinados tratamentos dados a minorias sociais ou simplesmente a sepultamentos incomuns (MURPHY, 2008a). Há, portanto, uma diversidade de usos na arqueologia inglesa para o conceito de *deviance* em contextos fúnebres e o termo está entre um dos mais utilizados, inclusive encontrando um equivalente em francês no conceito de *sépultures déviantes*.

No entanto, é preciso lembrar que o substantivo *deviance* e o adjetivo *deviant* em inglês, linguisticamente, carregam fortes conotações negativas: seu uso está quase sempre associado (por vezes, pejorativamente) a desvios sociais de conduta, ética, moral ou, particularmente, de comportamento sexual. Em termos historiográficos, o vocábulo costuma ainda implicar a ideia de que o caráter anômalo e estranho testemunhado em alguns tratamentos fúnebres seria um indício que os indivíduos sepultados de tal modo foram deliberadamente rejeitados pela sua sociedade ou possuíam um estatuto marginal, explicando, portanto, o porquê de sua estranheza (MURPHY, 2008b, p. xii–xiii). Embora, em alguns casos, esse seja de fato o ocorrido, a generalização de conotações negativas e excludentes projetadas em contextos materiais do passado é algo extremamente problemático e, em muitos casos, um grave equívoco. Essa, inclusive, é um das razões para que o termo *deviant*, tão caro à historiografia inglesa, seja por vezes não apenas criticado como também deliberadamente sabotado por outras vertentes historiográficas: nos EUA e no Canadá, por exemplo, as discussões arqueológicas recentes têm optado por utilizar termos como “enterramento não usuais” (*unusual burials*) ou “enterramentos não normativos” (*non-normative burials*), que não carregam uma conotação negativa como o termo *deviant*, e a mesma tendência pode ser observada

historiografia para discutir qualquer modalidade de enterramento que se destoe ou apresente caráter anômalo em relação aos demais registrados.

no conjunto de teses recentes francesas onde se tem optado pela utilização de termos como *extraordinaire* e *atypique*, nesse sentido (ASPÖCK, 2008, p. 29).

Alternativamente, o termo *Sonderbestattung*, favorecido pela academia austro-alemã e de longa tradição dentro dos estudos da arqueologia germânica, tem sido advogado como uma alternativa mais adequada por muitos estudiosos (por exemplo, ASPÖCK, 2008). A palavra alemã é composta por duas estruturas: o prefixo *sonder-*, que significa especial, excepcional e *Bestattung*, isto é, funeral, enterramento. O termo, em grande parte, reflete o histórico de achados formidáveis – sobretudo pré-históricos – encontrados ao longo dos anos pela arqueologia alemã, e como Aspöck (2008, p. 19–23) destaca, uma das vantagens de se falar em *Sonderbestattungen* é que não há um juízo de valor negativo ou um caráter marginal que é automaticamente transferido aos enterramentos discutidos, como ocorre com o termo inglês *deviant*. Entretanto, o termo alemão não é perfeito e, dada a sua constituição semântica, pode carregar certa projeção de valor: nesse caso, o caráter “especial” em termos de ocorrência, (isto é, o fato de ser um fenômeno incomum), pode por vezes gerar uma conotação de especialidade em seu sentido de distinção social. Algumas abordagens recentes têm, assim, optado, alternativamente, por falar em *irreguläre Bestattungen* (enterramentos irregulares), reforçando um caráter mais neutro e com base nos padrões de frequência de determinados achados (MÜLLER-SCHEEßEL, 2013).

A verdade é que dificilmente haverá um consenso em relação a qual termo é de fato o ideal, independentemente da origem linguística e das possíveis conotações de cada palavra. Isso porque o que está em cheque não é apenas a constituição lexical de um conceito teórico em si, mas, também, o quanto ele se adequa (ou não) a determinadas questões de pesquisas e a realidade material estudada em cada caso. Para alguns pesquisadores os enterramentos que representam os pontos fora da curva em seus materiais de estudo estão, sim, relacionados a indivíduos que foram marginalizados, ou que receberam enterramentos com atributos negativos ou de intencional desvalorização. Para outros, o irregular não passa de um pequeno desvio dentro de um padrão normativo maior, uma forma de ritualização da morte particular ou menos comum (talvez vinculada a uma determinada afiliação étnica ou religiosa) sem apresentar qualquer correlação com aumento ou perda de importância. Esse é um ótimo exemplo que nos lembra de que nossos conceitos – seja lá como optarmos por chamá-los no final das

contas (atípicos, desviantes, especiais, irregulares, extraordinários etc.) – devem se adequar a nossas questões e ao contexto material discutido, e não o oposto.

Assim, acredito que o fundamental, agora, seja definir o que se estará discutindo ao falar de tais anomalias, isto é, como defini-las e com base em quais critérios. Tendo em vista a diversidade léxica anteriormente mencionada, gostaria de propor, aqui, a noção de *enterramento divergente* como terminologia padrão para a discussão que será realizada. O termo *divergente* em português não carrega uma conotação *a priori* negativa, e significa apenas algo que é diferente ou discordante, se afastando da regra ou de um padrão observado; não obstante, na análise linguística, refere-se também a vocábulos com formas distintas que, no entanto, pertencem não só a uma mesma língua, mas têm origem numa mesma palavra. Esse é o termo que melhor representa as questões e a realidade material, aqui, discutidas. Isso porque o que interessa, agora, são justamente os enterramentos que divergem dos padrões anteriormente observados em termos de projeções identitárias de gênero.

Não estamos falando, portanto, em enterramentos atípicos ou especiais, como, talvez pudessem ser considerados os enterramentos com carros (de um ponto de vista quantitativo e qualitativo), ou tampouco em enterramentos marginalizados e tachados negativamente. Os enterramentos que serão, aqui, tratados aparentemente sequer desviam em termos das performances e dos processos de ritualização que faziam parte do repertório fúnebre da época – ao menos, aparentemente, não. O que os tornam pontos fora da curva são justamente apenas alguns pequenos detalhes, como, por exemplo, em determinado caso, o sexo biológico da pessoa enterrada. Não fossem essas pequenas pistas, dificilmente qualquer aspecto de divergência poderia ser observado. Portanto, tratar tais enterramentos como *divergentes* significa tão somente considerá-los como casos que divergem notoriamente das regras e dos padrões observados quantitativamente para o restante da população com base na sinalização identitária de gênero a partir da cultura material. Assim sendo, não deve haver qualquer ideia pré-estabelecida em relação à natureza ou a valoração de tais enterramentos, cabendo a discussão de cada achado em seu contexto.

É importante, ainda, destacar que todos os enterramentos aqui discutidos como divergentes foram submetidos a análises osteológicas modernas. Isto é, serão discutidos apenas casos onde o sexo, idade e atributos físicos, bem como eventuais traumas e

patologias dos esqueletos, foram individualmente avaliados, independentemente dos artefatos encontrados na cova junto aos mortos, a partir de critérios e metodologias bem definidas, como é o caso da análise osteológica feita por Sheelagh Stead (1991, p. 126–139). Essa é uma escolha fundamental, pois nos permite observar com maior precisão possíveis elementos de divergência na documentação estudada, garantindo que uma gama de diferentes fatores (como aparência física, sexo biológico, ou experiências traumáticas) possam ser incorporados à discussão enriquecendo seu conteúdo. Na medida do possível, contudo, quando pertinente, certos paralelos serão buscados nos enterramentos escavados por antiquários, de modo a apresentar ao menos uma possibilidade de entendê-los a partir de uma nova perspectiva comparada com casos bem documentados da contemporaneidade.

Embora a historiografia esteja longe de um consenso em relação à melhor forma de entender esses enterramentos *sonder* ou *deviants*, um ponto em comum demonstrado pelas análises recentes é a necessidade de se discutir tais tumbas inserindo-as no contexto maior de achados, isto é, sem considerá-las apenas isoladamente como casos à parte, mas, ao contrário, tentar observá-las como parte de um todo que integra as práticas mortuárias de uma determinada sociedade (ASPÖCK, 2008; BUCKBERRY, 2008; CHERRYSON, 2008; MÜLLER-SCHEEBEL, 2013; MURPHY, 2008b, 2008a). Essa perspectiva relacional é fundamental, pois nos permite entender melhor, não apenas os enterramentos divergentes, como também o conjunto de enterramentos e as projeções identitárias presentes em um dado contexto como um todo.

11.2 Enterramentos divergentes da Idade do Ferro em Yorkshire

Estatisticamente, Yorkshire produziu pouquíssimos enterramentos que divergiam, de fato, dos padrões de gênero observados para a maior parte da população. Apesar de poucos, em números, eles nos oferecem muito em termos de reflexões e ainda mais em termos de questionamentos. O caso mais emblemático, sem dúvida, foi encontrado em Rudston, na tumba de R163. O enterramento em questão consistia em uma cova funda (0.95m) coberta por um montículo de 5,6m por 4,6m de dimensão, onde foi encontrada

uma inumação em posição semi-fletida, orientada em um eixo leste-oeste com a face voltada para o norte. Na cova foram encontrados uma espada, próxima ao braço esquerdo e ao sul do quadril do esqueleto, e um escudo ao norte do esqueleto, imediatamente próximo à perna direita. Trata-se do típico caso de enterramento de tipo-B, onde armas foram depositadas junto a uma inumação orientada no eixo leste e/ou oeste.

O que torna R163 um caso tão divergente, apesar de sua aparente conformidade com o repertório de ações fúnebres, é o fato de o esqueleto enterrado provavelmente se tratar de uma mulher (Fig. 10.1). Tal constatação foi feita exclusivamente com bases no material ósseo disponível e a hipótese de que se trataria de uma ossada feminina (de 25-35 anos) foi reforçada pela ausência de quaisquer traços observáveis caracteristicamente masculinos encontrados no crânio, na pélvis e nos membros do esqueleto (STEAD, 1991, p. 127). Esse é, efetivamente, o primeiro e (até então) único enterramento com armas encontrado em Yorkshire avaliado como feminino, o que o torna um caso excepcional. Como tal, não é surpreendente que o achado tenha gerado certo nível de desconforto, como atesta o próprio catálogo dos achados, no qual o redator se mostrou não estar ainda muito convencido, e fez questão de escrever na ficha da tumba: “Possivelmente uma mulher, (mas não de acordo com o mobiliário fúnebre)” (STEAD, 1991, p. 205).

Apesar de R163 ser o único enterramento, até hoje, cuja ossada foi considerada como possivelmente feminina, ele não é o único a apresentar uma conexão entre mulheres e o universo de armas, ou a levantar a possibilidade de atuações femininas em conflitos violentos.

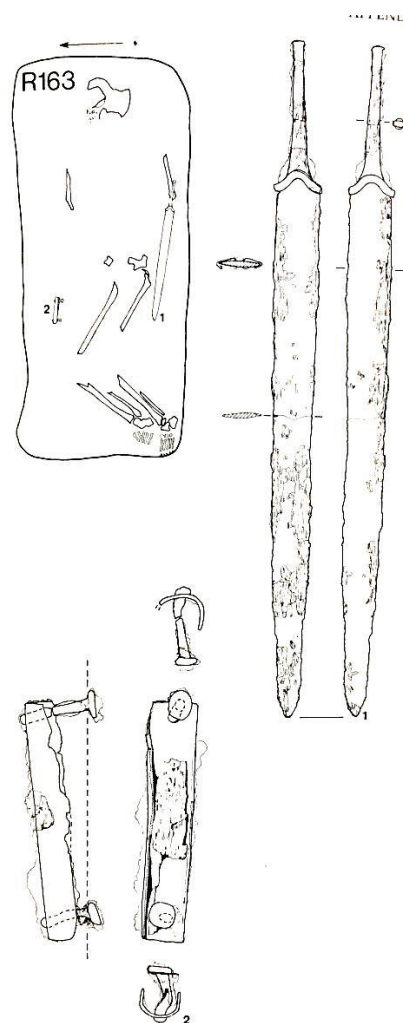


Fig. 11.1: Enterramento de R163. Fonte: Stead, 1991.

Em Wetwang Slack, a tumba de WS211 revelou um esqueleto em posição semi-fletida, orientado em sentido sul-norte, voltado para leste, com uma ponta de lança de ferro encontrada na parte inferior do tronco (na altura da barriga do esqueleto). A ponta tinha 108mm e foi encontrada quebrada ao meio e não está claro se isso se deu pré- ou pós-depósito, mas Dent (1984, p. 176) registrou sua posição exata, revelando que ela foi encontrada direcionada contra a coluna vertebral do esqueleto, indicando que talvez tenha sido enterrada ainda enfiada dentro do corpo da pessoa⁷⁴. Aqui, novamente, há uma grande possibilidade que se trate de um enterramento feminino, já que a análise de Dent (1984) avaliou o esqueleto como pertencendo a uma mulher de idade adulta de 25-

⁷⁴ Duas possibilidades alternativas são: 1) que a lança tenha sido arremessada contra o corpo, já morto, como parte do ritual conhecido como *spearred-corspe* (GILES, 2012, p. 105), ou 2) que a lança tenha sido apenas depositada no topo do corpo e, devido à ação do tempo e à decomposição dos materiais, a ponta metálica tenha caído na altura da barriga, embora essa última alternativa pareça ser bem menos provável.

35 anos (DENT, 1984, p. 88, 176)⁷⁵. Caso de fato corresponda à tumba de uma mulher, o fato dela ter sido enterrada (direta ou indiretamente) com uma lança, seja por conta de uma morte violenta, seja por conta de um ritual especial, é algo extremamente raro, em especial com base no pequeno percentual de enterramentos com armas ou causados por mortes violentas (detectáveis arqueologicamente) na região (KING, 2010a). Esse, no entanto, não é o único enterramento feminino com sinais de traumas violentos.

Outro caso, encontrado em Rudston (R3), onde o sexo feminino do esqueleto pôde ser confirmado com maior certeza, revelou uma mulher, novamente com 25-35 anos, que apresentava dois sinais de trauma violento: um no formato de um corte horizontal de 25mm e cicatrizado, no osso frontal do crânio, o outro através de uma cavidade (22mm de diâmetro e 10mm de profundidade) causada por um impacto violento contra maxilar direito, na altura acima dos molares (STEAD, 1991, p. 136). Nenhum armamento, contudo, foi encontrado na cova da mulher, e a única deposição visível consistia em um úmero esquerdo de uma ovelha que foi depositado imediatamente próximo ao crânio do esqueleto. Ainda assim, Pope e Ralston (2012) ao discutir o achado, consideraram a mulher enterrada no local como uma “guerreira em potencial” (POPE; RALSTON, 2012, p. 405).

Embora R3 seja considerada uma tumba única nesse sentido, já que nenhuma outra inumação feminina apresentou quaisquer sinais de trauma violento causado por objetos cortantes (como espadas), faço uma ressalva para demonstrar que um cuidadoso olhar metódico sobre os materiais obtidos a partir das escavações antiquárias pode nos revelar, ao menos, um segundo caso comparável. Em Danes Graves (DG45), uma tumba foi escavada por Mortimer (1897b), onde se descobriu uma inumação em sentido nortesul voltada a oeste e acompanhada por um broche. O esqueleto na época foi avaliado por Mortimer como pertencente a uma mulher em idade adulta (MORTIMER, 1897b, p. 3, 8), e o antiquário não apenas registrou e publicou determinados dados da ossada (como as medidas em detalhe do crânio), mas apontou um sinal de trauma encontrado. Felizmente, graças ao esforço de preservação de Mortimer, o material ósseo encontrado nessa tumba não foi perdido com o tempo e, hoje, encontra-se devidamente acessível e

⁷⁵ É importante observar que essa é a postura oficial em relação ao achado, sendo este considerado pela historiografia recente como um enterramento de uma mulher (EDWARDS; POPE, 2014; GILES, 2012; POPE; RALSTON, 2012), embora análises outras como a de King (2010a, p. 181, 300) tenham optado por uma classificação mais neutra, na qual, para a autora, o sexo não pôde ser determinado.

catalogado no Museu de Hull e East Riding (item KINCM: 2010.893)⁷⁶ onde é possível observar que de fato o crânio do esqueleto encontrado nessa tumba contava com um corte cicatrizado de 50mm na altura do osso frontal, de modo muito semelhante ao enterramento encontrado em Rudston (Fig.10.2). Se esse de fato se trata de um esqueleto feminino ou não, é algo mais difícil a ser precisado, mas com base na semelhança com o achado de R3, não parece descabido ao menos estender o benefício da dúvida para tal possibilidade.



Fig. 11.2: Crânio com sinais de corte causados por golpes com objeto cortante (compatível com espada) em Danes Graves. Foto: o autor.

Além disso, devemos estar abertos também à possibilidade de que o número de mulheres, de alguma forma, associadas com armas, fosse relativamente maior do que o que, hoje, conhecemos. Dentre os 18 enterramentos com armas encontrados no Great Wolds Valley, por exemplo, 12 deles foram classificados como pertencendo a esqueletos masculinos ou provavelmente masculinos com bases nas análises osteológicas (STEAD, 1991). Com a exceção do enterramento da mulher de R163, isso nos deixa com 1 caso onde o sexo definitivamente não pode ser estabelecido (devido ao estado da ossada), e mais 4 outros casos onde os esqueletos apresentam sinais contraditórios, contendo tanto traços masculinos como femininos, e tendo sido classificados na categoria de “contraindicações”. A utilização de tal conceito, inclusive,

⁷⁶ Na entrada do museu referente ao item, lê-se “crânio, de uma mulher adulta, com um corte cicatrizado causado por uma espada na altura da testa”. Constatação baseada em visita realizada à Instituição em maio de 2016.

é crucial em contextos como esse, pois nos ajuda a desnaturalizar certas concepções que são, muitas vezes, automaticamente projetadas à documentação com base em noções pré-estabelecidas: como, no caso, a associação exclusiva que as pessoas costumam traçar entre armas e homens. A adoção de critérios que reconheçam certas margens de dúvidas, portanto, implica, não apenas na adoção de um modelo metodológico mais cauteloso e transparente, mas também nos possibilita a chance de ao menos contemplarmos modelos interpretativos alternativos.

Alguns exemplos de contraindicação são encontrados, por exemplo, nos enterramentos de R57 e R148. Ambos os esqueletos encontrados nessas tumbas tinham crânios que apresentavam estruturas masculinas, mas, ao mesmo tempo, os membros de seus corpos eram demasiadamente finos e semelhantes, se não idênticos, àqueles observados entre a população feminina no local, mesmo admitindo-se uma margem considerável de modificações físicas causadas pela erosão do solo. Assim, seus sexos foram classificados na categoria de “contraindicação”, apesar de terem sido enterrados com espadas, escudos e lanças (STEAD, 1991, p. 127). Não é de todo sem sentido, portanto, ao menos considerar a possibilidade de que alguns desses casos fossem, talvez, de mulheres, conforme Harding (2016, p. 227) destaca. Talvez, a própria ambiguidade vista em termos corpóreos e a dificuldade de se precisar o sexo dos indivíduos nesses casos, estejam relacionadas ao conjunto de transformações físicas que determinadas atividades demandavam, assemelhando, com o passar do tempo, corpos masculinos e femininos. Esse parece ser o caso da mulher enterrada em R163 cuja “robustez e força [física] talvez tenham possibilitado a ela desempenhar um papel normalmente reservado a homens jovens, quer ela tenha sido classificada como um ‘homem’/ [alguém] ‘masculino’ ou não”, como Giles (2012, p. 166) argumentou.

Que algumas mulheres poderiam divergir fisicamente de muitos membros de suas comunidades é um fenômeno também a ser levado em consideração nesse sentido. Estudos recentes já demonstraram que em diferentes comunidades europeias da pré-história, mulheres em geral, inclusive da Idade do Ferro, apresentavam determinados condicionamentos físicos muitas vezes superiores a atletas de elite da contemporaneidade – um fenômeno observável, em grande parte, devido à natureza extenuante dos trabalhos desempenhados cotidianamente como parte da vida pré-histórica rural e doméstica (MACINTOSH; PINHASI; STOCK, 2017). No entanto,

quando falo de uma constituição física diferenciada estou me referindo, aqui, a classificações que se dão, não com bases comparativas modernas, mas a partir de um mesmo contexto antigo. Isto é, em uma dinâmica relacional entre determinados indivíduos de uma época e seus pares.

Um exemplo, nesse sentido, pode ser observado na tumba de GST8: um enterramento de uma pessoa de 17-25 anos, enterrada em sentido norte-sul com a face voltada para leste e sem qualquer mobiliário fúnebre. Graças ao estado de preservação dos ossos, foi possível estabelecer com confiança que se tratava de uma ossada do sexo feminino, e, não obstante, todas as características femininas tradicionais estavam visíveis na estrutura pélvica, na dentição e no formato geral do crânio do esqueleto em questão (STEAD, 1991, p. 127). No entanto, a mulher apresentava alguns traços diferenciados: ela tinha uma constituição física distinta, conforme demonstrado, sobretudo, pela sua altura (c. 1,7m), sendo mais alta que boa parte das mulheres e homens encontrados nos cemitérios de Yorkshire e da Idade do Ferro nas Ilhas Britânicas como um todo (cf. WATTS, 2005, p.91). Além disso, o seu rosto possuía diversos traços tradicionalmente mais comuns em indivíduos do sexo masculino: como por exemplo, o formato de seu rosto observado na região supra-orbital, na arcada zigomática e, em especial, na largura do ramo da mandíbula (41mm) – o maior valor já registrado até então, conferindo à mulher uma aparência imponente de uma figura alta e uma mandíbula definidamente quadrada (STEAD, 1991, p. 127). Curiosamente, essa mulher parece ter sofrido de osteoartrite temporomandibular (STEAD, 1991, p. 139) e, aqui, mais uma vez podemos observar um paralelo com outra figura feminina “excepcional”, já que a mesma mazela foi encontrada na mulher enterrada com carro em Wetwang Village (WV1) – uma mulher de destaque não apenas em termos do tratamento funerário recebido, mas, novamente, em relação a sua idade e constituição física, chegando a medir 1,72m de altura. A mulher de GST8, no entanto, foi aparentemente enterrada sem qualquer mobiliário fúnebre, embora sua tumba tenha sido colocada em um setor do cemitério particularmente notável, cortado por um córrego sazonal, e a apenas alguns metros de um enterramento masculino com carro (GST6) e de tumbas contendo uma mulher anciã (GST9) e três corpos espetados por lanças (GST5, 7 e 10). Parece ao menos válido, portanto, nos mantermos abertos à possibilidade de que, talvez, a distinta aparência física da mulher encontrada em GST8 tenha sido 1 entre muitos fatores pelos quais ela tenha sido enterrada em tal área.

Essas características especiais, no entanto, não são encontradas apenas em mulheres. Um enterramento encontrado em Wetwang Slack demonstra perfeitamente como não apenas indivíduos do sexo feminino, mas também do sexo masculino poderiam ser enterrados de maneira a divergir significativamente dos demais homens encontrados nos cemitérios da região. Em WS160, por exemplo, encontramos a inumação de uma pessoa de 25-35 anos enterrada em sentido norte-sul, sobre o lado esquerdo de seu corpo em uma postura semi-fletida. O esqueleto foi avaliado em duas ocasiões distintas, e ambas concluíram, com certo grau de certeza, tratar-se de indivíduo do sexo masculino (DENT, 1984; KING, 2010a). Junto ao homem, foram encontrados um broche de ferro e um bracelete de bronze. Embora broches sejam itens comumente depositados junto a homens e mulheres, braceletes não são. Sua ocorrência, conforme já vimos, se dá quase exclusivamente em tumbas de mulheres (c. 90% dos casos) e o artefato em Yorkshire parece estar fortemente associado a um universo de gênero feminino. Além disso, o bracelete encontrado em WS160 apresenta também fortes paralelos em sua composição e feitio com aqueles encontrados nas tumbas de WS136 e WS236, ambos enterramentos femininos de mulheres com 35-45 anos (DENT, 1984, p. 136).

Salvo algumas referências esporádicas de caráter mais descritivo, a tumba de WS160, no entanto, raramente é debatida e até hoje nenhuma discussão mais específica foi feita em relação às possíveis implicações de tal achado. É provável ainda que esse não seja um caso de todo isolado, já que outros enterramentos com itens tipicamente femininos (como braceletes e contas), como é o caso da tumba de R2, apresentavam esqueletos ambivalentes com características morfológicas simultaneamente masculinas e femininas, caindo novamente na categoria classificatória de “contraindicação”. Embora estatisticamente seja provável que esses casos, como o de R2, contivessem ossadas femininas, devemos igualmente admitir a possibilidade de que os indivíduos ali enterrados fossem do sexo masculino, ainda que tal ocorrência represente, como no caso de WS160, uma forte divergência ao padrão maior de deposições observado. Seja como for, a combinação entre braceletes e contas vítreas azuladas, como é caso do enterramento em Rudston, assinala claramente um universo de gênero associado ao feminino – uma constatação importante de ser feita, sobretudo de um ponto de vista teórico, já que a sinalização de gênero (embora estivesse em muitos casos relacionada a) independe do sexo biológico de um indivíduo.

11.3. Gênero, identidade e divergências fúnebres: algumas possibilidades de renovação historiográfica

A atual pesquisa conta com mais de mil enterramentos em seu banco de dados, todos catalogados a partir dos mesmos critérios e vistos tanto em termos individuais (qualitativamente) e, ao mesmo tempo, em conjunto, como partes de um todo (quantitativamente). Somente desse modo, a identificação de certas divergências funerárias em relação à projeção de atributos, papéis e identidades de gênero se faz possível, já que ao trabalhar com um *corpus* tão diversificado somos capazes de identificar – acrescento: se olharmos atentamente – casos atípicos que fogem dos padrões esperados ou do comportamento normativo observado na maior parte dos casos. O reconhecimento de tais anomalias analíticas representa, em termos historiográficos, um importante esforço de renovação e enriquecimento intelectual, embora seja pouco, em muitos casos, ainda pouco praticado. No entanto, quando feitas as devidas identificações, resta-nos ainda uma pergunta perturbadora: e o que fazer de tais casos divergentes? Isto é, como fazer algum sentido deles e como eles, em sua natureza tão diferente, se encaixam no contexto de práticas funerárias já conhecidas?

A partir dos casos mencionados, podemos identificar, em linhas gerais, dois grandes padrões de divergências materiais em termos de projeções identitárias de gênero, que consistem em:

1. Indivíduos do sexo biológico feminino que possuíam atributos corpóreos (evidências de traumas, ou determinado atributo físico) ou ainda um mobiliário fúnebre que nunca ou raramente são encontrados em demais tumbas femininas, mas que, ao contrário, costumam estar presentes em enterramentos masculinos;
2. Indivíduos do sexo biológico masculino, enterrados com mobiliário fúnebre o qual nunca é encontrado em tumbas masculinas, mas que aparece recorrentemente em tumbas femininas.

Acrescenta-se a esses dois tipos de ocorrência, ainda, um conjunto de “contraindicações” onde os esqueletos encontrados apresentam simultaneamente traços caracteristicamente masculinos e femininos e não puderam ter seu sexo estabelecido. É provável que o número de casos divergentes fosse inclusive maior se tivéssemos dados osteológicos concretos para as inúmeras ossadas que não resistiram à ação do tempo e/ou se perderam, fruto de escavações oitocentistas.

Os primeiros casos, isto é, aqueles relativos às ossadas femininas, apresentam notoriamente uma forte associação com um universo marcial. Consistem, portanto, em enterramentos onde armas foram cuidadosamente depositadas junto a uma mulher (R163), e que possivelmente causaram a morte de outra mulher (WS211) ou, ainda, mulheres que se envolveram diretamente em episódios de violência tendo sido atingidas por golpes de espadas e sobrevivido aos respectivos traumas (R3 e possivelmente DG45). Embora a conexão de mulheres e armamentos seja ainda, estatisticamente falando, algo raro, é possível que na Idade do Ferro ela tenha se dado em números maiores do que, hoje, tendemos a imaginar. Isso porque, na maior parte das vezes, nossos modelos historiográficos são baseados em falsas premissas ou procedimentos metodológicos problemáticos, especialmente quando o assunto em pauta diz respeito às chamadas “tumbas guerreiras”.

Quando falamos em “guerreiros”, quase sempre tendemos a imaginar homens⁷⁷ e tradicionalmente boa parte das avaliações feitas quanto ao sexo e gênero dos indivíduos enterrados com armas têm sido realizadas com base nos artefatos encontrados (EDWARDS; POPE, 2014; HARDING, 2016, p. 226; POPE; RALSTON, 2012). A visão que temos em relação à figura guerreira na Idade do Ferro, portanto, em muitas vezes não apenas está calcada em narrativas greco-latinas de *barbárie* ‘celta’ (WEBSTER, 1996), como também, de um ponto de vista arqueológico, costuma resultar quase sempre em uma narrativa circular auto-profética, onde armas são entendidas como parte de um exclusivo universo de homens e, portanto, sua ocorrência só pode se dar invariavelmente em tumbas masculinas (ARNOLD, 1995; EDWARDS; POPE, 2014; EVANS, 2004). O fato de muitas monografias de sítios e catálogos de achados não especificarem em detalhes como o processo de identificação do sexo biológico das

⁷⁷ Esse tipo de atitude é comum mesmo em uma língua com vocábulos que carregam uma neutralidade de gênero, como é o caso do inglês e da palavra *warriors* (EDWARDS; POPE, 2014, p. 470).

ossadas foi estabelecido (isto é, com base em quais critérios e metodologias), ou ainda, não publicarem em detalhe os conjuntos de dados osteológicos disponíveis (como medidas de ossos, fotos, exames clínicos, descrições técnicas etc.) é um agravante ainda maior nesse sentido (WATTS, 2005, p. xi; HARDING, 2016, p. 226; HANKS, 2008, p. 22). Felizmente, os achados de Yorkshire são uma exceção nesse sentido, graças às publicações extraordinariamente meticulosas como as de Stead (1991), e os zelos excepcionais por parte de alguns antiquários como Mortimer.

A associação entre mulheres e um universo marcial suscita questões múltiplas. Para alguns, como Edwards e Pope (2014), os achados de Yorkshire indicam, que algumas mulheres bretãs desempenhavam um papel marcial ativo em suas comunidades (EDWARDS; POPE, 2014, p. 470), embora ainda sejam poucos os autores que se sintam confortáveis em relação a tal possibilidade. Esse é um tema, por excelência, controverso. As evidências em geral para a Idade do Ferro europeia indicam que a maior parte das mulheres que encontramos em contextos funerários não parece ter se envolvido diretamente em conflitos armados (JAMES, 2018), embora alguns casos revelem certas exceções como é o que ocorre em sítios encontrados na Ucrânia e nas estepes euroasiáticas entre os séculos VII-III a.C. (GULIAEV, 2003; HANKS, 2008). Ainda que raras, se comparadas ao restante da Europa, as tumbas encontradas nessas regiões revelaram um conjunto de mulheres que foram inumadas em sua maior parte em idade adulta inicial, acompanhadas por armas e, até mesmo apresentando sinais de traumas violentos em alguns casos. No entanto, como Guliaev (2003) ressalta a partir da análise de mais de 110 tumbas da Idade do Ferro na Ucrânia, a deposição de armas em contextos fúnebres resultava, ao mesmo tempo, em uma diferenciação de gênero na região, já que as tumbas femininas com armamentos sempre continham apenas pontas de lança de ferro, flechas de cobre e dardos, mas quase nunca espadas e jamais machados de guerra (GULIAEV, 2003, p. 115) – uma diferença que para alguns, como James (2018) estariam vinculadas não apenas a distintos processos de sinalizações de gênero, mas poderiam também refletir distinções com bases em gênero em relação a diferentes estilos de combates. Mas e quanto à Idade do Ferro bretã?

As amostras encontradas em diferentes partes das Ilhas Britânicas atestam que tanto as deposições de armas como a ocorrência de sinais de traumas violentos estavam majoritariamente presentes na população masculina bretã (WHIMSTER, 1981; DENT,

1983b; BOYLSTON, 2002, p. 366–367; GARROW; GOSDEN, 2012, p. 339–341), e atos de violência física variavam consideravelmente de uma região para outra (KING, 2010a). Pesquisas bioarqueológicas mais recentes, no entanto, têm revelado que algumas mulheres bretãs parecem ter se envolvido direta ou indiretamente em combates e conflitos armados. Esse é particularmente o caso das análises realizadas por Redfern (2008, 2009, 2011, 2013) a partir de centenas de esqueletos encontrados no sudoeste bretão, em Dorset, entre os séculos V a.C. – I d.C., onde as ossadas encontradas revelaram que a população feminina no local apresentava não apenas sinais de traumas resultantes de acidentes compatíveis com a vida agrária-pastoril, mas também diferentes tipos de traumas violentos. Esses sinais, por sua vez, foram registrados em diferentes níveis que incluíam:

- a) episódios isolados de violência interpessoal, associados a golpes ou lutas corporais (socos, pontapés, etc.) (REDFERN, 2008, p. 150–151);
- b) episódios que envolviam a participação em conflitos em larga escala, particularmente envolvendo traumas causados pelo arremesso de projéteis e dardos (REDFERN, 2013, p. 80, 83).

Além disso, um número mais restrito de mulheres apresentava também sinais de traumas causados por objetos cortantes, tanto em contextos *ante-mortem* como *peri-mortem* (REDFERN, 2013, p. 80, tabela 4.5), e a frequência em que eles ocorrem em Dorset é comparável com algumas das regiões das estepes como Aymyrlyg, na Sibéria, onde a participação feminina em contextos marciais está mais bem documentada (REDFERN, 2008, p. 150–151). As evidências encontradas no sudoeste bretão, inclusive, revelam que muitas das mulheres que morreram entre 25-35 anos em Dorset, já apresentavam sinais prévios (cicatrizados) de episódios de violência anteriores ao conflito que as tenha matado (REDFERN, 2013, p. 86).

Com base em todos esses dados, Redfern (2013, 2011) levantou, portanto, a possibilidade de que indivíduos de ambos os sexos estivessem não apenas expostos, mas também engajados em atividades marciais durante a Idade do Ferro tardia (séc. I a.C./d.C.) no sudoeste bretão. Com bases nas evidências osteológicas, a participação feminina em tais conflitos deveria se dar sobretudo através da prática de arremessos de projéteis e dardos – uma prática que não demanda tanto fisicamente, cujo treinamento pode ser adquirido desde a idade subadulta (REDFERN, 2009), e sobre a qual há um

conjunto de evidências etnográficas (cf. KING, 2010a, p. 247) que indicam que mulheres em sociedades pastoris quase sempre estavam familiarizadas com o manejar de tais instrumentos como modo de proteção de rebanho e controle de predadores. Não obstante, os dados osteológicos parecem estar em diálogo com alguns dos registros funerários que encontramos na região, como uma tumba encontrada no *hillfort* de Maiden Castle, onde uma mulher de 20-30 anos foi enterrada com dois itens (um bracelete e um peso de tear) e um conjunto de 117 projéteis de pedra para arremesso com funda (WHIMSTER, 1981, p. 296)⁷⁸.

Diferentemente dos casos observados na Idade do Ferro nas estepes russas e do esqueleto encontrado no poço Q4 em Maiden Castle com centenas de projéteis, em Yorkshire não dispomos de quaisquer sinais de diferenças construídas com base em gênero entre indivíduos de sexos opostos enterrados junto a armas. Esse é um ponto importante a ser observado. Ao contrário dos casos discutidos por Guliaev, onde as tumbas revelam uma diferença em termos de armamentos, e onde contas vítreas são encontradas em enterramentos de mulheres junto a armas (GULIAEV, 2003, p. 119), ou no sul bretão onde itens tipicamente femininos como pesos de tear se fizeram presentes (WHIMSTER, 1981, p. 296), os enterramentos como os de R163 e WS211 apresentam uma realidade distinta. Em primeiro lugar, não há qualquer distinção em termos materiais à panóplia encontrada em enterramentos de indivíduos do sexo masculino; pelo contrário. Além disso, os enterramentos femininos de Yorkshire com armas tampouco contêm quaisquer outros itens como contas de vidro, braceletes ou espelhos: artefatos de ocorrência limitada, na maior parte das vezes, a indivíduos do sexo feminino e que assinalam, na região, uma forte conexão com gênero feminino⁷⁹.

Devemos, portanto, ao menos teoricamente, aceitar a possibilidade de que a mulher enterrada em R163 talvez tivesse sido sepultada como sendo alguém do gênero masculino. Tal tratamento poderia se direcionar a casos raros de mulheres que desempenhavam funções tradicionalmente percebidas como masculinas e que talvez tenham assumido e projetado, em vida, uma identidade tipicamente masculina. Pope e

⁷⁸ Para Redfern (2013) os traumas de conflitos em maior escala observados nas ossadas do sudoeste bretão estariam vinculados, em especial, à invasão claudiana em 43 d.C. e diferentes episódios de conflitos entre comunidades locais e forças romanas.

⁷⁹ É importante lembrar, contudo, que a maior parte da população enterrada na Idade do Ferro em Yorkshire, como já foi visto, não contava com mobiliário fúnebre que assinalasse fortes distinções com bases em gênero, então, talvez, a ausência de tais artefatos (em enterramentos divergentes) deva ser considerada, mas de modo cauteloso, a fim de evitarmos generalizações.

Ralston (2012, p. 393) chegam inclusive a falar em “mulheres masculinas” (*masculine females*). É possível, no entanto, que a sepultura como R163 seja também o fruto de um conjunto de percepções comunitárias a respeito da mulher ali enterrada, resultando em uma imagem final idealizada que, embora divergisse do padrão normativo de sinalização de gênero, carregasse uma série de simbolismos locais e gatilhos de memória em relação a quem era aquela mulher e o que a fazia ser tão particular. Giles (2012) chegou, inclusive, a levantar um conjunto de explicações plausíveis para a deposição de espada na tumba de R163, que incluem desde a possibilidade de se tratar de uma mulher que desempenhasse funções guerreiras, ou que fosse percebida como “homem honorável”, ou que desempenharia alguma função qualquer no Outro-mundo (como, por exemplo, redistribuir a espada a algum parente morto), e até mesmo tratar-se de uma mulher percebida como defensora da comunidade e, portanto, honrada com uma espada após sua morte, de forma simbólica (GILES, 2012, p. 99). Todas essas sugestões não passam, é claro, de especulações, mas como Giles escreve, o desafio está em justamente mostrar-se aberto a diferentes alternativas (*idem*).

Uma das coisas que torna enterramentos como os de R163 e WS211 tão desafiadores, em termos interpretativos, é a tradição historiográfica em se encarar a presença de armas em contextos fúnebres como prova de uma função guerreira por parte dos mortos, uma atitude equivocada já que a deposição de qualquer categoria de artefato é, por excelência, simbólica e fruto de escolhas intencionais por parte dos vivos (COLLIS, 1994, 2011). É possível que a deposição da espada em uma tumba feminina, portanto, estivesse única e exclusivamente relacionada a uma sinalização de *status*, importância ou filiação familiar distinta por parte da mulher enterrada. Essa seria uma alternativa plausível. Contudo, ela não parece se encaixar na realidade material observada. Isso porque espadas não eram depositadas em ampla escala em contextos fúnebres na Idade do Ferro em Yorkshire como mero item de sinalização de prestígio social onde seriam encontradas, nesse sentido, em tumbas de pessoas com diferentes idades, sexos e biografias. Ao contrário, a ocorrência de tais artefatos se dá de modo restrito e algumas vezes estando, ainda, diretamente associada a indivíduos que apresentavam um nítido passado, em vida, de enfrentamentos e exibições de proezas marciais (por exemplo, ACK1; R148, WS453).

Além disso, é preciso lembrar que ainda há tumbas como as de R3 e WS211 que nos revelam, respectivamente, episódios de enfrentamentos e até mesmo mortes violentas causadas por objetos marciais. Uma possibilidade seria encarar esses casos à luz de danos colaterais indiretos. Isso é, as mulheres de DG45 e R3, que foram golpeadas na cabeça por espadas, em dois episódios distintos, deixando fortes cicatrizes em ambos seus crânios, poderiam apenas ter sido infelizes por estarem no local errado, na hora errada, no meio de uma discussão que escalou até o ponto em que espadas foram desembainhadas, ou terem sido, simplesmente, vítimas de uma incursão ou ataque repentino por parte de um grupo inimigo. A única coisa que podemos precisar, com base nas ossadas, é que ambas as mulheres, contudo, sobreviveram a seus ataques e receberam cuidados suficientes ao ponto de terem se recuperado de seus ferimentos. Do mesmo modo, a lança enfiada na barriga de WS211 pode ter se dado em um contexto semelhante, onde uma mulher foi vítima de um ataque causado por terceiros, ou até mesmo intencionalmente punida (com sua vida) por ter cometido determinada transgressão considerada grave, ou ainda, até mesmo, voluntariamente sacrificada. Todas essas são alternativas explicativas válidas que explicariam a constatação de episódios de violência nos enterramentos discutidos.

Alguns cuidados, no entanto, se fazem necessários. É preciso reconhecer que historiograficamente estamos muito mais condicionados a interpretar com certo atributo de passividade os sinais de traumas violentos encontrados em esqueletos femininos, se comparados aos seus pares masculinos. Essa hesitação, inclusive, se faz presente em uma escala muito mais ampla, para além da presença de traumas físicos, e revela uma deficiência moderna em lidar com casos (que julgamos, com base em nossos próprios pré-conceitos de gênero como) “atípicos”, onde mulheres são descobertas em contextos inesperados. Ao realizarmos um levantamento metódico do conjunto de ossadas com sinais de traumas causados por violência física na Idade do Ferro em Yorkshire, podemos perceber que uma série de paralelos podem ser traçados com os sinais encontrados nos enterramentos divergentes discutidos.

Em todos os casos os paralelos encontrados se encontram sempre em enterramentos de indivíduos adultos do sexo masculino. Sinais de cortes no crânio semelhantes àqueles encontrados nas mulheres de DG45 e R3 podem assim ser observados em dois homens enterrados em Wetwang Slack (um deles, enterrado com

um carro, lanças e espada) e no enterro de Acklam (novamente, um esqueleto masculino enterrado com uma espada). Curiosamente, todos os enterros mencionados apresentavam, ainda, sinais de cicatrização anteriores à morte, revelando casos notáveis de recuperação masculina e feminina em relação a tais ferimentos.

Embora ocorram em números relativamente baixos, machucados da mesma natureza, causado por cortes por espadas são também encontrados em outras regiões para além de Yorkshire, como em Berwick St John (Wiltshire), Gussage All Saints (Dorset), Worlebury/Weston-super-Mare (Somerset) e Winterborne St Martin/Maiden Castle (Dorset), quase sempre em tumbas masculinas (DENT, 1983b, p. 126; WHIMSTER, 1981). Com base nas tipologias de espadas encontradas em solo bretão (STEAD, 2006) e nas diferentes práticas que indicam que o uso de violência na Idade do Ferro poderia ser, em muitos casos, altamente performático e condicionado por ações roteirizadas (GREEN, 2001), os tipos de cortes e cicatrizes observados nos crânios discutidos parecem estar vinculados a episódios ritualizados de lutas interpessoais: uma interpretação reforçada ainda pelo grau de recuperação posteriormente apresentado por muitos desses indivíduos.

É possível, portanto, que algumas mulheres estivessem se envolvendo diretamente em disputas e competições armadas e que algumas delas, como a mulher enterrada em R3, tenham carregado inclusive uma cicatriz visível de tais encontros passados. Essa não é uma prática cultural de todo desconhecida e diversos estudos etnográficos, como aqueles realizados entre as comunidades aborígenes australianas, revelaram não só que mulheres poderiam muitas vezes desempenhar um papel ativo e direto em conflitos físicos, sendo até mesmo os principais agentes ou incitadores de tais episódios, como ainda o fato de que mulheres, em diversas ocasiões, poderiam se envolver em agressões físicas contra indivíduos de ambos os sexos (BOLGER, 1991; BURBANK, 1994). Além de analogias etnográficas, um conjunto de estudos clínicos, como aqueles discutidos em detalhe por Redfern (2013, p. 68–69), demonstraram também em diferentes instâncias como indivíduos do sexo feminino são capazes de realizar atos violentos, tais quais seus pares masculinos, em contextos diversos (externos e domésticos) e que os níveis de incidência de tais episódios, sua severidade e o modo como são tratados ou percebidos pela sociedade são todos aspectos fortemente condicionados por percepções de gênero e valores sociais e culturais.

Apenas recentemente nossos modelos historiográficos estão começando a articular a noção de que múltiplas identidades de gênero poderiam ter coexistido nas comunidades da Idade do Ferro em diferentes níveis (BELARD, 2014; EDWARDS; POPE, 2014; EVANS, 2004; GILES, 2012; POPE; RALSTON, 2012)⁸⁰. Não obstante, achados excepcionais como os de Bryher nas Ilhas Scilly (Cornualha), onde uma inumação da Idade do Ferro cujo sexo não pode ser estabelecido foi encontrada com um escudo, espada e um espelho (JOHNS, 2006), nos revelam que as várias associações entre sexo, mobiliário fúnebre e atributos de gênero poderiam operar de forma muito mais complexa do que se têm até então considerado, por vezes comportando elementos normalmente considerados como excludentes.

O achado de WS160 serve de um alerta nesse sentido: o enterramento de um indivíduo do sexo masculino com um bracelete é algo sem precedentes na região. Se por um lado é verdade que esse tipo de artefato, como qualquer outro objeto, não seja dotado de atributos de gênero por si só, seus usos e deposições em contextos funerários nos revelam uma forte conexão com universo de gênero feminino. Seria esse enterramento o oposto do que Pope e Ralston (2012, p. 393) definiram como uma “mulher masculina”: isto é, um “homem feminino”?

Essa é uma questão raramente levantada pela historiografia da Idade do Ferro, onde, em grande parte, uma visão homogênea sobre o “masculino” ainda impera. Brunaux (2005), no entanto, ao discutir a sexualidade gaulesa antiga defendeu que as comunidades da Gália da Idade do Ferro estariam habituadas a práticas homoeróticas, em especial, entre os setores aristocráticos e guerreiros (BRUNAUX, 2005, p. 266–267). Contudo, todas as evidências discutidas pelo autor são baseadas em relatos posteriores gregos e latinos e, embora Brunaux seja um arqueólogo, não há sequer uma referência à cultura ou realidade material das comunidades discutidas no tocante a esse assunto. É importante ainda lembrar que sexualidade e identidade de gênero consistem em duas coisas distintas e, além disso, diferentes casos da Antiguidade atestam que a prática homoerótica não apresentava qualquer relação com a adoção de uma identidade estética-visual feminina, estando, pelo contrário, por vezes conectada com atributos de masculinidade.

⁸⁰ Essa é também uma ideia advogada para outros períodos da pré-história europeia como, por exemplo, atesta a análise de Weglian (2001) para tumbas do Neolítico e da Idade do Bronze em Singen (Alemanha).

A documentação iconográfica da Europa centro-ocidental durante o período Hallstatt nos revela que embora oposições binárias sexuais se fizessem presentes, elas nem sempre são suficientes para explicar o conjunto de representações visuais existentes na Idade do Ferro e há casos onde uma ambiguidade de gênero (ou até mesmo uma ausência de gênero) se fazem intencionalmente presentes (ALDHOUSE-GREEN, 2004; REBAY-SALISBURY, 2016b, 2016a)⁸¹. Aldhouse-Green (2004, p. 76–86) chegou inclusive a apresentar evidências iconográficas de androginia e ambivalências de gênero e a traçar possíveis conexões com funções de divindades, sacerdócio e práticas religiosas. Ao discutir alguns enterramentos de homens com acessórios tipicamente femininos encontrados em cemitérios romanos em Poundbury (Dorset), a autora levantou também a hipótese de *cross-dressing* na Antiguidade e mencionou casos extremamente raros, no entanto conhecidos, de hermafroditismo biológico (ALDHOUSE-GREEN, 2004, p. 80). Em linhas semelhantes, evidências mais antigas encontradas em contextos mortuários do Neolítico e da Idade do Bronze em regiões como Singen am Hohentwiel que fogem da norma observada na maior parte dos casos têm também sido interpretadas como indícios de que determinadas comunidades pré-históricas talvez operassem em um sistema de gênero que comportasse uma terceira categoria de gênero distinta (WEGLIAN, 2001, p. 152–153). É possível, portanto, que tanto fatores de ordem religiosa, como de ordem biológica possam interferir na adoção de determinados papéis de gênero por parte de certos indivíduos, embora o caso de WS160 nos revele muito pouco nesse sentido e nenhum item associado a funções tipicamente religiosas, por exemplo, foi encontrado junto ao esqueleto.

Uma explicação alternativa para o fenômeno poderia estar vinculada a uma mudança de percepção social em relação a braceletes como um todo. Isto é, quando determinado objeto, vestimenta ou adorno, tradicionalmente associado exclusivamente com um gênero específico, passa a ser gradativamente adotado por diferentes membros da sociedade até o ponto de se tornar um item amplamente utilizado, não estando mais unicamente associado com indivíduos de determinado gênero: vide a utilização de calças tipo *jeans* na sociedade contemporânea. Curiosamente, esse parece ser o caso em algumas localidades do Continente. Em sua análise estatística das tumbas encontradas no norte francês entre 600-130 a.C., Evans (2004, p. 185–186) identificou que no final

⁸¹ Semelhantemente, esse também é um fenômeno identificável em outros períodos da pré-história europeia (cf, MINA, 2007).

do segundo século a.C. ornamentos tradicionalmente encontrados apenas em tumbas femininas (como torques e braceletes) passaram a se tornar cada vez mais comuns também em tumbas masculinas, indicando uma transformação ao longo dos séculos em relação a modos de sinalização de *status* e gênero.

Em Yorkshire, no entanto, observamos uma realidade distinta, onde com o passar do tempo, um sistema de oposição entre gêneros masculinos e femininos parece se tornar cada vez mais endossado e recorrente em contextos funerários, como exemplifica a oposição entre equipamentos de metalurgia e itens de tecelagem. É possível que o enterramento de WS160 date, assim, de um período anterior entre os séculos VI-II a.C. (uma possibilidade reforçada com bases na tipologia do broche encontrado junto ao morto), colocando-o em um período de maior flexibilidade e circulação de atributos entre os gêneros. Ainda assim, a ocorrência de um bracelete junto a um homem continua a não possuir precedentes na região e devemos estar abertos a todas as possibilidades até então discutidas. Resta esperar que a futura utilização de métodos forenses mais avançados, tal qual a análise de DNA (por exemplo, HONDA et al., 1994; SCOTT, 2001, p. 11), possa oferecer maiores dados e casos comparáveis ao incluir ossadas como a de R2, onde um bracelete foi encontrado junto a um esqueleto que apresentava simultaneamente traços masculinos e femininos e cujo sexo não pode ser determinado (STEAD, 1991, p. 127).

Apesar da deposição de itens pessoais de adorno seguir um padrão distinto daquele observado no continente, certa proximidade, no entanto, pode ser traçada em relação à deposição de armamentos. As evidências encontradas em contextos funerários na Europa, sobretudo no norte da França, durante o período *latêniano* revelam um aumento significativo na deposição de espadas e conjuntos de panóplia guerreira, sobretudo no período de La Tène B e C (EVANS, 2004; POPE; RALSTON, 2012). Tal mudança no padrão de deposição pode ter se dado por conta de diversos fatores, como, por exemplo, mudanças em ideologias funerárias e nas formas de se sinalizar poder e importância social, ou talvez um aumento de competitividade interna ou, até mesmo, de instabilidade social e conflitos. Seja como for, o fenômeno observado no continente acaba por reforçar a associação entre gênero masculino e funções militares em contextos da Idade do Ferro média e tardia, como atesta a análise de Belard (2014,

p. 100–101)⁸². O aumento na presença de atributos marciais, por sua vez, não é um fenômeno exclusivo de uma única região, e é possível observar certa tendência gradativa de militarização e de deposição de armas em contextos diversos entre os séculos III-I a.C. em várias regiões das Ilhas Britânicas e da Europa ocidental. Em Yorkshire, isso se torna particularmente visível a partir de enterramentos tardios de tipo-B, onde encontramos a maior concentração de armas já registrada na região e uma maior rigidez em relação à sinalização de diferenças de gênero.

Acredito, assim, que a explicação em parte para alguns dos enterramentos desviantes como o de R163 tenha a ver justamente com esse cenário social maior de intensificações de diferenças entre os gêneros. Em um momento onde papéis, atuações e atributos de gênero se tornam mais polarizados em extremidades opostas de um mesmo espectro, a divergência aos padrões normativos se torna uma prática possível para determinados indivíduos especiais, que por quaisquer motivos (físicos, sociais, biológicos, religiosos) se diferenciem dos demais membros de suas comunidades. Em outras palavras, se determinadas funções associadas ao exercício de poder, ou de voz política ou de envolvimento (direto, indireto ou em papel mediador) em conflitos armados passam a ser cada vez mais consideradas em conexão com determinado conjunto de atributos (físicos, sociais) ou, até mesmo, com determinado gênero, consequentemente abrem-se mais possibilidades para que indivíduos divirjam de certos padrões normativos a fim de poderem atuar em tais esferas da vida social. Assim, é possível que, por exemplo, em contextos onde algumas mulheres anteriormente envolviam-se (de alguma forma) em conflitos armados (e.g. R3, DG45 e WS211), com o passar do tempo elas tenham começado a receber um tratamento fúnebre diferenciado, sendo enterradas com um conjunto de insígnias frequentemente associadas ao gênero masculino, como espadas e escudos (e.g. R163). Embora ainda sejam poucos os casos em termos numéricos, devemos estar abertos à possibilidade, nesse sentido, de que certas pessoas na Idade do Ferro não subscreviam diretamente aos padrões identitários de gênero observados na maior parte de suas comunidades, tendo talvez ocupado um espaço diferencial na sociedade por conta disso.

⁸² Digno de nota, ainda é o fato de que entre as centenas de enterramentos do séc. III-I a.C. na França estudados por Belard (2014), apenas um caso em Bucy-le-Long “La Héronnière”, revelou uma inumação feminina com artefato que poderia ser considerado como arma (no caso, uma adaga/punhal), e todos os demais casos onde armamentos foram encontrados eles ocorreram exclusivamente em tumbas masculinas (BELARD, 2014, p. 100).

É importante, aqui, lembrar que o corpo humano é uma forma de cultura material (SOFAER, 2006). Ele não só permite internalizar, corporificar e dar forma a um conjunto de atributos e valores sociais vinculados a noções de gênero, religiosidade, saúde, estética e hierarquias sociais, como também é dotado, nesse sentido, de certa plasticidade. Isto é, o corpo humano é constituído continuamente através de uma série de práticas culturais que, através de repetições constantes, condicionam e afetam sua constituição, resultando na construção de determinadas identidades particulares e valores de gênero. (SOFAER, 2006, p. 70–77, 98–105; GILCHRIST, 2012, p. 44–45). Talvez, seja justamente essa plasticidade corporal um dos motivos por que encontramos contraindicações expressas por esqueletos com traços osteológicos ambivalentes: uma observação particularmente válida para as ossadas encontradas com armas e cujo sexo apresenta contraindicações, já que certas atividades como treinamentos marciais podem moldar e alterar significativamente o corpo humano.

Ainda que sejam extremamente lacunares, os enterramentos divergentes nos permitem contemplar certas possibilidades ainda raramente discutidas para a Idade do Ferro. Sua importância é fundamental: eles nos lembram de que embora o sexo biológico do corpo humano desempenhasse um papel crucial para o estabelecimento de identidades, a construção (social) de atributos de gênero não era obrigatoriamente dependente de tal constituição biológica e poderia operar em níveis mais complexos, por vezes, combinando atributos físicos, simbolismos materiais e episódios (inclusive traumáticos) de vivências individuais. Diversos casos arqueológicos e etnográficos nos indicam que tais associações entre sexo e gênero poderiam se dar até mesmo contrariamente ao que se esperaria com base no sexo biológico de um indivíduo ou o modo como determinado atributo de gênero é projetado no interior de uma dada sociedade (ALDHOUSE-GREEN, 2004, p. 76–86; AMADIUME, 2015; NELSON, 2016; SØRENSEN, 2000; WEGLIAN, 2001; WOOD, 1999). Torna-se fundamental, assim, prestarmos atenção aos menores detalhes possíveis e contemplarmos todas as possibilidades explicativas concebíveis.

É importante ressaltar aqui, ainda, a velha máxima arqueológica de que os mortos não podem enterrar a si próprios. Esse, aliás, é sem dúvida um dos aspectos mais intrigantes em relação aos enterramentos divergentes. Isto é, o fato de que tais desvios ao padrão normativo não são o resultado de um mero acidente, mas, ao contrário,

constituem ações e escolhas intencionais. Há uma multiplicidade de possibilidades nesse sentido, em alguns casos em que as divergências são praticamente imperceptíveis, não fosse a presença de determinados tipos de traumas raramente presentes em indivíduos de determinado sexo ou gênero, tornando-os casos à parte. Em outras ocasiões, essa divergência se faria visível e nítida aos olhos de qualquer um que estivesse presente durante o funeral, através da deposição de artefatos específicos ou da escolha de não se removerem determinados itens ao enterrar a pessoa morta. Curiosamente, na Idade do Ferro em Yorkshire, nenhum dos enterramentos divergentes até hoje encontrados apresentava qualquer sinal de discriminação, exclusão ou marginalização com base em gênero. Ao contrário, todos os mortos, nesse sentido, receberam sepultamentos cuidadosamente elaborados para seus corpos, tendo sido enterrados de acordo com os ritos e as tradições locais e tendo recebido o mesmo tratamento fúnebre que os demais membros de suas comunidades. Ainda que pouco explorada, tal faceta do passado nos oferece, ao menos, uma perspectiva animadora para as pesquisas futuras.

Considerações Finais

A Idade do Ferro bretã é um período de paradoxos. Não à toa, ela inspira uma série de atitudes contradizentes. Diferentes imagens de sociedades são conjuradas. Para alguns, estamos falando de uma sociedade aristocrática dominada por uma elite guerreira bem definida. Para outros, estamos lidando com comunidades organizadas mutuamente em grupos de pequena-escala a partir de sistemas competitivos e cooperativos. Há quem, inclusive, idealize fantasiosamente o período como um momento de harmonia espiritual e de respeito à natureza e ao feminino. Além disso, não só o “feminino”, mas os papéis e dinâmicas entre os gêneros costumam também inspirar visões bastante curiosas e antagônicas. De um lado, teríamos um universo composto por rainhas, guerreiras e sacerdotisas, no qual as mulheres eram cultuadas e respeitadas, sendo consideradas seres moralmente superiores. De outro lado, uma sociedade supostamente composta por grandes homens e seu séquito de guerreiros, em que as mulheres se contentavam em servir e atender às necessidades domésticas, ocupando um papel secundário junto a outros indivíduos de menor importância.

Apesar de distintas, todas essas visões possuem muitos pontos em comum. Elas revelam noções monolíticas e estáticas a respeito de como identidades são concebidas. Mais ainda, elas endossam uma série de anacronismos modernos associados a visões de “masculinidade” e “feminilidade”, deixando-se pautar muitas vezes por leituras não críticas de documentos produzidos em contextos tardios e distintos como são, por exemplo, os textos greco-latinos. Mesmo em pleno século XXI, testemunhamos uma variedade de projeções e aspirações projetadas ao passado, nesse sentido. Veículos jornalísticos, documentários, filmes, séries, fóruns, jogos de videogame, reconstruções artístico-teatrais, publicações e até grupos defendendo causas específicas (como ilustra a passeata de mulheres em Wetwang Village): todos vêm, constantemente, moldando um repertório imagético (físico ou mental) em relação à Idade do Ferro e dele se utilizam de modo a atender aos mais variados fins. Essa pode parecer uma realidade distante e exclusivamente inglesa (ou europeia), mas não é. Seu impacto se faz sentir até mesmo em partes da historiografia brasileira, na qual os ecos de muitas visões anacrônicas –

como a de um “sagrado feminino celta”, por exemplo – podem ser identificados em algumas teses e trabalhos acadêmicos.

Essas inconsistências e contradições ocorrem, em grande parte, graças aos desafios apresentados pelos materiais de pesquisa disponíveis. O caráter lacunar de muitos achados inspira uma aura de mistério que, em alguns casos, atíça a imaginação e a fantasia, ou simplesmente, em outros, aciona um mecanismo interpretativo do passado baseado naquilo que já é familiar, conhecido e confortável. O resultado em ambos os cenários é o mesmo: narrativas que insatisfatoriamente (ou sequer) dão conta da diversidade salutar de vestígios de que dispomos do passado. A única forma de romper com tal panorama e produzir um conteúdo que de fato seja capaz de dar conta dos materiais conhecidos é traçar uma proposta de ação a partir de um recorte bem delimitado.

Para comunidades que não nos deixaram vestígios textuais, como é aqui o caso, torna-se imprescindível adotar uma orientação criteriosa guiada em primeiro lugar pela realidade material que chegou até os dias de hoje, independentemente de consensos historiográficos generalizantes ou de evidências complementares produzidas em momentos distintos que pouco têm a ver com os materiais discutidos. Isso não quer dizer que analogias vindas de outros contextos arqueológicos, históricos e etnográficos não possam ser feitas. Ao contrário, tais comparações são um exercício necessário de enriquecimento e complexificação interpretativa. A diferença está em como realizá-las. Isto é, o que passa a ser, então, almejado é tão apenas traçar comparáveis quando estas forem pertinentes, atendendo aos critérios específicos em contextos bem definidos: em outras palavras, que nos auxiliem a pensar o material e a contemplá-lo a partir de diferentes possibilidades explicativas. É fundamental, portanto, que determinadas realidades não sejam arbitrariamente aplicadas a um contexto material ao qual não se adequam, ou no qual não são relevantes para as perguntas levantadas. Além disso, é imprescindível que nossos métodos interpretativos não criem uma visão monolítica que anule a diversidade de vestígios que possuímos do passado.

Para tanto, os enterramentos encontrados durante a Idade do Ferro em Yorkshire oferecem um valioso ponto de partida. A área de Yorkshire Wolds, em especial, abriga alguns dos mais extensos cemitérios do período em toda a Europa e é a que possui a maior concentração de inumações nas Ilhas Britânicas oferecendo um potencial

analítico único. Apesar disso, até algumas décadas atrás, a maior parte do debate a respeito desse material estava largamente focada em questões de “origens” e “migrações”, em uma tentativa de se entender o caráter distinto das manifestações fúnebres encontradas na região. Muitas das discussões giravam em torno da possibilidade de uma invasão ou imigração continental como alternativa plausível para se explicarem os cemitérios encontrados em várias partes de Yorkshire.

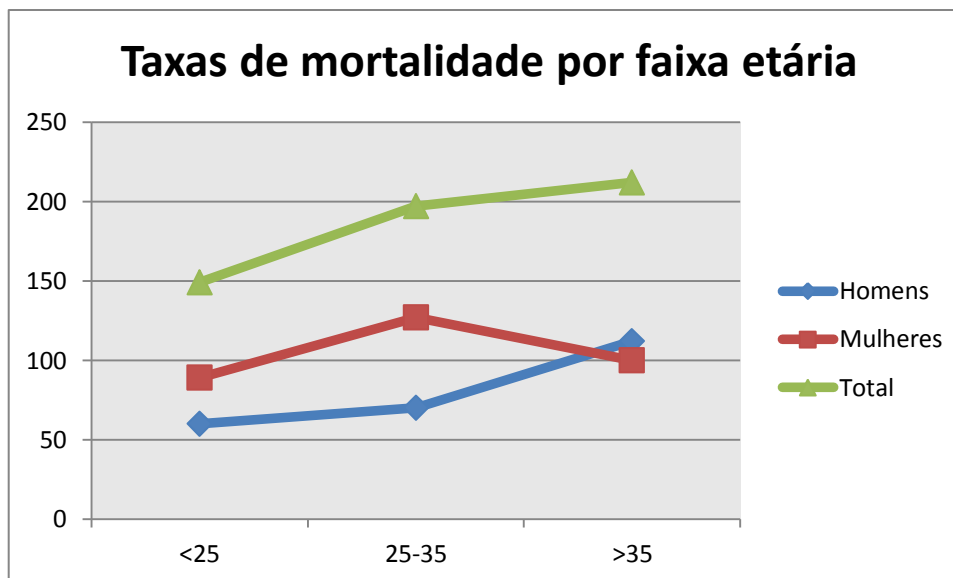
Hoje, graça a análises tipológicas e composicionais, é possível confirmar que, não só a quase totalidade de artefatos encontrados na região tinha uma origem local, mas que o mesmo também pode ser dito para a maioria dos cadáveres enterrados, como atestam estudos isotópicos realizados em alguns dos esqueletos encontrados nesses cemitérios. Isso não quer dizer que movimentações não existissem, é claro, já que contatos com demais regiões das Ilhas Britânicas e do continente são identificáveis em diferentes níveis. No entanto, a natureza e escala de tais movimentações atestam uma realidade mais complexa do que até há alguns anos se costumava imaginar. Além disso, é importante reconhecer que estamos lidando com comunidades já bem assentadas por gerações e gerações nos territórios que habitavam. Muitas delas estavam inclusive projetando vínculos de ancestralidade construídos a partir da (consciente) manipulação de uma paisagem milenar, criando importantes discursos materiais de pertencimento a partir de monumentos fúnebres. Consequentemente, mais do que nunca se faz necessário estudar as tumbas encontradas na região a partir de suas interações e suas características próprias. Isto é, traçar novos conhecimentos a partir do material, fazendo jus à sua complexidade, ao invés de concentrar os esforços em se atribuir um rótulo ou etnônimo a essas comunidades, como se tal procedimento automaticamente criasse sentido por si só. Embora tal esforço de complexificação demande maior energia e capacidade crítica, trabalhos desse tipo estão começando a ser realizados cada vez mais, como, por exemplo, comprova a pesquisa elaborada por Giles (2012). Apesar disso, ainda há muito a ser explorado, haja vista a diversidade do material encontrado na região e os temas que podem ser investigados a partir dele. O fato de que, ainda hoje, tumbas continuam a ser descobertas e escavadas produzindo novos dados é mais um fator extra que só tem a acrescentar ao conhecimento que será produzido durante os próximos anos.

A presente tese buscou, assim, contribuir para esse campo de renovações, ao questionar e desafiar algumas das perspectivas atuais sobre a sinalização de identidades na Idade do Ferro, trazendo à luz temas ainda amplamente negligenciados para a discussão do período, como um estudo detalhado da população subadulta ou de gênero e suas manifestações em contextos fúnebres. Para isso, diferentes enterramentos foram levados em consideração, desde tumbas faustosas com itens raros e altamente elaborados, até covas rasas desprovidas de quaisquer artefatos. Em termos historiográficos, tais inclusões ajudam a diversificar e complexificar nossa visão a respeito do passado, desnaturalizando pré-conceitos. Para tanto, um conjunto de diferentes elementos metodológicos foi levado em consideração, a fim de dar conta e operacionalizar tal heterogeneidade (material e interpretativa). Alguns desses princípios fundamentais de análise incluem, desde configurações espaciais e arquitetônicas, até o tratamento dado aos mortos em cada caso, bem como as cronologias dessas tumbas, suas tipologias, seu mobiliário fúnebre, as características físicas dos esqueletos encontrados e a correlação de um ou mais (ou de todos esses) fatores e sua incidência com base em atributos sexuais e etários. Uma abordagem quantitativa e qualitativa combinada possibilitou que, não apenas padrões, regras e tradições fossem observados, mas também que casos singulares, divergentes ou icônicos fossem explorados em maiores detalhes. Isso possibilitou que uma narrativa mais orgânica fosse construída, levando em consideração diferentes tipos de projeções materiais que, de outra forma, se perderiam em meio ao material, ou seriam ignoradas.

Dos mais de mil enterramentos investigados, cerca de 600 deles revelaram esqueletos cujos sexos e faixas etárias puderam ser estimados por métodos modernos. Ainda que em linhas gerais mulheres tenham sido encontradas nos cemitérios em mais casos do que homens, as diferenças não são significativas a ponto de representarem um processo de exclusão ou seletividade com base em atributos sexuais. É provável que essa pequena margem de diferença tenha sido condicionada por um dos ou todos os três aspectos a seguir: [1] ela poderia refletir uma realidade populacional, isto é, talvez mulheres existissem em números discretamente maiores do que homens nessas comunidades; [2] alternativamente poderia ser um indício, ainda, de que alguns homens não foram enterrados por terem morrido em ocasiões que impossibilitaram seu sepultamento (por exemplo, em expedições em outras terras), ou, por fim, [3] esses números podem estar apenas relacionados à fragilidade do material arqueológico, já que

muitas ossadas não puderam ter seu sexo positivamente avaliado ou não chegaram aos dias atuais.

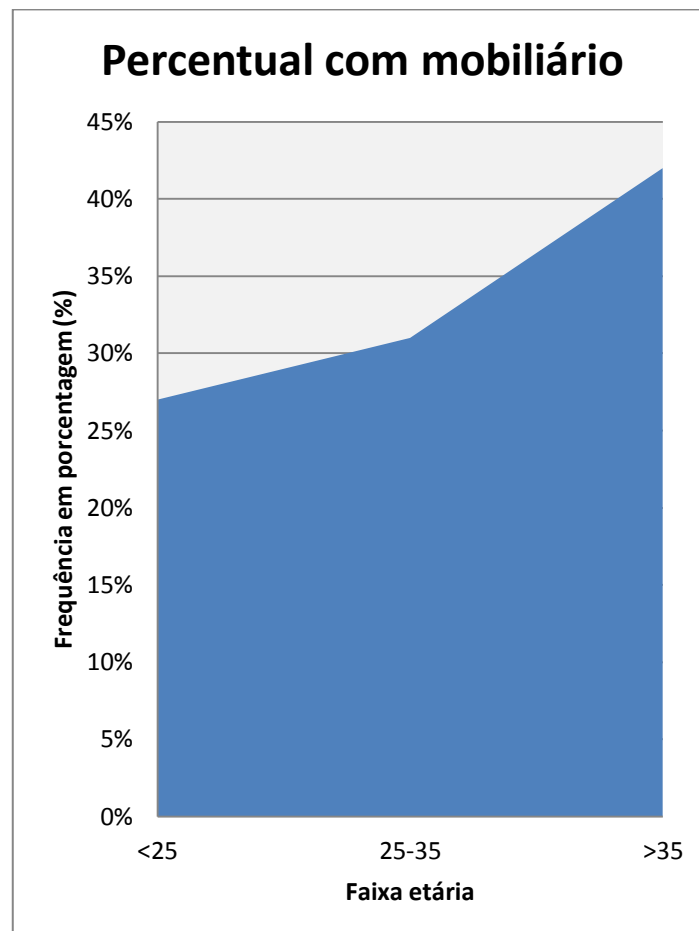
As taxas de mortalidade encontradas em Yorkshire durante a Idade do Ferro revelam uma realidade compartilhada entre homens e mulheres em termos de expectativas de vida. Essa é uma constatação feita independentemente da presença ou não de itens de mobiliário fúnebre no interior das covas e, presumivelmente, reflete um conjunto de condições de vida relativamente semelhantes a todos os membros dessas comunidades. Um número quase idêntico de indivíduos do sexo masculino e feminino (112:100, respectivamente) chegou a atingir uma idade com mais de 35 anos. No entanto, se vistos em termos de progressão, é possível observar que a chance de homens atingirem a idade de 35 era maior do que a das mulheres. Há, portanto, uma diferença de natureza proporcional aqui. O número de mortes entre a população feminina é significativamente maior que o da masculina entre o período, hoje, considerado como o da “adolescência” até por volta dos 30 anos. É possível que essas diferenças sejam uma consequência direta do conjunto de expectativas e pressões impostas à população feminina em sua idade “adulta”, segundo os padrões de vida da Idade do Ferro. A combinação entre árduos trabalhos agropastoris e manuais com os períodos de maternidade e gestação deveriam desempenhar um importante papel nesse cenário, representando verdadeiros riscos à vida de muitas mulheres. Além disso, o processo de desmame relativamente cedo, conforme atestado por análises isotópicas (JAY et al., 2008; JAY, 2009), revela-nos um cenário de demandas que se estendiam ao setor feminino da população associadas à vida rural, além de representarem desafios também para a sobrevivência de muitos bebês.



Alguns raros enterramentos encontrados em Kirkburn, Garton e Wetwang Slack revelam a morte de mulheres durante períodos de gestação quando os fetos já estavam visíveis. Suas tumbas atestam o quão profundas essas perdas eram sentidas e em alguns casos, como ocorre entre os enterramentos de K2 e K6, elas nos revelam que poderiam se tornar um importante local de memória, onde um conjunto de biografias e histórias semelhantes eram construídas sobre determinadas mulheres com o passar das gerações. É possível que a morte durante a gravidez, embora um acontecimento temido e extremamente trágico, tenha sido respeitada ou alvo de certas loas fúnebres especiais. Ao contrário de terem sido ostracizadas de modo a afastar males ou contaminar os demais membros da população, as evidências de que dispomos nos dias atuais indicam que essas mulheres foram enterradas em locais privilegiados mesmo quando suas gestações foram interrompidas. Em alguns casos suas tumbas eram não só semelhantes morfologicamente àquelas com carros, como é o caso de WS[5]1.1, mas também se encontravam em direta proximidade com tumbas com armas e carros, como é o caso de K2 e K6.

Acredito que a alta mortalidade da população feminina em idades mais jovens possa explicar o porquê de muitas mulheres em idades avançadas terem recebido tratamentos diferenciados, por exemplo, com modestos banquetes fúnebres sendo realizados em sua memória. Essa realidade, inclusive, se entende também a muitos membros do sexo oposto e os cemitérios de Yorkshire oferecem um nítido padrão de

deposições fortemente condicionadas por atributos etários. É possível perceber uma gradual crescente, nesse sentido. Consequentemente, a maior parte do mobiliário fúnebre, em termos de sua ocorrência, se concentra em tumbas de indivíduos em idade adulta e, mais especificamente, entre esses, nas tumbas de pessoas que alcançaram uma idade igual ou superior a 35 anos.



Em linhas gerais, homens e mulheres são enterrados com itens de mobiliário fúnebre em proporções relativamente semelhantes. Esse é um dado particularmente relevante, já que contextos arqueológicos podem revelar, por vezes, um mecanismo de diferenciação e hierarquização entre os gêneros com base na frequência de oferendas fúnebres. A proporção relativamente equivalente de provisões em tumbas masculinas e femininas é ainda particularmente importante, já que tais deposições estão associadas, não somente a construções de narrativas pessoais/individuais sobre os mortos, mas costumam, ainda, expressar determinados atributos de importância, prestígio ou

reconhecimento social projetados em relação aos mortos (e suas famílias) por parte dos vivos.

A realização de funerais especiais, como é o caso, por exemplo, das tumbas com carros, tanto para homens como para mulheres, indica uma relativa fluidez e diálogo entre os gêneros durante a Idade do Ferro Média, quando pessoas de ambos os sexos poderiam ter se tornado alvos de celebração (por vezes, enterradas com objetos que compartilhavam, inclusive de uma mesma estética). Esse é um aspecto reforçado ainda, em especial, pelas ossadas animais encontradas em muitas das tumbas de Yorkshire, já que não só os mesmos tipos de animais costumam ser descobertos em enterramentos de ambos os gêneros, mas também as mesmas partes e porções. Os cortes sistemáticos e os traços de cozimento encontrados na superfície dos ossos desses animais, além dos traços de fuligem identificáveis em diversas cerâmicas, são todas evidências que atestam a realização de pequenos banquetes em honra aos mortos, cujas partes residuais desses eventos eram posteriormente depositadas de modo ritualizado nas covas: vasos inteiros ou quebrados eram posicionados no interior da cova; cacos de cerâmica espalhados em algumas ocasiões; ossos de porcos e ovelhas, cujas carnes haviam sido consumidas, colocados junto aos mortos. A sistemática ausência de itens relacionados à comensalidade e artefatos especiais como espelhos, armas e carros em enterramentos infantis fortalece ainda mais o padrão de fortes conexões construídas entre atributos etários e identitários em contextos fúnebres na região.

Embora ignorada pela historiografia, a população subadulta encontrada nos cemitérios de Yorkshire nos revela um modelo de sociedade em que as qualidades que identificam uma pessoa não eram simplesmente, automaticamente, transferidas através do nascimento: elas deveriam ser conquistadas ao longo da vida. Quando vistos em sua totalidade e a partir de diferentes critérios de análise (como a arquitetura e morfologia dos enterramentos, a deposição de artefatos e o tratamento dado aos cadáveres), as inumações infantis nos revelam um conjunto de valiosas semelhanças e diferenças, se comparadas à população adulta. Elas mostram que, embora crianças compartilhassem do mesmo tipo de tratamento fúnebre sendo enterradas em posições e orientações análogas às dos adultos, por outro lado, a deposição de artefatos em suas covas se dá de modo muito mais seletivo e restrito. Além disso, tanto as morfologias das covas como a deposição de mobiliário fúnebre revelam uma diferença construída internamente entre

indivíduos a partir de determinadas idades, possivelmente associadas a ritos de passagem. Todos esses são fatores que reforçam a ideia de uma sociedade na qual as características que distinguem uma pessoa e a identificam não eram apenas transferidas no berço, através de sangue ou pertencimento a um determinado grupo, mas ao contrário, deveriam ser alcançadas e refletir a capacidade de um indivíduo de desempenhar as obrigações que dele eram esperadas.

Embora apenas cerca de 40% dos casos contasse com quaisquer provisões fúnebres, a cultura material encontrada nas tumbas de Yorkshire carrega um conjunto de histórias particulares. Muitos dos objetos transcendem noções de tempo e de espaço, demonstrando afiliações, semelhanças e inspirações em artefatos encontrados em períodos anteriores (como a Idade do Bronze) ou em regiões distintas (como aquelas da Europa continental). Apesar disso um conjunto de inovações e adaptações se faz presente em todos os casos, revelando uma confecção, estética e lógica de uso local orientada fortemente por padrões regionais característicos. É possível até mesmo identificarmos certas preferências microrregionais nesse sentido, quando determinados tipos de broches ou cerâmicas se fazem mais ou menos presentes nos cemitérios de determinados vales, ou artefatos específicos costumam ser depositados em tumbas seguindo performances distintas como, por exemplo, os carros encontrados nos Wolds, sempre desmontados e em North e West Yorkshire, de modo inteiro.

Embora historiadores e arqueólogos tradicionalmente adorem criar regras e explicações que construam uma lógica para todo material analisado, explicando-o em sua totalidade e revelando uma narrativa maior, qualquer esperança de se fazer o mesmo para a cultura material da Idade do Ferro deve ser abandonada. Os artefatos depositados nas tumbas de Yorkshire possuem biografias tão variadas quanto as dos mortos. Em alguns casos, eles são adornados com matérias-primas locais; em outros, contas de coral ou âmbar eram obtidas de regiões bem longínquas. Alguns desses objetos, como determinados braceletes, por exemplo, parecem ter sido feitos para o funeral ou imediatamente antes do enterro, apresentando pouco ou nenhum sinal de uso. Já boa parte de outros artefatos revelam histórias de usos particulares, com sinais de desgaste, quebra, uso e até mesmo reparos e remendas em suas superfícies. Determinados itens, como espelhos, parecem ter sido depositados cobertos ou dentro de sacolas; já outros, como muitos vasos de cerâmica, foram intencionalmente quebrados antes de serem

depositados nas tumbas. Mesmo uma única categoria de objetos pode ser encontrada de maneiras completamente distintas. Espadas, por exemplo, costumam ocupar um lugar de destaque quando depositadas nas covas, frequentemente encontradas em belas bainhas como as de Wetwang Slack e Kirkburn. No entanto, aquelas escavadas em Acklam e Bilton foram intencionalmente dobradas ao meio, tornando os objetos inutilizáveis. Esse é apenas um dentre vários exemplos que revelam a diversidade do material encontrado.

Uma das vantagens de se trabalhar com um *corpus* tão extenso como o desta pesquisa é justamente poder observar todas essas riquezas e sutis variações sendo construídas e projetadas em contextos fúnebres. Aqui, novamente, não há uma única explicação para o porquê dessa diversidade. Em parte, ela parece refletir uma variedade de gostos, preferências e prescrições rituais microrregionais em relação à morte e o tratamento dos mortos, atestando uma relativa flexibilidade ritual entre comunidades assentadas em vales vizinhos. Por outro lado, algumas dessas diferenças estavam relacionadas à própria diversidade humana. Isto é, elas dialogavam com diferentes trajetórias de vida, papéis sociais, aspirações familiares e tipos de morte, fazendo com que cada morto fosse tratado de modo específico, ainda que a partir de tratamentos comparáveis aos demais casos, seguindo padrões fúnebres identificáveis. Embora atributos sexuais e etários não fossem os únicos critérios de diferenciação entre indivíduos, acredito, ainda que eles tenham desempenhado um papel importante na projeção de identidades específicas em contextos fúnebres. Esse é um aspecto, em grande escala, marginalizado ou ainda ignorado pela historiografia a respeito do período, e “gênero” costuma ser uma categoria ainda pouco investigada em seu potencial analítico-social.

De uma perspectiva identitária (sobretudo para o estudo de gênero), o que torna as tumbas encontradas na Idade do Ferro britânica tão desafiadoras, mas ao mesmo tempo interessantes, é justamente seu caráter lacunar e plural. Podemos identificar um conjunto de diferentes construções e associações que variavam no tempo. As escassas evidências de que dispomos para enterramentos da Idade do Ferro inicial na região (séc. VIII-V a.C.) encontradas no cemitério de Melton não oferecem quaisquer diferenças entre homens e mulheres em contextos fúnebres com base nos vestígios visíveis arqueologicamente. Talvez as únicas distinções nesse sentido, se é que existissem,

fossem projetadas em itens de indumentária, penteados ou objetos de origem orgânica e vegetal (feitos de madeira, por exemplo), nenhum deles conservados pelo tempo. Apesar disso, alguns enterramentos revelam afiliações interpessoais que possivelmente poderiam carregar certos atributos e/ou expectativas de gênero. Essas possibilidades só são observáveis, no entanto, a partir de covas compartilhadas ou em termos da proximidade de tumbas na paisagem entre indivíduos com atributos físicos semelhantes. Infelizmente, essas são apenas possibilidades em aberto, já que os achados de Melton guardam um caráter excepcional para o contexto arqueológico das Ilhas Britânicas e, efetivamente, nenhum outro conjunto de enterramentos desse período foi ainda encontrado. Felizmente, os enterramentos da Idade do Ferro Média e Tardia (séc. IV-I a.C.) em Yorkshire ocorrem em número grande o suficiente, oferecendo um riquíssimo campo de investigações nesse sentido.

Em boa parte dos cemitérios da região é possível localizar padrões de projeções identitárias que foram construídas a partir da manipulação da cultura material. Certas ocorrências se tornam aí notórias como é o caso das contas vítreas azuladas, por exemplo, encontradas exclusivamente em enterramentos de indivíduos do sexo feminino em idade adulta, quase sempre em idades mais avançadas. Sua ocorrência em determinadas tumbas parece ainda sugerir que determinadas mulheres já estavam desde momentos iniciais se tornando pontos de referência em suas comunidades e, possivelmente, desempenhando papéis ancestrais para alguns indivíduos. Quando vistos em conjunto, acredito que esses enterramentos – tal como outros, como é o caso das tumbas com carros, por exemplo – atestam que tanto homens como mulheres poderiam ter se tornado importantes pilares para suas famílias e comunidades, tendo ocupado posições de reconhecimento social e prestígio fundamentais.

Por outro lado, boa parte dos itens encontrados em muitas tumbas – em especial, nos primeiros estágios de desenvolvimento dos cemitérios, – não estão diretamente associados a diferenças de gênero. Aqui, no entanto, se torna crucial deixar alguns pontos claros. Em primeiro lugar, contrário ao senso comum, isso não quer dizer que gênero não fosse algo importante. Em outras palavras, mais do que um testemunho de que gênero não fosse um princípio norteador relevante para as comunidades da Idade do Ferro, a presença de objetos equiparáveis em tumbas de indivíduos do sexo masculino e feminino revela-nos uma relativa fluidez, já que determinadas deposições artefatuais e

tratamentos fúnebres poderiam ser compartilhados entre pessoas biologicamente (e socialmente) distintas. Reconhecer tais diferenças em termos de posturas interpretativas é muito importante, pois noções identitárias, sobretudo de gênero, costumam ser muitas vezes naturalizadas, tidas como universais ou autoexplicativas, com bases em critérios puramente biológicos. Diferentes sociedades, contudo, criam diferentes respostas aos modos como pessoas do sexo masculino e feminino devem interagir, seus lugares e papéis na sociedade, os ambientes em que devem circular, as virtudes que devem possuir, a forma como devem ser dirigidos e tratados (não só em vida, mas em morte) e o quão importantes ou valorizadas essas pessoas podem um dia chegar a ser, de acordo com determinados critérios e atributos específicos super- ou sub- valorizados. Todas essas são construções humanas fortemente condicionadas por ambientes sociais e culturais e, portanto, não devem ser trivializadas. Crianças, por exemplo, são tratadas de maneiras distintas por diferentes sociedades de acordo com visões específicas relacionadas à infância, família, pertencimento, idade adulta, obrigações, direitos, habilidades específicas e realização de ritos de passagem, dentre outros. Do mesmo modo, noções de masculinidade e feminilidade são construídas de maneira dinâmica e muitas vezes diversificadas no interior de uma mesma sociedade, condicionando comportamentos, constituições físicas, atitudes específicas e papéis desempenhados por homens e mulheres.

A relativa ausência de diferenças entre os sexos em determinadas esferas não deve, portanto, ser menosprezada. Ao contrário, ela apresenta uma valiosa pista de que noções identitárias estavam sendo articuladas de modo dinâmico, permitindo certo grau de flexibilidade entre indivíduos de sexos (e gêneros) opostos. Esse é um aspecto evidenciado, não apenas em relação às ausências [de diferenças], mas também, em termos de determinadas presenças. Aqui um exemplo particularmente digno de nota são as ossadas de animais depositadas junto aos mortos. Não apenas os mesmos tipos de animais são encontrados em tumbas masculinas e femininas, como quase sempre as mesmas porções (frequentemente as partes dianteiras de um porco, ou o úmero de uma ovelha). A presença de sinais de cortes na superfície de muitos ossos animais e, em alguns casos, junto a traços de cozimento, indicam que tanto homens como mulheres estavam recebendo semelhantes honras fúnebres, com ritos de comensalidade entre os vivos sendo orquestrados em sua memória.

Além disso, os artefatos depositados em muitas covas atestam uma semelhança estética entre tumbas masculinas e femininas. Não só as mesmas técnicas de embelezamento eram utilizadas nesses objetos, mas também as mesmas matérias-primas e, novamente, tanto homens como mulheres poderiam ser enterrados com itens exóticos feitos de coral importado, por exemplo. Alguns desses enterramentos, ainda, como notadamente é o caso das tumbas com carro em Wetwang, revelam que objetos encontrados com mulheres (como a caixa de WS454) poderiam, por vezes, compartilhar inclusive uma estética altamente elaborada, encontrada em objetos provenientes de tumbas masculinas (como as espadas de WS453, WS455 e K3).

Apesar disso, de modo quase paradoxal, essas semelhanças construídas entre tumbas masculinas e femininas com base na cultura material frequentemente sinalizavam também distinções entre os gêneros. Tal constatação, a princípio contraditória, se torna evidente quando cada categoria de artefato encontrado nas covas de Yorkshire passa a ser minuciosamente analisada em seus respectivos contextos de descobertas. Broches, por exemplo, embora ocorram em tumbas variadas, parecem revelar um conjunto de sutis preferências entre homens e mulheres com base em seus tamanhos (e, talvez, seus modelos), embora tais gostos fossem fortemente condicionados e variassem de um vale a outro. Já outros itens, apesar de serem encontrados em tumbas masculinas e femininas, são depositados com frequências distintas, sugerindo novamente um padrão de diferenciação. Esse é particularmente o caso das cerâmicas encontradas. Ainda que presentes juntas a homens e mulheres, elas foram descobertas com maior frequência entre a população feminina. Além disso, tanto a localização das cerâmicas em relação aos corpos dos mortos, como suas concentração em faixas etárias diferentes na população masculina e feminina, são todas evidências de que algumas distinções identitárias de gênero baseadas em atributos sexuais e etários estavam sendo assinaladas em contextos fúnebres. Esse é um dado de grande importância, pois indica que múltiplas noções de masculinidade e feminilidade variavam internamente entre indivíduos do mesmo sexo de acordo com suas idades, contrariamente às visões monolíticas de um “feminino” ou “masculino” estático no tempo-espço, presentes em alguns estudos.

Certas diferenças entre os gêneros são mais visíveis e não se encontram apenas escondidas nos detalhes. A presença de colares e contas em geral, conforme já

mencionada, é um ótimo exemplo disso, mas não o único. Itens como espelhos – embora raros e registrados em números baixos – sugerem uma forte conexão, em Yorkshire, com veículos e pessoas do sexo feminino em idade adulta. Já outros artefatos como lanças aparecem quase exclusivamente associadas a indivíduos adultos do sexo masculino. Embora se trate de um tipo de ocorrência rara, há em alguns casos até mesmo um padrão de *performance* ritual fúnebre diretamente associada a determinados ideais específicos, como ocorre em relação ao ritual de se espetar e perfurar determinadas sepulturas e cadáveres. Embora essas performances estivessem muito provavelmente imbuídas de um poderoso simbolismo religioso-marcial, elas carregavam também valores de gênero idealizados, se manifestando apenas entre alguns indivíduos adultos do sexo masculino. Armas, em geral, estão frequentemente associadas ao gênero masculino, embora, ao que tudo indica, não necessariamente ao sexo masculino em todos os casos. Esse é o caso também em relação a determinados itens de adorno como braceletes cujas ocorrências indicam uma forte conexão com o universo de gênero feminino, embora um caso tenha sido encontrado com um indivíduo do sexo masculino.

Divergências à regra, portanto, existem e é fundamental que sejam reconhecidas e devidamente discutidas, ao invés de ignoradas ou tratadas como meras anomalias sobre as quais não há o que ser escrito. Ao contrário do que alguns poderiam esperar, elas possibilitam explorar, não apenas especificidades e casos particulares, mas a entender o conjunto de achados da região como um todo de maneira mais efetiva, orgânica e complexa. Além disso, as tumbas que divergem das demais em termos da sinalização de gênero abrem possibilidades interpretativas únicas. Elas nos oferecem, ao menos, oportunidades de uma renovação analítica que seja capaz de articular à discussão questões e temáticas frequentemente ignoradas pela historiografia como, por exemplo, a possibilidade de atuações marciais (reais ou simbólicas) por parte de algumas mulheres ou, ainda, a ocorrência de projeções identitárias de gênero contrárias àquelas observadas na maior parte dos casos e contrárias ao padrão esperado para indivíduos de determinado sexo e suas possíveis implicações sociais. Embora o número de enterramentos divergentes seja comparativamente baixo, esses casos auxiliam a separar concepções (anacrônicas) de gênero projetadas na documentação, ajudando-nos a romper com noções de masculinidade e feminilidade, para a Idade do Ferro, cristalizadas.

Os cemitérios encontrados em Yorkshire revelam que durante boa parte da Idade do Ferro Média (séculos V-II a.C.) certas semelhanças e diferenças se faziam presentes em diferentes níveis nas inumações encontradas: em alguns casos de maneira mais nítida, em outros, de modo mais sutil. Há uma relativa flexibilidade de projeções nesse sentido, já que certos elementos identitários de gêneros eram reforçados e/ou diminuídos em diferentes esferas, sejam elas materiais ou performáticas, conforme as necessidades e a pessoa enterrada. Às vezes, essas distintas projeções ocorriam simultaneamente em uma única tumba.

Apesar de sua função primária relacionada ao luto e à forma de se lidar com a perda de alguém próximo, os enterramentos ofereciam, assim, uma valiosa plataforma para um conjunto de aspirações sociais diversas por parte dos vivos. Através deles noções de poder, estatuto social, religiosidade, honra, prestígio, reconhecimento, importância e memória estavam sendo articuladas de modo dinâmico em relação a valores específicos de gênero a partir de determinados atributos físicos, sexuais e etários. Essas projeções não se dão de modo estático e idêntico em todos os casos e, ao contrário, parecem ter variado gradativamente com o passar dos séculos.

Durante a Idade do Ferro Tardia, no final do séc. II a.C. e durante o século I a.C. em diante, muitos desses elementos de proximidade e circulação entre tumbas masculinas e femininas se tornam cada vez mais escassos. Alguns cemitérios, como é o caso visível daqueles encontrados no vale de Great Wolds, revelam um crescente desequilíbrio nesse sentido. Esse é um fenômeno observável não apenas em termos de provisões fúnebres como, também, de sepultamentos como um todo. Enterramentos de tipo-B, por exemplo, associados a tal cronologia mais tardia revelam uma forte assimetria de gênero. A quantidade de homens enterrados passa a ser o dobro da de mulheres e existe uma alta incidência, particularmente, de enterramentos de indivíduos adultos em idades mais jovens, com menos de 25 anos. Embora alguns pontos em comum ainda se manifestem, como o fato das ossadas de porcos de mesmo tipo continuarem a ser depositadas em tumbas de mulheres e homens, uma sistemática diferenciação entre os gêneros começa a ser sinalizada cada vez mais nitidamente em muitos enterramentos desse tipo. Ferramentas e itens de metalurgia são exclusivamente encontrados em tumbas masculinas, em vários casos, associados a armas. Já tumbas femininas revelam um tipo de objeto até então não encontrado nas demais modalidades

de sepulturas: discos de fusos de tear. Há, portanto, um crescente esforço de sinalização de determinadas associações biográficas e materiais, que se torna cada vez mais recorrente. Nessa lógica, mulheres, passam a ser encontradas com ferramentas de tecelagem e homens, com equipamentos metalúrgicos e armas. A impressão geral é, portanto, a de uma estrutura que se torna mais rígida. Exceções, contudo, existem como é o caso do enterramento de R163 onde muito provavelmente uma mulher foi enterrada com um escudo e espada de modo idêntico aos demais homens encontrados nesse tipo de enterramento. Mas essa exceção parece confirmar a regra de que categorias de gênero estavam começando a ser operacionalizadas a partir de critérios mais bipolares, deixando menos margem para que elementos “neutros” ou do gênero oposto circulassem entre indivíduos com identidades distintas.

Curiosamente, a Idade do Ferro Tardia nas Ilhas Britânicas é caracterizada por um período de fortes mudanças sociais. Em Yorkshire essas alterações se fazem sentir não apenas nos ritos fúnebres, mas também na própria organização de muitos assentamentos e das relações construídas e projetadas através da paisagem habitada. Elas indicam um período de graduais – porém significativas – diferenças entre gerações em relação ao modo de viver (e de morrer). Não há um consenso historiográfico a respeito da causa de tais mudanças e o mais provável é que elas tenham evoluído como respostas a eventos de natureza multicausais. Alguns desses fatores poderiam incluir, por exemplo, um desestabilizador crescimento populacional, aumento de pressões sociais e de competitividade, mudanças nas concepções cosmológicas que orientam a vida (e a morte), desequilíbrios da vida rural alavancados por motivos sociais e/ou por fenômenos naturais (pragas, erosão, desgaste do solo, mudanças climáticas, efeitos colaterais relacionados ao desmatamento de determinadas áreas). Essas mudanças podem estar ainda relacionadas a transformações macrorregionais de diferentes partes do Atlântico, do Mar do Norte e, como um todo, da Europa, possivelmente vinculadas à desestabilização de antigas redes de contato/solidariedade/troca/aliança, o aumento de conflitos inter- e intra- regionais e, em especial, um conjunto de transformações sociais acarretadas (ou maximizadas) pelos projetos de expansão territorial romana. Todas essas são possibilidades válidas para explicar o conjunto de mudanças testemunhadas arqueologicamente em diferentes regiões das Ilhas Britânicas durante o século I a.C. em diante e, possivelmente, todos esses fatores estivessem, em um nível ou outro, interligados.

Acredito, assim, que essas mudanças tenham sido sentidas não apenas na paisagem ou na configuração e uso dos cemitérios, mas também em como identidades eram construídas. A total ausência de crianças em enterramentos de tipo-B nos cemitérios da região e a tendência de se enterrar subadultos cada vez mais em habitações domésticas em contextos tardios; a assimetria numérica (etária e sexual) entre a população masculina e feminina; a bipolarização da sinalização de gênero relacionada a funções específicas (como a metalurgia e a tecelagem) são todos fatores que atestam um conjunto de transformações sociais em termos dos tratamentos direcionados ao mortos. Mais ainda, revelam também atitudes relativamente distintas (intensificadas ou enrijecidas com o tempo) em relação ao modo como identidades eram construídas e projetadas. Ideais de gênero mudam com o tempo e é provável que essas mudanças tenham ocorrido como parte das transformações sociais observadas em diferentes níveis em cronologias mais tardias. Esse é mais um lembrete de que construções, valores e atributos identitários (como os de gênero) podem variar, não apenas em relação a outras populações, mas, ainda, no interior de uma mesma comunidade ao longo dos séculos.

As descobertas recentes de novas tumbas como as de Knapton Wold e Nunburnholme, ou de novos extensos cemitérios como Pocklington oferecem uma perspectiva animadora para os estudos da Idade do Ferro na região. Yorkshire possui um potencial analítico inigualável nas Ilhas Britânicas. Resta-nos esperar que subseqüentes análises técnicas e o aumento de investigações científicas, como as realizadas com base em datações de carbono ou isótopos estáveis, possam vir a gerar novos dados relevantes, confirmando e reforçando padrões já observados, ou direcionando luz a aspectos até então ignorados. Ainda que (financeiramente) custosa, a aplicação de análises de DNA para o estabelecimento do sexo de determinadas ossadas pode se mostrar também de grande importância e uma valiosa aliada no futuro, em especial, se realizada em casos de contraindicação ou divergência. Seu potencial técnico pode-nos auxiliar a enriquecer nosso conhecimento histórico de modo exponencial, ajudando a precisar determinadas associações entre materiais e indivíduos e, ainda, entre as pessoas enterradas nesses cemitérios. Infelizmente, no entanto, essa é uma possibilidade ainda em aberto e que não foi realizada para o material da região. Muitos sítios, inclusive como Wetwang Slack – escavado há mais de três décadas –, aguardam

mesmo uma publicação formal de seu conteúdo, restringindo significativamente o número de pesquisas realizadas a seu respeito.

Apesar de tudo, contrário a todas as adversidades (físicas, orçamentárias e temporais), um significativo material de estudo a respeito desses enterramentos foi acumulado com o passar do tempo. Isso só foi possível a partir de uma série de trabalhos variados que foram redigidos sucessivamente ao longo dos anos, criando um importante repositório acumulativo de novas escavações (como as realizadas por Brewster, Dent, Stead, Fenton-Thomas) e de novos trabalhos interpretativos. Ainda que muito dos vestígios esqueléticos e dos artefatos tenha se perdido ao longo dos últimos 200 anos, não fossem os esforços hercúleos por parte de alguns antiquários como o *canon* William Greenwell e John Robert Mortimer, o campo de pesquisas estaria, hoje, muito mais restrito (ou, ao menos, significativamente mais atrasado). Mortimer chegou a escrever uma *memoir* de sua juventude, que posteriormente foi publicada em um volume editado por Hicks (1978), na qual uma lembrança em particular parece particularmente relevante aqui:

“Naquele tempo, o estudo da arqueologia era uma ocorrência rara e, nos distritos rurais, sua busca era considerada como indício certo de uma mente fraca. Alguns anos antes do tempo ao qual me refiro, o Sr. Barnard Clarkson, de Holme on Spalding Moor (e que por volta de 1829 passou a morar em Kirkham Abbey), era um ávido colecionador de itens antiquários. Esse fato era considerado pelos vizinhos como um forte sintoma de um intelecto fraco e sempre que alguém fazia alguma ação boba, a palavra de ordem era: - Você é tão ingênuo (tolo) quanto Barnard Clarkson” (MORTIMER, 1978, p. 26).

Felizmente, a despeito de algumas opiniões alheias, Mortimer e muitos outros “primeiros arqueólogos” resolveram ser tão “tolos” quanto o velho Barnard Clarkson. Para nossa sorte, inclusive, eles não foram os únicos: gerações e mais gerações futuras de trabalhos arqueológicos garantiram que, hoje, tenhamos conhecimento suficiente a respeito de mais de mil inumações, como atestam o banco de dados e o Catálogo desta pesquisa. Nesse ínterim, diferentes ideias foram oferecidas, testadas, rejeitadas e revisitadas; variados temas e questões levantadas. O fato de que em pleno século XXI

uma tese brasileira possa ser redigida a respeito de uma temática vinculada à Idade do Ferro bretã é apenas mais uma prova do (necessário) constante processo de diversificação, renovação e enriquecimento historiográfico que testemunhamos nos dias atuais. Apesar de que os contextos não possam ser mais distintos entre a vida atual nas grandes metrópoles brasileiras e aquela da infância de Mortimer no interior da Inglaterra oitocentista, a observação quanto a alguns dos desafios postos em teste por parte daqueles que desejam estudar o passado ainda se mostra relevante em plena contemporaneidade. Em um mundo marcado por incertezas políticas e econômicas, crises financeiras (regionais, nacionais e globais) e onde cortes sistemáticos à educação e ao estudo das Humanidades, sobretudo a áreas como a História e a Arqueologia, ocorrem em diferentes universidades (públicas e privadas) ao redor do mundo, talvez mais do que nunca esse “ingênuo” esforço de persistência seja necessário.

Um conjunto de artefatos enferrujados, ossos corroídos e estruturas fúnebres construídas há mais de dois mil anos em uma região norte das Ilhas Britânicas, embora pareçam ser matérias-primas improváveis, oferecem-nos um frutífero começo. Apesar dos inúmeros desafios impostos pela natureza do material investigado, ele, curiosamente, se mostra extremamente relevante aos dias atuais – mesmo para aqueles que habitam uma metrópole tropical sul-americana. Os enterramentos da Idade do Ferro em Yorkshire servem-nos, por um lado, como um lembrete a respeito da fragilidade da condição humana e do destino final que inevitavelmente será compartilhado por todos: a morte. Mas não apenas isso. Se vistas em conjunto, essas tumbas nos oferecem testemunhos também sobre a vida. Sobre vontades, ideais, medos, valores, habilidades, sentimentos, destrezas e aspirações. Elas nos revelam um esforço de conexão, construção e pertencimento a algo que transcende o individual: um vínculo erigido entre determinadas biografias e trajetórias de vida, construindo um saber e narrativa que ordena o universo e a vida em um momento de perda; um vínculo entre indivíduos, famílias, grupos e gerações ao longo dos anos, em uma paisagem ancestral milenar.

O que torna o estudo de tais enterramentos tão relevante e, ao mesmo tempo, desafiador para os dias atuais é que eles nos oferecem uma arena para testar nossas próprias capacidades intelectuais em um esforço que não deixa de ser autorreflexivo. Os mortos nos oferecem, assim, indícios e pistas das mais variadas sobre um conjunto de construções identitárias e sociais do passado. Os sentidos e as narrativas elaboradas a

partir daí cabem a nós construirmos. Embora a morte biológica tenha sempre a mesma compleição de inércia e inevitabilidade, a morte social é o seu oposto: diversa e dinâmica. As várias faces da morte (e da vida, por que não?) podem ser tão diversas e complexas quanto nossos intelectos permitirem.

Referências bibliográficas

Documentação

1. BREWSTER, T. C. M. The Garton Slack chariot burial, East Yorkshire. **Antiquity**, 45, 1971: 289-292.
2. BREWSTER, T.C.M. Garton Slack. **Current Archaeology** 51, 1975: 104-16.
3. DENT, J. S. Cemeteries and Settlement Patterns of the Iron Age on the Yorkshire Wolds. **Proceedings of the Prehistoric Society**, v. 48, p. 437-457, 1982.
4. DENT, J. S. A summary of the excavations carried out in Garton Slack and Wetwang Slack 1964-1980. **East Riding Archaeologist**, 7, 1983a: 1-14.
5. DENT, J. S. **Wetwang Slack: an Iron Age cemetery on the Yorkshire Wolds**. M.A. Thesis—Sheffield: University of Sheffield, 1984.
6. DENT, J. S. Three cart burials from Wetwang, Yorkshire. **Antiquity**, 59 (226), 1985: 85-92.
7. GREENWELL, W. **British Barrows: a record of the examination of sepulchral mounds in various parts of England**. Oxford: Clarendon Press, 1877.
8. GREENWELL, W. Early Iron Age Burials in Yorkshire. **Archaeologia**, 60, Jan, 1906: 251-324.
9. GREENWELL, W. On the inhabitants of Yorkshire in Pre-Roman times. **Proceedings of the Geological and Polytechnic Society of the West Riding of Yorkshire**, 4, 1859-68: 512-545.
10. HALKON, P.; LILLIE, M.; LYALL, J. **The Archaeology of Nunburnholme Wold, an Interim Report, 2014**. Hull: Nunburnholme Community Heritage Project, 2014.
11. HALKON, P.; LILLIE, M.; LYALL, J. **The Archaeology of Nunburnholme Wold, an Interim Report, 2015**. Hull: Nunburnholme Community Heritage Project, 2015.
12. HALKON, P.; LYALL, J. **The Archaeology of Nunburnholme Wold, an Interim Report, 2016**. Hull: Nunburnholme Community Heritage Project, 2016.
13. JAY, M.; HASELGROVE, C.; HAMILTON, D.; HILL, J.D.; DENT, J. Chariots and context: New radiocarbon dates from Wetwang and the chronology of Iron Age Burials and Brooches in East Yorkshire. **Oxford Journal of Archaeology**, 31(2), 2012: 161-189.
14. JEWITT, L. F.; COX, J.C.; ALLEN, J. R. Discovery of Interments of the Early Iron Age at Danes' Graves, near Driffield, Yorkshire. **Reliquary and Illustrated Archaeologist**, 3, Oct, 1897: 224-30.
15. KIRK, J. L. Opening of a Tumulus near Pickering. **Yorkshire Philosophical Society Report**, 1911: 62.
16. MAULE COLE, E. Notes on Driffield and Market Weighton from Stanwick. **Proceedings of the Yorkshire Geological and Polytechnic Society**, xi, 1889:170-175.
17. MAULE COLE, E. Notes on Tumuli on the Wolds, East Riding of Yorkshire. **Antiquary**, 39, Sept., 1903: 261-264.
18. MORTIMER, J. A. A notice of opening of Calais Wold Barrow, on Bishop Wilton Wold, in the East Riding of Yorkshire. **Reliquary**, 6, April, 1866: 185-190.
19. MORTIMER, J. A. A summary on what's known of the so-called "Dane's Graves" near Driffield. **Proceedings of the Yorkshire Geological and Polytechnic Society**, 13, 1897:286-298.
20. MORTIMER, J. A. An account of the opening of a Celtic Tumulus near Fimber, Yorkshire. **Reliquary**, 9, Oct., 1868: 65-69.
21. MORTIMER, J. A. **Forty Years' Researches in British and Saxon Burial Mounds of East Yorkshire**. London: A. Browns & Sons, 1905.
22. MORTIMER, J. A. Pre-History of the village of Fimber: part II. **Proceedings of the Yorkshire Geological and Polytechnic Society**, 11, 1890:445-457.
23. SHEPPARD, T. Notes on the Antiquities of Brough, East Yorkshire. **Antiquary**, 38, Apr., 1902: 103-107.

24. STEAD, I. M. Appendix I: Cart-burials: Yorkshire. In: STEAD, I. M. **The La Tène Cultures of Eastern Yorkshire**. York: The Yorkshire Philosophical Society, 1965, pp. 89-96.
25. STEAD, I. M. **Iron Age Cemeteries in East Yorkshire. Excavations at Burton Fleming, Rudston, Garton-on-the-Wolds, and Kirkburn**. London: English Heritage, 1991.
26. STEAD, I. M. A chariot burial on Pexton Moor, North Riding. **Antiquity**, 33, 1959: 214-216.
27. STEAD, I. M. Appendix: La Tène burials in Eastern Yorkshire. In: STEAD, I. M. **The Arras Culture**. York: The Yorkshire Philosophical Society, 1979, pp. 97-103.
28. STILLINGFLEET, E. W. Account of opening of some barrows on the Wolds of Yorkshire. **Proceedings of the Archaeological Institute**, York, 1846: 26-32.

Principais Instituições Museológicas Consultadas

1. Hull and East Riding Museum
2. British Museum
3. Yorkshire Museum
4. Jewry Wall Museum
5. Ashmolean Museum
6. Beverley's Treasure House

Demais Referências Bibliográficas (Instrumentais e Específicas)

1. ADAMS, S. A. **The First Brooches in Britain: from Manufacture to Deposition in the Early and Middle Iron Age**. Ph.D. Thesis—Leicester: University of Leicester, 2013.
2. AGARWAL, A. et al. Scurvy in pediatric age group – A disease often forgotten? **Journal of Clinical Orthopaedics and Trauma**, v. 6, n. 2, p. 101–107, jun. 2015.
3. AITKEN, G. M.; AITKEN, G. N. Excavations at Whitcombe, 1965–1967. **Proceedings of the Dorset Natural History and Archaeological Society**, v. 112, p. 59–94, 1990.
4. ALBARELLA, U. The End of the Sheep: People and Animals in the Late Iron Age. In: HASELGROVE, C.; MOORE, T. (Eds.). **The later Iron Age in Britain and Beyond**. Oxford: Oxbow Books, 2007. p. 389–402.
5. ALDHOUSE-GREEN, M. J. **Symbol and image in Celtic religious art**. London; New York: Routledge, 1989.
6. ALDHOUSE-GREEN, M. J. **The Celtic world**. London; New York: Routledge, 1996a.
7. ALDHOUSE-GREEN, M. J. **Celtic art: reading the messages**. London: Weidenfeld & Nicolson, 1996b.
8. ALDHOUSE-GREEN, M. J. **Celtic art: Symbols & Imagery**. New York: Sterling Pub. Co, 1997.

9. ALDHOUSE-GREEN, M. J. **Animals in Celtic life and myth**. London; New York: Routledge, 2002.
10. ALDHOUSE-GREEN, M. J. **An archaeology of images: iconology and cosmology in Iron Age and Roman Europe**. London; New York: Routledge, 2004.
11. ALDHOUSE-GREEN, M. J. **Boudica Britannia: rebel, war-leader and queen**. Harlow: Pearson Longman, 2006.
12. ALDHOUSE-GREEN, M. J. **Exploring the World of the Druids**. New York: Thames and Hudson, 2010.
13. ALEKSHIN, V. A. Burial Customs as an Archaeological Source [and Comments]. **Current Anthropology**, v. 24, n. 2, p. 137–149, 1983.
14. ALVES, C. et al. Técnica cerâmica pré-histórica: a relação argila-antiplástico no sítio Aldeia da Queimada Nova (PI). **Clio – Arqueológica**, v. 10, p. 47–59, 1994.
15. AMADIUME, I. **Male daughters, female husbands: gender and sex in an African society**. London ; Atlantic Highlands, N.J: Zed Books, 2015.
16. AMIM, M. **Mabinogion: O Maravilhoso e o Utopico na Construção da Identidade Galesa**. Tese de Doutorado—Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006a.
17. AMIM, M. Breves considerações sobre o Feminino Celta: entre a Mulher Sol e a Mãe de Deus. **Revista Garrafa**, v. 4, n. 09, p. 1–6, 2006b.
18. ANSCHUETZ, K. F.; WILSHUSEN, R. H.; SCHEICK, C. L. An archaeology of landscapes: perspectives and directions. **Journal of archaeological research**, v. 9, n. 2, p. 157–211, 2001.
19. ANTHOONS, G. **Migration and elite networks as modes of cultural exchange in Iron Age Europe: a case study of contacts between the continent and the Arras culture**. Ph.D. Thesis—Bangor: Bangor University, 2011.
20. ANTHOONS, G. What’s cooler: wearing your sword on your back or at the waist? **East Riding Archaeological Society News**, v. 77, p. 6–8, 2012.
21. ARIÈS, P. **Historia social da criança e da família**. São Paulo: Zahar Editores, 1981.
22. ARMIT, I. et al. Death, Decapitation and Display? The Bronze and Iron Age Human Remains from the Sculptor’s Cave, Covesea, North-east Scotland. **Proceedings of the Prehistoric Society**, v. 77, p. 251–278, jan. 2011.
23. ARMIT, I. Headhunting and Social Power in Iron Age Europe. In: MOORE, T.; ARMADA, X.-L. (Eds.). . **Atlantic Europe in the First Millennium BC**. Oxford: Oxford University Press, 2012. p. 590–607.
24. ARNOLD, B. “Honorary Males” or Women of Substance? Gender, Status, and Power in Iron-Age Europe. **Journal of European Archaeology**, v. 3, n. 2, p. 153–168, 1995.
25. ARNOLD, B. The limits of agency in the analysis of elite Iron Age Celtic burials. **Journal of Social Archaeology**, v. 1, n. 2, p. 210–224, 2001.
26. ARNOLD, B. Gender and archaeological mortuary analysis. In: NELSON, S. M. (Ed.). . **Handbook of gender in archaeology**. Oxford: AltaMira Press, 2006. p. 137–170.
27. ARNOLD, B. Memory maps: The mnemonics of Central European Iron Age burial mounds. In: LILLIOS, K. T.; TSAMIS, V. (Eds.). . **Material Mnemonics: Everyday Memory in Prehistoric Europe**. Oxford: Oxbow Books, 2010. p. 147–173.

28. ASHBY, S. P. Technologies of Appearance: Hair Behaviour in Early Medieval Europe. **Archaeological Journal**, v. 171, n. 1, p. 151–184, 2014.
29. ASHMORE, W.; KNAPP, A. B. (EDS.). **Archaeologies of landscape: contemporary perspectives**. Malden: Blackwell, 1999.
30. ASPÖCK, E. What Actually is a ‘Deviant Burial’? Comparing German-Language and Anglophone Research on ‘Deviant Burials’. In: MURPHY, E. M. (Ed.). . **Deviant burial in the archaeological record**. Studies in funerary archaeology. Oxford: Oxbow, 2008. p. 17–34.
31. ATHA, M. **Late iron age regionality and early Roman trajectories (100BC-AD200): a landscape perspective from eastern Yorkshire**. Ph.D. Thesis—York: University of York, 2007.
32. ATHA, M.; ROSKAMS, S. Prehistoric and Roman Transitions at Wharram Percy. In: WRATHMELL, S. (Ed.). . **A History of Wharram Percy and its Neighbours**. York: University of York Archaeological Publications, 2012. p. 63–82.
33. AUTRY, R. The political economy of memory: the challenges of representing national conflict at ‘identity-driven’ museums. **Theory and Society**, v. 42, n. 1, p. 57–80, jan. 2013.
34. BABIĆ, S. Identity, Integration, Power Relations and the Study of the European Iron Age: Implications from Serbia. In: POPA, C. N.; STODDART, S. (Eds.). . **Fingerprinting the Iron Age approaches to identity in the European Iron Age: integrating South-Eastern Europe into the debate**. Oxford: Oxbow Books, 2014. p. 283–290.
35. BALLARD, S. Warriors and Weavers: Constructing British Iron Age Identities in Museums. In: HAMILTON, S.; WHITEHOUSE, R.; WRIGHT, K. (Eds.). . **Archaeology and Women**. New York: Taylor & Francis, 2007. p. 167–182.
36. BARRETT, J. C. **Fragments from antiquity: an archaeology of social life in Britain, 2900-1200 BC**. Oxford, UK ; Cambridge, Mass., USA: B. Blackwell, 1994.
37. BARRETT, J. C. The Mythical Landscapes of the British Iron Age. In: ASHMORE, W.; KNAPP, A. B. (Eds.). . **Archaeologies of landscape: contemporary perspectives**. Social archaeology. Malden: Blackwell, 1999. p. 253–265.
38. BARRETT, J. C. Chronologies of landscape. In: UCKO, P. J.; LAYTON, R. (Eds.). . **The archaeology and anthropology of landscape: shaping your landscape**. London: Routledge, 2003. v. One world archaeology. 21–30.
39. BARROS, J. D’ASSUNÇÃO. **O campo da história: especialidades e abordagens**. Petrópolis: Vozes, 2004.
40. BARROS, J. D’ASSUNÇÃO. História da Cultura Material: Notas sobre um campo histórico em suas relações intradisciplinares e interdisciplinares. **Patrimoniuss**, p. 1–17, 2009.
41. BARTRA, R. **Antropología del cerebro: conciencia, cultura y libre albedrío**. Ciudad del México: [s.n.].
42. BATES, A.; JONES, G.; ORTON, D. C. Animal bone from the Ferry Fryston chariot burial. In: BROWN, F.; ALLEN, C.; OXFORD ARCHAEOLOGY NORTH (Eds.). . **The archaeology of the A1 (M): Darrington to Dishforth DBFO road scheme**. Lancaster imprints. Lancaster: Oxford Archaeology North, 2007. p. 148–150.
43. BAXTER, J. E. **The Archaeology of Childhood: Children, Gender, and Material Culture**. Lanham: AltaMira Press, 2005.
44. BAXTER, J. E. The Archaeology of Childhood. **Annual Review of Anthropology**, v. 37, n. 1, p. 159–175, out. 2008.

45. BEALL, A.; JOSEPH, A. Buried Iron Age fighter “speared like a hedgehog” found in newly-unearthed 2,500-year-old “migrant camp” in east Yorkshire. **Mail Online**, 17 mar. 2016.
46. BECK, C.; SHENNAN, S. **Amber in prehistoric Britain**. Oxford: Oxbow, 1991.
47. BELARD, C. Les ceintures de l’âge du Fer en Champagne: genre et archéologie. **Clio. Histoire, femmes et sociétés**, v. 36, p. 183–190, 2012.
48. BELARD, C. **Les femmes en Champagne pendant l’âge du Fer (dernier tiers VIe- IIIe siècle av. J.-C.) et la notion de genre en archéologie funéraire**. (Tese de Doutorado)—Paris: Ecole Pratique des Hautes Etudes, 2014.
49. BELL, C. **Ritual Theory, Ritual Practice**. Oxford: Oxford University Press, 1992.
50. BENDER, B. Place and Landscape. In: TILLEY, C. Y. et al. (Eds.). . **Handbook of Material Culture**. London: SAGE Publications Ltd, 2006. p. 303–314.
51. BETTEY, J. H. The Cerne Abbas Giant: the documentary evidence. **Antiquity**, v. 55, n. 214, p. 118–119, 1981.
52. BEVAN, B. Bounding the Landscape: Place and Identity during the Yorkshire Wolds Iron Age. In: GWILT, A.; HASELGROVE, C. (Eds.). . **Reconstructing Iron Age societies: new approaches to the British Iron Age**. Oxford: Oxbow, 1997. p. 181–191.
53. BIDEAU, A.; DESJARDINS, B.; PÉREZ BRIGNOLI, H. **Infant and child mortality in the past**. Oxford; New York: Clarendon Press ; Oxford University Press, 1997.
54. BOLGER, A. **Aboriginal women and violence: a report for the Criminology Research Council and the Northern Territory Commissioner of Police**. Darwin: Australian National University, North Australia Research Unit, 1991.
55. BONATO, V. V. B. **Hipoplasia dental : revisão de literatura**. Porto Alegre: UFRGS, 2010.
56. BONNEY, E. M. From Performing Death to Venerating the Ancestors at Lebena Yerokambos, Crete. In: DAKOURI-HILD, A.; BOYD, M. J. (Eds.). . **Staging Death Funerary Performance, Architecture and Landscape in the Aegean**. Berlin, Boston: De Gruyter, 2016. p. 275–296.
57. BOOTH, T. J.; MADGWICK, R. New evidence for diverse secondary burial practices in Iron Age Britain: A histological case study. **Journal of Archaeological Science**, v. 67, p. 14–24, 2016.
58. BOUISSAC, P. Space and Time as Cultural Artifacts: Blackpool as Heterotopy and Heterochrony. In: GHEORGHIU, D.; NASH, G. (Eds.). . **Place as Material Culture: Objects, Geographies and the Construction of Time**. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, 2013. p. 55–64.
59. BOYLE, A. The Ferrybridge Chariot. **Current Archaeology**, v. 191, p. 481–485, 2004.
60. BOYLSTON, A. E. Evidence for weapon-related trauma in British archaeological samples. In: COX, M.; MAYS, S. (Eds.). . **Human Osteology in Archaeology and Forensic Science**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. p. 357–380.
61. BRADLEY, R. The destruction of wealth in later prehistory. **Man**, v. 17, p. 108–122, 1982.
62. BRADLEY, R. **The prehistory of Britain and Ireland**. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 2007.
63. BRAILSFORD, J. W. Problems of Iron Age Pottery: An Introduction to a Discussion. In: FRERE, S. S. (Ed.). . **Problems of the Iron Age in Southern Britain: Papers given at a CBA**

- conference held at the Institute of Archaeology December 12 to 14 1958.** London: University of London, 1961. p. 93–96.
64. BREWSTER, T. C. M. The Garton Slack chariot burial, East Yorkshire. **Antiquity**, v. 45, n. 180, p. 289–292, 1971.
 65. BREWSTER, T. C. M. Garton Slack. **Current Archaeology**, v. 51, p. 104–116, 1976.
 66. BREWSTER, T. C. M. **The excavation of Garton & Wetwang Slacks.** Malton: East Riding Archaeological Research Committee, 1980.
 67. BRITISH MUSEUM. **Wetwang Village: J. D. Hill's preliminary report on the excavation of an Iron Age Chariot in Wetwang Village, East Yorkshire.** London: [s.n.]. Disponível em: <www.britishmuseum.org>.
 68. BRODERICK, G. The Genesis of Recent Research into Celtic Studies and the Third Reich. **Celtic Studies and the Third Reich**, 2015.
 69. BROWN, F. et al. **The archaeology of the A1 (M): Darrington to Dishforth DBFO road scheme.** Lancaster: Oxford Archaeology North, 2007.
 70. BRÜCK, J. Fragmentation, Personhood and the Social Construction of Technology in Middle and Late Bronze Age Britain. **Cambridge Archaeological Journal**, v. 16, n. 03, p. 297–315, out. 2006.
 71. BRÜCK, J. Gender and Personhood in the European Bronze Age. (Aging Well: Treherne's 'Warrior's Beauty' Two Decades Later). **European Journal of Archaeology**, v. 20, n. 01, p. 37–40, fev. 2017.
 72. BRUNAUX, J.-L. **The Celtic Gauls: gods, rites, and sanctuaries.** London: Seaby, 1988.
 73. BRUNAUX, J.-L. **Les Gaulois.** Paris: Belles lettres, 2005.
 74. BRYANT, S. Central places or special places? The origins and development of "oppida" in Hertfordshire. In: HASELGROVE, C.; MOORE, T. (Eds.). . **The later Iron Age in Britain and Beyond.** Oxford: Oxbow Books, 2007. p. 62–80.
 75. BUCKBERRY, J. Off With Their Heads: In: MURPHY, E. M. (Ed.). . **Deviant Burial in the Archaeological Record.** Oxford: Oxbow Books, 2008. v. 2p. 148–168.
 76. BURBANK, V. K. **Fighting women: anger and aggression in Aboriginal Australia.** Berkeley: University of California Press, 1994.
 77. BUSH, M. B. An 11400 year paleoecological history of a British chalk grassland. **Journal of Vegetation Science**, v. 4, n. 1, p. 47–66, fev. 1993.
 78. BUTLER, B. Heritage and the Present Past. In: TILLEY, C. Y. et al. (Eds.). . **Handbook of Material Culture.** London: SAGE Publications Ltd, 2006. p. 463–479.
 79. BUTLER, H. Birth, Looms and Irish Queens: The Power and Influence of Iron Age Women. **Keltische Forschungen**, v. 3, p. 17–31, 2008.
 80. BUTLER, H. Community and the 'princess' of Vix: a reinterpretation of the Late Hallstatt tumuli. **Studia Celtica**, v. 43, p. 37–52, 2009.
 81. BUTLER, J. **Gender trouble: feminism and the subversion of identity.** New York e London: Routledge, 2011.
 82. BYRNE, D. **Interpreting quantitative data.** London: Sage, 2003.

83. CAESAR, G. I. **Caesar:: in three volumes. 1: The Gallic War**. Tradução Henry J. Edwards. Cambridge, Mass.: Harvard Univ. Press, 2004.
84. CAFFELL, A.; HOLST, M. Osteological Analysis. In: FENTON-THOMAS, C. (Ed.). . **Where sky and Yorkshire and water meet: the story of the Melton landscape from prehistory to the present**. York: On-Site Archaeology Ltd., 2011. p. 498–562.
85. CARTER, S. et al. A 5th Century bc Iron Age Chariot Burial from Newbridge, Edinburgh. **Proceedings of the Prehistoric Society**, v. 76, p. 31–74, 2010.
86. CARTER, S.; HUNTER, F. An Iron Age chariot burial from Scotland. **Antiquity**, v. 77, n. 297, p. 531–535, 2003.
87. CERTEAU, M. DE. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.
88. CHADWICK, A. **Fields for Discourse: Landscape and Materialities of Being in South and West Yorkshire and Nottinghamshire during the Iron Age and Romano-British Periods. A Study of People and Place**. Ph.D. Thesis—Newport: University of Wales, 2008.
89. CHADWICK, A. **The Iron Age and Romano-British Periods in West Yorkshire. Research Agenda**. Wakefield: West Yorkshire Archaeology Advisory Service, 2009.
90. CHADWICK, N. K. **The Celts**. London: Penguin, 1997.
91. CHAMPION, T. Power, politics and status. In: ALDHOUSE-GREEN, M. J. (Ed.). . **The Celtic world**. London; New York: Routledge, 1996. p. 85–94.
92. CHÁNETON, J. **Género, poder y discursos sociales**. Buenos Aires: Eudeba, 2007.
93. CHAPMAN, J. Tension at funerals: social practices and the subversion of community structure in later Hungarian prehistory. In: ROBB, J. E.; DOBRES, M.-A. (Eds.). . **Agency in archaeology**. London: Routledge, 2014. p. 165–195.
94. CHAPMAN, M. K. **The Celts: the construction of a myth**. Basingstoke: Macmillan, 1992.
95. CHERICI, P. **Celtic sexuality**. London: Duckworth, 1996.
96. CHERRYSON, A. K. Normal, Deviant and Atypical: In: MURPHY, E. M. (Ed.). . **Deviant Burial in the Archaeological Record**. Oxford: Oxbow Books, 2008. v. 2p. 115–130.
97. CHILDE, V. G. **The Danube in Prehistory**. Oxford: Clarendon Press, 1929.
98. CHITTOCK, H. Technical Weakness or Cultural Strength? Shapeless Jars in Iron Age East Yorkshire. In: ERSKINE, G. J. R. et al. (Eds.). . **Proceedings of the 17th Iron Age Research Student Symposium, Edinburgh, 29th May-1st June 2014**. Access archaeology. Oxford: Archaeopress Publishing Ltd, 2016. p. 28–35.
99. CHOSSENOT, D.; NEISS, R.; SAUGET, J.-. -. Fouille de sauvetage d’une nécropole de La Tène 1 à Vriigny (Marne). In: KRUTA, V. (Ed.). . **L’Âge du Fer en France septentrionale**. Reims: Société Archéologique Champenoise, 1981. p. 131–150.
100. CLARUS, I. **Keltische Mythen: der Mensch und seine Anderswelt**. Olten: Walter, 1991.
101. COHEN, A. Introduction: Childhood between Past and Present. **Hesperia Supplements**, v. 41, p. 1–22, 2007.
102. COLES, B. Anthropomorphic Wooden Figures from Britain and Ireland. **Proceedings of the Prehistoric Society**, v. 56, p. 315–333, 1990.
103. COLLINGWOOD, R. G. **A Ideia de História**. Lisboa: Editorial Presença, 2001.

104. COLLIS, J. Reconstructing Iron Age society. In: KRISTIANSEN, K.; JENSEN, J. (Eds.). . **Europe in the first millennium BC**. Sheffield archaeological monographs. Sheffield: J. R. Collis Publications, 1994. p. 31–39.
105. COLLIS, J. Across the Great Divide. In: CHAMPION, T.; COLLIS, J. (Eds.). . **The Iron Age in Britain and Ireland: recent trends**. Sheffield: J. R. Collis Publications, 1996. p. 1–4.
106. COLLIS, J. Coral, Amber and Cockle Shells: Trade in the Middle La Tène Period. **PAST, The Newsletter of the Prehistoric Society**, n. 38, p. 3–4., 2001.
107. COLLIS, J. **The Celts: origins, myths & inventions**. Stroud: Tempus, 2003.
108. COLLIS, J. ‘Reconstructing Iron Age Society’ Revisited. In: MOORE, T.; ARMADA, X.-L. (Eds.). . **Atlantic Europe in the First Millennium BC**. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 223–241.
109. CONDREN, M. **The serpent and the goddess: women, religion, and power in Celtic Ireland**. Dublin: New Island, 2002.
110. CONNERTON, P. **How societies remember**. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
111. COŞKUNSU, G. **Archaeology of Childhood: Interdisciplinary Perspectives on an Archaeological Enigma**. New York: State University of New York Press, 2016a.
112. COŞKUNSU, G. Introduction: Children as Archaeological Enigma. In: COŞKUNSU, G. (Ed.). . **Archaeology of Childhood: Interdisciplinary Perspectives on an Archaeological Enigma**. New York: State University of New York Press, 2016b. p. 1–18.
113. CROCE, B. **A história : pensamento e ação**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1962.
114. CROWFOOT, E. The Textiles. In: STEAD, I. M. (Ed.). . **Iron Age cemeteries in East Yorkshire: excavations at Burton Fleming, Rudston, Garton-on-the-Wolds, and Kirkburn**. London: British Museum Press, 1991. p. 119–125.
115. CUNLIFFE, B. **The ancient Celts**. Oxford; New York: Oxford University Press, 1997.
116. CUNLIFFE, B. **The Oxford illustrated prehistory of Europe**. Oxford: Oxford University Press, 2001.
117. CUNLIFFE, B. **The Celts: a very short introduction**. Oxford; New York: Oxford University Press, 2003.
118. CUNLIFFE, B. **Iron Age Britain**. London: Batsford, 2004.
119. CUNLIFFE, B. **Iron Age communities in Britain: an account of England, Scotland and Wales from the seventh century BC until the Roman conquest**. London; New York: Routledge, 2005.
120. CUNLIFFE, B. Looking forward: maritime contacts in the first millennium BC. In: CLARK, P. (Ed.). . **Bronze Age connections: cultural contact in prehistoric Europe**. Oxford: Oxbow Books, 2009. p. 80–93.
121. CUNLIFFE, B. **Druids: a very short introduction**. Oxford; New York: Oxford University Press, 2010.
122. CUNLIFFE, B. **Britain Begins**. Oxford: Oxford University Press, 2013.
123. CUNLIFFE, B.; KOCH, J. T. **Celtic from the West: alternative perspectives from archaeology, genetics, language and literature**. Oxford: Oxbow, 2012.

- 124.DARVILL, T. **The concise Oxford dictionary of archaeology**. 2nd ed ed. Oxford ; New York: Oxford University Press, 2008.
- 125.DAVID, B.; THOMAS, J. **Handbook of landscape archaeology**. London ; New York: Routledge, 2016.
- 126.DAVISON, B. **Picturing the past: through the eyes of reconstruction artists**. London: Engl. Heritage, 1997.
- 127.DEHN, W. Celtic Citadels that Defied Julius Caesar. **The UNESCO Courier**, n. XXVIII, p. 44–48, 1975.
- 128.DENT, J. S. Cemeteries and Settlement Patterns of the Iron Age on the Yorkshire Wolds. **Proceedings of the Prehistoric Society**, v. 48, p. 437–457, 1982.
- 129.DENT, J. S. The Impact of Roman Rule on Native Society in the Territory of the Parisi. **Britannia**, v. 14, p. 35–44, 1983a.
- 130.DENT, J. S. Weapons, Wounds and War in the Iron Age. **Archaeological Journal**, v. 140, n. 1, p. 120–128, 1983b.
- 131.DENT, J. S. A summary of the excavations carried out in Garton Slack and Wetwang Slack, 1964–80. **East Riding archaeologist: a journal of the East Riding Archaeological Society**, v. 7, p. 1–14, 1983c.
- 132.DENT, J. S. **Wetwang Slack: an Iron Age cemetery on the Yorkshire Wolds**. M.A. Thesis—Sheffield: University of Sheffield, 1984.
- 133.DENT, J. S. Three cart burials from Wetwang, Yorkshire. **Antiquity Antiquity**, v. 59, n. 226, p. 85–92, 1985.
- 134.DENT, J. S. **The Iron Age in East Yorkshire: an analysis of the later prehistoric monuments of the Yorkshire Wolds and the culture which marked their final phase**. Oxford: John and Erica Hedges Ltd, 2010. v. BAR British series
- 135.DERYCH, A. The Roman Paradox: Linear Enclosure Complexes in the Yorkshire Wolds. **The Archaeological Forum Journal: CBA Yorkshire**, v. 1, p. 33–44, 2012.
- 136.DIDSBURY, MI. P. T. **Aspects of late Iron Age and Romano-British Settlement in the lower Hull Valley**. Ph.D. Thesis—Durham: Durham University, 1990.
- 137.DIETLER, M. Driven by drink: The role of drinking in the political economy and the case of Early Iron Age France. **Journal of Anthropological Archaeology**, v. 9, n. 4, p. 352–406, 1990.
- 138.DIETLER, M. Rituals of commensality and the politics of state formation in the “princely” societies of early Iron Age Europe. In: RUBY, P. (Ed.). . **Les Princes de la Protohistoire et l’émergence de l’État**. Collection du Centre Jean Bérard. Naples: Publications du Centre Jean Bérard, 1999. p. 135–152.
- 139.DIETLER, M.; HERBICH, I. Ceramics and ethnic identity: ethnoarchaeological observations on the distribution of pottery styles and the relationship between the social contexts of production and consumption. In: BINDER, D.; AUDOUZE, F. (Eds.). . **Terre cuite et société: la céramique, document technique, économique, culturel: XI^e Rencontre Internationale d’Archéologie et d’Histoire d’Antibes**. Juan-les-Pins: Éditions APDCA, 1994. p. 459–472.
- 140.DOMMASNES, L. H. Introduction: the past-worlds of children and for children? In: DOMMASNES, L. H.; WRIGGLESWORTH, M. (Eds.). . **Children, identity and the past**. Newcastle: Cambridge Scholars, 2008. p. xi–xxx.

- 141.DOWSON, T. Archaeologists, feminists, and queers: sexual politics in the construction of the past. In: GELLER, P.; STOCKETT, M. (Eds.). . **Feminist Anthropology: Past, Present, and Future**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2006. p. 89–102.
- 142.DRAKE, F. An appendix to On the Situation of the Ancient Roman Station of Delgovitia in Yorkshire; by John Burton, of York, M. D. **Philosophical Transactions (1683-1775)**, v. 44, p. 541–556, 1746.
- 143.DREW, S. **The Imperial Magazine, Or, Compendium of Religious, Moral, & Philosophical Knowledge**. London: Caxton Press, 1830.
- 144.DUVAL, P. M. The Celts, builders of the first European community. **The UNESCO Courier**, n. XXVIII, p. 4–6, 1975.
- 145.DUX, G. Communicative Reason and Interest: On the Reconstruction of the Normative Order in Societies Structured by Egalitarianism or Domination. In: HONNETH, A.; JOAS, H. (Eds.). . **Communicative action: essays on Jürgen Habermas's The theory of communicative action**. Cambridge: Polity Press, 1991. p. 74–96.
- 146.DYER, J. **Ancient Britain**. London ; New York: Routledge, 2002.
- 147.EDWARDS, B.; POPE, R. Gender in British Prehistory. In: BOLGER, D. (Ed.). . **A Companion to Gender Prehistory**. Hoboken: John Wiley & Sons, Inc, 2014. p. 458–479.
- 148.EHRENBERG, M. **Women in prehistory**. Norman: University of Oklahoma Press, 1989.
- 149.EHRENREICH, R. M. Metalworking in Iron Age Britain: hierarchy or heterarchy? In: EHRENREICH, R. M. (Ed.). . **Metals in society: theory beyond analysis**. Philadelphia: MASCA, The University Museum, University of Pennsylvania, 1991. p. 69–80.
- 150.EHRENREICH, R. M. Early Metalworking: A Heterarchical Analysis of Industrial Organization. **Archeological Papers of the American Anthropological Association**, v. 6, n. 1, p. 33–39, 1995.
- 151.EINERSTAM, B. Notes on phallic figures and stones in scandinavia. **Ethnos**, v. 21, n. 1–2, p. 85–94, 1956.
- 152.ELLER, C. **The myth of matriarchal prehistory: why an invented past won't give women a future**. Boston: Beacon Press, 2000.
- 153.ELLIS, P. B. **Celtic women: women in Celtic society and literature**. London: Constable, 1995.
- 154.EVANS, C. Hydraulic communities: Iron Age enclosure in the East Anglian Fenlands. In: GWILT, A.; HASELGROVE, C. (Eds.). . **Reconstructing Iron Age societies: new approaches to the British Iron Age**. Oxford: Oxbow, 1997. p. 216– 27.
- 155.EVANS, T. L. **Quantitative identities: a statistical summary and analysis of Iron Age cemeteries in North-Eastern France, 600-130 B.C**. Oxford, England: Archaeopress, 2004.
- 156.EVANS, T. L. You, Me and IT: The Application of Simple Quantitative Techniques in the Examination of Gender, Identity and Social Reproduction in the Early to Middle Iron Age of North-eastern France. In: EVANS, T. L.; DALY, P. T. (Eds.). . **Digital archaeology: bridging method and theory**. London ; New York: Routledge, 2006. p. 61–93.
- 157.FELL, V. The Tools. In: STEAD, I. M. (Ed.). . **Iron Age cemeteries in East Yorkshire: excavations at Burton Fleming, Rudston, Garton-on-the-Wolds, and Kirkburn**. London: British Museum Press, 1991. p. 79–80.
- 158.FELL, V. Iron Age Ferrous Hammerheads from Britain. **Oxford Journal of Archaeology**, v. 17, n. 2, p. 207–225, 1998.

- 159.FENTON-THOMAS, C. **A place by the sea: excavations at Sewerby Cottage Farm, Bridlington.** York: On-Site Archaeology Ltd., 2009.
- 160.FENTON-THOMAS, C. **Where sky and Yorkshire and water meet: the story of the Melton landscape from prehistory to the present.** York: On-Site Archaeology Ltd., 2011.
- 161.FERRABY, R. et al. **Thwing, Rudston and the Roman-period exploitation of the Yorkshire Wolds.** Leeds: Yorkshire Archaeological and Historical Society, 2017.
- 162.FEUGÈRE, M. Les fouilles du Parking de la Mairie de Besançon (Doubs) (1989-1990). Petits objets des niveaux laténiens. In: JUD, P. (Ed.). **Die spätkeltische Zeit am südlichen Oberrhein: Kolloquium Basel, 17./18. Oktober 1991.** Basel: Archäologische Bodenforschung des Kantons Basel-Stadt, 1994. p. 146–155.
- 163.FINNIGAN, L. Iron Age man found buried with spears sticking out of him “like a hedgehog”. **The Telegraph**, 18 mar. 2016.
- 164.FITZPATRICK, A. Outside in: the structure of an Early Iron Age house at Dunston Park, Thatcham, Berkshire. In: FITZPATRICK, A.; MORRIS, E. (Eds.). **The Iron Age in Wessex: Recent Work.** Salisbury: Trust for Wessex Archaeology, 1994. p. 68–73.
- 165.FLAX, J. Pós-modernismo e relações de gênero na teoria feminista. In: HOLLANDA, H. B. (Ed.). **Modernismo e política.** Rio de Janeiro: Rocco, 1991. p. 217–250.
- 166.FLEMING, A. Tombs for the Living. **Man**, v. 8, n. 2, p. 177–193, jun. 1973.
- 167.FLOUEST, J.-L.; STEAD, I. M. Fouille de sauvetage à Tinqeux (Marne),. **Mémoire de la Société Archéologique Champenoise**, v. 2, p. 151–176, 1981.
- 168.FOULDS, E. M. Personal Adornment in Iron Age Britain. The Case of the Missing Glass Beads. In: POPA, C. N.; STODDART, S. (Eds.). **Fingerprinting the Iron Age approaches to identity in the European Iron Age: integrating South-Eastern Europe into the debate.** Oxford: Oxbow Books, 2014.
- 169.FOULDS, E. M. **Dress and Identity in Iron Age Britain: A Study of Glass Beads and Other Objects of Personal Adornment.** Oxford: Archaeopress Archaeology, 2017.
- 170.FOWLER, C.; CUMMINGS, V. Places Of Transformation: Building Monuments From Water And Stone In The Neolithic Of The Irish Sea. **Royal Anthropological Institute**, v. 9, n. 1, p. 1–20, mar. 2003.
- 171.FOX, S. C. **The personality of Britain: its influence on inhabitant and invader in prehistoric and early historic times.** Cardiff: National Museum of Wales, 1947.
- 172.FREEMAN, P. **War, Women, and Druids: Eyewitness Reports and Early Accounts of the Ancient Celts.** Austin: University of Texas Press, 2002.
- 173.FRIEMAN, C. J. et al. Aging Well: Treherne’s ‘Warrior’s Beauty’ Two Decades Later. **European Journal of Archaeology**, v. 20, n. 01, p. 36–73, fev. 2017.
- 174.FUNARI, P. P. Os historiadores e a cultura material. In: PINSKY, C. B. (Ed.). **Fontes Históricas.** São Paulo: Contexto, 2005. p. 81–109.
- 175.GARROW, D. et al. Dating Celtic Art: a Major Radiocarbon Dating Programme of Iron Age and Early Roman Metalwork in Britain. **Archaeological Journal**, v. 166, n. 1, p. 79–123, jan. 2009.
- 176.GARROW, D.; GOSDEN, C. **Technologies of enchantment?: exploring Celtic art : 400 BC to AD 100.** Oxford: Oxford University Press, 2012.

177. GARROW, D.; GOSDEN, C.; HILL, J. D. (EDS.). **Rethinking Celtic art**. Oxford: Oxbow Books, 2008.
178. GEE, R. From corpse to ancestor. The role of tombstone dining in the transformation of the body in ancient Rome. In: FAHLANDER, F.; OESTIGAARD, T. (Eds.). . **The materiality of death: bodies, burials, beliefs**. BAR international series. Oxford: Archaeopress, 2008. p. 59–68.
179. GHEORGHIU, D.; NASH, G. (EDS.). **Place as Material Culture: Objects, Geographies and the Construction of Time**. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, 2013.
180. GIBSON, C. Beakers into Bronze: Tracing connections between Western Iberia and the British Isles 2800–800 BC. In: KOCH, J. T.; CUNLIFFE, B. W. (Eds.). . **Celtic from the West 2: rethinking the Bronze Age and the arrival of Indo-European in Atlantic Europe**. Oxford, UK ; Oakville, CT: Oxbow Books, 2013. p. 71–99.
181. GILCHRIST, R. Ambivalent Bodies: Gender and Medieval Archaeology. In: MOORE, J.; SCOTT, E. (Eds.). . **Invisible people and processes: writing gender and childhood into European archaeology**. London ; New York: Leicester University Press, 1997. p. 42–58.
182. GILCHRIST, R. **Medieval life: archaeology and the life course**. Woodbridge: Boydell Press, 2012.
183. GILES, M. **“Open-weave, close-knit”: archaeologies of identity in the later prehistoric landscape of East Yorkshire. Vol. 1. Vol. 1**. Ph.D. Thesis—Sheffield: University of Sheffield, 2000.
184. GILES, M. Making Metal and Forging Relations: Ironworking in the British Iron Age. **Oxford Journal of Archaeology**, v. 26, n. 4, p. 395–413, 2007a.
185. GILES, M. Good fences make good neighbours? Exploring the ladder enclosures of Late Iron Age East Yorkshire. In: HASELGROVE, C.; MOORE, T. (Eds.). . **The later Iron Age in Britain and Beyond**. Oxford: Oxbow Books, 2007b. p. 235–249.
186. GILES, M. Refiguring rights in the early Iron Age landscapes of East Yorkshire. In: HASELGROVE, C.; POPE, R. (Eds.). . **The Earlier Iron Age in Britain and the Near Continent**. Oxford: Oxbow Books, 2007c. p. 103–118.
187. GILES, M. Seeing red: the aesthetics of martial objects in the British and Irish Iron age. In: GARROW, D.; GOSDEN, C.; HILL, J. D. (Eds.). . **Rethinking Celtic art**. Oxford: Oxbow Books, 2008a. p. 59–77.
188. GILES, M. Identity, Community and the Person in Later Prehistory. In: POLLARD, J. (Ed.). . **Prehistoric Britain**. Oxford: Blackwell, 2008b. p. 330–50.
189. GILES, M. **A forged glamour: landscape, identity and material culture in the Iron Age**. Bollington: Windgather, 2012.
190. GILES, M. Performing Pain, Performing Beauty: Dealing With Difficult Death in the Iron Age. **Cambridge Archaeological Journal**, v. 25, n. 03, p. 539–550, ago. 2015.
191. GILES, M. Reconstructing Death: The Chariot Burials of Iron Age East Yorkshire. In: WILLIAMS, H.; GILES, M. (Eds.). . **Archaeologists and the dead: mortuary archaeology in contemporary society**. Oxford, United Kingdom ; New York, NY: Oxford University Press, 2016. p. 409–432.
192. GILES, M. The Beauty of the Chalk Warrior: A reflection on Treherne’s Contribution to Prehistoric Martial Culture (Aging Well: Treherne’s ‘Warrior’s Beauty’ Two Decades Later). **European Journal of Archaeology**, v. 20, n. 01, p. 59–64, fev. 2017.

193. GILES, M.; JOY, J. Mirrors in the British Iron Age: performance, revelation and power. In: ANDERSON, M. (Ed.). . **The Book of the Mirror. An Interdisciplinary Collection Exploring the Cultural Story of the Mirror**. Cambridge: Cambridge Scholars Press, 2007. p. 16–31.
194. GINOUX, N.; SEVERIN, C.; LEMAN-DELERIVE, G. Le dépôt de pièces de char dans les tombes de Gaule Belgique entre e IIIe et le Ier siècle avant J.-C. **Revue archéologique de Picardie**, v. 3, n. 1, p. 211–222, 2009.
195. GKIASTA, M. **Historiography of landscape research on Crete**. Leiden: Leiden University Press, 2008.
196. GOLDEN, M. **Children and childhood in classical Athens**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2015.
197. GOLDSTEIN, L. One-dimensional archaeology and multi-dimensional people: spatial organisation and mortuary analysis. In: CHAPMAN, R.; KINNES, I.; RANDSBORG, K. (Eds.). . **The Archaeology of death**. Cambridge: Cambridge University Press, 1981. p. 53–70.
198. GÖTTNER-ABENDROTH, H. **The dancing goddess: principles of a matriarchal aesthetic**. Boston: Beacon Press, 1991.
199. GÖTTNER-ABENDROTH, H. **The goddess and her heroes**. Stow: Anthony Pub. Co, 1995.
200. GREEN, M. J. **Dying for the gods: human sacrifice in Iron Age & Roman Europe**. Stroud: Tempus, 2001.
201. GREENWELL, W. Notices of the Examination of Ancient Grave-Hills in the North Riding of Yorkshire. **Archaeological Journal**, v. 22, n. 1, p. 97- 117; 241-263, jan. 1865.
202. GREENWELL, W. **British barrows: a record of the examination of sepulchral mounds in various parts of England**,. Oxford: Clarendon Press, 1877.
203. GREENWELL, W. **Early Iron Age Burials in Yorkshire**. Westminster: Society of Antiquaries, 1906.
204. GUADAGNIN, R. La nécropole celtique de Bouqueval. **Bulletin de la Jeunesse Préhistorique et géologique de France**, v. 8, p. 12–65, 1978.
205. GUIDO, M. **The glass beads of the prehistoric and Roman periods in Britain and Ireland**. London: Society of Antiquaries of London, Thames and Hudson, 1978.
206. GULIAEV, V. I. Amazons in the Scythia: New Finds at the Middle Don, Southern Russia. **World Archaeology**, v. 35, n. 1, p. 112–125, 2003.
207. GUYONVARC'H, C. J. Textes Mythologiques Irlandais: Une critique détaillée de l'Ouvrage l'épopée celtique en Bretagne de Jean Markale. **Ogam-Celticum**, v. 11. 1&2, p. 39, 1978.
208. HALKON, P. Fieldwork on early iron working sites in East Yorkshire. **Historical metallurgy**, v. 31, n. 1, p. 12–16, 1997.
209. HALKON, P. **Archaeology and environment in a changing East Yorkshire landscape: the Foulness Valley c. 800 BC to c. AD 400**. Oxford: Archaeopress, 2008.
210. HALKON, P. Britons and Romans in an East Yorkshire Landscape, UK. **Bollettino di Archeologia OnLine**, v. 1, p. 24–40, 2010.
211. HALKON, P. Iron, Landscape and Power in Iron Age East Yorkshire. **Archaeological Journal**, v. 168, n. 1, p. 133–165, 2011.

212. HALKON, P. **The Parisi: Britons and Romans in East Yorkshire**. Stroud: The History Press, 2013.
213. HALKON, P. **Bones of Iron Age warriors may reveal link between Yorkshire's "spear-people" and the ancient Gauls**. Disponível em: <<http://theconversation.com/bones-of-iron-age-warriors-may-reveal-link-between-yorkshires-spear-people-and-the-ancient-gauls-56458>>. Acesso em: 21 jan. 2018.
214. HALKON, P.; INNES, J. Settlement and Economy in a Changing Prehistoric Lowland Landscape: An East Yorkshire (UK) Case Study. **European Journal of Archaeology**, v. 8, n. 3, p. 225–259, dez. 2005.
215. HALKON, P.; LILLIE, M.; LYALL, J. **The Archaeology of Nunburnholme Wold, an Interim Report, 2014**. Hull: Nunburnholme Community Heritage Project, 2014.
216. HALKON, P.; LILLIE, M.; LYALL, J. **The Archaeology of Nunburnholme Wold, an Interim Report, 2015**. Hull: Nunburnholme Community Heritage Project, 2015.
217. HALKON, P.; LYALL, J. **The Archaeology of Nunburnholme Wold, an Interim Report, 2016**. Hull: Nunburnholme Community Heritage Project, 2016.
218. HAMILTON, W. D.; HASELGROVE, C.; GOSDEN, C. The impact of Bayesian chronologies on the British Iron Age. **World Archaeology**, v. 47, n. 4, p. 642–660, 2015.
219. HANKS, B. Reconsidering Warfare, Status and Gender in the Eurasian Steppe Iron Age. In: LINDUFF, K. M.; RUBINSON, K. S. (Eds.). **Are all warriors male? gender roles on the ancient Eurasian Steppe**. Gender and archaeology series. Lanham: AltaMira Press, 2008. p. 15–34.
220. HARDING, D. W. **The Iron Age in northern Britain: Celts and Romans, natives and invaders**. London; New York: Routledge, 2004.
221. HARDING, D. W. **The archaeology of Celtic art**. London ; New York: Routledge, 2007.
222. HARDING, D. W. **The Iron Age in Lowland Britain**. London: Routledge, 2015.
223. HARDING, D. W. **Death and burial in Iron Age Britain**. Oxford: Oxford University Press, 2016.
224. HARDING, D. W. **The Iron Age in Northern Britain: Britons and Romans, Natives and Settlers**. London ; New York: Taylor & Francis, 2017.
225. HÄRKE, H. "Changing symbols in a changing society: the Anglo-Saxon weapon burial rite in the seventh century" [in] *The Age of Sutton Hoo: The Seventh Century in North-Western Europe*. In: CARVER, M. O. H. (Ed.). **The Age of Sutton Hoo: The Seventh Century in North-Western Europe**. Woodbridge, Suffolk, UK: Boydell Press, 1992. p. 149–165.
226. HÄRKE, H. Early Anglo-Saxon Social Structure. In: HINES, J. (Ed.). **The Anglo-Saxons from the migration period to the eighth century: an ethnographic perspective**. Woodbridge [u.a.: Boydell, 2003. p. 125–159.
227. HARRISON, S. **John Robert Mortimer: the life of a nineteenth century East Yorkshire archaeologist**. Pickering, England: Blackthorn Press, 2011.
228. HARTOG, F. **Os antigos, o passado e o presente**. Brasília: Editora da UNB, 2003.
229. HARTOG, F. **Regimes de historicidade presentismo e experiências do tempo**. Belo Horizonte: Autentêntica, 2013.

- 230.HARVEY, I. **“Speared like a hedgehog”: 75 Iron Age graves found in East Yorkshire.** Disponível em: <<http://www.thevintagenews.com/2016/04/08/speared-like-a-hedgehog-75-iron-age-graves-found-in-east-yorkshire/>>. Acesso em: 21 jan. 2018.
- 231.HASELGROVE, C. (ED.). **Understanding the British Iron Age: an agenda for action: a report for the Iron Age Research Seminar and the Council of the Prehistoric Society.** Salisbury: Trust for Wessex Archaeology, 2001.
- 232.HAWKES, C. The A B C of the British Iron Age. **Antiquity**, v. 33, n. 131, p. 170–182, 1959.
- 233.HAWKES, J.; HAWKES, C. **Prehistoric Britain.** London: Pelican Books, 1948.
- 234.HAYS-GILPIN, K. Gender. In: BENTLEY, R. A.; MASCHNER, H. D. G.; CHIPPINDALE, C. (Eds.). **Handbook of Archaeological Theories.** Lanham: AltaMira Press, 2009. p. 335–349.
- 235.HAYWOOD, J. **The historical atlas of the Celtic world.** London: Thames & Hudson, 2009.
- 236.HENDERSON, J. The Chemical Analysis of the Glass Beads from Burton Fleming and Rudston. In: STEAD, I. M. (Ed.). **Iron Age cemeteries in East Yorkshire: excavations at Burton Fleming, Rudston, Garton-on-the-Wolds, and Kirkburn.** London: British Museum Press, 1991. p. 167–169.
- 237.HENDERSON, J. C. **The Atlantic Iron Age: settlement and identity in the first millennium BC.** London ; New York: Routledge, 2007.
- 238.HERBERT, E. W. **Iron, gender, and power: rituals of transformation in African societies.** Bloomington: Indiana University Press, 1993.
- 239.HEY, D. **A history of Yorkshire: “county of the broad acres”.** [s.l: s.n.].
- 240.HICKS, D. The Temporality of the Landscape Revisited. **Norwegian Archaeological Review**, v. 49, n. 1, p. 5–22, 2 jan. 2016.
- 241.HICKS, J. D. (ED.). **A Victorian boyhood on the wolds: the recollections of J.R. Mortimer.** Beverley: East Yorkshire Local History Society, 1978.
- 242.HILL, J. D. Can we Recognise a Different European Past? A Contrastive Archaeology of Later Prehistoric Settlements in Southern England. **Journal of European Archaeology**, v. 1, n. 1, p. 57–75, mar. 1993.
- 243.HILL, J. D. The Pre-Roman Iron Age in Britain and Ireland (ca. 800 B.C. to A.D. 100): An Overview. **Journal of World Prehistory**, v. 9, n. 1, p. 47–98, 1995.
- 244.HILL, J. D. **Wetwang Village chariot excavation. Unpublished site report.** London: British Museum, 2001. Disponível em: <<http://www.britishmuseum.org/>>. Acesso em: 29 jan. 2018.
- 245.HILL, J. D. How Did British Middle and Late Pre-Roman Iron Age Societies Work (if they did)? In: MOORE, T.; ARMADA, X.-L. (Eds.). **Atlantic Europe in the First Millennium BC.** Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 242–263.
- 246.HILL, J. D. How Did British Middle and Late Pre-Roman Iron Age Societies Work (if they did)? In: MOORE, T.; ARMADA, X.-L. (Eds.). **Atlantic Europe in the First Millennium BC: Crossing the Divide.** Oxford: Oxford University Press, 2012. p. 242–263.
- 247.HINGLEY, R. Iron Age ‘Currency Bars’: The Archaeological and Social Context. **Archaeological Journal**, v. 147, n. 1, p. 91–117, 1990.
- 248.HINGLEY, R. Iron, ironworking and regeneration: a study of the symbolic meaning of metalworking in Iron Age Britain. In: GWILT, A.; HASELGROVE, C. (Eds.). **Reconstructing**

- Iron Age societies: new approaches to the British Iron Age.** Oxbow monograph. Oxford: Oxbow Books, 1997. p. 9–15.
249. HINGLEY, R. The Deposition of Iron Objects in Britain During the Later Prehistoric and Roman Periods: Contextual Analysis and the Significance of Iron. **Britannia**, v. 37, p. 213–257, 2006.
250. HINGLEY, R.; UNWIN, C. **Boudica: Iron Age warrior queen.** London; New York: Hambledon Continuum, 2006.
251. HINTON, P. An analysis of burial rites at Münsingen-Rain: An approach to the study of Iron Age society. In: DUVAL, P. M.; DE SOTO, J. G. (Eds.). . **Actes du VIII^e Colloque sur les Âges du Fer en France non Méditerranéenne.** Bordeaux: R.A., 1986. p. 351–68.
252. HIRSCHFELD, L. A. Why Don't Anthropologists Like Children? **American Anthropologist**, v. 104, n. 2, p. 611–627, jun. 2002.
253. HOBSBAWM, E. J.; RANGER, T. O. (EDS.). **The invention of tradition.** Cambridge: Cambridge Univ. Pr, 1992.
254. HÓGÁIN, D. Ó. **The Celts: A History.** Woodbridge: Boydell Press, 2002.
255. HOLCK, P. Why are small children so seldom found in cremations? In: SMITS, E.; IREGREN, E.; DRUSINI, A. G. (Eds.). . **Cremation studies in archaeology - Conference.** Amsterdam: Logos Edizione, 1995. p. 33–38.
256. HONDA, K. et al. Sex identification of old skeletal remains by DNA analysis: the report of three cases. **Nihon Hoigaku Zasshi = The Japanese Journal of Legal Medicine**, v. 48, n. 5, p. 349–356, out. 1994.
257. HU, D. Advancing Theory? Landscape Archaeology and Geographical Information Systems. **Papers from the Institute of Archaeology**, v. 21, p. 80–90, 5 maio 2012.
258. HUBERT, H. **The rise of the Celts.** London ; New York: Routledge, 2013.
259. HULL & EAST RIDING MUSEUM. **Iron Age Collection.** Hull: [s.n.]. Disponível em: <<http://museums.hullcc.gov.uk/collections/>>.
260. HUNTER, F. The image of the warrior in the British Iron Age: coin iconography in context. In: HASELGROVE, C.; WIGG-WOLF, D. (Eds.). . **Iron Age Coinage and Ritual Practices.** Mainz: Von Zabern, 2005. p. 43–68.
261. HUTTON, C. **Linguistics and the Third Reich: mother-tongue fascism, race, and the science of language.** London ; New York: Routledge, 2012.
262. INALL, Y. L. Burials of martial character in the British Iron Age. In: ERSKINE, G. J. R. et al. (Eds.). . **Proceedings of the 17th Iron Age research student symposium, Edinburgh.** Edinburgh: Archaeopress, 2016. p. 45–61.
263. INGOLD, T. The Temporality of the Landscape. **World Archaeology**, v. 25, n. 2, p. 152–174, 1993.
264. INHORN, M. C. (ED.). **Reproductive disruptions: gender, technology, and biopolitics in the new millennium.** New York: Berghahn Books, 2007.
265. JAMES, S. Celts, politics and motivation in archaeology. **Antiquity**, v. 72, n. 275, p. 200–209, 1998.
266. JAMES, S. **The Atlantic Celts: ancient people or modern invention?** Madison: University of Wisconsin Press, 1999.

- 267.JAMES, S. **Exploring the world of the Celts**. London: Thames & Hudson, 2005.
- 268.JAMES, S. A bloodless past: the pacification of Early Iron Age Britain. In: HASELGROVE, C.; POPE, R. (Eds.). . **The earlier Iron Age in Britain and the near continent**. Oxford: Oxbow Books, 2007. p. 160–173.
- 269.JAMES, S. Arms, the armed, and armed violence. In: HASELGROVE, C.; WELLS, P. S.; REBAY-SALISBURY, K. (Eds.). . **Oxford Handbook of the European Iron Age**. Oxford: Oxford University Press, 2018.
- 270.JAY, M. et al. Iron Age breastfeeding practices in Britain: Isotopic evidence from Wetwang Slack, East Yorkshire. **American Journal of Physical Anthropology**, v. 136, n. 3, p. 327–337, jul. 2008.
- 271.JAY, M. Breastfeeding and weaning behaviour in archaeological populations: evidence from the isotopic analysis of skeletal materials. **Childhood in the past.**, v. 2, p. 163–179, 2009.
- 272.JAY, M. et al. Chariots and context: new radiocarbon dates from Wetwang and the chronology of Iron Age burials and brooches in East Yorkshire. **Oxford journal of archaeology.**, v. 31, n. 2, p. 161–189, 2012.
- 273.JAY, M. et al. British Iron Age chariot burials of the Arras culture: a multi-isotope approach to investigating mobility levels and subsistence practices. **World archaeology.**, v. 45, n. 3, p. 473–491, 2013.
- 274.JAY, M.; RICHARDS, M. P. Diet in the Iron Age cemetery population at Wetwang Slack, East Yorkshire, UK: carbon and nitrogen stable isotope evidence. **Journal of Archaeological Science**, v. 33, n. 5, p. 653–662, maio 2006.
- 275.JAY, M.; RICHARDS, M. P. British Iron Age diet: stable isotopes and other evidence. **Proceedings of the Prehistoric Society.**, v. 73, p. 169–190, 2007.
- 276.JEREM, E. Celts of eastern Europe. In: ALDHOUSE-GREEN, M. J. (Ed.). . **The Celtic world**. London; New York: Routledge, 1996. p. 581–602.
- 277.JEWITT, L. F.; COX, J. C.; ALLEN, J. R. Discovery of Interments of the Early Iron Age at Danes' Graves, near Driffield, Yorkshire. **Reliquary and Illustrated Archaeologist**, v. 3, p. 224–230, 1897.
- 278.JOFFROY, R. Artists who reshaped reality; Celtic coin fantasia. **The UNESCO Courier**, n. XXVIII, p. 32–37, 1975.
- 279.JOHNS, C. An Iron Age sword and mirror cist burial from Bryher, Isles of Scilly. **Cornish Archaeology/Hendhyscans Kernow**, v. 41–42, 2006.
- 280.JOHNSON, J.; SCHNEIDER, S. Materiality of Place, Performative Time and Mortuary Space as Locality in the Early Iron Age of Southwest Germany. In: GHEORGHIU, D.; NASH, G. (Eds.). . **Place as Material Culture: Objects, Geographies and the Construction of Time**. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, 2013. p. 277–297.
- 281.JONES, A. **Memory and Material Culture**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- 282.JONES, C.; TOLLEFSEN, E. **Knapton Wold Burials (Unpublished skeletal analysis report)**. Manchester: University of Manchester, nov. 2017.
- 283.JOPE, E. M. **Early Celtic art in the British Isles**. Oxford & New York: Clarendon Press ; Oxford University Press, 2000.
- 284.JOY, J. 'Fancy Objects' in the British Iron Age: Why Decorate? **Proceedings of the Prehistoric Society**, v. 77, p. 205–229, 2011a.

285. JOY, J. Exploring status and identity in later Iron Age Britain: re-interpreting mirror burials. In: MOORE, T.; ARMADA, X. L. (Eds.). . **Atlantic Europe in the first millennium BC: crossing the divide**. Oxford; New York: Oxford University Press, 2011b. p. 468–487.
286. KAMP, K. A. Where Have All the Children Gone?: The Archaeology of Childhood. **Journal of Archaeological Method and Theory**, v. 8, n. 1, p. 1–34, 2001.
287. KARL, R. Iron Age chariots and medieval texts: a step too far in “breaking down boundaries”? **e-Keltoi: Journal of Interdisciplinary Celtic Studies**, v. 5, p. 1–29, 2003.
288. KARL, R. The court of law in Iron Age “Celtic” societies. In: KARL, R.; LESKOVAR, J. (Eds.). . **Interpretierte Eisenzeiten 3. Fallstudien, Methoden, Theorie. Tagungsbeiträge der 3. Linzer Gespräche zur interpretativen Eisenzeitarchäologie**. Linz: Oberösterreichisches Landesmuseum, 2009. p. 135–160.
289. KARL, R. The Celts from everywhere and nowhere. A re-evaluation of the origins of the Celts and the emergence of Celtic cultures. In: KOCH, J.; CUNLIFFE, B. W. (Eds.). . **Celtic from the West: Alternative Perspectives from Archaeology, Genetics, Language and Literature**. Oxford: Oxbow Books, 2010. p. 39–64.
290. KAUSMALLY, T. The Human and Animal Bones from Zones A and B. In: FENTON-THOMAS, C. (Ed.). . **A place by the sea: excavations at Sewerby Cottage Farm, Bridlington**. York: On-Site Archaeology Ltd., 2009. p. 271–277.
291. KEULS, E. C. **The Reign of the Phallus: Sexual Politics in Ancient Athens**. Berkeley: University of California Press, 1993.
292. KING, S. S. **What makes war?: assessing Iron Age warfare through mortuary behaviour and osteological patterns of violence**. Ph.D. Thesis—Bradford: University of Bradford, 2010a.
293. KING, S. S. A Call to Arms: reinvestigating warfare and violence in the Iron Age of Britain. In: STERRY, M.; TULLETT, A.; RAY, N. (Eds.). . **In search of the Iron Age: proceedings of the Iron Age Research Student Seminar 2008, University of Leicester**. Leicester: University of Leicester School of Archaeology and Ancient History, 2010b. p. 185–198.
294. KIRK, J. L. Opening of a Tumulus near Pickering. **Yorkshire Philosophical Society Report**, p. 62, 1911.
295. KNIGHT, D.; HOWARD, A. J. **Trent Valley landscapes: the archaeology of 500,000 years of change**. King’s Lynn: Heritage Marketing & Publ., 2004.
296. KOCH, J. T. (ED.). **Celtic culture: a historical encyclopedia**. Santa Barbara: ABC-CLIO, 2006.
297. KOCH, J. T. **An atlas for Celtic studies: archaeology and names in ancient Europe and early medieval Ireland, Britain, and Brittany**. Oxford: Oakville, CT, USA: ABC Clio, 2007.
298. KOLEN, J.; RENES, H. Landscape Biographies: Key issues. In: KOLEN, J.; RENES, J.; HERMANS, R. (Eds.). . **Landscape Biographies: Geographical, historical and archaeological perspectives on the production and transmission of landscapes**. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2015. p. 21–48.
299. KORBIN, J. E. Children, Childhoods, and Violence. **Annual Review of Anthropology**, v. 32, n. 1, p. 431–446, out. 2003.
300. KOSELLECK, R. Uma história dos conceitos. **Estudos Históricos**, v. 5, n. 10, p. 134–146, 1992.
301. KOSELLECK, R. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

- 302.KRISTIANSEN, K. **Europe before history**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- 303.KRISTOFFERSEN, S.; OESTIGAARD, T. "Death Myths": Performing of Rituals and Variation in Corpse Treatment during the Migration Period in Norway. In: FAHLANDER, F.; OESTIGAARD, T. (Eds.). . **The materiality of death: bodies, burials, beliefs**. Oxford: Archaeopress, 2008. p. 127–139.
- 304.KRUTA, V. **Os celtas**. São Paulo: Martin Fontes, 1989.
- 305.KÜCHLER, S. Landscape as Memory: The Mapping of Process and its Representation in a Melanesian Society. In: BENDER, B. (Ed.). . **Landscape: politics and perspectives**. Providence: Berg, 1993. v. Explorations in anthropologyp. 85–106.
- 306.LAING, L.; LAING, J. **Celtic Britain and Ireland: art and society**. London: The Herbert Press, 1995.
- 307.LANCY, D. F. **The anthropology of childhood: cherubs, chattel, changelings**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.
- 308.LAYTON, R.; UCKO, P. **The Archaeology and Anthropology of Landscape: Shaping Your Landscape**. London ; New York: Routledge, 2003.
- 309.LE GOFF, J.; TRUONG, N. **Uma história do corpo na Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- 310.LE ROUX, F.; GUYONVARC'H, C. J. **A civilização celta**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1999.
- 311.LEE, C. **Feasting the dead: food and drink in Anglo-Saxon burial rituals**. Woodbridge: Boydell Press, 2007.
- 312.LEE, C. Offerings and Grave Goods. In: METHENY, K. B.; BEAUDRY, M. C. (Eds.). . **Archaeology of Food: An Encyclopedia**. Lanham: Rowman & Littlefield, 2015. p. 345–347.
- 313.LEGGE, A. J. The Animal Bones. In: STEAD, I. M. (Ed.). . **Iron Age cemeteries in East Yorkshire: excavations at Burton Fleming, Rudston, Garton-on-the-Wolds, and Kirkburn**. London: British Museum Press, 1991. p. 140–147.
- 314.LELONG, O.; MACGREGOR, G. **The lands of ancient Lothian: interpreting the archaeology of the A1**. Edinburgh: Society of Antiquaries of Scotland, 2007.
- 315.LEWIS, M. E. **The bioarchaeology of children: perspectives from biological and forensic anthropology**. Cambridge, UK; New York: Cambridge University Press, 2007.
- 316.LILLEHAMMER, G. A child is born. The child's world in an archaeological perspective. **Norwegian Archaeological Review**, v. 22, n. 2, p. 89–105, jan. 1989.
- 317.LILLIOS, K. T.; TSAMIS, V. (EDS.). **Material Mnemonics: Everyday Memory in Prehistoric Europe**. Oxford: Oxbow Books, 2010.
- 318.LIVERSAGE, D. Comments on 'Burial Customs as an Archaeological Source'. **Current Anthropology**, v. 24, p. 148, 1983.
- 319.LLOYD-MORGAN, G. Appearance, life and leisure. In: ALDHOUSE-GREEN, M. J. (Ed.). . **The Celtic world**. London; New York: Routledge, 1996. p. 95–120.
- 320.LULL, V. Death and society: a Marxist approach. **Antiquity**, v. 74, n. 285, p. 576–580, set. 2000.

321. MACINTOSH, A. A.; PINHASI, R.; STOCK, J. T. Prehistoric women's manual labor exceeded that of athletes through the first 5500 years of farming in Central Europe. **Science Advances**, v. 3, n. 11, p. 1–12, nov. 2017.
322. MACKEY, J. P. (ED.). **An introduction to Celtic Christianity**. Edinburgh: T & T Clark, 1989.
323. MACKLIN, M. G.; JOHNSTONE, E.; LEWIN, J. Pervasive and long-term forcing of Holocene river instability and flooding in Great Britain by centennial-scale climate change. **The Holocene**, v. 15, n. 7, p. 937–943, nov. 2005.
324. MAIER, B. **The Celts: A History from Earliest Times to the Present**. Indiana: University of Notre Dame Press, 2003.
325. MALINA, R. M.; BAR-OR, O.; BOUCHARD, C. **Growth, maturation, and physical activity**. Champaign, Ill. [u.a.: Human Kinetics, 2004.
326. MANNIG, W. H. Industry. In: ALLASON-JONES, L. (Ed.). . **Artefacts in Roman Britain: their purpose and use**. Cambridge: Cambridge University Press, 2011. p. 68–88.
327. MARION, S.; LE BECHENNEC, Y.; LE FORESTIER, C. Nécropole et bourgade d'artisans: l'évolution des sites de Bobigny (Seine-Saint-Denis), entre La Tène B et La Tène D. **racf Revue archéologique du centre de la France**, 2008.
328. MARKALE, J. **La femme celte: mythe et sociologie**. Paris: Payot, 1972.
329. MARKALE, J. The Three Faces of Celtic Women. **The UNESCO Courier**, n. XXVIII, p. 18–22, 1975.
330. MARKALE, J. **Women of the Celts**. Rochester, Vt: Inner Traditions International, 1986.
331. MARTÍNEZ, C. M. H. Y. Glosario terminológico para el estudio de cerámicas arqueológicas. **Revista Española de Antropología Americana**, v. 22, p. 9–34, 1992.
332. MATA, C. et al. Fíbulas y género: de animales y hombres en la cultura ibérica. **Zephyrus**, v. LXXI, p. 173–195, 2013.
333. MAULE COLE, E. Notes on the Danes' Graves near Driffield. **Proceedings of the Yorkshire Geological and Polytechnic Society**, v. 13, p. 299–301, 1897.
334. MAUSS, M. **Ensaio sobre a dádiva**. Lisboa: Edições 70, 2008.
335. MAYS, S. **The archaeology of human bones**. London; New York: Routledge, 2010.
336. MEGAW, J. V. S.; MEGAW, M. R. Ancient Celts and modern ethnicity. **Antiquity**, v. 70, n. 267, p. 175–181, 1996.
337. MEGAW, J. V. S.; MEGAW, M. R. 'The mechanism of (Celtic) dreams?': a partial response to our critics. **Antiquity**, v. 72, n. 276, p. 432–435, 1998.
338. MEGAW, J. V. S.; SIMPSON, D. D. A. **Introduction to British prehistory: from the arrival of Homo sapiens to the Claudian invasion**. Leicester [England: Leicester University Press, 1979.
339. MEGAW, V. Identifying Celts. **Antiquity**, v. 90, n. 349, p. 245–248, fev. 2016.
340. MEGAW, V.; MEGAW, R. Early Celtic Art at the Millennium. In: LODEWIJCKX, M. (Ed.). . **Belgian archaeology in a European setting (Volume 2): Acta archaeologica Lovaniensia: Monographiae**. Leuven: Leuven University Press, 2011. p. 41–50.

341. MENIEL, P. Les Restes animaux des Necropoles du Mont Troté et des Rouliers. In: ROZEY, J.-G. (Ed.). . **Les Celtes en Champagne: Les Ardennes au second âge du fer: LeMont Troté, Les Rouliers, Mémoires de la Société Archéologique Champenoise**. Châlons-en-Champagne: Société Archéologique Champenoise, 1987. p. 357–361.
342. MILLETT, M. et al. The Archaeology of the Hasholme Logboat. **Archaeological Journal**, v. 144, n. 1, p. 69–155, jan. 1987.
343. MILLETT, M.; GOWLAND, R. Infant and Child Burial Rites in Roman Britain: a Study from East Yorkshire. **Britannia**, v. 46, p. 171–189, nov. 2015.
344. MILLETT, M.; WALLACE, L. The Setting. In: FERRABY, R. et al. (Eds.). . **Thwing, Rudston and the Roman-period exploitation of the Yorkshire Wolds**. Leeds: Yorkshire Archaeological and Historical Society, 2017. p. 5–21.
345. MINA, M. Figurines without Sex; People without Gender? In: HAMILTON, S.; WHITEHOUSE, R.; WRIGHT, K. I. (Eds.). . **Archaeology and women: ancient and modern issues**. 263–282. ed. Walnut Creek, Calif: Left Coast Press, 2007.
346. MONTGOMERY, J.; COOPER, R.; EVANS, J. Foragers, farmers or foreigners? : an assessment of dietary strontium isotope variations in Middle Neolithic and Early Bronze Age East Yorkshire. In: LARSSON, M.; PARKER PEARSON, M. (Eds.). . **From Stonehenge to the Baltic : living with cultural diversity in the third millenium BC**. Oxford: Archaeopress, 2007. p. 65–75.
347. MOORE, T.; ARMADA, X. L. **Atlantic Europe in the first millennium BC: crossing the divide**. Oxford; New York: Oxford University Press, 2011a.
348. MOORE, T.; ARMADA, X.-L. Crossing the Divide. In: MOORE, T.; ARMADA, X.-L. (Eds.). . **Atlantic Europe in the First Millennium BC**. Oxford: Oxford University Press, 2011b. p. 3–78.
349. MORGAN, K. O. **Britain since 1945: the people's peace**. Oxford: Oxford University Press, 2001.
350. MORTIMER, J. R. The Opening of Six Mounds at Scarborough, near Beverley. **The Transactions of the East Riding Antiquarian Society**, v. 3, p. 21–23, 1895.
351. MORTIMER, J. R. The Danes Graves. **Yorkshire Philosophical Society**, p. 1–10, 1897a.
352. MORTIMER, J. R. A Summary of What is Known of the so-called “Danes’ Graves,” near Driffeld. **Proceedings of the Yorkshire Geological and Polytechnic Society**, v. 13, n. 3, p. 286–298, 1 jan. 1897b.
353. MORTIMER, J. R. **Report on the opening of a number of the so-called “Danes” Graves,” at Kilham, E.P. Yorks, and the discovery of a chariot-burial of the Early Iron Age.** London: [s.n.].
354. MORTIMER, J. R. **Forty years’ researches in British and Saxon burial mounds of East Yorkshire, including Romano-British discoveries, and a description of the ancient entrenchments of a section of the Yorkshire wolds**. London: A. Brown and Sons, 1905.
355. MORTIMER, J. R. Danes Graves. **Transactions of the East Riding Antiquarian Society**, v. 18, p. 30–52, 1911a.
356. MORTIMER, J. R. Danes Graves. **Transactions of the East Riding Antiquarian Society**, v. 18, p. 30–52, 1911b.

- 357.MORTIMER, J. R. Some Recollections of my Boyhood. In: HICKS, J. D. (Ed.). . **A Victorian Boyhood on the Wolds: The Recollections of J. R. Mortimer**. Beverley: East Yorkshire Local History Society, 1978. p. 3–29.
- 358.MÜLLER-SCHEEßEL, N. (ED.). “Irreguläre” Bestattungen in der Urgeschichte: Norm, Ritual, Strafe ...? ; Akten der Internationalen Tagung in Frankfurt a. M. vom 3. bis 5. Februar 2012. Bonn: Habelt, 2013.
- 359.MURPHY, E. M. (ED.). **Deviant burial in the archaeological record**. Oxford: Oxbow, 2008a.
- 360.MURPHY, E. M. Introduction to Deviant burial in the archaeological record. In: MURPHY, E. M. (Ed.). . **Deviant burial in the archaeological record**. Studies in funerary archaeology. Oxford: Oxbow, 2008b. p. xii–xviii.
- 361.NEAL, C. Dry Valley Research: a Case Study from the Yorkshire Wolds. **Papers from the Institute of Archaeology**, v. 17, p. 86–92, 15 nov. 2006.
- 362.NEAL, C. **People and the environment: a geoarchaeological approach to the Yorkshire Wolds landscape**. Ph.D. Thesis—York: University of York, 2010.
- 363.NELSON, S. M. **Shamans, queens, and figurines: the development of gender archaeology**. Walnut Creek, California: Left Coast Press, Inc., 2016.
- 364.NETO, J. A. O. **Falo no jardim: priapéia grega, priapéia latina**. Campinas: Atelie Editorial, 2006.
- 365.NUNBURNHOLME COMMUNITY HERITAGE PROJECT. **The Iron Age**. Disponível em: <<http://www.nunburnholmewithkilnwickpercypc.co.uk/6archae.pdf>>. Acesso em: 29 nov. 2017.
- 366.O’CONNOR, A.; GRAVES, C. P. Canon Greenwell (1820-1918) and his contribution to archaeological research. **Bulletin of the history of archaeology.**, v. 13, n. 2, p. 28–30, 1 nov. 2003.
- 367.OLIVER, G. **The antiquities and history of the town of Beverley, in the county of York**. London: G. Scaum, 1829.
- 368.ORTON, D. A Local Barrow for Local People? The Ferry Fryston Cattle in Context. In: CROXFORD, B.; ROTH, R.; WHITE, N. (Eds.). . **TRAC 2006: Proceedings of the Sixteenth Annual Theoretical Roman Archaeology Conference**. Oxford: Oxbow Books, 2007. p. 77–91.
- 369.OSWALD, A. A doorway on the past: practical and mystical concerns in the orientation of roundhouse doorways. In: GWILT, A.; HASELGROVE, C. (Eds.). . **Reconstructing Iron Age societies**. Oxford: Oxbow, 1997. p. 87–95.
- 370.PARE, C. F. E. **Swords, wagon-graves, and the beginning of the early iron age in Central Europe**. Marburg: Philipps-Universität Marburg Press, 1991.
- 371.PARE, C. F. E. **Wagons and wagon-graves of the early Iron Age in Central Europe**. Oxford: Oxford University School of Archaeology, 1992.
- 372.PARKER PEARSON, M. Mortuary practices, society and ideology: an ethnoarchaeological study. In: HODDER, I. (Ed.). . **Symbolic and structural archaeology**. New directions in archaeology. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 1982. p. 99–113.
- 373.PARKER PEARSON, M. The Powerful Dead: Archaeological Relationships between the Living and the Dead. **Cambridge Archaeological Journal**, v. 3, n. 2, p. 203–229, 1993.
- 374.PARKER PEARSON, M. Food, fertility and front doors in the first millennium BC. In: CHAMPION, T.; COLLIS, J. (Eds.). . **The Iron Age in Britain and Ireland: recent trends**. Sheffield: J. R. Collis Publications, 1996. p. 117–132.

375. PARKER PEARSON, M. Food, Sex and Death: Cosmologies in the British Iron Age with Particular Reference to East Yorkshire. **Cambridge Archaeological Journal**, v. 9, n. 01, p. 43, 1999.
376. PARKER PEARSON, M. **The archaeology of death and burial**. College Station, TX: Texas A & M Univ. Press, 2002.
377. PARVEEN, N. Warrior king uncovered at east Yorkshire iron age settlement. **The Guardian**, 17 mar. 2016a.
378. PARVEEN, N. “Hugely important” iron age remains found at Yorkshire site. **The Guardian**, 17 mar. 2016b.
379. PECK, J. J. **The Biological Impact of Culture Contact: A Bioarchaeological Study of Roman Colonialism in Britain**. Ph.D. Thesis—Ohio: Ohio State University, 2009.
380. PECK, J. J. Status, health, and lifestyle in Middle Iron Age Britain: A bioarchaeological study of elites and non-elites from East Yorkshire, Northern England. **International Journal of Paleopathology**, v. 3, n. 2, p. 83–94, 2013.
381. PEIXOTO, P. V. DA S. **A morte sobre rodas: gênero, hierarquias sociais e práticas mortuárias nos enterramentos do norte da Bretanha nos séculos IV-III a. C.** Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2013.
382. PETTIT, H. 2,500-year-old chariot and two horse skeletons found in building site. **Mail Online**, 30 mar. 2017.
383. PHILLIPS, J. **The rivers, mountains, and sea-coast of Yorkshire: with essays on the climate, scenery, and ancient inhabitants of the county**. London: J. Murray, 1855.
384. PHILLIPS, J. E. “To Make the Dry Bones Live”: Amédée Forestier’s Glastonbury Lake Village. In: SMILES, S.; MOSER, S. (Eds.). **Envisioning the Past**. Oxford, UK: Blackwell Publishing Ltd, 2005. p. 72–91.
385. PIGGOTT, S. Native economies and the Roman occupation of North Britain. In: RICHMOND, I. A. (Ed.). **Roman and native in north Britain**. London: Nelson, 1958. p. 1–27.
386. PIGGOTT, S. **Ancient Europe from the beginnings of agriculture to classical antiquity: a survey**. New York: Aldine Pub. Co., 1970.
387. PIGGOTT, S. **Ancient Britons and the antiquarian imagination: ideas from the Renaissance to the Regency**. London: Thames and Hudson, 1989.
388. PIGGOTT, S. **Wagon, chariot, and carriage: symbol and status in the history of transport**. London: Thames and Hudson, 1992.
389. PITT RIVERS, A. H. L.-F. On excavations in the earthwork called Dane’s Dyke, at Flamborough, in October 1879, and on the earthworks of the Yorkshire Wolds. **Journal of the Anthropological Institute**, v. 11, p. 455–471, 1882.
390. POPA, C. N.; STODDART, S. Fingerprinting the European Iron Age. Historical, Cultural and Intellectual Perspectives on Identity and Ethnicity. In: POPA, C. N.; STODDART, S. (Eds.). **Fingerprinting the Iron Age approaches to identity in the European Iron Age: integrating South-Eastern Europe into the debate**. Oxford: Oxbow Books, 2014a. p. 324–331.
391. POPA, C. N.; STODDART, S. **Fingerprinting the Iron Age approaches to identity in the European Iron Age: integrating South-Eastern Europe into the debate**. Oxford: Oxbow Books, 2014b.

392. POPE, R. Ritual and the roundhouse: a critique of recent ideas on the use of domestic space in later British prehistory. In: HASELGROVE, C.; POPE, R. (Eds.). . **The later Iron Age in Britain and beyond**. Oxford: Oxbow Books, 2007. p. 204–228.
393. POPE, R. Processual archaeology and gender politics. The loss of innocence. **Archaeological Dialogues**, v. 18, n. 01, p. 59–86, 2011.
394. POPE, R.; RALSTON, I. Approaching Sex and Status in Iron Age Britain with Reference to the Nearer Continent. In: MOORE, T.; ARMADA, X.-L. (Eds.). . **Atlantic Europe in the First Millennium BC**. Oxford: Oxford University Press, 2012. p. 375–414.
395. POWELL, T. G. E. **The Celts**. London: Thames and Hudson, 2000.
396. POWESLAND, D. **Knapton Wold Iron Age Cemetery (3D models on Sketchfab)**, 2017. Disponível em: <<https://sketchfab.com/d.powlesland/collections/knapton-wold-iron-age-cemetery>>. Acesso em: 6 mar. 2018
397. PROCTOR, W. Report of the Proceedings of the Yorkshire Antiquarian Club, in the Excavation of Barrows from the Year 1849. **Proceedings of the Yorkshire Philosophical Society**, 176–89. 1855.
398. RAFTERY, B. The Island Celts. In: MOSCATI, S. (Ed.). . **The Celts**. New York: Rizzoli, 1991. p. 557–578.
399. RAFTERY, B. **Pagan Celtic Ireland: the enigma of the Irish Iron Age**. London ; New York: Thames and Hudson, 2000.
400. RAMM, H. G. **The Parisi**. London: Duckworth, 1978.
401. RANKIN, D. The Celts through classical eyes. In: ALDHOUSE-GREEN, M. J. (Ed.). . **The Celtic world**. London; New York: Routledge, 1996. p. 21–33.
402. RANSLEY, J. **A Contextual Analysis of Prehistoric Logboats: Readdressing Northern European Examples from Later Prehistory**. M.A. Thesis—Southampton: University of Southampton, 2002.
403. REBAY-SALISBURY, K. **The Human Body in Early Iron Age Central Europe: Burial Practices and Images of the Hallstatt World**. New York: Taylor and Francis, 2016a.
404. REBAY-SALISBURY, K. Male, female and sexless figures of the Hallstatt Culture: indicators of social order and reproductive control? **Expression**, v. 11, p. 58–63, 2016b.
405. REBAY-SALISBURY, K. Comments on Paul Treherne’s “The Warrior’s Beauty”: The Masculine Body and Self-Identity in Bronze Age Europe. (Aging Well: Treherne’s ‘Warrior’s Beauty’ Two Decades Later). **European Journal of Archaeology**, v. 20, n. 01, p. 40–44, fev. 2017.
406. REDFERN, R. A bioarchaeological analysis of violence in Iron Age females: a perspective from Dorset England (mid to late seventh century BC to the first century AD). **Britannia**, v. XXXIX, p. 161–191, 2008.
407. REDFERN, R. Does cranial trauma provide evidence for projectile weaponry in Late Iron Age Dorset? **Oxford Journal of Archaeology**, v. 28, n. 4, p. 399–424, nov. 2009.
408. REDFERN, R. Violence as an Aspect of the Durotriges Female Life Course. In: RALPH, S. (Ed.). . **The archaeology of violence interdisciplinary approaches**. Albany, NY: State University of New York Press, 2013. p. 63–97.

409. REDFERN, R. C. A Re-appraisal of the Evidence for Violence in the Late Iron Age Human Remains from Maiden Castle Hillfort, Dorset, England. **Proceedings of the Prehistoric Society**, v. 77, p. 111–138, 2011.
410. REINACH, S. **Catalogue illustré du Musée des Antiquités Nationales, au Château de Saint-Germain-en-Laye**. Paris: Ernest Leroux, 1997.
411. REYNOLDS, P. J. **Ancient farming**. Aylesbury: Shire, 1987.
412. REYNOLDS, P. J. Rural Life and Farming. In: ALDHOUSE-GREEN, M. J. (Ed.). . **The Celtic world**. London; New York: Routledge, 1996. p. 176–209.
413. REYNOLDS, P. J.; BELL, V. **Farming in the iron age**. Cambridge ; New York: Cambridge University Press, 1976.
414. RIGBY, V. The Pottery. In: STEAD, I. M. (Ed.). . **Iron Age cemeteries in East Yorkshire: excavations at Burton Fleming, Rudston, Garton-on-the-Wolds, and Kirkburn**. London: British Museum Press, 1991. p. 94–118.
415. RIGBY, V. **Pots in Pits: The British Museum Yorkshire Settlements Project (1988-92)**. Oxford: East Riding Archaeological Society, 2004.
416. ROACH SMITH, C. Antiquarian Notes. **The Gentleman's Magazine**, v. 222, n. Jan-Jun, p. 94–98, 1867.
417. ROGERS, A. **Roman towns as meaning-laden places: reconceptualising the growth and decline of towns in Roman Britain**. Ph.D. Thesis—Durham: Durham University, 2008.
418. ROSS, A. Who were the Celts?, P's and Q's of the Celtic Language. **The UNESCO Courier**, n. XXVIII, p. 6–17, 1975.
419. ROWLANDS, M. The role of memory in the transmission of culture. **World Archaeology**, v. 25, n. 2, p. 141–151, 1993.
420. SASTRE, I. Social Inequality during the Iron Age. In: MOORE, T.; ARMADA, X.-L. (Eds.). . **Atlantic Europe in the First Millennium BC**. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 264–284.
421. SAXE, A. A. Social Dimensions of Mortuary Practices in a Mesolithic Population from Wadi Halfa, Sudan. **Memoirs of the Society for American Archaeology**, n. 25, p. 39–57, 1971.
422. SCOTT, E. Killing the Female? Archaeological Narratives of Infanticide. In: ARNOLD, B.; WICKER, N. L. (Eds.). . **Gender and the archaeology of death**. Walnut Creek: AltaMira Press, 2001. p. 3–21.
423. SCOTT, J. **Gender and the Politics of History**. New York: Columbia University Press, 1988.
424. SCOTT, J. W. Gender: A Useful Category of Historical Analysis. **The American Historical Review**, v. 91, n. 5, p. 1053–1075, dez. 1986.
425. SELBY, E. F.; DIXON, D. P. Between Worlds: Considering Celtic feminine identities in The Secret of Roan Inish. **Gender, Place & Culture**, v. 5, n. 1, p. 5–28, 1998.
426. SHANKS, M.; TILLEY, C. Y. Ideology, Symbolic Power and Ritual Communication: A Reinterpretation of Neolithic Mortuary Practices. In: HODDER, I. (Ed.). . **Symbolic and structural archaeology**. New directions in archaeology. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 1982. p. 129–154.
427. SHARPLES, N. M. **Social relations in later prehistory: Wessex in the first millennium BC**. Oxford: Oxford University Press, 2010.

- 428.SHELTON, A. Museums and Museum Displays. In: TILLEY, C. Y. et al. (Eds.). . **Handbook of Material Culture**. London: SAGE Publications Ltd, 2006. p. 480–499.
- 429.SHEPPARD, T. Note on a British Chariot-Burial at Hunmanby in East Yorkshire. **Yorkshire Archaeological Journal**, v. XIX, p. 482–88, 1907.
- 430.SHEPPARD, T. Roman Remains at Middleton-on-the-Wolds. **Transactions of the East Riding Antiquarian Society**, v. XXIV, p. 80–84, 1923.
- 431.SILVA, S. F. S. M. DA. Terminologias e classificações usadas para descrever sepultamentos humanos: exemplos e sugestões. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n. 15–16, p. 113, 2006.
- 432.SIMS-WILLIAMS, P. Celtomania and Celtoscepticism. **Cambrian Medieval Celtic Studies**, v. 36, p. 1–36, 1998.
- 433.SKEATES, R. The art of memory: personal ornaments in Copper Age South-East Italy. In: LILLIOS, K. T.; TSAMIS, V. (Eds.). . **Material mnemonics: everyday memory in prehistoric Europe**. Oxford: Oxbow Books, 2010. p. 73–84.
- 434.SKOGSTRAND, L. Prehistoric Hegemonic Masculinities. In: DOMMASNES, L. H.; EUROPEAN ASSOCIATION OF ARCHAEOLOGISTS (Eds.). . **Situating gender in European archaeologies**. Archaeolingua. Series minor. Budapest: Archaeolingua, 2010. p. 35–50.
- 435.SKOGSTRAND, L. The role of violence in the construction of prehistoric masculinities. In: MATIĆ, U.; JENSEN, B. (Eds.). . **Archaeologies of gender and violence**. Oxford & Philadelphia: Oxbow Books, 2017. p. 77–102.
- 436.SMILES, S.; MOSER, S. (EDS.). **Envisioning the past: archaeology and the image**. Malden, MA: Blackwell, 2005.
- 437.SMITH, M.; BRICKLEY, M. **People of the long barrows: life, death and burial in earlier neolithic**. Stroud: History Press, 2009.
- 438.SOFAER, J. R. **The body as material culture: a theoretical osteoarchaeology**. Cambridge, UK ; New York: Cambridge University Press, 2006.
- 439.SOFAER-DEREVENSKI, J. **Perspectives on children and childhood**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- 440.SOFAER-DEREVENSKI, J. Engendering Children, Engendering Archaeology. In: MOORE, J.; SCOTT, E. (Eds.). . **Invisible people and processes: writing gender and childhood into European archaeology**. London ; New York: Leicester University Press, 1997. p. 192–202.
- 441.SOFAER-DEREVENSKI, J. **Children and material culture**. New York: Routledge, 2000.
- 442.SØRENSEN, M. L. S. **Gender archaeology**. Cambridge, UK & Malden, MA: Polity Press ; Blackwell, 2000.
- 443.SØRENSEN, M. L. S. Gender, things and material culture. In: NELSON, S. M. (Ed.). . **Handbook of gender in archaeology**. Oxford: AltaMira Press, 2006. p. 105–136.
- 444.SPRAGUE, R. A Suggested Terminology and Classification for Burial Description. **American Antiquity**, v. 33, n. 4, p. 479–485, 1968.
- 445.SPRATT, D. A. **Linear Earthworks on the Tabular Hills, Northeast Yorkshire**. Sheffield: JR Collis Pubns., 1988.

- 446.SPRIGGS, M. **Marxist perspectives in archaeology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.
- 447.STEAD, I. M. A Chariot Burial on Pexton Moor, North Riding. **Antiquity**, v. 33, p. 44–62, 1959.
- 448.STEAD, I. M. **The La Tène cultures of eastern Yorkshire**,. York: Yorkshire Philosophical Society, 1965.
- 449.STEAD, I. M. et al. An Iron Age Hill-Fort at Grimthorpe, Yorkshire, England. **Proceedings of the Prehistoric Society**, v. 34, p. 148–190, 1969a.
- 450.STEAD, I. M. et al. An Iron Age Hill-Fort at Grimthorpe, Yorkshire, England. **Proceedings of the Prehistoric Society**, v. 34, p. 148–190, fev. 1969b.
- 451.STEAD, I. M. **The Arras culture**. York: Yorkshire Philosophical Society, 1979.
- 452.STEAD, I. M. **Rudston Roman Villa**. Hull: Yorkshire Archaeological Society, 1980.
- 453.STEAD, I. M. A group of Iron Age barrows at Cowlam, North Humberside,. **Yorkshire Archaeological Journal**, v. 58, p. 5–15, 1986.
- 454.STEAD, I. M. Chalk Figurines of the Parisi. **The Antiquaries Journal**, v. 68, n. 01, p. 9–29, mar. 1988.
- 455.STEAD, I. M. **Iron Age cemeteries in East Yorkshire: excavations at Burton Fleming, Rudston, Garton-on-the-Wolds, and Kirkburn**. London: British Museum Press, 1991.
- 456.STEAD, I. M. **Celtic art: in Britain before the Roman conquest**. London: The British Museum Press, 1996.
- 457.STEAD, I. M. et al. **Iron age and roman burials in Champagne**. Oxford: Oxbow Books, 2006.
- 458.STEAD, I. M. **British iron age swords and scabbards**. London: British Museum, 2006.
- 459.STEAD, I. M. Iron Age Dagger and Missile Head. In: FENTON-THOMAS, C. (Ed.). . **A place by the sea: excavations at Sewerby Cottage Farm, Bridlington**. York: On-Site Archaeology Ltd., 2009. p. 269.
- 460.STEAD, I. M.; RIGBY, V. **Verulamium, the King Harry Lane site**. London: English Heritage in association with British Museum Publications, 1989.
- 461.STILLINGFLEET, E. W. Account of the opening of some barrows on the Wolds of Yorkshire. **Proceedings of the Archaeological Institute**, p. 26–32, 1846.
- 462.STOERTZ, C. **Ancient landscapes of the the Yorkshire Wolds: aerial photographic transcription and analysis**. Swindon: Royal Commission on the Historical Monuments of England, 1997.
- 463.STOODLEY, N. From the Cradle to the Grave: Age Organization and the Early Anglo-Saxon Burial Rite. **World Archaeology**, v. 31, n. 3, p. 456–472, 2000.
- 464.STRABO. **Geography. [Books 3 - 5]**. Traducaao Horace Leonard Jones. Cambridge, Mass.: Harvard Univ. Press, 1999.
- 465.TACITUS, C. **The Annals**. Traducaao Alfred John Church; William Jackson Brodribb. 1st edition ed. New York: The Franklin Library, 1982.
- 466.TACITUS, C. **Agricola and Germany**. Traducaao Anthony Richard Birley. Oxford ; New York: Oxford University Press, 2009.

- 467.THEUWS, F. Grave goods, ethnicity, and the rhetoric of burial rites in late antique northern Gaul. **Ethnic Constructs in Antiquity. The Role of Power and Tradition**, p. 283–319, 2009.
- 468.THEW, N.; WAGNER, P. The Environmental Evidence: The molluscan Evidence from Garton Station and Kirkburn. In: STEAD, I. M. (Ed.). . **Iron Age cemeteries in East Yorkshire: excavations at Burton Fleming, Rudston, Garton-on-the-Wolds, and Kirkburn**. London: British Museum Press, 1991. p. 148–151.
- 469.THURNAM, J. On Ancient British Barrows, especially those of Wiltshire and the adjoining Counties (Part II. Round Barrows). **Archaeologia**, v. 43, n. 02, p. 285–552, 1872.
- 470.TIBBETTS, B. Infant burials in iron age Britain. In: BŮCHVAROV, K. (Ed.). . **Babies reborn: infant/child burials in pre- and protohistory**. Oxford: Archaeopress, 2008. p. 189–194.
- 471.TILLEY, C. Y. **A phenomenology of landscape: places, paths, and monuments**. Oxford: Berg, 1994.
- 472.TILLEY, C. Y. **Interpreting landscapes: geologies, topographies, identities**. Walnut Creek, Calif: Left Coast Press, 2010.
- 473.TREHERNE, P. The Warrior's Beauty: The Masculine Body and Self-Identity in Bronze-Age Europe. **Journal of European Archaeology**, v. 3, n. 1, p. 105–144, 1995.
- 474.TRÉMEAUD, C.; BELARD, C. La notion de genre ou comment problématiser l'archéologie funéraire. **Les nouvelles de l'archéologie**, n. 140, p. 23–27, 2015.
- 475.ULLMANN, R. A. **Amor e sexo na Grécia antiga**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.
- 476.VALDEZ-TULLETT, J.; CHITTOCK, H. 'The unique result of a unique temperament' (Oscar Wilde): seeing texture through the making of art. **World Art**, v. 5, n. 2, p. 249–269, 3 jul. 2015.
- 477.VAN DE NOORT, R. **The Humber wetlands: the archaeology of a dynamic landscape**. Bollington: Windgather, 2004.
- 478.VAN DE NOORT, R.; ELLIS, S.; CHAPMAN, H. (EDS.). **Wetland heritage of the Hull Valley: an archaeological survey**. Kingston upon Hull: Humber Wetlands Project, 2000.
- 479.VAN GENNEP, A. **Os ritos de passagem**. Petrópolis: Vozes, 1978.
- 480.VAN HAPEREN, M. The distributed dead: personhood from the perspective of reopened graves. In: LUDOWICI, B. (Ed.). . **Individual and Individuality? Approaches towards an Archaeology of Personhood in the First Millenium AD**. Hannover: Konrad Theiss Verlag, 2013. p. 89–93.
- 481.VANPOOL, T. L.; LEONARD, R. D. **Quantitative Analysis in Archaeology**. New York, NY: John Wiley & Sons, 2011.
- 482.VERGER, S.; PERNET, L. (EDS.). **Une odyssée gauloise: parures de femmes à l'origine des premiers échanges entre la Grèce et la Gaule**. Arles: Éditions Errance, 2013.
- 483.VILA, X. M. A. A round Iron Age: The circular house in the hillforts of the northwestern Iberian peninsula. **E-Keltoi: J. Interdiscip. Celt. Stud.**, v. 6, p. 903–1003, 2008.
- 484.VIRU, A. et al. Age periods of accelerated improvement of muscle strength, power, speed and endurance in the age interval 6 - 18 years. **Biology of Sport**, v. 15, n. 4, p. 211–228, 1998.
- 485.VLASSOPOULOS, K. **Unthinking the Greek polis: ancient Greek history beyond Eurocentrism**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

486. WAIT, G. Burial and the Otherworld. In: ALDHOUSE-GREEN, M. J. (Ed.). . **The Celtic world**. London; New York: Routledge, 1996. p. 489–511.
487. WATTS, D. **Boudicca's heirs: women in early Britain**. London; New York: Routledge, 2005.
488. WEBLEY, L. Rethinking Iron Age connections across the Channel and North Sea. In: ANDERSON-WHYMARK, H.; GARROW, D.; STURT, F. (Eds.). . **Continental connections: exploring cross-Channel relationships from the Mesolithic to the Iron Age**. Oxford: Oxbow Books, 2015. p. 122–44.
489. WEBSTER, J. Ethnographic barbarity: colonial discourse and 'Celtic warrior societies'. In: COOPER, N. (Ed.). . **Roman imperialism: post-colonial perspectives**. Leicester: School of Archaeological Studies, University of Leicester, 1996. p. 111–123.
490. WEGLIAN, E. Grave Goods Do Not a Gender Make: A Case Study From Singen am Hohentwiel, Germany. In: ARNOLD, B.; WICKER, N. L. (Eds.). . **Gender and the archaeology of death**. Walnut Creek: AltaMira Press, 2001. p. 137–155.
491. WEISWEILER, J. Die Stellung der Frau bei den Kelten un das Problem des „Keltischen Mutterrechts". **Zeitschrift für celtische Philologie**, v. 21, n. 1, p. 205–279, 1940 1938.
492. WELLS, P. S. Identities, Material Culture, and Change: "Celts" and "Germans" in Late-Iron-Age Europe. **Journal of European Archaeology**, v. 3, n. 2, p. 169–185, 1995.
493. WELLS, P. S. **Beyond Celts, Germans and Scythians: archaeology and identity in Iron Age Europe**. London: Duckworth, 2001.
494. WELLS, P. S. **Image and Response in Early Europe**. London: Bristol Classical Press, 2008.
495. WHIMSTER, R. **Burial practices in Iron Age Britain (2 Vols.)**. Oxford: British Archaeological Reports, 1981.
496. WHITAKER, K. **Changing Cultural Dynamics in Prehistory on the Yorkshire Wolds**. Ph.D. Thesis—York: University of York, 2011.
497. WILLIAMS, H. **Death and memory in early medieval Britain**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
498. WILLIAMS, M. Growing Metaphors: The Agricultural Cycle as Metaphor in the Later Prehistoric Period of Britain and North-Western Europe. **Journal of Social Archaeology**, v. 3, n. 2, p. 223–255, jun. 2003.
499. WOOD, J. C. **When men are women: manhood among Gabra Nomads of east Africa**. Madison: University of Wisconsin Press, 1999.
500. WOODWARD, A. Beads and Beakers: heirlooms and relics in the British Early Bronze Age. **Antiquity**, v. 76, n. 294, p. 1040–1047, 2002.
501. WRATHMELL, S. The Documentary Evidence. In: TREEN, C.; ATKINS, M. (Eds.). . **Water Resources and Their Management: Wharram Research Report**. York: University of York Press, 2005. p. 1–8.
502. WRIGHT, T. **Essays on Archaeological Subjects: And on Various Questions Connected with the History of Art, Science and Literature in the Middle Ages**. York: J. R. Smith, 1861.
503. YORK, J. The Life-cycle of Bronze Age Metalwork from the Thames. **Oxford Journal of Archaeology**, v. 21, n. 1, p. 77–92, 2002.
504. YORKSHIRE EVENING POST. Our Fight is Like a Battle Fought by Celtic Warriors. **Yorkshire Evening Post**, 2 set. 2015.

505. ZAMITH, A. P. L. Lições de osteologia dos animais domésticos. **Anais da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz**, v. 3, n. 0, p. 173–270, 1946.
506. ZUMTHOR, P. **Performance, recepção, leitura**. São Paulo, SP: Cosac Naify, 2007.

Universidade Federal Fluminense (UFF)
Programa de Pós-Graduação em História (PPGH)
Núcleo de Estudos de Representações e de Imagens da Antiguidade
(NEREIDA)

As várias faces da morte:

**uma análise das diferenças sociais
construídas em cemitérios do norte bretão
(séc. V-I a.C.)**

VOLUME II.

CÁTALOGO DE ENTERRAMENTOS

Pedro Vieira da Silva Peixoto

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, como requisito para obtenção do Grau de Doutor.

Niterói, fevereiro de 2018.

Catálogo de enterramentos da Idade do Ferro em Yorkshire

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG

P377v Peixoto, Pedro Vieira da Silva
As várias faces da morte: uma análise das diferenças
sociais construídas em cemitérios do norte bretão (séc. V-
I a.C.) (Volume 2) Catálogo de Enterramentos / Pedro Vieira
da Silva Peixoto ; Adriene Baron Tacla, orientador. Niterói,
2018.
999 f.

Tese (doutorado)-Universidade Federal Fluminense, Niterói,
2018.

DOI: <http://dx.doi.org/10.22409/PPGH.2018.d.12407676769>

1. Idade do Ferro. 2. Ilhas Britânicas. 3. Enterramentos.
4. Catálogo. 5. Produção intelectual. I. Título II.
Tacla, Adriene Baron, orientador. III. Universidade Federal
Fluminense. Instituto de História.

CDD -

Bibliotecária responsável: Angela Albuquerque de Insfrán - CRB7/2318

Das Fichas Documentais

O catálogo foi elaborado a fim de organizar a documentação coletada a partir de critérios específicos que ajudem a operacionalizar e desenvolver as perguntas levantadas na pesquisa. Ele consiste em um exercício de padronização e organização sistemática de todo o material estudado, transformando, então, as tabelas com dados armazenados no Excel a partir de códigos abreviados específicos, compondo o banco de dados da pesquisa. Esse banco de dados foi posteriormente convertido em fichas documentais desenhadas a partir de critérios teórico-metodológicos, com o intuito de destacar temas-chave. Foram utilizadas as terminologias e propostas adotadas por Stead (STEAD, 1979, 1991) e Dent (1984), já que ambas foram especificamente formuladas para o estudo das práticas fúnebres durante a Idade do Ferro encontradas em Yorkshire, combinadas, ainda, com algumas das classificações utilizadas na historiografia brasileira para descrever sepultamentos humanos, sintetizadas por Silva (2006).

D209																		
	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R
1	CATALOGUE NO.	SKEL.	TYPE	ORIENTATION	POSTURE	SEX	AGE	ARCHIT.	GRAVE GOODS?	Wood	Gold	Cu Alloy	Fe	Stone	Amber	Ceramic	Glass	Animal Bone
2	Aldro (Stead 1979)																	
3	Mortimer B49	Y	A	N-S (NW)	Cnb	U	YA	S, Dsq	Y							S/F		
4	Mortimer B117	N	?	?	?	U	?	S, Dsq	Y							S		
5	Mortimer B125	N	?	?	?	U	?	Gd, Dsq	N									

850	CATALOGUE NO.	SKEL.	TYPE	ORIENTATION	POSTURE	SEX	AGE	ARCHIT.	GRAVE G	Wood	Cu Alloy	Fe	Stone	Amber	Ceramic	Glass	Animal Bone	Flint	Date
851	Melton (Fenton-Thomas 2011)																		
852	M (A4)1183	Y*	A	W-E (ID)	Ex	U	J (2-4)	Gs	N										780-530
853	M (A4)1184	Y*	A	N-S (NW)	Fl	F	A (+45)	Gs	N						S				780-530
854	M (A5)1818	Y	A	N-S (IE)	Cr	U	J (2-3)	Gs	N										780-530
855	M (A5)2554	Y	A	N-S (IE)	Tc	U	J (11-13)	Gd	Y						S/GF				780-530
856	M (A3)2722	Y	D	N-S (IE)	Fl	?M	A (25-35)	Gd	N	Wcf					S/GF				780-530
857	M (A3)3397	Y	A	E-W (RS)	Tc	M	A (35-45)	Gd	Y	Wcf					S/GF				780-530
858	M (A3)3890	Y	A	N-S (RW)	Ex	F	A (25-35)	Gd	N										780-530
859	M (A4)4039	Y	A	SW-NE (IE)	Cr	U	J (9-10)	Gd	N										780-530
860	M (A1)4864	Y	?	?	?	U	I (0-3 mth)	Gs	N										600-400
861	M (A1)4075	Y	A	S-N (RW)	Cr	M	A (35-45)	Gs	N										600-400
862	M (A7)1489	Y	A	N-S (RW)	Cr	F	A (25-35)	Gs	N					Qm/GF	S/GF				210-40 E
863	M (A8)1032	Y	A	S-N (IE)	Cr	F	A (17-22)	Gs	N						S/GF				3rd-1st C
864	M (A8)2187	Y	A	N-S (RW)	Fl	U	J (5-6)	Gs	N										3rd-1st C
865	M (A5)1823	Y	A	NW-SE (IE)	Cr	F	A (35-45)	Dsq, Gs	Y			Un/GF					P/TL		3rd-1st C
866	M/A.3-4J4297	Y	A	SE-NW (IE)	Cr	?F	A (18-25)	Dsq	N						S/GF				1st cent
867	M/A.3-4J4032	Y	?	?	?	?	I (7mth in)	Gs	N										1st cent
868	M (A.3-4J4300	Y	A	S-N (RJ)	Ex	U	I (0-3 mth)	Gs	N										1st cent
869	M (A.3-4J4370	Y	B	E-W (RS)	Fl	U	I (1 mth)	Gs	N										54 BC -
870	M (A11)5122	Y	B	E-W (RJ)	Ex?/FI	M	A (16-20)	Gs	N										
871	M (A11) 6096	Y	A	S-N	Cr	U	I (0-3 mth)	Gs	N										
872	M (A17)5620	N	?	?	?	?	?	Dsq	N										
873																			
874																			
875	Bridlington (Fenton-Thomas 2009)																		
876	BR(G4)	Y	B	E-W (RS)	Ex	?M	A (33-45)	Dsq, Gd	Y			Wdg/ T or A(i); Wspl FT				P (F+S)/ H			1st centur
877	BR (G14)	N	?	?	?	?	?	Dm	N										

Banco de dados de enterramentos da Idade do Ferro em Yorkshire; captura de tela mostrando parte dos enterramentos do cemitério de Aldro, Melton e Bridlington. (O autor).

É de extrema importância ressaltar, aqui, ainda, que todos os enterramentos presentes no catálogo e discutidos ao longo da tese foram

devidamente incluídos a partir de todos os seus registros originais – inclusive as escavações antiquárias. Isto é, embora Stead (1965, 1979) tenha já realizado publicações sistemáticas catalogando as tumbas escavadas até a primeira metade do séc. XX, ao invés de basear a extração de dados em sua obra, diversas publicações oitocentistas e registros museológicos foram diretamente consultados a partir de um longo e exaustivo trabalho de arquivamento e coleta bibliográfica. Isso porque os primeiros catálogos de Stead foram elaborados a partir de critérios específicos, por exemplo, não levando em consideração a orientação de ossadas (STEAD, 1965) ou as posições dos artefatos encontrados em relação aos esqueletos (STEAD, 1979). Além disso, erros de transcrição podem ser identificados: por exemplo, o registro de uma tumba foi acidentalmente copiado para uma segunda tumba (STEAD, 1979, p. 101, cf. os casos nº 76-76) contrário ao original (MORTIMER, 1911, p. 36); ou, como no caso em Grimthorpe, uma tumba é equivocadamente considerada como um enterramento duplo, quando na verdade se trata de uma tumba inicial com uma inserção secundária (tipo-D) que causou um distúrbio na primeira ossada (MORTIMER, 1905, p. 152 contra; STEAD, 1979, p. 102).

Essas pequenas falhas, é claro, não invalidam o esforço hercúleo de Stead de catalogação dessas tumbas e, até hoje, sua sistematização em termos de identificação e ordenamento continua a ser utilizada, tendo sido seguida na elaboração do presente catálogo. A ressalva, aqui, portanto, diz respeito ao procedimento de obtenção direta e extração de dados, ressaltando que esse processo se baseou sempre na coleta de dados a partir de publicações primárias, combinadas (quando pertinente) com catalogações secundárias feitas *a posteriori* por outros autores.

Cada ficha documental contém seis seções principais a serem preenchidas quando da existência, assim, de tais dados.

1

Id.:

2

Esqueleto:

☐ Sim ☐ Não

3

Espacialidade:

4

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☐ Não

5

6

Tipologia: Escolher um item.

Inumação: Escolher um item.

Orientação: Escolher um item.

Postura: Escolher um item.

Sexo: Escolher um item.

Idade:

Arquitetura: Escolher um item.

Localização: Escolher um item.

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Madeira:

Ouro:

Liga de Cobre:

Ferro:

Pedra:

Ámbar:

Cerâmica:

Vidro:

Ossada animal:

Pedra polida:

Detalhes biográficos (Pessoa):

Detalhes biográficos (Objetos):

Ref. Bibliográfica:

Essas seções correspondem respectivamente a:

1. Uma identificação padrão e uniforme aplicada a todos os enterramentos estudados de acordo com a historiografia e os catálogos de cada um dos achados, composta por uma abreviação do sítio/cemitério no qual o enterramento foi encontrado e um número sequencial de seu registro.
2. Informações quanto ao esqueleto (se presente ou não) e no caso das ossadas terem sobrevivido até os dias atuais, em qual tipologia, quantidade, orientação, postura, sexo e faixa etária o esqueleto encontrado se encaixa.
3. Uma descrição da espacialidade fúnebre da tumba em questão, descrevendo tanto sua arquitetura fúnebre (isto é, profundidade das covas e a presença ou não de trincheiras delimitadoras, e os seus formatos), como também a localização de tal sepultamento na paisagem e a presença ou ausência de montículos fúnebres cobrindo tal enterramento.

4. Uma apresentação do mobiliário fúnebre, quando presente, descrito a partir das matérias-primas que compõem majoritariamente cada artefato e a posição na qual ele foi achado em relação ao morto.
5. Um conjunto de observações técnicas em relação às biografias das pessoas e dos objetos enterrados, atentando para sinais de uso, desgaste, reciclagem (no caso dos objetos) ou de traumas físicos, doenças, particularidades corporais etc. (no caso dos esqueletos).
6. Uma indicação bibliográfica relativa à monografia de sítio onde originalmente a descoberta e descrição de tal sepultamento foi publicada.

Uma seção adicional foi acrescentada nos enterramentos escavados por antiquários a fim de incluir as estimativas osteológicas feitas pelos autores na época. Informações desse tipo foram, portanto, devidamente registradas e incluídas em uma seção intitulada “Avaliação feita por Antiquários”. Desconsiderá-las, como muitos fazem, seria um ato de pedantismo intelectual. Isso não quer dizer que devemos aceitá-las de modo não crítico nem nos basearmos nelas. No entanto, elas nos fornecem pistas valiosas a respeito de associações materiais, já que em alguns casos as estimativas feitas com base nos materiais ósseos por alguns antiquários acabam por dialogar com um padrão de deposições fúnebres orientados por princípios etários e sexuais, posteriormente evidenciado em escavações modernas. Alguns dos esqueletos descobertos no séc. XIX chegaram inclusive a ser cuidadosamente investigados, tendo suas medidas registradas e comparadas (MORTIMER, 1877, 1897b; WRIGHT, 1903), revelando portes físicos e certos traumatismos comparáveis com os identificados em escavações recentes. As estimativas feitas pelos antiquários, entretanto, foram, aqui, catalogadas como um item à parte, ressaltando o momento histórico em que foram realizadas. Alguns casos, como Cowlam, foram submetidos a investigações modernas, revelando que embora uma parte dessas projeções pareçam estar corretas (por exemplo CW2;B.L) em outros casos, elas se mostraram equivocadas (CW1;A.LIV), motivo pelo qual nenhuma das análises técnicas da tese foram baseadas em projeções oitocentistas (STEAD, 1986). Apesar disso, seu registro, acredito, irá permitir que pesquisas futuras disponham de dados que as possibilitem explorar em maior detalhe a relação entre a cultura material da Idade do Ferro, os processos de construção de saber no séc. XIX e nas primeiras décadas do séc. XX, e a correlação de determinadas associações materiais e atributos de gênero (independentemente do sexo das ossadas).

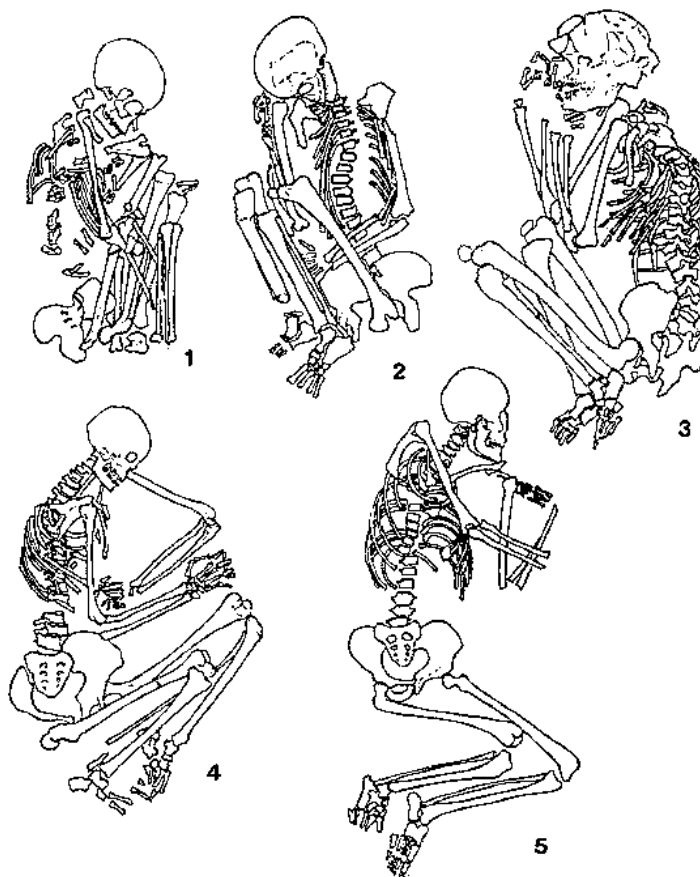
Relação completa de todos os enterramentos incluídos no banco de dados da tese

Cemitérios e enterramentos escavados por antiquários (séc. XIX, primeiras décadas do séc. XX)	Cemitérios e enterramentos escavados nos séc. XX-XXI
Aldro (3) Arras (71) Beverley (2) Bugthorpe (1) Calais Wold (1) Cawthorn Camps (1) Danes Graves (115) Grimthorpe (5) Grindale (1) Hanging Grimstron (1) Hornsea (1) Huggate (1) Hunmanby (1) Huntow (1) Middleton-on-the-Wolds (3) North Grimston (1) Pexton Moor (1) Scorborough (7) Seamer (1) Thorpe Hall (1) [n.= 219]	Cowlam (8) Rudston (215) Burton Fleming (66) Garton Station (10) Kirkburn (7) Wetwang Slack (465) Garton Slack (46) Wetwang Village (1) Acklam Wolds (1) Ferry Fryston (1) Bridlington (2) Melton (21) Nunburnholme (3) Knaption Wold (2) [n.= 848] [t.= 1067]

Listagem completa de todos os sítios e enterramentos catalogados e inseridos no banco de dados da pesquisa. Em parênteses a quantidade de enterramentos encontrados em cada sítio, seguido por [n.=X] a contagem final de enterramentos registrados em cada período e o total [t. = X] de casos listados. Elaborado a partir de material coletado em: (BREWSTER, 1971, 1976, 1980, DENT, 1983, 1984, 1985, FENTON-THOMAS, 2009, 2011, GREENWELL, 1865, 1865, 1877, 1906, HALKON; LILLIE; LYALL, 2014, 2015; HALKON; LYALL, 2016; HILL, 2001, 2001; JEWITT; COX; ALLEN, 1897; JONES; TOLLEFSEN, 2017; KIRK, 1911; MORTIMER, 1895, 1897a, 1897b, 1898, 1905, 1911; PEIXOTO, 2013; SHEPPARD, 1907, 1923, STEAD, 1965, 1979, 1986, 1991; STILLINGFLEET, 1846) e fichas descritivas realizadas pelo Museu Britânico e o Museu de Hull e East Riding.

Posturas e Orientações

Posturas:



[1] Contraída, [2] contraída sobre a dorsal, [3] fortemente fletida, [4] fletida e [5] semi-fletida

Posturas das inumações encontradas em Yorkshire durante a Idade do Ferro.

Fonte: (STEAD, 1991, fig. 100).

Orientação:

Expressas a partir dos pontos cardeais N, S, L, O, na seguinte ordem: 1º, eixo de orientação em que o corpo se encontra e 2º o ponto cardinal para qual o corpo está voltado.

Exemplo: N/S – L (corpo alinhado no sentido norte-sul, voltado para leste).

O/L – N (corpo alinhado no sentido oeste-leste, voltado para norte).

Posições dos achados

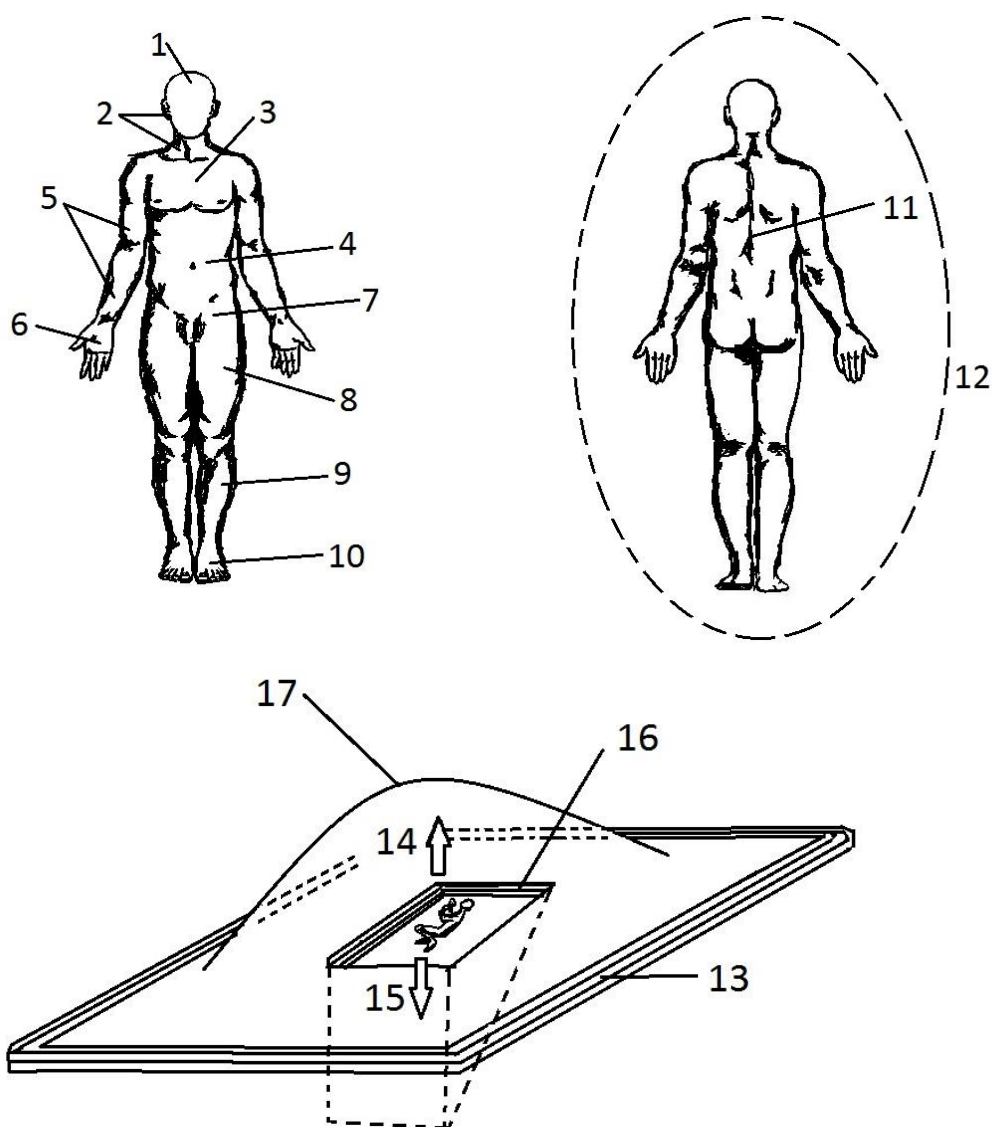


Fig.: Posições de achados em relação ao corpo enterrado e/ou sua localidade na tumba. O autor.

Posições e códigos abreviados:

1. Cabeça (C)
2. Orelha/Pescoço (OP)
3. Tórax (T)
4. Abdômen (Ab)
5. Braços (B)
6. Mãos (M)
7. Quadril (Q)
8. Coxas (Cx)
9. Pernas (Pn)
10. Pés (Pe)

11. Costas (Cs)
12. Ao redor do corpo (AR)
13. Na trincheira (TR)
14. Em cima do morto (EC)
15. Embaixo do morto (EB)
16. No preenchimento da cova (PC)
17. No montículo fúnebre (MT)

ÍNDICE DOS ENTERRAMENTOS DO CATÁLOGO

Aldro (421-424)
Arras (425-453)
Beverley (454-456)
Bugthorpe (457-458)
Cawthorn Camps (475-461)
Danes Graves (462-519)
Grimthorpe (520-525)
Grindale (526-527)
Hanging Grimstron (528-530)
Hornsea (530-531)
Huggate (532-533)
Hunmanby (534-536)
Huntow (536-538)
Middleton-on-the-Wolds (539-541)
North Grimston (542-543)
Pexton Moor (544-546)
Scorborough (546-553)
Seamer (554-555)
Thorpe Hall (556-557)
Calais Wold (558-559)
Acklam (560-561)
Bridlington (562-564)
Burton Fleming (564-630)
Cowlam (631-639)
Garton Slack (640-686)
Garton Station (687-697)
Melton (698-719)
Nunburnholme (720-723)
Rudston (724-938)
Wetwang Slack (939-1399)
Wetwang Village (1400-1401)
Kirkburn (1402-1409)

Aldro

Id.: AL 1 (Mortimer B49)

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - O

Postura: Contraída

Avaliação feita por Antiquários

Sexo: N/d.

Idade: Jovem adulto

Espacialidade:

Arquitetura: Enterramento de superfície, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Agrupamento

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Pedra: [2] Lâminas (C); Raspador (C)

Cerâmica: Fragmentos (C)

Ref. Bibliográfica:

Mortimer 1905

Id.: AL2 (Mortimer B117)

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: Enterramento de superfície, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Agrupamento

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Pedra: Lâmina

Cerâmica: Fragmentos

Detalhes biográficos (Objetos):

Mortimer (1905:80) descreve que havia também um “objeto circular” entre os achados, embora não especifique a função ou matéria prima utilizada na confecção do artefato.

Ref. Bibliográfica:

Mortimer 1905

Id.: AL 3 (Mortimer B125)

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Agrupamento

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Mortimer 1905

Arras

Enterramentos sobre os quais não há quaisquer informações sobre os esqueletos e/ou artefatos depositados, conhecidos apenas graças aos mapeamentos realizados por William Watson (1816), Yorkshire Antiquarian Club (1849 e 1850), Ordnance Survey (1855 e 1910) e fotografias aéreas tirada em 1974. Organizados a partir da nomenclatura padrão estabelecida por Stead (1979).

W2-14	W22	W28	W32	W44	W49
W50	W54	W55	W56	W60-64	W67
W68	W70-74	W79	W80	St89	St91-100

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: N/d.

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Liga de Cobre: [2] Anéis

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1979

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: N/d.

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Liga de Cobre: [2] Braceletes do tipo 4

Detalhes biográficos (Objetos):

Um dos braceletes possuía esmaltamento vítreo avermelhado, e o outro tinha um engaste com pedra avermelhada.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1979

Id.:W36

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: N/d.

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: ?Espelho

Detalhes biográficos (Objetos):

Esse enterramento mapeado por Watson (1816) pode ser o mesmo que A.7.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1979

Id.:W43

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: N/d.

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Liga de Cobre: [2] Braceletes, tipo 1 e 2.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1979

Id.:W45

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - ?

Postura: N/d.

Avaliação feita por Antiquários

Sexo: N/d.

Idade: N/d.

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche do tipo L

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1979

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: N/d.

Inumação: Individual

Orientação: N/d.

Postura: N/d.

Avaliação feita por Antiquários

Sexo: N/d.

Idade: N/d.

Espacialidade:

Arquitetura: N/d.

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Liga de Cobre: Machado em miniatura, anel

Pedra: Conta

Âmbar: Conta

Vidro: Conta

Detalhes biográficos (Objetos):

Greenwell (1906: 303) menciona que o machado em miniatura contava com um pino que conectava a conta de vidro azulada ao artefato.

Ref. Bibliográfica:

Stillingfleet 1847, Greenwell, 1906, Stead, 1979

Id.:W85

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: N/d.

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Liga de Cobre: Anel

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1979

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Contraída

Avaliação feita por Antiquários

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ossada animal: Porco, quarto dianteiro e crânio (C-T)

Ref. Bibliográfica:

Davis & Thurman, 1865; Stead, 1979

Id.: A1 “King’s Barrow”

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: C

Inumação: Individual

Orientação: N/S - ?

Postura: Fletida

Avaliação feita por Antiquários

Sexo: Masculino

Idade: “Velho”

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Partes de um carro e equipamento de arreo (T/Ab/AC)

Ossada animal: [2] Porcos, crânios (C); [2] Cavalos (AC)

Detalhes biográficos (Pessoa):

Enterramento com carro (cf. Peixoto, 2013).

Detalhes biográficos (Objetos):

Os dois anéis de rédea que sobreviveram não são um par exato, e a embocadura depositada não apresentava quaisquer sinais de uso/desgaste e era provavelmente disfuncional.

Ref. Bibliográfica:

Stillingleet, 1848; Stead, 1965, 1979

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: C

Inumação: Individual

Orientação: N/S - ?

Postura: N/d.

Avaliação feita por Antiquários

Sexo: Masculino

Idade: Adulta

Espacialidade:

Arquitetura: N/d.

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Liga de Cobre: Disco (C), “estojo” (AC)

Ferro: Partes de um carro e equipamento de arreo (AC)

Ossada animal: Pino de roda feito de galhada polida (EC)

Detalhes biográficos (Objetos):

Enterramento com carro (cf. Peixoto, 2013).

Dois pinos de rodas feitos de galhada foram registrados, mas apenas 1 sobreviveu aos dias atuais e apresenta sinais de uso/desgaste. O disco de bronze (ø11,5 cm) encontrado foi interpretado como parte de um escudo por antiquários (Stillingfleet 1848, p.30, Greenwell 1906, p.282), e como parte do carro por Stead (1979, p. 53), e sua função ainda é desconhecida.

Ref. Bibliográfica:

Stillingfleet, 1848

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: C

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Estendida

Avaliação feita por Antiquários

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (35-40)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Liga de Cobre: Equipamentos de arreio (AC), Cabo [de um chicote]

Ferro: Espelho (C); Partes de um carro e equipamento de arreio (AC)

Ossada animal: [2] Porcos, crânio e quarto dianteiro (C)

Detalhes biográficos (Objetos):

Enterramento com carro (cf. Peixoto, 2013).

Há um consenso entre os antiquários e reavaliações recentes (com base em comparações com casos bem documentados do Continente) que o objeto de bronze encontrado, e subsequentemente perdido, correspondesse à parte inferior de um chicote (Greenwell 1877, p.456; 1906, p. 284-5; Stead 1965, p.91; 1979, p.55).

Ref. Bibliográfica:

Greenwell, 1877; 1906.

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - ?

Postura: Fletida

Avaliação feita por Antiquários

Sexo: Feminino

Idade: Adulta

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ouro: Anel de dedo (M)

Liga de Cobre: Pinça; Broche do tipo A (T); Pino com topo anelar; [2] Braceletes de tipo 4 (B); Pendente; Anel

Âmbar: Anel (T)

Vidro: Contas [67] (OP)

Detalhes biográficos (Objetos):

Pedras de coral foram utilizadas no broche e no pendente e possivelmente também nos braceletes encontrados. A pinça e o pino anelar encontrado faziam parte de um conjunto para toalete pessoal. O anel de ouro foi perdido desde a escavação (possivelmente devido ao seu valor). O colar de contas azuladas continha cerca de 100 contas.

Ref. Bibliográfica:

Stillingfleet, 1848

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: N/d.

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Liga de Cobre: Gargantilha/torque, Ornamento em formato de disco/roda

Pedra: [9] Contas de azeviche

Detalhes biográficos (Objetos):

Tanto o torque como o ornamento em formato de disco se perderam; as contas foram às únicas a sobreviverem até os dias atuais.

Ref. Bibliográfica:

Greenwell, 1906

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Espacialidade:

Arquitetura: N/d.

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Liga de Cobre: [2] Braceletes do tipo 4; Anel (possivelmente brinco); Broche.

Detalhes biográficos (Pessoa):

Esqueleto foi encontrado, mas nenhuma informação foi registrada além do fato de estar em perfeita condição (Greenwell, 1906, p.301).

Detalhes biográficos (Objetos):

A partir do relato de Greenwell é possível aventar que o broche encontrado fosse de tipo K. Os braceletes tinham um ornamento central (feito de vidro ou pedra) que nunca foi encontrado.

Ref. Bibliográfica:

Greenwell 1906

Id.:A7 (=W36)

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: N/d.

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Espelho

Detalhes biográficos (Objetos):

Com base nos relatos disponíveis, este provavelmente se trata do mesmo enterramento de W36, onde um espelho (perdido, com o tempo) foi encontrado.

Ref. Bibliográfica:

Greenwell, 1906; Stead 1979

Id.:A8

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: N/d.

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Liga de Cobre: Bracelete de tipo 4

Ref. Bibliográfica:

Greenwell, 1906; Stead 1979

Id.:A9

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: N/d.

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Liga de Cobre: Bracelete de tipo 2

Detalhes biográficos (Objetos):

O bracelete apresentava sinais de uso e desgaste.

Ref. Bibliográfica:

Greenwell, 1906; Stead 1979

Id.:A10

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: N/d.

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Liga de Cobre: Bracelete de tipo 2

Detalhes biográficos (Objetos):

Ref. Bibliográfica:

Greenwell, 1906; Stead 1979

Id.:A11

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: N/d.

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Liga de Cobre: Bracelete de tipo 2

Detalhes biográficos (Objetos):

Ref. Bibliográfica:

Greenwell, 1906; Stead 1979

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: N/d.

Inumação: Dupla

Orientação: N/S - O

Postura: Contraída

Avaliação feita por Antiquários

Sexo: N/d.

Idade: N/d.

Espacialidade:

Arquitetura: N/d.

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Liga de Cobre: Bracelete do tipo 3 (B); Tornozeleira (Pn)

Detalhes biográficos (Pessoa):

Enterramento duplo, de acordo com Oliver (1829:4), onde o indivíduo com bracelete era aparentemente muito mais novo que o outro com a tornozeleira.

Ref. Bibliográfica:

Oliver, 1829; Stead, 1979

Id.:A13

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: N/d.

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Liga de Cobre: Bracelete

Ref. Bibliográfica:

Greenwell 1906; Stead 1979

Id.:A14

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: N/d.

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Pedra: Anel de azeviche

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1979

Id.:A15

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: N/d.

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Liga de Cobre: Anel de dedo

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1979

Id.:A16

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: N/d.

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Liga de Cobre: Anel

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1979

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: N/d.

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Liga de Cobre: Rebite

Detalhes biográficos (Objetos):

Rebite foi usado para reparar algo (Stead, 1979: 86).

ivet, contained pieces of lead and was presumably used as repair for something (Stead 1979: 86).

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1979

Id.:A18

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: N/d.

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Pedra: Fuso de Tear

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1979

Id.:A19

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: N/d.

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Cerâmica: Fragmentos

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1979

Beverley

Id.:BV1

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Agrupamento

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Partes de um carro e equipamentos de arreo

Detalhes biográficos (Objetos):

Enterramento com carro (Cf. Peixoto, 2013).

Ref. Bibliográfica:

Greenwell, 1877; Stead, 1979

Id.:BV2

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: Trincheira quadrangular

Localização: ∈ Agrupamento

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Greenwell, 1877; Stead, 1979

Bugthorpe

Esqueleto:☒ Sim ☐ NãoTipologia: N/d.Inumação: N/d.Orientação: N/d.Postura: N/d.**Avaliação feita por Antiquários**Sexo: N/d.Idade: N/d.**Espacialidade:**Arquitetura: N/d.Localização: IsoladaMontículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.**Mobiliário Fúnebre:**☒ Sim ☐ NãoMadeira: Escudo?Liga de Cobre: Discos [2]; BainhaFerro: Espada**Detalhes biográficos (Objetos):**

Os dois discos de bronze continham esmaltamento vítreo avermelhado e foram equivocadamente considerados como possíveis broches por antiquários no séc. XIX (Greenwell, 1877, p. 50; Thurnam, 1871, p.457) mas, como Stead (1979:59-60) argumenta, e Fitzpatrick (1996:69-71) confirma, tratam-se ornamentos para um escudo.

Ref. Bibliográfica:

Thurnam, 1871; Greenwell, 1877; Stead, 1979

Cawthorn Camps

Id.:CC1

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: Enterramento de superfície

Localização: Isolada

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Liga de Cobre: Equipamento de arreo

Ferro: Partes de um carro e equipamento de arreo

Detalhes biográficos (Objetos):

Enterramento com carros (Cf. Peixoto, 2013).

Ref. Bibliográfica:

Mortimer, 1905

Id.:CC2

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: Trincheira quadrangular

Localização: Isolada

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1979

Danes Graves

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: N/d.

Orientação: N/d.

Postura: N/d.

Avaliação feita por Antiquários

Sexo: N/d.

Idade: Adulta?

Espacialidade:

Arquitetura: N/d.

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ossada animal: ?Ossos de ovelha ou porcos (C)

Ref. Bibliográfica:

Mortimer, 1899

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: N/d.

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Liga de Cobre: Bracelete

Ferro: Partes de um pente

Pedra: Conta de azeviche

Ref. Bibliográfica:

Mortimer, 1899

Id.:DG3

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: N/d.

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Cerâmica: Fragmentos

Ref. Bibliográfica:

Mortimer, 1899

Id.:DG4

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: N/d.

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Mortimer, 1899

Id.:DG5

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: N/d.

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Âmbar: Contas [x2]

Vidro: Contas [x2]

Detalhes biográficos (Objetos):

Stead (1979:99) considera a proveniência das contas como “suspeita”, devido à falta de documentação detalhada em relação a sua descoberta. Ele levanta a possibilidade que as mesmas tenham sido encontradas em uma tumba anterior (DG2) ou datem de um contexto tardio (romano-bretão), embora essa última opção pareça ser menos provável.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1979; Mortimer, 1899

Id.:DG6

Esqueleto:

☐ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/d.

Postura: Contraída

Avaliação feita por Antiquários

Sexo: Feminino

Idade: Adulta

Espacialidade:

Arquitetura: N/d.

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Cerâmica: Fragmentos (C)

Detalhes biográficos (Pessoa):

Estima-se que a pessoa enterrada tinha 1,76m de altura.

Ref. Bibliográfica:

Mortimer, 1899

Id.:DG7

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - ?

Postura: Contraída

Avaliação feita por Antiquários

Sexo: Feminino

Idade: N/d.

Espacialidade:

Arquitetura: N/d.

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Cerâmica: Fragmentos (C)

Ref. Bibliográfica:

Mortimer, 1899

Esqueleto:

☐ Sim ☐ Não

Espacialidade:

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - O

Postura: Contraída

Avaliação feita por Antiquários

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (40)

Arquitetura: N/d.

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Ref. Bibliográfica:

Mortimer, 1899

Id.:DG9

Esqueleto:

☐ Sim ☐ Não

Espacialidade:

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - O

Postura: Contraída

Avaliação feita por Antiquários

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (35)

Arquitetura: N/d.

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Ref. Bibliográfica:

Mortimer, 1899

Id.:DG10

Esqueleto:

☐ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - O

Postura: Contraída

Avaliação feita por Antiquários

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (45)

Espacialidade:

Arquitetura: N/d.

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Objeto não identificável (EB)

Ref. Bibliográfica:

Mortimer, 1899

Id.:DG11 (=43?)

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: N/d.

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Mortimer, 1899

Id.:DG12

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: N/d.

Inumação: N/d.

Orientação: N/d.

Postura: N/d.

Avaliação feita por Antiquários

Sexo: N/d.

Idade: N/d.

Espacialidade:

Arquitetura: N/d.

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Objeto não identificável

Ref. Bibliográfica:

Mortimer, 1899

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: N/d.

Inumação: N/d.

Orientação: N/d.

Postura: N/d.

Avaliação feita por Antiquários

Sexo: N/d.

Idade: N/d.

Espacialidade:

Arquitetura: N/d.

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Objeto não identificável

Ref. Bibliográfica:

Mortimer, 1899

Id.:DG14

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: N/d.

Inumação: N/d.

Orientação: N/d.

Postura: N/d.

Avaliação feita por Antiquários

Sexo: N/d.

Idade: N/d.

Espacialidade:

Arquitetura: N/d.

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Objeto não identificável

Ref. Bibliográfica:

Mortimer, 1899

Id.:DG15a

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: N/d.

Inumação: Individual

Orientação: N/d.

Postura: N/d.

Avaliação feita por Antiquários

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (sênior)

Espacialidade:

Arquitetura: N/d.

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Greenwell, 1865

Id.:DG15b

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/d.

Postura: Fletida

Avaliação feita por Antiquários

Sexo: N/d.

Idade: Criança (5)

Espacialidade:

Arquitetura: N/d.

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Greenwell, 1865

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: N/d.

Inumação: Individual

Orientação: N/d.

Postura: Fletida

Avaliação feita por Antiquários

Sexo: N/d.

Idade: Adulta

Espacialidade:

Arquitetura: N/d.

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Cerâmica: Fragmentos (C)

Ref. Bibliográfica:

Greenwell, 1865

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: N/d.

Inumação: Individual

Orientação: N/d.

Postura: Fletida

Avaliação feita por Antiquários

Sexo: N/d.

Idade: Adulta

Espacialidade:

Arquitetura: N/d.

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Cerâmica: Fragmentos (C)

Ref. Bibliográfica:

Greenwell, 1865

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: N/d.

Inumação: Individual

Orientação: N/d.

Postura: Fletida

Avaliação feita por Antiquários

Sexo: N/d.

Idade: Adulta

Espacialidade:

Arquitetura: N/d.

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Cerâmica: Fragmentos (C)

Ref. Bibliográfica:

Greenwell, 1865

Id.:DG19

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: B

Inumação: Individual

Orientação: O/L - S

Postura: Fletida

Avaliação feita por Antiquários

Sexo: Masculino

Idade: Adulta

Espacialidade:

Arquitetura: N/d.

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche do tipo C (C)

Ossada animal: [2] Cabritos [corpo inteiro] (AC)

Ref. Bibliográfica:

Greenwell, 1865

Id.:DG20

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: N/d.

Inumação: Individual

Orientação: N/d.

Postura: Fletida

Avaliação feita por Antiquários

Sexo: N/d.

Idade: Adulta

Espacialidade:

Arquitetura: N/d.

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Greenwell, 1865



Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: N/d.

Inumação: Individual

Orientação: N/d.

Postura: Fletida

Avaliação feita por Antiquários

Sexo: N/d.

Idade: Adulta

Espacialidade:

Arquitetura: N/d.

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Greenwell, 1865

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: N/d.

Inumação: Individual

Orientação: N/d.

Postura: Fletida

Avaliação feita por Antiquários

Sexo: N/d.

Idade: Adulta

Espacialidade:

Arquitetura: N/d.

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Greenwell, 1865

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: N/d.

Inumação: Individual

Orientação: N/d.

Postura: Fletida

Avaliação feita por Antiquários

Sexo: N/d.

Idade: Adulta

Espacialidade:

Arquitetura: N/d.

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Greenwell, 1865

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: N/d.

Inumação: Individual

Orientação: N/d.

Postura: Fletida

Avaliação feita por Antiquários

Sexo: N/d.

Idade: Adulta

Espacialidade:

Arquitetura: N/d.

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Greenwell, 1865

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: N/d.

Inumação: Individual

Orientação: N/d.

Postura: Fletida

Avaliação feita por Antiquários

Sexo: N/d.

Idade: Adulta

Espacialidade:

Arquitetura: N/d.

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Greenwell, 1865

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: N/d.

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Greenwell, 1865

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: N/d.

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Greenwell, 1865

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: N/d.

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Greenwell, 1865

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: N/d.

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Mortimer, 1897

Id.:DG30

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: B

Inumação: Individual

Orientação: O/L - N

Postura: N/d.

Avaliação feita por Antiquários

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (35)

Espacialidade:

Arquitetura: N/d.

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Cerâmica: Fragmentos

Ossada animal: Porco, úmero (PN)

Ref. Bibliográfica:

Mortimer, 1897

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Contraída

Avaliação feita por Antiquários

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (60-70)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Objeto não identificável (T/Ab)

Cerâmica: Fragmentos (C)

Ossada animal: Porco, úmero (C)

Detalhes biográficos (Objetos):

O objeto de ferro estava bastante corroído e foi identificado por Mortimer (1897: 2), na época, como uma fivela para cinto.

Ref. Bibliográfica:

Mortimer, 1897

Id.:DG32

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - L

Postura: Contraída

Avaliação feita por Antiquários

Sexo: N/d.

Idade: Adulta (18-20)

Espacialidade:

Arquitetura: N/d.

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Mortimer, 1897

Id.:DG33

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - O

Postura: Contraída

Avaliação feita por Antiquários

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (60-63)

Espacialidade:

Arquitetura: N/d.

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Objeto não identificável

Ref. Bibliográfica:

Mortimer, 1897

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Avaliação feita por Antiquários

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (40-54)

Espacialidade:

Arquitetura: N/d.

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Objeto não identificável

Detalhes biográficos (Pessoa):

Embora o esqueleto tenha sido estimado como correspondente a um homem de idade madura, Mortimer (1897, p.8) observou que ele, no entanto, possuía “cisos pequeninos”.

Ref. Bibliográfica:

Mortimer, 1897

Id.:DG35

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Espacialidade:

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Contraída

Avaliação feita por Antiquários

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (50-60)

Arquitetura: N/d.

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Ref. Bibliográfica:

Mortimer, 1897

Id.:DG36

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: N/d.

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Mortimer, 1897

Id.:DG37

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Espacialidade:

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Contraída

Avaliação feita por Antiquários

Sexo: Masculino

Idade: Adolescente (12-14)

Arquitetura: N/d.

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Ref. Bibliográfica:

Mortimer, 1897

Id.:DG38

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Contraída

Avaliação feita por Antiquários

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: N/d.

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Mortimer, 1897

Id.:DG39

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Espacialidade:

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Tipologia: B

Inumação: Individual

Orientação: O/L - N

Postura: Contraída

Avaliação feita por Antiquários

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (18-22)

Arquitetura: N/d.

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Ref. Bibliográfica:

Mortimer, 1897

Id.:DG40

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - O

Postura: Fletida

Avaliação feita por Antiquários

Sexo: Feminino

Idade: Adulta

Espacialidade:

Arquitetura: N/d.

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Objeto não identificável

Ref. Bibliográfica:

Mortimer, 1897

Esqueleto:☒ Sim ☐ NãoTipologia: AInumação: IndividualOrientação: SSO/NE - OPostura: Contraída**Avaliação feita por Antiquários**Sexo: FemininoIdade: Adulta (50-55)**Espacialidade:**Arquitetura: Cova profundaLocalização: ∈ CemitérioMontículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.**Mobiliário Fúnebre:**☒ Sim ☐ NãoLiga de Cobre: Pino com argola (C)**Detalhes biográficos (Objetos):**

Pino de bronze com a cabeça em formato de argola/círculo, imitando uma roda com quatro raios, encontrado atrás do crânio do esqueleto. O circuito do objeto foi adorado com acabamento de coral e um botão de coral preso ao corpo do pino.

Ref. Bibliográfica:

Mortimer, 1897

Id.:DG42

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Contraída

Avaliação feita por Antiquários

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: N/d.

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche (OP)

Ref. Bibliográfica:

Mortimer, 1897

Id.:DG43a (enterramento com carros)

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: C

Inumação: Individual

Orientação: SO/NE - SE

Postura: Fletida

Avaliação feita por Antiquários

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (40-50)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Liga de Cobre: Disco (AC); objeto não identificável; partes de um carro e equipamentos de arreio (AC)

Ferro: Broche (AC), Anel (C), partes de um carro e equipamentos de arreio (AC).

Detalhes biográficos (Objetos):

O broche estava em fragmentos; o anel encontrado próximo ao crânio do esqueleto poderia fazer parte de pino com extremidade circular (e.g. DG41) se combinado com uma tira de metal encontrada no outro lado da cova, embora Stead (1979:55) desconsidere tal possibilidade devido a localização dos achados.

Ref. Bibliográfica:

Mortimer, 1897

Id.:DG44

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Espacialidade:

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: NE/SO - SE

Postura: Contraída

Avaliação feita por Antiquários

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (40-45)

Arquitetura: N/d.

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Ref. Bibliográfica:

Mortimer, 1897

Id.:DG45

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - O

Postura: Contraída

Avaliação feita por Antiquários

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (45-50)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche (OP)

Detalhes biográficos (Pessoa):

Crânio apresentava uma antiga cicatriz (de 5cm) causada por objeto cortante, no osso frontal.

Ref. Bibliográfica:

Mortimer, 1897

Id.:DG46a

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: B

Inumação: Coletiva

Orientação: O/L - N

Postura: Fletida

Avaliação feita por Antiquários

Sexo: N/d.

Idade: Criança (4-6)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Bracelete (B)

Detalhes biográficos (Pessoa):

Enterramento coletivo, contendo 5 inumações em uma mesma tumba.

Ref. Bibliográfica:

Mortimer, 1897

Id.:DG46b

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: N/d.

Inumação: Coletiva

Orientação: N/d.

Postura: N/d.

Avaliação feita por Antiquários

Sexo: N/d.

Idade: Criança (2-5)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Enterramento coletivo, contendo 5 inumações em uma mesma tumba.

Ref. Bibliográfica:

Mortimer, 1897

Id.:DG46c

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Coletiva

Orientação: N/S - L

Postura: Contraída

Avaliação feita por Antiquários

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (15-18)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Enterramento coletivo, contendo 5 inumações em uma mesma tumba.

Ref. Bibliográfica:

Mortimer, 1897

Id.:DG46d

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Coletiva

Orientação: S/N - L

Postura: Contraída

Avaliação feita por Antiquários

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (40-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Liga de Cobre: Objeto não identificável (B); Broche (T)

Detalhes biográficos (Pessoa):

Enterramento coletivo, contendo 5 inumações em uma mesma tumba.

Ref. Bibliográfica:

Mortimer, 1897

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Contraída

Avaliação feita por Antiquários

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (55-60)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Liga de Cobre: Bracelete (B)

Detalhes biográficos (Pessoa):

Enterramento coletivo, contendo 5 inumações em uma mesma tumba.

Ref. Bibliográfica:

Mortimer, 1897

Id.:DG47

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Espacialidade:

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: NE/SO - L

Postura: Contraída

Avaliação feita por Antiquários

Sexo: N/d.

Idade: Adulta

Arquitetura: Cova profunda

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Ref. Bibliográfica:

Mortimer, 1911

Id.:DG48

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Contraída

Avaliação feita por Antiquários

Sexo: N/d.

Idade: Adulta

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Liga de Cobre: Broche de tipo H (C)

Ref. Bibliográfica:

Mortimer, 1897

Id.:DG49

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: SO/NE - ?

Postura: Contraída

Avaliação feita por Antiquários

Sexo: N/d.

Idade: Adulta

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Mortimer, 1911

Id.:DG50

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: NE/SO - L

Postura: Contraída

Avaliação feita por Antiquários

Sexo: N/d.

Idade: Adulta

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Mortimer, 1911

Grimthorpe

Esqueleto:☒ Sim ☐ NãoTipologia: AInumação: IndividualOrientação: S/N - OPostura: Fletida**Avaliação feita por Antiquários**Sexo: MasculinoIdade: Adulta Inicial**Espacialidade:**Arquitetura: N/d.Localização: ∈ AgrupamentoMontículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.**Mobiliário Fúnebre:**☒ Sim ☐ NãoLiga de Cobre: Bossa (T); Disco; BainhaFerro: Espada (C-T); Ponta de lança (AC)Cerâmica: Fragmentos (PC)Ossada animal: Ossada trabalhada [16] (PC, T-Ab, AC)**Detalhes biográficos (Objetos):**

O punho da espada estava próximo ao crânio do esqueleto; a bainha da espada havia sido adornada com esmalte vítreo vermelho e amarelo. A ossada animal trabalhada consistia em uma série de pontas com uma pequena perfuração lateral e são interpretadas como pinos ou presilhas para um sudário (Mortimer, 1905: 151; Stead, 1979: 86), embora Mortimer (1905) tenha levantado à possibilidade de que talvez se tratassem de pontas de lanças. O Museu Britânico as cataloga apenas como “pontas de osso/ ferramenta, implemento de osso” (Cf. BM.1876,0208.13 até 25).

Ref. Bibliográfica:

Thurnman, 1871; Mortimer, 1905; Stead, 1979

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Espacialidade:

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Tipologia: N/d.

Inumação: Individual

Orientação: N/d.

Postura: N/d.

Avaliação feita por Antiquários

Sexo: Feminino

Idade: Adulta

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Agrupamento

Montículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Ref. Bibliográfica:

Mortimer, 1905; Stead, 1979

Id.:GR3

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Espacialidade:

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Avaliação feita por Antiquários

Sexo: N/d.

Idade: Adulta

Arquitetura: N/d.

Localização: ∈ Agrupamento

Montículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Ref. Bibliográfica:

Mortimer, 1905; Stead, 1979

Id.:GR4

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Avaliação feita por Antiquários

Sexo: N/d.

Idade: Adulta

Espacialidade:

Arquitetura: N/d.

Localização: ∈ Agrupamento

Montículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Inserção secundária na cova de GR3, 15 cm acima do esqueleto anterior.

Ref. Bibliográfica:

Mortimer, 1905; Stead, 1979

Id.:GR

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: SE/NO - O

Postura: Fletida

Avaliação feita por Antiquários

Sexo: N/d.

Idade: N/d.

Espacialidade:

Arquitetura: N/d.

Localização: ∈ Agrupamento

Montículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Encontrado na trincheira do *hillfort*.

Ref. Bibliográfica:

Mortimer, 1905; Stead, 1979

Grindale

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: Trincheira quadrangular

Localização: Isolada

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Uma tumba que apresenta um distúrbio na cova realizada por uma escavação no séc. XIX e cuja estrutura pôde ser identificada a partir de fotografias aéreas.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1979

Hanging Grimston

Id.:HG1

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: SE/NO – L

Postura: Contraída

Avaliação feita por Antiquários

Sexo: Masculino

Idade: Adulta

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: Isolada

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Cerâmica: Fragmentos (PC)

Detalhes biográficos (Pessoa):

O esqueleto é descrito como o de um homem de “forte constituição física” por Mortimer (1905: 102).

Ref. Bibliográfica:

Mortimer, 1905; Stead, 1979

Hornsea

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: N/d.

Localização: Isolada

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Pontas de lanças, partes de um carro e equipamento de arreio

Detalhes biográficos (Objetos):

Enterramento com carro (Cf. Peixoto, 2013).

O registro dos achados feito em 1904 (e publicado em Stead, 1965: 93) é vago e não especifica quantas pontas de lanças foram encontradas.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1965

Huggate

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: N/d.

Localização: N/d.

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Partes de um carro e equipamento de arreo

Detalhes biográficos (Objetos):

Enterramento com carro (Cf. Peixoto, 2013).

Mortimer (1905:359) menciona que “muitos ossos” foram encontrados na ocasião, mas não chega a especificar se estes eram humanos ou animais.

Ref. Bibliográfica:

Mortimer, 1905; Stead 1965, 1979

Hunmanby

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: Isolada

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Liga de Cobre: Bossa

Ferro: Partes de um carro e equipamento de arreo

Ossada animal: Cavalo, [2] dentes

Detalhes biográficos (Objetos):

Enterramento com carro (Cf. Peixoto, 2013).

Ref. Bibliográfica:

Greenwell 1906; Sheppard 1907; Stead 1979

Huntow

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: N/d.

Localização: N/d.

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Liga de Cobre: Broche de tipo C; Broches de tipo L [2]

Detalhes biográficos (Objetos):

Wright (1861: 24-25) menciona a existência de ossadas animais, mas sua relação estratigráfica é incerta e a descrição é vaga. Nenhuma ossada humana sobreviveu. Stead (1979: 102) levanta a possibilidade que essa seja a mesma tumba posteriormente investigada em Grindale.

Ref. Bibliográfica:

Wright, 1861; Stead, 1979

Middleton on the Wolds

Id.:MW1

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: N/d.

Localização: N/d.

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Partes de um carro

Detalhes biográficos (Objetos):

Enterramento com carro (Cf. Peixoto, 2013).

Ref. Bibliográfica:

Mortimer, 1905; Stead, 1979

Id.:MW2

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: N/d.

Localização: N/d.

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Pino de roda

Detalhes biográficos (Objetos):

Um pino de roda da Idade do Ferro, cuja proveniência não foi registrada e que sobreviveu aos dias atuais. É possível que seja originário do enterramento de MW.1.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1979

Id.:MW3

Esqueleto:

☐ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Contraída

Avaliação feita por Antiquários

Sexo: N/d.

Idade: N/d.

Espacialidade:

Arquitetura: N/d.

Localização: N/d.

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Bracelete; Broche

Cerâmica: Fragmentos

Ossada animal: Osso trabalhado

Detalhes biográficos (Objetos):

O osso trabalhado seria um pendente feito de galhada de cervídeo (Stead, 1979, p.102) e o bracelete possuía um adorno com duas contas de osso.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1979

North Grimston

Esqueleto:
☒ Sim ☐ Não
Tipologia: AInumação: IndividualOrientação: S/N - LPostura: Estendida**Avaliação feita por Antiquários**Sexo: MasculinoIdade: Adulta (40-50)**Espacialidade:**Arquitetura: Cova profundaLocalização: N/d.Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.**Mobiliário Fúnebre:**
☒ Sim ☐ Não
Liga de Cobre: Bossa; AnelFerro: [2] Espadas; Ponta de lança; AnelPedra: Anel de azevicheOssada animal: Porco (T/Ab, Pn, Pe)**Detalhes biográficos (Objetos):**

Uma das espadas encontradas era de tipo curto e possuía um punho antropomórfico. Os anéis foram encontrados próximos às espadas e provavelmente serviam para um sistema de suspensão/transporte. O contexto de descoberta da ponta de lança não foi registrado e talvez ela seja proveniente de outra tumba que estava próxima.

Ref. Bibliográfica:

Mortimer, 1905; Stead, 1979

Pexton Moor

Id.:PX1

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: Enterramento de superfície, trincheira quadrangular

Localização: Isolada

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Partes de um carro e equipamentos de arreo

Detalhes biográficos (Objetos):

Enterramento com carro (Cf. Peixoto, 2013).

Ref. Bibliográfica:

Kirk, 1911; Stead, 1979

Scorborough

Id.:SC1

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - L

Postura: Contraída

Avaliação feita por Antiquários

Sexo: N/d.

Idade: Adulta

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Mortimer, 1895

Id.:SC2

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Contraída

Avaliação feita por Antiquários

Sexo: N/d.

Idade: Adulta

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Mortimer, 1895

Id.:SC3

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Mortimer, 1895

Id.:SC4

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: NO/SE - L

Postura: Contraída

Avaliação feita por Antiquários

Sexo: N/d.

Idade: Adulta

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Mortimer, 1895

Id.:SC5

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: SO/NE - O

Postura: Contraída

Avaliação feita por Antiquários

Sexo: N/d.

Idade: Adulta

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Mortimer, 1895

Id.:SC6

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Contraída

Avaliação feita por Antiquários

Sexo: N/d.

Idade: Adulta

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Mortimer, 1895

Id.:SC7

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: Trincheira quadrangular

Localização: Isolada

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1979

Seamer

Id.:SM1

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: Isolada

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Partes de um carro e equipamentos de arreo

Ossada animal: Cavalo?

Detalhes biográficos (Objetos):

Enterramento com carro (Cf. Peixoto, 2013).

Ref. Bibliográfica:

Mortimer, 1905

Thorpe Hall

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: N/d.

Localização: N/d.

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Espada

Detalhes biográficos (Objetos):

O punho da espada era feito de osso e decorado com botões com acabamento vítreo azulado, avermelhado e amarelo.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1979

Calais Wold

Id.:CW1

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: NO/SE - E

Postura: Fletida

Avaliação feita por Antiquários

Sexo: N/d.

Idade: Adulta

Espacialidade:

Arquitetura: Trincheira quadrangular

Localização: Isolada

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ossada animal: Porco (Pe); [2] Ovelhas (Pe)

Ref. Bibliográfica:

Mortimer, 1905; Stead, 1979

Acklam

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (30-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: Isolada

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Espada (PN)

Ossada animal: Cavilha feita de osso animal (PN)

Detalhes biográficos (Pessoa):

O crânio apresentava um conjunto de cortes que foram tratados e deixaram cicatrizes na superfície, além de um eventual golpe fatal na parte posterior. Todas essas evidências de traumas são compatíveis com as causadas por um objeto cortante como uma espada. O indivíduo sofria de uma infecção pulmonar crônica durante sua morte, muito provavelmente tuberculose.

Detalhes biográficos (Objetos):

A espada foi intencionalmente dobrada em um ângulo de 150°, dentro da própria bainha de madeira (que também foi dobrada). A cavilha/prendedor encontrada próxima a espada apresentava fortes sinais de uso em sua superfície.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1983

Bridlington

Id.: BR(G4)

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: B

Inumação: Individual

Orientação: L/O - N

Postura: Estendida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (33-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: Isolada

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Adaga (T), Ponta de lança (Pe)

Ossada animal: Porco, quarto dianteiro e crânio (M)

Ref. Bibliográfica:

Fenton-Thomas, 2009

Id.:BR(G14)

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: Trincheira arredondada

Localização: Isolada

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Fenton-Thomas, 2009

Burton Fleming

Id.:BF1

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - O

Postura: Fortemente fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche do tipo C (OP)

Detalhes biográficos (Objetos):

Broche estava apenas em fragmentos.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:BF2

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - O

Postura: Fortemente fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche do tipo C (C)

Detalhes biográficos (Pessoa):

Fratura curada *ante-mortem* da clavícula esquerda e osteoartrite da coluna.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:BF3

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Contraída

Sexo: N/d.

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Cerâmica: Fragmentos (PC)

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:BF4

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Contra-indicação

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche do tipo C (Cx)

Cerâmica: Vaso (AC)

Ossada animal: Ovelha, úmero esquerdo (Pe)

Detalhes biográficos (Objetos):

Parte superior e da boca do vaso estavam quebradas e os fragmentos não foram depositados na cova.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:BF5

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fortemente fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche do tipo C (OP)

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fortemente fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche do tipo C (OP)

Cerâmica: Vaso (OP), Fragmentos (PC)

Ossada animal: Ovelha, úmero esquerdo (OP),
embaixo do vaso.

Detalhes biográficos (Pessoa):

Osteoartrite da coluna, do quadril, do joelho e da reigão temporomandibular.

Detalhes biográficos (Objetos):

Osso de ovelha com marca de cortes na superfície.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:BF7

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - O

Postura: Fortemente fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche do tipo C (C)

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:BF8

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (17-20)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Cerâmica: Fragmentos (PC)

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:BF9

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - O

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche (B)

Pedra: Bracelete de xisto (B)

Detalhes biográficos (Objetos):

Bracelete apresentava sinais de uso/desgaste.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:BF10

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - O

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Liga de Cobre: Broche do tipo C (OP), Bracelete [x2] do tipo 3 (B)

Cerâmica: Fragmentos (TR)

Ossada animal: Ovelha, úmero esquerdo (Cx)

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:BF11

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Liga de Cobre: Bracelete (B)

Ferro: Broche do tipo C (OP)

Cerâmica: Vaso (TR), Fragmentos (TR)

Detalhes biográficos (Pessoa):

Possível infecção do palato

Detalhes biográficos (Objetos):

Base e corpo do vaso estavam completos, marte da boca estava ausente.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:BF12

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fortemente fletida

Sexo: N/d.

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:BF13

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (45+)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche do tipo C (H)

Cerâmica: Fragmentos (TR)

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:BF14

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - L

Postura: Fortemente fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche do tipo C (C)

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:BF15

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - L

Postura: Fletida

Sexo: N/d.

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche do tipo C (C)

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:BF16

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fortemente fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Cerâmica: Fragmentos (TR)

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:BF17

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fortemente fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (17-20)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

É possível que o indivíduo sofresse de poliomielite/ pólio (doença infecciosa viral que causa atrofia) no membro direito inferior (particularmente visível, a partir do fêmur e tibia).

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:BF18

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fortemente fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche do tipo C (B)

Cerâmica: Vaso (OP)

Ossada animal: Ovelha, úmero esquerdo (OP), próximo ao jarro

Detalhes biográficos (Objetos):

Ossos de ovelha com marcas de corte.

Vaso foi quebrado e apenas a parte inferior foi depositada na cova.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:BF19

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Contraída

Sexo: Contra-indicação

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche do tipo C (M); Anel (OP); Fragmentos (OP)

Cerâmica: Vaso (AC/OP) em fragmentos

Vidro: Conta [1] (OP)

Ossada animal: Ovelha, úmero esquerdo (OP), dentro do vaso

Detalhes biográficos (Objetos):

Conta estava quebrada e foi encontrada embaixo do vaso. O vaso também estava quebrado e apenas dois fragmentos foram encontrados na cova.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:BF20

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - O

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche do tipo B (OP)

Cerâmica: Fragmentos (PC)

Detalhes biográficos (Pessoa):

Meato acústico esquerdo preenchido com depósito calcário (associado com possível perda de audição).

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:BF21

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - O

Postura: Contraída

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (45+)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ossada animal: Ovelha, úmero esquerdo (OP)

Detalhes biográficos (Pessoa):

Osteoartrite do quadril.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:BF22

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Contraída

Sexo: N/d.

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:BF

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Contraída

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25+)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:BF24

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Cerâmica: Fragmentos (PC)

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:BF25

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Lesão no terminal do osso da clavícula direita, sem sinais de fratura.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:BF26

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Semi-fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:BF27

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Contraída

Sexo: Contra-indicação

Idade: Adulta (15-20)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:BF28

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - O

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Cerâmica: Vaso (TR)

Ossada animal: Porco, quarto dianteiro esquerdo (T)

Detalhes biográficos (Objetos):

Vaso com a parte superior quebrada e não depositada na cova.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:BF29

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Contraída

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (25-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:BF30

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: NO/SE - L

Postura: Semi-fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (45+)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Cerâmica: Fragmentos (TR)

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:BF31

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Contraída

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (45+)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche do tipo F (Q)

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:BF32

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fortemente fletida

Sexo: N/d.

Idade: Adolescente (12-15)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:BF33

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:BF34

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Contraída

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:BF35

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Contraída

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (45+)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:BF36

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fortemente fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:BF37

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - O

Postura: Contraída

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Cerâmica: Vaso (C)

Detalhes biográficos (Objetos):

Vaso depositado com partes quebradas.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:BF38

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S

Postura: N/d.

Sexo: N/d.

Idade: Adolescente (13-16)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Corpo enterrado em uma cova junto com BF39 (uma sepultura cortando a outra) e ambas cortadas, posteriormente, por uma terceira cova (BF40).

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:BF39

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S

Postura: N/d.

Sexo: N/d.

Idade: Criança (8-13)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Corpo enterrado em uma cova junto com BF38 (uma sepultura cortando a outra) e ambas cortadas, posteriormente, por uma terceira cova (BF40).

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:BF40

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (17-20)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

A cova em questão corta o enterramento de dois subadultos (BF38-39).

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:BF41

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Contraída

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira arredondada

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche do tipo E (C)

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:BF42

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:BF43

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:BF44

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:BF45

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - L

Postura: Fortemente fletida

Sexo: N/d.

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Cerâmica: Fragmentos (PC)

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:BF46

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Cerâmica: Fragmentos (PC)

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:BF47

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Contraída

Sexo: N/d.

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Pedra: Anéis de azeviche [x2] (C)

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:BF48

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fortemente fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ossada animal: Ovelha, úmero direito (T)

Detalhes biográficos (Pessoa):

Possível tumor benigno no crânio, tendo causado crescimento anormal ósseo craneano.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:BF49

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:BF50

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - O

Postura: Contraída

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ossada animal: Ossos de ovelha ou cabra (EC)

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:BF51

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - O

Postura: Contraída

Sexo: N/d.

Idade: Adulta (25-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:BF52

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Contraída

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:BF53

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - O

Postura: Contraída

Sexo: N/d.

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche do tipo C (C)

Detalhes biográficos (Objetos):

Broche apenas em fragmentos, faltando parte da base.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:BF54

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - O

Postura: Contraída

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (25+)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:BF55

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Semi-fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:BF56

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Contraída

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche do tipo A (AC/C)

Cerâmica: Fragmentos (TR)

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:BF57

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - O

Postura: Fortemente fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Cerâmica: Vaso (TR)

Detalhes biográficos (Objetos):

Parte superior do vaso estava quebrada e ausente na deposição.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:BF58

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Semi-fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ossada animal: Ovelha, úmero esquerdo (C)

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:BF59

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - O

Postura: Semi-fletida

Sexo: N/d.

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:BF60

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fortemente fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (45+)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ossada animal: Porco, úmero esquerdo (Cx)

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:BF61(a)

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Dupla

Orientação: N/S - L

Postura: Semi-fletida

Sexo: N/d.

Idade: Sub-adulta

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Liga de Cobre: Broche do tipo A (T); Bracelete (T);
Contas [x2] (C)

Pedra: Anel de azeviche (Pe)

Detalhes biográficos (Pessoa):

Enterrado junto com uma mulher adulta de idade sênior (cf. BF61b).

Detalhes biográficos (Objetos):

Broche apresenta sinais de uso e reparo no pino central.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:BF61b

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Dupla

Orientação: N/S - L

Postura: Semi-fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Enterrada junto com um sub-adulto (BF61a).

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:BF62

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: B

Inumação: Individual

Orientação: L/O - N

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:BF63

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: L/O - N

Postura: Semi-fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Faca (T/B); Ponta de lança (Pe)

Detalhes biográficos (Objetos):

Faca possivelmente quebrada em uma parte.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:BF64

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: N/d.

Sexo: N/d.

Idade: Adulta

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Cowlam

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: N/d.

Inumação: Individual

Orientação: SSO/NNE - SSE

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulto

Espacialidade:

Arquitetura: Enterramento de superfície, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Agrupamento

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Cerâmica: Fragmentos (PC)

Pedra polida: Fragmentos (PC)

Ossada animal: Ovelha, único osso n/d. (PC), entre fragmentos de cerâmica.

Detalhes biográficos (Pessoa):

Embora Greenwell (1877: 213) tenha identificado que se tratava de um adulto de idade avançada, ele acreditava que o esqueleto correspondia ao de uma “mulher”.

Ref. Bibliográfica:

Greenwell, 1877; Stead, 1986

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: NNE/SSO - L

Postura: Fletida

Sexo: N/d.

Idade: Adulta

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Agrupamento

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☐ Não

Liga de Cobre: Bracelete do tipo 4 (B), Broche do tipo A (OP)

Ferro: Pino

Pedra: Conta de azeviche (fragmento)

Vidro: Conta [x70] (OP)

Detalhes biográficos (Pessoa):

Provavelmente o enterramento de uma mulher.

Detalhes biográficos (Objetos):

Broche havia sido reparado com um pino de ferro. Fragmentos de um bracelete de pedra também foram encontrados.

Ref. Bibliográfica:

Greenwell, 1877; Stead, 1986

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: NNE/SSO - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta

Espacialidade:

Arquitetura: Enterramento de superfície, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Agrupamento

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Cerâmica: Fragmentos (Ab)

Pedra polida: Raspador (PC)

Detalhes biográficos (Objetos):

Raspador, ilustrado por Greenwell (1877: fig. 18), apresentava sinais de uso e gasto considerável em um dos lados.

.

Ref. Bibliográfica:

Greenwell, 1877; Stead, 1986

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Contraída

Sexo: N/d.

Idade: Adulta

Espacialidade:

Arquitetura: Enterramento de superfície, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Agrupamento

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Liga de Cobre: Bracelete (B)

Cerâmica: Vaso (Ab), em fragmentos

Detalhes biográficos (Pessoa):

Identificado por Greenwell (1877) como esqueleto de uma mulher.

Detalhes biográficos (Objetos):

O bracelete possui um platinado, que lhe atribui um efeito visual semelhante ao de vidro polido, com tons azulado e verde.

Ref. Bibliográfica:

Greenwell, 1877; Stead, 1986

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: N/d.

Idade: Adulta

Espacialidade:

Arquitetura: Enterramento de superfície, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Agrupamento

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Greenwell, 1877; Stead, 1986

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Contraída

Sexo: N/d.

Idade: Criança (6-8)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Agrupamento

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Cerâmica: Fragmentos (PC)

Ossada animal: Ponta de galhada (PC), trabalhada

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1986

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: SSO/NNE - C

Postura: Contraída

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (20-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Agrupamento

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Homem possuía uma estatura de 1,73m.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1986

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N

Postura: N/d.

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (30-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Agrupamento

Montículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Greenwell, 1877; Stead, 1986

Garton Slack

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - O

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (45+)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira arredondada

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Pedra: Bloco esculpido (C)

Ref. Bibliográfica:

Brewster, 1980

Id.:GS(1/2)2.2

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - L

Postura: Contraída

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (45+)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Brewster, 1980

Id.:GS(1/2)3.1

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Contraída

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (20-30)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Brewster, 1980

Id.:GS(1/2)3.2

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Brewster, 1980

Id.:GS(1/2)4

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: Trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Brewster, 1980

Id.:GS(1/2) cova1

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Brewster, 1980

Id.:GS(1/2) cova 2

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - O

Postura: Fortemente fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Cerâmica: Vaso (C)

Detalhes biográficos (Pessoa):

Fratura antemortem curada da tíbia direita.

Detalhes biográficos (Objetos):

Vaso depositado com partes quebradas.

Ref. Bibliográfica:

Brewster, 1980

Id.:GS(1/2) cova 3

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: O/L - N

Postura: Fletida

Sexo: N/d.

Idade: Lactente

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Brewster, 1980

Id.:GS(1/2) cova 4

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/d.

Postura: N/d.

Sexo: Feminino

Idade: Adulta

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Brewster, 1980

Id.:GS(1/2) cova 5

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: N/d.

Inumação: Individual

Orientação: N/d.

Postura: N/d.

Sexo: N/d.

Idade: Lactente

Espacialidade:

Arquitetura: N/d.

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Brewster, 1980

Id.:GS(1/2) cova 6

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: N/d.

Inumação: Individual

Orientação: N/d.

Postura: N/d.

Sexo: Feminino

Idade: Adulta

Espacialidade:

Arquitetura: N/d.

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Brewster, 1980

Id.:GS(4a)1.1

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: L/O - S

Postura: Contraída

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche do tipo L (OP)

Ref. Bibliográfica:

Brewster, 1980

Id.:GS(4a)1.2

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/d.

Postura: Fortemente fletida

Sexo: N/d.

Idade: Infante

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Brewster, 1980

Id.:GS(4a)1.3

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/d.

Postura: Fortemente fletida

Sexo: N/d.

Idade: Lactente

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Cerâmica: Vaso (T)

Ref. Bibliográfica:

Brewster, 1980

Id.:GS(4a)1.4

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/d.

Postura: Fortemente fletida

Sexo: N/d.

Idade: Lactente

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Brewster, 1980

Id.:GS(4b) cova 1

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ossada animal: Porco, osso de um membro traseiro (T)

Detalhes biográficos (Pessoa):

Fratura antemortem curada da clavícula direita.

Ref. Bibliográfica:

Brewster, 1980

Id.:GS(4b) cova 2

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - O

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Brewster, 1980

Id.:GS(7)1

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/d.

Postura: N/d.

Sexo: N/d.

Idade: N/d.

Espacialidade:

Arquitetura: Enterramento de superfície, trincheira quadrangular

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Brewster, 1980

Id.:GS(7)2.1

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Semi-fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Espelho (T/Ab)

Pedra: Bloco esculpido (T/Ab)

Ossada animal: Porco, dois dentes (T/Ab)

Ref. Bibliográfica:

Brewster, 1980

Id.:GS(7)2.1

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: NNE/SSO - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (20-30)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Pedra: Bloco esculpido (OP)

Ref. Bibliográfica:

Brewster, 1980

Id.:GS(7)2.3

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: N/d.

Idade: Lactente

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Brewster, 1980

Id.:GS(7)3.1

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: B

Inumação: Individual

Orientação: L/O - N

Postura: Estendida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira circular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Brewster, 1980

Id.:GS(7)3.2

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: S/N - O

Postura: Fortemente fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira circular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Brewster, 1980

Id.:GS(7)3.3

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fortemente fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (18-19)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Brewster, 1980

Id.:GS(7)3.4

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Semi-fletida

Sexo: N/d.

Idade: Lactente

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Brewster, 1980

Id.:GS(7)3.5

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fortemente fletida

Sexo: N/d.

Idade: Lactente

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Brewster, 1980

Id.:GS(7)3.6

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: N/d.

Idade: Lactente

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Brewster, 1980

Id.:GS(7)3.7

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Semi-fletida

Sexo: N/d.

Idade: Lactente

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Brewster, 1980

Id.:GS(7)3.8

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: NNE/SSO - L

Postura: Semi-fletida

Sexo: N/d.

Idade: Lactente

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Brewster, 1980

Id.:GS(7) 3.9

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: NNE/SSO - L

Postura: Fortemente fletida

Sexo: N/d.

Idade: Lactente

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Brewster, 1980

Id.:GS(7)3.10

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - O

Postura: Semi-fletida

Sexo: N/d.

Idade: Lactente

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Brewster, 1980

Id.:GS(7)3.11

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: NNE/SSO - L

Postura: Semi-fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Fratura curada que deixou um pequenino furo (6mm) no crânio na altura do bregma/ sutura sagital e vértebra cervical C7 danificada por compressão.

Ref. Bibliográfica:

Brewster, 1980

Id.:GS(7)4.1

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual + Feto

Orientação: N/S - L

Postura: Semi-fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira circular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Possível morte causada pelos últimos estágios da gestação. Feto *in situ* de 6/7 meses.

Ref. Bibliográfica:

Brewster, 1980

Id.:GS(7)4.2

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: N/d.

Idade: Criança (7-8)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Brewster, 1980

Id.:GS(7)

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: S/N - O

Postura: Fletida

Sexo: N/d.

Idade: Lactente

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Brewster, 1980

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - C

Postura: Contraída

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Vidro: Contas [35] (OP)

Ossada animal: Anel de dedo de osso trabalhado (M)

Ref. Bibliográfica:

Brewster 1980

Id.:GS (8/10) cova 3 (3)

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Dupla

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adolescente (12-14)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche do tipo L (OP)

Ref. Bibliográfica:

Brewster 1980

Id.:GS (8/10) cova 3 (4)

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Dupla

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: N/d.

Idade: Lactente (1-2)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Brewster 1980

Id.:GS (8/10) cova 3 (5)

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: N/d.

Idade: Lactente

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Brewster 1980

Id.:GS(9) 1

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta

Espacialidade:

Arquitetura: Trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche do tipo B (T/Ab)

Cerâmica: Fragmentos (TR)

Ossada animal: Porco, quarto dianteiro (T)

Detalhes biográficos (Objetos):

Os dois fragmentos de cerâmica eram da parte inferior de dois vasos distintos.

Ref. Bibliográfica:

Brewster 1980

Id.:GS (11) 1

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira circular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Brewster 1980

Id.:GS (11) 2.1 (enterramento com carro)

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: C

Inumação: Individual

Orientação: NNE/SSO - L

Postura: Semi-fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (30-40)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Liga de Cobre: Chicote (T/Ab), Equipamentos de arreio (T/Ab/AC)

Ferro: Equipamentos de arreio (T/Ab/AC)

Ossada animal: Porco, crânio em duas partes (T)

Detalhes biográficos (Pessoa):

Fratura antemortem no quinto metacarpo da mão esquerda. Possível tumor ou abscesso no cérebro/crânio e assimetria das pernas.

Enterramento com carro, descrito em detalhe em Peixoto, 2013.

Detalhes biográficos (Objetos):

Anéis de rédea e um anel de roda com fortes sinais de uso.

Ref. Bibliográfica:

Brewster 1980

Id.:GS (11) 2

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ossada animal: Pentes feitos de ossos [3]; Porco, crânio

Detalhes biográficos (Objetos):

Deposição secundária encontrada na tumba com carro: pode ser uma cova de tipo cenotáfia ou apenas um poço para deposição votiva.

Ref. Bibliográfica:

Brewster 1980

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/d.

Postura: N/d.

Sexo: N/d.

Idade: Lactente

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Brewster 1980

Id.:GS (14)

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira arredondada

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Brewster 1980

Id.:GS (14) 1.1

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: N/d.

Inumação: Individual

Orientação: N/d.

Postura: N/d.

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (16-17)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Brewster 1980

Garton Station

Id.:GSt.1

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Agrupamento

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:GSt.2

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Agrupamento

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:GSt.3

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Agrupamento

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:GSt.4

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Semi-fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira circular

Localização: ∈ Agrupamento

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Madeira: Escudo

Ferro: Partes de um escudo (C-PN), Pontas de lança [x3] (PC e Pe)

Detalhes biográficos (Pessoa):

Clavícula fraturada.

Detalhes biográficos (Objetos):

Pontas de lança estavam danificadas e uma delas estava envergada: elas foram enfiadas na cova, apontando para baixo (achadas 0,8m acima do esqueleto).

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira circular

Localização: ∈ Agrupamento

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Madeira: Escudo

Ferro: Ponta de lança [x4] (T-Q)

Ossada animal: Ponta de lança [x3] (T)

Detalhes biográficos (Objetos):

Lâminas das lanças estavam danificadas e possivelmente penetraram/foram enfiadas através do escudo.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:GSt.6 (Enterramento com carro, GST)

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Semi-fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira circular

Localização: ∈ Agrupamento

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Madeira: Carro

Liga de Cobre: Equipamentos de arreio [x3] (AC, Q)

Ferro: Equipamentos de arreio [x10] (AC, Pe, Ab)

Ossada animal: Porco, quarto dianteiro em sua e crânio, ambos em totalidade (T/B/C)

Detalhes biográficos (Pessoa):

Inflamação da tíbia causada por trauma e curada *ante-mortem*.

Detalhes biográficos (Objetos):

Enterramento com carro, catalogado em detalhes em Peixoto (2013).

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:GSt.7

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Semi-fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira circular

Localização: ∈ Agrupamento

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Madeira: Possível escudo

Liga de Cobre: Anel (Pe), no dedo do pé esquerdo.

Ferro: Ponta de lança [x10] (T/AB e AC, PC)

Detalhes biográficos (Objetos):

Pontas de lanças estavam danificadas, algumas delas quebradas, outras dobradas e com traços de madeira (possivelmente por terem atingido um escudo, quando enfiadas na cova).

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:GSt.8

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Semi-fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Agrupamento

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Semi-fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Agrupamento

Montículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:GSt.10

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fortemente fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira circular

Localização: ∈ Agrupamento

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Madeira: Escudo

Ferro: Espada (Cs), Pontas de lança [x13] (T/Ab, AC)

Detalhes biográficos (Pessoa):

Osteoartrite do joelho.

Detalhes biográficos (Objetos):

Pontas de lanças estavam quebradas ou curvadas, onde foram enfiadas na cova contra o escudo.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Melton

Id.:M (A4)1183

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: N/d.

Inumação: Dupla

Orientação: O/L - B

Postura: Estendida

Sexo: N/d.

Idade: Criança (2-4)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Agrupamento

Montículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Estatura pequena pela idade, possível sinusite. Encontrada na mesma cova que M(A4)1184.

Ref. Bibliográfica:

Fenton-Thomas, 2011

Id.:M (A4)1184

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: N/d.

Inumação: Dupla

Orientação: N/S - O

Postura: Semi-fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (+45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Agrupamento

Montículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Osteoporose e anquilose nas articulações do pé, cáries e doenças periodontais, fratura não curada da escápula direita.

Ref. Bibliográfica:

Fenton-Thomas, 2011

Id.:M (A5)1818

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: N/d.

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: N/d.

Idade: Criança (2-3)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Agrupamento

Montículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Possível escorbuto e estatura pequena pela idade.

Ref. Bibliográfica:

Fenton-Thomas, 2011

Id.:M (A5)2554

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: N/d.

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fortemente fletida

Sexo: N/d.

Idade: Criança (11-13)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Agrupamento

Montículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Cerâmica: Fragmentos (PC)

Detalhes biográficos (Pessoa):

Possível atrofia e/ou paralisia do braço esquerdo; infecções crônicas na mandíbula inferior e costelas, displasia óssea.

Detalhes biográficos (Objetos):

Cerâmica carenada de c. 500 a.C.

Ref. Bibliográfica:

Fenton-Thomas, 2011

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Semi-fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Agrupamento

Montículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava dentro de um caixão. Decadência dentária seguida de abscesso dentário.

Enterramento corta a sepultura de M(3)3397.

Ref. Bibliográfica:

Fenton-Thomas, 2011

Id.:M (A3)3397

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: N/d.

Inumação: Individual

Orientação: L/O - S

Postura: Fortemente fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Agrupamento

Montículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Cerâmica: Fragmentos (PC)

Detalhes biográficos (Objetos):

Fragmentos de 7 vasos diferentes.

Ref. Bibliográfica:

Fenton-Thomas, 2011

Id.:M (A3)3890

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: N/d.

Inumação: Individual

Orientação: N/S - O

Postura: Estendida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Agrupamento

Montículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Hematoma ossificado em uma das costelas, falange com estrutura incomum nos dois pés e metacarpo da mão direita danificado, vindo a afetar a manipulação de objetos.

Ref. Bibliográfica:

Fenton-Thomas, 2011

Id.: M (A4)4039

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: N/d.

Inumação: Individual

Orientação: SSO/NNE - L

Postura: Fletida

Sexo: N/d.

Idade: Criança (9-10)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Agrupamento

Montículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Apenas 6 vértebras cervicais – pode ser uma perda *post-mortem* ou um defeito congênito.

Ref. Bibliográfica:

Fenton-Thomas, 2011

Id.: M (A1)4864

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: N/d.

Inumação: Individual

Orientação: N/d.

Postura: N/d.

Sexo: N/d.

Idade: Lactente (0-3 meses)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Agrupamento

Montículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Estava a 10m de distância de M(A1)4075.

Ref. Bibliográfica:

Fenton-Thomas, 2011

Id.: M (A1)4075

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - O

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Agrupamento

Montículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Deficiência nutritiva e estresse nas vértebras da cervical causado por esforço repetitivo.

Ref. Bibliográfica:

Fenton-Thomas, 2011

Id.: M (A7)1489

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - O

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Agrupamento

Montículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Dentes incisivos superiores bastante usados e com desgaste, trauma temporomandibular do lado esquerdo, deficiência nutricional, osso sesamoide bipartido ou fraturado (parte da frente do pé). Enterramento encontrado em adjacência a uma construção abandonada e dois enterramentos animais.

Detalhes biográficos (Objetos):

Fragmentos residuais contendo pedaços de uma pedra de mó e cerâmica foram encontrados no preenchimento da cova.

Ref. Bibliográfica:

Fenton-Thomas, 2011

Id.: M (A8)1032

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (17-22)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Agrupamento

Montículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Sinusite, coxa vara (resultando em possível mancado), fratura da costela direita, lesões das vértebras torácicas e do metatarso (dedão do pé), deficiência nutricional.

Ref. Bibliográfica:

Fenton-Thomas, 2011

Id.: M (A8)2187

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - O

Postura: Semi-fletida

Sexo: N/d.

Idade: Criança (5-6)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Agrupamento

Montículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Fenton-Thomas, 2011

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: NO/SE - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Agrupamento

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ferro: Não identificado (PC)

Ossada animal: Porco (T/Ab)

Detalhes biográficos (Pessoa):

Doença degenerativa das articulações, extremidade distal achatada da falange do pé, deficiência nutricional.

Detalhes biográficos (Objetos):

Ossos de porcos com marcas de corte. Mais ossos de porcos foram encontrados no preenchimento da cova, provavelmente de natureza residual. Uma moeda do séc. I a.C. (origem catuvellauni) foi encontrada no preenchimento do montículo.

Ref. Bibliográfica:

Fenton-Thomas, 2011

Id.: M(A.3-4)4297

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: SE/NO - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (18-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Agrupamento

Montículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Objetos):

Trauma do fêmur (lado direito), periostite e infecções respiratórias.

Ref. Bibliográfica:

Fenton-Thomas, 2011

Id.: M(A.3-4)4032

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: N/d.

Inumação: Individual

Orientação: N/d.

Postura: N/d.

Sexo: N/d.

Idade: Lactente (7 meses)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Agrupamento

Montículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Fenton-Thomas, 2011

Id.: M (A.3-4)4300

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - C

Postura: Estendida

Sexo: N/d.

Idade: Lactente (0-3 meses)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Agrupamento

Montículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Fenton-Thomas, 2011

Id.: M (A.3-4)4370

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: B

Inumação: Individual

Orientação: L/O - S

Postura: Semi-fletida

Sexo: N/d.

Idade: Lactente (1 mês)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Agrupamento

Montículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Fenton-Thomas, 2011

Id.: M (A11)6122

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: B

Inumação: Individual

Orientação: L/O - C

Postura: Estendida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (16-20)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Agrupamento

Montículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Periostite, tibia curvada.

Ref. Bibliográfica:

Fenton-Thomas, 2011

Id.: M (A11) 6096

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N

Postura: Fletida

Sexo: N/d.

Idade: Lactente (0-3)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Agrupamento

Montículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Fenton-Thomas, 2011

Id.: M (A17)5620

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: Trincheira quadrangular

Localização: ∈ Agrupamento

Montículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Fenton-Thomas, 2011

Nunburnholme

Id.:NUN1(BC1)

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: Enterramento de superfície, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Halkon et al. 2014, 2015

Id.:NUN2 (BC2)

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (“avançada”)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ossada animal: Partes de um porco (Pe)

Detalhes biográficos (Pessoa):

Sinais de artrite nas articulações do corpo e perda *premortem* da maior parte da dentição.

O corpo estava dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Halkon et al. 2014, 2015

Id.:NUN3 (BE)

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Contraída

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (17-22)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ossada animal: Porco – quarto dianteiro e crânio (Ab)

Ref. Bibliográfica:

Halkon et al. 2014, 2015

Rudston

Id.: R1

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fortemente fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Cerâmica: Fragmentos (PC)

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Semi-fletida

Sexo: Contra-indicação

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche do tipo C (F)

Pedra: Bracelete (B)

Cerâmica: Vaso (Pe)

Vidro: Conta [1] (OP)

Ossada animal: Ovelha, umero esquerdo (F)

Detalhes biográficos (Objetos):

Broche encontrado em frente ao rosto; conta de vidro azu estava entre o ombro direito e o crânio; ovelha estava abaixo do crânio; partes da boca do vaso faltando.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R3

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fortemente fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ossada animal: Ovelha, umero esquerdo (AC)

Detalhes biográficos (Pessoa):

Trauma (violento): corte curado *antemortem* no crânio (osso frontal) e sinais de trauma na cavidade direita acima dos molares, possivelmente causados por um golpe no rosto. O corpo estava dentro de um caixão.

Detalhes biográficos (Objetos):

Osso da ovelha estava próximo ao crânio, a nordeste.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Contraída

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche do tipo C (B)

Cerâmica: Vaso (TR)

Detalhes biográficos (Objetos):

Vaso em fragmentos, boca do vaso faltando.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Contraída

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Cerâmica: Fragmentos (PC)

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Contraída

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Cerâmica: Vaso (C), Fragmentos (PC)

Ossada animal: Ovelha, umero esquerdo (AC)

Detalhes biográficos (Objetos):

Osso de ovelha junto a fragmentos de cerâmica, provavelmente dentro de um vaso.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Contraída

Sexo: N/d.

Idade: Adulta (15-20)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche do tipo H (C) com adornos de bronze.

Ossada animal: Ovelha, umero esquerdo (M)

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: B

Inumação: Individual

Orientação: O/L - C

Postura: Estendida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (+45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ossada animal: Porco, crânio e quarto dianteiro direito (Ab)

Detalhes biográficos (Pessoa):

Tumba corta a de R9.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R9

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Contraída sobre a dorsal

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R10

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: N/d.

Sexo: N/d.

Idade: Criança (2-3)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - O

Postura: Contraída

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Liga de Cobre: Broche do tipo F (C)

Cerâmica: Vaso (C)

Ossada animal: Ovelha, umero esquerdo (AC)

Detalhes biográficos (Pessoa):

Corpo estava dentro de um caixão.

Detalhes biográficos (Objetos):

Broche estava atrás do crânio; osso de ovelha estava dentro do vaso (cuja parte superior estava faltando) e foi colocado atrás do crânio.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Contraída

Sexo: N/d.

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Cerâmica: Vaso (Pe)

Ossada animal: Ovelha, umero esquerdo (Pe)

Detalhes biográficos (Objetos):

Vaso quebrado em pedaços e espalhado aos pés do cadáver; osso da ovelha estava dentro do vaso.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Semi-fletida

Sexo: N/d.

Idade: Adulta

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche do tipo F (OP)

Cerâmica: Vaso (Ab/Pe)

Ossada animal: Ovelha, umero direito (Cx/Pe)

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Contraída

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Cerâmica: Vaso (AC, a oeste)

Ossada animal: Ovelha, umero esquerdo (M)

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R15

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: B

Inumação: Individual

Orientação: O/L - S

Postura: Semi-fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fortemente fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Cerâmica: Vaso (C)

Vidro: [1] Conta (OP)

Ossada animal: Ovelha (C)

Detalhes biográficos (Objetos):

Vaso com osso de ovelha em frente ao rosto; conta de vidro azul estava embaixo do crânio na altura da orelha.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - O

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Contraída

Sexo: Contra-indicação

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Cerâmica: Vaso (T)

Ossada animal: Ovelha, umero esquerdo (T), dentro do vaso.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - O

Postura: Contraída

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Cerâmica: Fragmentos (PC)

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Contraída

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (45+)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche do tipo G (OP) com adornos de bronze

Cerâmica: Vaso (C)

Ossada animal: Ovelha, umero esquerdo (C), no vaso e algumas vértebras sobre o cadáver (T)

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R21

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Contraída

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Contraída

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche do tipo E (C)

Cerâmica: Vaso (C)

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R23

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: B

Inumação: Individual

Orientação: O/L - N

Postura: Semi-fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: B

Inumação: Individual

Orientação: L/O - N

Postura: Estendida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Madeira: Bainha (T/EC)

Ferro: Espada (T/EC); Ponta de lança (AR)

Ossada animal: Porco, partes do lado esquerdo do crânio e quarto dianteiro do animal (Cx)

Detalhes biográficos (Objetos):

Parte do cabo da espada foi feito com osso trabalhado (3 pedaços de chifres); ponta da lança foi encontrada na extremidade sul-oeste da cova e estava quebrada em algumas partes.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Contraída

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (45+)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche do tipo F (OP), com adornos de bronze.

Cerâmica: Vaso (Pe)

Ossada animal: Ovelha, umero esquerdo (Pe) no vaso.

Detalhes biográficos (Objetos):

Partes do vaso ausentes durante a deposição.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: B

Inumação: Dupla?

Orientação: O/L - S

Postura: Estendida

Sexo: Contra-indicação

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Um segundo fêmur humano foi encontrado na cova, embaixo do braço direito do cadáver.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fortemente fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche do tipo E (C) com adornos de bronze.

Cerâmica: Vaso (Pn), Fragmentos (PC & TR)

Ossada animal: Ovelha, umero esquerdo (Pn)

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava em um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: B

Inumação: Individual

Orientação: L/O - N

Postura: Fortemente fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: B

Inumação: Individual

Orientação: O/L - S

Postura: Estendida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Fragmentos (T/Ab/Pn)

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Semi-fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Cerâmica: Fragmentos (PC)

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - fC

Postura: Semi-fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (45+)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Cerâmica: Fragmentos (PC)

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - O

Postura: Contraída

Sexo: Contra-indicação

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Liga de Cobre: Broche do tipo G (C/AR)

Cerâmica: Vaso (C/AR)

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava em um caixão.

Detalhes biográficos (Objetos):

Vaso quebrado quando depositado na cova. Ambos o vaso e o broche estavam próximos ao corpo, dentro do caixão, na altura do crânio

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Contraída

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Cerâmica: Vaso (Pe)

Ossada animal: Ovelha, umero esquerdo (Pe)
dentro do vaso

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - O

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche do tipo C (C)

Cerâmica: Vaso (TR), Fragmentos (ID & PC)

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava dentro de um caixão.

Diferença entre ossos robustos e finos entre os membros superiores/inferiores, ocasionada por possível infecção ou erosão *postmortem* em relação ao solo.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Contraída

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche do tipo F (M/Pn)

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Contraída

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche do tipo D (T/Ab), com adornos de bronze.

Cerâmica: Fragmentos (PC)

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fortemente fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche do tipo G (B), fragmentos (Cx)

Cerâmica: Vaso (OP), fragmentos (TR)

Ossada animal: Ovelha, úmero esquerdo (OP) no vaso.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Contraída

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Pinos [x2] (Pe e C)

Cerâmica: Fragmentos (PC, TR)

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava dentro de um caixão.

Detalhes biográficos (Objetos):

Um dos pinos, situado próximo a cabeça e ao ombro direito do esqueleto, estava quebrado.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - L

Postura: Contraída

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche do tipo A (B), Pino (C)

Cerâmica: Vaso (Pe)

Detalhes biográficos (Objetos):

Pino, possivelmente com cabeça em formato de anel, estava em fragmentos.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche do tipo G (M/T) com adornos de bronze.

Cerâmica: Fragmentos (TR)

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R41

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: B

Inumação: Individual

Orientação: O/L - S

Postura: Contraída

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ossada animal: Porco, parte direita do crânio (T)

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fortemente fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - O

Postura: Fortemente fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Cerâmica: Fragmentos (PC)

Detalhes biográficos (Pessoa):

Fratura curada *ante mortem* na clavícula direita (ombro).

Osteoartrite do quadril.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: N/d.

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ossada animal: Porco, lado esquerdo do crânio (TU/C)

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: B

Inumação: Individual

Orientação: L/O - S

Postura: Estendida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (45+)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Faca (B)

Detalhes biográficos (Objetos):

A ponta da faca estava quebrada. Traços de madeira mineralizada na lâmina indica que estava possivelmente em uma proteção/ 'bainha'.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - O

Postura: Fortemente fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (45+)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche do tipo D (C)

Cerâmica: Vaso (Pe)

Ossada animal: Ovelha, úmero esquerdo (Pe), dentro do vaso.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R47

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: Enterramento de superfície, trincheria quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: N/d.

Idade: N/d.

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: B

Inumação: Individual

Orientação: L/O - N

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Faca (M), Ponta de lança (PC)

Detalhes biográficos (Objetos):

Lança enfiada na cova, durante o preenchimento da mesma.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R51a

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Dupla

Orientação: N/S - L

Postura: N/d.

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira arredondada

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Posição do cadáver sofreu um distúrbio ocasionado pela deposição de uma segunda inumação na mesma cova (R51b).

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R51b

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Dupla

Orientação: S/N - O

Postura: Semi-fletida

Sexo: N/d.

Idade: Adulta (25+)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira arredondada

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Osteoartrite da coluna.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: O/L - S

Postura: Estendida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (15-20)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R53

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: Trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fortemente fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Liga de Cobre: Anel (OP)

Detalhes biográficos (Objetos):

Anel foi encontrado atrás do pescoço, pouco abaixo do ombro. Possível que seja um adereço para os cabelos a julgar pela posição e suas dimensões (13x16mm de diâmetro interno).

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: B

Inumação: Individual

Orientação: L/O - S

Postura: Estendida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: B

Inumação: Individual

Orientação: L/O

Postura: N/d.

Sexo: N/d.

Idade: N/d.

Espacialidade:

Arquitetura: N/d.

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:
☒ Sim ☐ Não
Tipologia: BInumação: IndividualOrientação: L/O - NPostura: EstendidaSexo: Contra-indicaçãoIdade: Adulta (25-35)**Espacialidade:**Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangularLocalização: ∈ CemitérioMontículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.**Mobiliário Fúnebre:**
☒ Sim ☐ Não
Ferro: Espada (T/B), Ponta de lança (AR)Ossada animal: Porco, crânio (B)**Detalhes biográficos (Objetos):**

Espada foi quebrada antes de ser depositada na cova. A parte interior de ferro que estende da lâmina a fim de compor a empunhadura (*sword tang*) estava quebrada e em larga parte faltando.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: B

Inumação: Individual

Orientação: L/O

Postura: Estendida

Sexo: Contra-indicação

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ossada animal: Porco, parte direita do quarto dianteiro e do crânio (Pn)

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Semi-fletida

Sexo: N/d.

Idade: Adulta (17-20)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Pedra: Braclete de azeviche (B)

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Contraída

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche do tipo E (C/T)

Cerâmica: Fragmentos (PC)

Detalhes biográficos (Objetos):

Broche com traços de um esmaltamento na base. Foi encontrado quebrado em duas partes, uma próxima ao crânio e outra ao peito da mulher falecida.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R61

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - O

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Cerâmica: Fragmentos (PC)

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - O

Postura: Contraída

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Cerâmica: Fragmentos (PC)

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - O

Postura: Fortemente fletida

Sexo: Contra-indicação

Idade: Adulta (17-20)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Cerâmica: Fragmentos (PC)

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - O

Postura: Fletida

Sexo: N/d.

Idade: Adolescente (12-15)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Pino com cabeça anelar (C)

Detalhes biográficos (Objetos):

Pino estava quebrado em dois pedaços, logo em frente ao crânio do esqueleto.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R65

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: Enterramento de superfície, trincheira quadrangular

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: Enterramento de superfície, trincheira quadrangular

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: Enterramento de superfície, trincheira quadrangular

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: B

Inumação: Individual

Orientação: O/L - N

Postura: Estendida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Cerâmica: Fragmentos (PC)

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Contraída

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche do tipo D (C)

Ossada animal: Ovelha, úmero esquerdo (OP)

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R70

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: B

Inumação: Individual

Orientação: L/O

Postura: Estendida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Semi-fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche do tipo E (T)

Cerâmica: Vaso (OP), Fragmentos (TR)

Ossada animal: Ovelha, úmero esquerdo (OP)
dentro do vaso.

Detalhes biográficos (Objetos):

Vaso quebrado intencionalmente durante o depósito.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: N/d.

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Cerâmica: Fragmentos (PC)

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: B

Inumação: Dupla

Orientação: L/O - S

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Mulher enterrada em uma cova com outra mulher a mesma idade (R73b).

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R73b

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: B

Inumação: Dupla

Orientação: L/O - N

Postura: Estendida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Mulher enterrada em uma cova com outra mulher a mesma idade (R73a).

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R74

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: Trincheira quadrangular

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: B

Inumação: Individual

Orientação: L/O - N

Postura: Semi-fletida

Sexo: N/d.

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Semi-fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche do tipo E (M) com adornos de bronze

Cerâmica: Vaso (TR), Fragmentos (TR)

Detalhes biográficos (Pessoa):

Fratura por compressão na coluna (região torácica), vértebras T4 e T5.

Vértebra T5 partida por conta de um trauma por compressão ou deformidade congênita.

Osteoartrite severa na região torácica.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche do tipo H (OP)

Cerâmica: Vaso (TR), Fragmentos (PC)

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava em um caixão.

Detalhes biográficos (Objetos):

Parte da boca do vaso estava ausente (foi quebrando) antes de ser depositada.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: B

Inumação: Individual

Orientação: L/O - N

Postura: Semi-fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: B

Inumação: Individual

Orientação: L/O - N

Postura: Estendida

Sexo: Contra-indicação

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - O

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Cerâmica: Vaso (TR), Fragmentos (TR)

Detalhes biográficos (Objetos):

Partes do vaso ausentes quando depositado na cova.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ossada animal: Ovelha, úmero esquerdo (n/d.)

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - O

Postura: Fortemente fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche do tipo F (C/H), com adornos de bronze

Cerâmica: Vaso (Q)

Ossada animal: Ovelha, úmero (Q)

Detalhes biográficos (Objetos):

Pote foi quebrado antes de ser depositado na cova. Um fragmento estava atrás da pélvis do falecido.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche do tipo C (C)

Cerâmica: Vaso (C)

Ossada animal: Ovelha, úmero direito (C) dentro do vaso

Detalhes biográficos (Objetos):

Vaso foi depositado inteiro, mas com algumas rachaduras e extremidades quebradas, provavelmente na ocasião do seu depósito.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - O

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche do tipo A (C)

Cerâmica: Vaso (Q-Pe), Fragmentos (TR)

Ossada animal: Ovelha, úmero esquerdo (C) dentro do vaso.

Detalhes biográficos (Pessoa):

Fratura curada *ante-mortem* da clavícula direita e possível infecção séptica em um dos dedos da mão. O corpo estava dentro de um caixão.

Detalhes biográficos (Objetos):

Osso de ovelha com 5 marcas de corte. Vaso quebrado antes do depósito.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - O

Postura: Semi-fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: B

Inumação: Individual

Orientação: O/L - S

Postura: Semi-fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: B

Inumação: Individual

Orientação: L/O - S

Postura: Estendida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Adaga (B), Cabeça de martelo (Ab),
Fragmentos (AR)

Detalhes biográficos (Objetos):

A ponta da extremidade do martelo estava ausente e, de modo semelhante, a ponta da adaga foi encontrada também já danificada.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: B

Inumação: Individual

Orientação: O/L - S

Postura: Semi-fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - O

Postura: Contraída

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R90

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Cerâmica: Fragmentos (TR)

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - O

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche do tipo C (OP)

Cerâmica: Vaso (Pe), Vaso (TR), Fragmentos (TR)

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava em um caixão.

Detalhes biográficos (Objetos):

Ambos os vasos encontrados não tinham a parte superior/ boca.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: B

Inumação: Individual

Orientação: L/O - C

Postura: Estendida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Pedra: Fuso de tear (OP)

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R93

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: Trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - O

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Ponta de lança (T)

Detalhes biográficos (Pessoa):

Possível causa de morte associada com perfuração causada pela ponta de lança, nas costas (vértebras: 12ª torácica e 1º lombar), com a ponta saindo para frente do corpo do falecido.

Detalhes biográficos (Objetos):

Ponta de lança dentro do corpo do falecido.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: N/d.

Idade: Criança (2-3)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira arredondada

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: L/O - S

Postura: Semi-fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira arredondada

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R97

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - O

Postura: Contraída

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche do tipo D (C)

Ossada animal: Ovelha, úmero esquerdo (C)

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - O

Postura: Fletida

Sexo: N/d.

Idade: Adulta (17-20)

Espacialidade:

Arquitetura: Enterramento de superfície, trincheira arredondada

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Cerâmica: Fragmentos (PC)

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R99

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Contra-indicação

Idade: Adulta (15-17)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira arredondada

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R100

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: L/O - N

Postura: Fortemente fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira arredondada

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Trauma *ante-mortem* na clavícula direita, com sinais de inflamação causada pelo trauma.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R101

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: Enterramento de superfície, trincheira circular

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R102

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - B

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche do tipo B (OP) com adornos de bronze

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R103

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: Enterramento de superfície, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R104

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - O

Postura: Semi-fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R105

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Contraída

Sexo: N/d.

Idade: Adulta (15)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Cerâmica: Fragmentos (PC)

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R106

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche do tipo D (OP)

Cerâmica: Vaso (T), Fragmentos (PC)

Ossada animal: Ovelha, úmero esquerdo (T), dentro do vaso.

Detalhes biográficos (Objetos):

Parte do vaso foi quebrada e estava ausente no depósito.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: B

Inumação: Individual

Orientação: L/O - C

Postura: Estendida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (45+)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Espada (T/Ab)

Detalhes biográficos (Pessoa):

Inchaço do dedo indicador da mão direita resultante em uma alteração patológica.

Detalhes biográficos (Objetos):

Espada tinha a ponta da lâmina danificada.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - O

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R109

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: Enterramento de superfície, trincheira quadrangular

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Cerâmica: Fragmentos (TR)

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R110

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: O/L - N

Postura: Semi-fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Enterramento secundário, em uma trincheira, cortando outro enterramento secundário (R111; uma criança de 7 anos).

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R111

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: N/d.

Sexo: N/d.

Idade: Criança (7)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Fratura curada *ante-mortem* da clavícula esquerda.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R113

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: Enterramento de superfície, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - O

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (17-20)

Espacialidade:

Arquitetura: Enterramento de superfície, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Cerâmica: Fragmentos (PC)

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R115

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S

Postura: N/d.

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Enterramento de superfície, trincheira quadrangular

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R116

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: Trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R117

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: Enterramento de superfície, trincheira quadrangular

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Dupla

Orientação: N/S - L

Postura: Contraída

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Cerâmica: Vaso (OP)

Ossada animal: Ovelha, úmero esquerdo (OP)
dentro do vaso.

Detalhes biográficos (Pessoa):

Enterrada lado a lado com outra mulher (Cf. R118b)

Detalhes biográficos (Objetos):

Ossada animal com marcas de cortes na superfície. Vaso depositado com parte quebrada, e fragmentos ausentes na deposição.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Dupla

Orientação: S/N - O

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (16-20)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche do tipo C (OP)

Detalhes biográficos (Objetos):

O broche estava embaixo do pescoço e encontrava-se quebrado.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - O

Postura: Semi-fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Liga de Cobre: Bracelete (B)

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R120

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: Trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R121

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: Trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R122

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: Trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R123

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: Trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R124

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: Trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Contraída

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (15)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R126

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: Trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☒ Não

Cerâmica: Fragmentos (PC)

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R127

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: Trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R128

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: Trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R129

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: Trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R130

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: Trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Contraída

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ossada animal: Ovelha, úmero esquerdo (B)

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Fêmur esquerdo exibia sinais de novo crescimento ósseo resultante de algum tipo de trauma físico ou do desenvolvimento de um tumor maligno.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - O

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R134

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Contraída

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ferro: Broche do tipo F (A)

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - O

Postura: Contraída

Sexo: N/d.

Idade: Adulta (45+)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira arredondada

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - O

Postura: Contraída

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R137

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: B

Inumação: Individual

Orientação: L/O - N

Postura: Semi-fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: B

Inumação: Individual

Orientação: O/L - B

Postura: Estendida

Sexo: N/d.

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: B

Inumação: Individual

Orientação: L/O

Postura: Estendida

Sexo: N/d.

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Espada (B)

Detalhes biográficos (Objetos):

Bainha da espada com possíveis sinais de reparo.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R140

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fortemente fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche do tipo E (Q); Ponta de lança (AB)

Detalhes biográficos (Pessoa):

Possível causa de morte traumática associada com golpe de lança, na qual a ponta da lança teria perfurado o corpo, penetrando-o na altura do osso púbico direito e danificando a pele.

Detalhes biográficos (Objetos):

A extremidade da ponta da lança foi danificada e estava ausente; a base de metal estava quebrada, e fragmentos de madeira e pele foram encontrados. A ponta da lança estava na pelve do esqueleto.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: O/L - N

Postura: Semi-fletida

Sexo: Contra-indicação

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira circular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Faca (T), Furador (T), Lima (T)

Ossada animal: Ponta de galhada de cervo (T),
Porco, parte direita do crânio e quarto dianteiro (Ab)

Detalhes biográficos (Objetos):

Todos os objetos que compunham um conjunto de ferramentas foram encontrados imediatamente juntos e estavam possivelmente dentro de uma sacola.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: B

Inumação: Individual

Orientação: O/L - S

Postura: Semi-fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (45+)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira arredondada

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Semi-fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche do tipo G (B)

Cerâmica: Vaso, em fragmentos (C, AB, Pe)

Ossada animal: Ovelha, úmero esquerdo (PN), entre os fragmentos.

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Detalhes biográficos (Objetos):

Vaso quebrado intencionalmente antes do depósito com as partes espalhadas ao longo do corpo do falecido. Alguns fragmentos/partes do vaso estavam ausentes.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: B

Inumação: Individual

Orientação: O/L - B

Postura: Estendida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Espada (Cs-B), Ponta de lança (Pe)

Detalhes biográficos (Pessoa):

Osteoartrite do quadril e da coluna vertebral causando uma fusão entre as vértebras C2 e C3.

Detalhes biográficos (Objetos):

O punho da espada era feito de osso trabalhado (chifre), e apresentava uma rachadura no meio.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: B

Inumação: Individual

Orientação: L/O

Postura: Estendida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (45+)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche do tipo G (B)

Pedra: Fuso de tear (Q)

Cerâmica: Fragmentos (PC)

Detalhes biográficos (Objetos):

É possível que o disco/fuso de tear estivesse pendurado no quadril, como uma espécie de pendente.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R146

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: B

Inumação: Individual

Orientação: L/O - S

Postura: Semi-fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Espada (B), Ponta de lança (C)

Cerâmica: Fragmentos (PC)

Ossada animal: Ponta de lança (T); Porco, lado esquerdo do crânio e quarto dianteiro (C)

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Contraída

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (15-20)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: B

Inumação: Individual

Orientação: O/L - S

Postura: Estendida

Sexo: Contra-indicação

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☐ Não

Madeira: Escudo (Cx, PN)

Ferro: Bossa de escudo (Pn)

Cerâmica: Fragmentos (PC)

Detalhes biográficos (Pessoa):

Ante-mortem: Inchaço no braço direito resultado de uma inflamação causada por trauma no rádio direito (antebraço).

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R149

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: Enterramento de superfície, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R150

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R151

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: Enterramento de superfície, trincheira quadrangular

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Dupla

Orientação: O/L - C

Postura: Estendida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Ponta de lança (T)

Detalhes biográficos (Pessoa):

Possível causa de morte associada com golpe de lança, onde o objeto teria sido enfiado nas costas do indivíduo, perfurando-o do lado esquerdo, próximo as vértebras torácicas, e provavelmente tendo penetrado no coração.

Detalhes biográficos (Objetos):

Ponta de lança com a extremidade quebrada, encontrada entre as costelas do morto.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R152b

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: B

Inumação: Dupla

Orientação: O/L - C

Postura: Estendida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava lado a lado, com os braços tocando, com a inumação de R152a, e ligeiramente voltado para o mesmo.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R153

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: B

Inumação: Individual

Orientação: O/L - S

Postura: Semi-fletida

Sexo: Contra-indicação

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Adaga (B)

Detalhes biográficos (Objetos):

Adaga apresenta claros sinais de uso e desgaste, especialmente ao longo da lâmina, e a sua ponta estava danificada.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: B

Inumação: Individual

Orientação: L/O - S

Postura: Estendida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (17-20)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira circular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☐ Não

Madeira: Escudo (T/AB)

Ferro: Espada (Ab/Q), com adornos de bronze;
Pontas de lança [x2] (AC), Martelo (B),
Torquês/Tenaz (B/M), Acoplador (B/M)

Detalhes biográficos (Objetos):

Uma das pontas de lanças estava quebrada em dois fragmentos e foi enfiada/arremessada na cova, penetrando no escudo. O martelo apresentava forte sinais de uso/desgaste.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R156

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - O

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: Enterramento de superfície, trincheira quadrangular

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R158

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Semi-fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Semi-fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ossada animal: Porco, parte esquerda do crânio (n/d.)

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R160

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Osteoartrite da coluna e um leve processo de calcificação do tecido mole ao redor da vértebra cervical C2, talvez ocasionado por um trauma.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.: R161

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Semi-fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (15-20)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R162

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - O

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Úmero/escápula esquerdos eram atrofiados – talvez resultado de uma fratura, ainda quando criança que interrompeu crescimento e fluxo sanguíneo até o membro esquerdo.

Possível trauma na parte de trás do crânio.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R163

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: B

Inumação: Individual

Orientação: L/O - C

Postura: Semi-fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Madeira: Escudo (Cx)

Ferro: Espada (B)

Detalhes biográficos (Objetos):

O punho da espada, feito de chifre, estava (quebrado) em duas partes.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R164

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Semi-fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Ante-mortem: inflamação do antebraço direito (ulna) e osteoartrite do quadril.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R165

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: N/d.

Idade: "Sub-adulta"

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R166

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Semi-fletida

Sexo: N/d.

Idade: Adulta (45+)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R167

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25+)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R168

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: Enterramento de superfície, trincheira circular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R169

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: B

Inumação: Individual

Orientação: L/O - S

Postura: Estendida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (35+)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ossada animal: Porco, lado esquerdo do crânio e quarto dianteiro (B)

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R170

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: B

Inumação: Individual

Orientação: L/O

Postura: Estendida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Ponta de lança (AB, ao norte dos ombros)

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R171

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: N/d.

Idade: "Sub-adulta"

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R172

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ossada animal: Porco, lado direito do quarto dianteiro e crânio (T/B)

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R173

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: B

Inumação: Individual

Orientação: L/O - C

Postura: Estendida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R174

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: O/L - C

Postura: Estendida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Madeira: Escudo (Q)

Liga de cobre: Fragmentos (B)

Ferro: Espada (B), Pontas de lança [x7] (AB, PN)

Ossada animal: Ponta de lança [2] (Q/AB), Botões de osso trabalhado [2] (Q)

Detalhes biográficos (Objetos):

Pontas de lança foram enfiadas na cova, através do escudo, algumas delas estavam quebradas, outras com a extremidade faltando e uma fora envergada devido a forma em que foram atiradas/enfiadas na cova e o impacto com o escudo.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: B

Inumação: Individual

Orientação: O/L - S

Postura: Estendida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira arredondada

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche do tipo K (OP)

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R176

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: B

Inumação: Individual

Orientação: O/L - N

Postura: Estendida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira arredondada

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Cerâmica: Fragmentos (PC)

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: B

Inumação: Individual

Orientação: L/O - N

Postura: Fortemente fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R178

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche do tipo A (OP) com adornos de bronze.

Cerâmica: Vaso (Pe)

Ossada animal: Porco, parte do crânio (Pe) dentro do vaso

Detalhes biográficos (Objetos):

Parte superior do vaso quebrada, com fragmentos ausentes no depósito.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R179

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Semi-fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira arredondada

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R180

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - O

Postura: Fortemente fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche do tipo C (C)

Cerâmica: Vaso (Pe), em fragmentos

Detalhes biográficos (Objetos):

Broche continha possíveis sinais de reparo; vaso foi quebrado e partes estavam ausentes no depósito.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Contraída

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Osteoartrite do quadril.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: B

Inumação: Individual

Orientação: L/O - S

Postura: Estendida

Sexo: Contra-indicação

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Espada (T/B)

Cerâmica: Fragmentos (PC)

Detalhes biográficos (Pessoa):

Osteoartrite do calcanhar e dos pés.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: B

Inumação: Individual

Orientação: L/O - N

Postura: Estendida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Liga de Cobre: Anel (Pe)

Pedra: Disco de fuso de tear (OP/AC)

Detalhes biográficos (Objetos):

Anel encontrado em um dos dedos do pé direito.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R184

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: N/d.

Idade: Adulta

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Tripla

Orientação: S/N

Postura: N/d.

Sexo: N/d.

Idade: Adolescente

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Enterrado com mais dois outros indivíduos (R185b e R185c): as ossadas foram encontradas superpostas umas às outras.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R185b

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - O

Postura: Fletida

Sexo: N/d.

Idade: Criança (2-3)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Enterrado com mais dois outros indivíduos (R185a e R185c): as ossadas foram encontradas superpostas umas às outras.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R185c

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - L

Postura: Fletida

Sexo: N/d.

Idade: Criança (4-6)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Cerâmica: Fragmentos (PC)

Detalhes biográficos (Pessoa):

Enterrado com mais dois outros indivíduos (R185b e R185c): as ossadas foram encontradas superpostas umas às outras.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R186

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - O

Postura: Contraída

Sexo: Contra-indicação

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Cerâmica: Vaso (C/OP)

Ossada animal: Ovelha, úmero esquerdo (C/OP), dentro do vaso

Detalhes biográficos (Objetos):

Partes do vaso estavam ausentes no depósito.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: O/L - N

Postura: Contraída

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Cerâmica: Vaso (PN), Fragmentos (PC)

Ossada animal: Ovelha, úmero esquerdo (PN), dentro do vaso

Detalhes biográficos (Objetos):

Vaso foi quebrado antes de ser depositado na cova, e fragmentos espalhados.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R188

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: B

Inumação: Individual

Orientação: O/L - N

Postura: Semi-fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ossada animal: Porco, parte direita do crânio e do quarto dianteiro (M/Q)

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R189

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: Trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R190

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fortemente fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche do tipo F (B)

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R191

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Contraída

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Fratura, curada *ante-mortem*, da clavícula direita.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Contraída

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Liga de Cobre: Anel (OP)

Ferro: Fragmentos (B)

Vidro: Conta [1] (OP)

Detalhes biográficos (Objetos):

Anel e conta poderiam fazer parte de algum tipo de brinco ou ornamento colocado no cabelo, devido a posição onde foram encontrados.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Contraída

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche do tipo F (OP)

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Contraída

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche do tipo F (OP)

Detalhes biográficos (Pessoa):

Parte do broche estava faltando e ausente no depósito.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R196

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - O

Postura: Contraída

Sexo: N/d.

Idade: Adulta (17-20)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R197

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Contraída

Sexo: N/d.

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R198

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: Enterramento de superfície, cova arredondada

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R199

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - O

Postura: Contraída

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche (OP), com adornos de bronze.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - O

Postura: Fortemente fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R201

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche do tipo J (OP)

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R202

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Contraída

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche do tipo F (T)

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R203

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (17-20)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R204

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fortemente fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (17-20)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Cerâmica: Vaso, em fragmentos (OP e Pe)

Detalhes biográficos (Objetos):

Vaso quebrado antes de ser depositado e os fragmentos intencionalmente espalhados perto dos pés e dos ombros do cadáver.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R205

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Contraída

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R206

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Contraída

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche do tipo J (n/d.) com adornos de bronze.

Detalhes biográficos (Objetos):

Broche estava incompleto

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R207

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - O

Postura: Fortemente fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:R208

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (45+)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Wetwang Slack

Id.: WS1

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (20-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Enterramento de superfície

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - O

Postura: Fletida

Sexo: N/d.

Idade: Criança (2-6)

Espacialidade:

Arquitetura: Enterramento de superfície

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/d.

Postura: N/d.

Sexo: N/d.

Idade: Criança (3-4)

Espacialidade:

Arquitetura: Enterramento de superfície

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação S/N - L:

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (30-40)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS7

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/d.

Postura: N/d.

Sexo: N/d.

Idade: Adolescente (12-14)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS8

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS9

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/d.

Postura: N/d.

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (20-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.: WS10

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - O

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS11

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS12

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS13

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adolescente (14)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Sinais de trauma e recuperação em uma 1 costela na parte esquerda do corpo (King, 2010) e, possivelmente, na escápula esquerda (Dent, 1984).

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS14

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (45+)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Sinais de trauma e recuperação na escápula do lado direito (King, 2010).

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.: WS15

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Semi-fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (20-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS16

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - O

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS17

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS18

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - O

Postura: Semi-fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (16-18)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS19

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Semi-fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS20

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - O

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS21

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Contra-indicação

Idade: Adulta (20-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Originalmente considerado como uma “mulher” por Dent (1984), mas recentemente o sexo do esqueleto foi reavaliado como “incerto” (King, 2010).

Deformação na escápula direita e esquerda (acidental), resultado de uma possível fratura (King, 2010).

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Fraturas: um ombro possivelmente deslocado e fratura do tarso (ossos do pé). (King, 2010).

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche/ Tipo B (T) com adornos de bronze

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS24

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira arredondada

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS25

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: N/d.

Idade: Criança (9-10)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira circular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - O

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Agrupamento

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Pedra: Conta de calcário (OP)

Detalhes biográficos (Pessoa):

Fratura da vértebra lombar L1 (King, 2010).

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS27

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/d.

Postura: N/d.

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS28

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - O

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS29

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/d.

Postura: N/d.

Sexo: Masculino

Idade: Adulto (16)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - O

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (20-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS31

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/d.

Postura: N/d.

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS32

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fortemente fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS33

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: S/N - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - O

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche tipo E (C) com adornos de bronze.

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS35

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (18-21)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Fratura na costela direita, curada (King, 2010).

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS36

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - O

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (24-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS37

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (26-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Recentemente classificado como uma “mulher” por King (2010), mas inicialmente tido como um “homem” de 20-25a por Dent (1984).

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Possível fratura por estresse ou trauma (espondilolise) da vértebra L5 (King, 2010).

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS38

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/d.

Postura: N/d.

Sexo: N/d.

Idade: Lactente (<1)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS39

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (36-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Idade inicialmente considerada como 25-35 por Dent (1984).

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Possível fratura por estresse ou trauma (espondilolise) da vértebra L5 (King, 2010).

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS40

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Semi-fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS41

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: N/d.

Idade: Criança (2-3)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - O

Postura: Semi-fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (26-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Idade inicialmente considerada como 35-45 por Dent (1984).

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Anquilose na falange [na altura dos ossos do dedo da mão] (King, 2010).

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.: WS44

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS45

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/d.

Postura: N/d.

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (20-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Fratura na parte posterior das vértebras lombares L2-L5 (King, 2010).

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (20-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS47

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (45+)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Idade inicialmente considerada como 25-35 por Dent (1984).

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Trauma violento: fratura curada no osso nasal esquerdo.

Trauma acidental: fratura curada na costela (do lado direito).

Fraturas nas vertebrae lombares e torácicas.

.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS49

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: N/d.

Idade: Lactente (<1)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS50

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/d.

Postura: N/d.

Sexo: N/d.

Idade: Lactente (<1)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS51

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS52

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - O

Postura: Fletida

Sexo: N/d.

Idade: Lactente (<1)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Semi-fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ossada animal: Porco/quarto dianteiro (T)

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS54.a

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Dupla

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (20-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava dentro de um caixão.

Sem mobiliário fúnebre, contudo WS54b fora enterrada com um broche.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS54b

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Dupla

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche do tipo E com adornos de bronze (T)

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (20-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Presilha (C)

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Detalhes biográficos (Objetos):

Presilha dobrada em três partes, utilizada para prender a mortalha.
Encontrada em frente ao rosto do esqueleto.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Semi-fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Bracelete, tipo 3 (B); Pinça (C)

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava dentro de um caixão.

Fratura na lombar, vértebra L2 ou L3 (King, 2010).

Detalhes biográficos (Objetos):

A pinça foi dobrada, e um terminal estava ausente.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS58

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche tipo E (T)

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS59

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche tipo E (T)

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Liga de Cobre: Bracelete, tipo 2 (B)

Ferro: Broche, tipo K (B); Broche, tipo E (T)

Pedra: Anel de azeviche (B), adornando o bracelete.

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS61

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - O

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Presilha (C)

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava dentro de um caixão.

Detalhes biográficos (Objetos):

Presilha dobrada em três partes, utilizada para prender a mortalha.
Encontrada próxima a boca do esqueleto.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS62

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Semi-fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira arredondada

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava dentro de um caixão.

Fratura (acidental) curada no metatarso do pé esquerdo (King, 2010).

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS63

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/d.

Postura: N/d.

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/d.

Postura: N/d.

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (20-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Liga de Cobre: Anel (C)

Ferro: Pinças (C)

Âmbar: Conta (C)

Vidro: 2 Contas (C)

Detalhes biográficos (Objetos):

Anel junto com três contas e o par de pinças fazia parte de um pendente/penduricalho.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS65

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/d.

Postura: N/d.

Sexo: Feminino

Idade: Adulta

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS66

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/d.

Postura: N/d.

Sexo: N/d.

Idade: Criança (2-6)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS67

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - O

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (30-40)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira arredondada

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - O

Postura: Semi-fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (20-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche tipo E (T) com adornos de bronze

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - L

Postura: Semi-fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS71

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS72

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS73

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Âmbar: Conta (OP)

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS74

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - O

Postura: Fletida

Sexo: N/d.

Idade: Criança (10)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira circular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava dentro de um caixão.

Sexo originalmente estimado como “masculino” por Dent (1984).

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: N/d.

Idade: Criança (1-2)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS77

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/d.

Postura: N/d.

Sexo: N/d.

Idade: Adulta

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS78

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS79

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/d.

Postura: N/d.

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (20-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS80

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (20-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS81

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/d.

Postura: N/d.

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS82

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Contra-indicação

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira arredondada

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Inicialmente considerado como uma “mulher” por Dent (1984).

Fratura (acidental) curada no metacarpo (mão).

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/d.

Postura: N/d.

Sexo: N/d.

Idade: Adolescente (14-18)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: B

Inumação: Individual

Orientação: L/O - S

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ossada animal: Ovelha/úmero direito (Pn)

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS85

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: N/d.

Inumação: Individual

Orientação: N/d.

Postura: N/d.

Sexo: Feminino

Idade: Adulta

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS86

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: N/d.

Inumação: Individual

Orientação: N/d.

Postura: N/d.

Sexo: Masculino

Idade: Adulta

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: Escolher um item.

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS87

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: N/d.

Inumação: Individual

Orientação: N/d.

Postura: N/d.

Sexo: Feminino

Idade: Adulta?

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS88

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: N/d.

Inumação: Individual

Orientação: N/d.

Postura: N/d.

Sexo: Masculino

Idade: Adulta

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS89

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira arredondada

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche tipo A (Pe)

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava em um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS90

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (45+)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava em um caixão.

Fratura (acidental) curada da clavícula direita (ombros) (King, 2010).

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS91

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (20-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava em um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - O

Postura: Semi-fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (45+)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche do tipo E (T)

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Fratura (acidental) curada da tíbia (perna) direita (King, 2010).

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS93

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/d.

Postura: Arqueada

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (36-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: 2 Anéis nos dedos dos pés (Pe)

Detalhes biográficos (Pessoa):

Considerado inicialmente como uma “mulher” de 25-35a por Dent (1984), mas recentemente avaliado como um “homem” de 36-45a por King (2010).

Trauma por objeto cortante no lado direito da mandíbula, com evidência de cura e possível hematoma (King, 2010).

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS95

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS96

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Semi-fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS97

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Semi-fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (20-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Madeira: Escudo

Ferro: Espada (T/Ab); Bossa/Escudo (C)

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS99

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: L/O - S

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (20-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS100

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Fratura (acidental) da vértebra torácica T1 (King, 2010).

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche do tipo E (Ab)

Pedra polida: Ponta (Ab)

Detalhes biográficos (Pessoa):

Acidental: deslocamento do osso piramidal (punho) e fratura do rádio (braço) direito (King, 2010).

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (36-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Pedra: Conta de azeviche (OP)

Vidro: Conta (1) (OP)

Detalhes biográficos (Pessoa):

Fratura (acidental) curada da clavícula (ombro) direita (King, 2010).

Idade originalmente estimada como 25-35 por Dent (1984).

O corpo estava dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS103

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (20-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS104

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira arredondada

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche do tipo E (OP)

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS105

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Espondilólise (fratura por estresse ou trauma) da vértebra L4 (King, 2010).

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Semi-fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (36-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Fratura (acidental) curada dos metacarpos (mãos) (King, 2010).

Idade originalmente estimada como 25-35 por Dent (1984).

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS107

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS108

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (20-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS109

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - O

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (45+)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS110

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: N/d.

Idade: Criança (8-10)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS111

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: N/d.

Sexo: Masculino

Idade: Adulta

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS112

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS113

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: L/O - S

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (26-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Fratura (acidental) curada da patela esquerda (joelho); anquilose nos pés e espondilólise (fratura por estresse ou trauma) da vértebra L4 (King, 2010).

Idade originalmente estimada como 17-25 por Dent (1984).

O corpo estava dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Semi-fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Pedra polida: Anel (M)

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava dentro de um caixão.

Trauma (violência *perimortem*): corte no crânio parcialmente curado (occipital direito) e na costela esquerda – possível golpe de espada.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS115

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira arredondada

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche tipo E (T) com adornos de bronze

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS116

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - O

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Semi-fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche do tipo C (T)

Ossada animal: Porco – quarto dianteiro (T)

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Semi-fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (20-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava dentro de um caixão.

Violência: trauma por objeto cortante curado no crânio acima da órbita ocular (King, 2010).

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS119

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (36-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira arredondada

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Antemortem: trauma curado no osso frontal direito (crânio)

Violência: fratura curada na clavícula direita (ombro) e trauma por corte no crânio, curado (King, 2010).

Idade originalmente estimada como 20-25 por Dent (1984).

O corpo estava dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS120

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Semi-fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (20-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira arredondada

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Fratura (acidental) de uma costela (C2) esquerda, que demorou alguns anos para ser curada e fratura na costela C10 esquerda em processo de recuperação *perimortem*.

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS121

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Pino retilíneo (Ab)

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS122

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS123

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (20-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira arredondada

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS124

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira arredondada

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Bracelete de tipo 3 (B)

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS125

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira arredondada

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS126

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: N/d.

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (20-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS127

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS128

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - L

Postura: Semi-fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (20-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Cerâmica: Vaso(Pe)

Ossada animal: Ovelha/ úmero esquerdo dentro do vaso(Pe)

Detalhes biográficos (Pessoa):

Violência: fratura no crânio curada (King, 2010).

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Detalhes biográficos (Objetos):

Parte inferior do vaso, queimada/com fuligem.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira arredondada

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Cerâmica: Vaso (T)

Ossada animal: Ovelha/ úmero direito dentro do vaso (T)

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava dentro de um caixão.

Detalhes biográficos (Objetos):

Parte inferior do vaso, queimada/com fuligem; parte superior do vaso não estava presente na deposição.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS131

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira arredondada

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - O

Postura: Semi-fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Bracelete de tipo 2 (A)

Detalhes biográficos (Pessoa):

Fratura (acidental) por compressão dos ossos da mão (King, 2010).

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - O

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Bracelete de tipo 2 (A)

Detalhes biográficos (Pessoa):

Fratura por compressão da vértebra lombar L4 (King, 2010).

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS134

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS135

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Semi-fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (20-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira circular

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Cerâmica: Vaso (T)

Ossada animal: Ovelha/ úmero esquerdo (T)

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava dentro de um caixão

.

Detalhes biográficos (Objetos):

Interior do vaso carbonizado/com fuligem.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS137

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira arredondada

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Bracelete, tipo 1 (B)

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Semi-fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (36-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche, tipo E (T)

Detalhes biográficos (Pessoa):

Espondilólise (fratura por estresse ou trauma) da vértebra L4 (King, 2010).

Idade originalmente estimada como 25-35 por Dent (1984).

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS139

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - O

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Vidro: Colar de contas (34)/ OP

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS140

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: N/d.

Idade: Criança (2-6)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS141

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: N/d.

Idade: Criança (2-6)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - O

Postura: Semi-fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Possível fratura (acidental) curada da tíbia (perna) esquerda (King, 2010).

O corpo estava dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS143

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS144

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: N/d.

Idade: Criança (2-6)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS145

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira circular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Pino (B)

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava dentro de um caixão.

Detalhes biográficos (Objetos):

Pino (LT I) com um possível fecho inacabado feita de bronze.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulto (36-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Liga de Cobre: Fragmentos (T)

Ferro: Broche tipo D (T)

Detalhes biográficos (Pessoa):

Espondilólise (fratura por estresse ou trauma) das vértebras lombares (King, 2010).

Idade originalmente estimada como 25-35 por Dent (1984).

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:147

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS148

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira arredondada

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche do tipo E (Ab) com adorno de bronze

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Detalhes biográficos (Objetos):

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS150

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Semi-fletida

Sexo: N/d.

Idade: Lactente (<1)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS151

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (45+)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Violência: trauma penetrante no osso frontal direito (crânio), curado (King, 2010).

Idade originalmente estimada como 35-45 por Dent (1984).

O corpo estava dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS153

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: O/L - N

Postura: Semi-fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Cerâmica: Vaso (C/Pc)

Detalhes biográficos (Pessoa):

Violência: fratura no crânio no lobo parietal esquerdo. Acidental: os *acromiale* nas escápulas direita e esquerda (King, 2010).

Detalhes biográficos (Objetos):

Apenas fragmentos do vaso foram depositados, uma parte embaixo do crânio e outra no preenchimento da cova.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS155

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Semi-fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Liga de Cobre: Brinco (OP); Bracelete tipo 3 (B);
Bracelete tipo 4 (B); Broche tipo 6 (OP)

Vidro: Colar de contas [42] (OP)

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS156

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual + Feto

Orientação: N/S - O

Postura: Semi-fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Causa mortis relacionada provavelmente a complicações na gravidez ou durante o parto. Feto/neonato *in situ*.

O corpo estava dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS157

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS158

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira arredondada

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Pino anelado (T)

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS159

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Semi-fletida

Sexo: N/d.

Idade: Lactente (<1)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Semi-fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Liga de Cobre: Broche tipo A (Ab); Bracelete tipo 4 (B)

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS161

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - O

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ossada animal: Ovelha – úmero direito (T)

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS162

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Semi-fletida

Sexo: N/d.

Idade: Lactente (<1)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS163

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS164

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Semi-fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS165

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Semi-fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adolescente (12-14)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - O

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (20-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche tipo L (T)

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - O

Postura: Fletida

Sexo: N/d.

Idade: Adolescente (14-18)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Anel (B)

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS168

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS169

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS170

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS171

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - O

Postura: Semi-fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (20-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche tipo D (OP)

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS172

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - O

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Espondilólise (fratura por estresse ou trauma) da vértebra L5 (King, 2010).

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS173

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS174

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/d.

Postura: N/d.

Sexo: N/d.

Idade: Lactente (<1)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS175

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - O

Postura: Fletida

Sexo: N/d.

Idade: Adulta

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira arredondada

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Objetos):

O corpo estava dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS176

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: N/d.

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira arredondada

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS177

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - O

Postura: Fletida

Sexo: N/d.

Idade: Criança (8-10)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Pedra: Mó (C)

Detalhes biográficos (Objetos):

A pedra superior que compunha a mó foi encontrada em baixo da cabeça da criança.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS178

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS179

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche do tipo B (C)

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - O

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira circular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche do tipo E (T)

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Detalhes biográficos (Objetos):

Parte da base e abotoadura do broche faltando.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS181

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira arredondada

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Fratura por compressão na vértebra T4 com lesões em outras vértebras lombares e torácicas (King, 2010).

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS182

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (18-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Acidental: *os acromiale* na escápula (ombro) esquerdo (King, 2010).

Idade originalmente estimada como 25-35 por Dent (1984).

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS183

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Fratura (acidental) curada na costela esquerda e fratura por compressão nas vértebras lombares.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS184

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS185

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: B

Inumação: Individual

Orientação: L/O - S

Postura: Semi-fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ossada animal: P(AR); C (AR); N/d. (2) (AR)

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava dentro de um caixão.

Detalhes biográficos (Objetos):

O porco e a cabra eram ambos jovens e foram depositados por inteiro na cova ao longo de duas escápulas de um animal de espécie não identificada (Dent, 1984: 179).

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS187

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fortemente fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS188

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira arredondada

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS189

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Semi-fletida

Sexo: N/d.

Idade: Criança (7)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (26-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira circular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Fratura (acidental) curada na clavícula direita (ombro) (King, 2010).

Idade originalmente estimada como 20-25 por Dent (1984).

O corpo estava dentro de um caixão.

Detalhes biográficos (Objetos):

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS191

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: N/d.

Inumação: Individual

Orientação: N/d.

Postura: N/d.

Sexo: Masculino

Idade: Adulta

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS192

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (36-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Espondilólise (fratura por estresse ou trauma) da vértebra L3 (King, 2010).

O corpo estava dentro de um caixão.

Idade originalmente estimada como 25-35 por Dent (1984).

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (45+)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche do tipo E (T)

Detalhes biográficos (Pessoa):

Fratura (acidental) curada do metacarpo MC1 da mão esquerda com sinais de artrose (King, 2010).

Idade originalmente estimada como 35-45 por Dent (1984).

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS194

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira circular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS195

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS196

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (+45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Anquilose (acidental) das falanges (mão) (King, 2010).

Idade originalmente estimada como 35-45por Dent (1984).

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS197

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (20-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS198

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (36-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Fratura (acidental) curada da costela (King, 2010).

Idade originalmente estimada como 25-35 por Dent (1984).

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS199

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S

Postura: Fletida

Sexo: N/d.

Idade: Lactente (<1)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adolescente (14-18)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS203

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: Trincheira quadrangular

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS204

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira circular

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche tipo A (T)

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - O

Postura: Fletida

Sexo: N/d.

Idade: Lactente (<1)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS207

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: N/d.

Inumação: Individual

Orientação: N/d.

Postura: N/d.

Sexo: Masculino

Idade: Adulta

Espacialidade:

Arquitetura: Trincheira arredondada

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - O

Postura: Fortemente fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (30-40)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Vidro: Contas [18] (T/Ab)

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava dentro de um caixão.

Detalhes biográficos (Objetos):

As contas faziam parte de um colar que foi quebrado; elas foram espalhadas sobre o corpo.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira arredondada

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Liga de Cobre: Anel (OP); Pinça (OP); Bracelete tipo 4 (B)

Vidro: Contas [70] (OP)

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS211

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - L

Postura: Semi-fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Ponta de lança (Ab)

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Detalhes biográficos (Objetos):

A ponta de lança estava quebrada em duas partes e foi encontrada na altura do estômago; talvez possa estar associada com a *causa mortis*.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS212

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS213

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: N/d.

Inumação: Individual

Orientação: N/d.

Postura: N/d.

Sexo: Feminino

Idade: Adulta

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS214

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (30-40)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS215

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Semi-fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (30-40)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS216

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - O

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (26-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Os acromiale da espácula direita (King, 2010).

Idade originalmente estimada como 20-25 por Dent (1984).

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS217

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/d.

Postura: N/d.

Sexo: Masculino

Idade: Adulta

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS218

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (36-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Os acromiale da espácula direita (King, 2010).

Idade originalmente estimada como 25-35 por Dent (1984).

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS219

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS220

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: L/O - N

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (20-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS221

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (+45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Fratura (acidental) no crânio curada; metacarpos da mão esquerda com trauma curado e espondilólise nas vértebras lombares (King, 2010).

Idade originalmente estimada como 35-45 por Dent (1984).

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS222

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Semi-fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira arredondada

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS223

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - O

Postura: Fortemente fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira circular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche do tipo E (T)

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS224

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Semi-fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS225

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (26-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Fratura (acidental) curada da escápula esquerda (King, 2010).

Originalmente considerada como uma “mulher” por Dent (1984).

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (45+)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira circular

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche do tipo E (T)

Detalhes biográficos (Pessoa):

Trauma curado no osso nasal (King, 2010).

Idade originalmente estimada como 35-45 por Dent (1984).

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - O

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Trauma (acidental) curado na clavicula esquerda (ombro) (King, 2010).

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS228i

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Dupla

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS229ii

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Dupla

Orientação: N/S - L

Postura: Semi-fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (30-40)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS230

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - O

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (30-40)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche do tipo L (OP)

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS231

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Semi-fletida

Sexo: N/d.

Idade: Criança (8-10)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS232

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - O

Postura: Fletida

Sexo: N/d.

Idade: Criança (6-7)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS233

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (30-40)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira circular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche do tipo D (C)

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS234

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS235

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: N/d.

Idade: Lactente (<1)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira arredondada

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Liga de Cobre: Bracelete tipo 4 (B)

Ferro: Broche do tipo S (OP)

Vidro: Contas [77] (OP)

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS237

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - O

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS238

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Semi-fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ossada animal: Porco - quarto dianteiro esquerdo (T)

Detalhes biográficos (Pessoa):

Fratura (acidental) curada no metacarpo direito MC5 (mão) e duas fraturas curadas nas costelas (King, 2010).

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS240

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - O

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS241

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (45+)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira arredondada

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Fratura (acidental) curada no metacarpo MC3 (mão); fratura por compressão nas vértebras L4 e T12 (King, 2010).

Idade originalmente estimada como 25-35 por Dent (1984).

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS242

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: L/O - N

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS243

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira arredondada

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: L/O - N

Postura: Semi-fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (36-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Madeira: Carvão (C)

Liga de Cobre: Virola (T)

Detalhes biográficos (Pessoa):

Os *acromiale* nas escápulas direita e esquerda (King, 2010).

Idade originalmente estimada como 25-35 por Dent (1984).

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Detalhes biográficos (Objetos):

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS245

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Liga de Cobre: Anel (OP)

Pedra: Anel de azeviche (OP)

Âmbar: Anel (OP)

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava dentro de um caixão.

Detalhes biográficos (Objetos):

Três anéis de substâncias distintas colocados intencionalmente na região do pescoço/orelha.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS246

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS247

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - O

Postura: Semi-fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (20-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS248

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: Trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira arredondada

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Vidro: Colar de contas [75] (OP)

Detalhes biográficos (Pessoa):

Espondilólise (fratura por estresse ou trauma) nas vértebras lombares L4-5 (King, 2010).

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS250

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche do tipo D (Ab)

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS251

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - O

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche do tipo D (OP)

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS253

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Semi-fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (36-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Fratura (acidental) curada do metacarpo MC5 (mão) e possível fratura por compressão das vértebras torácicas (Kings, 2010).

Idade originalmente estimada como 25-35 por Dent (1984).

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - O

Postura: Fortemente fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava dentro de um caixão.

Espondilólise (fratura por estresse ou trauma) da vértebra lombar L4 (King, 2010).

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS255

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS256

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/d.

Postura: N/d.

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (16-18)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: Escolher um item.

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS257

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - O

Postura: Semi-fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (20-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Liga de Cobre: Anel (OP)

Vidro: Colar de contas [52] (OP)

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS258

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - O

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (14-18)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS259

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - O

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (30-40)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS260

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Semi-fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira circular

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS261

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta

Espacialidade:

Arquitetura: Enterramento de superfície, trincheira quadrangular

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS263

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - O

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (40-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS264

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS265

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira arredondada

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS266

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (45+)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Anquilose (acidental) da falange distal (mão); miosite do úmero direito e espondilólise da vértebra lombar L5 (King, 2010).

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS267

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S

Postura: N/d.

Sexo: N/d.

Idade: Lactente (<1)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche do tipo S (T)

Vidro: Conta [1] (T)

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - O

Postura: Fletida

Sexo: Contra-indicação

Idade: Adulta (36-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira circular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ossada animal: Osso trabalhado em formato de ponta [3] (Ab)

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava dentro de um caixão. Considerado originalmente como esqueleto de uma “mulher de 25-35” por Dent (1984).

Fratura (acidental) curada do metacarpo MC5 e fratura por compressão da vértebra lombar L4 (King, 2010).

Detalhes biográficos (Objetos):

Ossos trabalhados em formato de ponta poderiam funcionar como “alfinetes” para mortalha.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS270

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira circular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Presilhas [3] (AR); Broche do tipo E (OP)

Vidro: Conta [1] (T)

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS271

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira arredondada

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS272

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - O

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira arredondada

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS273

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche do tipo E (C) com adornos de bronze

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Liga de Cobre: Broche do tipo I (OP)

Vidro: Colar de contas [49] (T)

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS275

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche do tipo B (C)

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS276

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Semi-fletida

Sexo: N/d.

Idade: Lactente (<1)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS277

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira circular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Cerâmica: Vaso (C)

Vidro: Conta [1] (T)

Ossada animal: Ovelha/ úmero esquerdo (C)

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Detalhes biográficos (Objetos):

Ossada da ovelha encontrada dentro do vaso; apenas a parte inferior do vaso foi depositada.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS278

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (36-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Fratura (acidental) curada da vértebra lombar L1; fratura curada de uma costela direita e espondilólise da vértebra lombar L5 (King, 2010).

Idade originalmente estimada como 30-40 por Dent (1984).

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS279

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira circular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche do tipo D (C)

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS280

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Espondilólise (fratura por estresse ou trauma) da vértebra lombar L5 (King, 2010).

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS281

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira arredondada

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS282

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - O

Postura: Semi-fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS283

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - O

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (45+)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Vidro: Contas [55] (OP)

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS285

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (18-21)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche do tipo B (OP); Pino anelado (M);
Pino anelado (Pn)

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS287

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/d.

Postura: N/d.

Sexo: N/d.

Idade: Criança (2-10)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS288

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (45+)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Possível fratura causada por deslocamento do ombro (Dent, 1984).

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS289

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Semi-fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (20-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS290

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (36-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira arredondada

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Espondilólise (fratura por estresse ou trauma) da vértebra lombar L5 (King, 2010).

Idade originalmente estimada como 25-35 por Dent (1984).

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS291

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira circular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Fratura (acidental) curada da mandíbula direita (King, 2010).

O corpo estava dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS292

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: S/N - O

Postura: Semi-fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS293

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira arredondada

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - O

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (36-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira circular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Espondilólise (fratura por estresse ou trauma) da vértebra lombar L5 (King, 2010).

Idade originalmente estimada como 25-35 por Dent (1984).

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS295

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (30-40)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira arredondada

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ossada animal: Ovelha/ úmero esquerdo (Pe)

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Semi-fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (18-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Fratura (acidental) curada das falanges (King, 2010).

Idade originalmente estimada como 20-25 por Dent (1984).

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS297

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: Trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS298

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: N/d.

Idade: Criança (6-7)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS299

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - O

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (36-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Espondilólise (fratura por estresse ou trauma) da vértebra lombar L5 (King, 2010).

Idade originalmente estimada como 25-35 por Dent (1984).

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS300

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S

Postura: N/d.

Sexo: N/d.

Idade: Lactente (<1)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS301

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: L/O - N

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Fratura (acidental) por compressão no tarso (pé) (King, 2010).

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS302

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - O

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (30-40)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira circular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS303

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS304

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS305

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS307

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (26-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Fratura (acidental) do fêmur, curada, com osteomilite secundária (inflamação óssea causada por infecção) (KING, 2010).

Idade originalmente estimada como 35-45 por Dent (1984).

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS308

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual + Feto

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira circular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche tipo E (T)

Detalhes biográficos (Pessoa):

Possível morte por complicação no final da gestação. Feto *in situ* e dentro da pélvis da mulher segundo Dent (1984:86).

O corpo estava dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS310

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - O

Postura: Fletida

Sexo: N/d.

Idade: Lactente (<1)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS311

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - O

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Liga de Cobre: Anel (OP)

Ferro: Broche do tipo E (T)

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS313

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (40-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS314

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - O

Postura: Semi-fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS315

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - O

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (40-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS316

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira arredondada

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: L/O - S

Postura: Semi-fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Liga de Cobre: Anel de dedo (M)

Detalhes biográficos (Pessoa):

Miosite e ossificação da fíbula (perna) direita (possível origem traumática);
espondilólise (fratura por estresse ou trauma) da vértebra L5.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS318

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - O

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Fratura (acidental) curada do rádio (antebraço) direito e fratura por compressão das vértebras torácicas.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS319

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - O

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS320

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (30-40)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Sexo originalmente considerado como “feminino” por Dent (1984).

Espondilólise (fratura por estresse ou trauma) da vértebra L3.

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS321

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - O

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (30-40)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS322

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - O

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Fratura por compressão da vértebra L4.

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS323

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: N/d.

Idade: Criança (8-10)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS324

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - O

Postura: Semi-fletida

Sexo: N/d.

Idade: Criança (10-12)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS325

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - O

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (20-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - O

Postura: Semi-fletida

Sexo: N/d.

Idade: Lactente (<1)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - O

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (+45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Broche do tipo A (OP)

Detalhes biográficos (Pessoa):

Espondilólise (fratura por estresse ou trauma) da vértebra L5.

O corpo estava dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS328

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Sexo originalmente considerado como “Feminino” por Dent (1984).

Fratura por compressão das vértebras lombares e torácicas L3 e T12.

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS330

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - O

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS331

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS332

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - O

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adolescente (14-18)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS333

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS334

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - C

Postura: Semi-fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS335

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - O

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - O

Postura: Semi-fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adolescente (15-16)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: [2] Anéis (OP)

Pedra: [64] Contas de azeviche (OP)

Detalhes biográficos (Pessoa):

Possível trauma curado na mandíbula (King, 2010).

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS337

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/d.

Postura: N/d.

Sexo: N/d.

Idade: Criança (2-6)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS338

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Semi-fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS339

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - O

Postura: Semi-fletida

Sexo: N/d.

Idade: Criança (2-6)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS340

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Semi-fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS341

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS342

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (18-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Os acromiale na escápula direita e esquerda (King, 2010).

Idade originalmente estimada como 25-35 por Dent (1984).

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS343

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: S/N - O

Postura: Semi-fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (45+)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Fratura por compressão das vértebras L1, L3, T8 (King, 2010).

Idade originalmente estimada como 25-35 por Dent (1984).

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS344

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: S/N - L

Postura: Fletida

Sexo: N/d.

Idade: Criança (6-10)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS345

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - O

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adolescente (12-16)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ossada animal: Ponta de osso trabalhada (AR)

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS347

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Dupla

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira arredondada

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Enterrado junto com WS348.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Dupla

Orientação: S/N - O

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (45+)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira arredondada

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Enterrada junto com WS347.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: S/N - O

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Bracelete tipo 2 (B)

Detalhes biográficos (Pessoa):

Bracelete incompleto.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/d.

Postura: N/d.

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira arredondada

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS351

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Semi-fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - O

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS353

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - O

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS354

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Semi-fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (30-40)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS355

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS356

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS357

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira arredondada

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - O

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Violência: fratura curada da ulna distal (antebraço) esquerda; fratura curada da falanges proximais (mão) e espondilólise (fratura por estresse ou trauma) das vértebras L4 e L5 (King, 2010).

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS359

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS360

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ossada animal: Ponta de osso trabalhada (AR)

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS361

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS362

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - O

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS363

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - O

Postura: Fletida

Sexo: N/d.

Idade: Criança (8-10)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Liga de Cobre: [3] Contas (T)

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS364

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: N/d.

Idade: Adolescente (12-14)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS365

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (16-18)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS366

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: N/d.

Idade: Adulta (45+)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Fratura por compressão das vértebras torácicas inferiores (King, 2010).

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS367

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - L

Postura: Semi-fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (17-18)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira arredondada

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS368

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Dupla

Orientação: N/S - O

Postura: Fletida

Sexo: N/d.

Idade: Criança (2-6)

Espacialidade:

Arquitetura: N/d.

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Enterrado junto com WS369.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS369

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Dupla

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: N/d.

Idade: Criança (8-10)

Espacialidade:

Arquitetura: N/d.

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Enterrado junto com WS368.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS370

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (30-40)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Espondilólise (fratura por estresse ou trauma) da vértebra L5.

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS371

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS372

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Semi-fletida

Sexo: N/d.

Idade: Criança (7-8)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS373

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Semi-fletida

Sexo: N/d.

Idade: Criança (2-3)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS374

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Semi-fletida

Sexo: N/d.

Idade: Criança (5-6)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS375

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS376

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - O

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Vidro: [76] Contas (OP)

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Detalhes biográficos (Objetos):

75 contas com coloração azul e 1 conta com cores azul-esverdeada (Dent, 1984: 63).

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS377

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (36-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Miosite ossificante no úmero (braço) direito e esquerdo (King, 2010).

Idade e sexo originalmente estimados como “Masculino” (20-25a) por Dent (1984).

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS378

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (17-18)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS379

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Semi-fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Fratura (acidental) curada das falanges (King, 2010).

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS380

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: N/d.

Idade: Criança (8-10)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS381

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: N/d.

Idade: Criança (8-10)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS382

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - O

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Acidental: miosite ossificante no úmero direito (antebraço) e os acromiale da escápula direita (King, 2010).

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS383

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS384

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - O

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (45+)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS385

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: N/d.

Idade: Adulta (20-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Espondilólise (fratura por estresse ou trauma) da vértebra L5

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS386

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS387

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: N/d.

Idade: Criança (1-2)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS388

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - O

Postura: Estendida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS389

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS390

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS391

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (30-40)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ossada animal: Ovelha / úmero esquerdo (Pn)

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS392

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS393

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/d.

Postura: N/d.

Sexo: N/d.

Idade: Criança (6-10)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS394

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (30-40)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS395

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS396

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - O

Postura: Fletida

Sexo: N/d.

Idade: Criança (8-10)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS397

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS398

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: S/N - O

Postura: Fletida

Sexo: N/d.

Idade: Criança (1-2)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS399

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Semi-fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☒ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Liga de Cobre: [2] Anéis nos dedos dos pés (Pe)

Ferro: Fragmentos (OP)

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Detalhes biográficos (Objetos):

Cada anel foi encontrado em um pé diferente.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS401

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/d.

Postura: N/d.

Sexo: N/d.

Idade: Lactente (<1)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS402

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira arredondada

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ossada animal: Porco – crânio e úmero direito (AR)

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (26-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Miosite ossificante do úmero (antebraço) direito (King, 2010).

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Idade originalmente estimada como 35-45 por Dent (1984).

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS404

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/d.

Postura: N/d.

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS405

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS406

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/d.

Postura: N/d.

Sexo: N/d.

Idade: Adulta

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS407

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/d.

Postura: N/d.

Sexo: N/d.

Idade: Adulta

Espacialidade:

Arquitetura: N/d.

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS408

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - O

Postura: Fletida

Sexo: N/d.

Idade: Lactente (<1)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS409

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (20-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS410

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS411

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - O

Postura: Fletida

Sexo: N/d.

Idade: Lactente (<1)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS412

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: N/d.

Idade: Lactente (<1)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS413

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (45+)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS414

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - O

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (45+)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Fratura por compressão das vértebras L4 e L5 (King, 2010).

Sexo e idade originalmente estimados como “Feminino” e 35-45 por Dent (1984).

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS416

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Semi-fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Detalhes biográficos (Objetos):

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS417

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/d.

Postura: N/d.

Sexo: Feminino

Idade: Adulta

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (45+)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Fratura por compressão das vértebras L1-2 e T7-10 (King, 2010).

Sexo e idade originalmente estimados como “Feminino” e 35-45 por Dent (1984).

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: O/L - S

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Cerâmica: Vaso (AR)

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Detalhes biográficos (Objetos):

Apenas a base do vaso foi depositada.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS420

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (20-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Pedra: Anel de dedo de azeviche (M)

Ossada animal: Anel de dedo de osso trabalhado (M)

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Detalhes biográficos (Objetos):

Os anéis foram achados na mão esquerda.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS422

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - O

Postura: Fletida

Sexo: N/d.

Idade: Lactente (<1)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS423

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - O

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira arredondada

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS424

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N-S

Postura: Fletida

Sexo: N/d.

Idade: Lactente (<1)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS425

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - O

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS426

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - O

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (15-17)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS427

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N-S

Postura: Fletida

Sexo: N/d.

Idade: Lactente (<1)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS428

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/d.

Postura: N/d.

Sexo: Masculino

Idade: Adulta

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira arredondada

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS429

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - O

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS430

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N-S

Postura: Fletida

Sexo: N/d.

Idade: Lactente (<1)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS431

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS432

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (30-40)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS433

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira arredondada

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS434

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: N/d.

Idade: Lactente (<1)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - O

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ossada animal: Ovelha – úmero esquerdo (Pn)

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS436

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual

Orientação: N-S

Postura: Fletida

Sexo: N/d.

Idade: Lactente (<1)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS437

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - O

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☐ Não

Liga de Cobre: [2] Placas de bronze (Pe)

Ferro: Broche do tipo E (Ab)

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Detalhes biográficos (Objetos):

As placas de bronze (*tags*) foram encontradas na altura dos pés e são interpretadas como ornamentos para os sapatos, ou como parte utilizada nos cadarços do calçado (Dent 1984: 177).

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS439

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS440

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS441

Esqueleto:

☒ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira circular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS442

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: S/N - L

Postura: Semi-fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira circular

Localização: € Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS443

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Semi-fletida

Sexo: N/d.

Idade: Criança (10-12)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS444

Esqueleto:

☒ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa, trincheira circular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS445

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS446

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira arredondada

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Id.:WS447

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Dupla

Orientação: NNE/SSO - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Enterrada junto com WS448.

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Giles, n/d.

Id.:WS448

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Dupla

Orientação: S/N - C

Postura: Semi-fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (35-45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Detalhes biográficos (Pessoa):

Enterrada junto com WS447.

O corpo estava possivelmente dentro de um caixão.

Ref. Bibliográfica:

Giles, n/d.

Id.:WS449

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: N/d.

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Giles, n/d.

Id.:WS450

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: Trincheira?

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Giles, n/d.

Id.:WS451

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: Trincheira?

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Giles, n/d.

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: Trincheira?

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Giles, n/d.

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: C

Inumação: Individual

Orientação: N/S - O

Postura: Semi-fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (26-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira arredondada

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Madeira: Carro (várias partes); [1] escudo

Liga de Cobre: Equipamento de arreio (T/Ab);
partes da bossa do escudo (T/Ab)

Ferro: Equipamento de arreio (T/Ab/AR); [7] pontas
de lança (T/Ab); [1] espada (T/Ab)

Ossada animal: [2] Pino de roda de galhada (AR);
Porco – quarto dianteiro esquerdo e crânio (T/Ab)

Detalhes biográficos (Pessoa):

Enterramento com carro (cf. Peixoto, 2013). Trauma (violento) curado no osso occipital (crânio) e fratura segmentar do úmero (braço) direito (King, 2010). Idade originalmente estimada como 17-25 por Dent (1985).

Detalhes biográficos (Objetos):

Pontas das lanças danificadas provavelmente por terem sido arremessadas contra a cova.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1985

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: C

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Semi-fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Madeira: Carro (várias partes)

Liga de Cobre: [1] Caixa (T/Cs); Equipamentos de arreio (T/Ab/AR/Cs); fragmentos [parte de um chicote] (T)

Ferro: Equipamentos de arreio (T/Ab/AR/Cs); [1] espelho (T/Cs); [1] anel (AR); [1] pino (com cabeça decorada com coral e ouro) (AR)

Ossada animal: Porco – crânio (Ab)

Detalhes biográficos (Pessoa):

Enterramento com carro (cf. Peixoto, 2013).

Detalhes biográficos (Objetos):

Sinais de desgaste/uso e polimento nos pinos de rodas.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: N/d.

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Madeira: Carro (várias partes); [1] escudo

Liga de Cobre: Equipamento de arreio (AR); [1] bainha de espada (T/Ab); discos de um cinto (Ab) fragmentos (T/Ab)

Ferro: Equipamento de arreio (AR); [1] espada (T/Ab); bossa de escudo (Cx)

Detalhes biográficos (Pessoa):

Enterramento com carro (cf. Peixoto, 2013).

Detalhes biográficos (Objetos):

Sinais de uso na decoração da bainha da espada; reparo na parelha e 1 anel de rédea. Discos e fragmentos encontrados junto a espada compunham um suporte/cinto para a bainha da arma.

Ref. Bibliográfica:

Dent, 1984

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: Trincheira?

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Giles, n/d.

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: Trincheira?

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Giles, n/d.

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: Trincheira?

Localização: ∈ Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Giles, n/d.

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: Enterramento de superfície

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Giles, n/d.

Esqueleto:

☐ Sim ☒ Não

Espacialidade:

Arquitetura: Enterramento de superfície

Localização: € Cemitério

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Giles, n/d.

Wetwang Village

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: C

Inumação: Individual

Orientação: S/N - O

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (+45)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: Isolada

Montículo: ☐ Sim ☐ Não ☒ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Liga de Cobre: Equipamentos de arreio (T/Ab/AC)

Ferro: Espelho (Pn), Broche tipo E (Pn),
equipamentos de arreio (T/Ab/AC)

Vidro: 120 Mini-contas azuladas (Pn)

Ossada animal: Porco, quarto dianteiro (Ab, B, M)

Detalhes biográficos (Pessoa):

Ombro deslocado, traumatismo temporomandibular: ambas ocorrências no lado direito do corpo.

Detalhes biográficos (Objetos):

Enterramento com carro, descrito em detalhe em Peixoto, 2013.

Ref. Bibliográfica:

Hill, 2001

Kirkburn

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: D

Inumação: Individual + Feto

Orientação: O/L - N

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova rasa

Localização: ∈ Agrupamento

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Cerâmica: Vaso (Cx)

Detalhes biográficos (Pessoa):

Causa de morte possivelmente associada com complicações durante a gravidez/parto; resquícios do bebê (8 meses lunares) estavam *in situ* na altura da pélvis.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:K3

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Semi-fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira arredondada

Localização: ∈ Agrupamento

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ferro: Espada (T), Ponta de lança (PC/T)

Ossada animal: Porco, quarto dianteiro (T)

Detalhes biográficos (Objetos):

Bainha da espada altamente adornada, mas apresenta sinais de quebra e reparo em diferentes partes.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:K4

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: NO/SE - L

Postura: Semi-fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira arredondada

Localização: ∈ Agrupamento

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:K5

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: C

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Semi-fletida

Sexo: Masculino

Idade: Adulta (25-35)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Agrupamento

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Liga de Cobre: Equipamentos de arreio (AR, T, Ab)

Ferro: Cota de malha (T, Ab, Cx); Partes de um carro e equipamentos de arreio (AR, T, Ab)

Ossada animal: Porco, quarto dianteiro (AR, Pe)

Detalhes biográficos (Pessoa):

Enterramento com carro (cf. Peixoto, 2013).

Detalhes biográficos (Objetos):

Sinais de uso e desgaste em diferentes partes do carro e equipamento de arreio (como nos aros, pinos e anéis das rodas).

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:K6

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual + Feto

Orientação: N/S - L

Postura: Semi-fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Agrupamento

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Liga de Cobre: Anel (OP), Presilha (OP)

Pedra: Anel de Azeviche (OP)

Âmbar: Conta (OP)

Detalhes biográficos (Pessoa):

Causa de morte possivelmente associada com complicações durante a gravidez/parto; resquícios do bebê estavam *in situ* possivelmente ainda preso ao cordão umbilical.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:K7

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - O

Postura: Contraída

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (17-25)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Agrupamento

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☐ Sim ☒ Não

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991

Id.:K8

Esqueleto:

☒ Sim ☐ Não

Tipologia: A

Inumação: Individual

Orientação: N/S - L

Postura: Fletida

Sexo: Feminino

Idade: Adulta (45+)

Espacialidade:

Arquitetura: Cova profunda, trincheira quadrangular

Localização: ∈ Agrupamento

Montículo: ☒ Sim ☐ Não ☐ N/d.

Mobiliário Fúnebre:

☒ Sim ☐ Não

Ossada animal: Porco, parte esquerda do crânio (T)

Detalhes biográficos (Pessoa):

Osteoartrite na coluna e no metacarpo.

Ref. Bibliográfica:

Stead, 1991